



Eis Aquí
o
Vosso Deus

Eis Aquí o Vosso Deus

F.T. Wright

Foto da capa:

As águas que correm das nascentes ao juntarem-se em ribeiros, rios e lagos formam espelhos que reflectem a imagem maravilhosa da voz de Deus ensinando através da Natureza e que fala do poder que os criou — o poder de Deus.

Assim o Homem “a obra coroadora do Criador” deve como um espelho reflectir o carácter d’Aquele que o criou, tal como as águas calmas e tranquilas deste lago reflectem a luz e aquilo que o rodeia, cuja mensagem nos fala do amor divino e do repouso que habita no coração dos que amam o seu Criador, assim deve a luz de Deus ser reflectida daqueles que têm o conhecimento do seu Criador e do Seu infinito carácter de amor.

“Deus é amor”. [1 João 4:8](#). Sua natureza, Sua lei, são amor. Assim sempre foi; assim sempre será. ‘O Alto e o Sublime, que habita na eternidade’ ([Isaías 57:15](#)), ‘cujos caminhos são eternos’ ([Habacuque 3:6](#)), não muda. NEle ‘não há mudança nem sombra de variação’. [Tiago 1:17](#).

“Toda manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito. A soberania de Deus compreende a plenitude de bênçãos a todos os seres criados.” *Patriarcas e Profetas*, 8.

Esta publicação é a tradução do título original “Behold Your God” cuja primeira edição foi publicada na Austrália, Queensland, em Julho de 1979.

A tradução da primeira edição para a língua portuguesa foi terminada em Novembro de 1983, com a colaboração de Natalina Fernandes.

A segunda edição do texto original foi reimpressa pela:

SABBATH REST ADVENT CHURCH

Waldstraße 37 D-57520 Dickendorf – Alemanha, Novembro de 2005.

**J.Fernandes
PORTUGAL
2020**

Índice

Introdução	9
Um Tema Muito Importante	13
Evitai as Teorias Especulativas	18
O Carácter de Deus Em Relação ao Grande Conflito.....	23
O Carácter de Deus e o Final do Grande Conflito.....	33
A Maravilhosa Profecia de Isaías	44
A Aproximação ao Estudo de Deus.....	49
A Constituição do Governo de Deus.....	53
Uma Lei Perfeita	65
Os Princípios de Deus em Teste	78
Um Resumo	83
Testemunhos Opostos.....	86
Testemunhos e Princípios.....	94
Deus Destrói – Mas Como?	104
Revelação Suprema	115
Instado a Destruir	125
A Glorificação da Lei	133
Ide a Segunda Milha	141
O Mistério da Iniquidade A Obra–Prima do Engano de Satanás.....	149
O Mistério – Revelando a Cruz	159
O Caminho da Cruz.....	166
Deus Não É Um Criminoso.....	179
As Varas e as Serpentes.....	185
Porque Não Antes.....	192
Cristo e o Azorrague	192
A Vara Levantada.....	194
A Demonstração do Poder de Deus	200
O Dilúvio	208
Carvão e Petróleo	216
Grandes Mudanças.....	220
Uma Revisão dos Conceitos.....	225

Sodoma e Gomorra	232
Uma Execução	249
O Sempre Amoroso Pai Salvador	259
Deus Vai a Segunda Milha	272
A Consistência de Deus.....	280
As Guerras de Israel.....	285
Olho por Olho	292
Testemunhos Difíceis	296
Os Mesmos Poderes	297
Fazendo como Lhe Agrada	299
Os Muros de Jericó	300
A Ira de Deus	304
Outros Testemunhos Difíceis	304
As Sete Últimas Pragas	306
O Brilho da Sua Vinda	310
A Demonstração Final	314
Em Conclusão	323

Introdução

É seguro dizer que há três factos comuns a todos nós.

O primeiro é que temos, consciente ou inconscientemente, uma opinião definida acerca do carácter de Deus. Mesmo que pouco pensamento directo ou expressão específica possa ser dada ao assunto, é apesar de tudo verdade.

O segundo é que a nossa atitude em relação a Deus, o nosso tratamento dos outros e a forma como recebemos a verdade, são determinadas por estas opiniões.

O terceiro é que todos nós nascemos com uma predisposição para possuir um *falso* conceito acerca de Deus que por sua vez foi confirmado e alargado pelas influências ambientais e educacionais. A menos que sejamos libertos disto e se inicie um verdadeiro conhecimento de Deus, será impossível entrarmos numa completa e perfeita experiência cristã e as perspectivas de vida eterna estarão em perigo.

Se isto parece estar a dizer muito, considerai a prova destas palavras como procedentes da história dos judeus nos dias de Cristo.

Quando Cristo apareceu pela primeira vez, operando maravilhosos milagres, proclamando o reino, e provando que veio exactamente no tempo especificado em *Daniel* 9, rapidamente se tornou uma figura muito popular. Milhares O seguiram confiantes de que Ele restabeleceria a glória perdida por Israel. Os chefes judeus estudaram o movimento com crescente apreensão vendo nisto uma ameaça para o seu prestígio e poder. Os Seus seguidores continuaram a aumentar até saciar a fome aos cinco mil com os pães e os peixes. Então, quando o entusiasmo do povo tinha atingido o auge e estavam determinados a coroá-l'O rei, a maré subitamente se voltou, o entusiasmo desvaneceu-se e as multidões O abandonaram não mais caminhando com Ele. Desde essa altura todos os passos se encaminhavam para a cruz, quando aqueles que tão ardentemente tinham clamado pela Sua coroação gritavam agora que O crucificassem.

Qual foi o facto que causou esta surpreendente inversão?

Não é difícil encontrar a resposta. Eles tinham um bem definido, mas falso conceito acerca do carácter de Deus formado pelo processo educacional do seu ambiente. Este falso conceito era tão fixo e poderoso que os levou a rejeitar o Salvador por Ele não realizar as coisas do modo como o seu conceito acerca de Deus os levava a esperar e a desejar que Ele fizesse. Assim a questão do carácter de Deus tornou-se *o elemento mais importante* na missão de Jesus e do destino dos judeus. Tivessem eles compreendido isto correctamente e a história do Seu trabalho na Terra teria sido muito diferente.

Qualquer estudo cuidadoso do crescente conflito entre Cristo e o povo não deixa dúvida acerca da veracidade das afirmações acima descritas.

Um grande e significativo acontecimento no início do Seu ministério foi o sermão da montanha. Todos os que assistiram começaram a antecipar importantes anúncios acerca do reino vindouro. Os fariseus “esperavam o dia em que lhes seria dado domínio sobre os odiados romanos, e possuísem as riquezas do grande império do mundo. Os pobres camponeses e pescadores esperavam ouvir a certeza de que suas míseras choças, o escasso alimento, a vida de árduo labutar e o temor da necessidade, deviam ser trocados por mansões onde reinassem abundância e dias de sossego. Em lugar da ordinária vestimenta que os abrigava de dia, e do cobertor que os agasalhava à noite, esperavam, Cristo lhes daria os ricos e custosos trajes de seus conquistadores. Todos os corações freariam à orgulhosa esperança de que Israel seria em breve honrado ante as nações como os escolhidos do Senhor, e Jerusalém exaltada como a sede do reino universal.” {DTN 204}, *O Desejado de Todas as Nações*, 299.

Porque o diabo fez bem o seu trabalho, o povo acreditou não apenas que o Messias os exaltaria deste modo, mas também que o faria pelo uso da espada. Eles viram Deus como o Ser vingativo, e

destruidor do Antigo Testamento. *O seu conceito* a respeito do Deus do Antigo Testamento *levou-os* a acreditar que o Deus do Novo se comportaria do mesmo modo. Porém, porque a sua compreensão acerca do carácter de Deus estava errada, as suas perspectivas foram desapontadas.

“Cristo decepcionou essa esperança de mundana grandeza. No sermão do monte, procurou desfazer a obra da falsa educação, dando a Seus ouvintes conceito exato de Seu reino, bem como de Seu próprio carácter.” {DTN 204}, *O Desejado de Todas as Nações*, 299.

O povo não ouviu o que esperava ouvir no sermão da montanha, porém não rejeitou logo ali o Salvador. Ele não atacou directamente os seus erros e eles foram deixados com a vaga esperança que de qualquer modo Ele ainda iria declarar o Seu poder e usá-lo de acordo com as *suas ideias* a respeito do carácter de Deus.

A sua servidão aos romanos tinha colocado pessoas orgulhosas numa situação desesperada. Necessitavam de uma grande ajuda e sabiam disso. A sua compreensão acerca das profecias tinha-os levado a colocar a totalidade das suas esperanças no Messias como resposta a esta situação difícil. Se Ele lhes falhasse, não tinham mais para onde se virar.

Cristo não veio para lhes falhar. Ele sabia exactamente quais eram as suas verdadeiras necessidades e tencionava suprir totalmente essas necessidades. Porém, a resposta não estava no uso de armas de força. Isso estava na *transformação* do carácter *deles* à *semelhança do Seu próprio carácter*. Mas eles estavam tão decididos nas suas tão longamente acalentadas ambições que não tinham espaço para considerarem a alternativa que Ele lhes oferecia.

O ponto mais elevado veio quando os cinco mil foram alimentados. Durante o longo dia Ele tinha empolgado os seus corações com a maravilha dos Seus ensinamentos. Os doentes tinham sido curados e a multidão alimentada. À medida que o dia findava “...disseram uns aos outros: ‘Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo.’

“Durante todo o dia essa convicção se robustecera. Aquele ato, que tudo coroou, é a afirmação de que o longamente esperado Libertador Se acha entre eles. As esperanças do povo vão subindo de ponto. É este Aquele que há de tornar a Judéia um paraíso terrestre, uma terra que mana leite e mel. Pode satisfazer todo desejo. Pode derribar o poder dos odiados romanos. Pode libertar Judá e Jerusalém. Pode curar os soldados feridos na batalha. Abastecer exércitos inteiros de alimento. Conquistar as nações, e dar a Israel o domínio longamente ambicionado.

“Em seu entusiasmo, o povo estava disposto a coroá-Lo imediatamente Rei. Vêem que Ele não faz nenhum esforço para atrair a atenção ou conquistar honras para Si. A esse respeito, difere essencialmente dos sacerdotes e principais, e temem que não venha nunca a reclamar Seus direitos ao trono de Davi. Consultando-se entre si, concordaram em apoderar-se dEle por força, e proclamá-Lo rei de Israel. Os discípulos unem-se à multidão em declarar que o trono de Davi é a legítima herança de seu Mestre. É a modéstia de Cristo, dizem, que O faz recusar essa honra. Que o povo exalte seu Libertador. Que os arrogantes sacerdotes e principais sejam forçados a honrar Aquele que vem revestido de autoridade divina.” {DTN 260}, *O Desejado de Todas as Nações*, 377, 378.

Podiam ver que Jesus *os* amava e que tinha o *poder* necessário para *lhes* dar tudo o que podiam almejar. A única espécie de carácter que conheciam e compreendiam era a que usava a posse de grande poder para alcançar suas ambições egoístas. Não podiam ver e não estavam dispostos a ser ensinados que Cristo não tinha este tipo de carácter. Ele amava os romanos tanto quanto amava os judeus e não era Seu método usar a força para realizar qualquer objectivo desejado. Portanto, em harmonia com o Seu carácter, não permitiria a Si mesmo ser coroado rei por eles, nem usaria os Seus grandes poderes para beneficiar a classe daqueles que O amavam, acima da outra. Com uma autoridade que ninguém podia desobedecer, despediu os discípulos e a multidão.

A maior queixa dos apóstolos contra Ele nessa altura era, “Porque não havia Ele, que possuía tal poder, de revelar-Se em Seu verdadeiro carácter e tornar-lhes a eles o caminho menos penoso?” {DTN 262}, *O Desejado de Todas as Nações*, 380.

A verdade era que Cristo estava a viver o Seu carácter em perfeição. Era por causa do que era, que Ele fazia o que fazia. Na falha em compreender o Seu verdadeiro carácter esperavam uma linha de

comportamento completamente diferente. Quando Ele não fez o que acreditavam que Ele devia fazer, sentiram-se traídos e enganados.

Aconteceu o mesmo com a multidão. No dia seguinte depois de porfiada disputa com Ele, viram que nunca usaria o Seu poder como esperavam que fizesse. Por esta razão deixaram-n’O para sempre. “Se não consagrava Seu poder e influência a obter sua libertação dos romanos, não queriam ter nada com Ele.” {DTN 271}, *O Desejado de Todas as Nações*, 391.

Foi assim que a sua *falta de compreensão* do carácter de Deus em Cristo os levou a esperar d’Ele uma completa libertação dos romanos e a sua exaltação às alturas das grandezas materiais. Ele era um judeu como eles. Fora enviado como Messias ao escolhido e favorecido povo. Tinha o poder. Portanto, pensavam que era o dever d’Ele usar esse poder em favor deles. Se recusasse fazer isto, então, era nada menos do que um traidor de Si mesmo. Acharam-n’O culpado de traição e determinaram vingar-se. Por causa de possuírem um carácter que acreditavam que Ele também possuía, com o poder que tinham, fizeram com Ele o que acreditavam que Ele devia ter feito aos romanos. Para conseguir isto, acusaram-n’O perante os romanos de procurar fazer-Se a Si próprio o que eles tentaram fazer d’Ele — o Rei do mundo. Esta era uma acusação absolutamente falsa que, ainda que os capacitasse para satisfazer a vingança n’Aquele em quem acreditavam que os havia traído, abriram as comportas da desgraça à nação. Poucas pessoas, se algumas, tinham sofrido como os judeus sofreram desde esse tempo terrível. O destino deles foi tal que ninguém gostaria de compartilhar.

Se ao menos compreendessem o carácter de Deus tão perfeitamente revelado em Cristo, ou pelo menos se deixassem ensinar, não teriam esperado d’Ele o que esperaram, nem O teriam rejeitado, nem vingativamente crucificado.

Assim a questão do carácter de Deus e Cristo *era o* elemento mais importante da Sua missão e no destino dos judeus.

A sua história contém um solene aviso que ninguém pode considerar de pouca importância. O carácter de Deus é ainda o assunto mais importante da missão de Cristo. Como os judeus, também todos nós fomos sujeitos a uma educação errada em relação ao carácter de Deus. Porém, Deus não nos deixa em trevas sem a oportunidade de escapar delas. Quando essa luz nos é apresentada, há o terrível perigo de repetirmos a história deles rejeitando a mensagem por ela não estar conforme as nossas ideias já estabelecidas e não se adapta às nossas ambições e sonhos pessoais.

Que nenhum de nós repita a terrível história dos judeus ao rejeitar a verdade de Deus nesta base. A obra própria de tal decisão tem implicações demasiado terríveis, terminais e para contemplar eternamente. Em vez disso, sejamos honestos, pleiteando em oração com o Senhor para abrir os olhos da nossa compreensão espiritual para que vermos Deus *como Ele realmente é*.

Possa a mensagem deste livro ser uma grande ajuda na obtenção do conhecimento de Deus, que é vida eterna.

“E a vida eterna é esta:
Que Te conheçam, a Ti só,
por único Deus verdadeiro,
e a Jesus Cristo, a Quem enviaste.”
João 17:3.

Capítulo 1

Um Tema Muito Importante

O estudo seguido neste livro não é somente um estudo de grande importância. É um estudo da mais elevada consequência que envolve questões de vida e morte eterna. É da maior preocupação do autor que isto seja compreendido desde o início e entendido melhor à medida que o tema se desenvolva.

Jesus disse: “E a vida eterna é esta: que *Te conheçam a Ti só*, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem envias-Te.” *João 17:3*.

O total e dominante significado desta Escritura não pode ser alcançado se for lida isoladamente. Ela deve ser lida juntamente com outros testemunhos inspirados de modo que o significado se torne poderosamente claro. Quando tais comparações são extensa e cuidadosamente feitas, será visto que a verdade expressa neste versículo é uma equação. É dizer que vida eterna *é* o conhecimento de Deus; portanto o conhecimento de Deus *é* vida eterna.

O contrário disto, então, é que a falta de um *verdadeiro* conhecimento de Deus é morte eterna e, portanto, morte eterna é a falta de um *verdadeiro* conhecimento de Deus.

A Bíblia Ampliada [The Amplified Bible] traduz este versículo do seguinte modo: “E isto é vida eterna: [quer dizer] conhecer (entender, reconhecer, ficar a conhecer, e compreender), a Ti, o único Deus verdadeiro *e* real, e [do mesmo modo] conhecer a Ele, Jesus [como o] Cristo, o Ungido, o Messias, a Quem enviaste.” *João 17:3*.

Esta versão apresenta uma interpretação mais clara deste versículo. Ele declara que vida eterna significa um conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, portanto sem esse conhecimento, apenas podemos conhecer morte eterna. Isto é confirmado pelos seguintes testemunhos.

“O conhecimento de Deus *conforme revelado em Cristo* é o conhecimento que necessitam *possuir* todos os que são salvos. É o conhecimento que transforma o caráter. Esse conhecimento, recebido, recriará a pessoa à semelhança da imagem de Deus. Outorgará a todo o ser um poder espiritual que é divino.” *Testemunhos para a Igreja 8:289*.

Conhecer Deus *é* vida eterna, e vida eterna *é* conhecer Deus.

Este testemunho não diz meramente que todos os que são salvos estariam bem informados acerca do conhecimento de Deus. Eles *têm* que o possuir. Ele é fundamental e indispensável. Contudo, o testemunho faz mais do que dar ênfase à verdade contida nisto. Ele prossegue revelando as razões para isto ser assim. A fim de alcançar a vida eterna, o caráter tem que ser transformado e recriado à imagem de Deus, enquanto todo o ser tem que receber um poder que é divino. Sabendo que para chegar à posse da vida eterna é preciso a aquisição destas bênçãos, este torna-se o primeiro interesse daquele que procura conhecer qual o meio para elas serem recebidas.

A resposta não está escondida.

É o “conhecimento de Deus revelado em Cristo.”

Portanto, é verdade dizer que o conhecimento de Deus é vida eterna, e vida eterna é o conhecimento de Deus.

O apóstolo Pedro compreendeu e ensinou esta mesma verdade. “Graça e paz vos sejam multiplicadas, *pelo conhecimento de Deus* e de Jesus nosso Senhor;

“Visto como o Seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento d’Aquele que nos chamou por Sua glória e virtude;

“Pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção que pela concupiscência há no mundo.” *2 Pedro 1:2-4*.

A força total destes versículos não será apreciada a menos que exista uma correcta compreensão do que é a graça e a paz de Deus. Consideremos cada uma por sua vez.

A graça de Deus não é meramente uma atitude mantida da Sua parte em relação ao indigno pecador. Pelo contrário, é “o *poder* do Espírito Santo, que regenera e alumia...” *O Grande Conflito, 394*.

Portanto, a graça de Deus é o poder de Deus em operação para regenerar e iluminar o voluntário e obediente. Definir a graça de Deus como o poder de Deus, coloca-o à parte como a suprema força do Universo. É um elemento que emana de um Deus criador e recriador, que eleva o perdido da ruína à glorificação e sem isso não haverá esperança. Compreende-se então por que razão o Espírito Santo manifestou através do inspirado Pedro o desejo que essa graça fosse multiplicada nos crentes. Seguramente, aqueles que recebem esses multiplicados suprimentos de graça serão abençoados com a vida eterna. Observai o meio através do qual eles os receberiam. Seria deles *pelo conhecimento de Deus*.

Do mesmo modo, a paz de Deus é muito mais do que uma mera persuasão mental da parte de Deus pela qual Ele mantém uma atitude benigna e até indulgente para com aqueles que acreditam n’Ele. Uma comparação cuidadosa de *Romanos 8:7* com *Romanos 5:1* aumenta consideravelmente o conceito acerca do que é a paz de Deus. O primeiro diz-nos que a mente carnal *é* inimizade contra Deus, enquanto o segundo confirma que estar justificado *é ter* paz com Deus.

Por conseguinte, tanto inimizade contra Deus, como paz com Deus são modos de viver. A presença da mente carnal não produz apenas inimizade, pois ela *é* inimizade. Em contraste, *é* a presença da própria vida de Deus dentro da pessoa que *é* a paz de Deus. Estas duas não podem coexistir. A primeira deve ser removida a fim de dar espaço para a segunda. Somente o grande poder de Deus pode efectuar esses esplêndidos resultados.

O Espírito Santo através de Pedro pretendia que os crentes fossem cheios com esta paz, pois a sua presença neles era vida eterna. Como acontece com a graça ou o poder de Deus, ela chegou a eles através do conhecimento de Deus. Quão fervorosa e ternamente o Senhor procura gravar na entorpecida e lenta mente humana que *é* pela revelação do carácter de Deus que o necessitado tem acesso à vida eterna.

Saber *o que* Deus fará por nós *é* muito importante. Porém, isso ainda não nos trará vida eterna a não ser que compreendamos *como* podemos receber estas bênçãos. Consequentemente, o testemunho que se segue dá ênfase a esta questão e dá a resposta.

“Pelo pecado, a imagem divina foi desfigurada no homem, e quase obliterada; *é* a obra do evangelho restaurar o que se havia perdido; e cumpre-nos cooperar com a instrumentalidade divina nessa obra. E *como* podemos chegar à harmonia com Deus, *como* nos *é* possível receber-Lhe a imagem, a menos que obtenhamos conhecimento a Seu respeito? Foi esse conhecimento que Cristo veio ao mundo para nos revelar.” *Testemunhos Selectos 2:340*.

Notai cuidadosamente a pergunta que surge neste testemunho. “*Como* podemos chegar à harmonia com Deus, *como* nos *é* possível receber-Lhe a imagem, *a menos que obtenhamos conhecimento a Seu respeito?*”

Não *é* dada qualquer resposta directa pois nenhuma *é* necessária. A pergunta admite apenas uma resposta. O leitor pode procurar uma alternativa, mas nenhuma encontrará, a convicção *é* assim tão fortalecida que *é* impossível chegar à harmonia com Deus e receber a Sua imagem sem obter um conhecimento d’Ele.

Entrar em harmonia com Deus e receber a Sua semelhança *é* ser justificado, porque “justificados pela fé, temos paz (ou harmonia) com Deus.” *Romanos 5:1*. Estar justificado *é* ter vida eterna. Mas, *é* impossível obter isto sem um verdadeiro conhecimento de Deus. Ele deve ser conhecido *tal como é*.

Quanto mais completo, íntimo e exacto for o conhecimento d'Ele, mais rica e mais gloriosa será a transformação à Sua semelhança.

“Irmãos e irmãs, é pela contemplação que somos transformados. Fixando-nos no amor de Deus e nosso Salvador, mediante a contemplação da perfeição do carácter divino e reclamando a justiça de Cristo como sendo nossa fé, havemos de ser transformados à mesma imagem.” *Testemunhos Selectos* 2:341.

Este capítulo podia ser grandemente aumentado pela adição e apresentação de todas as evidências que existem além daquelas que já foram dadas, acentuando a importância vital de ter um verdadeiro conhecimento do carácter de Deus e de Cristo, mas o que foi apresentado é evidência suficiente para explicar este ponto.

Conhecer Deus *é* vida eterna. Vida eterna *é* conhecer Deus.

Daqui devemos imediatamente concluir que há uma relação directa entre a extensão do nosso conhecimento acerca de Deus e o nível, o fervor e o poder da nossa experiência pessoal cristã. Quanto maior for o nosso conhecimento de Deus, mais vital e eficaz será a nossa experiência, ao passo que quanto mais pobre e incorrectamente O conhecermos, mais fraco será o nosso testemunho.

Paulo em *Romanos* 1:18-32 descreveu a incrível profundidade de iniquidade em que o mundo incrédulo submergiu cada vez mais. Ele descreveu a situação até à *causa* desta condição.

Àquele povo, tinham sido dadas adequadas revelações de Deus, como Paulo escreveu.

“Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou.

“Porque as Suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inexcusáveis.” *Romanos* 1:19, 20.

Em face de tal revelação da verdade o que fez este povo?

“Porquanto tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram *e o seu coração insensato se obscureceu*.

“Dizendo-se sábios, *tornaram-se loucos*.” *Versículos* 21, 22.

Para o homem glorificar a Deus *como Deus*, o Seu carácter tem de estar neles e ser reflectido deles. Os homens pensam que glorificam a Deus hoje quando cantam hinos e Lhe agradecem as bênçãos que querem que Ele lhes dê. Mas, glorificam a Deus como se Ele fosse um homem como eles mesmos, não como Deus. Houve um tempo em que o homem original foi abençoado com o verdadeiro conhecimento do carácter de Deus, mas ele escolheu não glorificar a Deus de acordo com aquilo que Ele era. Substituiu a compreensão acerca de Deus por um entendimento de acordo com as suas vãs imaginações. Isso constituiu o primeiro passo em direcção à ruína final. Inevitavelmente, o pior vinha a seguir. “Dizendo-se sábios *tornaram-se loucos*.”

A seguir “mudaram a glória [carácter] do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves e de quadrúpedes, e de répteis.” *Versículo* 23.

Assim a verdadeira revelação do carácter de Deus foi substituída por uma falsa, depois da deterioração da moralidade se tornar mais pronunciada.

“*Pelo* que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si;

“*Pois mudaram a verdade de Deus em mentira*, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. *Ámen*.

“*Pelo que* Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.

“E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

“E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm.

“Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade.

“Sendo murmuradores, detractores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães.

“Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia;

“Os quais conhecendo a justiça de Deus [que são dignos de morte os que tais coisas praticam], não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.” *Versículos 24-32.*

Os seres humanos não podem entrar num estado pior de impiedade do que este descrito aqui. Lembrai que Paulo por inspiração declara que tudo isto é o próprio *resultado* da rejeição do conhecimento de Deus. Essa rejeição foi a causa principal. *A inacreditável impiedade foi o fruto certo e assegurado.*

Assim será sempre. Exactamente no grau em que um conceito errado ou fraco acerca do carácter de Deus é mantido, esse será o nível da moralidade. O que era verdade na experiência deles é verdadeiro em qualquer época. O efeito segue a causa com certeza predizível.

“A *deficiente visão* que muitos têm tido do ofício e carácter de Cristo, *tem-lhes estreitado a experiência religiosa, prejudicando grandemente o progresso na vida divina.* A religião pessoal entre nós como um povo, acha-se em baixo nível. Há muita fama, muito maquinário, muita religião de boca; mas algo mais profundo e mais sólido precisa ser introduzido em nossa vida religiosa. Com todas as nossas facilidades, nossas casas publicadoras, escolas, sanatórios, e muitas, muitas outras vantagens, era para estarmos incomparavelmente mais adiantados do que nos encontramos.” *Testemunhos Selectos 2:340.*

A experiência religiosa pouco desenvolvida e o seriamente retardado progresso na vida divina que foi o triste destino dos crentes adventistas do século dezanove, resultou directamente da “deficiente visão que muitos têm tido do exaltado *carácter e ofício* de Cristo.” Os problemas apenas são resolvidos primeiramente pela determinação da causa e depois pela sua correcção. Portanto, os que aderiram à fé adventista no último século não podiam possivelmente chegar a uma rica experiência de cumprimento religioso sem alargarem grandemente e corrigirem o seu entendimento a respeito do carácter e ofício de Cristo.

Uma relação da causa e efeito como essa devia instantaneamente comandar a interessada atenção de todos aqueles que hoje sabem que a experiência deles está longe daquilo que devia ter sido e que anelam por um enriquecimento espiritual. No tempo presente, à parte daqueles que são miseráveis, pobres, cegos, nus, vaidosos laodicensas, felizes em acreditar que a sua experiência é rica quando é pobre, há alguns cristãos verdadeiros que estejam verdadeiramente satisfeitos com o estado do seu carácter e comunhão com Deus? Enquanto que por um lado há um profundo agradecimento por aquilo que Deus tem feito, há um reconhecimento que há ainda muito para se cumprir, de modo que a contínua procura do cristão é esse excelente carácter que o levará à comunhão com Deus e apresentará a sua vida como um testemunho eficaz para o divino.

Como pode isto acontecer?

Apenas, através duma compreensão mais clara e mais profunda do carácter de Deus e de Cristo.

Esse conhecimento não se adquire num momento ou através de débeis e intermitentes esforços. Nem é todo o trabalho de uma natureza positiva. É uma questão de aprender e desaprender.

Não só os conceitos acerca do carácter de Deus têm sido insuficientes, confusos e incertos, mas em muitos aspectos em grande extensão errados. Os erros têm sido tão graves que chegam a ser *exactamente o oposto* ao que Deus realmente é. Mais do que compreendemos, o diabo tem obscurecido as nossas mentes com as suas falsas representações. Nunca foi ele mais bem sucedido do que precisamente antes da primeira vinda de Cristo e de novo durante a Idade Média. Nós ainda não escapámos completamente do efeito desse período de trevas. *Ainda não saímos completamente de Babilónia.*

Tão grave foi a falsa apresentação do carácter de Deus que dominava as mentes dos homens, que Jesus teve que fazer uma revelação de Deus precisamente oposta àquela que eles tinham. Ele

“apresentou aos homens *exactamente o contrário* das representações do inimigo quanto ao carácter de Deus...” *Fundamentos da Educação Cristã*, 177.

À medida que nos aproximamos novamente das trevas da meia-noite dos últimos dias, as mesmas falsas interpretações de Deus serão mantidas pela raça humana em todo o mundo. Tragicamente, elas são partilhadas em alguma extensão até pelo povo de Deus.

O que é necessário, e deve ser dado outra vez no fim do tempo, é uma apresentação ao homem que será “*exactamente o contrário* das representações do inimigo quanto ao carácter de Deus.”

Portanto, há muito para desaprender e também para aprender. Este livro é destinado a auxiliar em ambos os casos. Conceitos antigos serão contestados. Muitas coisas serão apresentadas acerca de Deus que serão *exactamente opostas* ao que se acreditou no passado. Para alguns elas serão possivelmente lutas severas. Conceitos antigos lutarão pela supremacia. Em muitos casos vencerão e trevas se estabelecerão sobre os derrotados.

Para aqueles que com paciência e oração examinarem as evidências, haverá uma tal revelação do carácter de Deus que afastará a confusão do passado, recriará a mente à imagem de Deus, transformará o crente à semelhança de Deus, e dará a preparação para um lugar na eternidade.

Todos esses saberão que conhecer Deus *é* vida eterna e vida eterna *é* conhecer Deus.

Portanto, um claro, profundo e compreensivo conhecimento do carácter de Deus é essencial àqueles que serão salvos. Nunca foi isto mais necessário do que agora em que a escuridão está a cobrir a Terra e densas trevas o povo.

Que este grande tema do carácter de Deus se torne o principal e todo absorvente assunto da nossa atenção, nossa meditação, nossa conversação e nosso testemunho, *pois isto é vida eterna*.

Capítulo 2

Evitai as Teorias Especulativas

No estudo deste assunto, há perigo e bênção também. É o mesmo perigo presente em toda a procura de sabedoria e compreensão celestial. O perigo está em procurar um conhecimento fora daquilo que Deus revelou.

Nesta área fora da revelação, tudo o que o homem, não ensinado por Deus, pode fazer na falta de qualquer informação, é conjecturar, imaginar e especular. O homem faz isto. Ao fazê-lo esforça-se por compreender pelos seus próprios poderes as coisas que Deus *não revelou*. Nada poderia ser mais perigoso; nada mais certo para produzir a maior ignorância acerca de Deus como Ele realmente é; e, nada é mais indicado para estimular o orgulho humano a fim de destruir nele qualquer semelhança do carácter de Deus.

Portanto, qualquer tentativa para explorar as áreas do conhecimento divino não reveladas serão estritamente evitadas neste livro. Ele limitar-se-á apenas às evidências que Deus achou que deviam ser dadas e nada mais do que isso.

Deus no Seu grande amor estabeleceu limites seguros para o nosso estudo.

“As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus; porém, as reveladas são para nós e para os nossos filhos para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei.” *Deuterónimo* 29:29.

Esta Escritura divide claramente todo o conhecimento em duas partes — as coisas que são os grandes segredos de Deus e as que Ele nos revela.

Não se deve supor que Deus está a esconder deliberadamente estas coisas dos homens ou dos anjos. Pelo contrário, está a revelá-las tão completa e rapidamente quanto é capaz de fazer. Paulo confirma isto.

“Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo, por vós, os gentios;

“Se é que tendes ouvido falar da dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;

“Como me foi este *mistério* manifestado *pela revelação*, como acima em pouco vos escrevi;

“Pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,

“O qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos Seus santos apóstolos e profetas;

“A saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa, em Cristo, pelo evangelho;

“Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus que me foi dado, segundo a operação do Seu poder.

“A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça, de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo,

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do *mistério* [segredo] que desde os séculos esteve *oculto em Deus*, que tudo criou;

“Para que *agora*, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e *potestades nos céus*,

“Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor.” *Efésios* 3:1-11.

Deste modo, houve um tempo em que tanto para os homens como para os anjos certas coisas ainda estavam ocultas. Tentar investigar aqueles segredos *então*, teria sido perigoso, presunção e especulação.

Mas não nos dias de Paulo, pois *nessa altura* elas tinham passado da categoria de coisas ocultas para as reveladas.

Deus é infinito. Nós somos finitos. Portanto, nunca virá o tempo, mesmo na eternidade, em que não existirão segredos por desvendar. Haverá sempre um infinito para além da nossa compreensão, apesar do facto que ao “transcorrerem os anos da eternidade, *trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo*. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o carácter.” *O Grande Conflito*, 542.

Assim será eternamente verdade que, “As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus; porém, as reveladas são para nós e para os nossos filhos para sempre.” Será assim porque Deus é absolutamente infinito, e porque nós, não importa quão vasto se torne o nosso conhecimento acerca de Deus, estaremos ainda longe do infinito.

Por causa da contínua transferência de conhecimento da lista encoberta para a revelada, aquilo que uma vez pertenceu somente a Deus, passará a pertencer-nos e aos nossos filhos para sempre.

Isto é verdade acerca da eternidade. É também verdade a respeito desta vida, embora o progresso aqui seja mais lento do que ali.

“Em cada época há um novo desenvolvimento da verdade, uma mensagem de Deus para essa geração.” {PJ 62}, *Parábolas de Jesus*, 127.

“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” *Provérbios 4:18*.

Tem havido períodos em que estes segredos são revelados muito mais depressa do que em outras alturas. Isto não se deve a qualquer decisão caprichosa da parte de Deus mas ao fracasso do Seu povo. Deus está disposto e deseja ardentemente abrir completamente as cenas salvadoras da eterna verdade, contudo, é frustrado nisto pela cegueira e egoísmo dos homens.

Paulo lamentava-se aos cristãos hebreus por eles serem como bebês de leite quando deviam ser capazes de tomar comida forte. Havia muito mais que ele desejava ensinar-lhes a respeito de Melquisedeque, mas não podia, “do qual” disse ele, “muito temos que dizer, de difícil interpretação, porquanto vos fizestes negligentes para ouvir.

“Porque, devendo já ser mestres, pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus, e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento;

“Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino.

“Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do hábito, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.” *Hebreus 5:11-14*.

“Na eternidade estudaremos aquilo que nos teria aberto o entendimento se houvéssemos recebido a iluminação que nos era possível obter aqui. Através dos séculos infinitos o tema da redenção ocupará o coração, mente e língua dos remidos. Eles compreenderão as verdades que Cristo almejava abrir a Seus discípulos, e para cuja assimilação, porém, não tinham suficiente fé. Sempre e sempre nos serão reveladas novas visões da perfeição e glória de Cristo. Através dos séculos o fiel Pai de família tirará de Seu tesouro coisas novas e velhas.” {PJ 66}, *Parábolas de Jesus*, 134.

Ninguém se contentará com a pobreza quando tem grandes riquezas ao seu alcance, desde que o saiba. Este testemunho abre grandes possibilidades de avanço em iluminação divina. É um encorajamento e um convite para entrar nas revelações que o Senhor se deleita em dar ao Seu povo, mas não incita a tentativa de penetrar naquilo que o Senhor ainda não foi capaz de abrir ao nosso conhecimento. Há algumas coisas que devem permanecer ocultas. Deixêmo-las estar. A concentração do estudo deve ser naquelas áreas em que o Senhor deu luz. A todo o custo devem ser evitadas quaisquer teorias especulativas.

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre.” Deuteronômio 29:29. A revelação que Deus oferece de Si

mesmo em Sua Palavra é para ser estudada. Temos de procurar compreendê-la. Mas além disso, não vamos conseguir penetrar. A inteligência mais privilegiada pode se esforçar até o ponto de se perder em conjeturas a respeito da natureza de Deus; mas o esforço será inútil. Esse não é um problema cuja solução foi confiada a nós. Nenhuma mente humana pode compreender a Deus. O ser humano finito não deve tentar interpretar a Deus. Ninguém deve alimentar a especulação a respeito da natureza divina. Nesse assunto, o silêncio é eloquência. O Onisciente está acima de qualquer discussão.

“Mesmo aos anjos não foi permitido compartilhar dos conselhos tomados entre o Pai e o Filho quando o plano da salvação foi estabelecido. Os seres humanos que tentam intrometer-se nos segredos do Altíssimo, demonstram sua ignorância quanto a assuntos espirituais e eternos. Muito melhor fariam se, enquanto a voz da misericórdia ainda está sendo ouvida, se humilhassem até ao pó e suplicassem a Deus que lhes ensinasse o Seu caminho.

“Somos tão ignorantes a respeito de Deus quanto crianças pequenas; contudo, à semelhança delas, podemos amá-Lo e obedecer-Lhe. Em vez de especular com respeito a Sua natureza ou Suas prerrogativas, prestemos atenção às palavras que pronunciou: Aquietai-vos e sabeí que Eu sou Deus.’ Salmos 46:10.

*“Porventura, alcançarás os caminhos de Deus
ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?
Como as alturas dos céus é a Sua sabedoria; que poderás tu fazer?
Mais profunda é ela do que o inferno; que poderás tu saber?
Mais comprida é a sua medida do que a Terra;
e mais larga do que o mar.’*

Jó 11:7-9.

*‘Mas onde se achará a sabedoria?
E onde está o lugar da inteligência?
O homem não lhe conhece o valor;
não se acha na terra dos viventes.
O abismo diz: Não está em mim;
e o mar diz: Ela não está comigo.
Não se dará por ela ouro fino,
nem se pesará prata em câmbio dela.
Nem se pode comprar por ouro fino de Ofir,
nem pelo precioso ônix, nem pela safira.
Com ela se não pode comparar o ouro ou o cristal;
nem se trocará por jóia de ouro fino.
Ela faz esquecer o coral e as pérolas;
porque a aquisição da sabedoria é melhor que a dos rubis.
Não se lhe igualará o topázio da Etiópia,
nem se pode comprar por ouro puro.
De onde, pois, vem a sabedoria,
e onde está o lugar da inteligência?...
A perdição e a morte dizem:
Ouvimos com os nossos ouvidos a sua fama.
Deus entende o seu caminho,
e Ele sabe o seu lugar.
‘Porque Ele vê as extremidades da Terra;
e vê tudo o que há debaixo dos céus...
quando prescreveu uma lei para a chuva
e caminho para o relâmpago dos trovões,
então, a viu e a manifestou; estabeleceu-a
e também a esquadrinhou.*

Mas disse ao homem:

*Eis que o temor do Senhor é a sabedoria,
e apartar-se do mal é a inteligência.’*

Jó 28:12-28.

“Nem pela pesquisa dos recessos da Terra, nem em vãos esforços para penetrar os mistérios do ser divino, é encontrada a sabedoria. Antes, é ela encontrada no humilde recebimento da revelação que Ele Se dignou em conceder, e na conformidade da vida com a Sua vontade.” *Testemunhos para a Igreja* 8:279, 280.

“Um dos maiores males que acompanham a busca do conhecimento, as investigações da ciência, é a disposição de exaltar o raciocínio humano acima de seu real valor e sua devida esfera. Muitos tentam julgar o Criador e Suas obras mediante o imperfeito conhecimento que possuem da ciência. Esforçam-se por determinar a natureza e os atributos e as prerrogativas de Deus, e condescendem com teorias especulativas com relação ao Infinito. Os que se entregam a esse ramo de estudo estão pisando terreno proibido. Suas pesquisas não produzirão resultados de valor, só podendo ser prosseguidas com perigo para a alma.

“Nossos primeiros pais foram induzidos ao pecado mediante a condescendência com o desejo de conhecimento que lhes fora vedado por Deus. Procurando adquirir esse conhecimento, perderam tudo quanto valia a pena possuir-se. Se Adão e Eva nunca houvessem tocado a árvore proibida, Deus lhes haveria comunicado conhecimento sobre o qual não haveria pousado qualquer maldição de pecado, conhecimento que lhes haveria trazido perpétua alegria. Tudo quanto eles obtiveram por dar ouvidos ao tentador, foi o relacionarem-se com a ciência do pecado e seus resultados. Por sua desobediência, a humanidade foi alheada de Deus, e a Terra separada do Céu.

“Apliquemos a nós esta lição. O campo a que Satanás levou nossos primeiros pais, é o mesmo a que ele está hoje em dia seduzindo os homens. Está inundando o mundo de aprazíveis fábulas. Por todos os meios ao seu alcance, tenta os homens a especular com relação a Deus. Busca assim impedi-los de obter a Seu respeito aquele conhecimento que é salvação.” *A Ciência do Bom Viver*, 427, 428.

“O homem não pode, mediante investigações, achar a Deus. Ninguém, com mão presunçosa, busque erguer o véu que Lhe oculta a glória. ‘Insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis os Seus caminhos.’ Romanos 11:33. É uma prova de Sua misericórdia o ser oculto o Seu poder; pois erguer o véu que oculta a divina presença é morte. Nenhuma mente humana pode penetrar no retiro em que o Poderoso habita e opera. Unicamente aquilo que Ele acha por bem revelar, podemos d’Ele compreender. A razão precisa reconhecer uma autoridade superior a ela. O coração e o intelecto precisam dobrar-se diante do grande Eu Sou.” *A Ciência do Bom Viver*, 438.

Com tão claras advertências perante nós, não pode haver desculpa para qualquer indulgência com a *especulação* acerca do carácter de Deus. Que sejam respeitadas as coisas não reveladas como secretas que pertencem apenas a Deus. A triste experiência de Adão e Eva que procuraram um conhecimento acerca de Deus fora da revelação dada por Deus é uma lição a ser inteiramente absorvida e obedecida. Portanto, este livro não vai em nenhum sentido desviar-se das estritas lições e princípios contidos nestas advertências e instruções. Ele limitar-se-á apenas àquilo que o Senhor revelou. Estas são as coisas que pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre.

Tão seguramente como recebemos aquilo que foi revelado, do mesmo modo o Senhor transferirá mais segredos para o revelado. Portanto, este livro nunca pode estar completo. Ele pode apenas tratar daquilo que foi revelado na altura em que foi escrito. Depois da sua publicação ainda mais luz virá. O registo disso deve ser assunto de outros livros e, sem dúvida, outros autores.

Enquanto que, de um lado, estão aqueles que se aventuram na fragilidade do traiçoeiro gelo da especulação humana, outros tendem para o extremo oposto. Porque Deus é tão infinito, tão distante, tão profundo e impenetrável, tomam a posição de que não deviam de modo algum estudar o Seu carácter.

Este é um erro de igual gravidade, cumprindo completamente o desejo de Satanás para que não conheçam a Deus.

“É o constante cuidado de Satanás manter a mente dos homens ocupada com aquilo que os impede de obter o conhecimento de Deus.” *Testemunhos Selectos 2:337*.

Devemos manter um equilíbrio cuidadoso no que respeita a este assunto. Por um lado, devemos evitar o perigoso extremo de procurar conhecimento pela especulação, e por outro, o erro igualmente fatal, de negligenciar totalmente o assunto.

Os conselhos insistentes da Palavra de Deus, alguns dos quais foram apresentados no primeiro capítulo e serão mais desenvolvidos no próximo, dão importância à absoluta necessidade de chegar a um claro conhecimento de Deus e de Cristo.

Mantende sempre em mente que há uma relação directa entre o conhecimento de Deus e o nosso nível de vida em justiça ou injustiça. Conhecer Deus *é* vida eterna. Ser ignorante a respeito d’Ele *é* morte eterna.

Capítulo 3

O Carácter de Deus Em Relação ao Grande Conflito

Não é possível ter uma segura compreensão do carácter de Deus se esse estudo for isolado do grande conflito entre Deus e Satanás. Há uma boa razão para isto. O estudo do carácter de Deus não é meramente um assunto *relacionado* com o grande conflito — é o *próprio assunto* do grande conflito.

A terrível luta começada naquele ponto em que com olhos cegos pelo orgulho, Lúcifer já não via Deus *como Ele era*, mas, vendo n'Ele um carácter muito diferente, entregou-se à luta contra Deus. *Anteriormente* o orgulho tinha vindo à superfície, mas o seu amadurecimento em activa rebelião não ocorreu enquanto não obteve primeiramente uma má interpretação do carácter de Deus. De algum modo, Satanás reconheceu a relação directa entre a distorção da verdade acerca de Deus e a sementeira da rebelião. Portanto, para alcançar o seu objectivo de levar os habitantes do Universo a oporem-se a Deus, trabalhou pelo engano a fim de acreditarem que Deus era um mentiroso e um destruidor. Todo o anjo que acreditou nele juntou-se às suas fileiras.

A mesma política foi bem sucedida na queda do homem. Milhões e milhões têm mantido a continuação de pontos de vista errados acerca de Deus desde então, resultando directamente na multiplicação da iniquidade e imoralidade e no aprofundamento e prolongamento do grande conflito.

Foi exactamente neste ponto em que a má compreensão do carácter de Deus primeiramente começou a formar-se que o espírito de rebelião se formou. Desde então, onde quer que essas compreensões erradas tenham continuado, essa rebelião tem prevalecido. Portanto, somente quando esses conceitos errados forem completamente corrigidos será a rebelião terminada e a paz universal voltará para sempre.

Isto não quer dizer que Deus está a procurar uma justificação *pessoal* para Si próprio. Isso seria a última coisa que Ele faria. Ele procura defender aquilo que garantirá a vida e a felicidade eterna de todas as Suas criaturas por toda a imensidão do Universo.

Deus sabe bem e quase seis mil anos de demonstração deveriam ter-nos provado que as falsas representações do carácter e governo de Deus apenas têm trazido miséria e morte ao mundo. É disto que Deus procura salvar. Ele sabe e nós devemos tornar-nos conhecedores de que isto só é possível à medida que o Seu carácter for revelado conforme ele realmente é. Portanto, é para nos salvar e não salvar-se a Si mesmo que Deus procura justificar o Seu próprio carácter.

Isto pode ser melhor apreciado quando se verifica que a lei e governo de Deus são uma exacta expressão do Seu carácter. Deus não tem um código de comportamento para Si mesmo, enquanto governa o Seu povo baseado noutros princípios. Isto acontece com os governadores terrestres, mas não com Deus.

Esta verdade é tornada clara quando se comparam os testemunhos dados acerca do carácter de Deus com aqueles que dizem respeito ao Seu governo. Enquanto estes textos são apresentados, tenhamos em mente que eles são testemunhos *daquilo que Deus é*. Ele *é* justiça. É um princípio que uma pessoa faz aquilo que faz primeiramente por causa daquilo que é. Portanto, Deus *sendo* sobretudo e somente justiça, apenas *faz* justiça.

“Justo és, ó Senhor, e retos são os Teus juízos.

“Os Teus testemunhos que ordenaste são retos e muito fiéis.”

“A Tua justiça é uma justiça eterna, e a Tua lei é a verdade.” *Salmos 119:137, 138, 142.*

“O Senhor é justo.”

“Justo é o Senhor em todos os Seus caminhos, e santo em todas as Suas obras.” *Salmos 129:4; 145:17.*

Estes são os testemunhos daquilo que Deus *é*. Eles são declarações da Sua maneira de ser e a própria essência da Sua natureza. N’Ele está a suma de toda a justiça e nada há n’Ele que não seja justiça.

Portanto, nada procede d’Ele senão justiça. Foi por esta razão que Daniel pôde testificar. “A Ti, ó Senhor, pertence a justiça.” *Daniel 9:7.*

Deste modo as palavras de Deus são justiça. “Eu sou o Senhor que falo a justiça.” *Isaías 45:19.* Sendo assim, todas as leis e mandamentos de Deus também são a expressão do Seu carácter justo. Por causa de ser o Deus justo que *é*, faz as leis que faz.

“*Os Teus testemunhos* que ordenaste *são rectos* e muito fiéis.

“A Tua justiça é uma justiça eterna, e a Tua lei é a verdade.” *Salmos 119:138, 142.*

“Justiça e juízo são a base do Seu trono.” “Justiça e juízo são a base do Teu trono; misericórdia e verdade vão adiante do Teu rosto.” *Salmos 97:2; 89:14.*

Portanto, a “lei [de Deus] é um *transcrito* de Seu carácter.” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus, 315.*

Chegou uma altura em que Lúcifer deixou de ver isto. Em vez disso, via a lei como uma coisa e o carácter de Deus como algo diferente. *Foi neste ponto* que ele se entregou à rebelião e o grande conflito começou.

Como é que ele chegou a este ponto?

Lúcifer era o mais brilhante e elevado dos anjos. Ele era o querubim ungido, perfeito em todos os seus caminhos até que a iniquidade se achou nele. (*Ezequiel 28:14, 15.*)

Chegou o momento em que Deus teve que lhe dizer, “elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor.” *Ezequiel 28:17.*

O orgulho *em si próprio* desenvolveu-se em Lúcifer. Não sabemos por quanto tempo ele existiu desde o dia da sua criação até à sua queda. Não é dada qualquer revelação acerca disto. Contudo, é certo que ele deve ter vivido muito tempo, possivelmente milhões de anos. Durante esse tempo, tinha-se desenvolvido constantemente em todos os seus talentos e capacidades pela combinação da graça de Deus com o seu próprio esforço diligente.

Para alguns pode parecer um pensamento estranho, que Lúcifer *creceu* em conhecimento, sabedoria e capacidades durante toda a sua existência. Mas, não se deve imaginar que Deus o criou como um ser total. Pelo contrário, ele foi criado com o *potencial* de ilimitado desenvolvimento. Ele foi “educado e disciplinado nas cortes celestiais.” *Fundamentos da Educação Cristã, 167.*

Portanto, ele desenvolveu-se de acordo com as leis que governam todas as criaturas de Deus estejam elas na Terra ou no Céu. Deus fez provisão para que todos sem excepção pudessem desenvolver-se em todas as faculdades aos mais altos níveis de realização. Isto é acompanhado pelo exercício da “graça de Deus e seu próprio esforço diligente”. *O Grande Conflito, 340.* Assim foi com Lúcifer e maravilhoso foi o progresso feito, até que se tornou a mais brilhante de todas as criaturas.

Estas extraordinárias riquezas que deviam ter feito aparecer apenas perpétua gratidão e serviço de amor, serviu em vez disso para o perder. As Escrituras descrevem esta riqueza como a abundância da sua mercadoria pela qual a sua alma se encheu de violência.

“Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste.” *Ezequiel 28:16.*

A desnecessária corrupção do querubim cobridor devido à abundância da sua riqueza tem repetidamente destruído o homem. Nessas repetições deve ser claramente lida a deterioração do primeiro pecador. Quando um povo começa sob a direcção pessoal de Deus, é pequeno em número e pobre em riqueza material. O seu sentido de necessidade é proporcionalmente grande, gerando um forte sentido de total dependência e fé. As respostas liberais de Deus evocam a gratidão e louvor do

povo. Este enriquecimento da prosperidade espiritual e material alivia-os da pressão da necessidade imediata, mas isso introduz um perigo contra o qual deve ser montada uma vigilante guarda. Esse perigo reside no imperceptível, mas certo enfraquecimento do positivo sentido de dependência de Deus. A história confirma que muitos falharam neste teste.

À medida que o sentido de dependência de Deus diminui, as posses materiais começam a ser olhadas como a base e a garantia da segurança. Assim é um erro dizer que os homens perdem a fé. Em vez disso eles *transferem-na* do Deus que deu as dádivas, para as dádivas dadas por Deus. Cada vez mais, ficam preocupados com a acumulação demasiada destes tesouros materiais até que ficam completamente absorvidos por eles. À medida que juntam casa a casa e terra a terra, desenvolvem um forte sentido de auto-suficiência. Olham para si como os únicos árbitros do seu destino. Fazem-se a si mesmos deuses no lugar de Deus e o orgulho é o aspecto que mais se distingue no seu carácter.

Todas as vezes que um ser humano segue este caminho, está apenas a trilhar o mesmo caminho que o primeiro pecador trilhou. Deste modo, Lúcifer afastou-se do sincero, confiante, amoroso e grato filho de Deus para o auto-suficiente e orgulhoso Satanás. A sua vida deixou de estar centrada em Deus e em vez disso voltou-se para si próprio. Assim, ele e não Deus, tornou-se a norma pela qual julga todas as coisas. Pior ainda, quando ainda estava nos seus dias de humildade, nunca se interessou nem preocupou em julgar outros, agora até o próprio Filho de Deus passou a estar sob o seu escrutínio crítico. Já teria sido suficientemente grave, se lhe fosse possível avaliar Cristo, *como Ele era*, em contraste consigo mesmo, *como ele era*, mas a sua opinião acerca de si próprio tinha-se tornado tão *exagerada* que se considerou realmente superior ao Divino Deus. Tornou-se possível a essa mente poderosamente clara fazer um juízo tão errado porque tinha destruído o poder de pensar correctamente ao permitir que o orgulho o separasse da fonte de toda a sabedoria, como está escrito, *“corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor”*. *Ezequiel 28:17*.

Contudo, até este ponto, nenhuma questão grave entrara na sua mente em relação a Deus. Por uma razão, ele estava demasiado ocupado a admirar a sua própria beleza que não se preocupava muito acerca de seu Pai. Tinha conhecido Deus toda a sua vida como sendo totalmente justo, imparcial e onisciente.

Portanto, “sabia” sem dúvida que Deus “conhecia” tão bem como ele a sua “esplêndida grandeza” e que, de acordo com isso, Deus elevá-lo-ia prontamente a uma posição adequada à sua brilhante glória. Por conseguinte, encheu-se de satisfação com orgulho na sua confiante expectativa de honras futuras.

No entanto, apesar do orgulho pecaminoso já encher a vida de Lúcifer, nenhuma questão quanto ao carácter e governo de Deus se tinha levantado até essa altura. Isso ainda estava para vir. Nem Lúcifer tinha entrado ainda em activa rebelião contra Deus. O grande conflito, *como um conflito*, ainda não tinha começado como um verdadeiro confronto entre Satanás e Deus. Ela havia começado no sentido em que estavam a desenvolver-se condições que produziriam o seu aparecimento.

Um cuidadoso estudo de *Patriarcas e Profetas, 35 e 36 {PP 9}* torna este ponto muito claro. Na página 35 a progressão do mal no desenvolvimento no carácter pecador de Lúcifer é assim descrito: “Pouco a pouco Lúcifer veio a condescender com o desejo de exaltação própria...” até que “cobiçando a glória que o infinito Pai conferira a Seu Filho, este príncipe dos anjos aspirou ao poder que era prerrogativa de Cristo apenas.”

Até esta altura não há descrição da existência de qualquer disputa entre Cristo e Satanás, nem o parágrafo leva a história a este ponto. Ele, do mesmo modo, trata dos desenvolvimentos que conduzem à abertura do próprio estado de guerra.

“Quebrantou-se então a perfeita harmonia do Céu. A disposição de Lúcifer para servir a si em vez de ao Criador, suscitou um sentimento de apreensão ao ser observada por aqueles que consideravam dever a glória de Deus ser suprema. No conselho celestial os anjos insistiam com Lúcifer. O Filho de Deus apresentou perante ele a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, e a natureza imutável, sagrada de Sua lei. O próprio Deus estabelecera a ordem do Céu; e desviando-se dela, Lúcifer desonraria ao seu Criador, e traria a ruína sobre si. Mas a advertência, feita com amor e misericórdia

infinitos, apenas despertou espírito de resistência. Lúcifer consentiu que prevalecessem seus sentimentos de inveja para com Cristo, e se tornou mais decidido.” {PP 10}.

Os esforços dos anjos para salvar Lúcifer apenas levantou um espírito de resistência que se fortaleceu ao ponto de “disputar a supremacia do Filho de Deus, desafiando assim a sabedoria e amor do Criador, *tornara-se o propósito* desse príncipe dos anjos. Para tal objectivo estava ele *a ponto de aplicar* as energias daquela mente superior, que, abaixo da de Cristo, era a primeira dentre os exércitos de Deus.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 36.

Deus então, prevendo aquilo que nenhuma das Suas criaturas era capaz de prever, avançou com uma clara advertência de qual seria o resultado desta rebelião. Ele não esperou até a batalha começar, mas fê-lo “*antes que se iniciasse*”. Tal como lemos, “mas Aquele que queria livres as vontades de todas as Suas criaturas, a ninguém deixou desprevenido quanto ao sofisma desconcertante por meio do qual a rebelião procuraria justificar-se. *Antes que se iniciasse a grande luta*, todos deveriam ter uma apresentação clara a respeito da vontade d’Aquele cuja sabedoria e bondade eram a fonte de toda a sua alegria.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 36.

Consequentemente Deus convocou uma grande assembleia na qual apresentou a verdadeira posição de Seu Filho e as razões de Cristo ocupar o Seu lugar exaltado no Céu. Lúcifer quase se rendeu, mas não o fez e *em seguida* começou a grande batalha “Deixando seu lugar na presença imediata do Pai”, “saiu para difundir o espírito de descontentamento entre os anjos.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 37.

Esta evidência mostra que muita coisa se passou no interior de Satanás *antes* de entrar em guerra. O propósito da linha de pensamento a desenvolver nesta secção é mostrar que foi quando ele perdeu o verdadeiro conhecimento do carácter de Deus e colocou no seu lugar um falso conceito, foi depois e não antes, que ele entrou em guerra contra Deus.

A substituição na mente de Lúcifer do verdadeiro conceito acerca do carácter de Deus pelo falso surgiu como o resultado da sua incorrecta avaliação do comportamento de Deus. Ele atribuiu a Deus um motivo que na realidade não existia. Isso desenvolveu-se da seguinte maneira.

Durante o tempo que decorreu entre o primeiro aparecimento do orgulho nele e a sua entrega à rebelião, Lúcifer esperou com expectativa que Deus o elevasse à posição que, na sua própria mente, julgava sua por direito. Ele não podia ver nem entender que Deus não tinha planos para o promover. Não era que Deus não quisesse. Ele não podia porque Lúcifer nunca podia ocupar o lugar de Deus a não ser que fosse Deus, como Cristo era. Ele não estava qualificado e nunca estaria.

Quando o passar do tempo não trouxe a Lúcifer o fruto das suas vãs expectativas, uma sombra de ansiedade começou a manchar o brilho das suas esperanças. Ele iniciou uma ansiosa vigilância sobre Deus num esforço para detectar qualquer indicação da Sua parte para a grande elevação de Lúcifer. Porém, toda a investigação que pudesse fazer não lhe revelaria nada que pelo menos o sugerisse.

Quanto mais procurava e esperava, mais profundamente complicado se tornava o seu problema, pois, enquanto concluía correctamente que algo estava decididamente errado, falhou completamente em compreender onde estava o erro. Toda a falta estava nele. Deus não tinha mudado, mas Lúcifer tinha. Ele que havia sido o humilde servo de Deus e de seus companheiros, tinha-se tornado um orgulhoso servidor de si mesmo.

A compreensão do problema de Lúcifer é simplificada pela sua repetição nas vidas de todos os homens desde então. Para compreender o desenvolvimento do mal em Lúcifer é apenas necessário observar o mesmo processo no homem. Através disso será prontamente visto que quando uma pessoa chega a este ponto, a última coisa que ela está inclinada a fazer é reconhecer que a falta está em si mesma. Todos e tudo o mais são os culpados, mas ela nunca.

Assim foi com Lúcifer. Ele sumariamente rejeitou como indigno de consideração qualquer pensamento que pudesse levá-lo a reconhecer que a sua avaliação sobre si próprio e a consequente suposição que devia ser exaltado a uma posição igual à de Cristo era o erro. Isto deixou-o com uma única conclusão possível. Era que a falta estava total e somente em Deus.

Tendo chegado a este perigoso ponto, um novo conceito radical acerca do carácter de Deus desenvolveu-se vigorosamente na mente de Lúcifer, reforçado pela intensa corrente de desapontamento pela sua conclusão que não lhe seria dada a única posição que satisfaria o seu imediato intenso desejo de poder.

Até aqui, tinha compreendido *correctamente* que Deus era perfeitamente justo e imparcial. Sabia *perfeitamente* que Deus atribuía posições em relação directa com a qualificação individual para desempenhar a responsabilidade. Foi em harmonia com essas convicções que Lúcifer esperava que Deus o exaltasse. Essas esperanças teriam sido realizadas se a avaliação que Lúcifer fez de si próprio fosse correcta.

Mas, quando a posição lhe foi negada, concluiu erradamente que Deus estava com muita parcialidade a favorecer o Seu Filho. Lúcifer estava furioso. Tal reacção não devia surpreender. Além disso, se Lúcifer estivesse correcto na sua avaliação da situação, então a sua resposta era justificada. Deus declara que “não faz acepção de pessoas”. *Atos 10:34*. Ainda assim, para a mente de Lúcifer, Deus estava a mostrar grande preferência por uma pessoa. Isto apenas podia significar que Deus era um mentiroso, pois tinha-se apresentado a Si mesmo como seguidor de um princípio quando de facto praticava outro.

Parcialidade já é em si mesma suficientemente grave, pois é impossível mostrar favor por uma pessoa sem ser com prejuízo de outra. Nesta situação, Lúcifer sentiu intensamente que lhe estava a ser exigido que pagasse um elevado preço para que Cristo pudesse gozar as preferências especiais de Deus em exclusivo.

Se Deus tivesse declarado que, embora todas as outras criaturas fossem elevadas de acordo com o mérito, Cristo estaria sozinho numa classe e conseqüentemente devia ser-lhe atribuída uma posição que nenhum outro podia ter, então teria sido uma coisa. Mas declarar que Cristo não era especialmente favorecido e depois, como parecia a Lúcifer, se bem que de facto não fosse assim, atribuir uma posição especial a um Filho favorecido, era realmente fazer de Deus um mentiroso e um enganador.

Se a avaliação de Lúcifer tivesse sido correcta então tinha todo o direito de ficar exasperado e teria justificação para exigir que Deus reformasse os Seus métodos de modo a serem consistentes com Seus princípios que falou. Isto necessita ser claramente compreendido. O facto que Lúcifer estava inteiramente errado nas suas conclusões é o que retira a justificação da sua rebelião.

Lúcifer acreditava plenamente que tinha experimentado um grande despertamento. Sentiu que tinha quebrado os grilhões de uma terrível escravidão. É de estranhar que até este ponto não tivesse sabido que estava nessa escravidão, mas ao olhar para trás imaginou que podia ver onde é que isso tinha sido verdade. Ele tornou-se hostil para com Deus e especialmente para com Cristo porque, como pensava, tinham-no mantido enganado tanto tempo e determinou insistir nos seus direitos e reformar o governo de Deus.

Foi por causa destes avanços que, pela primeira vez, uma *má* interpretação acerca do carácter de Deus começou a existir. Ao princípio ela estava inteira e unicamente na mente de Lúcifer, mas em breve se espalhou a outros.

Foi *neste ponto* em que este falso conceito a respeito do carácter de Deus se tornou uma convicção fixa na mente de Lúcifer *que entrou em activa rebelião contra Deus*. O grande conflito começou então. Tendo começado *assim* no coração do primeiro rebelde, a rebelião estendeu-se a uma secção dos anjos e em seguida aos homens à medida que cada um se associou ao conceito errado acerca do carácter de Deus.

Isto está claramente testemunhado nos seguintes extractos.

“O pecado originou-se na busca dos próprios interesses. Lúcifer, o querubim cobridor, desejou ser o primeiro no Céu. Procurou dominar os seres celestes, afastá-los do seu Criador e receber, ele próprio, as suas homenagens. *Portanto, apresentou falsamente a Deus*, atribuindo-lhe o desejo de exaltação própria. Tentou revestir o amável Criador com as suas próprias características. *Assim enganou os anjos. Assim enganou os homens*. Levou-os a duvidar da palavra de Deus e a desconfiar

da Sua bondade. Como o Senhor é um Deus de justiça e terrível majestade, Satanás levou-os a considerá-l'O como severo e inclemente. *Assim* arrastou os homens a unirem-se com ele em rebelião contra Deus e as trevas da miséria baixaram sobre o Mundo.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

“Pela mesma representação *falsa* do carácter divino, que ele deu no Céu, fazendo com que Deus fosse considerado severo e tirano, Satanás *induziu o homem a pecar*.” *O Grande Conflito*, 500.

“Adão acreditou na falsidade de Satanás, e pela deturpação por este feita do carácter de Deus, a vida de Adão se transformou e maculou. Desobedeceu ao mandamento de Deus fazendo justamente aquilo que o Senhor lhe mandara não fazer. Pela desobediência Adão caiu; se tivesse resistido à prova e sido fiel a Deus, as comportas da miséria não se teriam aberto sobre o nosso mundo.

“Por meio da crença nas falsas representações de Deus por parte de Satanás, mudaram-se o carácter e o destino dos homens, mas os que creem na Palavra de Deus, serão transformados na mente e no carácter, e habilitados para a vida eterna.” *Mensagens Escolhidas* 1:345, 346.

Por estes testemunhos é confirmada a verdade que o objectivo de Satanás de juntar outros na rebelião foi alcançado pelo uso de certo método muito bem sucedido. Esse método era persuadir anjos e homens que o carácter de Deus era o de um enganador, opressor e mentiroso. Este foi o método usado e qualquer que fosse a extensão do sucesso, seguiu-se a rebelião. Uma descrição da queda do homem confirma isto.

As primeiras palavras que Satanás mencionou a Eva foram “É assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do jardim?” *Génesis* 3:1. Com essa pergunta Satanás começou a desenvolver o seu propósito primeiramente para encher a mente de Eva com uma *falsa compreensão* do carácter de Deus e desse modo fazer com que ela se rebelasse. A primeira frase portanto era vital. Ela tinha que ser injectada de modo suficiente para torná-la eficaz como uma forte abertura para o contacto. A.T. Jones descreve alguma coisa daquilo que Satanás estava realmente a dizer nestas palavras.

“Porém, notai a expressão com a qual ele inicia a conversação. É uma expressão que insinuou à mente dela todo um mundo de suspeição. A versão comum traduz, ‘É assim que Deus disse’, etc. A Versão Revista diz o mesmo. A versão inglesa judaica traduz, ‘foi *na verdade* que Deus disse’, etc. Mas, nenhuma tradução pode ser exacta. Ela não se pode expressar com exactidão em palavras de modo a formar uma palavra que dê o verdadeiro significado. Contudo, toda a gente no mundo está familiarizada com a expressão. É aquele grunhido de troça (expresso *apenas* pelo nariz) — hum! — que exprime interrogação, dúvida, suspeita, e desdém, tudo de uma vez. ‘hum’. Disse Deus, ‘não comereis de toda a árvore do Jardim?’ E toda a gente sabe que até hoje entre os homens não há nada igual a esta expressão de zomba, para criar dúvida e suspeita e nenhuma outra expressão é tão usada pela humanidade com esse propósito. E esta é a sua origem.” *Ecclesiastical Empires*, 590, 591.

Assim as primeiras palavras de Satanás para Eva foram destinadas a criar suspeita e dúvida acerca de Deus. Era uma ideia que não apenas nunca havia sido apresentada a Eva, mas que em nenhuma circunstância lhe tinha ocorrido. Ela pensava em Deus como sendo justo, bom, correcto, paternal e amoroso, todavia, agora era-lhe fortemente sugerido que Ele não era aquilo que aparentava ser.

A ideia estava a aparecer na sua mente, embora ela não tivesse no seu próprio conhecimento anterior acerca de Deus o mais leve suporte. Tudo o que ela sabia sobre Deus positivamente desmentia isso. Contudo, como muitos dos seus filhos desde esse tempo, permitiu que a suspeita assim sugerida fosse alojada no seu pensamento embora ainda não tivesse fundamento visível.

Que ela permitiu que a dúvida acerca do carácter de Deus se estabelecesse na sua mente está evidenciado pela forma como apresentou uma falsa exposição a Satanás das palavras que Deus lhes disse. Onde Deus tinha dito que se comessem da árvore certamente morreriam, Eva relatou que Ele disse que não deviam comer dela *senão* morriam.

Há uma clara diferença entre as duas declarações. A primeira declara a certeza da morte, a segunda indica apenas uma possibilidade de morrer. O que Eva realmente declarou que Deus disse

foi que eles não deviam comer da árvore *a fim de não permitirem a possibilidade* de morrer. Assim, Satanás foi imediatamente bem sucedido em fazê-la transformar a verdade numa mentira.

Agora ele podia dar corajosamente o passo seguinte que era apresentar o Deus vivo sob um carácter diferente daquele que Ele realmente tem. Satanás disse, “Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.” *Génesis 3:4, 5*.

Satanás aqui apresenta os seus argumentos como a razão pela qual Deus impôs aquelas restrições sobre eles. As suas afirmações eram que embora Deus lhes tivesse assegurado que teriam um desenvolvimento ilimitado, o facto real era que Deus tinha medo que eles crescessem até ficarem iguais a Ele. Se isto ocorresse então teria que partilhar com eles todas as riquezas que agora tinham sido reservadas para Seu próprio deleite. Isto que Satanás declarou, Deus desejava impedir a todo o custo. Isto envolvia impedi-los de comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal, pela qual essa exaltação seria imediatamente efectuada. Desta maneira, continuou Satanás, Ele foi forçado a mentir-lhes a fim de proteger a Sua própria posição.

Assim o diabo impugnou os motivos de Deus e falsificou o Seu carácter. Este foi, é, e sempre será o seu método. A tragédia é que isto resulta muito bem.

Não havia verdade nas acusações de Satanás. Deus não lhes negou o livre uso daquela árvore para Se proteger. Nem fez qualquer das Suas leis com este propósito. Estes princípios de vida eram uma dádiva do amor de Deus para os proteger a eles e não a Si próprio. Deus não precisa de Se proteger de ninguém, nem o Seu carácter é limitar alguém em Seu próprio proveito.

Com um coração do qual transbordava amor ilimitado tinha-lhes dado tudo o que o mundo no qual viviam possuía. Nada lhes tinha sido negado. Até a árvore do conhecimento do bem e do mal era uma dádiva *para eles*, pois ela era uma lição destinada a ensinar aquilo que seria uma protecção perpétua. À medida que se multiplicassem na Terra, tudo o que tinham teria que ser repartido com a população que aumentava. A menos que a lição de absoluto respeito pela propriedade de outro estivesse profundamente formada nas suas mentes, disputa, discórdia e confusão e guerra aberta se desenvolveria à medida que os homens procurassem arrebatar de outros aquilo que desejavam.

Sabe-se bem que eles não aprenderam a lição e a terrível situação presente no mundo é o claro cumprimento da predição de que se comessem da árvore certamente morreriam. Toda a morte que hoje acontece é o resultado directo da violação dos conselhos que Deus lhes deu. Não aprenderam a lição que a presença da árvore se destinava a ensinar e assim rejeitaram a própria protecção que o Senhor desejava dar-lhes.

Mas isto não foi tudo. Ao preferir acreditar na mentira de Satanás, Adão e Eva transferiram a sua fidelidade de Deus para Satanás. Puseram outro deus no lugar do verdadeiro Deus. Fazer isto era também trazer a morte sobre si mesmos — praticamente morte *instantânea*. Certamente teriam morrido nesse mesmo dia se não fosse a intervenção de Cristo.

“No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás, e fez as mesmas coisas que Deus disse que não deviam fazer, Cristo, o Filho de Deus, colocou-Se entre os vivos e os mortos dizendo, ‘Que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei no lugar do homem. Ele terá outra oportunidade.’” *S.D.A. Bible Commentary 1:1085*.

É muito importante compreender porque a substituição do verdadeiro Deus por um outro deus traria morte rápida e certa. Este assunto será muito mais desenvolvido mais adiante neste estudo, portanto a referência a ele será breve nesta altura. Ainda assim, deve ser dito o suficiente de modo que possa ser visto que Satanás estava a deturpar o carácter de Deus a Adão e Eva no Jardim.

No princípio o Senhor fez os céus e a Terra. Esta verdade é bem conhecida de todo o cristão. Porém, não tão conhecido é o facto de que o Senhor, momento a momento, sustém estes mundos no espaço e os mantém nos seus trajectos ordenados. Ele não pôs o Universo em movimento para o deixar para sempre independente da Sua sustentação e guia. Ele não só o fez totalmente como também mantém tudo eternamente.

Esta dupla actividade de Deus como Criador e Sustentador é claramente revelada na palavra escrita.

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.

“A quem constituiu herdeiro de tudo, *por Quem fez também o mundo.*

“O qual, sendo o resplendor da Sua glória e a expressa imagem da Sua pessoa, *e sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder*, havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à dextra da majestade nas alturas.” *Hebreus 1:1-3.*

“A mão que sustém os mundos no espaço, a mão que conserva em seu ordenado arranjo e incansável actividade todas as coisas através do universo de Deus, é a que na cruz foi pregada por nós.” *Educação, 132.*

“Deus está continuamente ocupado em manter e empregar como servos as coisas que criou. Opera por meio das leis da natureza, delas se servindo como instrumentos Seus. Elas não agem por si mesmas. A natureza, em sua obra, testifica da presença inteligente e da atividade de um ser que opera em tudo segundo a Sua vontade.

“Para sempre ó Senhor

A Tua palavra permanece no Céu.

“A Tua fidelidade estende-se de geração em geração

Tu firmaste a Terra, e firme permanece.

“Conforme o que ordenaste, tudo se mantém até hoje

Porque todas as coisas Te obedecem.’

“Tudo o que o Senhor quis, Ele o fez,

Nos céus, na terra, nos mares e em todos os abismos.’

“Mandou e logo foram criados

E os confirmou para sempre,

“E lhes deu uma lei que não ultrapassarão.’ Salmos 119:89-91; 136:6; 148:5, 6.

“Não é por um poder a ela inerente que ano após ano a terra produz as suas fartas messes, e continua sua marcha ao redor do Sol. A mão do Infinito está em perpétua operação, guiando este planeta. É o poder de Deus em contínuo exercício que mantém a Terra em equilíbrio em sua rotação. É Deus que faz o Sol erguer-se nos céus. Abre as janelas do céu e dá a chuva.

“Dá a neve como lã.

Esparge a geada como cinza.

“Fazendo Ele soar a Sua voz logo há arruído de águas no céu,

E sobem os vapores da extremidade da terra

Ele faz os relâmpagos para a chuva,

E faz sair o vento dos Seus tesouros.’ Salmos 147:16; Jeremias 10:13.

“É mediante Seu poder que a vegetação floresce, que aparece toda a folha, desabotoa cada flor, cada fruto se desenvolve.” *A Ciência do Bom Viver, 416.*

Inquestionavelmente, Deus é o único ser com poder para fazer o mundo no primeiro caso. Do mesmo modo, Ele é *o único* que pode sustê-lo na sua ordem e sistema. Portanto, se alguma das Suas criaturas em qualquer parte do vasto Universo — excepto onde a presença de um Salvador coloca um factor de adiamento — põe outro deus no lugar do verdadeiro Deus, então o poder de Deus como um sustentador das poderosas forças da natureza terá sido removido desse lugar e muito certamente, elas transformar-se-ão em descontroladas forças de terrível destruição. Nesse mesmo dia, aqueles que cometeram o terrível erro morrerão, não porque Deus os faça morrer, mas porque se colocaram a si mesmos onde a vida é impossível.

A única razão para tal cataclismo destruidor não obliterar esta Terra foi por causa da misericordiosa intervenção de Jesus Cristo. Portanto, a instrução que Deus deu a Adão e Eva no Jardim do Éden para não comer da árvore, foi-lhes dada para *os* proteger da destruição. Em nenhum sentido foi dada por Deus para Se proteger a Si mesmo ou à Sua posição. Não houve traço de

interesse pessoal na obra de Deus. Correctamente compreendida, a “restrição” que caía sobre o primeiro casal era uma verdadeira revelação do carácter perfeitamente justo de Deus. Foi um acto de bondade e misericórdia. Foi a obra de um Salvador, não de um déspota.

Todavia, este não foi o modo como o demónio apresentou Deus.

Em vez disso, ele astutamente insinuou que Deus tinha um motivo totalmente egoísta ao recusar-lhes a permissão de tocar na árvore, que o Seu propósito era proteger a Sua própria posição, reservando-a apenas para Si, de modo a ter a certeza de ser o único que usufruiria da grande honra de ser o supremo governador. Ele afirmou que essa árvore especial constituía uma ameaça a estas determinações divinas, pois ela possuía poderes mágicos capazes de elevar os que dela comessem a uma posição de igualdade com Deus. Ele mantinha isto porque não queria que isso acontecesse, contudo, receando que sucedesse, disse-lhes mentindo que comer dessa árvore seria trazer a morte sobre si próprios.

Assim apresentou Satanás o Deus de amor e abnegada devoção ao bem das Suas criaturas como sendo um déspota egoísta que procura apenas o Seu próprio bem à custa dos Seus súbditos. Ele apresentou o Deus da verdade como um mentiroso.

Eva acreditou nessa falsa interpretação do carácter de Deus.

Quando acreditou nisto, *em seguida* rebelou-se contra Deus e juntou-se no seu destino com o arqui-rebelde. Ela aceitou outro deus no lugar do Verdadeiro e só não morreu nesse mesmo dia pelo facto que Jesus se interpôs e disse, “Que a punição caia sobre Mim. O homem terá outra oportunidade.”

O estudo do aparecimento do pecado no Céu e nesta Terra estabelece a estreita relação entre a falsa apresentação do carácter de Deus e o aparecimento da rebelião. Foi quando Lúcifer no Céu formou primeiramente um conceito errado acerca do carácter de Deus que esta rebelião começou. Quando por sua vez, conseguiu convencer uma parte dos anjos com os seus novos conceitos a respeito de Deus que eles se lhe juntaram na sua rebelião, quando na Terra Adão e Eva juntaram o seu destino ao dele, também eles, adquiriram falsos conceitos sobre o carácter de Deus.

Foi assim que começou e esta é a forma como se tem mantido através dos séculos de sofrimento que desde então têm passado.

“É o *constante esforço de Satanás* representar falsamente o carácter de Deus, a natureza do pecado e os resultados finais em jogo no grande conflito. Seus sofismas diminuem a obrigação da lei divina, dando ao homem licença para pecar. Ao mesmo tempo fá-lo Satanás acariciar falsas concepções acerca de Deus, de maneira que O considere com temor e ódio, em vez de amor. A crueldade inerente ao seu próprio carácter é atribuída ao Criador; aparece incorporada nos vários sistemas de religião e expressa nas diversas formas de culto. *Sucede assim que a mente dos homens é cegada e Satanás deles se aproveita como agentes para guerrear contra Deus.* Por meio de concepções pervertidas acerca dos atributos divinos, foram as nações gentílicas levadas a crer serem os sacrifícios humanos necessários para alcançar o favor da Divindade; e horríveis crueldades têm sido perpetradas sob várias formas de idolatria.” *O Grande Conflito, 569.*

“Os esforços de Satanás para *representar de maneira falsa* o carácter de Deus, para fazer com que os homens acariciem uma *concepção errónea* do Criador, e assim O considerem com temor e ódio em vez de amor; o seu empenho para pôr de parte a lei divina, levando o povo a julgar-se livre dos seus requisitos, e sua perseguição aos que ousam resistir aos seus enganos, *têm sido prosseguidos com persistência em todos os séculos.*” *O Grande Conflito, 7.*

Portanto, o assunto do carácter de Deus não é algo separado do grande conflito. Está exactamente no centro dele. É impossível compreender os pontos reais que são contestados se o carácter de Deus e o de Satanás não forem compreendidos.

Visto que o destino de toda a alma depende da posição que ocupa no grande conflito, conclui-se que quanto mais compreenda o verdadeiro carácter de Deus maior será o sucesso quando entra na batalha contra o mal e por fim encontra a vida eterna.

A verdade acerca disto deve ser vista quando é reconhecido que a arma particular que Satanás usa para levar almas à rebelião contra Deus é a falsa apresentação do Seu carácter. Quanto melhor for capaz de convencer a humanidade destes enganos, mais eles entrarão em injustiça e rebelião. Este é o testemunho da Palavra de Deus e da história. À luz destes factos, que estudo podia ser mais importante do que aquele que está a ser aqui seguido?

Capítulo 4

O Carácter de Deus e o Final do Grande Conflito

As evidências apresentadas nas Escrituras confirmam a verdade que o grande conflito começou com a falsa apresentação do carácter de Deus. Mais ainda, na ampliação e continuação da luta Satanás usou os mesmos meios. Assim é revelada a causa e o efeito — sendo que a causa é o estabelecimento de opiniões erradas acerca de Deus e o efeito, a proliferação da iníqua rebelião.

É um bom princípio que uma vez esclarecida a causa de um problema, *o remédio para ela seja descoberto*. Portanto, assim como a disseminação de falsos conceitos acerca do carácter de Deus é a *causa* da revolta pecaminosa, então, certamente que a apresentação da verdade em relação a Deus fornece o remédio pela inversão do resultado. Assim os homens são trazidos do pecado para a justiça, da rebelião para a lealdade.

Portanto, apenas aqueles que compreendem estes factos possuem o conhecimento de onde a solução deve ser encontrada. Naturalmente, qualquer pessoa sendo um sincero filho de Deus deseja acima de tudo ver o fim da longa e obscura miséria, o fim da rebelião e afastamento de Deus e por sua vez ajudar outros a caminhar na mesma direcção.

Por conseguinte, enquanto o trabalho de *Satanás e dos seus seguidores* é representar erradamente o carácter de Deus de modo a intensificar a maligna revolta contra Ele, o trabalho de Deus e dos Seus filhos é revelar correctamente a justiça de Deus de modo a terminar a revolta e conduzir o mundo à paz e prosperidade da completa lealdade a Deus.

Proeminentemente neste trabalho de restauração divina está Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Quando Ele veio a esta Terra, veio, não meramente para salvar o homem da penalidade do pecado pelo Seu próprio sacrifício, mas salvá-lo pela revelação do carácter de Deus em contraste com as propostas de Satanás. Isto não é dizer que a morte de Cristo na cruz não é essencial para a nossa salvação. Aqui é dado um completo reconhecimento à eterna verdade que sem a morte de Cristo nenhum de nós podia ser salvo.

Porém, deve dar-se ênfase ao facto de que o papel de Cristo como Revelador do verdadeiro carácter de Deus foi tão necessário para findar o grande conflito e a salvação dos perdidos como foi esse supremo sacrifício na cruz. Jesus veio expressamente para mostrar Deus aos anjos e ao homem exactamente como Ele é.

Ele veio fazer esta obra num tempo em que “A Terra obscureceu-se *devido à má compreensão de Deus*. Para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse volver ao Criador, era preciso que se derribasse o poder enganador de Satanás. Isso não se podia fazer pela força. O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor. Conhecer a Deus é amá-Lo; *Seu carácter deve ser manifestado em contraste com o de Satanás*. Essa obra, unicamente um Ser, em todo o Universo, era capaz de realizar. Somente Aquele que conhecia a altura e a profundidade do amor de Deus, podia torná-lo conhecido. Sobre a negra noite do mundo, devia erguer-Se o Sol da Justiça, trazendo salvação ‘sob as Suas asas’. Mal. 4:2.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

“O Filho de Deus veio à Terra a fim de *revelar* o carácter do Pai aos homens, para que pudessem aprender a adorá-Lo em espírito e verdade.” *Conselhos aos Professores, 28*. Também está escrito que, “para isto o Filho de Deus se manifestou; para desfazer as obras do diabo.” *1 João 3:8*.

Portanto, Jesus veio a esta Terra para revelar o carácter de Deus e destruir as obras do diabo. É imediatamente visível que estas não são duas obras separadas. São a mesma obra, pois a obra do diabo para levar os homens à rebelião, depende primeiramente de enganá-los a respeito da natureza de Deus. Por conseguinte, revelar a verdadeira natureza de Deus de modo que o diabo não seja mais capaz de enganar anjos e homens é destruir as obras do diabo. Isso faz com que seja impossível ele operar.

Cumprir isto não foi tarefa fácil, mesmo para Cristo. Os enganos de Satanás tinham penetrado muito mais profunda e extensivamente do que muitos supõem. Porque falhámos em compreender quão longe as coisas foram, falhámos também em apreciar a imensidão da tarefa imposta a Deus e Cristo na Sua responsabilidade de libertar o Universo do poder de Satanás. Se tivesse sido uma prova de força contra força, teria acabado rapidamente. Deus está na posse do poder infinito contra o qual Satanás não é capaz de juntar senão uma força infinitesimal em comparação. Mas a questão que iniciou o grande conflito não é se Deus é ou não fisicamente mais forte do que Satanás. É sim a questão da verdadeira natureza do carácter e governo de Deus.

É natural supor que a Palavra de Deus é a última e absoluta autoridade em qualquer disputa. Quantas vezes as pessoas têm desejado que o Senhor falasse directa e audivelmente numa situação problemática. Acredita-se firmemente que isso resolveria o assunto imediatamente. Mas o testemunho histórico revela que a Palavra de Deus por si só não é suficiente para resolver estes assuntos grandes ou pequenos. Se fosse, então nunca teria havido um grande conflito.

Houve um tempo em que existia apenas a Palavra do Deus vivo. Não havia dúvida ou disputa quanto a essa Palavra. Então chegou a altura em que Ela foi contestada. À medida que esta dissensão se desenvolvia, Deus reuniu toda a hoste celestial e declarou em termos muito claros a constituição do Seu governo, explicando exactamente por que é que a situação estava como estava. (Ver *Patriarcas e Profetas, 36, {PP 10}*).

Assim a *palavra de Satanás* foi confrontada com a *Palavra de Deus*. Mas isso não resolveu a questão como está provado pelo ainda mais determinado antagonismo de Satanás e todos os que o seguiram, porque eles não acreditaram nem aceitaram essa Palavra. Portanto, tinha que ser dado um tempo no qual Satanás pudesse demonstrar a verdadeira natureza das suas reivindicações, enquanto Deus e Cristo, por outro lado, revelassem o verdadeiro carácter da Sua posição. Foi com este propósito que o Senhor permitiu que o grande conflito prosseguisse todos estes séculos e *até que esse propósito se cumpra o conflito continuará*.

Isto é, a luta continuará, Cristo não voltará, o pecado não findará e a morte reinará, até que os anjos e os homens vejam por si mesmos a verdadeira natureza do carácter e governo de Deus em nítido contraste com o de Satanás. Quando esse ponto tiver sido atingido; quando toda a questão da verdade e do erro estiver para sempre clara; então e apenas então virá o fim. Não demorará mais do que esse ponto. Nesse momento do tempo, quando o propósito tiver sido cumprido, também virá o fim.

É compreendido por muitos que o número de anjos que Satanás enganou foi um terço da hoste celestial. Isto *não* é o que a Bíblia diz. Em vez disso, ela declara que essa foi a proporção que *o seguiu*. Notai cuidadosamente o que as Escrituras dizem. “E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e *lançou-as sobre a terra...*” *Apocalipse 12:4*.

Foi esta terça parte das estrelas do Céu, os anjos do Céu, que Satanás lançou sobre a Terra. Isto quer dizer que este terço o seguiu até à plenitude da sua rebelião. “Satanás em sua rebelião levou consigo *a terça parte* dos anjos. Desviaram-se do Pai e de Seu Filho, e uniram-se ao instigador da rebelião.” “Quando Satanás se tornou indesejável no Céu, não apresentou ele sua queixa perante Deus e Cristo; foi, porém, aos anjos que o julgavam perfeito, afirmando que Deus lhe fizera injustiça, preferindo Cristo a ele. O resultado dessa falsidade foi, por motivo de lhe terem aderido, *um terço*

dos anjos perderem sua inocência, sua alta posição e seu lar feliz.” *Testemunhos selectos* 1:312; 2:103.

Nestes testemunhos não é feita referência aos efeitos, se algum houve, que os enganos de Satanás tiveram sobre o resto dos anjos. Estes testemunhos tornam claro que dois terços dos anjos permaneceram leais a Deus e assume-se naturalmente que por isso não foram influenciados pelos sofismas do diabo. Pensamos deste modo porque temos a tendência de equacionar a lealdade com absoluta ausência de quaisquer dúvidas. É verdade que a lealdade é fortalecida e aperfeiçoada com a dissolução de todas as dúvidas e suspeitas, mas, ao invés, a sua presença não destrói necessariamente a lealdade, embora a possa enfraquecer.

A verdade real é que *todos os* anjos foram afectados pelo menos em parte pelos enganos do grande inimigo. Incertezas acerca de Deus, Seu carácter e princípios do Seu governo foram geradas neles até ao ponto em que uma clara simpatia pela causa de Satanás estava presente. Através dos longos séculos decorridos entre a queda de Lúcifer e a cruz do Calvário esse estado de coisas manteve-se. Este período absorveu-lhes pelo menos quatro mil anos de tempo e actividades, durante o qual, embora não tivessem deixado a sua lealdade a Deus para se juntarem às forças de Satanás, serviam a Deus com definidas reservas e sentiam que Satanás tinha de facto alguma razão para contestar.

“Para os anjos e os mundos não caídos, o brado: ‘Está consumado’ teve profunda significação. Fora em seu benefício, bem como no nosso, que se operara a grande obra da redenção. Juntamente conosco, compartilham eles os frutos da vitória de Cristo.

“Até à morte de Jesus, o carácter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqu-apóstata se revestira por tal forma de engano, que mesmo *os santos seres não* lhe compreenderam os princípios. Não viram claramente a natureza de sua rebelião.

“Era um ser admirável de poder e glória o que se pusera em oposição a Deus. De Lúcifer, diz o Senhor: ‘Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.’ Ezeq. 28:12. Lúcifer fora o querubim cobridor. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos. Depois de pecar, seu poder de enganar tornou-se consumado, e mais difícil o descobrir-lhe o carácter, em virtude da exaltada posição que mantivera junto do Pai.

“Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.

“Era intenção de Deus colocar as coisas numa base de segurança eterna, sendo decidido nos conselhos celestiais que se concedesse tempo a Satanás para desenvolver os seus princípios, o fundamento do seu sistema de governo. Este pretendia que eles eram superiores aos princípios de Deus. Deu-se tempo para que os princípios de Satanás operassem, *para serem vistos pelo universo celestial.*” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758, 759.

Considerai cuidadosamente certos pontos mais evidentes nesta citação:

“Até à morte de Jesus, o carácter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqu-apóstata se revestira por tal forma de engano, que.... *Não viram* claramente a natureza de sua rebelião.”

“... E mais difícil o descobrir-lhe o carácter, em virtude da exaltada posição que mantivera junto do Pai.”

“Deu-se tempo para que os princípios de Satanás operassem, *para serem vistos pelo universo celestial.*”

Portanto, até os anjos leais e os habitantes dos mundos não caídos de todo o universo foram enganados em parte pelos enganos do grande enganador. Eles não foram suficientemente corrompidos ao ponto de abandonarem a sua lealdade a Deus, porém o suficiente para terem uma

A REVELAÇÃO COMPLETA DE DEUS TERMINA O GRANDE CONFLITO

Os Enganos de Satanás



Durante mais de 4.000 anos dois terços dos anjos e universo leal seguiram Deus com dúvidas e reservas.

Calvário



Os homens caídos permaneceram enganados. O grande conflito continuou com Deus a operar para revelar ao homem o Seu verdadeiro carácter e o de Satanás.

A Angústia de Jacó



Um terço dos anjos seguiu-o em total rebelião.

Satanás e Deus revelados exactamente como são.

Satanás e Deus de novo revelam-se exactamente como são. Mesmo os homens maus são totalmente convencidos.

Anjos e mundos não caídos completamente convencidos.

Foi a má compreensão acerca do carácter de Deus que começou o grande conflito. A rebelião não terminará enquanto isto não for corrigido pela declaração e pela demonstração.

clara simpatia para com Satanás. Na cruz esse último laço de simpatia entre Satanás e o mundo celestial foi quebrado.

“Houvesse-se podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à horrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado. Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme a Sua fé em Deus, e a Sua submissão a Ele. ‘E ouvi uma grande voz no Céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.’ Apoc. 12:10.

“Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das *simpatias* dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita. Qualquer que fosse a atitude que tomasse, não mais podia esperar os anjos ao virem das cortes celestiais, nem perante eles acusar os irmãos de Cristo de terem vestes de trevas e contaminação de pecado. Estavam rotos os derradeiros laços de simpatia *entre* Satanás e o mundo celestial.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Pensai cuidadosamente na informação aqui contida, especialmente na última frase. Era o laço de simpatia *entre* Satanás e o mundo celestial que deixou de existir na cruz do Calvário. Ter simpatia *por* uma pessoa é uma coisa, mas é algo diferente haver simpatia *entre* vós e essa pessoa.

Ter simpatia *pelo* diabo e *nada mais* do que isso é sentir uma verdadeira piedade por ele na sua inevitável situação difícil, mas ao mesmo tempo, não dar apoio às suas filosofias, objetivos, métodos ou procedimentos. Todo o verdadeiro cristão sentirá *essa* simpatia por Satanás.

Mas quando a simpatia existe *entre* nós e o diabo, então isso é aceitar que ele está certo pelo menos até certo ponto. É acreditar, ainda que inconscientemente, que ele tem um assunto para discutir, que há sucesso em alguns dos seus métodos e que ele não deve ser tratado tão duramente como se tem feito com ele.

Seria impossível ter *total* fidelidade a Deus enquanto essa simpatia existisse entre nós e Satanás, embora pudéssemos escolher permanecer leais a Deus apesar disso. Assim aconteceu com os anjos leais até à cruz do Calvário, pois foi aí *e não antes*, que o último laço de simpatia *entre* Satanás e o mundo celestial se quebrou.

Mas quando esse último laço de simpatia entre Satanás e o mundo celestial se quebrou por verem a verdadeira natureza das mentiras de Satanás contra Deus, viram então e compreenderam o carácter de Deus como ele realmente é. Cristo tinha destruído as obras do diabo neles e, para *eles*, o propósito do grande conflito tinha sido cumprido. Portanto, se apenas os anjos estivessem envolvidos na luta, o fim de Satanás teria chegado na cruz. Mas o que tinha sido feito pelos anjos *tinha que ser feito também pelo homem*, pois enquanto os anjos viram a natureza real do carácter de Deus e o de Satanás na cruz, o homem certamente não viu e ainda não o viu.

De facto, será apenas no tempo da angústia de Jacó que até mesmo o justo povo de Deus perderá o seu último laço de simpatia para com o diabo. Podemos não saber isso hoje, mas até os que de nós caminham mais próximos de Deus ainda têm uma medida de simpatia por Satanás e seus caminhos. Isto não será removido de nós senão quando vier esse tempo de prova final. “O tempo de angústia é o cadinho que produzirá caracteres à semelhança de Cristo. Destina-se a levar o povo de Deus a renunciar a Satanás e suas tentações. *O último conflito revelar-lhes-á Satanás em seu verdadeiro carácter*, o de um tirano cruel e fará por eles o que coisa alguma poderia realizar erradicá-lo das afeições deles. Pois amar e nutrir o pecado, é amar e nutrir seu autor, aquele inimigo mortal de Cristo. Quando desculpam o pecado e se apegam à perversidade de carácter, dão a Satanás um lugar em suas afeições e rendem-lhe homenagem.” *The Review and Herald*, 12 de Agosto de 1884. Também *Nossa Alta Vocação*, 319.

Por causa desta obra ainda ter de ser realizada pelos seres humanos para que o propósito do grande conflito se cumpra para eles como foi para os anjos, a batalha não terminou na cruz como está escrito:

“Todavia, Satanás não foi então [no tempo da cruz] destruído. Os anjos não perceberam, nem mesmo aí, *tudo* quanto se achava envolvido no grande conflito. Os princípios em jogo deviam ser mais plenamente revelados. E *por amor do homem*, devia continuar a existência de Satanás. O homem, *bem como os anjos*, devia ver o contraste entre o Príncipe da Luz e o das trevas. Cumprilhes escolher a quem servir.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Portanto, o Salvador ao revelar o carácter de Deus como Ele é aos anjos, expondo desse modo Satanás como Ele é, deu um passo gigante para terminar o grande conflito. O progressivo desenvolvimento disto está claramente retratado em *Apocalipse 12*. O confronto original no Céu com o resultado da expulsão de Satanás dos lugares celestiais está descrito nos versículos 7-9.

“E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos;

“Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.”

Notai que foi nesta altura que Satanás foi *lançado* na Terra. O lugar de onde ele foi *derrubado* foi o Céu, mas continuava a ter oportunidade de abordar os anjos quando eles iam e vinham do Céu e “perante eles acusar os irmãos de Jesus de estarem vestidos com as vestes das trevas e da contaminação do pecado.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761. Mas essa actividade foi terminada quando na cruz ele foi *derribado*. Primeiramente ele havia sido *precipitado*, depois foi *derribado*.

“Jesus inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme a Sua fé em Deus, e a Sua submissão a Ele. ‘E ouvi uma grande voz no Céu, que dizia: Agora chegada está a salvação e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador dos nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.’ Apocalipse 12:10.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Esta referência confirma que o diabo perdeu tremendo terreno em virtude da vitória alcançada por Cristo durante a Sua vida e através da Sua morte. Os anjos ficaram livres do seu poder. Os seus enganos já não tinham qualquer influência no seu pensamento. A sua lealdade a Deus tornou-se mais forte e mais intensa. Por causa disto houve realmente grande alegria em todo o Universo em virtude da salvação que tinham obtido pela revelação do carácter de Deus dada por Cristo na Cruz:

Por isso está escrito: “Pelo que, alegrai-vos ó céus, e vós, que neles habitais.” *Apocalipse 12:12*. Deve ser notado que esta voz continua depois da antiga serpente ter sido derribada na cruz do Calvário.

Mas o tempo de alegria para o Universo não caído, não é tempo de alegres cânticos para esta Terra por uma boa razão. Primeiramente, antes da cruz, as energias de Satanás e seus anjos estavam repartidas entre os seus ataques aos anjos e aos homens. Mas depois da cruz, ele ficou livre para dedicar todo o seu poder aos filhos dos homens. Eles agora têm toda a sua atenção, sem divisões.

Em segundo lugar, o terrível prejuízo que sofreu na cruz não o desencorajou mas apenas o enfureceu num frenesi de desesperada e decidida actividade, pois sabe que o seu tempo foi reduzido e que deve trabalhar com uma loucura febril para adiar o dia da sua destruição final. Toda essa fúria está dirigida para a raça humana. Portanto, está escrito para os que vivem nesta Terra depois da crucifixão “ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.” *Apocalipse 12:12*.

A aniquiladora derrota sofrida pelo nosso grande adversário no Gólgota foi ao mesmo tempo uma vitória retumbante para a causa da justiça. Ganhou-se ali terreno que nunca mais se perderá, pois os anjos e os mundos não caídos estão agora eternamente livres dos argumentos enganadores de Satanás.

Porém, embora fosse obtida grande vantagem, não se alcançou a recuperação total. Outra grande batalha deve ainda ser travada na qual se realizará para o homem o que já foi realizado para o

Universo não caído. A vitória será obtida exactamente como foi ganha por Cristo, pois nós devemos vencer “como Ele venceu”. Vede *Apocalipse 3:21*.

Para compreender como será travada e ganha essa última batalha, temos apenas que compreender como é que Jesus alcançou a Sua vitória sobre o diabo. Primeiramente, devemos reconhecer que a pessoa mais difícil de expor é aquela que é enganadora e acusadora. Contra-acusação não tem qualquer efeito. No melhor dos casos vai apenas servir para lançar confusão sobre o assunto, ao passo que no pior dos casos multiplica o apoio ao primeiro acusador.

O uso da força é do mesmo modo contra-producente, pois gera simpatia por aquele que está em rebelião devido à tendência natural para defender a causa do oprimido.

Há apenas uma maneira de revelar o mal no seu pior e isso é expô-lo perante a justiça no seu melhor. Deus é justiça. O Seu próprio carácter é a justiça. Portanto, a exposição do pecado através da revelação da justiça foi a exposição do pecado pela revelação do carácter de Deus.

Em todo o Seu tempo de vida nesta Terra, foi precisamente isto que Jesus revelou todos os dias e todo o dia. Olhar para Cristo era ver o Pai. Ele exemplificou o que é o Pai e *tudo* o que Ele é. Demonstrou como é que o Pai está relacionado com o problema do pecado, com o pecador e com aqueles que são os Seus piores inimigos. Mostrou isso na Sua vida e naquilo que ensinou.

Tão perfeita e completa foi a revelação do Pai dada por Cristo que à pergunta de Filipe, “Senhor, mostra-nos o Pai,” Ele pôde responder, “Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido Filipe? *Quem Me vê a Mim vê o Pai* e como dizes tu: mostra-nos o Pai?” *João 14:8, 9*. “*Tudo* aquilo que o homem *necessita* saber ou é *capaz* de conhecer a respeito de Deus *foi revelado* na vida e carácter de Seu Filho.” *Testemunhos para a Igreja* 8:286.

Mais adiante far-se-á um estudo mais intenso do trabalho de Cristo como Revelador do Carácter de Deus. O que se estabelece agora é que por esta revelação, Cristo foi capaz de vencer significativamente Satanás ao ponto dos universos não caídos ficarem completa e eternamente livres do poder dos enganos de Satanás.

Em toda a Sua vida, Jesus revelou o carácter de Deus e enquanto o fazia, Satanás exibiu todas as forças para quebrar essa revelação perfeita. Mas, resoluta e fielmente Jesus continuou o Seu caminho de modo que Satanás viu que era necessário puxar ainda mais fortemente pelo Seu exército nos seus esforços desesperados para quebrar o testemunho de Deus em Cristo. Por fim, um Cristo ainda invencível chegou à cruz para dar, nesse supremo sacrifício, a revelação do carácter justo de Deus na sua maior glória e no seu melhor brilho. A eternidade nunca mais será capaz de dar tão completa e clara manifestação de Deus como Ele realmente é. Esse é o ponto central e mais alto da história, passada e futura. É o pináculo de toda a realização divina na resplandecente luz perante a qual todas as outras se ofuscam.

Tal revelação da justiça no seu melhor forçou o diabo a revelar o seu próprio carácter pecaminoso no seu pior. Ele não tinha escolha. Se não tivesse atacado Cristo, se tivesse visto que fazê-lo era expor-se a si mesmo e se por isso se tivesse retirado da batalha, teria de qualquer modo perdido. A sua única esperança era dar tudo o que podia no seu furioso ataque e esperar que pudesse quebrar o testemunho do Filho de Deus e do homem. Mas falhou e nesse fracasso nada salvou, no que respeita ao Universo não caído. Eles viram essa completa manifestação de luz divina e das trevas satânicas simultaneamente e a causa de Satanás estava perdida entre eles — eternamente.

O que Cristo realizou na cruz não mais precisa de ser repetido. O que Satanás perdeu ali nunca mais será recuperado, portanto ele agora trabalha desesperadamente para reter o que ainda lhe resta — as mentes dos homens não ficaram livres do seu poder na cruz, pela simples razão que não viram a plenitude da glória do carácter de Deus nem os enganos de natureza satânica ali manifestados.

Assim, para o homem o propósito do grande conflito ainda não foi cumprido. Até lá, a luta deve continuar, não interessa quanto tempo isso possa levar. Tem que haver uma nova exposição tão completa e uma total revelação da justiça de Deus que é a lei e o carácter de Deus que Satanás será forçado de novo a expor a plenitude do seu iníquo carácter ao ponto em que até mesmo os homens

caídos que rejeitaram a verdade de Deus vêm a diferença e rejeitam toda a lealdade à sua satânica majestade.

Mas o regresso de Cristo a esta Terra não é para repetir a demonstração já dada. Ele tem outros planos. A completa e última demonstração do misericordioso, gracioso, gentil, bondoso e justo carácter de Deus será dado *pele Seu povo*. Cristo revelará *através deles* exactamente o que Ele pessoalmente revelou enquanto esteve na Terra.

Somente quando Ele for capaz de fazer isto será o propósito do grande conflito alcançado pelos homens como foi pelos anjos. Então o Salvador pode regressar e regressará.

As Escrituras são muito claras em declarar que serão *os filhos de Deus* que darão a última revelação do Seu carácter. Este é um facto que todos os cristãos têm que compreender se quiserem ocupar com eficácia o lugar que lhes foi apontado na conclusão dos acontecimentos da luta que já dura há tanto tempo. Falhar em compreender isto terá como resultado uma preparação inadequada que efectivamente desqualificará uma pessoa para lutar nesse último exército do Senhor.

Foi por esta razão que foram escritas as palavras de advertência que se seguem: “A fim de suportarem a prova que está diante deles [o povo de Deus que viver no tempo final da angústia e conflito], devem compreender a vontade de Deus como se acha revelada na Sua Palavra; poderão honrá-Lo, *unicamente*, tendo uma concepção *correcta* de Seu carácter, governo e propósitos, e agindo de acordo com estes.” *O Grande Conflito*, 593.

Este conselho não diz que nós que vivemos nestes últimos dias e enfrentamos esse probante teste e obra final meramente estaremos numa posição melhor para termos um conceito correcto do carácter de Deus, Seu governo e propósitos. Não diz isto. Porque se o dissesse, compreender ou não estas coisas, seria então largamente uma questão opcional. Quer chegássemos ao fim ou não.

O testemunho avisa-nos de que não temos estas opções. Ou compreendemos correctamente a verdadeira natureza do carácter de Deus, governo e propósitos e agimos de acordo com eles, ou não seremos capazes de suportar a prova que está perante nós. Falhar nesta altura e sob estas circunstâncias significa que a vida eterna nunca será nossa. À luz destas considerações *não há forma de realçar em demasia* a importância de ter um correcto e profundo conhecimento do carácter de Deus, da natureza de Seu governo e o alcance dos Seus propósitos.

O último movimento de pessoas que dará ao Senhor os meios para fazer a última demonstração do Seu carácter está profeticamente descrita em *Apocalipse 18:1* “E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com a sua glória.”

Em resumo, é preciso estabelecer que esta é a mensagem *final* a ser dada ao mundo. Antes disso, Deus terá enviado muitos avisos, instruções e súplicas, mas para além do envio desta não haverá mais nenhuma. Isto é plenamente confirmado nas seguintes citações.

“O capítulo 18 do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do capítulo 14, versículos 6-12, a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilónia, será chamado a separar-se da sua comunhão. Esta mensagem é a *última* que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra.” *O Grande Conflito*, 390.

Um capítulo completo em *O Grande Conflito*, que começa na página 603, é devotado à descrição da pregação desta mensagem de *Apocalipse 18:1-4*. O título deste capítulo é “O Último Convite Divino”. Na página 604 lemos. “Estes anúncios [os do anjo de Apocalipse], unindo-se com a mensagem do terceiro anjo, constituem a *advertência final* a ser dada aos habitantes da Terra.”

O segundo ponto a estabelecer é que o anjo é um símbolo. Os anjos por si não vêm à Terra entregar pessoalmente estas mensagens. Nós compreendemos claramente isto pela forma como as três primeiras mensagens foram dadas. As Escrituras declaram que são dadas por movimentos de pessoas nesta Terra. Assim será também com a última mensagem como predito em *Apocalipse 18:1*. Esta mensagem será dada por um *movimento de pessoas*.

Isto é ainda mais confirmado por estas palavras de *O Grande Conflito*, 604. “*É esta a razão de ser do movimento simbolizado pelo anjo* descendo do Céu iluminando a Terra com a sua glória, e clamando fortemente com grande voz, anunciando os pecados de Babilónia,”

A seguir, deve perguntar-se. “Com que glória será a Terra iluminada?”

É habitual receber-se a resposta, “será a glória *de Deus*”. Isto é correcto, porém não é o que o versículo diz. Ele diz, “Vi descer do céu outro anjo,... e a terra foi iluminada com a *sua* glória.”

É a glória *do anjo* que ilumina toda a Terra. É verdade que é também e principalmente a glória de Deus pois esta glória é adquirida de Deus. Todavia, ela foi tão verdadeiramente dada ao anjo que se tornou propriamente sua podendo ser descrita como sendo a *sua* glória.

O que é a glória do anjo e a glória de Deus.

Tal como usada nas Escrituras a palavra “glória”, especialmente em referência a Deus tem dois significados. Para a mente humana está mais associada a uma exibição deslumbrante de esplendor físico, e, sem dúvida, essa manifestação de glória verdadeiramente rodeia a pessoa e o trono de Deus. Uma glória como esta foi testemunhada por Daniel e Isaías. Daniel descreveu o que viu nestas palavras, “Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias se assentou: o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente.

“Um rio de fogo manava e saía de diante d’Ele: milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante d’Ele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.” *Daniel 7:9,10*.

Aqui está a descrição de Isaías da glória celestial do Deus do Céu.

“No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor, assentado sobre um alto e sublime trono; e o Seu séquito enchia o templo.

“Os serafins estavam acima d’Ele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam os seus rostos, e com duas cobriam os seus pés, e com duas voavam.

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: e toda a terra está cheia da Sua glória.

“E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo.” *Isaías 6:1-4*.

Mas, há outro sentido para a palavra “glória” diferente da ofuscante manifestação de luz radiante e vibrante poder. Quando Moisés pediu ao Senhor para lhe mostrar a Sua glória, o Senhor revelou-lhe *o Seu carácter*. Aqui está a resposta de Deus a este pedido. “Eu farei passar toda a *Minha bondade* por diante de ti, e apregoarei *o nome* do Senhor diante de ti; e *terei misericórdia* de quem Eu tiver misericórdia, e Me *compadecerei* de quem Me compadecer.” *Êxodo 33:19*.

No tempo designado o Senhor fez isto, tal como está escrito. “Passando, pois, o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos, e sobre os filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração.” *Êxodo 34:5, 7*.

Moisés pediu especificamente a Deus para lhe revelar a Sua glória. O Senhor não recusou o seu pedido. Contudo, em resposta, não lhe mostrou o brilho radiante de esplendor pessoal e físico, mas a maravilha do Seu grande e terno carácter. Daqui deduzimos que a glória de Deus é o Seu carácter. Quanto mais a Palavra de Deus for estudada mais claramente isto será visto.

Quando Jesus veio à Terra, deixou para trás toda essa glória que era de natureza física. *Fisicamente* falando, Ele era uma pessoa modesta e pouco atraente como escreve a profecia de *Isaías 53:2*: “Porque foi subindo como renovo perante Ele, e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura: e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos para que O desejássemos.”

Contudo apesar da modéstia de Sua aparência exterior, revelou a glória de Deus aos que tinham visão espiritual que os capacitava para a verem. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, com a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.” *João 1:14*.

João declara que ele juntamente com outros viram a glória do Pai em Jesus Cristo enquanto andou como homem entre os homens. É certo que a glória vista dia a dia não era um radiante brilho de luz que deslumbrava. O que eles viam era essa outra e mais importante glória, o carácter de Deus.

Em *Parábolas de Jesus*, 414, {PJ 225}, a palavra “glória” está directamente equacionada com carácter deste modo, “A luz de Sua glória — Seu carácter — deve refletir-se em Seus seguidores”. Estas referências definem claramente este outro significado da palavra como sendo uma definição do *carácter de Deus*. Na verdade, esta é realmente a Sua glória, aquela que Ele sabe ser a mais importante para o conhecimento e imitação dos homens.

Estamos a procurar as definições desta palavra para compreender melhor o significado de *Apocalipse 18:1*, Nós desejamos conhecer a natureza da glória que iluminará toda a Terra na última mensagem de advertência.

Em nenhum outro lugar, em todas as descrições proféticas da ordem dos acontecimentos dos últimos dias, encontramos qualquer ilustração em que Deus se revela num brilhante fulgor quer pessoalmente quer através do Seu povo na Terra. Pelo contrário, Deus tem o cuidado de não trabalhar deste modo, pois Ele está desejoso que o povo aceite a mensagem da verdade porque é a verdade e não por causa de quaisquer exibições espectaculares. Portanto, será a outra glória, a glória do carácter que iluminará a Terra neste tempo.

Um resumo da mensagem de *Apocalipse 18:1*, então, é assim:

- Esta é a *última* mensagem a ser dada ao mundo;
- O anjo é o símbolo de um *movimento* de pessoas;
- A glória do anjo é a glória do *carácter de Deus*.

É a glória do anjo e portanto a glória do carácter *do povo* do movimento que iluminará toda a Terra.

É de grande valor tomar um texto em que a linguagem simbólica é usada e substituí-lo pelos símbolos utilizados. Isto torna o texto muito mais claro. Se fizermos isto com *Apocalipse 18:1* leremos assim “E depois destas coisas vi outro *movimento de pessoas* descer do céu [não no sentido físico], que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com *a glória do carácter daquele povo*.” Este carácter é o carácter do próprio Deus que foi formado neles através do ministério salvador de Cristo no santuário do Céu.

Alguns experimentam real dificuldade em acreditar que o carácter de Deus é realmente reproduzido *no* crente, de modo que ele se torna o carácter do crente até ao ponto em que olhar um é ver o Outro. Contudo, isto é o claro ensinamento da Palavra de Deus. É o que *Apocalipse 18:1* ensina e é melhor expresso nestas palavras maravilhosas: “Quando *o carácter de Cristo* se reproduzir perfeitamente *em* Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.” {PJ 29}, *Parábolas de Jesus*, 69.

Uma *reprodução* é a repetição de outra coisa igual.

Uma reprodução *perfeita* é a repetição de si mesma ao ponto em que é impossível dizer qual é a diferença entre ela e o original. Quando Cristo esteve na Terra, foi necessário revelar o carácter de Deus de modo a tornar possível aos mundos não caídos verem quão grande era a enganadora descrição que Satanás fazia de Deus. Essa manifestação do carácter de Deus em Cristo tinha que ser tão completa e perfeita que ver Cristo era ver Deus. Se a revelação que Cristo fez do carácter de Deus tivesse sido defeituosa ou incompleta no menor grau, então Ele nunca podia ter êxito em libertar o Universo não caído das garras dos enganos de Satanás.

Isso não devia ser tão difícil de compreender, pois todos compreendem a perfeição do carácter de Cristo. É muito mais difícil crer, quando olhamos para nós mesmos com todos os nossos defeitos que Cristo possa ser assim reproduzido *num* instrumento humano de modo que ver essa pessoa é ver a própria natureza e carácter de Deus.

Contudo, é assim que deve ser, pois se é necessária uma manifestação *perfeita* do carácter de Deus para libertar os seres sem pecado do Céu e dos mundos não caídos e assim alcançar o propósito do grande conflito *para eles*, para libertar a humanidade do poder dos enganos de Satanás e cumprir

o propósito do grande conflito *pele homem caído* será preciso nada menos do que *a mesma perfeita* e completa manifestação do carácter de Deus. Nada menos do que isto trará o fim da obra e é por isto que “Cristo aguarda com fremente desejo a *manifestação de Si mesmo* em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo *se reproduzir perfeitamente* em Seu povo então virá para reclamá-los como Seus.” *Parábolas de Jesus*, 69.

Será então que “dotada da justiça de Cristo, a igreja é Sua depositária, e em *plena e final* manifestação devem *nela aparecer* a riqueza de Sua misericórdia, amor e graça.” *Testemunhos para Ministros*, 18.

Enquanto não for compreendido que a obra apenas pode ser finalizada pela manifestação do próprio carácter de Deus *tal como esse carácter é*, ao ponto em que olhar para os verdadeiros filhos de Deus nos últimos dias é olhar para o carácter de Cristo, não haverá uma verdadeira apreciação da importância deste assunto vital.

Tal apreciação é essencial para estimular diligente exame deste grandioso tema — um estímulo que será animado à medida que a maravilhosa beleza do carácter de Deus se abre perante os nossos olhos atônitos e vimos as nossas vidas sendo mudadas segundo a mesma imagem de glória em glória.

As cenas finais do grande conflito estão precisamente perante nós. Em breve os seus propósitos serão cumpridos para o homem caído tal como o foi para os anjos e mundos não caídos. Nessa última e derradeira obra a verdadeira compreensão e manifestação do carácter de Deus, como esse carácter é, desempenhará um papel tão vital que sem ele não haveria possibilidade da obra ser finalizada. Que todo o verdadeiro filho de Deus então coloque este assunto na sua correcta perspectiva de suprema importância no seu estudo e no desenvolvimento do seu próprio carácter.

Capítulo 5

A Maravilhosa Profecia de Isaías

A *Apocalipse 18* claramente prediz o tempo em que a glória do carácter de Deus será revelada através do Seu povo, quando a última e finalizadora mensagem for dada à perda raça humana. Mas, o livro do *Apocalipse* não é um livro separado do resto da Bíblia. Pelo contrário, “no Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem”. {AA 326}, *Atos dos Apóstolos*, 584. Portanto, a mensagem de *Apocalipse 18* que mostra um povo que revela o carácter de Deus, como última obra na Terra, também deve ser encontrada no Antigo Testamento. É em *Isaías 60* que ela se encontra. Todo o capítulo é merecedor do estudo mais profundo e espiritual, embora nos concentremos aqui nos primeiros três versículos.

“Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.

“Porque, eis que as trevas cobriram a Terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti.

“E as nações caminharão à tua luz, e os reis, ao resplendor que te nasceu.” *Isaías 60:1-3*.

É verdade que estes versículos têm uma aplicação inicial à obra e ministério de Cristo. Alguns portanto, têm a tendência para aplicá-los apenas a Cristo, porém quando se compreende que o povo da última igreja na Terra tem que revelar o carácter de Deus exactamente como Ele fez, a fim de cumprir pelo homem caído o que Cristo cumpriu pelo não caído, será visto que os textos têm uma aplicação igual ao último movimento de Deus na Terra.

Deus enviou Jesus Cristo para revelar o Seu carácter e libertar os anjos. Ele deu-Lhe a luz da verdade e a glória completa do Seu carácter. Então disse: “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória [carácter] do Senhor vai nascendo sobre ti.”

Precisamente do mesmo modo, Deus está a chamar um povo nestes últimos dias. A esse povo está Ele a dar a luz da Sua verdade e nele está a construir a perfeita reprodução do Seu carácter. Tal como disse a Cristo, também Lhe dirá, “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória [carácter] do Senhor vai nascendo sobre ti.”

Em *Parábolas de Jesus*, 415, {PJ 226}, está escrito, “A Seu povo, diz Ele; ‘Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.’ *Isaías 60:1*”.

A ilustração das coisas aqui profetizadas é de grande contraste. Por um lado é a ilustração de grandes trevas e por outro uma gloriosa iluminação. As trevas cobrem a Terra e grandes trevas cobrem o povo, porém em contraste e como uma resposta a tudo isso, o Senhor levanta-Se sobre o Seu povo e então a Sua glória — o Seu carácter — será visto sobre ele.

Seria impossível o carácter de Deus ser visto sobre eles se já não estivesse lá para ser visto. Portanto, este versículo é uma repetição do que já foi compreendido em *Apocalipse 18:1* e *Parábolas de Jesus*, 69, {PJ 29}. O carácter ou justiça de Deus *não* é algo que é simplesmente creditado à pessoa mas de facto possessão sua. É na realidade construído na pessoa. Torna-se o seu próprio carácter, de modo que quando outros olham para ela vêem a glória do carácter de Deus tal como se estivessem olhando para o grande original. Ali ver-se-á o mesmo amor, justiça, rectidão, paz, bondade, honestidade; a mesma disposição para salvar e nunca destruir.

Em *Parábolas de Jesus* onde se comenta *Isaías 60:1* e *2*, a profecia da experiência das cinco virgens prudentes é descrita como uma ilustração adicional da verdade revelada na profecia de Isaías.

O paralelo é desde logo evidente. Ambas as profecias relatam os acontecimentos finais, dizendo como as coisas serão precisamente antes da vinda do Filho do homem. A mesma descrição do afastamento das trevas pela clara luz é apresentada, pois as virgens são mostradas como que dormindo até à *meia-noite* que é a hora da noite de maior *escuridão*. Então, levantam-se com as suas lâmpadas com as quais iluminam o caminho para a vinda do Noivo. O noivo não podia percorrer o Seu caminho se este não fosse iluminado. Ele depende dessa luz para que a Sua vinda se torne possível.

Neste livro, a ênfase foi colocada no conceito que a justiça de Deus deve ser formada dentro do agente humano, tal como foi no carácter de Cristo e nada menos do que isto será suficiente para finalizar a obra. Notai como esse pensamento é ainda mais fortalecido nestes comentários acerca da parábola das dez virgens.

“Na parábola, as virgens prudentes tinham óleo em seus vasos com as lâmpadas. Suas lâmpadas arderam com chama contínua pela noite de vigília. Contribuíram para aumentar a iluminação em honra do esposo. Brilhando na escuridão, auxiliaram a alumiar o caminho para o lar do esposo, para a ceia de bodas.

“*Assim*, devem os seguidores de Cristo irradiar luz nas trevas do mundo. Pela atuação do Espírito Santo, a Palavra de Deus é uma luz quando se torna um poder transformador na vida de quem a recebe. Implantando-lhes no coração os princípios de Sua Palavra, o Espírito Santo desenvolve *nos* homens *os predicados de Deus*. A luz de Sua *glória* — Seu *caráter* — deve refletir-se *em* Seus seguidores. *Assim* devem glorificar a Deus, e iluminar o caminho para a mansão do esposo, para a cidade de Deus, e para o banquete de bodas do Cordeiro.” {PJ 226}, *Parábolas de Jesus*, 414.

Não pode haver engano na mensagem contida nestas linhas. Aqui se mostra como a Palavra de Deus se torna uma luz capaz de afastar as trevas que estão ao redor. Para que assim aconteça é preciso muito mais do que a mera compreensão da teoria da verdade e depois pregá-la a outros. A palavra de Deus é uma luz quando se torna um poder transformador *na vida* do recebedor. Isto fala de uma obra interior do agente transformador do Espírito Santo. Isto é a mudança da natureza interior da pessoa de modo que *ela mesma* fica transformada à imagem de Deus.

Isto não é uma falsa interpretação destas palavras, tal como a frase seguinte, dando explicação adicional mostra claramente: “Implantando-lhes no coração os princípios de Sua Palavra, o Espírito Santo desenvolve *nos* homens *os predicados de Deus*.”

Os atributos de Deus são os Seus característicos, Sua glória, Suas disposições, Suas qualidades, embora não sejam os Seus grandes poderes dinâmicos. Que ninguém pense que a implantação da vida e carácter de Deus no crente lhe dá o poder de dar vida, o poder criador. Deus é o Pai. Nós somos os filhos. Tal como os pais têm poder de se reproduzirem, ao passo que os filhos que geram não têm este poder enquanto não forem adultos, assim nós, como filhos de Deus para sempre, não temos o poder de reproduzir vida espiritual ou criar. Esse é o poder do Pai — Deus, Cristo e o Espírito Santo.

A reprodução está no carácter e estes atributos que estão em Deus são, por sua vez, formados *no* próprio crente de modo que *ele* se torna como Deus neste sentido. Prosseguindo este pensamento a pena da inspiração não deixa espaço para a compreensão errada desta importante verdade. Uma vez que o Espírito Santo tenha implantado os atributos de Deus *na* pessoa, então chegou o momento para essas qualidades poderem ser vistas. Esta é a mensagem da próxima frase. “A luz de Sua *glória* — Seu *caráter* — deve refletir-se *em* Seus seguidores.” Primeiramente ela deve ser desenvolvida no *interior*. Em seguida *reflete-se*.

Comparai estas três expressões para ver como todas elas falam da mesma mensagem nos termos mais claros.

“... Vi descer do céu outro anjo [movimento de pessoas]... e a terra foi iluminada com a sua [do povo] glória.” *Apocalipse* 18:1.

“... Sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti.” *Isaías* 60:2.

“A luz de Sua glória — Seu carácter — deve refletir-se *em* Seus seguidores.” {PJ 226}, *Parábolas de Jesus*, 414.

“Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.” {PJ 29}, *Parábolas de Jesus*, 69.

O pensamento desenvolvido e salientado no último capítulo e neste é que será pela manifestação do carácter de Deus através dos instrumentos humanos na fase final do grande conflito que o fim virá. E será fortemente declarado que o propósito do grande conflito não se pode realizar a não ser que a demonstração do carácter de Deus seja dada. Qualquer adiamento nesta revelação de Deus irá também atrasar o regresso de Jesus.

No parágrafo de *Parábolas de Jesus*, 414 em consideração, desenvolve-se este mesmo conceito. Vamos traçar de novo o desenvolvimento do argumento neste parágrafo.

“Pela atuação do Espírito Santo, a Palavra de Deus é uma luz quando se torna um poder transformador na vida de quem a recebe.

“Implantando-lhes *no* coração os princípios de Sua Palavra, o Espírito Santo desenvolve *nos* homens *os predicados de Deus*.

“A luz de Sua glória — Seu carácter — deve refletir-se *em* Seus seguidores.

“*Assim* devem glorificar a Deus, e iluminar o caminho para a mansão do esposo, para a cidade de Deus, e para o banquete de bodas do Cordeiro.”

Podia algum ensinamento ser mais claro que este? Desejam conhecer o caminho pelo qual podem glorificar a Deus, iluminarem o caminho para a mansão do esposo, para a cidade de Deus, para o banquete de bodas do Cordeiro?

Então aqui está a resposta.

Não é apenas pelo tornar-se conhecedor da teoria da verdade, nem por tentar envolver-se a si mesmo no manto da justiça de Deus, nem por cerimónias ou formalidades, nem por lealdade a um código de religião. Não é por nenhuma destas coisas, se bem que algumas partes de tudo isto possam ter o seu lugar.

É pela obra de transformação do Espírito Santo no próprio carácter de Deus, Seus atributos, Sua justiça no crente. Esta é a forma pela qual Ele apressará e trará o fim do grande conflito e preparará o caminho para a vinda do Esposo. Exactamente pelos mesmos meios pelos quais o Salvador cumpriu a Sua missão, devem os seguidores de Cristo no conflito final do mesmo modo cumprir a sua missão.

Não foi a posse da mera teoria que deu poder à Sua obra e ensino. Foi porque Ele vivia a encarnação dessa verdade.

“Em conformidade com o que Ele ensinava, vivia. ‘Eu vos dei o exemplo, disse Ele a Seus discípulos, para que, como Eu vos fiz, façais vós também.’ ‘Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai.’ João 13:15; 15:10. Assim, em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração e apoio. E mais do que isto: *Ele era aquilo que ensinava*. Suas palavras eram a expressão não somente da experiência de Sua própria vida, mas era a verdade. *Era isto que Lhe dava poder aos ensinos.*” *Educação*, 78, 79.

Será isto também que dará poder ao nosso ensinamento. “Foi sobre a Terra que o amor de Deus foi revelado por meio de Cristo. É sobre a Terra que Seus filhos devem refletir este amor mediante uma vida irrepreensível. *Assim* serão os pecadores levados à cruz, a fim de contemplarem o Cordeiro de Deus.” {AA 186}, *Atos dos Apóstolos*, 334.

Verdadeiros e necessários como estes princípios têm sido na história do passado, sê-lo-ão ainda mais na mais negra hora de todas que está a aproximar-se. “A vinda do esposo foi à meia-noite — a hora mais tenebrosa. Assim a vinda de Cristo será no período mais tenebroso da história deste mundo.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 414.

Se bem que pareça uma questão desnecessária, é boa altura para perguntar qual será a natureza das tenebrosas trevas destes últimos dias. A resposta que vem de igual modo muito rapidamente é que serão trevas morais em que homens e mulheres praticarão toda a iniquidade imaginável. Tal resposta é correcta, embora falhe em dar a completa ilustração das trevas. Que será um tempo da pior

espécie e trevas morais está testemunhado na seguinte frase do parágrafo anterior. “Os dias de Noé e de Ló ilustram a condição do mundo exatamente antes da aparição do Filho do homem.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 414.

Mas, o que os homens *fazem* é apenas o resultado *daquilo que são*. Portanto, esta iniquidade é o resultado de problemas mais profundos. As frases que se seguem fazem recuar isto ainda mais no passado, à fonte do problema. Aqui é revelado que serão as trevas dos enganos de Satanás, heresias e falsos ensinamentos tal como nunca houve no passado até que a grande apostasia se desenvolva nas profundas trevas da meia-noite.

“Apontando para esse tempo, declaram as Escrituras que Satanás trabalhará com todo o poder e ‘sinais e prodígios de mentira’. 2 Tessalonicenses 2:9, 10. Sua obra é revelada claramente pelas trevas que se adensam rapidamente, pela multidão de erros, heresias e enganos destes últimos dias. Satanás não só leva cativo o mundo, porém suas ilusões infectam até as professas igrejas de nosso Senhor Jesus Cristo. A grande apostasia se desenvolverá em trevas tão densas como as da meia-noite, impenetráveis como o breu.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 414.

É assim porque, em primeiro lugar, há a proliferação da multidão dos erros de Satanás e a sua aceitação pela vasta maioria que a iniquidade abundará. As trevas do engano são a origem das trevas do comportamento.

Tão grandes como serão essas trevas, não extinguirão a luz que por seu lado brilhará com maior fulgor ainda. “Para o povo de Deus será uma noite de prova, noite de lamentação, noite de perseguição por causa da verdade. Mas nessa noite brilhará a luz de Deus.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 414, 415.

Mas não somos deixados a pensar a respeito da natureza das trevas desses falsos ensinamentos apenas em termos gerais. Pelo contrário, é-nos dito especificamente o que elas são. É à medida que a natureza exacta daqueles enganos é revelada que compreendemos a causa real das trevas morais no mundo no final.

“Eis’, diz a Escritura, ‘que as trevas cobriram a Terra, e a escuridão os povos, mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti.’ Isaías 60:2.

“A escuridão *do falso conceito acerca de Deus* é que está envolvendo o mundo. Os homens estão perdendo o conhecimento de Seu carácter. Este tem sido mal compreendido e mal interpretado.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 415.

Estas são então as trevas que cobrirão todo o mundo nos últimos dias. É o falso conceito acerca do carácter de Deus. Satanás estará ainda usando os mesmos meios no fim, como usou precisamente em toda a história do passado. Ele sabe que a rebelião contra Deus começou, desenvolveu-se e foi mantida pela ignorância quanto ao carácter de Deus, ao passo que a dissipação desse erro fará os homens regressarem à fidelidade a Deus. Ele sabe que o grande conflito nunca pode terminar se o homem se não for libertado das ideias erradas a respeito do que Deus realmente é, portanto Ele usa esforços sobre-humanos para fechar o homem nas densas trevas do falso conceito acerca de Deus.

Não há grandes conflitos, há apenas o grande conflito. A natureza da batalha não muda de era para era. Satanás usa os mesmos métodos de geração em geração e a resposta de Deus também é sempre a mesma. A Sua resposta em todas as eras e dispensações é revelar a verdade a respeito do Seu carácter e Sua justiça.

Estamos agora a viver no próprio tempo do cumprimento das profecias de *Isaías 60*, *Apocalipse 18* e parábola das dez virgens. À nossa volta, trevas cobrem a Terra e grandes trevas cobrem os povos. A Terra está cheia da mais terrível ignorância sobre a verdadeira natureza do carácter de Deus e os homens estão a comportar-se de acordo com essa má interpretação.

Tão certamente, então, como estamos a viver neste tempo da história humana, assim podemos esperar ver o Senhor respondendo aos enganos de Satanás. Chegou o tempo de limpar os falsos conceitos a respeito do carácter de Deus para que Ele possa ser revelado *tal como é*. Chegou o tempo para a proclamação de uma mensagem acerca do carácter de Deus e Sua justiça.

Não é uma inútil expectativa antecipar isto, pois “*Neste tempo* deve ser proclamada uma mensagem *de Deus*, uma mensagem de influência iluminante e capacidade salvadora. *O carácter de Deus deve tornar-se notório*. Deve ser difundida nas trevas do mundo a luz de Sua glória, a luz de Sua benignidade, misericórdia e verdade.

“Esta é a obra esboçada pelo profeta Isaías, nas palavras: ‘Tu, anunciador de boas-novas a Jerusalém, levanta a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: *Eis aqui está o vosso Deus*. Eis que o Senhor Jeová virá como o forte, e o Seu braço dominará: eis que o Seu galardão vem com Ele, e o Seu salário diante da Sua face.’ Isaías 40:9, 10.

“Os que aguardam a vinda do esposo devem dizer ao povo: ‘*Eis aqui está o vosso Deus*.’ Os *últimos* raios da luz misericordiosa, a *última* mensagem de graça a ser dada ao mundo, *é uma revelação do carácter do amor divino*. Os *filhos de Deus* devem manifestar *Sua* glória. Revelarão em sua vida e carácter o que a graça de Deus por eles tem feito.” {PJ 225}, *Parábolas de Jesus*, 415, 416.

Se pelo menos compreendêssemos a magnitude e glória da promessa que aqui nos é dada na Palavra inspirada, os nossos corações irromperiam em ilimitado louvor a Deus pelas Suas inexplicáveis provisões quando elas são mais necessárias. “*Neste tempo*” o próprio tempo em que as trevas dos enganos de Satanás estão envolvendo o mundo, uma mensagem *de Deus* deve ser anunciada.

Sejamos mui gratos pela mensagem não vir do homem ou de Satanás mas do próprio Deus. Portanto, ela apenas pode ser a verdade – salvadora, iluminante, enobrecedora e libertadora.

Não é uma mensagem para ser argumentada, debatida ou contestada. É uma mensagem a ser *proclamada*, não apenas pelos lábios mas pelo testemunho tornado eficaz pela formação do próprio carácter de Deus no interior, de modo que quando os homens olham para o mensageiro vejam a revelação do carácter de Deus. Então chegam ao conhecimento de Deus como Ele é, à medida que O vêem por si próprios reflectido pelos corações transformados dos crentes.

Esta mensagem é a *última* a ser dada aos mortais. Enquanto a *última* advertência e as palavras suplicantes são dadas, serão palavras que proclamam o carácter de Deus. “Eis aqui está o vosso Deus,” será a nota chave de todo o acontecimento. Assim e apenas assim, acabará a obra com a derrota final de Satanás e suas hostes.

A vinda desta mensagem de Deus já não é uma expectativa profética, mas uma realidade presente. A verdade tem vindo carregada de credenciais divinas. Tem sido verificado que ela tem feito precisamente aquilo que Deus disse que faria. “Uma mensagem de influência iluminante e capacidade salvadora.”

Este livro é a apresentação desta luz acerca do carácter de Deus. A revelação das grandes evidências e verdades aqui incluídas não apareceram num momento, mas são anos de formação. Com mais cuidado do que em qualquer outro tema, todo o conceito foi cuidadosamente comparado com os correctos princípios da interpretação bíblica até que uma maravilhosa harmonia foi revelada.

Não possuíamos qualquer conhecimento da predição que essa mensagem viria, quando a primeira luz desta verdade se abriu num mais completo entendimento. De outro modo poderíamos ter procurado uma mensagem de nós mesmos sobre o carácter de Deus e procurar cumprir a profecia pelas nossas próprias invenções. Pelo contrário, primeiro veio a luz da mensagem e depois descobrimos que ela tinha vindo em cumprimento das predições da Bíblia e do Espírito de Profecia. Quão animados e encorajados estávamos por ver que as próprias coisas que ensinávamos, o Senhor havia predito que seria ensinado.

A mensagem é de Deus. É iluminante na sua influência e salvadora no seu poder. É a grande luz que unicamente pode dispersar as trevas com que Satanás está enchendo o mundo. É o meio pelo qual a obra do evangelho pode finalizar, os homens serem libertados dos sofismas de Satanás e o propósito do grande conflito cumprido no que diz respeito agora ao homem.

Em oração esperamos que cada leitor nesta altura tenha ganho algum conceito quanto à inexprimível importância deste tema ao ponto que cada um seja inspirado a procurar com grande sinceridade e intensidade a fim de compreender e possuir esse maravilhoso carácter.

Capítulo 6

A Aproximação ao Estudo de Deus

O carácter é revelado pelo modo como a pessoa actua, pela simples razão que nós fazemos o que fazemos *por causa daquilo que somos*. Deve levar-se em conta a obra de engano que os seres humanos pecadores praticam, pois muitos são bastante peritos em fazer parecer aquilo que não são. Contudo, chegará o tempo em que toda a máscara se rompe e a pessoa real é vista tal como é.

Em Deus não há engano pois Ele é a verdade. Portanto, o que Ele faz, quando correctamente compreendido, é uma verdadeira e exacta revelação daquilo que Ele é.

Os actos de Deus podem ser divididos em duas partes gerais. Primeiro, houve a revelação de Deus por causa daquilo que Ele fez durante a eternidade do passado quando não havia o problema do pecado, e em segundo lugar, há a revelação do Seu carácter através do que Ele fez em resposta ao aparecimento do pecado.

No modo natural das coisas, conclui-se que estas duas revelações futuras serão maiores durante o grande conflito, pois é sob a pressão de grande teste e dificuldade que as naturezas e capacidades que doutro modo estariam profundamente escondidas na pessoa, são reveladas. Por conseguinte, a mais clara e completa revelação do carácter de Deus foi-nos proporcionada por causa da entrada do pecado. Sendo assim, há alguns que maldosamente têm acusado Deus de deliberadamente introduzir o pecado a fim de Lhe ser dada uma encenação na qual se demonstrasse uma tal profundidade acerca d'Ele que de outro modo seria impossível.

O inimigo de Deus e do homem é o originador destas acusações que o verdadeiro filho de Deus tratará com o completo desdém que merecem. Não obstante, há ainda duas situações nas quais o comportamento de Deus é a revelação do Seu carácter. As condições que prevalecem nestas duas eras são tão diferentes quanto podem ser, porém, Deus continua imutável nas duas. O problema e pressão do aparecimento do pecado fez profundas incursões nos anjos, homens e natureza, mas não provocou a mínima mudança em Deus. Ele “é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” *Hebreus 13:8*. Enquanto esta Escritura se refere directamente a Jesus Cristo, é igualmente verdadeira quanto ao Pai pois, o que se pode dizer de Um é igualmente verdade acerca do Outro.

Deus é imutável e inalterável. Ele declara: “Eu, o Senhor, *não mudo*.” *Malaquias 3:6*. Ele é “... o Pai das luzes, em quem *não há mudança* nem *sombra de variação*.” *Tiago 1:17*. Ele é o “Deus *incorruptível*.” *Romanos 1:23*.

Estas evidências confirmam que Deus não seguiu uma certa linha de comportamento antes da entrada do pecado e depois, quando este apareceu, se empenhou em actividades totalmente desconhecidas antes da rebelião do diabo. Pelo contrário, o aparecimento do pecado apenas revelou de Deus mais das mesmas coisas que Ele sempre tinha feito.

Por não ter havido ocasião para punir, ninguém tem qualquer dificuldade em ver que, antes da queda, Deus nunca o tinha feito. Contudo, depois desse triste dia, um conjunto de coisas totalmente diferentes exigiu de Deus, como responsável Governador de tudo, uma satisfatória solução permanente. Em virtude da maioria dos homens compreenderem apenas o uso da força como solução, não podem ver Deus fazendo outra coisa senão enviar terríveis punições sobre o culpado. Este é o único caminho que eles conhecem, tendo como resultado que rapidamente interpretam todas as acções de Deus relatadas no Antigo Testamento como sendo deste carácter. Para esses a

declaração que Deus não fez nada depois da queda que não tivesse feito antes, com todas as suas inerentes implicações, será com certeza um testemunho surpreendente difícil de aceitar.

No entanto, ainda assim tem que ser verdadeiro. Doutro modo seríamos forçados a aceitar o pensamento de que o pecado fez mudanças em Deus, obrigando-O, depois do seu aparecimento, a fazer coisas que nunca tinham sido feitas antes. Isto não podia acontecer e Deus continuar a ser um Deus Imutável e Incorruptível.

Alguns podem contrapor que este argumento cai por terra quando se considera que Deus fez algo diferente ao dar o Seu Filho como sacrifício pelos perdidos.

Todavia, quando se compreende correctamente o papel de Cristo na eternidade do passado, ver-se-á que Deus deu o Seu Filho unigénito ao mundo criado para a bênção deste muito antes do pecado entrar no Universo. A encarnação de Cristo na família humana não foi nada de novo para Ele. Foi uma maravilhosa extensão do papel que Ele tinha ocupado na eternidade e da obra que tinha feito eternamente. Desde a eternidade do passado Cristo foi sempre uma dádiva de Deus para as Suas criaturas, mesmo para os mortos, por causa da sua salvação. Acerca disto, mais será revelado à medida que o estudo prossiga.

Tão seguramente como isto é verdade, então também com certeza Deus não fez nada novo quando o pecado apareceu para estabelecer as suas corrupções perniciosas. Portanto, ao estudar o que Deus fez durante as imperturbadas eras, estudaremos aquelas revelações do Seu carácter que encontram a confirmação numa maior exposição dessas mesmas coisas no tempo muito mais difícil que se seguiu.

O estudo do que Deus fez nos dias brilhantes da inocência e harmonia universal é a investigação da constituição do reino que Ele formou numa tal perfeição maravilhosa. Como Deus organizou esse governo, como se relacionou com os Seus súbditos, o que lhes deu e como os governou é uma clara e maravilhosa revelação do Seu carácter. Ele é um Deus perfeito, tem sido assim eternamente e assim será sempre, e portanto, o governo que Ele formou é do mesmo modo perfeito. É o único governo *perfeito* que jamais existiu. É o modelo a copiar por todos os governos e eles apenas podem ser governos perfeitos se unicamente forem formados à semelhança divina.

Antes de começarmos o estudo desse governo, deve ser dada uma nota de aviso. Isto é necessário por causa da tendência humana universal de formar conceitos acerca do governo de Deus segundo a forma humana de governar. Estamos muito familiarizados com esta forma de governar devido ao contacto pessoal. É tudo o que nós verdadeiramente conhecemos e por isso temos a tendência para pensar que Deus e o Seu reino são a mesma coisa.

Mas, a Palavra de Deus adverte contra este perigo e orienta-nos para uma aproximação do estudo dum ponto de partida diferente. Deus diz muito claramente: “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor.

“Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” *Isaias 55:8, 9.*

Nos Seus esforços para revelar ao homem os princípios do reino de Deus, Cristo teve que enfrentar sempre o problema que não havia nesta Terra o que comparar com esse reino. Tudo aquilo com que o homem estava familiarizado, em vez de dar um conceito correcto desse reino, apenas servia para dar conceito errado. Portanto Cristo disse: “A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o representaremos?” *Marcos 4:30.*

“O governo do reino de Cristo *não é como qualquer governo terrestre.* É uma representação do carácter daqueles que compõem o reino. ‘A que assemelharemos o reino de Deus?’ perguntou Cristo, ‘Ou com que parábola o representaremos?’ *Nada na Terra Lhe servia de comparação perfeita.* Sua corte é aquela onde o santo amor preside, e cujos ofícios e decretos são adornados pelo exercício da caridade. Ele encarrega os Seus servos de levar compaixão e piedosa bondade, Seus próprios atributos, em todo o Seu trabalho e a encontrar sua felicidade e satisfação em reflectir o amor e afectuosa compaixão da natureza divina a todos aqueles com quem se associam.” *Review and Herald, 19 de Março de 1908.*

“‘A que’, perguntava Cristo, ‘assemelharemos o reino de Deus? ou com que parábola o representaremos?’ Marcos 4:30. *Ele não podia empregar os reinos do mundo como uma similitude.* Na sociedade *nada achou* com que o pudesse comparar. Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção. Este reino deve alevantar e enobrecer a humanidade. A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles a quem ajudam e abençoam.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos, 12.*

Houve sempre o perigo de que os apóstolos pudessem perder de vista os princípios do reino da justiça. Jesus procurou ensinar-lhes as grandes diferenças entre esse reino e o reino dos homens, como está escrito:

“Para que os discípulos não perdessem de vista os princípios do evangelho, Cristo lhes narrou uma parábola ilustrativa da maneira como Deus procede com Seus servos, e o espírito com que deseja que trabalhem para Ele.

“‘O reino dos Céus’, disse Ele, ‘é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assaliar trabalhadores para a sua vinha.’ Era costume que os homens que procuravam trabalho esperassem nas praças, e lá iam os empreiteiros procurar servos. O homem da parábola é apresentado como indo a diferentes horas a contratar operários. Os assalariados nas primeiras horas concordaram em trabalhar por uma soma combinada; os assalariados mais tarde deixaram o seu salário à discrição do pai de família.

“‘Aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros. E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um. Vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas do mesmo modo receberam um dinheiro cada um.’

“O *procedimento* do pai de família com os trabalhadores em sua vinha representa o de Deus com a família humana. É *contrário* aos costumes que prevalecem entre os homens. Nos negócios mundanos, a compensação é dada de acordo com o trabalho executado. O trabalhador espera que lhe seja pago somente aquilo que ganhou. Mas na parábola, Cristo estava ilustrando os princípios de Seu reino — um reino não deste mundo. Ele *não é regido* por qualquer norma *humana*. Diz o Senhor: ‘Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos.... Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos.’ Isaías 55:8, 9.” {PJ 216.2}, *Parábolas de Jesus, 396, 397.*

Assim, na Sua Palavra, o Senhor avisou-nos para não pensarmos no reino de Deus nos termos dos reinos terrestres. É impossível aprender acerca do celestial pelo terreno. Isto não é possível. Qualquer que tente fazê-lo tanto consciente ou inconscientemente, certamente será levado a uma incorrecta compreensão da natureza do reino de Deus.

Poucos, se alguns, *conscientemente* começam o estudo do governo de Deus deste modo. O estudante nem sequer questiona esta aproximação porque, em toda a sua vida, não conheceu outros reinos senão os terrestres. Começa o estudo do celestial com ideias claramente já estabelecidas na sua mente quanto ao que um reino tem que ser. As Escrituras são lidas à luz desta compreensão e o resultado é um ponto de vista sobre Deus oposto à realidade.

Os discípulos de Cristo levaram muito tempo a vencer este problema. Desde os seus primeiros dias ouviram os seus guias falarem do reino do Messias. Nenhuma dúvida se levantou a respeito da constituição desse reino. Era tomado como garantido que seria igual aos reinos que os rodeavam, e como liam no Antigo Testamento e todos os versículos que descreviam esse reino eram mal interpretados à luz desses falsos conceitos.

Quando os discípulos se juntaram a Cristo, esta má compreensão da verdadeira natureza do reino e portanto do carácter de Deus, provou ser o maior obstáculo para entrarem em completa proximidade com Cristo na Sua missão divina. Colocou sobre Cristo muitos fardos desnecessários,

acrescentou tristeza e terrível sofrimento. Apesar dos Seus contínuos esforços em favor deles, não foram libertados desta falsa posição senão depois da ressurreição.

Nenhuma lição do passado devia ser aprendida com maior cuidado do que a lição da experiência destes homens. Devemos temer muito, a menos que, também comecemos o estudo do reino de Deus com as mesmas ideias e noções preconcebidas nas nossas mentes. Se o fizermos, então certamente obteremos uma ideia errada. Isto por seu turno tornará impossível suportar a prova que está perante nós, porque está escrito acerca do último povo bem sucedido: “A fim de suportarem a prova que está diante deles, devem compreender a vontade de Deus como se acha revelada na Sua Palavra; revelada na Sua Palavra; *só* o poderão honrar tendo uma *concepção correcta* do Seu *carácter, governo e propósitos*, e agindo de acordo com estes.” *O Grande Conflito*, 593.

Deste modo, o próprio princípio do estudo da constituição do governo de Deus é conversão ao entendimento que o reino de Deus é diferente. É único. Não há nada neste mundo com que o possamos comparar. Assim que esta convicção for ganha de modo que a tendência para tomar as condições terrestres como linha orientação para compreender o celestial tenha sido destruída, podemos aproximar-nos do estudo com mentes puras e limpas para receber a correcta compreensão do carácter de Deus como revelada na constituição do Seu reino.

Reinos terrestres têm de facto uma referência valiosa no sentido que nos dizem o que o reino de Deus *não é*. Por outras palavras, onde quer que vejamos o reino de Deus e o reino dos homens sob o mesmo aspecto, podemos saber que nos afastámos do verdadeiro conhecimento do reino de Deus.

Portanto, com as mentes puras e limpas, dêmos início ao estudo de Deus e Seu maravilhoso reino. Não permitamos que nos encontremos na classe dos que “entretanto, deixam de ter uma compreensão satisfatória a respeito do grande problema do mal, devido a terem a tradição e a interpretação errónea obscurecido o ensino da Bíblia relativo ao *carácter* de Deus, à *natureza do Seu governo*, e aos *princípios que regem o Seu trato com o pecado*.” *O Grande Conflito*, 492.

Capítulo 7

A Constituição do Governo de Deus

O título completo deste capítulo é: “A Constituição do Governo de Deus tal *como era antes da entrada do pecado*.” Tal estudo é uma *introdução* essencial para compreender o governo de Deus como era *depois* de iniciar a rebelião. Enquanto essa investigação prossegue, deve-se manter continuamente em mente que “devido a terem a tradição e a interpretação errônea obscurecido o ensino da Bíblia relativo ao carácter de Deus, à natureza de Seu governo, e aos princípios que regem Seu trato com o pecado.” *O Grande Conflito*, 492.

Cada uma destas tradições e interpretações errôneas de Deus foram autoria de Satanás. Isto explica que, quando Cristo veio à Terra, a apresentação *que Ele fez de Deus foi totalmente oposta* daquela dada por Satanás como está escrito, “Apresentou aos homens *exactamente o contrário* das representações do inimigo quanto ao carácter de Deus. ...” *Fundamentos da Educação Cristã*, 177.

Portanto, se verificamos que a verdade nesta questão é *como ela está escrita nas Sagradas Escrituras*, então veremos o que é *exactamente* contrário aquilo que geralmente se crê. Isto quer dizer que entraríamos numa variedade de conceitos revistos e opostos do governo de Deus e Seu carácter. Ao mesmo tempo haverá a contínua pressão tradicional para manter teorias procurando arrastar a mente de novo aos velhos caminhos — uma pressão que deve ser conscientemente resistida de modo a chegar à verdade pura.

A totalidade da estrutura do governo de Deus é perfeição. Não pode ser melhorada e, para ela, não há a mais pequena alternativa. O caminho de Deus não é o melhor caminho — *é o único caminho*. Apesar de terem sido propostos outros caminhos e existiram por algum tempo, não podem ser considerados como um caminho de *vida* pois morreram rapidamente devido às suas próprias imperfeições.

Essencial na estrutura do governo divino é a existência da lei. A necessidade está lá por causa da provisão de grandiosos poderes sem os quais a vida seria impossível, mas que têm neles o potencial para a destruição. A lei de Deus, como aprenderemos melhor, é um dom do amor d’Ele para as Suas criaturas, perfeitamente destinada a salvá-las da destruição. Essa lei é perfeita como está escrito;

“A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma: o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices.

“Os preceitos do Senhor são rectos e alegam o coração; o mandamento do Senhor é puro, e alumia os olhos.

“O temor do Senhor é limpo, e permanece eternamente; os juízos do Senhor são verdadeiros e justos juntamente.

“Mais desejáveis são do que o ouro, sim do que muito ouro fino; e mais doces do que o mel e o licor dos favos.

“Também por eles é admoestado o teu servo; e em os guardar há grande recompensa.” *Salmos 19:7-11*.

“E assim a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom.” *Romanos 7:12*.

A perfeita, santa, justa e recta lei é o próprio fundamento do governo de Deus. “No templo terrestre a arca do testemunho tomou seu nome do testemunho — os Dez Mandamentos — que estava dentro dela. Estes mandamentos foram escritos pela própria mão do Senhor, e deu-os a Moisés para os colocar sob o propiciatório, sobre o qual a presença da glória de Deus habitava, entre

os querubins. É portanto evidente que a arca do Seu testemunho no templo celestial também toma o seu título pelo facto que no seu interior, debaixo do propiciatório e do querubim sobre ele, tem lá dentro o original do testemunho de Deus — Os Dez Mandamentos — dos quais na Terra havia uma cópia. Esta santa lei — Os Dez Mandamentos — não são senão a expressão escrita, uma transcrição, do carácter d’Aquele que Se senta sobre o trono, portanto está escrito: —

“O Senhor reina, tremam as nações;

“Ele está entronizado entre os querubins, comova-se a terra.’

“Nuvens e escuridão estão ao redor d’Ele;

“Justiça e juízo são a base do Teu trono,

“Misericórdia e verdade vão adiante do teu rosto.” Salmos 99:1; 97:2; 89:14.” *Ecclesiastical Empires*, 571, 572, por A. T. Jones.

A lei de Deus sendo, como é, o próprio fundamento do Seu trono, a natureza dessa lei e a relação de Deus com ela é um aspecto muito importante do estudo tanto do carácter como do governo de Deus. Considerai então o que a lei é na sua sublime perfeição. Nessa consideração encontraremos diferenças marcantes entre o carácter das leis dos homens e das leis de Deus.

No testemunho acima, A. T. Jones declarou que a lei de Deus é “a expressão escrita, uma transcrição,” do carácter de Deus. Esta verdade não é meramente a sua crença. Isto encontra-se na Palavra de Deus onde está escrito: —

“Sua lei é *um transcrito de Seu próprio carácter*, e é o padrão de todo o carácter.” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus*, 315.

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, *uma transcrição de Seu carácter*, expressão de amor e sabedoria divinos.” {PP 24}, *Patriarcas e Profetas*, 52.

“Ele deu na Sua santa lei uma *transcrição* do Seu carácter.” *Testimonies*, 8:63.

Aqui está uma verdade onde há algo da maior importância. Uma transcrição é reescrever uma coisa num novo local. Não importa se a tendes lido a primeira ou a segunda vez que foi escrita, porque a mensagem será a mesma. Portanto, ao ler a santa lei como uma transcrição do carácter de Deus é o próprio carácter de Deus que está a ser lido. Uma vez que Deus faz o que faz por causa daquilo que Ele primeiramente é, então a lei sendo o que Deus é, é o guia para o Seu comportamento. Deus não fará nada que não esteja no Seu carácter. Por conseguinte, Ele não fará nada que seja contrário à lei.

Tão certamente como a compreensão da lei levará a uma compreensão mais clara do carácter de Deus, também, por sua vez, quanto melhor o Seu carácter for compreendido, maior será a compreensão da perfeição dessa lei. É impossível separar uma da outra e continuar na verdade.

Contudo, há uma tendência muito grave para fazer isto. É tão natural e fácil pensar na lei como algo que Deus decretou como sendo os Seus desejos para o nosso procedimento, mas que têm pouca ou nenhuma implicação sobre a própria conduta d’Ele.

Temos a tendência para pensar deste modo por causa da nossa familiaridade com os legisladores das leis humanas. *Supostamente*, nas democracias modernas, as mesmas leis feitas para controlar o comportamento dos cidadãos, são para ser obedecidas pelos governantes que as fazem. Porém, cada vez mais frequente é levantado o véu que revela que de facto isto não é assim. É visto que os dirigentes são culpados da pior espécie de crimes — subornos, fraudes, roubos, assassinatos e invasão da privacidade individual. O único erro deles não está em fazê-lo mas em serem descobertos. Mas mesmo quando são descobertos não sofrem as penas sofridas pelo homem da rua quando comete os mesmos crimes.

Quanto mais absoluto é o governante, mais aberta e óbvia é esta prática de fazer leis para o povo que não têm em qualquer sentido aplicação para o monarca.

Isto não é assim no governo de Deus. A Sua lei é sobretudo o Seu próprio carácter. Como tal, é a revelação da forma como *Ele actuará* em quaisquer circunstâncias. Então, Ele simplesmente nos diz para nos comportarmos como Ele se comporta. Ele é justo em tudo o que faz. Ele pede-nos que *sejamos e façamos* o mesmo. A *mesma* lei é para Deus *e para o Seu povo*.

Portanto Ele diz-nos, “Porque Eu sou o Senhor vosso Deus; portanto vós vos santificareis e *sereis santos*, porque *Eu sou santo*.” *Levítico 11:44*.

“Mas, *como é santo* Aquele que vos chamou, *sede* vós também *santos* em toda a vossa maneira de viver;

“Porquanto escrito está: Sede santos, porque *Eu* sou santo.” *1 Pedro 1:15, 16*.

A *Versão Revista Uniformizada* diz como segue: “Mas *como* Aquele que vos chamou é santo, *sede* também vós santos *em toda a vossa conduta*; porque está escrito, ‘vós sereis santos, porque Eu sou santo.’”

“*Sede vós* perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus.” *Mateus 5:48*.

“... Em todo o sermão do Monte descreve [Cristo] os frutos desse reino, e agora, em uma sentença, aponta-lhe a origem e a natureza: Sede perfeitos, como Deus é perfeito. A lei não passa de um transunto [transcrição] do carácter de Deus. Contemplai em vosso Pai celestial uma manifestação perfeita dos princípios que são os fundamentos do Seu governo.

“... Ele nos diz que sejamos perfeitos como Ele é da mesma maneira....

“Jesus disse, sede perfeitos *como é perfeito vosso Pai*. Se sois filhos de Deus, sois participantes de Sua natureza, e não podeis deixar de ser semelhantes a Ele. Todo o filho vive pela vida de *seu pai*. Se sois filhos de Deus — gerados por Seu Espírito — viveis pela vida de Deus. Em Cristo habita ‘corporalmente toda a plenitude da divindade’ [Colossenses 2:9]; e a vida de Cristo se manifesta ‘em nossa carne mortal’ [2Coríntios 4:11]. Essa vida em vós produzirá o mesmo carácter e manifestará as mesmas obras que n’Ele produziu. Assim estareis em harmonia com todo o preceito de Sua lei; pois ‘a lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma.’ Salmos 19:7, margem. Pelo amor ‘a justiça da lei’ será cumprida em nós, que não andamos segundo a carne, mas ‘segundo o Espírito.’ Romanos 8:4.” *O Maior Discurso de Cristo, 77, 78. Ênfase original.*

Considerai cuidadosamente a mensagem nestas palavras e as suas implicações.

A lei é uma transcrição do carácter de Deus. Ele guarda a lei não como algo a que está escravizado, mas na expressão natural daquilo que Ele é e portanto, não lhe é possível comportar-se de outro modo. Um carácter que dá expressão a uma lei *santa* é um *carácter* santo. Deus diz-nos para sermos santos como ele é santo de modo que o *nosso* comportamento será como é o *Seu* comportamento. Portanto, nós temos que receber a Sua vida que é o Seu carácter que é a transcrição da lei, por isso a lei está escrita no nosso coração. Então isto “produzirá o mesmo carácter e manifestará as mesmas obras que n’Ele produziu”. Assim não deve haver diferença na essência ou natureza entre o carácter do Soberano Pai do Universo e criaturas que Ele criou para encher esse Universo.

A única diferença está no facto de que esse mesmo amor, misericórdia, justiça, bondade, poder, ternura, ódio ao pecado, etc. que o verdadeiro povo de Deus tem num certo grau, Deus tem num grau infinito. Isto não é em qualquer sentido da palavra trazer Deus aqui ao pé de nós, mas levar-nos a nós até Ele. Ele é o Pai. Nós somos os filhos. Como tal Ele provê para nós o perfeito exemplo de como nós devemos viver, pedindo-nos nada mais do que aquilo que Ele faz primeiramente.

À medida que vimos o melhor que somos capazes através da palavra revelada a eternidade do passado não temos dificuldade em ver que nunca antes do pecado aparecer, Deus se comportou fora da conformidade com a Sua sagrada lei e carácter. É algo inconcebível pensar em Deus agindo fora de harmonia com algum dos mandamentos tal como pôr outro Deus no Seu próprio lugar, levantando imagens para Ele próprio adorar etc. As áreas disputadas em relação ao comportamento de Deus existem de facto a respeito dos mandamentos “Não matarás”, “Não furtarás” e “Não dirás falso testemunho.”

Durante toda a eternidade do passado, sabemos que a morte nunca existiu senão quando o pecado surgiu e trouxe consigo a morte. Deste modo, Deus certamente nunca levantou o Seu poderoso braço para tirar a vida ainda que fosse do mais diminuto organismo no Seu vasto reino. Nem alguma vez praticou qualquer acto enganador ou reteve pela força, ou tirou aquilo que havia dado a qualquer das Suas criaturas.

Pode ser argumentado que não havia necessidade do Senhor destruir a vida de qualquer criatura durante esse tempo porque ninguém se rebelou contra Ele para incorrer na pena de morte. Foi por esta razão, pode ser argumentado, que o Senhor nunca pôs fim a qualquer vida antes da queda dos anjos e depois do homem, porém, quando o pecado entrou de facto, levantou-se uma situação diferente das que jamais existiu e isto *requeria* que o Senhor tomasse acção decisiva para acabar com a rebelião e proteger todo o Universo da corrupção. É afirmado que depois da queda, o estado de coisas, a falta daquilo que antes da eliminação da rebelião excluiu qualquer necessidade da punição capital, deixou Deus sem escolha, senão matar os revoltosos.

Tal argumento não é consistente com as verdades reveladas anteriormente neste capítulo. Conhecedores como estamos da existência destas contendas acerca do carácter de Deus e em antecipação ao seu aparecimento nas mentes especialmente daqueles que têm de há muito assegurado pontos de vista tradicionais do carácter de Deus, apontámos essas evidências claras da Palavra Inspirada.

Essas evidências resumem-se nestas palavras “Eu o Senhor, não mudo,” “O mesmo ontem, hoje e para sempre,” “Em quem não há mudança nem sombra de variação.” Juntai a estas palavras a verdade que a lei é a própria expressão do Seu carácter. Por isso, se a transcrição desse carácter diz “Não matarás”, então como podemos conceber a possibilidade de Deus tirar uma vida?

Certamente, neste ponto passará pela mente do leitor os muitos testemunhos, especialmente no Velho Testamento, onde *aparentemente* Deus desce e, pelo exercício directo e pessoal do Seu grandioso poder, destrói, algumas vezes com grande crueldade, muitos milhares de pessoas. Estamos igualmente cientes destas referências e mais tarde convidar-vos-emos a olhar outra vez para estes incidentes. Eles serão tratados depois de termos estudado a constituição do carácter de Deus tal como era antes do aparecimento da grande rebelião.

Por agora desejamos considerar a natureza desse carácter no reino original e algumas das implicações daquilo que aprendemos.

As Escrituras tornam para sempre claro que o Senhor nunca mudou. Portanto Ele nada fez depois da queda que não fizesse antes, ou do que fará na bem-aventurada eternidade que será restabelecida no futuro próximo.

Portanto, é impossível acreditar na verdade Escriturística que Deus não muda e, correntemente, manter a crença de que Ele tira as vidas dos desobedientes, a não ser que haja uma vontade de ter um pensamento inconsistente. Reconhecer que Deus nunca destruiu antes que houvesse pecado e aceitar a ideia que Ele destrói depois desse aparecimento, é acreditar que Ele mudou. É admitir que com Ele, de Quem está escrito que não há mudança nem sombra de variação, houve variação, uma completa reviravolta. É acreditar que Deus respeitou a lei de certo modo antes de se levantar a iniquidade e depois agiu de modo oposto e diferente dali para a frente. É acreditar que quando o pecado se acabar finalmente, Ele voltará ao Seu modelo de comportamento original.

Precisamente agora o leitor pode sentir disposição para suspender a busca de argumentos aqui porque são tão contrários àquilo que primeiramente acreditou. Nós estamos de acordo de que eles são contrários, pois são os ensinamentos de Cristo e Ele veio para apresentar “aos homens *exactamente o contrário* das representações do inimigo quanto ao carácter de Deus...” *Fundamentos da Educação Cristã*, 177.

Se, nos dias de Cristo, o homem tivesse retido um conhecimento correcto do carácter de Deus, então não teria havido necessidade para o testemunho *tão contrário ao seu entendimento* que Cristo deu de Seu Pai, e se, desde então, o homem tivesse retido a ilustração de Deus como dada por Cristo, não teria havido necessidade para produzir este volume como um esforço directo para fazer voltar as mentes de todos ao modelo divino.

O que foi apresentado até agora foi apenas um vislumbre das evidências a ser consideradas. É importante que todas as evidências sejam consideradas antes das conclusões aqui expostas serem rejeitadas.

Deve ser dada consideração ao modo como Deus guarda a lei. Ele não o faz ao controlar-se a Si mesmo de acordo com um código de comportamento que é alheio à Sua natureza. É o Seu prazer fazer justiça e Ele não está interessado em proceder de outra maneira.

Este é o único tipo de obediência que Deus deseja receber das Suas criaturas — aquilo que procede de uma convicção pessoal que o Seu caminho é o único caminho e de um coração criado à imagem de Deus e como uma transcrição da Sua santa lei.

“Visto que apenas o serviço por amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma *convicção* sobre a Sua justiça e benevolência.” *O Grande Conflito*, 498.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados dependia de sua perfeita harmonia com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas serviço de amor — homenagem que brote de uma apreciação inteligente de Seu caráter. Ele não tem prazer em uma submissão forçada, e a todos confere vontade livre, para que possam prestar-Lhe serviço voluntário.” *O Grande Conflito*, 493. *Patriarcas e Profetas*, 34 {PP 9}.

Deus reconhece que se a obediência à Sua lei tem que ser forçada, então Ele teria uma forma de governo que não era perfeita. Porém, Ele não terá nada que seja inferior à perfeição. Ele está decidido quanto a isto, pois ficará satisfeito apenas com a provisão da total felicidade e prosperidade de todos os Seus súditos. Por conseguinte, no reino de Deus, a força nunca é usada para produzir submissão a Deus ou para acabar com a rebelião. Podemos estar certos disto porque está claramente escrito que assim é.

“Deus poderia haver destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder *compulsor* só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

“O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

“Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há-de servir. Na mudança que se opera quando a alma se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade.” {DTN 328}, *O Desejado de Todas as Nações*, 466.

“Deus não emprega medidas compulsórias; o amor é o meio que Ele usa para expelir o pecado do coração.” *O Maior Discurso de Cristo*, 77.

A mensagem destes testemunhos é muito clara. Eles dizem-nos que “poder compulsor *só* se encontra sob o governo de Satanás.” Se o poder compulsor ou a força são exclusivos de Satanás e seu governo, então *nunca se encontra* no governo de Deus. É-Lhe estranho a Ele. “O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus.” Se existe alguma coisa absolutamente certa, é que *Deus nada fará que seja contrário aos Seus princípios*. O homem fá-lo constantemente, *mas Deus nunca*. Portanto, é preciso ser gravado na mente que por causa do exercício da força ser contrário aos princípios de Deus e Seu governo, *sob nenhuma circunstância* recorrerá Ele à força para resolver qualquer problema.

Com certeza nunca o fez na eternidade no passado antes do pecado aparecer, pois claramente nenhuma situação se levantou que necessitasse disso. Perfeita harmonia penetrava todo o Universo e ninguém saiu dos limites até Lúcifer trair Deus.

Desde a queda, os homens e os demónios têm continuamente usado a força nos seus esforços para resolver os seus problemas, pois este é o caminho de Satanás e dos homens. Eles estão plenamente

convencidos de que as circunstâncias em que estão colocados tornam impossível não usar a força, tanto para sobreviver como para realizar as suas ambições.

As palavras tal como citadas acima são para nós positivas garantias de Deus de que Ele nunca recorre ao uso do poder compulsor. O que Deus diz, é a verdade e todas as Suas acções são consistentes com essa verdade porque, ao contrário dos homens caídos e dos demónios, Ele não diz uma coisa e depois faz outra. Portanto, a confiança devia encher todo o filho de Deus que o uso da força nunca deve ser encontrado do lado de Deus. Deus afirma que é assim. De acordo com isto, devemos simples e implicitamente acreditar que assim é.

É um princípio de fé que a crença nas palavras de Deus seja mantida face às evidências que declaram que a verdade é o oposto. Assim no Velho Testamento, as acções de Deus *parecem dizer* que Ele de facto usou o poder compulsor para obter os Seus fins justos, que recorreu à força para acabar com a rebelião e que deu um exemplo de alguns ao aniquilá-los com castigos terríveis que eram muitas vezes fatais.

A escolha da crença entre as declarações de Deus e a *aparência* do que Ele fez no anfiteatro humano está perante todas as pessoas. A maioria escolhe acreditar *o que pensam ver* em vez daquilo que Deus disse. Portanto, a maior crença universal é que Deus usa a força, que Ele extermina nações completas que O tenham rejeitado absolutamente e que Ele confia no poder compulsor para finalizar a rebelião.

Todavia, o verdadeiro filho de Deus acreditará no que Deus disse independentemente de quaisquer evidências que pelo menos *aparentem* ser o contrário. Deus *disse* que não usa a força ou o poder compulsor, assim ele acredita *nisso*, ainda que não entenda o que Deus realmente fez naqueles incidentes do Velho Testamento. Simplesmente admitirá perante o que desafia a sua fé que embora não compreenda ainda exactamente o que Deus fez, não tem necessariamente de o compreender. Entretanto, assegurará ao inquiridor em dúvida que tem a certeza plena na Palavra de Deus, de modo que pode estar certo que, embora não o possa explicar em pormenor, Deus não faz aquilo que aparentemente *parece* fazer. É assim que a fé opera. É baseada na Palavra de Deus e *não na aparência*. No tempo devido esse crente descobrirá, sob a sábia tutela de Deus, o que Ele fez justamente em cada incidente. Quando isso acontece, verá que Deus não actuou em contrário aos Seus princípios, mas apenas em perfeita harmonia com eles.

Assim cada pessoa hoje pertence a uma ou outra destas duas categorias. Ou é um crente na *Palavra de Deus* ou constrói a sua crença no testemunho da vista e das circunstâncias. É simples saber a qual dos dois pertenceis. Se acreditais nas declarações de Deus que o poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás, que Ele nunca recorre ao uso da força e nunca esmaga até à destruição aqueles que não O servem, então sois filhos da fé.

De outro modo, se acreditais que Deus achou necessário usar a força para destruir os Seus opositores, então sois um incrédulo, porque permitiste que o testemunho da aparência tomasse precedência sobre o testemunho da Palavra de Deus.

Sem dúvida que o testemunho do que é visível e das circunstâncias é muito poderoso. Quando as histórias do Velho Testamento são lidas nas quais se reporta que Deus fez chover fogo do céu e enxofre sobre os sodomitas; que enviou as águas do dilúvio até que todos se afogassem, etc. é fácil e natural acreditar que Deus estava a usar pessoalmente as armas da força.

Mas essa fé pura, a fé de Jesus que se une inabalavelmente à palavra de Deus falada, reconhece que se isto é assim, então Deus é verdadeiramente inconsistente. Ele disse uma coisa mas fez outra. Esta é a acusação que Satanás lançou sobre Deus no Céu e que o grande conflito se destina a eliminar. Se o Senhor agisse contrariamente aos Seus princípios, então, Ele rápida e de maneira efectiva daria a Satanás as próprias evidências que precisava para provar o argumento que procurou apresentar no Céu. Teria sido melhor para o Senhor ter admitido a inconsistência perante Satanás no primeiro caso, do que continuar flagrantemente, pois tudo podia ser visto por todos. Porém, a própria natureza do grande conflito e as questões nele envolvidas, exigem que para triunfar o Senhor tenha que ser absolutamente consistente consigo mesmo. Ele não pode dizer uma coisa e depois fazer

outra. Fazer isso, ainda que num único exemplo, seria perder tudo e dar a vitória a Satanás e seus anjos.

Têm sido as falsas interpretações acerca do comportamento de Deus no problema do pecado, imposto à mente dos homens por Satanás, que fez parecer que o Senhor tem sido inconsistente. Na verdade, não tem havido qualquer inconsistência. Deus tem sido perfeitamente fiel à Sua palavra. Mais ainda, quando as acções de Deus são correctamente avaliadas, confirma-se que os Seus caminhos são tão perfeitos e infalíveis que Ele não tem necessidade de recorrer ao uso da força. Tem havido uma disposição para concluir que há apenas uma única e possível interpretação dos incidentes do Velho Testamento. O que é necessário é uma segunda e mais eficaz investigação desses acontecimentos. Esta procura conduzida de acordo com os princípios correctos de interpretação escriturística, levarão o estudante a conclusões que irão desfazer ideias formadas com base naquilo que *parece* que Deus fez. Verificar-se-á que há diferenças vitais entre aquilo que o Senhor parece ter feito e o que Ele realmente fez. Isto será feito mais tarde quando for dado tempo ao estudo da manifestação do carácter de Deus no Seu relacionamento com o problema do pecado. Por agora o estudo do Seu governo como ele era constituído antes do pecado aparecer tem de continuar.

Agora precisamos de considerar um aspecto muito importante no relacionamento de Deus com os Seus súbditos. Este é um assunto estreitamente ligado e consistente com o facto que qualquer uso de força é contrário aos princípios do governo de Deus e ao propósito e natureza da lei de Deus. Apenas quando estes três assuntos forem estudados em conjunto será possível compreender cada um deles.

Este aspecto vital é o da liberdade, um dos mais preciosos dons desde sempre dado por Deus aos Seus súbditos. Um pouco de reflexão mostrará que tão certamente como Deus não tem intenção de usar o poder compulsor para impor a observância da Sua lei, assim com certeza deixou as Suas criaturas absolutamente livres para servi-l’O ou não. Os dois são consistentes e inseparáveis. Assim que todo o poder coercivo for removido de uma pessoa, é dada então a essa pessoa a completa liberdade de escolher não servir se esse é o seu desejo e vontade.

“Deus jamais compele o homem à obediência. A todos deixa livres para que escolham a quem desejam servir.” {PR 260}, *Profetas e Reis*, 511.

“[Os anjos] contaram a Adão e Eva que Deus *não os compelia a obedecer* — que Ele não removera deles o poder de seguirem ao contrário de Sua vontade; que eles eram agentes morais, *livres* para obedecer ou desobedecer.” *A História da Redenção*, 30.

“Nossos primeiros pais, se bem que criados inocentes e santos não foram colocados fora da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez como entidades livres, capazes de apreciar a sabedoria e benignidade de Seu carácter, e a justiça de Suas ordens, e com *ampla liberdade* de prestar obediência ou recusá-la.” {PP 20}, *Patriarcas e Profetas*, 48.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita harmonia com Seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação de Seu carácter. Ele não tem prazer na obediência forçada; e a todos concede *vontade livre*, para que Lhe possam prestar serviço voluntário.” {PP 9} *Patriarcas e Profetas*, 34, *O Grande Conflito*, 493.

Isto não deve ser compreendido como testemunho de que o Senhor deu às Suas criaturas liberdade para pecar *impunemente*. Há uma doutrina em circulação que ilustra Deus amando tão profundamente que desculpará e protegerá todo o pecado e os pecadores em vez de ver qualquer pessoa perecer. Esta doutrina não deve ser confundida com as posições aqui tomadas. O pecador *morrerá*. Os Céus e a Terra serão destruídos e todo o Universo ficará limpo de toda a mancha de pecado. Porém, não será Deus quem empunhará o chicote da destruição para efectuar isto. Pelo contrário, Ele primeiramente terá avisado todos os seres criados das terríveis consequências inerentes à escolha de tomar o caminho da desobediência. Então, quando o fizerem, Ele fará todos os esforços para os salvar dessa escolha e apenas quando rejeitarem o Seu esforço salvador, *os deixará* por fim à morte.

Observai a relação entre render a Deus um serviço de amor baseado numa convicção inteligente da justiça e bondade de Deus e a concessão da perfeita e completa liberdade a cada um para obedecer ou desobedecer consoante a sua própria escolha. Esta ligação é feita particularmente no último testemunho citado. Curiosamente, o exercício dessa liberdade no sentido errado priva de imediato a pessoa da liberdade, pois o pecado é um cruel senhor que obriga os seus súbditos ao serviço. Não é Deus quem rouba esta liberdade. Este é o trabalho do pecado e de Satanás.

Porém, no lado positivo, apenas onde há completa liberdade de escolha é possível ser prestado um serviço inteligente de amor. Logo que um elemento de compulsão, tal como a ameaça de castigo é incluído, então nesse campo haverá um serviço motivado pelo medo. Os súbditos de Deus, então, obedecer-Lhe-ão por terem medo de não obedecer.

Isto, Deus nunca pode aceitar. Ele sabe que tal reino não pode ser abençoado com interminável felicidade e plena alegria. No Seu reino, cada súbdito tem tal conhecimento da perfeição dos caminhos de Deus que a sua admiração e amor pelo seu Soberano brota espontânea, natural e alegremente em dedicada lealdade. Assim no reino de Deus, perfeito e completamente estabelecido, não há a questão do serviço produzido ser real ou dissimulado. Apenas pode ser genuíno. Assim Deus terá na eternidade vindoura, perfeição, o que todo o monarca terrestre em todo o tempo tem ansiado — a total e amorosa lealdade de todo o seu povo. Tal reino seria um reino abençoado, no qual o perfeito amor e confiança reinariam para sempre. Qualquer governante que tivesse isto podia andar e andaria entre o seu povo sem receio. Dele *não* podia dizer-se “Inquieta se deita a cabeça que usa uma coroa.”

Nunca houve um reino assim, embora alguns se tivessem aproximado disto. Os reinos terrestres têm sempre a tendência para a servidão de uma ou outra forma e procuram manter a lealdade dos seus cidadãos com a ameaça de punição para a desobediência. Nenhum crime é considerado pior do que a traição — deslealdade ao Estado.

Porém Jesus veio para libertar o homem de tudo isto, testificando desta missão nestas palavras, “E conhecereis a verdade, e a verdade *vos libertará*.” “Se pois o Filho vos libertar, *verdadeiramente sereis livres*.” *João, 8:32, 36*.

Jesus Cristo não vem para transferir o pecador de uma forma de servidão para outra. O objectivo de Deus em Cristo é restaurar o reino à sua perfeição original, a perfeição da completa liberdade para servir a Deus. De acordo com isto Jesus disse que se o Filho os libertasse na verdade seriam livres. Aqui Cristo anteviu uma total liberdade para os Seus filhos. Essa é a natureza do reino de Deus, a revelação do Seu propósito de beneficência e amor para com toda a criatura.

A.T. Jones em *Ecclesiastical Empires, 586-588*, apresentou estes princípios com a maior força e clareza.

“Pode ainda ser perguntado: Não podia Deus ter impedido tudo, *criando* Lúcifer e todos os outros de modo que eles não *pudessem* pecar? É certo e perfeitamente seguro responder, *Não podia!* Ter feito criaturas que não pudessem pecar, teria sido privá-los do poder de escolha. Não ter poder de escolha não só é não ser livre para pensar, mas também *incapaz* de pensar. É não ser inteligente, mas apenas uma mera máquina. Tal não podia ter qualquer uso utilidade possível para si mesmo ou para a sua espécie, nem ser de qualquer honra, orgulho ou glória para Aquele que os fez., *criando* Lúcifer e todos os outros de modo que eles não *pudessem* pecar? É certo e perfeitamente seguro responder, *Não podia!* Ter criado seres que não pudessem pecar, teria sido realmente tê-los criado de modo a não poderem escolher. Não ter poder de escolha não é apenas não ter liberdade para pensar, mas ser *incapaz* de pensar. É não ser inteligente, não ser senão uma mera máquina. Tal não podia ser possivelmente de qualquer uso para eles mesmos ou para a sua espécie, nem ser de qualquer honra, louvor ou glória para Aquele que os fez.

“Liberdade de escolha é essencial para a inteligência. Liberdade de pensamento é essencial para a liberdade de escolha. Deus fez os anjos e os homens inteligentes. Ele *fê-los* livres de escolher e *deixou-os* perfeitamente livres para decidir. Ele criou-os livres para pensar *como* quisessem. Deus é o autor da inteligência, da liberdade de escolha e da liberdade de pensamento. E Ele respeitará para

sempre aquilo de que é autor. Ele nunca invadirá por um único fio de cabelo a liberdade de um anjo ou homem de escolher por si mesmo, nem de pensar como decidir. E Deus é infinitamente mais honrado em fazer seres livres de escolher este ou aquele caminho e de pensar de tal modo a tornarem-se maus, do que seria se os fizesse sem a capacidade de pensar ou escolher, de maneira que não seriam inteligentes, mas meras máquinas.

“Pode ainda mais perguntar-se: Como Deus fez os anjos e o homem livres de pecar se assim escolhessem, então não teve que fazer provisão contra a possibilidade desta escolha *antes* de serem criados — não teve Ele que prever a possibilidade do pecado, antes de qualquer criatura ser criada? — Seguramente Ele teve que fazer essa provisão. E *assim fez*. E esta provisão é uma parte essencial desse eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor, que estamos agora a estudar.

“Vamos voltar ao tempo em que não havia nenhuma coisa criada; voltar ao tempo dos eternos conselhos do Pai e do Filho. A existência de Deus não é uma existência de satisfação própria. O Seu amor não é amor por Si próprio. Sua alegria não se realiza enrolando-Se sobre Si próprio, sentando-Se solitário e de forma egoísta. O Seu amor satisfaz-se apenas fluindo para os que o receberão e o desfrutam ao máximo. Sua alegria é cumprida apenas em levar ao Universo infinito cheio de seres abençoados, a própria plenitude da alegria eterna.

“Perante Ele em pensamento, então, antes de haver um único ser inteligente criado, Ele desejou que o Universo se enchesse de criaturas alegres inteligentes, apreciando em pleno o Seu amor. Para isto eles têm de ser livres para escolher *não O servir*, para escolher *não* se deleitar no Seu amor. Elas têm que ser livres para escolhê-l’O ou a si próprios, a vida ou a morte. Mas, isto envolve a possibilidade da entrada do pecado, a possibilidade que alguns optem por não O servir e escolham o caminho do pecado. Devia então Ele recusar fazer a criação porque se o fizesse, teria que ser com a possibilidade do aparecimento do pecado? — Isto seria apenas manter-Se eternamente centrado sobre si próprio e só. Mais do que isto, seria centrar-Se de tal maneira em si mesmo que O levaria a deixar de ser Deus. Pois o que é um deus, ou o que é que ele vale se não pode fazer o que deseja? Que não pode realizar a sua própria vontade? Um deus assim não teria qualquer valor.

“Graças ao Senhor, tal não é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele criou todas os seres livres de escolher e de *pensar como quisessem*; e portanto, livres de pecar *se* escolhessem. E ao mesmo tempo, no Seu infinito amor e justiça eterna, *propôs dar-Se a Si mesmo em sacrifício para remir todos os que pecassem*; e dar-lhes mesmo uma *segunda* liberdade para O escolherem a Ele ou a si próprios, para escolherem a vida ou a morte. E os que pela segunda vez escolhessem a morte deixá-los ter o que escolheram. E os que escolhessem a vida eterna, — o Universo cheio deles, — deixá-los usufruir a totalidade daquilo que escolheram, — a vida eterna, a plenitude de um perfeito amor e a acarinhada preciosa perfeita felicidade para sempre.

“Este é Deus, o Deus vivo, o Deus de amor, o Deus e Pai no nosso Senhor Jesus Cristo que é totalmente capaz de fazer tudo o que deseja *e ainda deixar todas as Suas criaturas livres*. Este é Aquele que desde os dias da eternidade ‘faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade.’ Efésios 1:11. E este é ‘o mistério da Sua vontade, ... que propusera em Si mesmo; de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra, e mesmo n’Ele.’ Efésios 1:9, 10. Este é ‘o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor’ Efésios 3:11.

“A escolha do eu é pecado, servidão e morte. A escolha de Cristo é justiça, liberdade e vida eterna, no reino e propósito do Deus eterno.”

“A liberdade de escolha é essencial para a inteligência.” A prova do testemunho da história dá evidência suficiente quanto à verdade disto. É a obra do evangelho libertar homens e nunca o evangelho foi mais gloriosamente e com sucesso pregado do que nos dias de Pentecostes e daí para a frente até ao declínio da Igreja Cristã. À medida que o poder libertador da verdade era roubado, o mundo foi levado para a Idade Média. A liberdade de escolha era desconhecida quando a hierarquia papal governava o mundo com absoluto despotismo. Esse estado de ignorância e corrupção desenvolveu-se de tal modo que o período teve a denominação de Idade das *Trevas*.

Não pode haver argumento justo para o efeito de que a condição das coisas era devida a outra coisa que não fosse a privação da liberdade do mundo. Contra um argumento desses pode ser apresentada evidência sobre evidência para mostrar que todas as vezes que o homem é despojado das suas liberdades entra num estado de ignorância e trevas. Reciprocamente, sempre que o vivo evangelho de Jesus Cristo liberta o homem, há um grande avanço no conhecimento e desenvolvimento intelectual. Foi a pregação do evangelho no período da Reforma que libertou o homem. Essa obra teve de longe um maior impacto nuns lugares do que noutros. Houve cidades e países em que a influência dominante foi o Protestantismo ao passo que outras se mantiveram nos bastiões do papado. Hoje aquelas áreas onde a influência da Reforma foi mais forte são os lugares onde maiores avanços foram feitos em toda a forma de desenvolvimento intelectual. De facto, a grande vaga de crescente conhecimento veio directamente pela mão da Reforma. A.T. Jones está totalmente certo na sua dissertação que a liberdade de escolha é essencial para a inteligência.

Deus nunca podia ser honrado ou abençoado se enchesse o Seu reino com criaturas sem inteligência. O Seu reino é um reino de luz — não de trevas. Portanto, Ele criou os anjos e os homens inteligentes. Encheu-os de luz e para dar a essa luz o maior alcance no crescimento, deu-lhes, como tinha que fazer para obter isto, liberdade de escolha.

Portanto, “Deus é o autor da inteligência, da liberdade de escolha, e liberdade de pensamento.” Estes são os dons de Deus para as Suas criaturas que são inseparáveis e estão eternamente associados ao Seu domínio. Esses dons não podem ser tirados d’Ele e das Suas criaturas sem mudar toda a natureza do Seu carácter, governo e lei. Isto Deus não fará, pois tornaria a perfeição em imperfeição e condenaria *à destruição* a felicidade e contentamento das Suas criaturas.

Portanto, “Ele nunca invadirá por um único fio de cabelo a liberdade de um anjo ou homem de escolher por si mesmo, nem de pensar como decidir.”

Isto é eternamente verdade acerca de Deus. Ele deu essa liberdade e nunca nem por um único fio de cabelo violará o direito de qualquer das Suas criaturas de escolher o caminho que seguirá. Este é o único modo como Deus podia ter feito e fará. É o único modo pelo qual qualquer iluminado filho de Deus também o obterá. Algo menos do que isto, ou sem ser isto, é menos do que perfeição e portanto menos do que felicidade total.

A concessão desta liberdade por ser essencial ao completo desenvolvimento e felicidade, possui em si mesma terrível perigo. É o perigo de que, a despeito das esmagadoras evidências que o caminho de Deus estava livre do mais leve traço de imperfeição e havia dado a todos a inexprimível alegria e realização, alguns, ou até todos os Seus súbditos escolheriam seguir o seu próprio caminho, tornando-se em demónios de horror e destruição. Porém, mesmo assim apesar de Deus compreender claramente a possibilidade de haver um período em que algumas ou até todas as Suas criaturas escolherem uma terrível experiência com um suposto modo de vida diferente do Seu, não instituiu nem instituiria quaisquer salvaguardas que envolvessem o elemento da força. Ele não teria para eles nada menos do que a perfeição na qual se fundamentam as ilimitadas possibilidades de infinito desenvolvimento. Isso não podia acontecer se não houvesse a plena liberdade de servir a Deus ou servirem-se a si mesmos conforme decidissem.

Quais são as implicações destes pontos na constituição do governo celestial? Até que ponto isto determinou o modo de Deus reagir ao afastamento de qualquer dos Seus súbditos ao escolher outro caminho?

Juntai de novo estes dois princípios — o princípio do uso do poder compulsor e o princípio de dar absoluta liberdade de escolha. Tão certamente como estas duas coisas estão combinadas na constituição do reino de Deus, então com certeza Deus coloca-Se onde *não pode* punir aqueles que fazem o que *Ele disse* que podiam fazer, nomeadamente, escolher outro mestre se o desejassem.

Este é um princípio de muito difícil compreensão para o homem pois ele é muito estranho ao seu modo de pensar. No governo humano existem apenas os legisladores que fazem primeiramente os projectos das leis, e em seguida definem as punições para aqueles que não obedecem e por fim designam o mecanismo para administrar a execução da sentença. Isto é tudo o que se conhece na

experiência dos homens na organização da justiça humana. Por ser tão difícil separar a mente deste conceito, é difícil conceber Deus colocando-se a Si mesmo onde não pode aplicar pessoalmente punições sobre os que praticam o mal.

Governantes civis não garantem a liberdade de escolha a ninguém. As suas ordens são “Obedece, ou sofre às nossas mãos.” Aqueles que fazem a lei são os que punem quem quebra a lei, mas não é assim no reino de Deus. Ele proferiu a lei como expressão de Seu próprio carácter, todavia, é o pecado e a morte que escravizam o transgressor.

Se for possível afastar da mente o conceito humano de modo que os passos dados por Deus ao construir o Seu império possa ser visto desapassionadamente e objectivamente, será visto que para rejeitar totalmente o uso da força e ao mesmo tempo dar a todos, a liberdade de escolha, é estabelecer uma situação onde não seria possível administrar punição e morte para corrigir o problema. Não interessa quanto possa *parecer* que durante o período do Velho Testamento, por exemplo, o Senhor administrou punições como fazem os governantes terrestres, permanece o facto de que um governo constituído por linhas de total rejeição do uso da força como solução, enquanto ao mesmo tempo se dá liberdade de escolha aos seus súbditos, *simplesmente não pode punir aqueles que escolhem seguir outro caminho*. Deus deu-lhes o direito de fazer essa escolha e Ele *não pode puni-los por tomarem decisões que Ele próprio lhes deu liberdade de tomarem*.

Tudo o que Ele pode fazer, antes de fazerem a escolha errada, é trabalhar para os salvar de o fazerem pela revelação dos resultados certos de escolherem outro caminho. É o mesmo trabalho feito pela mãe que solenemente avisa o seu filho das consequências de dolorosas queimaduras que certamente se seguirão se a criança toca num forno quente.

Quando os Seus súbditos entraram num caminho de pecado, Deus fez tudo o que podia para os salvar se escolhessem ser salvos. Ele foi mesmo tão longe ao ponto de dar a Sua própria vida na Pessoa de Seu Filho, de modo que o homem pudesse ter uma segunda oportunidade de escolher vida em vez da morte. A primeira escolha do homem foi feita do lado da justiça e liberdade que deixou em troca da escravidão e morte. A sua segunda escolha é feita do lado oposto de onde ele ou decide permanecer em escravidão e sob sentença de morte, ou voltar para o lado da pureza e vida eterna. Porém a escolha é tão livre no segundo caso como foi no primeiro. A única diferença é que ao fazer a segunda escolha, o homem conhece por experiência a dor do pecado e assim conhece por si mesmo a evidência da verdade da palavra de Deus.

Se pela segunda vez o homem escolhe seguir o caminho sem Deus, então Ele não tem outro recurso senão deixá-los naquilo que escolheram. Notai de novo o modo como esta verdade está expressa nas palavras de A.T. Jones, “Ele criou todas os seres livres de escolher e de *pensar como quisessem*; e portanto, livres de pecar *se* escolhessem. E ao mesmo tempo, no Seu infinito amor e justiça eterna, *propôs dar-Se a Si mesmo em sacrifício para remir todos os que pecassem*; e dar-lhes mesmo uma *segunda* liberdade para O escolherem a Ele ou a si próprios, para escolherem a vida ou a morte. E os que pela segunda vez escolhessem a morte deixá-los ter o que escolheram. E os que escolhessem a vida eterna, — o Universo cheio deles, — deixá-los usufruir a totalidade daquilo que escolheram, — a vida eterna, a plenitude de um perfeito amor e a acarinhada preciosa perfeita felicidade para sempre.” *Ecclesiastical Empires, 588*.

Portanto, “Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito, 36*.

Antes de Lúcifer se rebelar, a sinceridade do dom da liberdade de Deus para todas as criaturas permaneceu sem teste. Naqueles dias, quando ninguém escolhia outra coisa senão o fiel serviço a Deus, era uma questão simples os métodos de Deus operarem. Nunca ninguém pensou acerca da possibilidade de pôr em causa o sistema.

Foi quando esses seres poderosos ficaram sob a liderança de Lúcifer, determinando criar um domínio rival que o primeiro desafio contra a promessa de Deus se levantou. Satanás e os seus seguidores impuseram essa acusação até ao limite extremo, explorando, provando e procurando

alguma fraqueza onde pudessem ganhar um ponto de apoio e fazer cair a organização divina. Deus tinha declarado que os Seus caminhos eram perfeitos, não simplesmente para os dias brilhantes e prósperos, mas em quaisquer circunstâncias possíveis do melhor ao pior. Sob esta examinadora procura, esta interminável pressão, permaneceriam firmes estes princípios ou mostrariam ter falhas? Esta era a questão a ser decidida no grande conflito. Seria visto que Deus tinha que fazer modificações e concessões, que afinal seria forçado a reconhecer que tinha ido longe demais ao conceder tal liberdade completa e teria que a retirar para choverem punições sobre os que cometessem erros?

As trevas em que Satanás fez com que as acções de Deus aparecessem, argumentam que Deus e o Seu modo de proceder não sobreviveu ao teste, que Ele teve de recorrer à força para punir aqueles que exercessem a liberdade que Ele lhes deu de não O servirem e que não era capaz de tolerar o exercício da liberdade de escolha que torna os anjos e o homem capazes de estabelecer um reino rival. O diabo reivindica que já ganhou a batalha, o que seria inteiramente verdade se Deus tivesse feito o que Satanás O acusa de fazer.

Desde logo, o homem em geral aceitou as mentiras de Satanás. Isto dá-lhe suporte para a sua causa. Chegou o tempo em que uma compreensão corrigida das acções de Deus é imperativa.

Tal será apresentado à medida que este estudo prossiga, mas primeiramente deve dar-se consideração a outro facto — às obras da lei de Deus. Tal como já foi testemunhado, a rejeição do poder compulsor, a concessão da perfeita liberdade de escolha para todos e a natureza e propósito da lei de Deus são três coisas tão intimamente relacionadas que devem ser estudadas em conjunto entre si para que qualquer delas seja adequadamente compreendida. Já se estudaram as duas primeiras, agora devemos considerar a última.

Capítulo 8

Uma Lei Perfeita

A perfeição da lei de Deus salienta-se em assinalado contraste com a imperfeição das leis feitas pelos legisladores terrestres.

O defeito e a insuficiência dos homens de leis estão em claro contraste em pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, os homens são obrigados a emitir constantemente novas leis para modificar ou revogar leis antigas. As coisas que a lei proíbe actualmente, serão permitidas num futuro próximo. Comportamentos que são permitidos num país são severamente banidos noutra.

Em segundo lugar, quando reis ou congressos fazem as suas leis, a fim de assegurar que o povo respeite *o governo* e obedeça a essas leis, elaboram uma lista de punições que depois aplicam.

Todavia, estas coisas não são verdadeiras a respeito da lei de Deus. Ela é tão perfeita e completa que não há necessidade de modificações ou adições desde o dia em que foi pela primeira vez apresentada. Os seus princípios são tão completos e abrangentes que, se perfeitamente obedecida, são um interminável padrão tanto para o comportamento divino como para o humano quer no ambiente celestial *ou na situação de iniquidade da Terra*.

A vida de Cristo demonstra amplamente a verdade disto porque Ele guardou os mandamentos do Seu Pai numa condição tão ímpia que foi descrita como o tempo “em que os transgressores” tinham “chegado à plenitude,” *Daniel 8:23*; o tempo em que “O engano do pecado atingira sua culminância. Todos os meios para depravar a alma dos homens haviam sido postos em operação. Contemplando o mundo, o Filho de Deus viu sofrimento e miséria. Viu, com piedade, como os homens se tinham tornado vítimas da crueldade satânica. Olhou compassivamente para os que estavam sendo corrompidos, mortos, perdidos. Estes tinham escolhido um dominador que os jungia a seu carro como cativos. Confundidos e enganados, avançavam, em sombria procissão rumo à ruína eterna – para a morte em que não há nenhuma esperança de vida, para a noite que não tem alvorecer. Agentes satânicos estavam incorporados com os homens. O corpo de criaturas humanas, feito para habitação de Deus, tornara-se morada de demônios. Os sentidos, os nervos, as paixões, os órgãos dos homens eram por agentes sobrenaturais levados a condescender com a concupiscência mais vil. O próprio selo dos demônios se achava impresso na fisionomia dos homens. Esta refletia a expressão das legiões do mal de que se achavam possessos. Eis a perspectiva contemplada pelo Redentor do mundo. Que espectáculo para a Infinita Pureza!

“O pecado se tornara uma ciência, e era o vício consagrado como parte da religião. A rebelião deitara fundas raízes na alma, e violenta era a hostilidade do homem contra o Céu. Ficara demonstrado perante o Universo que, separada de Deus, a humanidade não se poderia erguer. Novo elemento de vida e poder tinha de ser comunicado por Aquele que fizera o mundo.” {DTN 20}, *O Desejado de Todas as Nações*, 36, 37.

Esta era a condição de coisas quando Cristo veio à Terra. Sob aquelas circunstâncias Ele demonstrou que a lei de Deus era o único código de comportamento. Para fazer isto Ele guardou a lei na perfeição provando assim que Satanás mentiu quando declarou que a lei de Deus era imperfeita e necessitava de ser modificada a fim de se adaptar à alteração das circunstâncias. Nesta perfeita adesão aos justos preceitos sob estas condições, Cristo não só provou ao homem caído que a lei não era demasiado difícil para ele observar, mas que ela era um perfeito guia e protecção para todos os que a queriam guardar.

Considerai agora o segundo facto na diferença entre a lei de Deus e as leis dos homens. Esta diferença é que enquanto os homens têm que incorporar os castigos da lei que eles próprios elaboram, com Deus isso não é necessário. No Seu sistema, a transgressão da lei traz em si o seu próprio terrível fruto em sofrimento e por fim destruição.

Não deve ser concluído que Deus deliberadamente a organizou desta maneira. Quando se compreende a razão pela qual Ele formou e deu a lei, será visto que esta era a única forma de o fazer. Essencial para o bem sucedido cumprimento das grandes aspirações dentro das suas criaturas, está a posse do imenso poder. Este poder foi designado apenas para bênção e benefício, mas, inevitavelmente, ele tem em si o potencial de destruição. Sendo a única forma de salvaguardar contra aquele outro e destruidor lado do poder a lei tornou-se essencial. Enquanto o poder for usado em exacta concordância com a lei, não existe problema. Porém, assim que a lei é violada todo o tipo de problemas é levantado. Portanto, Deus não elaborou uma lei com o deliberado sistema de punição construído nela própria, mas, pelo contrário, deu-lhes uma perfeita protecção contra a auto-destruição. Se for escolhido deixar de lado essa protecção então nada há que evite as dificuldades que se seguem. Em primeiro lugar Deus deu o poder e depois a lei para que o pudessem usar com segurança.

Tal como já foi mostrado o poder da coacção, compulsão, uso da força e demais, não têm lugar na obra de Deus e nunca são encontrados sob o Seu governo mas *apenas* sob o governo de Satanás. Semelhantemente, já foi visto que Deus, por estar interessado apenas na obediência voluntária, deu a todas as suas criaturas “ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la.” {PP 20}, *Patriarcas e Profetas*, 48. Seria impossível dar total liberdade de prestar obediência e depois punir uma pessoa por exercer toda a liberdade que lhe foi dada. Punir sob essas condições é negar a total liberdade que fora dada.

Há duas formas pelas quais Deus podia ter administrado punições sobre os que escolhessem não obedecer. O primeiro método seria decretar quais as punições que deviam ser então executadas pela Sua própria acção directa. Isto é o que a maioria acredita que Deus faz.

O segundo método seria hábil e deliberadamente construir na lei, punições que caíssem automaticamente sobre o transgressor. Em linguagem moderna isto chama-se armadilha. O agricultor, por exemplo, tem um canteiro de deliciosos melões a crescer e sabe que, apesar da lei proibir o roubo, os jovens da vila virão de noite para se banquetearem. Por isso, ele instala um rastilho ligado a um potente explosivo. Ele construía na lei uma punição automática que apanhasse e atingisse o que a transgredisse independentemente de qualquer acção da lei.

Este era o caminho que Deus podia ter adoptado a fim de evitar a necessidade de exercer o Seu próprio poder em qualquer acto directo de destruição.

Quer Deus punisse directamente pela Sua própria acção ou indirectamente pela introdução da destruição na lei, estaria ainda a negar que tinha, na realidade, dado aos Seus súbditos “ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la.” Ele deu a liberdade. Portanto, não pode punir alguém que faça uso daquilo que Ele deu.

Se Deus usasse o primeiro método, seria uma clara negação da Sua declaração de liberdade que lhes fora dada. Se Ele usasse o segundo método, então bem podia ser acusado de ter adoptado um comportamento hipócrita pelo qual podia afirmar que não tinha negado directamente a liberdade deles, embora de facto, indirectamente tinha.

Deus não é enganador nem hipócrita. Ele é o Deus da verdade. Portanto, precisa ser claramente compreendido que Ele não desenhou a lei com punições incluídas. Todos os que fizerem parte nas representações finais do carácter de Deus têm que chegar à compreensão do verdadeiro carácter da lei de Deus. As terríveis punições que caem na realidade sobre os violadores dos grandes princípios de Deus são aquelas das quais a lei se destinava a *proteger o homem*, não aquilo que ela se destinava a trazer sobre ele.

O que tem de ser claramente compreendido é que a lei em nenhum sentido é o esforço de Deus para Se proteger na Sua própria posição e autoridade. Deus é tão completamente aberto, tão

completamente desprovido de interesses pessoais, justificação pessoal ou protector de si mesmo sob qualquer forma que nunca podia formular uma lei para se salvar a si mesmo. Não foi algo que Ele tivesse “pensado” como desejo ou prazer *Seu* pelo qual o povo *pudesse* ser identificado como *Seus* súbditos, fazendo a *Sua* vontade e obedecendo aos *Seus* mandamentos. Longe disso! Aquela lei é a obra-prima de protecção do próprio povo. Ela foi tão maravilhosamente desenhada que a obediência assegura absoluta imunidade da enfermidade, sofrimento, tristeza, medo, suspeita, roubo, violência e morte. Por outro lado, a violação dos seus princípios garante a introdução destas coisas na sua pior forma.

Nenhuma destas coisas é invenção de Deus destinada a fazer sofrer o transgressor. “O salário do *pecado* é a morte.” *Romanos 6:23*. É um princípio sólido, universalmente praticado que o servo é sempre pago pelo senhor a quem serve. Se um trabalhador, depois de ter trabalhado diligentemente para o senhor Jones, fosse depois ao senhor Brown para receber o seu salário, enfrentaria uma recusa indignada.

“Não sou responsável pelo salário que o senhor Jones lhe deve,” seria dito categoricamente. “Não pago pelo serviço prestado por si a outro patrão. Se trabalhasse para mim, então pagar-lhe-ia, mas não de outra forma.”

Esta seria uma resposta razoável. É igualmente razoável que os mesmos princípios se apliquem no âmbito espiritual. Ali há dois senhores, Deus e Satanás, ou mais correctamente, a justiça e o pecado. Nenhum destes senhores paga o salário ganho ao serviço do outro.

O salário do pecado é morte e o dom da justiça é vida.

Ninguém necessita ser convencido de que Satanás nunca paga os dons de Deus. Todos os que vivem a vida de justiça sabem que não podem procurar que o diabo pague a mais pequena porção deles. Unicamente Deus pode pagar o dom da vida. Satanás não tem qualquer parte nisto.

Se é tão facilmente visto que o diabo nunca paga os dons da justiça de Deus, então devia ser igualmente claro que o Senhor nunca paga o salário devido pelo pecado aos seus súbditos. Ele é pago unicamente pelo pecado e Satanás. Deus não negocia na morte porque Ele é o dador da vida. Essa é a sua mercadoria e Ele não distribui outra. Ele não paga salários na moeda da morte.

“Doença, sofrimento e morte são obra de um poder antagónico. Satanás é o destruidor; Deus, o restaurador.” *A Ciência do Bom Viver*, 113.

Como Restaurador, “Deus está operando dia a dia, hora a hora, momento a momento, para nos conservar em vida, construir e restaurar-nos.” *A Ciência do Bom Viver*, 112. A lei, então, não foi formada como um instrumento de destruição, mas de salvação. A infeliz atitude de hostilidade em relação à lei será completamente eliminada quando o seu propósito e função forem compreendidos. Então juntamente com o salmista, sairá o louvor, “Oh! quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia.” *Salmos 119:97*.

O Espírito Santo certamente transmitiu ao escritor destas palavras uma visão da lei muito diferente da possuída na generalidade pelo homem. Ele tinha chegado à compreensão que a lei não fora destinada para exaltação e protecção de Deus mas para protecção e bênção da humanidade.

Nós também necessitamos de ver isso. De acordo com isto a nossa atenção será agora dirigida para o estudo da lei de Deus como o precioso dom de Deus para bênção e segurança do homem.

Tanto a primeira parte que trata da relação do homem com Deus como a segunda que cobre a relação do homem com o homem, foram formadas pelas mesmas linhas. Primeiro será considerada a primeira parte.

O primeiro testemunho no Decálogo é este: “Não terás outros deuses diante de Mim.” *Êxodo 20:3*.

Para a pessoa comum isto sugere uma ilustração de Deus preocupado com o recebimento da homenagem, respeito, serviço e adoração que *Ele* sente serem-*Lhe* devidos. Para esses, é como se Ele estivesse a dizer, “Eu sou Deus e não pretendo que esqueçais isso. Não tolerarei outros deuses no Meu lugar porque não partilharei a Minha honra, posição e glória com ninguém. Eu quero, exijo, exclusivo reconhecimento de vós da Minha autoridade única. Estarei atento a cada um de vós momento a momento com uma vigilância que nunca pestaneja nem adormece. Se vir alguém afastar-

se de Mim, alguém que preste homenagem ou ame outro, a Minha ira será extremamente grande e Eu virei na Minha ira punir-vos sem misericórdia.”

Esta é a opinião defendida pela maioria na Terra. É assim que eles vêem Deus, porque se estivessem na mesma posição, com o mesmo poder, era assim que se relacionariam com os seus súbditos. Mas, de facto, não podia haver opinião mais errada acerca de Deus. Deus nunca deu lugar a pensamentos para a *Sua* honra, segurança e salvação quando fez *esse mandamento*. Ele estava inteiramente preocupado com os Seus súbditos e necessidades deles. Conhecia o perigo em que estavam e para os tornar seguros desse perigo deu-lhes este e os outros mandamentos.

Por muita dificuldade que exista inicialmente na compreensão, a verdade é que não era possível Deus criar o homem sem um claro elemento de perigo estar envolvido. Contudo, é feita uma cuidadosa reflexão aos objectivos de amor ao criar a Terra e os seus habitantes, revelará que não era possível fazer isto sem que estivesse presente essa ameaça.

Isto começou com o divino propósito de dar ao homem o precioso dom de amor da *vida*. Não era obrigação da parte de Deus fazê-lo. A humanidade devia responder apenas com profunda gratidão por Deus ter decidido fazer isto. Mas dar a *vida* não era suficiente. Também devia ser dado um *lar* onde aqueles que possuíssem este inimitável dom pudessem desfrutar essas riquezas em pleno. Sem um lar, a existência seria um eterno deambular pelo espaço extremamente frio sem nada para ver ou fazer. Isto converteria aquilo que prometia ser um eterno gozo num perpétuo horror.

Portanto, a criação de criaturas altamente inteligentes precisava que se construísse um lar no qual pudessem desenvolver e praticar os esplêndidos poderes que lhes foram dados, alcançando as mais elevadas aspirações das suas activas mentes.

Essa é uma maravilhosa provisão, mas ainda era insuficiente. Cada pessoa em si mesma e o mundo em que vivessem devia estar equipado com poderes adequados e suficientes que os tornassem capazes de viver no máximo potencial. A infinita sabedoria e amor de Deus viu isto e sem hesitação instalou todos aqueles grandiosos poderes no seu devido lugar e equilíbrio. Estes poderes podiam ser agrupados em duas divisões, os que estavam dentro do homem e os que se situavam fora dele no maravilhoso mundo da natureza.

Os poderes dentro do homem podiam ser listados como o poder do pensamento, o poder muscular, os poderes da fala, ambição, planeamento, raciocínio, invenção, amor, alegria, etc. Os poderes exteriores no mundo da natureza são os poderes do sol, da lua, gravidade, vento, água, as forças centrífugas e da inércia, electricidade e muitas mais.

Aparentemente, tudo isto, daria a totalidade daquilo que alguma vez pudesse ser necessário para dar a cada criatura a plenitude da felicidade e alegria. Afinal, o que podia mais o homem desejar ou necessitar?

Porém isso ainda não era suficiente.

Não era suficiente porque o poder, embora dado por Deus com um único propósito, a bênção e prosperidade de todas as Suas criaturas, inevitavelmente possuía o potencial de destruição. Podia ser perguntado porque é que o Senhor não deu poderes que não pudessem ser subvertidos, mas uma cuidadosa reflexão mostrará que isso era impossível. *Qualquer* poder que pretende fazer apenas o bem também pode ser transformado num propósito mau.

Portanto, Deus precisava acrescentar mais um dom para tornar a obra da criação completa e segura. Esse dom era a lei. Era algo muito necessário ao homem sem o que ele não tinha forma de manter aqueles poderes sem os tornar destruidores. Isto pode ser rapidamente demonstrado referindo o primeiro mandamento, o estudo do qual, à luz destes princípios, provará que a lei não foi feita por Deus para Deus mas para o homem.

Qualquer dos poderes com que Deus investiu a natureza para bênção do homem pode ser escolhido para desenvolver este ponto. Neste caso escolheremos o Sol como exemplo.

No início, o Sol passou a existir em resposta à palavra criadora de Deus. Só podia ser desta forma, porque não existia outro poder que pudesse criar alguma coisa e logo algo da magnitude e poder dessa bola de fogo. Satanás não podia fazê-lo, nem o homem. Mas, a obra de Deus a respeito do Sol

e sua função não terminou com a sua criação porque ele não pode realizar a sua missão sem ajuda. Este, tal como outros poderes, é totalmente desprovido de inteligência, mas não possui a capacidade de dirigir os seus caminhos. Isto tem que ser feito por um poder exterior e maior do que ele sob a orientação de uma inteligência adequada. O único poder que pode fazer isto é o poder que o criou. Esse é o poder de Deus controlado pela mente de Deus. Esse poder criador por sua vez é exercido através do Seu Filho, Cristo. Que não só “fez os mundos,” mas constantemente “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder.” *Hebreus 1:2, 3.*

“Deus está continuamente ocupado em manter e empregar como servos as coisas que criou. Opera por meio das leis da natureza, delas Se servindo como instrumentos Seus. Elas não agem por si mesmas. A natureza, em sua obra, testifica da presença inteligente e da atividade de um Ser que opera em tudo segundo a Sua vontade.” *A Ciência do Bom Viver, 416.*

“Muitos ensinam que a matéria possui força vital: que certas propriedades são comunicadas à matéria, e que então fica ela a agir por meio de sua própria energia inerente; e que as operações da natureza são dirigidas de acordo com leis fixas, nas quais o próprio Deus não pode interferir. Isto é ciência falsa, e não é apoiado pela Palavra de Deus. A natureza é serva de seu Criador. Deus não anula Suas leis, nem age contrariamente a elas; mas está continuamente a empregá-las como Seus instrumentos. A natureza testifica de uma inteligência, de uma presença, de uma energia ativa, que opera em suas leis e por meio das mesmas leis. Há na natureza a operação contínua do Pai e do Filho. Cristo diz: ‘Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também’. João 5:17.

“Os levitas, em seu hino registrado por Neemias, cantaram: ‘Tu só és Senhor, Tu fizeste o céu, o Céu dos céus, e todo o seu exército; a Terra e tudo quanto nela há; ... e Tu os *guardas* em vida a todos’. Nee. 9:6.

“Quanto ao que respeita a este mundo, a obra de Deus, da criação, está completa; pois as obras estavam ‘acabadas desde a fundação do mundo’. Heb. 4:3. Mas a Sua energia ainda é exercida ao sustentar os objetivos de Sua criação. Não é porque o mecanismo, que uma vez fora posto em movimento, continue a agir por sua própria energia inerente que o pulso bate, que respiração se segue a respiração; mas cada respiração, cada pulsar do coração é uma prova daquele cuidado que tudo penetra, por parte dAquele em quem ‘vivemos, e nos movemos, e existimos’. Atos 17:28. Não é por causa de um poder inerente que ano após ano a Terra produz seus dons, e continua seu movimento em redor do Sol. A mão de Deus guia os planetas, e os conserva em posição na sua marcha ordenada através dos céus. Ele ‘produz por conta o Seu exército’, ‘a todas chama pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças, e pela fortaleza do Seu poder, nenhuma faltará’. Isa. 40:26. É pelo Seu poder que a vegetação floresce, que as folhas aparecem e as flores desabrocham. Ele ‘faz produzir erva sobre os montes’, e por Ele os vales se tornam férteis. Todos os animais da floresta buscam seu sustento de Deus (Sal. 147:8; 104:20 e 21), e toda a criatura vivente, desde o menor inseto até o homem, depende diariamente de Seu cuidado providencial. Tais são as belas palavras do salmista: ‘Todos esperam de Ti... Dando-lho Tu, eles o recolhem; abres a Tua mão, e enchem-se de bens’. Sal. 104:27 e 28. Sua palavra governa os elementos; cobre os céus de nuvens, e prepara a chuva para a terra. ‘Dá a neve como lã, espargue a geada como cinza.’ Sal. 147:16. ‘Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há arruído de águas no céu, e sobem os vapores da extremidade da Terra; Ele faz os relâmpagos para a chuva, e faz sair o vento dos seus tesouros.’ Jer. 10:13.” {PP 73}, *Patriarcas e Profetas, 114, 115.*

Estes testemunhos ensinam sobre a activa presença de Deus como Controlador de todos os poderes que instalou no Universo para o bem das Suas criaturas. Mas, porque é que é necessário que Deus faça isto? É assim porque Deus está determinado a manter controlo pessoal sobre todas as coisas? Ou é porque Ele tem que fazê-lo? Por que razão não haveria Deus de pôr em movimento toda a complexa maquinaria e depois deixá-la trabalhar por sua conta desde o início? Ou porque é que não deixa Ele a obra entregue noutras mãos enquanto se liberta a Si próprio dessas coisas?



Os grandiosos poderes de Deus e operação na natureza ou ligados numa maquinaria foram dados para benefício e bênção do homem, mas só o pode ser se estiver sob o controlo de alguém obediente à lei.

Deus faz o que está a fazer porque é a única forma pela qual pode ser feito e com certeza não é por causa de qualquer desejo da Sua parte de reservar para Si mesmo alguma posição especial. Não era possível Deus deixar estes tremendos poderes entregues a si próprios pois a natureza do poder em si mesma é desprovida de inteligência. O Sol é um poder de gigantescas proporções, mas não tem poder para pensar ou dirigir os seus caminhos e mesmo que o tivesse, necessitaria que Deus mantivesse o seu suprimento de energia.

Pensai em todos os variados poderes que existem — fogo, gravidade, marés, hidráulica, etc. e será visto que nenhum deles é um ser inteligente, nem podia ser. O poder e a força são exactamente aquilo que são, enquanto a inteligência é destinada a controlar e guiar os poderes. Mesmo os poderes físicos no corpo humano não são inteligentes. Eles dependem da inteligência centrada no cérebro para serem controlados e orientados.

Portanto, o poderoso Sol tem que ter um controlador e orientador para o manter exactamente no seu curso e, ao mesmo tempo, uma fonte de energia que o mantenha para sempre com combustível e ardendo num nível constante. Se não houvesse poder controlador, pensemos então nas possibilidades. O Sol também podia balançar um pouco para longe da Terra com a consequência de um tal arrefecimento neste planeta que ele congelaria. Por outro lado, ele podia aproximar-se um pouco e a destruição seria um calor abrasador. De novo, se ele escurecesse ou brilhasse demais ou ainda se explodisse teria o mesmo resultado destruidor.

Precisamos apreciar muito mais do que fazemos de quanto dependemos do Sol. Se considerássemos cuidadosamente o efeito da diminuição ou aumento desse poder, então estaríamos bem mais gratos do que estamos pela mão controladora e sustentadora de Deus no Universo. Os mesmos factos e princípios aplicam-se a todos os grandiosos poderes do Céu e da Terra.

Tendo estabelecido a verdade que a mão de um forte controlador e dador de energia é indispensável para a continuação das nossas vidas na Terra, podemos prosseguir para o assunto seguinte. Porque é que Deus faz isto? Porque é que Ele não determinou que cada uma das Suas poderosas criaturas o fizesse por Ele?

A resposta é que Ele não podia. Era preciso que um poder *Criador* desse início no princípio e é preciso que o *mesmo* poder Criador o mantenha. *Somente Ele pode fazer isso*. Deus com satisfação dá a cada uma das Suas criaturas o que pode, mas isto é uma coisa que Ele não pode delegar, pois não há ninguém, anjo ou homem que possa manter esses poderes sob controlo.

Portanto, é fundamental que nenhum deus tome o lugar da posição de Deus como Controlador, Guia e Sustentador destes grandes poderes. Fazer isso seria colocar ali um ser que não era capaz de manter essas coisas sob controlo. Rapidamente interromperiam o seu curso num holocausto de destruição.

Para ajudar a compreender este ponto extremamente importante a ilustração que segue ajuda. Um dos maiores aviões comerciais de passageiros é o Boeing 747. Para controlar e guiar esse tremendo poder, um homem tem que ter, pelo longo exercício e treino, capacidades altamente desenvolvidas. A lei diz que num voo ninguém pode colocar uma pessoa não qualificada no lugar do piloto. Imaginai que durante um voo através do Pacífico desde Sidney até Honolulu, um passageiro que nunca tivesse pilotado um avião antes fosse à cabine de comando, dominasse a tripulação, os prendesse e depois tentasse voar para um destino escolhido por ele.

Qual seria o resultado *inevitável*? Esse homem não tinha esperança de levar o avião ao destino. Nem sequer saberia como pilotá-lo através dos oceanos não cartografados e despenharia o avião matando todos os passageiros que estivessem a bordo. Ninguém teria qualquer dificuldade em ver isto, especialmente se nunca tivesse colocado as suas mãos destreinadas ao controlo mesmo de um simples avião ligeiro e tentasse aterrá-lo. Um 747 é um complexo de gigantescos poderes sem inteligência que têm de ter uma mente controladora a guiá-los. Se uma pessoa treinada e hábil fosse tirada do controlo e substituída por outra sem conhecimentos o resultado seria um desastre certo.

Isto é exactamente a situação desta Terra e dos poderes que estão nela. Unicamente Deus tem o poder e a capacidade de os guiar com exactidão e segurança nos seus percursos. Se essa mão

condutora fosse removida e outra tentasse colocar-se no seu lugar, então, inevitáveis desolações teriam de seguir-se. Não havia forma de o evitar. Alguns podem levantar objecções dizendo que Deus podia evitá-lo. Com certeza, Ele tem o poder físico para o fazer, mas, para que o poder seja exercido evitando essa destruição tem que estar no lugar de onde foi expulso. Agora que outro deus havia sido colocado no lugar do verdadeiro Deus, então Deus apenas podia salvar a situação *forçando* o Seu regresso ao lugar do qual tinha sido mandado embora *e isto Deus nunca faz*. Isto seria violar a liberdade de escolha que Ele próprio deu às Suas criaturas e que nunca invadirá nem pela grossura de um cabelo.

Mas como é que seria possível Deus deixar a Sua posição de controlo? Como é que isto podia acontecer? Seguramente podia ser argumentado que ninguém podia tirar Deus da Sua posição!

Isto pode ser feito de modo simples e rápido. Mais ainda, tem sido feito.

No Jardim do Éden, Adão e Eva eram os governadores e donos deste mundo num reino que estava sob o comando de Deus e era de Deus. “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.” *Génese 1:26*.

Enquanto mantivessem esse domínio, Deus podia manter e manteve perfeito controlo sobre o Sol, a Lua e todos os outros grandiosos poderes nos seus lugares para bênção e benefício da família humana. Não houve problemas e o edílico casal desfrutou de perfeita segurança, conforto e prosperidade.

Mas chegou a altura em que eles entregaram o reino nas mãos do diabo e ele se tornou “o príncipe deste mundo.” *João 14:30*. Enquanto Adão e Eva mantinham o domínio sob orientação de Deus, Satanás não. Ele tinha-se colocado no lugar de Deus e quando Adão e Eva decidiram dar o seu domínio a Satanás, colocaram outro deus *no lugar do* verdadeiro Deus. Directamente quebraram o primeiro mandamento e por isso removeram a *protecção que o primeiro mandamento fora destinado a dar*. Outro deus estava no lugar do verdadeiro Deus e este novo deus não podia controlar os grandes poderes da natureza. Rápida e terrível destruição os ameaçava imediatamente.

Pode ser alegado aqui que todo o argumento não tem fundamento porque a ameaça de destruição não se realizou nesse dia como Deus havia dito. É verdade, mas isso não faz de Deus mentiroso, nem tira fundamento ao argumento. A palavra de Deus *foi* cumprida, pois eles morreram nesse mesmo dia. Do lado espiritual das suas naturezas a vida de Deus, a presença do Espírito Santo, morreram neles, sendo substituída por outro espírito, o do diabo.

Eles também teriam morrido fisicamente nesse dia, não tivesse o Senhor actuado com a introdução dum factor de adiamento, destinado em amor, a dar-lhes um período de prova limitado durante o qual reconsiderassem a sua decisão. Num inquestionável amor pelos condenados, Cristo antecipou-Se desviando para Si a punição. Ele traria sobre Si, não aquilo que Deus administraria ao pecado, mas aquilo que o pecador havia trazido sobre ele próprio.

Cristo tinha de agir rapidamente porque o Senhor tinha avisado que “no dia” em que comessem certamente morreriam. *Génese 2:17*. Cristo *não tinha tempo a perder* se quisesse salvá-los. Por isso está escrito, “no *instante* em que o homem aceitou as tentações de Satanás e fez as coisas que Deus tinha dito que não fizesse, Cristo, o Filho de Deus, colocou-se entre os vivos e os mortos, dizendo ‘que a punição caia sobre Mim. Ficarei no lugar do homem. Ele terá uma nova oportunidade’.” *Seventh-day Adventist Bible Commentary 1:1085*.

Ali mesmo no Éden, toda a natureza teria saído do seu curso com incrível ferocidade se Cristo não tivesse avançado de forma a dar ao mundo um período de prova durante o qual este pudesse fazer uma segunda escolha se servia a Deus ou continuaria a servir outro deus – o deus da morte e da destruição. Quando por fim o tempo de prova terminar e todo o homem, mulher e criança, tiverem feito a sua escolha para a eternidade, é isto que de facto acontecerá. Cristo sairá do Seu lugar como Mediador e toda a natureza entrará em colapso num cataclismo de destruição. A respeito desta destruição final estudaremos mais tarde.

Façamos agora um resumo dos factos que acabámos de considerar com ênfase particular na verdade que o sofrimento e morte que certamente se seguem à violação dos princípios da lei, não são administrados directamente por Deus, nem são uma provisão cuidadosamente concebida com o fim de automaticamente destruir o transgressor da lei. As punições são o inevitável resultado da remoção, por causa da desobediência, das protecções que a lei se destina a dar.

Aqui está o resumo.

Teria sido muito insatisfatório para o Senhor ter-nos criado sem dar os poderes de suporte necessários a dar-nos uma vida confortável e a oportunidade para desenvolver todos os dons que estão em nós. O Sol é necessário por causa da luz e calor, as forças da gravidade para o nosso equilíbrio, a electricidade para nos abrir mil e uma possibilidades nas comunicações, electrónica, etc. Se ponderássemos a respeito duma vida sem as muitas graciosas provisões de Deus para nosso bem-estar e prazer, estaríamos bem mais gratos ao Senhor do que estamos.

Mas, é impossível existir poder sem ter ao mesmo tempo um potencial de terrível e mesmo total destruição. Essa é a própria natureza dos poderes e não pode ser de outra maneira. Quanto maior for o poder, maior é o perigo. Portanto, tão seguramente como o Céu é um lugar cheio de maiores e maravilhosos poderes, assim é, portanto, um lugar potencialmente perigoso.

Deus não tem receio de introduzir um tal perigo, pois sabe que ele está completamente controlado se as leis forem fielmente obedecidas. Sob o controlo de leis respeitadas, o poder apenas pode ser uma bênção, mas se as leis são transgredidas isto não é senão um perigo. A destruição resultante não é enviada pela mão de Deus. Esta é a natural e inevitável consequência da violação das leis de Deus.

Estas coisas devem ser ponderadas até que o propósito e o carácter de Deus sejam completamente compreendidos; até que seja visto que Deus não aplica punições pela Sua própria mão, nem inseriu a ameaça que irrompe automaticamente para destruir os que saem da linha; até que seja visto que a morte e o sofrimento é uma consequência directa do pecado; e que o Senhor apenas faz uma coisa que é trabalhar para salvar de todos desses desastrosos resultados e guiá-los sempre naqueles caminhos que lhes assegurarão uma perfeita e completa felicidade.

Assim acontece com a violação do primeiro mandamento. Aquilo que é verdadeiro a respeito dos resultados da sua violação acontece do mesmo modo com todos os restantes. Por exemplo, o segundo preceito adverte-nos contra curvar-nos em adoração de imagens feitas de coisas materiais. Não deveria haver dificuldade em ver que esse acto de adoração só pode resultar em morte para o adorador com base no seguinte. Toda a adoração de imagens tal como praticada pelos que quebram o segundo mandamento tem base na sua crença que podem obter tudo o que necessitam para sustentar a vida através do ídolo.

Porém, eles não podem crer que receberão vida através do ídolo e, *ao mesmo tempo*, receberem vida de Deus, porque, se verdadeiramente cresssem que Deus é a única fonte de vida, então nunca O teriam abandonado a fim de a procurar no ídolo e através dele. Portanto, o próprio facto de adorarem um ídolo é a declaração que não têm fé que Deus possa cuidar deles e que deixaram de o procurar através de Deus como o intuito de o procurar noutra parte.

Qual é o único resultado possível dessa acção da sua parte? Deus é a única fonte de vida. Afastar-se dessa fonte de vida e procurá-la onde ela não existe, é morrer. Deus não matará essa pessoa. Ela própria se mata. Não existe falta em Deus, pois Ele plenamente advertiu que não deviam colocar outros deuses no Seu lugar. Somente Ele é o dador da vida e o sustentador da vida.

Para ilustrar este ponto outra vez, pensai num piloto de aviões que subiu a altitudes onde o oxigénio é demasiado rarefeito para suportar a vida, por isso ele tem de colocar a sua máscara respiratória na ligação ao suprimento de oxigénio. Ele recebeu instruções específicas de qual é a ligação correcta, mas deliberadamente escolhe ligar-se a outra tomada sem ligação ao suprimento. O que é que vai acontecer a este homem insensato? Morrerá rapidamente devido à falta de oxigénio. Morrerá por ter falhado em observar a lei. A sua morte será um resultado directo disso e em nenhum sentido um acto de Deus.

Precisamente da mesma maneira, o homem que se curva perante um ídolo à procura de vida nesta fonte pronunciou a sua própria sentença de morte. Não pode viver, porque, *pela sua própria escolha*, desligou-se do canal da vida. Não há falha do lado de Deus. Ele forneceu o canal da vida e avisou que se o homem desprezasse isso e procurasse vida através de um ídolo ou imagem, não o encontraria ali e a morte levá-lo-ia.

De acordo com isto, o segundo mandamento que proíbe a adoração de imagens e ídolos, destina-se perfeitamente a evitar que os filhos de Deus se separem da fonte de vida, trazendo sobre si a destruição certa.

Tomar o nome de Deus em vão é chamar-se a si próprio cristão ou filho de Deus, um membro da Sua família tendo o Seu nome e ao mesmo tempo não viver de harmonia com os princípios da família. Fazer isto é separar-se da família e das bênçãos que apenas podem ser obtidas enquanto se está na família. Uma vez mais isto não é senão trazer morte sobre si próprio.

A transgressão do quarto mandamento é, semelhantemente, a remoção da protecção que Deus tem dado para sustentar a vida. Este preceito tem a ver com o grande princípio do respeito por aquilo que pertence aos outros. A sua violação abre a porta a todo o tipo de sofrimento e tristeza. Compreender isto melhor leva-nos de volta ao outro lado do Decálogo e ao estudo do controlo dos poderes que Deus colocou no próprio homem.

Escolheremos o mandamento, “não roubarás.” Este é um excelente lugar para começar porque os mandamentos, “não matarás,” “não dirás falso testemunho,” e “não cometerás adultério,” são apenas extensões deste mandamento. Matar é *roubar* a vida a outro, apesar desse roubo não dar a vida roubada ao que a roubou. Cometer adultério rouba à pessoa a vida do seu cônjuge e levantar um falso testemunho rouba à pessoa a sua reputação e credibilidade.

Agora veremos como a violação do mandamento, “não roubarás,” abre ao homem as portas do sofrimento. Consideremos a perfeita sociedade na qual nunca se conheceu o roubo. Os habitantes desta sociedade têm perfeita confiança uns nos outros sem receio de deixar as portas das suas casas abertas. Fechaduras e ferrolhos também não são necessários nem conhecidos.

Então vem um dia em que uma pessoa se desencaminha e rouba o que pertence a outro na cidade. No escuro da noite o dono da casa é despertado pelos movimentos furtivos de um intruso, que, percebendo que a sua presença foi notada, foge, levando consigo um tesouro de família.

Quando a família compreende a extensão da sua perda e a forma como a perdeu, fica surpreendida, paralisada, horrorizada e com receio que se pode acontecer uma vez pode acontecer de novo. A notícia espalha-se rapidamente por toda a cidade e instantaneamente acontece uma mudança em todo o lugar. A paz e a felicidade morrem sob a nuvem de suspeita e medo. Ninguém sabe quem fez isto e por isso todos são suspeitos. Em breve são dados passos para barrar as entradas e portas fechadas de modo que possa ser obtida a protecção contra visitas posteriores do ladrão.

Com isto, sofre o inocente por causa do culpado. Uma simples ilustração da viagem pelo mundo de hoje servirá para ilustrar isto. Houve uma altura em que ninguém pensava em desviar aviões. Naqueles dias os passageiros simplesmente embarcavam e tomavam os seus lugares. Era conveniente e agradável.

Todavia, depois veio a nova era em que tudo mudou. Os que agem mal em relação a isto são poucos em número, contudo, virtualmente todos os passageiros que procuram entrar a bordo de um avião são encarados como suspeitos. Todos devem, se bem que inocentes, passar por um processo de exame tanto da sua bagagem de mão como de si próprios. Cada um sofre inconveniência e demora e deseja voltar aos dias de confiança e boa vontade. Sofre punição pelos pecados de outros. Mas a punição não é algo que está a ser infligido por Deus. É o resultado directo do crime.

Voltemos agora à ilustração da nossa cidade. Houvesse cada vez mais pessoas a seguirem o caminho do transgressor e se tornassem ladrões, então o problema atingiria proporções destruidoras. Uma vez que a lei tinha sido posta de lado e a sua protecção removida, é apenas uma questão de um passo seguir o outro. O ladrão não se deterá em tirar apenas a propriedade. Tirará até a vida e o homicídio piorará a situação. A fim de se defenderem, os outros ladrões recorrerão à violência para

se protegerem. Tudo isto é o que tem acontecido para levar o mundo ao seu presente estado de miséria e aflição.

E isto está a ser escrito, Beirute no Líbano está a ser transformada em pedaços com uma cruel guerra civil, enquanto na Irlanda do Norte, os irlandeses estão a matar irlandeses com um decidido sangue frio. Que terrível e infeliz situação para viver. Quão longe está isto do perfeito plano de Deus formado para bem-estar e felicidade do homem. Deve ser dito que nenhuma destas aflições e sofrimentos atinge o homem por qualquer acto directo de Deus, mas pelo *resultado* natural da transgressão da lei. Deus fez a lei e deu-a como perfeita protecção de tudo isto, mas o homem escolheu por sua livre vontade pôr de lado essa protecção. Perante nós está o resultado. É porque o Senhor ainda é capaz de exercer alguma restrição sobre a humanidade que o homem sobrevive a tudo. Se a lei fosse totalmente posta de lado e reinasse a anarquia, a exterminação da raça às suas próprias mãos seria um rápido resultado.

Não dedicaremos muito espaço à consideração deste importante facto porque não é necessário. É em si mesmo evidente que a transgressão da lei no governo das relações do homem traz o seu próprio resultado terrível sobre o mundo. Considerai a situação como se hoje os homens e as mulheres nunca tivessem roubado, nunca tivessem mentido, nem assassinado e de facto tivesse observado todos os dez mandamentos. Que maravilhoso lugar seguro e feliz o mundo seria, não porque Deus o tivesse arbitrariamente feito assim, mas porque é o caminho da observância da lei fazê-lo. Isto não significa que a presença de Deus é desnecessária para essa felicidade. Ela é necessária porque é pelo Seu poder que a lei é observada. Ele é a fonte de toda a vida e sem Ele não há vida.

Pensai no que seria o mundo e quanto a humanidade viveria se toda a lei fosse abolida e todas as pessoas fossem ladras, assassinas, adúlteras, mentirosas, etc. Seria impossível pensar numa situação pior. Todos os homens, enquanto lutassem para sobreviver, viveriam num estado de perpétuo terror. Não haveria estabilidade nem segurança.

À medida que esta terrível ilustração indesejável se desenvolva perante a mente, ponderai e vede que as terríveis condições não seriam em nenhum sentido castigos de Deus, mas o resultado da remoção da protecção fornecida pela lei. Aqui está a revelação da causa e do efeito e nenhuma acusação pode ser lançada sobre Deus por qualquer delas.

A última consideração a ser feita neste estudo a respeito do resultado da violação da lei é a relação do homem consigo mesmo. O corpo humano é um mecanismo maravilhosamente desenhado e construído. Davi, quando compreendeu isto, louvou Deus nestas palavras. “Eu te louvarei, porque de um modo assombroso, e tão maravilhoso fui feito; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.” *Salmos 139:14*.

Com Davi, devíamos ter uma rica apreciação das bênçãos de Deus ao dar-nos um corpo e uma mente de tal eficiência. Mesmo depois de seis mil anos de degradação devido ao pecado, ainda existem poderosos e maravilhosos poderes. Sendo assim, o que é que terá sido no início quando a energia eléctrica no cérebro de Adão era vinte vezes maior do que é agora?

“Deus dotou o homem de tão grande força vital que ele tem resistido ao acúmulo de doenças lançadas sobre a raça em consequência de hábitos pervertidos, e tem sobrevivido por seis mil anos. Este fato, por si mesmo, é suficiente para nos mostrar a força e a energia eléctrica que Deus conferiu ao homem na criação. Foram necessários mais de dois mil anos de delitos e de condescendência com as paixões inferiores para trazer sobre os seres humanos enfermidades físicas em grande escala. Se Adão, ao ser criado, não houvesse sido dotado de vinte vezes maior vitalidade do que os homens possuem agora, a humanidade, com seus presentes métodos de vida que constituem uma violação da lei natural, já estaria extinta.” *Fundamentos da Educação Cristã, 22, 23*.

É impossível um corpo ser feito com tal poder e eficiência sem ser uma complexa peça tão bem afinada requerendo obediência à lei para se manter em perfeita condição.

As leis que governam o cuidado deste mecanismo são referidas acima como sendo as leis naturais e são, mas isto não significa que não existe nada na lei moral que não cubra esta situação. Aquele que abusa do seu corpo, baixando assim a sua eficiência, está a roubar tanto a Deus como aos outros

do serviço que prestaria se tivesse todos os poderes da mente e do corpo. Considerai a enorme perda para a comunidade por causa do absentismo da obra devido à doença ocasionada pelo negligente cuidado das mais simples leis da saúde.

Mais do que isto, aquele que não observa as leis da saúde e vigor está a destruir-se a si próprio quebrando desse modo o mandamento “não matarás.” Portanto, enquanto o cuidado do mecanismo do corpo está em conformidade com a lei natural, a transgressão daquelas leis está também a transgredir a lei moral.

Muito mais estudo podia ser dedicado à relação da saúde e longevidade com a obediência à lei natural e à lei moral. Esse estudo seria tanto interessante como proveitoso, mas desejamos apenas fazer notar que não é Deus, mas a *desobediência* a essas leis que trazem sobre o desobediente quer ele queira ou não, uma retribuição certa.

É convincentemente evidente por si mesmo que o homem que, por exemplo, fuma produtos de tabaco e bebe álcool, rapidamente reduz as suas capacidades físicas e traz sobre si mesmo doenças destruidoras.

Tão clara é esta evidência que mesmo as pessoas que têm por tanto tempo desrespeitado a lei moral reconhecem a relação directa entre o fumar prolongado e a incidência do cancro do pulmão e precoces falhas do coração. Mais do que nunca, os homens podem ver que continuar um certo modo de vida não saudável certamente trará uma colheita de sofrimento e por fim morte.

Não é Deus que aflige os pobres sofrendores com estas doenças. Elas são os inevitáveis resultados do próprio pecado. Deus não pode e não poderá, em justiça, operar um milagre para desfazer estes efeitos maus, mas por causa disso, Ele não deve ser chamado como Aquele que deliberadamente enviou estas punições sobre o povo. Ele fez tudo o que podia para o salvar dessas aflições. Em primeiro lugar deu ao homem o melhor mecanismo que era possível dar. Depois, reconhecendo que o homem não podia obter o melhor deste dom a menos que lhe desse um cuidado especial, o Senhor deu-lhe leis para o protegerem dos efeitos da vida errada. Deus também deu ao homem a liberdade de escolher se aprecia e cuida do dom, ou o trata com desdém e o destrói.

Por isso qualquer sofrimento que venha sobre o homem não é da responsabilidade ou obra de Deus. Ele vem como um resultado directo da acção do homem. Ele tem apenas que se culpar a si mesmo. Jamais pode alguma acusação ser lançada a Deus por causa disto.

Essa então é a natureza da lei de Deus. Ela é uma maravilhosa provisão perfeita dada por Ele para solucionar a nossa necessidade, não a Sua. Ele fê-la não para afirmar a Sua autoridade ou como um instrumento pelo qual obtém o direito de punir os que não Lhe obedecem.

A transgressão da lei por parte do pecador é o seu próprio acto pelo qual remove a protecção da morte e da destruição divinamente dada. Não só é contra os princípios de Deus o exercício da força para obrigar ou punir pessoas para Lhe obedecerem, mas Ele não necessita de o fazer porque a remoção do pecado é a garantia pelo mero facto que ele é, em virtude da sua própria natureza, um *caminho* de morte e destruição. Há apenas um caminho de vida e esse é aquele que Deus traçou para o Seu povo.

Semelhantemente, quando o carácter e os caminhos de Deus são genuinamente compreendidos e apreciados, algo do infinito amor e bondade de Deus o eterno Pai, serão entendidos, gerando sincero louvor e gratidão pelo Seu amor e sabedoria. Então será entendido que Deus não fez essa lei como um símbolo da Sua autoridade, impondo-a sobre nós como uma obrigação de O servir, o meio pelo qual Ele podia exigir o nosso serviço e homenagem. Será compreendido que a lei foi feita para os filhos de Deus, que perfeita obediência a ela era a completa salvação da morte e da destruição. A verdade será inteligentemente alcançada que quando Adão e Eva puseram de lado esse salvador, então Cristo entregou-Se a Si mesmo para ser o Salvador e trazer de volta o perdido e o que perece ao lado seguro da lei.

Será então reconhecido que quando o homem rejeitou o primeiro mandamento e depois Cristo como seu salvador, esgotou tudo o que o Céu tinha e podia fazer para o salvar. Para além desse limite Deus não podia avançar, porque é a totalidade dos Seus recursos. Isto deixa-O sem alternativa

senão conceder a cada um dos apóstatas a separação total com a conseqüente aniquilação que escolheu. Será então compreendido com espanto e admiração que o único papel desempenhado por Deus é o de Salvador, por isso o homem morre, não por Ele ter estendido a Sua mão para o destruir, mas porque o homem rejeitou os Seus esforços salvadores.

Em resumo, é então correcto dizer que a lei de Deus é a transcrição do Seu carácter. A justiça de Deus e a justiça da lei são iguais de modo que o comportamento de Deus está expresso nos preceitos dessa lei. Portanto, não é algo a que Ele se tenha agarrado como uma rigorosa disciplina contrária à Sua natureza. É a expressão natural dos princípios do Decálogo.

Por este ser o único tipo de obediência em que Ele está interessado, fez o homem à Sua própria imagem “Tanto na aparência exterior como no caráter.” {PP 18}, *Patriarcas e Profetas*, 45. Ele escreve a mesma lei nos nossos corações de maneira que ela é uma transcrição do nosso carácter e nós podemos e devemos obedecer à lei *como Ele lhe obedece* — como um resultado natural da nossa natureza interior.

Por essa razão somos capazes de consagrar o único tipo de obediência que o Senhor pode aceitar — uma obediência que é baseada numa “convicção sobre a Sua justiça e benevolência.” *O Grande Conflito*, 498.

Por causa do Senhor apenas poder aceitar uma obediência voluntária dada por causa do nosso amor para com Ele, nunca usará a força a fim de assegurar a nossa lealdade, mas, em perfeita consistência com estes princípios, dá a todos a “ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la.” {PP 20}, *Patriarcas e Profetas*, 48.

Tão seguramente como Ele dá total liberdade para recusar obedecer, não pode punir qualquer das Suas criaturas por exercer a liberdade que Ele próprio deu.

Isto significa então, que as punições que certamente vêm em resultado do afastamento do caminho de Deus são fruto ou consequência do nosso modo de proceder, não a administração dessas coisas pela mão de Deus.

Isto é melhor compreendido quando se vê que a lei de Deus foi desenhada por Ele para ser uma protecção dos efeitos dos poderes que doutro modo deixariam de estar sob um comando adequado. O pecado e os pecadores serão destruídos, mas isso será o efeito do seu próprio modo de agir, não o derramamento da destruição às mãos de Deus.

Capítulo 9

Os Princípios de Deus em Teste

Essa era então a natureza da constituição do governo de Deus como era no Céu antes da entrada do pecado. Era idealista e realista.

Era um sistema que visava a absoluta felicidade, segurança e cumprimento dos seres criados tanto no Céu como em todo o Universo. Colocava ao dispor deles todo o poder necessário em abundância infinita juntamente com toda a protecção de qualquer risco daqueles poderes saírem do seu lugar designado para o serviço e tornarem-se agentes de destruição.

Este sistema operou na perfeição sob as condições que existiam antes da rebelião começar. Todos os súbditos de Deus O serviam com devoção não dividida porque cada um tinha a convicção interior de que os caminhos de Deus eram os únicos caminhos de vida. Eles compreendiam que a lei não era um jugo de servidão, mas uma maravilhosa protecção concebida para eles no coração do infinito amor.

Assim nenhuma situação jamais se levantara para ser preciso considerar o uso da força. Nenhuma morte jamais teve lugar, nenhuma destruição fora levada a cabo. Nada se levantou para estragar a perfeita felicidade de cada ser criado.

Não seria difícil ver que os princípios do governo de Deus deviam operar e operavam perfeitamente sob aquelas condições. Até aqui, o nosso estudo tem sido acerca do período em que não havia pecado.

Agora a nossa atenção deve focar-se na drástica mudança de condições que se desenvolveram depois dos anjos em primeiro lugar e em seguida os homens exercerem a liberdade dada por Deus de não O servirem. Com intenso interesse todo o Universo olhou para ver se estes princípios podiam ainda operar sem modificação, adição ou quaisquer mudanças. Será que Deus acharia necessário, depois de tudo, executar pessoalmente punições sobre os que se tinham rebelado? Seria Ele compelido a resolver o problema do pecado exercendo o Seu infinito poder físico para destruir o transgressor que tinha recusado toda a abertura de misericórdia?

À medida que os estudantes e outros observaram a história, convenceram-se de que a entrada do pecado impôs a Deus a necessidade de fazer acções a que nunca havia sido obrigado antes. Olham para o dilúvio, o fogo de Sodoma e Gomorra, as pragas do Egipto, a destruição dos rebeldes que adoraram o bezerro de ouro, a morte de Coré, Datã e Abirã, a aniquilação do exército de Senaqueribe, o apedrejamento de quem quebrasse o sábado, a adúltera e Acã e muitos outros exemplos. Lêem as palavras usadas para descrever as respostas de Deus e concluir disto que Deus exerceu a força para acabar com a rebelião, que puniu sob Sua própria decisão e decreto que destruiu aqueles que rejeitaram as Suas últimas ofertas de misericórdia e que portanto não dá a todos os homens a completa liberdade de manter ou deixar a obediência.

Nós reconhecemos que dá a forte *aparência* que isto é verdade, mas, ao mesmo tempo, sabemos que há mais do que uma forma de compreender o que aconteceu. Quando os pontos de vista alternativos forem considerados, será visto que Deus não se comportou como muitos têm pensado. Será discernido que Ele não introduziu nem recorreu a quaisquer medidas subsequentes para a queda que não tivesse usado antes.

Foi desenvolvido no capítulo anterior o ponto de vista de que Deus designou a Sua lei como uma protecção para as Suas criaturas, não como um meio de salvaguardar a Sua própria posição e

autoridade. Portanto, deu-se ênfase que as punições não eram aplicações de Deus, mas a obra natural própria de pôr de lado a protecção da lei ao desobedecer-Lhe.

Contudo, apesar dos ensinamentos inspirados quanto à verdadeira natureza da lei, prevalece no mundo hoje o conceito de que a lei foi feita para a exaltação pessoal de Deus, a Sua invenção para produzir e manter a Sua posição de incontestada autoridade. Portanto, é visto como um plano calculado para exaltar Um à custa do restante.

Qual é a origem deste ensinamento? Quem foi o primeiro a introduzir isto uma vez que ele não tem fundamento na Escritura? Pode a resposta a esta pergunta ser encontrada?

A resposta está claramente escrita nas Escrituras nas quais se revela onde, quando e por quem estas coisas foram primeiramente ensinadas neste mundo e qual foi o resultado de aceitar esses ensinamentos. A origem e o efeito de tais ensinamentos será um guia infalível para sabermos se eles são verdade ou não.

Essas representações do carácter e propósitos da lei de Deus foram primeiramente ensinadas *nesta Terra* por Satanás no Jardim do Éden. Ele apresentou-as ao primeiro casal com o propósito específico de os alistar na sua rebelião contra Deus e o seu método foi bem sucedido. O resultado é que foi aberto sobre este mundo o maior dilúvio de pecado e iniquidade que alguma vez pode ser descrito.

Um cuidadoso estudo do que teve lugar no Jardim do Éden revelará a verdade das afirmações acima.

Deus fez a Terra e equipou-a com todos os poderosos sistemas de suporte de vida como um *dom de amor* para Adão e Eva. Porque Ele estava interessado apenas em receber deles um serviço motivado pelo amor, não “foram colocados fora da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez como entidades morais livres, capazes de apreciar a sabedoria e benignidade de Seu carácter, e a justiça de Suas ordens, e com *ampla* liberdade de prestar obediência *ou* recusá-la.” {PP 20}, *Patriarcas e Profetas*, 48.

Não há sentido em dizer que alguém tem completa liberdade em recusar a obediência se não houver a oportunidade para o fazer. Portanto, Deus deu-lhes não só toda a liberdade para recusar a obediência mas também os meios para o fazer colocando a árvore do conhecimento do bem e do mal no meio do Jardim do Éden. Essa foi a única árvore que o Senhor não lhes deu. Era propriedade Sua, não deles. Tudo o que lhes foi pedido era que a respeitassem como sendo d’Ele. Se pudessem fazer isto sempre e ensinar aos seus filhos os mesmos princípios, então nunca podia haver infelicidade no mundo. Apenas podia haver perfeita confiança e segurança.

Se pudessem aprender o perfeito respeito pela propriedade alheia, nunca podia haver qualquer roubo, adultério ou assassinio. Se pudessem respeitar o tempo que pertence a outros, nunca haveria alguém que quebrasse o sábado.

Isto é o que a lei é — respeito por aquilo que pertence a outra pessoa. Na primeira tábua da lei está a área de respeito por aquilo que é de Deus, e, na segunda por aquilo que é do homem.

Se Adão e Eva não pudessem respeitar esta árvore que Deus tinha reservado com o específico propósito de lhes ensinar esta lição, então, com o abandono do princípio do respeito, *apenas podia haver* assassinios, roubos, adultérios e toda a espécie dessas terríveis obras nas vidas dos homens e mulheres sobre esta Terra.

Foram-lhes dados os mais claros avisos disto nestas palavras, “Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” *Gênesis 2:17*.

É tão importante ver o que o texto não diz, como ver o que ele diz. Ele não diz que no dia em que eles comessem dele *o Senhor os destruiria*. Diz que *certamente morreriam*. Naturalmente, o texto não especifica o modo como eles morreriam e *podia ser* interpretado que morreriam às mãos de Deus.

Porém, Adão e Eva não compreenderam isto deste modo e Satanás sabia disso. Ele sabia que eles compreendiam que a palavra de Deus significava que a destruição seria o *resultado* de comerem

dessa árvore e não o acto de Deus. Portanto, Satanás lançou-se ao trabalho de destruir a confiança deles nessa interpretação da Palavra de Deus e substituí-la com a sua própria interpretação.

A certeza de que Adão e Eva compreendiam na verdade que as palavras de Deus significavam que a sua morte viria por causa da desobediência e não pelas mãos de um Deus punitivo, é confirmado pelo próprio Satanás. Chega-se à conclusão disto da seguinte maneira. Satanás veio, não para sancionar a verdade de Deus, mas para subvertê-la. Portanto, a sua interpretação dessa Palavra era falsa destinada a destruir a fé deles na verdadeira interpretação. Havia apenas duas formas possíveis de interpretar as palavras de Deus. Elas significavam que Deus pessoalmente os mataria por Lhe desobedecerem, ou morreriam em consequência do acto errado deles. Apenas é preciso perguntar qual das duas Satanás negava para compreender qual é a verdade e o que ele defendia para saber o que é o erro.

Através dessa conversa com Eva, Satanás conduziu a sua obra de modo a dar ênfase à ideia de que não havia perigo em comer da árvore. Isso não traria a morte. Ele insinuou que havia outra razão para as condições de Deus, uma razão inteiramente motivada pela protecção própria e interesse próprio. Portanto, insinuava ele, sem o dizer directamente que se houvesse qualquer morte seria um acto directamente administrado por Deus e não propriamente o resultado de quebrar a lei.

Ele foi muito astuto ao confrontar Eva com esta contra-interpretação nos primeiros momentos do seu contacto. Primeiramente devia injectar dúvida suficiente na mente dela para conseguir que os seus pensamentos fossem na direcção que ele desejava. Por isso, perguntou-lhe num tom incrédulo se era realmente verdade que o Senhor tinha negado a uma criatura tão bela, inteligente e merecedora como ela era, o direito de partilhar do fruto da árvore. Para dar mais poder à sugestão "...a serpente continuou, com voz melodiosa, com subtis louvores à superior beleza de Eva; e suas palavras não lhe eram desagradáveis." {PP 25}, *Patriarcas e Profetas*, 54.

Na sua resposta, Eva citou erradamente as palavras de Deus, mostrando assim que a dúvida tinha começado a formar-se. Onde Deus disse, "*Certamente* morrerás," ela citou que Ele disse, "Não comereis dele, nem nele tocareis, *para que não* morrais." *Génesis 3:3*.

As palavras "para que não," negam a certeza e admite unicamente uma possibilidade. O seu uso transmitiu à serpente a informação de que a convicção de Eva acerca da natureza da lei de Deus estava a enfraquecer.

Assim ele foi encorajado para fazer um ataque directo à lei e ao carácter d'Aquele que a fez. Por isso disse à mulher, "Certamente não morreréis." *Versículo 4*.

Este é o ataque à lei. Deus disse que a desobediência à lei traria morte, mas aqui Satanás estava a dizer que a lei podia ser quebrada sem punição. Estava a argumentar que não há nada na lei que proporcione uma protecção para a morte. Tal pretensão é oposta à verdade expressa por Deus a Adão e Eva quando lhes disse que quebrar a lei traria a morte sobre o transgressor. É exactamente o oposto das verdades expressas noutra lugar na Palavra de Deus e descrito no capítulo anterior. Eva teve então a escolha se acreditaria na verdade como Deus a disse, ou na proposta de Satanás. Esta é ainda a nossa escolha hoje. Podemos acreditar que a lei é a amorosa provisão de Deus para nos tornar capazes de gozar com segurança as maravilhosas bênçãos contidas nos grandes poderes que Ele nos deu, ou podemos acreditar na mentira de Satanás de que a lei em si mesma não é protecção da morte.

Tendo feito o ataque à lei, Satanás prosseguiu com um ataque ao carácter de Deus. A fim de poder sustentar a sua declaração que quebrar a lei não traria a morte, disse que havia um outro propósito de Deus ao dizer que isso aconteceria. Aqui estão as suas palavras. "Certamente não morreréis. *Porque Deus sabe* que no dia em que comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal." *Génesis 3:4, 5*.

Ele apresentou uma razão totalmente diferente para a concepção da lei, do propósito previsto por Deus. Ele apresentou Deus como Aquele que estava profundamente preocupado de que alguma das Suas criaturas pudesse ascender a uma posição de igualdade com Ele mesmo, de modo que a glória, honra e poder que Ele tinha gozado previamente como Seu próprio privilégio, tivesse que ser compartilhado com outros.

Embora Deus não lhes tivesse dito, e por uma muito boa razão, Satanás insinuou que havia nessa árvore certas propriedades mágicas que projectariam aqueles que comessem dela, a um glorioso e superior lugar no Universo. Conquanto Deus não lhes tivesse revelado isto, continuou Satanás, Ele certamente sabia e estava desesperadamente receoso de que eles partilhassem da árvore e assim se tornassem iguais a Ele. A fim de se evitar essa terrível contingência, inventou o dispositivo de pôr neles um medo de comer dessa árvore.

Esta era a base a partir da qual Satanás mais tarde iria desenvolver o ensinamento de que Deus é quem destrói. Não havia, então, necessidade de levar todo este ensinamento até ao fim, pois ele podia realizar o objectivo do momento sem o fazer. Tendo uma vez estabelecido em Adão e Eva, a ideia de que Deus tinha inventado um ensinamento de que a desobediência à lei traria morte a fim de salvaguardar a Sua própria posição, era um passo muito mais lógico acreditar que Deus destruiria. De facto, é ilógico pensar de outra forma.

Se Deus fosse a espécie de ser que descia ao ponto de inventar uma mentira a fim de salvaguardar a Sua própria posição e se essa mentira fosse descoberta e o povo fizesse exactamente aquilo que Ele havia ordenado que não fizesse, então Ele não aceitaria tranquilamente em dividir o Seu trono com eles. Naturalmente Ele recorreria a outras medidas para realizar o mesmo propósito. A questão é que ter um carácter como o que Satanás apresentava que Deus tinha, seria incapaz de fazer outra coisa. Tendo falhado pelo *engano*, seria levado a usar a outra única arma disponível — a força. Entraria num conflito físico directo com aqueles que pensavam em subir ao Seu lugar e no fim, quando isso também falhasse, teria que os liquidar.

No jardim do Éden, Satanás assumiu o papel de intérprete das palavras de Deus. Adão e Eva aceitaram essa interpretação e comeram do fruto proibido. Por este meio eles pensaram tornar-se iguais a Deus. Em vez disto, lançaram a raça humana numa longa e horrível história de sofrimento e morte que tem sido a porção do homem pecador. Durante esse período de trevas, Deus tem trabalhado constantemente para restaurar a condição perdida, porém através de todo o período, Satanás tem continuado a oferecer-se a si mesmo como o intérprete das acções e palavras de Deus para o homem.

O resultado é que os homens começaram a ver Deus como Aquele que está constantemente a procurar preservar a Sua posição e poder indo fisicamente para a guerra contra o homem e destruindo-o se ele não se mantiver fiel à autoridade de Deus. Nisto, Satanás tem sido extremamente bem sucedido, pois a vasta maioria da raça humana tanto dentro como fora das igrejas, acredita firmemente que as destruições que têm devastado este mundo são a obra da própria mão de um Deus que está determinado a manter a Sua autoridade e a preservar a Sua posição.

É destes erros que a verdade de Deus nos deve libertar e é o propósito deste livro ajudar nessa libertação. Perante nós está a escolha quanto àquilo que devemos acreditar — a verdade de Deus que revela que a lei de Deus é a Sua maravilhosa provisão para *abençoar* todos os Seus filhos, ou na mentira de Satanás de que é um astuto plano para servir os interesses de Deus à *custa* das Suas criaturas.

Assim, na segura Palavra de Deus, vem a revelação do tempo e do lugar onde, pela primeira vez *sobre esta Terra* foi apresentada a ideia que a lei de Deus era uma medida estabelecida para Lhe assegurar os Seus direitos e que, portanto, não a observar não traria morte como uma consequência directa.

Esse *tempo* foi o início da história humana e o *lugar* o Jardim do Éden.

Do mesmo modo, o instigador destas ideias está desmascarado.

Ele é o diabo, o inimigo de Deus e do homem.

Além do mais, o triste resultado da aceitação dessas ideias foi testemunhado com terrível clareza por toda a história humana. Todas as misérias, frustrações, sofrimento, doença e morte, estão directamente relacionados com esse ensinamento.

Que maior evidência do que esta é necessária para rejeitar tais filosofias completamente e eternamente? *Isto é mais do que suficiente*. Portanto, na verdade, torna-se uma questão simples

decidir qual é a autêntica verdade neste assunto. O autor deste livro, juntamente com aqueles cujo apoio torna a sua produção possível, energicamente rejeita os argumentos de Satanás. Nós vemos Deus numa luz totalmente diferente daquela que o diabo gostaria que nós víssemos. Essa lei é o dom do amor de Deus para conosco, maravilhosamente desenhada para proteger e preservar e para tornar válidas para nós as maiores oportunidades de progresso e desenvolvimento.

Apesar de estarmos agora cientes de quem foi o autor destas ideias rebeldes, devemos entender que isto não explica como Deus operou segundo estes princípios em todas aquelas complicações difíceis introduzidas pelo problema do pecado. Porém, foi lançado um fundamento, sobre o qual essas compreensões podem ser construídas. Será agora possível aproximar-nos de todas as situações, sabendo que o diabo continuará atento para toldar a mente com pontos de vista errados a respeito do que Deus fez, exactamente como fez no Jardim do Éden. Haverá agora a abençoada tendência para rejeitar tal interpretação e procurar mais a verdadeira.

Tendo o fundamento sido lançado, chegou o momento para o estudo do comportamento de Deus tanto quanto ele pode ser compreendido, durante o interregno do pecado. Possa o Senhor ajudar todo o leitor a lutar com oração e paciência com estes problemas profundos até a verdade ser completamente esclarecida na mente para a justiça.

Capítulo 10

Um Resumo

Até agora, o estudo tem sido principalmente acerca da constituição do governo de Deus tal como foi formado e operou sob circunstâncias onde não existia o pecado. Era uma situação idealista e perfeita que operava sem falhas sem perturbar a felicidade de todas as criaturas do Universo.

Resumido na forma de sumário, o carácter de Deus como revelado nessa constituição é o seguinte:

As leis desse reino são a transcrição do carácter de Deus. Embora Deus seja um Salvador, as Suas leis também são designadas para serem uma protecção e libertação dos perigos contidos na existência do poder.

O carácter da lei e de Deus sendo um só, a justiça de Deus é pura e inteiramente uma voluntária, espontânea obediência que de nenhum modo é imposta por Ele mesmo nem pelas circunstâncias.

Este é o único tipo de obediência que Ele aceitará das Suas criaturas — um serviço que vem de uma inteligente convicção da Sua bondade, justiça imparcial e amor. Portanto, Ele criou-os para serem como Ele mesmo, tanto na semelhança exterior como no carácter de modo a serem capazes de apreciar a maravilhosa natureza da Sua lei e da constituição do Seu governo.

Porque apenas podia aceitar esta espécie de serviço, Deus não podia introduzir qualquer forma de compulsão tal como ameaça de punição, pois isto estimularia nos Seus filhos a disposição de obedecer, porquanto teriam medo de não o fazer. Nenhum reino pode ser verdadeiramente feliz quando os súbditos obedecem por terem medo independentemente de quão ligeiro esse medo possa ser.

Portanto, Deus deu a todos os Seus seres criados a inteira liberdade de prestar ou não obediência, juntamente com a *oportunidade* de fazer o contrário. Ao fazê-lo, demonstrou a Sua perfeita justiça ao explicar-lhes claramente os perigos próprios dos grandiosos poderes dados para sua bênção e serviço, as qualidades protectoras da lei e os resultados certos por não cumprir essa lei. Tendo feito isto deixou-os livres de irem pelo caminho que escolhessem.

Sob estas condições de governo, tão diferentes dos praticados pelos homens pecadores, não pode haver lugar para a chuva de castigos e destruição sobre aqueles que não vêm estas coisas pelo modo de ver de Deus. Esse sistema estava totalmente operacional até certos seres exercerem a escolha dada por Deus para seguir outro caminho. Durante esse tempo com certeza não havia necessidade de punir ou destruir quem quer que fosse pois ninguém tinha jamais desobedecido aos princípios divinos. A morte e a destruição eram totalmente desconhecidos.

Isto significa que durante todo esse período, o perfeito sistema de governo nunca ficou sob qualquer teste real ou desafio. Por conseguinte, se houvesse qualquer fragilidade no sistema, nada havia que os desenvolvesse ao ponto de serem claramente visíveis.

Porém, com o aparecimento da rebelião do querubim cobridor, Lúcifer, que se fez a si mesmo o diabo e Satanás, esse desafio foi levantado contra a constituição. Perante nós, na Palavra de Deus e nos anais da história humana, está o testemunho do teste dessa constituição até onde esse teste chegou. A pressão final está ainda para vir nos dias finais desta Terra.

A afirmação de Deus é que todo o princípio do Seu governo é eternamente perfeito, não requer ajustamentos e é igualmente aplicável nas situações de presença de pecado, bem como em situações

onde não há pecado. Ele apresenta a Sua lei como o único padrão da justiça para os que habitam na pureza do Céu e para aqueles que devem habitar no meio de um povo amaldiçoado pelo pecado.

Se Deus está totalmente certo nas Suas afirmações — e certamente os publicadores deste livro acreditam que assim é — então Ele não pode introduzir quaisquer acções para tratar com o problema do pecado diferentes do que fez antes do pecado aparecer. Por isso, tão certamente como deu às Suas criaturas a completa liberdade de prestar obediência antes de caírem, deve também dar a mesma liberdade depois disso. A garantia dessa liberdade situa Deus onde não pode punir nem destruir aqueles que a exercem.

Antes da queda, motivado por um coração de grandioso amor, Deus fez todas as coisas perfeitas e deu-as completa e livremente a Seus filhos. Então, para os salvar das horríveis possibilidades envolvidas no poder fora de controlo, Ele expressou melhor o Seu amor ao dar-lhes uma lei para os *salvar* do sofrimento e da morte. Assim, antes da queda, Deus cumpriu um papel de *Salvador*. Se os Seus propósitos relativamente ao Seu reino e Seu governo estão correctos, então depois da queda Ele deve também ocupar o papel de Salvador.

Antes da queda, a lei que entre outras coisas estabelece a máxima, “Não matarás,” era a expressão directa do Seu carácter. De acordo com isso não existia n’Ele o matar. Depois da queda, essa lei ainda declara, “Não matarás,” e ela continua a ser a expressão do Seu carácter. Sendo assim continua a não estar na Sua natureza matar e por esta razão continua a não poder fazê-lo.

É a declaração de Deus que Ele não muda, que é “O mesmo ontem, hoje e para sempre,” que é “O Deus incorruptível,” que n’Ele “não há mudança nem sombra de variação.” *Malaquias 3:6; Hebreus 13:8; Romanos 1:23; Tiago 1:17*. Ligai esta grande verdade com o princípio de que o que nós fazemos é o resultado do que somos. Antes da queda, Deus agindo fielmente ao Seu carácter, não destruiu ninguém. Portanto, se depois da queda, Ele resolvesse destruir, o Seu carácter devia ter mudado a fim de tornar isto possível. Porém, Deus declarou verdadeiramente que não mudou.

Como adversário das declarações de Deus estão as acusações de Satanás. Embora admita completamente que antes da rebelião nenhuma destruição jamais apareceu nas actividades de Deus, Satanás proclama que a aparição do problema do pecado impôs sobre Deus a necessidade de tratar com ele liquidando aqueles que não O serviram.

Deste modo, Satanás alega que os princípios do governo de Deus não são perfeitos. Isto prova-se, assegura ele, porque o Senhor teve que mudar o modo de agir durante a crise, o que nunca teve que fazer antes. Se Satanás pudesse provar estas acusações, o que as tornaria tão graves era o facto que Deus que declarou saber todas as coisas até ao fim desde o princípio, afirmou que os Seus princípios eram tão perfeitos que não importava quais fossem as circunstâncias que pudessem surgir, nunca requereriam mudança. Se por outro lado, o Senhor admitisse que o Seu sistema de governo apenas operaria com sucesso com a completa cooperação de todos os súbditos, exigindo a introdução da morte dos rebeldes, então Satanás não teria razão para argumentar. Na verdade, ele não teria estado ali a argumentar que os rebeldes seriam eliminados imediatamente.

Satanás está tão desesperadamente ansioso para ganhar nossa lealdade hoje como estava no jardim do Éden. Perante nós, então, está a tarefa de decidir quem tem razão neste grande conflito. Alguns têm sido ensinados até a ter fé cega em Deus, porém isto não é suficiente. A nossa fé deve ser inteligente para ser eficaz. A área na qual ela deve ser verdadeiramente inteligente é no próprio campo dos princípios da constituição do governo de Deus. A importância da mensagem deste testemunho deve ser compreendida por todos. “A fim de suportarem a prova que diante deles está, devem compreender a vontade de Deus como se acha revelada em Sua Palavra; poderão honrá-l’O, unicamente, tendo uma *concepção correcta* de Seu *carácter, governo e propósitos*, e agindo de acordo com estes.” *O Grande Conflito, 592*.

A natureza da constituição de Deus tal como foi formada e aplicada antes da entrada da iniquidade, foi claramente estabelecida na Palavra de Deus. Não é difícil compreender o que era e como era.

A tarefa agora perante nós é a procura muito mais difícil da operação daqueles princípios durante o período em que esteve sob a terrível prova imposta por Satanás e pelos homens ímpios. Esta é a área em que este estudo entra agora. É um campo em que o homem já formou suas ideias acerca do comportamento de Deus. Os homens sob a tutela de Satanás, pelas suas interpretações da Bíblia, formaram um conceito acerca de Deus muito definido. Essa ilustração apenas pode ser corrigida se o diabo estiver correcto nas suas afirmações que Deus teve que recorrer a actos de destruição a fim de resolver o problema do pecado.

Capítulo 11

Testemunhos Opostos

Inquestionavelmente, o infinito amor de Deus foi manifestado na eternidade antes do desastre do pecado ser introduzido sobre a imaculada felicidade das criaturas por todo o Universo, mas a manifestação desse amor é ainda mais maravilhosamente revelada desde a entrada do pecado.

Contudo, ao passo que ninguém dos que tinham algum entendimento da Palavra de Deus, considerou alguma vez que Ele puniu ou destruiu antes do aparecimento da iniquidade, a vasta maioria está plenamente convencida de que a necessidade tem exigido essas ações de Deus desde que começou a rebelião.

Há pelo menos duas razões para este pensamento. Em primeiro lugar, a mente humana tem há muito vindo a ser educada para acreditar que a única forma de vencer a rebelião é pela força. Portanto, porque o homem não tem consciência da existência de outro caminho senão este e porque está ciente de que o Senhor tem realmente um problema que tem que ser resolvido, o homem, a menos que seja especialmente iluminado pela palavra de Deus sob a orientação do Espírito Santo, não pode ver que exista qualquer outra alternativa para o Senhor senão o uso da força. Há, porém, outro caminho. Mais tarde serão analisados incidentes da história da Bíblia para mostrar que as ações de Deus podem ser vistas numa luz completamente diferente.

Uma segunda razão é que a mente tem sido treinada para ler as referências da Escritura segundo um certo método de interpretação. Quando lidas à luz desse sistema há muitas Escrituras que serão compreendidas como dizendo que Deus castiga, destrói e mata.

Considerai os seguintes exemplos.

“E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.

“Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração.

“E *disse o Senhor: Destruirei* de sobre a face da terra, o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito.” *Gênesis* 6:5-7.

“Porque eis que *eu* trago um dilúvio de águas sobre a terra, *para desfazer* toda a carne em que há espírito de vida debaixo dos céus: tudo o que há na terra expirará.” *Gênesis* 6:17.

“Então *o Senhor fez chover* enxofre e fogo, *do Senhor* desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra.

“E derribou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra.” *Gênesis* 19:24, 25.

“E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, Deus se lembrou de Abraão, e tirou a Ló do meio da destruição, *derribando* aquelas cidades em que Ló habitara.” *Gênesis* 19:29

“E disse o Senhor a Moisés: Quando voltares ao Egito, atenta que faças diante de Faraó todas as maravilhas que tenho posto na tua mão; mas *eu endurecerei o seu coração*, para que não deixe ir o povo.” *Êxodo* 4:21.

“Eu, porém, *endurecerei* o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egito os Meus sinais e as Minhas maravilhas.

“Porém *o coração de Faraó se endureceu*, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.” *Êxodo* 7:3, 13.

“E disse-lhes: *Assim diz o Senhor, o Deus de Israel*: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa: e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu próximo.” *Êxodo* 32:27.

“O Senhor é considerado cruel por muitos por requerer de Seu povo que fizesse guerra com outras nações. Dizem estar isto em contradição com Seu caráter benévolo. Aquele, porém, que fez o mundo, e formou o homem para habitar na Terra, tem ilimitado domínio sobre todas as obras de Suas mãos, e tem o direito de fazer segundo Lhe apraz, e o que Lhe apraz com a obra de Suas mãos. O homem não tem o direito de dizer a Seu Criador: Por que fazes assim? Não há injustiça em Seu caráter. Ele é o governador do mundo, e grande parte de Seus súditos rebelaram-se contra Sua autoridade, e pisaram Sua lei... Usou Seu povo como instrumento de Sua ira, para punir as nações ímpias, que os haviam afligido, e seduzido à idolatria.” *Mensagens Escolhidas* 2:333.

“Israel devia impressionar-se com o facto de que na conquista de Canaã não deveriam combater por si mesmos, mas simplesmente como instrumentos para executarem a vontade de Deus; não para buscarem riquezas ou exaltação própria, mas a glória de Jeová, o seu Rei.” *Patriarcas e Profetas*, 491.

“Semelhantes aos homens antediluvianos, os cananeus apenas viviam para blasfemar do Céu e contaminar a Terra. E tanto o amor, como a justiça exigiam a imediata execução destes rebeldes a Deus, e adversários do homem.” *Patriarcas e Profetas*, 492.

“E sucedeu que, fugindo eles diante de Israel, à descida de Betorom, o Senhor lançou sobre eles, do céu, grandes pedras até Azeca, e morreram: e foram muito mais os que morreram das pedras da saraiva do que os filhos de Israel mataram à espada.” *Josué* 10:11.

“E o rei, tendo notícias disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.” *Mateus* 22:7.

Uma cuidadosa leitura de toda a parábola da qual este último versículo faz parte e o comentário dela em *Parábolas de Jesus*, 307-309, mostrará que o rei é Deus, o exército era o dos romanos, os homicidas eram os judeus e a cidade era Jerusalém. O texto foi cumprido na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Portanto, o texto realmente diz: “E *Deus* tendo notícia disto, encolerizou-se, e, enviando os Seus exércitos, os romanos, e *Deus* destruiu os judeus, e incendiou Jerusalém.”

“E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e *de Deus* desceu fogo, do céu, e os devorou.” *Apocalipse* 20:9.

Esta sem dúvida não é uma ampla lista de testemunhos desta natureza. Não há uma razão especial para reunir aqui citações semelhantes na totalidade. Contudo, estas são mais do que suficiente para prover os exemplos necessários para mostrar que há muitas Escrituras desse tipo que quando *interpretadas de acordo com o modo com que as nossas mentes têm sido habituadas a interpretá-las*, não deixam a ninguém opção senão acreditar que Deus usa a força para liquidar aqueles que se rebelaram contra Ele.

Há muitas pessoas hoje que lêem estes textos, os interpretam de acordo com os métodos a que há tanto estão acostumadas e estão bastante satisfeitas em acreditar que Deus se comporta como um executor para com aqueles que recusam obedecer às Suas leis.

Porém, ao fazer isto tiveram que ignorar várias coisas:

- Em primeiro lugar, há vários testemunhos que dizem o contrário da interpretação dada ao que esses testemunhos dizem.
- Em segundo lugar, há grandes princípios que estão incorporados na constituição do governo de Deus.
- Em terceiro lugar, há terríveis implicações em manter tais crenças acerca de Deus.

Estes serão considerados na sua vez à medida que vamos prosseguindo, mas antes façamos uma lista do que alguns chamariam testemunhos opostos. Na realidade eles não são nem podem ser contraditórios, pois não há tais coisas como contradições na Palavra de Deus.

Aqui estão alguns exemplos desses testemunhos:

“Justo é o Senhor em todos os Seus caminhos, e santo em todas as Suas obras.” *Salmos* 145:17.

“Os Teus testemunhos [mandamentos ou leis] que ordenaste são rectos e muito fiéis.” *Salmos* 119:138.

O Senhor é justo e a lei é justa. Portanto, Deus é o que a lei é. Ela é “um transcrito de Seu carácter, e é o padrão de todo carácter.” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus*, 315 e essa lei declara “não matarás.” *Êxodo* 20:13. Portanto, *se não está na lei matar, no carácter de Deus também não está matar*.

Sendo assim, se matar não está na lei, não está no carácter de Deus matar.

Por conseguinte, “Deus não destrói a ninguém. Todo aquele que for destruído ter-se-á destruído a si mesmo.” {PJ 39}, *Parábolas de Jesus*, 84.

“Deus não destrói a ninguém.” *Testemunhos para a Igreja* 5:120.

“Deus *não* fica em relação ao pecador *como executor* da sentença contra a transgressão; *mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia*, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado, cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão contemporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente lançada, a qual produz infalível messe. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, é afinal retirado do pecador, e então poder algum permanece para dominar as más paixões da alma, e nenhuma protecção contra a maldade e inimizade de Satanás. *O Grande Conflito*, 36.

“*Satanás é o destruidor*. Deus não pode abençoar os que se recusam a ser mordomos fiéis. Tudo o que Ele pode fazer é *permitir* que Satanás realize *a sua obra destruidora*. Vemos calamidades de toda a espécie e de todo o grau caindo sobre a terra e porquê? *O poder restringidor de Deus não é exercido*. O mundo tem desprezado a palavra de Deus. Vive como se não houvesse Deus. Tal como os habitantes do mundo do tempo de Noé, recusam qualquer pensamento para Deus. Prevalece a impiedade numa extensão alarmante e a terra *está pronta para a ceifa*.” *Testimonies* 6:388, 389.

“Esta Terra já quase chegou ao ponto em que *Deus* há-de permitir *ao destruidor* operar com ela segundo a sua vontade.” *Testemunhos Selectos* 3:142.

“Deus mantém um acerto de contas com as nações. Nenhum pardal cai no chão sem o conhecimento d’Ele. Aqueles que praticam o mal para com os seus semelhantes, dizendo: Como o saberá Deus? Um dia serão chamados a enfrentar a vingança por tanto tempo adiada. Neste século, é mostrado um desprezo para com Deus mais do que comum. Os homens chegaram a um ponto de insolência e desobediência, que mostra que a sua taça de iniquidade está quase cheia. Muitos já passaram o limite da misericórdia. Em breve Deus mostrará que é Ele de facto, o Deus vivo. Ele dirá aos anjos: ‘Não combatam mais Satanás nos seus esforços para destruir. Deixai-o realizar a sua malignidade sobre os filhos da desobediência, pois o cálice da sua iniquidade está cheio. Eles avançaram de um grau de maldade para outro, aumentando diariamente o seu desrespeito pela lei. Não interferirei mais *para impedir que* o destruidor faça o seu trabalho.’ *The Review and Herald*, 17 de Setembro de 1901.

Quando foi pedido a Jesus que destruísse os samaritanos que O rejeitaram, Ele replicou aos Seus discípulos, “Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas salvá-las. E foram para outra aldeia.” *Lucas* 9:56, 57.

“Não há mais conclusiva prova de possuímos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir aos que não apreciam nossa obra, ou procedem em contrário a nossas idéias.” {DTN 344}, *O Desejado de Todas as Nações*, 487.

“Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

“O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Nós sabemos que Deus não faz nada que seja contrário aos princípios do Seu governo. Portanto, não usa a força.

“Doença, sofrimento e morte são obra de um poder antagônico. Satanás é o destruidor; Deus, o restaurador.” *A Ciência do Bom Viver*, 113.

Aqui está uma compilação de testemunhos, irrefutável e clara, evidenciando que Deus não executa, não pune e não destrói quem quer que seja. Quando estes e o primeiro conjunto de testemunhos são colocados lado a lado, aparentemente não há possibilidade de serem reconciliáveis. Não foi feita qualquer tentativa para procurar e copiar todos os testemunhos que existem de um lado e do outro. Isto não é necessário pois qualquer citação apenas diria aquilo que já está mencionado nesta selecção representativa.

Estas aparentes contradições colocam o estudante da Bíblia perante um problema. Para alguns “resolve-se” simplesmente abandonando a fé na Palavra de Deus, acusando-a e ao seu Autor de duplicidade e inconsistência. Outros simplesmente ignoram as palavras que são incapazes de compreender ou que na realidade não desejam aceitar, enquanto reúnem cuidadosamente a parte oposta, construindo a sua fé de acordo com ela.

Esta foi, evidentemente, a solução escolhida pelos fariseus e judeus antes e durante o primeiro advento. No Velho Testamento havia muitos testemunhos proféticos descrevendo tanto a primeira como a segunda vinda de Cristo. Uns, naturalmente, falavam da Sua vinda em obscuridade, vergonha, ignomínia, rejeição e por fim da crucificação. Outros, descreviam uma vinda em indescritível glória, poder e triunfo no qual todos os inimigos seriam totalmente aniquilados. Para a mente dos judeus, especialmente à medida que perdiam a iluminação do Espírito, era impossível reconciliar estas contradições aparentes. A solução deles foi ignorar todos os testemunhos que falavam de humildade e obscuridade e acreditar plenamente naqueles que falavam de poder e glória. Assim Satanás treinou as mentes deles para rejeitar o Salvador quando Ele viesse. Ele foi tão inteligente que usou as próprias Escrituras para conseguir isso. Tendo optado por este princípio errado de interpretação, então, quanto mais estudavam as suas Bíblias mais condicionados ficaram à rejeição do Salvador quando Ele apareceu. Ele veio exactamente como as Escrituras diziam que Ele viria, mas não como eles liam as profecias. Portanto, uma vez que Ele não veio de acordo com a lista de profecias que juntaram, rejeitaram-n’O e assim perderam a sua vida eterna.

A história da experiência deles contém uma lição do mais solene aviso. Apesar de compreendermos as diferenças entre as vindas de Cristo, somos confrontados com outros assuntos acerca dos quais dois conjuntos de testemunhos diferentes estão escritos. O assunto do carácter de Deus tem um conjunto de testemunhos que declaram que Ele não destrói e outro que diz que Ele o faz. Nós podíamos fazer o que os fariseus fizeram ao escolher a lista daqueles em que preferimos acreditar, juntando cuidadosamente todos os testemunhos que defendam este ponto de vista e abandonar ou ignorar os outros. Se fizéssemos isto ficaríamos com um entendimento tão errado como o dos fariseus a respeito da vinda de Cristo. As consequências para nós seriam as mesmas que foram para eles — a perda da vida eterna.

O verdadeiro estudante da Palavra de Deus não cometerá este erro. Ele não ignorará testemunhos, não importa quanto pareçam ser contrários a outros. Ele, francamente reconhecerá que até onde a sua compreensão se desenvolveu, estes testemunhos continuam *para ele* uma clara contradição dos outros e pela fé, sabe que na verdade na Palavra de Deus não há contradições. Consequentemente descansará na convicção de que o problema é apenas aparente e não real. Confessando a fraqueza e fragilidade da mente humana, reconhecerá que a dificuldade está numa profundidade inadequada da sua percepção espiritual. Sem preocupação pelo clamor das vozes à sua volta, avançará com uma fé tranquila, estudando pacientemente a Palavra de Deus, sabendo que, sob a tutela de Deus, os mistérios ser-lhe-ão revelados removendo todas as contradições, provendo em vez disso, uma perfeita harmonia, onde previamente apenas existia confusão.

Quando o estudante da Palavra de Deus, espiritualmente iluminado chega assim à posse do harmonioso sistema da verdade, verá que aqueles que seguem o sistema alternativo de interpretação

ao agrupar cuidadosamente apenas os testemunhos que apoiam o seu ponto de vista preferido o acusarão de torcer as Escrituras. Acusá-lo-ão de fazer a Palavra de Deus dizer aquilo que ela não diz. Argumentarão enfaticamente que a Bíblia diz, “Deus os destruiu.” Então “O que poderia estar mais claramente escrito do que isto?”

Podia responder-se dizendo que a Bíblia também diz, “Deus não destrói ninguém.” Mas, isto não terá efeito. As suas mentes foram programadas para aceitar apenas aquilo que escolheram acreditar. Nenhum resultado se obteria citando testemunhos do contrário. Eles, simplesmente se entrincheiram mais firmemente na sua lista, ao passo que em inflamada indignação, lançam a acusação de que as palavras *de Deus* claramente escritas estão a ser rejeitadas.

Duas coisas devem ser estabelecidas neste ponto. Uma é que o problema não pode ser resolvido simplesmente contrapondo testemunhos contrários a outros testemunhos. Em segundo lugar não pode ser resolvido torcendo ou mudando os testemunhos para os conformar com as nossas ideias preferidas. Neste estudo será tomado grande cuidado para não fazer isto. Mesmo assim, esperaremos que os que se opõem à posição tomada nesta publicação lancem esta acusação contra nós. Lutaremos para tornar a nossa posição tão clara que deixe tal acusação sem fundamento. Pedimos a cada franco, honesto e responsável leitor para verificar cuidadosamente se de algum modo a Palavra de Deus é distorcida a fim de servir algum ponto de vista pessoal ou particular à medida que as páginas vão passando. Acreditamos que será verificado que a única interpretação dada às Escrituras será a que se encontra nas próprias Escrituras, sem a apresentação de interpretação particular. Ao mesmo tempo entender-se-á que toda a desarmonia entre as duas listas de testemunhos desaparecerá.

Tem havido cuidadosa e franca citação de duas diferentes e aparentemente contraditórias listas, a fim de demonstrar que há um problema que necessita ser solucionado. Como pode este problema ser resolvido de modo a trazer o ponderado e responsável estudante a um conhecimento exacto daquilo que a Palavra de Deus está a ensinar? Esta é a importante questão que vamos agora estudar.

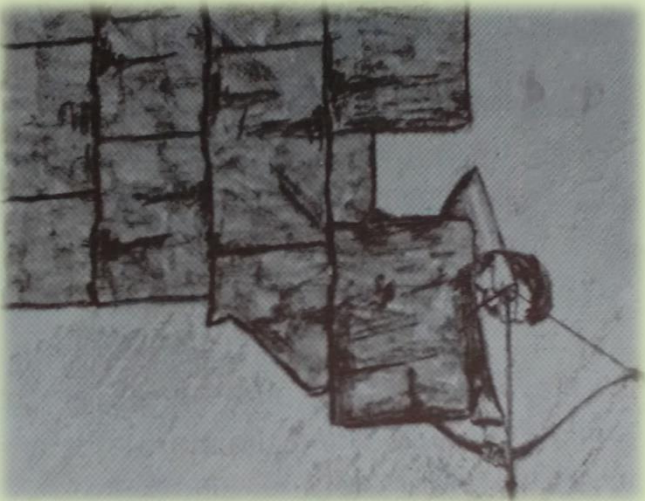
As nossas memórias vão ao tempo em que sem sombra de dúvida acreditámos que Deus destrói. Compreendíamos que depois de grande paciência e tolerância, quando Deus procurava ganhar o pecador, era finalmente deixado sem outra alternativa senão obliterar da face da Terra, num acto de significativa destruição, aqueles que recusaram arrepender-se e entrar em harmonia com os princípios do Seu governo. Por muitos anos esta ideia permaneceu sem desafio. Entretanto, a nossa compreensão acerca dos caminhos de Deus foi-se tornando muito mais ampla à medida que com cuidadoso e consciencioso propósito estudámos a Palavra de Deus. Ao fazê-lo chegámos por fim ao ponto em que outros testemunhos e princípios começaram a revelar-se. Estes princípios negaram a posição que já tínhamos a respeito do carácter de Deus. Não podíamos honestamente rejeitar os novos conceitos e ao mesmo tempo não podíamos facilmente revogar os antigos. Contudo, não havia solução acerca do modo como deviam ser reconciliados.

A fé foi um firme factor no problema. Ela dizia que *não há contradições* na Palavra de Deus. A fé dizia também que devemos aceitar ambos os testemunhos como estão escritos. Ela dizia que no tempo devido, o próprio Senhor do Céu iria prover as respostas se confiássemos n’Ele e continuássemos cuidadosamente o nosso estudo objectivo.

Na minha experiência pessoal isso aconteceu assim. Até 1952 nunca duvidei da forma como Deus trata com o não arrependido. Era claro para mim que Ele os destruía no lago de fogo. Contudo, nesse ano, as lições da Escola Sabatina na igreja da qual eu era membro tratavam com a origem do mal. Olhámos com profundo cuidado a natureza do governo de Deus, os problemas que se levantaram na mente de Lúcifer, as questões do seu desafio contra o governo de Deus e o modo como Deus tratou esse problema. Não era então claro, como tem sido nestes primeiros capítulos, mas ganhámos uma maravilhosa e bela compreensão da constituição do governo de Deus.

CONTRADIÇÕES APARENTES

A Bíblia diz que Deus
não destrói



Leva alguns a lutar com outros
usando a Palavra de Deus

Este não é o caminho
para chegar à verdade
da Escritura

A Bíblia diz que
Deus destrói



Uma parte da Palavra de Deus não deve ser usada para negar a outra.
Estudai sob a orientação do Espírito de Deus até todas as contradições
ficarem em perfeita harmonia

Nós vimos como em absoluta justiça, no que respeita a Deus, teve que se dar sobre esta Terra a grande luta entre o bem e o mal. Deus tinha que vencer pelos *Seus próprios méritos* sem a ajuda de uma avassaladora força física. Nunca esquecerei o regozijo com que compreendi estes preciosos princípios da verdade. Adquiri uma compreensão do grande conflito como jamais tinha conhecido antes, mas que se têm desenvolvido em profundidade desde esse dia. Hoje, não tenho palavras suficientes para recomendar muito fortemente, a necessidade de cada alma de fazer um estudo profundo e detalhado dos assuntos envolvidos no grande conflito desde o princípio ao fim.

Umhas semanas mais tarde a minha nova crença enfrentou um grande desafio. As lições da Escola Sabatina iam desde a queda de Adão e Eva, à morte de Abel e à multiplicação do povo sobre a Terra. Então chegámos ao dilúvio.

As implicações dos pontos de vista a respeito do que Deus fez na eliminação da raça humana no tempo de Noé eram na verdade muito graves. Eu vi que o ponto de vista normalmente aceite do que Deus fez naquela altura, significava que Ele fora forçado a admitir que a justiça não tinha sido capaz de resistir ao aniquilador período de maldade, de modo que Deus e Cristo foram obrigados a intervir exercendo o Seu poder físico superior para inverter essa direcção, fazendo desaparecer a totalidade dos seguidores de Satanás e preservar apenas vivos os Seus.

Eu imagino uma conversa entre o Pai e o Filho nestes termos. “No princípio empreendemos combate neste grande conflito na base de que a justiça podia prevalecer pelos seus próprios méritos. Mas agora está claro que o pecado alcançou tais proporções que está à beira de levar após si o mundo. Apenas nos restam oito súbditos e dentro de pouco tempo também estes morrerão ou passarão para o campo de Satanás dando-lhe a vitória total nesta luta. Portanto, temos que agir agora em resgate da justiça. Vamos intervir com o nosso poder infinito e ilimitado e obliteremos todo o lado de Satanás. Vamos preservar apenas o nosso próprio povo e assim começar tudo completamente de novo. A partir de então, manteremos o uso da força nos lugares apropriados a fim de assegurar que Satanás nunca mais traga o mundo a este mesmo ponto de crise.”

Isto implicava que Deus tivesse que *rever* o Seu método de tratar com o problema do pecado. Revelava que Ele começara de um modo, mas verificou mais tarde que era obrigado a introduzir medidas não contempladas no princípio. Isto colocaria Deus abaixo do infinito, onisciente, omnipresente e omnipotente. Significava que Ele não era na verdade de Deus, porque Deus tem perfeito conhecimento antecipado e não necessita de revisões, compromissos ou mudanças à medida que o tempo passa.

Deste modo, verifiquei que tinha um sério problema entre mãos. Nada podia negar a clareza dos princípios que sublinhavam o governo de Deus ou do Seu modo de tratar com o problema do pecado. Contudo, ao mesmo tempo, a história do dilúvio parecia mostrar um Deus que foi mais tarde forçado a introduzir um elemento de compulsão e destruição. Enquanto, por um lado, eu não podia negar, nem negava as verdades aprendidas sobre a origem do mal, por outro, era incapaz de ver onde é que o entendimento popular acerca do dilúvio estava errado. Portanto, foi-me apresentada pela primeira vez, uma mudança real de conceitos e entendimento há tanto mantidos. No início não compreendi o desafio da mudança. Não havia resposta para ele.

A minha atitude foi de fé. Não tentei torcer ou desviar qualquer dos lados da questão para harmonizar com o outro. Acreditei implicitamente que na Palavra de Deus não há contradições. Essas contradições que se apresentam como tal estão ali apenas por causa de uma inadequada compreensão da nossa parte. Acreditei do mesmo modo que Deus daria luz e compreensão àqueles que humildemente e sinceramente procurassem. Portanto, estudei, orei e esperei. Veio o tempo em que mais evidências começaram a acumular-se e peça a peça, o puzzle começou a juntar-se até que encontrei uma perfeita conciliação entre a atitude testemunhada por Deus para o problema do pecado e a história do dilúvio.

Conto de novo este desenvolvimento do meu próprio pensamento para indicar de que forma todos podemos chegar à salvadora verdade da Palavra de Deus. Há problemas na compreensão e na interpretação. Ao mesmo tempo há regras claramente estabelecidas na Bíblia quanto à forma como

os problemas podem ser resolvidos. Se aprendermos a seguir essas explicações de interpretação bíblica não podemos senão chegar à viva verdade de Deus.

Este capítulo foi devotado ao reconhecimento de que há um problema real a ser resolvido por causa da existência de *aparentes* contradições na Palavra de Deus. Como há testemunhos que dizem plenamente que Deus destrói e outros a dizer que Ele não destrói, recomendamos fortemente que cada leitor enfrente o facto que esse problema existe. Ao mesmo tempo, encorajamos cada crente a compreender que não há contradições reais na Palavra de Deus, que a Bíblia está escrita para o homem entender que estes problemas têm solução e que a simples fé confiante em Deus trará o claro entendimento em relação a isto. Se estamos preparados para adoptar esta atitude, então, estamos prontos para prosseguir no estudo da forma pela qual o problema pode ser resolvido.

Capítulo 12

Testemunhos e Princípios

O problema que se põe perante nós é obviamente o da interpretação; de determinar exactamente o que pretendem dizer as palavras usadas na Bíblia. Hoje, as múltiplas versões do que se supõe que as Escrituras dizem são a prova clara que há muitas falsas interpretações da Palavra de Deus, pois apenas uma interpretação pode estar correcta. As falsas são muitas, a verdadeira é única.

Dependemos da nossa compreensão do carácter de Deus, na revelação que dele é dada na Sua Palavra. Essa Palavra representa o esforço no quadro da capacidade da linguagem humana, para revelar o peso, a profundidade, o comprimento e a amplitude do infinito. Como tal, é uma obra-prima de simplificação, perfeitamente destinada à compreensão da mente humana.

Mas, se queremos chegar a um conhecimento correcto do carácter de Deus e portanto salvador da vida, temos que saber primeiro o que são os correctos princípios da interpretação da Bíblia. Isto é obviamente importante. Começar a estudar a Palavra de Deus com um princípio incorrecto de interpretação, é acabar muito longe da verdade. De facto, quanto mais intensivo e longo for o estudo, mais afastado da verdade a pessoa acabará.

É uma afirmação comum de alguém que ensina o erro argumentar solenemente que estudou o assunto directamente das Escrituras durante muitos anos. “Não é isto prova convincente” pergunta ele, “de que o que eu estou a apresentar é a verdade?”

Para muitos, um argumento desta natureza é impressionante, mas, para o verdadeiro estudante, não é de todo uma prova, “A pessoa que faz esta afirmação passou esses anos a *estudar de acordo com os princípios correctos de interpretação bíblica ou não?*” Se não, então o verdadeiro filho de Deus sabe que esses trinta anos de estudo afastaram esse homem precisamente para mais longe da verdade. Teria sido melhor se não tivesse estudado nada.

No princípio dos anos 60 do século vinte, um homem nos Estados Unidos começou a proclamar que a segunda vinda de Cristo teria lugar em Outubro de 1964. Quando foi desafiado pelas evidências da Escritura que isto não aconteceria, argumentou com grande solenidade e autoridade que tinha estudado este assunto nos anteriores trinta anos, e, portanto, sabia com certeza que o que dizia era a verdade e apenas a verdade.

Sem nunca aprender, o homem estabeleceu outra data quando o tempo provou que a sua profecia era um engano. Quando a segunda data chegou e falhou, estabeleceu uma terceira data e até uma quarta. Finalmente desapareceu na obscuridade.

Quão mais sensato teria sido ter voltado atrás e cuidadosamente rever os seus princípios de interpretação bíblica e métodos de estudo.

O facto é que poucas pessoas se aproximam do estudo da Palavra de Deus verdadeiramente sem qualquer sistema de interpretação claramente estabelecido. Procuram na Palavra e formam as suas próprias opiniões daquilo que *eles* pensam que as passagens dizem. Esta é uma prática confusa e perigosa.

Na nossa aproximação ao assunto do carácter de Deus, não desejamos fazer isto. Temos perante nós um problema muito real na existência de dois conjuntos de testemunhos que podem ser e têm sido compreendidos como dizendo praticamente o contrário um do outro. O único caminho seguro para nos aproximarmos desta dificuldade é pelas linhas da *correcta interpretação* escriturística.

Para serem usados, estes princípios têm primeiro que ser compreendidos. A nossa tarefa é apresentá-los e, tendo-o feito, manter-nos fiéis a eles estritamente. Cada ponto de vista começado aqui será de acordo com estes princípios de interpretação. Portanto, quem quer que procure desaproveitar a mensagem deste livro deve primeiramente mostrar onde é que os princípios de interpretação pelos quais ela se desenvolve são errados, ou se sendo os princípios correctos, as conclusões aqui expostas não estão em harmonia com esses princípios. Se nenhum destes pode ser mostrado, então a mensagem deste livro é correcta.

É da própria Bíblia que obtemos as linhas de orientação para a sua interpretação. A Bíblia não nos dá apenas a mensagem da verdade mas informa-nos *também* como essas mensagens devem ser compreendidas. A nossa posição acerca deste assunto é o princípio fundamentado em *2 Pedro 1:20*. “Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.”

Que a mensagem deste versículo seja para sempre gravada na mente de cada pessoa que se aproxima do estudo da Palavra de Deus. Ela não deixa espaço para interpretação particular porque nenhuma profecia tem interpretação particular.

Alguns podem ter a tendência para limitar a aplicação deste versículo às áreas da Escritura que apresentam predições de acontecimentos futuros porque esta é a definição da palavra “profecia” mais geralmente aceite.

Num sentido limitado isto é o que a palavra “profecia” quer dizer, mas no seu total e amplo sentido, “profecia” aplica-se a quaisquer revelações que vêm de um profeta. Quando isto for compreendido, será reconhecido que toda a palavra da Bíblia é profecia. Os profetas *não são apenas os que anunciam o futuro*. Eles *profetizaram*, dizendo todas as palavras que Deus lhes deu, ainda que fossem conselhos, admoestações, revelações do evangelho ou predições do futuro. Portanto, este versículo fundamenta plenamente a regra que nenhuma profecia – nenhuma palavra em toda a Escritura – deve ser de qualquer interpretação particular.

Podemos agora fazer a pergunta, “em que é a interpretação particular diferente da interpretação escriturística?” Interpretação particular é aquela que emana da mente do homem conforme a sua opinião acerca daquilo que as divinas revelações pretendem dizer.

Ele chega a estas conclusões de acordo com as definições das palavras já formadas na sua mente. A sua mente é um dicionário ao qual ele faz referência sempre que lê uma palavra. Quando encontra uma palavra que ainda não consta do limitado compêndio da sua mente, então volta-se para um dicionário de sinónimos tal como o *Oxford* ou *Webster*. Depois de obter ali o significado, aplica esta palavra à Escritura que está a ler e desenvolve a partir daí uma compreensão sobre o que a Escritura supostamente diz.

Podemos definir bem este método de estudo bíblico como definições pelo dicionário. É um modo de estudar a Bíblia e podemos assegurar que se este método for usado, então inevitavelmente, será estabelecido um certo entendimento.

Por exemplo, quando o homem lê nas Escrituras que Deus *enviou* o dilúvio sobre a Terra e que Ele *destruiu* o homem fazendo chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra, sem sombra de dúvida que compara as definições das palavras-chave, “enviou,” “destruiu,” e “fez chover,” com as definições que essas palavras já têm na sua mente. Essas definições apenas lhe podem dar uma ilustração de Deus usando pessoal e directamente o Seu grande poder para flagelar e liquidar os Seus inimigos.

Nunca é demais salientar que enquanto este método de interpretação for usado, *nenhuma outra conclusão pode ser tirada a não ser esta*. Inevitavelmente, todos os que usam este método têm que crer que Deus é um carrasco impiedoso e que está a fazer coisas depois da queda que nunca havia feito antes.

A limitada e errada natureza deste método é demonstrada quando se vê que ela fica ligada a contradições inexplicáveis. Ficam sem explicação para a outra lista de testemunhos e grandes princípios que reforçam o carácter de Deus. Convenientemente ignoram essas Escrituras, concentrando o seu estudo naqueles que suportam o entendimento que escolheram. Quando

confrontados com os extractos que contradizem os seus conceitos, encontram refúgio em dois enganosa. Um é tentar e torcer as declarações difíceis de modo a se adaptarem aos seus pontos de vista. O outro é afirmar que o seu entendimento está baseado na preponderância da evidência (como se as verdades da Palavra de Deus fossem determinadas pelo peso dos números).

Os que aprendem e adoptam o método escriturístico de interpretação, não têm este problema. Eles verificam que toda a Palavra de Deus se torna um harmonioso padrão da verdade salvadora. Verificam que podem pegar nos testemunhos da Escritura que para outros são uma contradição e vêem neles apenas uma perfeita consistência.

Por que então, é o método de definir pelo dicionário palavras que descrevem *o carácter e comportamento de Deus*, garantia de conduzir a uma compreensão errada das Escrituras? Pode seguramente argumentar-se, que o próprio propósito do dicionário é tornar claro o que as palavras significam? Se não usarmos o dicionário para definir os nossos termos então para onde nos devemos voltar? Como é que saberemos então o significado de alguma coisa?

Estas são excelentes perguntas.

O dicionário contém as definições das palavras *como elas descrevem o comportamento humano*. Este é o ponto-chave. Neste campo, o dicionário é a autoridade indiscutível e deve ser respeitado. Mas o dicionário é compilado por homens que não compreendem ou não estão relacionados com o comportamento divino. Se o comportamento divino fosse o mesmo, então o dicionário serviria para ambos, mas eles não são o mesmo. São na verdade muito diferentes. O Senhor avisou-nos claramente disto.

Deus diz, “Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor.

“Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” *Isaías* 55:8, 9.

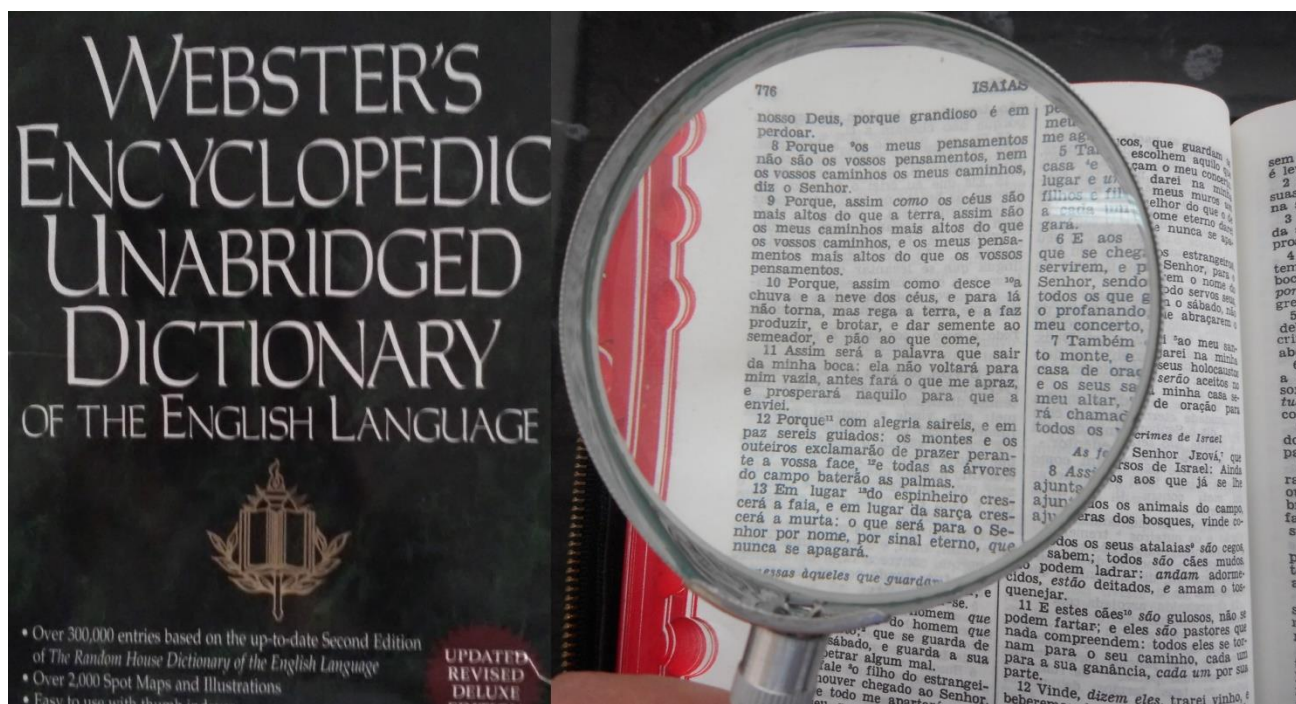
Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Eles são diferentes. São tanto mais altos do que os caminhos dos homens como os céus estão acima da Terra. Alguém que deseja chegar a um conceito correcto acerca do carácter de Deus deve gravar este testemunho na sua mente e tratá-lo como linha de orientação do seu estudo. Deve organizar-se para testar cada afirmação, cada conceito e cada ideia que se forme na sua mente, pelas palavras deste testemunho. Sempre que, ao ler as palavras de Deus, conceba uma ilustração do comportamento divino como sendo o mesmo que o comportamento humano, então à luz desta Escritura, saberá que o conceito formado é errado.

Embora seja correcto concluir que todo o conceito sobre Deus que considera que Ele se comporta como o homem é errado, não é necessariamente certo assumir que qualquer ponto de vista que atribua a Deus um caminho diferente do homem seja verdadeiro, pois é possível propor procedimentos que não sejam comuns nem a Deus nem ao homem.

Isto necessita ter dois grupos de definições para a mesma palavra-chave. Um dos grupos já nós conhecemos bem, sendo o dicionário e o uso diário das palavras do modo como descrevem o comportamento humano. O que necessita ser desenvolvido na compreensão humana é essa outra definição que define as palavras como elas são usadas por Deus para descrever o Seu próprio comportamento. Aqui é feita referência a tais palavras-chave como “destrói”, “ira”, “justiça”, “julgamento”, “punição”, e outras idênticas.

O homem destrói. Nós sabemos isso. Também sabemos quais são *os métodos que o homem usa* para destruir. Sabemos como ele o faz e não temos dificuldade em definir esta palavra como ela se aplica ao comportamento humano.

A Bíblia diz, “Deus destrói”. Portanto, a verdade é que Deus destrói e nenhuma tentativa será feita para negar isso. Mas a Bíblia também diz que os caminhos de Deus não são os caminhos do homem. Desta forma apenas podemos saber que o modo de Deus destruir é totalmente diferente dos processos do homem. Entre eles não há semelhança.



A BÍBLIA É O SEU PRÓPRIO DICIONÁRIO

Webster e Oxford podem definir palavras *apenas* como elas se aplicam ao comportamento humano. A Bíblia usa e define-as como elas se aplicam ao comportamento de Deus.

PORQUE

“... Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos, diz o Senhor.

“Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.” Isaías 55:8, 9.

Portanto, conclui-se que na declaração feita pela Palavra que Deus destrói, deve ser compreendido que esta obra é feita de uma maneira totalmente diferente dos métodos usados pelo homem, embora, quando se declara que Deus não destrói, a admoestação feita é que Deus não o faz de acordo com o método humano.

Enquanto esta é a linha de orientação para o estudo apresentada em *Isaías* 55:8, 9, a total confirmação deste princípio será encontrada na redefinição destas palavras-chave, segundo elas se aplicam à descrição do comportamento divino diferente do comportamento do homem. Esta é a chave para harmonizar a aparente contradição dos testemunhos. Portanto, enquanto por um lado deve ser usado o dicionário para determinar o significado das palavras usadas para descrever a actividade humana, este deve ser rejeitado quando se procura conhecer os procedimentos de Deus.

Tendo determinado que estas definições alternativas não estão escritas no dicionário, levanta-se a questão, onde é que elas se podem encontrar? A Bíblia deve ser usada como seu próprio dicionário. Apenas quando tivermos aprendido a usá-la como tal, poderemos obter uma correcta compreensão das suas mensagens.

Deus compreendeu os problemas que o ser humano enfrentaria e porque Ele pretende que a Sua Palavra seja uma mensagem compreensível para o Seu povo, incorporou cuidadosamente nas Escrituras meios pelos quais se pode encontrar uma clara definição das palavras como Ele as usa ao descrever o Seu próprio comportamento. Assim, ninguém tem desculpa para não obter definições escriturísticas. Elas estão lá. Deus deu-as e é nosso dever procurá-las e, depois de as encontrar, aplicá-las ao estudo da Palavra de Deus.

O grande movimento do segundo advento foi o mais poderoso empreendedor espiritual depois do Pentecostes. Foi a revelação da verdade que lhe deu existência e foi construído sobre um fundamento de verdade. Chegou-se a essa verdade por princípios correctos de interpretação bíblica, dando-nos uma tremenda confirmação do sistema estabelecido nos parágrafos anteriores. Quando o pai da fundação do Movimento do Advento começou o estudo sistemático da Bíblia, fê-lo, *não* de acordo com a interpretação das palavras do dicionário, mas de acordo com as definições *bíblicas* dessas palavras.

Voltamo-nos agora para o relato do método do estudo bíblico desse homem.

“Miller professou publicamente a sua fé na religião que antes desprezara. Os seus companheiros incrédulos, entretanto, não tardaram em reproduzir todos os argumentos com que ele próprio insistira contra a autoridade divina das Escrituras. Não estava então preparado para lhes responder, mas raciocinava que, se a Bíblia é a revelação de Deus, *deve ser coerente consigo mesma*; e que, como foi dada para a instrução *do homem, deve adaptar-se à sua compreensão*. Decidiu-se a estudar as Escrituras por si mesmo, e verificar se as aparentes contradições não se poderiam harmonizar.

“*Esforçando-se por deixar de lado todas as opiniões preconcebidas*, dispensando comentários, comparou passagem com passagem, com o auxílio das referências à margem e da concordância. Prosseguiu no estudo de modo sistemático e metódico; começando com Génesis, e lendo versículo por versículo, não ia mais depressa do que se lhe desvendava o sentido das várias passagens, de modo a deixá-lo livre de toda a dificuldade. Quando encontrava algum ponto obscuro, tinha por costume compará-lo com todos os outros textos que pareciam ter qualquer referência ao assunto em consideração. Permitia que cada palavra tivesse a relação própria com o assunto do texto e, quando harmonizava o seu ponto de vista acerca dessa passagem com todas as referências da mesma, deixava de ser uma dificuldade. Assim, quando quer que encontrasse passagem difícil de entender, achava explicação em alguma outra parte das Escrituras. Estudando com fervorosa oração para obter esclarecimento da parte de Deus, o que antes parecia obscuro à compreensão agora se fizera claro. Experimentou a verdade das palavras do salmista: ‘A exposição das Tuas palavras dá luz; dá entendimento aos simples.’ Salmos 119:130.” *O Grande Conflito*, 319, 320.

O método de estudo bíblico de Miller é plenamente confirmado de duas maneiras como sendo correcto. Primeiramente, enquanto o mundo religioso dos seus dias usava tudo menos este método de estudo, só ele, ao usá-lo, sob guia do Espírito Santo chegou à grande e oportuna verdade salvadora da mensagem do advento. É seguro dizer que se Miller não tivesse usado estes métodos para estudar a Bíblia, certamente nunca teria chegado às verdades a que chegou. A segunda confirmação vem do facto que aqui em *O Grande Conflito*, todo o sistema é apresentado como linha de orientação para todos os que o seguem.

Note-se agora os pontos principais deste sistema. Primeiramente há a *aproximação mental*. Miller *raciocinou* que a Bíblia, sendo uma revelação de Deus, deve ser *consistente com ela mesma*. Nunca somos capazes de dar a suficiente ênfase para a necessidade da parte do estudante em reconhecer que não há coisa como contradição na Palavra de Deus. Quando esta convicção estiver firmemente estabelecida, nenhum esforço será feito para torcer ou perverter as Escrituras a fim de a harmonizar com outra Escritura. Em vez disso o estudante bíblico estudará cuidadosamente, com paciência e

perseverança até que os princípios sejam tão bem compreendidos que os testemunhos apareçam em perfeita harmonia uns com os outros.

Em segundo lugar, Miller reconheceu que tal como a Bíblia está expressamente escrita para a instrução do homem, ela deve estar adaptada ao seu entendimento. Por outras palavras, ele convenceu-se de que a Bíblia não estava fora do alcance da compreensão intelectual do homem. Foi escrita para o homem, portanto, pode ser compreendida pelo homem. Mais ainda, quando um estudante tem esta convicção, não abandonará aqueles aspectos da Escritura que não cabem nos seus conceitos iniciais como se eles fossem impossíveis de entender.

Em terceiro lugar, Miller esforçou-se por pôr de parte todas as opiniões preconcebidas, e, dispensando comentários, comparou *Escritura com Escritura*, com a ajuda das referências da margem e da concordância. Dificilmente haverá uma barreira mais séria para chegar à verdade salvadora do que a provida por opiniões e ideias preconcebidas. Hoje, não existe uma pessoa viva que não seja em maior ou menor grau, afectada por este problema. Durante todo o período das nossas vidas passadas, absorvemos conceitos, ideias e informações. Chegamos a pensar de acordo com certas linhas e estas formas de pensar têm sido erradas principalmente no que diz respeito ao nosso conceito sobre o reino de Deus.

O principal exemplo disto encontra-se na experiência dos apóstolos de Jesus. Eles nasceram num mundo judeu onde as esperanças principais da vinda do Messias eram o advento de um rei absoluto vencedor. À medida que aqueles jovens cresciam, ouviam falar disto à sua volta. Era-lhes pregado na igreja e ensinado na escola. O resultado foi a construção de uma forte noção preconcebida sobre a obra e o ministério de Cristo. Quando o verdadeiro Salvador apareceu, essas ideias formaram durante muito tempo uma terrível barreira que longamente tornou impossível a Cristo trazê-los à verdade a respeito do Seu ministério e missão. Só quando Ele por fim foi capaz de os livrar dessas ideias preconcebidas, pôde ensinar-lhes a verdade.

Assim acontece connosco hoje. Cada um de nós devia reconhecer humildemente que não possuímos a sabedoria, conhecimento, conceitos e ideias exactos e que este modo de pensar errado é na verdade um grande problema.

“Diferentes são os cunhos mentais. As expressões e declarações não são compreendidas da mesma maneira por todos. Alguns entendem as declarações das Escrituras segundo sua mente e casos especiais. As prevenções, os preconceitos e as paixões têm forte influência para obscurecer o entendimento e confundir a mente mesmo ao ler as palavras da Santa Escritura.” *Mensagens Escolhidas*, 1:20.¹

“As Escrituras não devem ser adaptadas ao preconceito e desconfiança dos homens. Somente podem entendê-las aqueles que humildemente procuram conhecimento da verdade para poder obedecer-lhe.” {PJ 53}, *Parábolas de Jesus*, 112.

Alguns podem sentir que honestidade e sinceridade compensam a exactidão. Mas Jesus diz claramente “E conhecereis a *verdade*, e a *verdade* vos libertará.” *João* 8:32. É a verdade e não o erro quem nos salva. Por esta razão, Deus está continuamente a enviar-nos claras e mais avançadas revelações da Sua verdade de modo que possamos correspondentemente ascender a grandes excelências de experiência religiosa. Muitas pessoas falharão em entrar no Reino dos céus porque o preconceito barrou-lhes a porta à sua aceitação da verdade.

Notai cuidadosamente os solenes avisos contidos nesta seguinte citação que começa com a pergunta, “Que preciso fazer para ser salvo?” A resposta dada é inesperada e solene.

“Perguntais: Que preciso fazer para ser salvo? Deveis depor à porta da investigação as opiniões preconcebidas, as ideias herdadas e cultivadas. Se examinais as Escrituras para vindicar vossas opiniões próprias, nunca alcançareis a verdade. Investigai para aprender o que o Senhor diz. Se vos vier a convicção ao investigardes, se virdes que vossas opiniões acariciadas não estão em harmonia com a verdade, não mal interpreteis a verdade para acomodá-la à vossa própria crença, antes aceitai a

¹ Para material de estudo adicional vede *Mensagens Escolhidas* 1:19-22.

luz concedida. Abri a mente e o coração, para que possais contemplar as maravilhas da Palavra de Deus.” {PJ 53} *Parábolas de Jesus*, 112.

Há um número de respostas que podiam ser dadas à questão: “Que preciso fazer para ser salvo?”. As respostas são dadas noutros lados, mas aqui o ponto é que a *nossa salvação* depende de facto de deixar as opiniões preconcebidas, hereditariedade e ideias cultivadas. William Miller fez isto e, porque o fez, chegou à verdade *salvadora*. Se fizermos o mesmo, semelhantemente chegaremos à verdade *salvadora*.

Devem ser feitos esforços para dar ênfase a este pensamento porque no campo do conhecimento que trata com o carácter de Deus são abundantes os conceitos errados. Qualquer aproximação a esta verdade deve vir de um passado de profundo erro e má compreensão. Todo o mundo está na ignorância acerca de Deus tal como Ele é, nós que vivemos neste mundo, temos sido inconscientemente influenciados por esta atmosfera. Portanto, não há assunto, no qual há necessidade de pôr de parte ideias e opiniões preconcebidas, mais importante do que este.

Chegamos agora a um ponto-chave na aproximação do estudo bíblico de William Miller. À medida que ele prosseguia de versículo em versículo chegava inevitavelmente a uma Escritura que confundia a sua compreensão e que por sua vez aparentemente contradizia o que já havia aprendido noutros lugares da Palavra. Como é que *ele* resolveu este problema? Dispensando comentários e dicionários, usou a Bíblia *como seu próprio dicionário*. “Assim, quando quer que encontrasse passagem difícil de entender, achava explicação, em alguma outra parte das Escrituras.” *O Grande Conflito*, 320.

Ele prosseguiu “*sua regra* de fazer as Escrituras *o seu próprio intérprete*.” *O Grande Conflito*, 324. Ao fazer isto, evitou a perigosa armadilha da interpretação humana particular que apenas pode levar para mais longe. A única coisa que não pode ser permitida na procura da verdade como Deus a vê, é o uso de interpretação humana particular das revelações de Deus. Seria muito melhor não estudar a Bíblia de todo, do que procurá-la pelo método errado. Façam da Escritura o seu próprio dicionário, o seu próprio intérprete. Fazei isto sob a bênção e guia do Espírito Santo e a certeza é de chegar a um apurado, compreensivo e harmonioso conhecimento da verdade salvadora.

Isto levará tempo, portanto não se deve esperar que todo o erro seja imediatamente banido. Enquanto Miller chegava a maravilhosos conceitos a respeito da verdade salvadora, não viveu tempo suficiente para encontrar a libertação de todos os preconcebidos erros do passado. Isto não nega por um único momento a validade do seu método de estudo. Apenas sublinha a verdade que leva tempo, mesmo com métodos correctos de estudo, a chegar a uma exacta compreensão das revelações divinas. Afinal, a verdade de Deus é a expressão da mente do Infinito. A eternidade nunca a esgotará. Portanto, era esperar demais que uma pessoa por usar métodos perfeitos de estudo emergisse em poucos anos de profundas trevas para uma correcta compreensão de grandes verdades. Será sentida apreciação pelo tremendo progresso que Miller fez ao sair dos errados ensinamentos dos seus dias.

Os sãos e firmes fundamentos dados por William Miller foram continuados e desenvolvidos mais tarde por apresentadores adventistas. Para estabelecer este ponto podíamos sugerir como evidência, o desenvolvimento de verdades como as duas leis, a questão do Sábado, etc. A nossa escolha recai no assunto da punição final dos ímpios. É comum a compreensão nas igrejas do mundo que os fogos da purificação final queimarão eternamente os ímpios não arrependidos que sofrerão infinita tortura e tormento dentro das inextinguíveis chamas. A mensagem do advento nega este conceito, ensinando em vez disso uma curta destruição dos perdidos para os deixar como se nunca tivessem existido.

Nos primeiros dias do adventismo, a verdade sobre estes assuntos não tinha sido desenvolvida. Não foi desenvolvida por William Miller, mas pelo povo que veio depois dele. À medida que a nova ideia avançava encontrou objecção e oposição. É um assunto difícil de apresentar porque há certas Escrituras que parecem *fazer parecer* que os ímpios ardem para todo o sempre. Tal como é possível no assunto das duas leis, o Sábado e o carácter de Deus, para juntar dois grupos de testemunhos completamente diferentes, parecendo um defender um lado e o outro aparentemente apresenta um conceito oposto, assim é na questão da punição final dos ímpios.

Difícilmente parece necessário citar os muitos testemunhos da Escritura que nos dizem que os ímpios serão como se não tivessem existido pelo que pisaremos as suas cinzas onde eles arderão completamente sem deixar raiz ou ramo. Nós sabemos que a Escritura nos diz que os mortos nada sabem que até os seus próprios pensamentos desapareceram. Este é um lado da questão, mas por outro lado há testemunhos que dizem claramente que os ímpios arderão para sempre. A referência mais notável desta natureza é em *Apocalipse* 20:10. “E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.”

Como exercício nos princípios correctos de estudo bíblico deixai que este versículo seja usado e interpretado de acordo com as definições do *dicionário* com informação linguística para nos mostrar o modo *errado* de interpretação bíblica.

As palavras importantes em particular neste versículo são “para todo o sempre.” Nas nossas mentes há na realidade uma clara definição destas palavras que está em harmonia com a definição escrita no dicionário publicado como se segue. “Para sempre significa um tempo ilimitado ou eras sem fim, sempiterno, eternamente, em todos os momentos, sempre, continuamente, incessantemente.” Se esta definição do dicionário da palavra “para sempre” for usada e *Apocalipse* 20:10 for compreendido de acordo com ela, então o único *entendimento possível* deste versículo seria que os ímpios sofreriam eternamente. Qualquer pessoa apenas podia acreditar que nunca chegaria o tempo em que as suas agonias acabassem. Espera-se que a ninguém escape a questão que um certo *método* de interpretação produza a sua ideia correspondente do que é a verdade.

São geradas sérias dúvidas sobre a validade deste método quando é visto que ele leva este texto a uma forte contradição com outras Escrituras. Aqui estão dois exemplos.

“Porque, como vós bebestes no monte da minha santidade, assim beberão de contínuo todas as nações; beberão e engolirão, e *serão como se nunca tivessem sido.*” *Obadias* 16.

“Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes *não deixará nem raiz, nem ramo.*” *Malaquias* 4:1.

É obviamente impossível o ímpio ser como se não tivesse sido e ser queimado completamente sem deixar raiz nem ramo, e apesar disso, também existir eternamente. *Isto é uma contradição* que existirá nas nossas mentes e continuará a existir até que a *compreensão* das mensagens destes versículos mude onde precisa de ser mudada. Dê-se fortemente ênfase ao facto que as Escrituras não podem ser mudadas. É a compreensão das Escrituras que tem que ser mudada até haver perfeita harmonia.

Esta é uma aproximação muito diferente ao problema da utilizada por aqueles que usam as definições do dicionário para estas palavras. O seu procedimento é juntar cuidadosamente todos os testemunhos que apoiam o lado da questão escolhido por si e também ignorar cuidadosamente aqueles que falam em contrário às suas ideias aceites. Esta não é a forma de estudar a Bíblia, contudo, é o método mais vulgarmente aceite.

A única segurança está em ignorar a definição dada pelo dicionário às palavras, quando essas palavras são um problema e procurar uma compreensão revista do significado dos testemunhos. O único modo de descobrir esse outro significado é fazer da Bíblia e só a Bíblia o seu próprio dicionário e, portanto, o seu próprio intérprete. O povo adventista, ao determinar a mensagem deste versículo, *Apocalipse* 20:10, que fala dos ímpios arderem eternamente, viram que era necessário descobrir o significado bíblico dessas palavras. Aprenderam que, no uso da Bíblia, a palavra tem um significado diferente daquele que é usado todos os dias. Citamos agora do livro “*Answers to Objections*” por F.D. Nichol, 360, 361.

“Lemos a respeito de ‘Sodoma e Gomorra, e das cidades ao seu redor... sofrendo a vingança do fogo *eterno.*’ Judas 7. Estão essas cidades, postas em chamas há tanto tempo como juízo divino, ardendo ainda? Não; as suas ruínas estão submersas pelo Mar Morto. A própria Bíblia especificamente dá testemunho que Deus transformou ‘as cidades de Sodoma e Gomorra em cinzas.’

2 Pedro 2:6. Ora, no destino dessas cidades é declarado um aviso para todos os homens ímpios a respeito do destino que está iminente sobre eles. Portanto, se o ‘fogo *eterno*’ desse tempo longínquo transformou em cinzas aqueles que foram as suas vítimas e depois ele próprio se extinguiu, podemos correctamente concluir que o ‘fogo *eterno*’ dos últimos dias fará o mesmo.

“Quando nos voltamos para o Velho Testamento descobrimos que ‘eterno’ e ‘para sempre’ algumas vezes significam um tempo muito limitado. Citaremos estes textos nos quais dois termos são traduzidos da palavra hebraica *olam*, porque *olam* é equivalente ao grego *aion*.

“A Páscoa devia ser guardada ‘para sempre [*olam*].’ Êxodo 12:24. Mas ela finalizou com a cruz. (Ver Hebreus 9:24-26). Aarão e seus filhos deviam oferecer incenso ‘para sempre [*olam*].’ 1Crônicas 23:13) e ter um ‘sempre eterno [*olam*] sacerdócio.’ Êxodo 40:15. Mas este sacerdócio, com as suas ofertas e incenso, finalizou na cruz (vede Hebreus 7:11-14). Um servo que desejasse ficar com o seu senhor devia servi-lo ‘para sempre [*olam*].’ (vede Êxodo 21:1-6.) Como podia um servo servir o seu senhor por um tempo sem fim? Haverão senhores e escravos no mundo vindouro? Jonas descrevendo a sua experiência na água disse, ‘os ferrolhos da terra correram-se sobre mim para sempre [*olam*].’ Jonas 2:6, contudo, este ‘para sempre’ foram só ‘três dias e três noites.’ Jonas 1:17. Este foi um curto ‘para sempre’. Porque Geazi mentiu, Eliseu declarou, ‘Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti [Geazi] e à tua semente para sempre [*olam*].’ 2 Reis 5:27. Devíamos concluir portanto, que a família de Geazi nunca acabaria e assim essa lepra seria perpétua por todo o tempo vindouro?

“Assim, pela importante prova de uso real descobrimos que num número de casos *aion*, *aionios* e *olam* têm um valor de tempo limitado.”

Agora que lemos o testemunho Nichol, seria uma ajuda responder às seguintes questões:

1. Quantas referências fez F.D. Nichol aos dicionários, quando procurou a definição de “sempre eterno” e “para sempre” quando estas palavras são usadas nas Escrituras?

A resposta é: Nenhuma.

2. Então o que é que ele usou como seu dicionário quando procurava a definição destas palavras que são usadas na Escritura?

A resposta é: unicamente a Palavra de Deus.

3. Encontrou ele as palavras significando o mesmo na Escritura em uso hoje?

A resposta é; Não! Os significados são na verdade muito diferentes. O que quer dizer que as palavras “sempre eterno” e “para sempre”, têm apenas *um* significado quando usadas na *nostra linguagem corrente*, mas um significado *diferente* quando *usadas na Escritura*.

4. Qual é o significado de “sempre eterno,” e “para sempre” na linguagem corrente e como se encontra no dicionário?

A resposta é: Estas palavras significam eternamente; sem fim.

5. Qual é o significado das mesmas palavras quando usadas na Escritura?

Resposta: Significa que o tempo é de duração contínua até que a natureza do sujeito assim o permita. Assim no caso dos ímpios, a sua natureza humana pecadora não permite um tempo muito longo no fogo antes que sejam reduzidos a cinzas, mas é certo que o fogo durará para sempre, isto é, duração sem fim, até que sejam consumidos. Por outro lado a natureza de Deus e dos remidos é que eles continuarão para sempre enquanto a sua natureza imortal o permite e isso será eternamente sem nunca cessar.

Devia ser agora claro que as palavras “sempre eterno” e “para sempre” ao serem interpretadas de acordo com a definição do *dicionário* fará surgir uma certa compreensão desse versículo ao passo que ao ser usada a Bíblia para revelar *o seu* uso das palavras, então resultará uma compreensão muito diferente. Por outras palavras, o resultado das conclusões será de acordo com o sistema de

interpretação usado. Defina o método correctamente e o objectivo desejado de conhecer a verdade salvadora será o resultado natural.

Um bom teste do verdadeiro método é que ele remove contradições impossíveis e dá em vez delas harmonia e coesão. Não haverá necessidade de ignorar testemunhos que de outro modo não se podiam juntar.

Uma vez encontrado o método correcto, deve ser aplicado de modo consistente sem falhas em todo o estudo da Bíblia. Um sistema não pode ser usado numa área e um outro sistema usado noutra. É espantoso ver pessoas que não têm problemas em acreditar que os ímpios não ardem para sempre e depois rejeitam o princípio que Deus apenas destrói tentando salvar. No entanto, exactamente os mesmos métodos de interpretação para chegar ao primeiro foram os únicos meios para chegar ao último.

Isto não quer dizer que toda a palavra tenha outra definição que não a do dicionário quando usada nas Escrituras. Muitas terão o mesmo significado, porém haverá sempre palavras-chave que não o têm. Elas são logo reconhecidas porque sempre que uma palavra compreendida de acordo com o seu uso comum diário cria um problema relevante então é tempo de procurar se o seu significado escriturístico está contra o comum.

Por todo este livro, com estrita consistência, aderiremos ao método escriturístico de interpretação. Quando nos virmos confrontados com dois ou mais testemunhos, que à primeira vista estão em evidente contradição seguiremos este procedimento.

A fé manter-se-á firme na verdade que não há contradição na Palavra de Deus.

Todo o esforço será feito para pôr de lado ideias e opiniões preconcebidas.

Nenhuma referência será feita ao dicionário para resolver o problema.

Apenas as Escrituras serão consultadas para responder àquilo que estas palavras significam quando são usadas nelas.

Esta linha de aproximação será continuada até que toda a desarmonia de pensamentos desapareça e todo o testemunho diga a mesma mensagem.

Portanto, quem negar a mensagem deste livro terá em primeiro lugar que provar que estes *métodos* de interpretação são falsos. Se contudo, concordar que são verdadeiros, então terá que mostrar onde é que não aderimos a estes princípios. Nós com confiança desafiamos qualquer a provar um ou ambos se puder.

Acreditamos que estamos firmados em solo firme na nossa aproximação ao assunto e aquilo que está escrito aqui é um verdadeiro testemunho do carácter de Deus.

Capítulo 13

Deus Destrói – Mas Como?

Os princípios de interpretação fundamentados no capítulo anterior podem agora ser aplicados ao problema de reconciliar testemunhos de outro modo contraditórios. Neste caso a análise é acerca das declarações que Deus não destrói em contraste com aquelas que dizem que Ele destrói. Estes princípios devidamente aplicados são a garantia para estabelecer uma perfeita harmonia onde previamente reinava a confusão.

Esta aplicação é um exercício prático. Podemos começar seleccionando uma Escritura que tem sido frequentemente apontada como prova que Deus avança com poder enorme e abate os que rejeitam a Sua misericórdia.

“Então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra.

“E derribou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra.” *Génesis* 19:24, 25.

Ponderai agora nestas palavras. O que é que a ilustração vos sugere? Perguntai, “O que é que estas palavras me dizem que Deus fez?”

A compreensão normal é que Deus, depois de ter trabalhado com grande amor e paciência para conduzir estes rebeldes ao arrependimento, finalmente pôs de parte as vestes de misericórdia, agarrou o enorme poder do fogo, e, pessoalmente derramou-o sobre as suas desprotegidas cabeças. O resultado foi uma tal extinção que nenhum traço dessas cidades pode ser encontrado hoje.

Certamente, se lêssemos outro livro no qual as acções de um poderoso monarca fossem descritas pelas mesmas palavras, este é o modo como elas seriam compreendidas correctamente. Nos dias antigos de guerra quando o inimigo investia sobre os muros das cidades, os defensores derramavam fogo sobre eles do cimo. Era um acto propositadamente designado para queimar os que estavam por baixo. A quantidade de fogo era mínima comparada com as capacidades de Deus, pois enquanto eles podiam queimar um ou dois indivíduos de cada vez, Deus podia devastar cidades inteiras. Se a mesma interpretação pudesse ser aplicada seria que Deus derramou fogo como fizeram os defensores dos muros da cidade, excepto que Ele o faria em grande escala.

Mas a Palavra de Deus avisa expressamente que os caminhos de Deus são totalmente diferentes dos caminhos do homem. Esta diferença não está num ou noutro ponto, mas é completamente assim em todas as áreas. Por causa disto quando Cristo veio à Terra, “apresentou aos homens *exactamente o contrário* das representações do inimigos quanto ao carácter de Deus...” *Fundamentos da Educação Cristã*, 177.

Como será com sucesso demonstrado, Satanás alcança a sua falsa representação do carácter de Deus, fazendo com que as acções de Deus sejam vistas como sendo idênticas às do homem. Quanto mais ele pode fazer com que Deus apareça igual ao homem, mais satisfeito fica. Mas Cristo trabalha na direcção oposta. Quanto mais Ele pode mostrar que os caminhos de Deus e os do homem pecador são diferentes, mais bem-sucedido é em os salvar das mentiras mortais de Satanás. As suas revelações de Deus eram *exactamente o contrário* das apresentadas pelo diabo. Como resultado do eficiente ministério de Cristo, podemos saber que os caminhos de Deus e os do homem não são meramente diferentes em muitas coisas, mas em todas as coisas.

Que estas verdades vitais não são geralmente compreendidas e aceites é evidenciado pela interpretação usual dos versículos que dizem respeito ao fogo de Sodoma e Gomorra, onde Deus é

considerado como tendo um comportamento que teria qualquer potência terrestre se estivesse sob as mesmas circunstâncias.

Portanto, tão certamente como está estabelecido que os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos do homem, assim deve ser então procurada outra explicação para estes versículos. Esta alternativa não se encontra pesquisando na mente humana outras possibilidades. A Bíblia, sob a iluminação do Espírito Santo, deve ser o seu próprio intérprete. Quando se aprende ali, como tais palavras devem ser compreendidas, será alcançado o correcto conceito a respeito de Deus.

Na Palavra de Deus, é usada a mesma terminologia consistentemente quando descreve as acções de Deus na destruição de povos e cidades. Deus não dá uma cuidadosa explicação do que Ele quer dizer por estas palavras em todos os casos. Mas há dois ou três locais onde Ele o faz e isto é suficiente para nos informar como toda a expressão deve ser interpretada. Assim a verdade é estabelecida pela “boca de duas ou três testemunhas.” *Mateus* 18:16.

Faremos agora referência a tais testemunhas para esclarecer da própria Palavra como tais testemunhos devem ser compreendidos quando usados para descrever as acções de Deus. O método usado na Escritura para tornar o significado claro é expressar a mesma verdade de dois modos diferentes em dois lugares diferentes. No primeiro caso, o que Deus fez será claramente declarado. Em seguida, o próprio Senhor usará a Sua própria forma de se exprimir ou descrever a respeito do que fez. Juntando estes dois será claramente visto o que *Deus* quer dizer quando diz, “Eu os destruirei.”

Lembra-vos que não é importante o que *nós* pensemos quanto ao que o Senhor quer dizer ao usar certas expressões. A nossa tarefa é estarmos seguros daquilo que o *Senhor* queria dizer quando usou essas palavras.

A primeira referência a ser considerada é em relação à morte de Saul, o primeiro rei de Israel.

“E a peleja se agravou contra Saul, e os flecheiros o alcançaram; e temeu muito aos flecheiros.

“Então disse Saul ao seu escudeiro: Arranca a tua espada, e atravessa-me com ela, para que porventura não venham estes incircuncisos e escarneçam de mim. Porém o seu escudeiro não quis, porque temia muito; então tomou Saul a espada, e se lançou sobre ela.

“Vendo, pois, o seu escudeiro que Saul estava morto, também ele se lançou sobre a espada, e morreu.

“Assim morreram Saul e seus três filhos; e toda a sua casa morreu juntamente.” *1 Crónicas* 10:3-6.

Este é um relato simples e na verdade fácil de compreender a respeito da morte de Saul. Há um antecedente para este acontecimento que não é senão o fim daquilo que se passou antes. Depois de um certo ponto crítico na vida do rei, ele persistentemente rejeitou os apelos de misericórdia. Por este meio ele colocou-se a si mesmo cada vez mais fora do círculo protector de Deus até que se tornou impossível ao Senhor ajudá-lo. Isto não aconteceu porque o Senhor *não desejasse ajudá-lo*, mas apenas porque *não o podia fazer*.

Assim, quando saiu para a batalha final, foi sem a protecção de Deus e ele sabia isso. Foi por esta razão que Saul procurou orientação da vidente em En-dor. Sem a presença de Deus, não havia nada que o salvasse do poder ameaçador dos filisteus, com o resultado que a sua destruição estava predeterminada. Quando é considerada a vida de Saul será visto que ele próprio se afastou de Deus, colocando-se a si mesmo onde não havia defesa do poder de Satanás e assim, de facto, se destruiu a si mesmo.

Em lugar algum na história de Saul há algo que nos dê a ideia que Deus levantou a Sua poderosa mão e o derrubou. As únicas acções que vemos da parte de Deus foram continuar todos os esforços possíveis para o salvar e depois quando ele não queria ser salvo, mas apenas resistia com cada vez maior vigor, afastando-se do alcance do Espírito, Deus não teve outra escolha senão afastar-Se dele. Se Deus tivesse mantido uma relação com Saul contra a vontade dele teria sido *impor* a Sua presença onde ela não era desejada e isto o Senhor não pode fazer nem fará.

Tendo visto, então, claramente o que Deus fez com respeito à destruição de Saul, estamos agora prontos para ver como é que Ele descreveu o que fez.

“Assim morreu Saul por causa da sua transgressão com que transgrediu contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, a qual não havia guardado; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar.

“E não buscou ao Senhor; pelo que o matou, e transferiu o reino a Davi, filho de Jessé.”
1 Crônicas 10:13,14.

Deus exerceu toda a influência do amor e da verdade para salvar Saul e quando ele não quis ser salvo, então o Senhor afastou-se deixando-o à mercê daquilo que ele quis – seguir o seu próprio caminho. Deus não levantou a Sua mão para matar Saul. Ele matou-se a si mesmo precisamente a tempo de evitar que os filisteus o fizessem. As Escrituras que são a própria expressão do pensamento de Deus, descrevem isso nestas palavras, “Portanto, *Ele* (o Senhor dos Céus) o matou.”

Este não é certamente o modo como nós usamos as palavras, “Ele o matou,” para descrever o comportamento humano. Se elas fossem usadas para descrever o comportamento humano, então teríamos sabido que o assassino teria *vindo ter* com a vítima e não se ter afastado dela; que teria empunhado a espada na sua própria mão e não de mãos vazias; e teria lançado a espada sobre a cabeça da pessoa culpada.

Tão estranha é esta forma de expressão a que estamos habituados que é difícil no início pensar nesta nova terminologia. Contudo, a fim de verdadeiramente compreender o pensamento de Deus como está expresso na Sua Palavra, a mente deve ser reeducada para pensar deste modo quando lê que os caminhos de Deus são diferentes do caminho do homem. Assim com certeza não haverá dificuldade em ver que o modo como Deus usa as palavras e o modo como nós as usamos, são contrários entre si.

A apresentação de um testemunho nunca é suficiente para estabelecer a verdade da Bíblia. Tem que ser adicionado um outro.

Tal como aconteceu com Saul, também aconteceu com toda a nação de Israel. Séculos de apelos de amor têm sido desdenhados, os profetas têm sido perseguidos e, em alguns casos, mortos. Por fim, o próprio Filho de Deus veio com uma mensagem pessoal do Pai. Mas rejeitaram-n’O ainda com maior evidência, acentuando a intensidade dos seus sentimentos procurando nada menos do que a mais tortuosa e humilhante morte que puderam encontrar para Ele.

Veio o tempo em que Cristo reconheceu que eles tinham passado o ponto em que não havia retorno possível. O que foi que Ele disse e fez? Declarou que Jerusalém tinha passado o limite da esperança e então, em vez de lançar bolas de fogo destruidor sobre a cidade, discretamente deixou-a entregue ao seu destino. Outra vez, Ele não fez isto porque quis, mas porque nada mais havia que pudesse fazer que fosse consistente com o Seu carácter de amor. Aqui estão as Suas tristes palavras.

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!

“Eis que a vossa casa vai *ficar-vos deserta*;

“Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.” *Mateus* 23:37-39.

Pelas mesmas razões e em harmonia com os mesmos princípios, Deus deixou Israel exactamente como tinha deixado Saul. Assim foi removida deles a única defesa eficaz contra os seus muitos inimigos. Durante séculos o diabo andou sequioso do sangue de toda a nação, sabendo que jamais podia tocar-lhes enquanto a protecção de Deus estivesse à volta deles e sabendo que enquanto fossem obedientes essa protecção sempre ali estaria, trabalhou com terrível sucesso para os levar à desobediência.

Assim, tinha chegado o tempo em que os judeus fizeram com que a protecção de Deus fosse retirada e não havia nada que os protegesse do desastre. Ele veio com feroz selvajaria sobre as suas cabeças desprotegidas. Toda a verdade a respeito disto está claramente expressa na seguinte citação.

“Os judeus haviam forjado seus próprios grilhões; eles mesmos encheram a taça da vingança. Na destruição completa que lhes sobreveio como nação, e em todas as desgraças que os acompanharam depois de dispersos, não estavam senão *recolhendo* a colheita que suas próprias mãos semearam. Diz o profeta: ‘Para tua perda, ó Israel, te rebelaste contra Mim’ (Osé. 13:9), ‘pelos teus pecados tens caído.’ Osé. 14:1. Seus sofrimentos são muitas vezes representados como sendo castigo a eles infligido por decreto direto da parte de Deus. É *assim* que o grande enganador procura esconder sua própria obra. Pela obstinada rejeição do amor e misericórdia divina, os judeus fizeram com que a proteção de Deus fosse deles *retirada*, e permitiu-se a Satanás dirigi-los segundo a sua vontade. As horríveis crueldades executadas na destruição de Jerusalém são uma demonstração do poder vingador de *Satanás* sobre os que se rendem ao seu controle.

“Não podemos saber quanto devemos a Cristo pela paz e proteção de que gozamos. É o poder de Deus que impede que a humanidade passe completamente para o domínio de Satanás. Os desobedientes e ingratos têm grande motivo de gratidão pela misericórdia e longanimidade de Deus, que contém o cruel e pernicioso poder do maligno. Quando, porém, os homens passam os limites da clemência divina, a restrição é removida. Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas *deixa* entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado, cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão contemporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente lançada, a qual produz infalível colheita. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, é afinal retirado do pecador, e então poder algum permanece para dominar as más paixões da alma, e nenhuma proteção contra a maldade e inimizade de Satanás. A destruição de Jerusalém constitui tremenda e solene advertência a todos os que estão tratando levemente com os oferecimentos da graça divina e resistindo aos rogos da misericórdia de Deus. Jamais foi dado um testemunho mais decisivo do ódio ao pecado por parte de Deus, e do castigo certo que recairá sobre o culpado.” *O Grande Conflito*, 35, 36.

As acções de Deus na destruição de Jerusalém são idênticas ao Seu trato com o rei Saul. A única diferença nos dois relatos é que na queda de Jerusalém, temos uma descrição mais detalhada daquilo que Deus fez. Torna-se transparentemente claro que elas não vieram das mãos de Deus, mas devido à sua própria iniquidade.

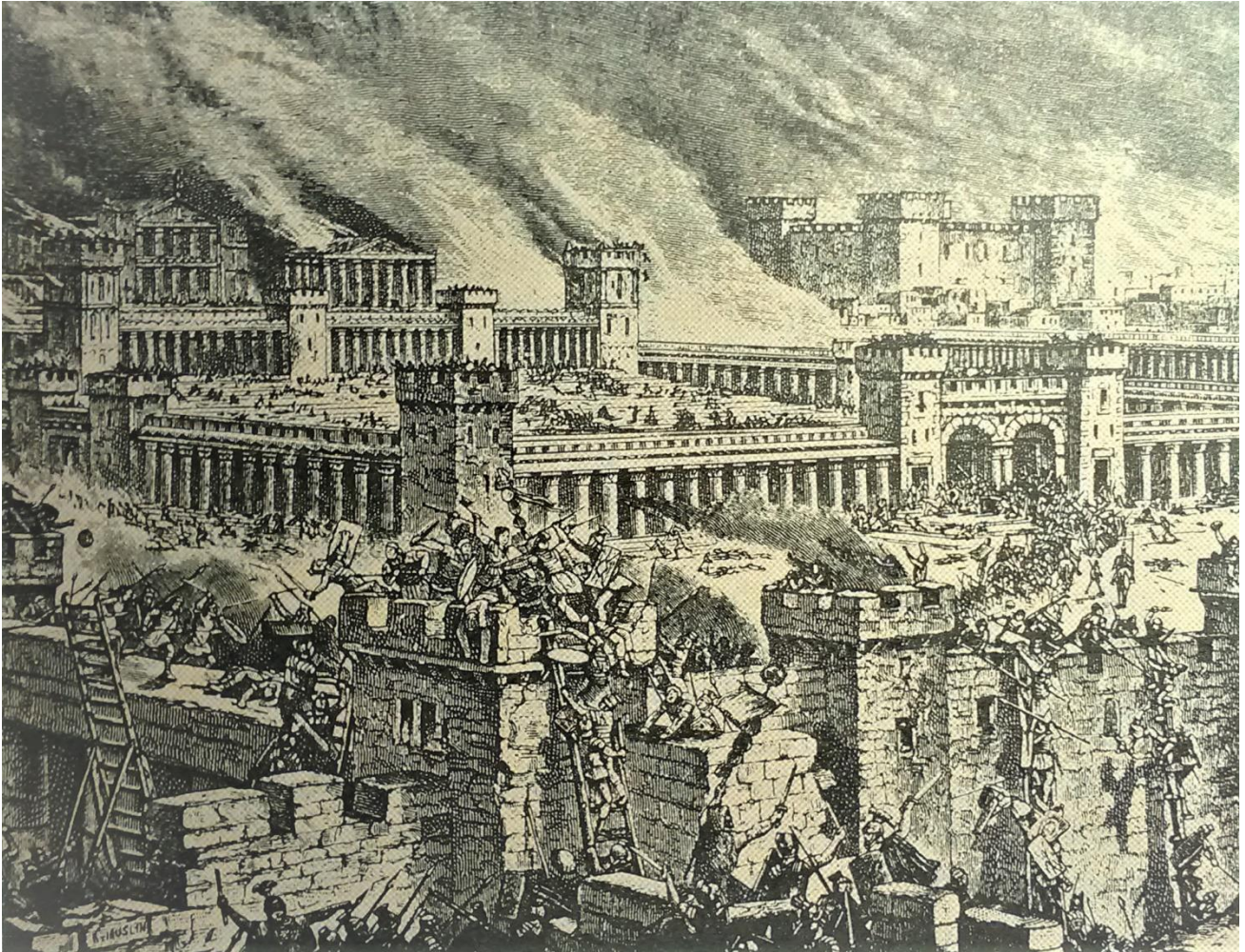
De particular valor é a referência feita à interpretação comum do que é feito aqui. “Seus sofrimentos são muitas vezes representados como sendo castigo a eles infligido por decreto direto da parte de Deus.” Por outras palavras, este é o modo como muitas pessoas vêem as acções de Deus neste incidente:

“Com amorosos apelos o Senhor procura persuadir e vencer até que chega o tempo em que a Sua paciência fica exausta. Então, tendo passado sobre eles o julgamento, decide pessoalmente qual a forma de punição que enviará. Será um terrível terramoto, um fogo, uma erupção vulcânica, ou pestilência, ou será que enviará seus inimigos para o meio deles? No caso de Jerusalém, Deus decidiu que enviaria os romanos. Tendo feito este decreto, enviou-os para este terrível ofício de serem os executores pessoais da Sua vingança sobre os judeus.”

Este é o entendimento que muitas pessoas têm dos juízos que caíram sobre os judeus no ano 70 d.C. Esta é a interpretação que resulta de pensar que o comportamento de Deus é igual ao do homem e de definir as palavras da Bíblia de acordo com o significado do dicionário. Enquanto estes métodos forem aplicados, é impossível chegar a qualquer outra conclusão.

Quando se declara “Seus sofrimentos são muitas vezes representados como sendo castigo a eles infligido por decreto direto da parte de Deus...” não há avaliação directa na própria frase confirmando que seja uma correcta ou incorrecta avaliação da obra de Deus. Contudo, não existe a *conclusão* de que não está certo no que respeita à representação mais comumente sustentada. Sabendo que a maioria está enganada neste assunto, é correcto aceitar esta como uma avaliação errada. Isto é confirmado pela próxima frase que acusa directamente como sendo um engano de

origem satânica para transferir a culpa do diabo para Deus. “É assim que o grande enganador procura esconder a sua própria obra.”



Foram os próprios judeus, que ao afastarem a protectora presença de Deus, trouxeram a destruição sobre si mesmos e a sua cidade.

Assim, o entendimento acima não é apenas o resultado dos princípios errados de interpretação bíblica, é também o próprio meio aplicado pelo diabo para esconder a verdadeira natureza do seu próprio trabalho, ao atribuí-lo a Deus, enquanto credita a ele mesmo a obra e o carácter de Deus. Portanto, deve ser rejeitada pelo que é – uma perigosa filosofia de Satanás. Enquanto o seu ponto de vista for admitido, é impossível formar conceitos correctos acerca do carácter de Deus.

Ainda mais, somos informados que o Senhor não Se afasta por Sua própria escolha. Foram os judeus que “fizeram com que a proteção de Deus fosse deles *retirada*” permitindo-se assim que Satanás finalmente operasse os seus maus desígnios sobre eles.

Deste modo fica para sempre estabelecida a preciosa verdade que “Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam a Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” O que sucedeu aos judeus foi o *resultado* natural *do seu próprio caminho*. Não foi algo trazido sobre eles por Deus. Semearam a semente; agora tiveram que juntar a colheita certa.

Temos perante nós uma revelação do curso que Deus prosseguiu para com os israelitas que é o mesmo para com Saul. É agora necessário encontrar como o próprio Deus descreveu o que fez.

Na morte do primeiro rei de Israel e na destruição da nação no ano 70 d.C., Deus consistentemente seguiu o mesmo procedimento. Em ambos os casos operou com infinito amor e

paciência para os fazer voltar ao caminho da justiça e segurança, porém eles rejeitaram-n’O completamente, forçando-O a afastar-Se deles e a deixá-los entregues ao seu destino que estava próximo. Para Saul era a invasão dos filisteus, para Jerusalém a escravidão sob os romanos.

Deus descreveu o que fez a Saul por palavras muito diferentes daquelas que usamos para descrever o que Ele fez. Deus disse, “Eu destruí-o,” Nós diríamos, “Ele destruiu-se a si mesmo.”

Porque Deus é consistente, devia esperar-se que Ele descrevesse a mesma acção na queda de Jerusalém na mesma linguagem. Portanto, pode antecipar-se que Ele diria, “Eu destruí Jerusalém e matei aqueles assassinos.” Isto é justamente como Ele descreveu essa terrível destruição.

Em *Mateus* 22, há uma parábola que na sua aplicação inicial, traça os dois chamamentos finais dados ao povo judeu e a rejeição deles a esses chamamentos. Quando o segundo chamamento se completa e o rei é inteiramente rejeitado a reacção dele é descrita por estas palavras:

“E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.” *Mateus* 22:7.

Este versículo exprime-se em linguagem simbólica. Deus, o Pai, era o rei; o exército eram os romanos comandados por Tito; os assassinos eram os judeus que crucificaram Cristo; e a cidade era Jerusalém. O cumprimento desta terrível profecia veio no ano 70 d.C. como se verifica em *Parábolas de Jesus*, 309 {PJ 165}, onde este versículo é citado pelas seguintes palavras. “O juízo pronunciado atingiu os judeus na destruição de Jerusalém e na dispersão do povo.”

Se substituirmos as palavras simbólicas, pelas coisas simbolizadas, o versículo lê-se como se segue: “E *Deus*, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os *Seus* exércitos, destruiu os judeus e incendiou Jerusalém.”

Se estas palavras forem interpretadas de acordo com as definições normais do dicionário a única ilustração possível de Deus será idêntica aos déspotas terrestres. Mas a palavra inspirada citada de *O Grande Conflito*, confirma que se obtém uma compreensão totalmente diferente destes versículos. Portanto, a posição adoptada depende directamente do modo como as palavras são compreendidas. A escolha está entre aceitar um entendimento de acordo com a linguagem humana ou escriturística. A primeira adquire-se pela referência de um dicionário, a última pelas próprias Escrituras.

Tal como no caso do rei Saul, neste segundo testemunho, a explicação dada é idêntica. Deus fica triste por destruir o pecador ao aceitar a ordem dele para ser deixado entregue a si mesmo. A condenação que lhes acontece não vem pela escolha de Deus nem por Sua directa aplicação. É a inevitável obra do próprio caminho do transgressor.

Os dois testemunhos já dados estão em perfeita harmonia. Eles apoiam-se reciprocamente e assim continuam confirmando a verdade de Deus. Contudo, não ficaremos por estes dois apenas.

O terceiro testemunho também será tirado da história de Israel. Houve uma ocasião em que os israelitas numa das suas viagens pelo deserto, uma vez mais murmuraram contra Deus e contra Moisés. Sem o saberem, estavam a viajar numa área infestada por serpentes mortíferas e outros horrores. Pelo cuidado protector de Deus, tinham passado por esta área desarmados até à altura em que afastaram a Sua protecção por causa da sua própria ingratidão e pecado. Removido o escudo, não havia nada para impedir a invasão desses répteis com o resultado que muitos do povo sofreram uma morte terrível.

Aqui está a descrição do que aconteceu e daquilo que Deus fez. É preciso apenas um pequeno comentário depois dos dois já estudados, pois de novo será visto que o Senhor apenas os deixou à mercê daquilo que queriam. Ele não decretou a punição específica. Isso esteve lá escondido o tempo todo, apenas estava à espera de oportunidade para os destruir. Notai o modo consistente como Deus Se relacionou com o pecador em cada caso. Nas três ilustrações dadas, Deus é revelado como Aquele em Quem não há mudança nem sombra de variação.

“Condescendendo os israelitas com o espírito de descontentamento, dispuseram-se para achar defeitos mesmo em suas bênçãos. ‘E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizeste subir do Egito, para que morrêssemos neste deserto? Pois nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio deste pão tão vil.’ Núm. 21:5.

“Moisés apresentou com fidelidade ao povo o grande pecado deles. Fora o poder de Deus apenas que os preservara naquele ‘grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água’. Deut. 8:15. Em cada dia das suas viagens tinham sido guardados por um milagre da misericórdia divina. Em todo o caminho, sob a guia de Deus, tinham encontrado água para refrescar os sedentos, pão do Céu para satisfazer a fome, e paz e segurança, debaixo da nuvem que dava sombra durante o dia, e debaixo da coluna de fogo à noite. Anjos lhes haviam ministrado enquanto subiam as montanhas rochosas, ou desfilavam pelas ásperas sendas do deserto. Apesar das dificuldades que tinham sofrido, nenhum havia que fosse fraco em todas as suas fileiras. Seus pés não se haviam inchado nas longas jornadas, tampouco se lhes envelheceu a roupa. Deus subjagara diante deles as feras rapinantes e os répteis venenosos da floresta e do deserto. Se com todos estes sinais de Seu amor o povo ainda continuava a queixar-se, o Senhor *retiraria Sua proteção* até que fossem levados a apreciar Seu misericordioso cuidado, e a voltar-se para Ele com arrependimento e humilhação.

“Por que tivessem sido protegidos pelo poder divino, não se compenetraram dos incontáveis perigos de que se achavam continuamente rodeados. Em sua ingratidão e incredulidade, haviam desejado a morte, e agora o Senhor *permitiu* que esta viesse para eles. As serpentes venenosas que infestavam o deserto foram chamadas serpentes ardentes, por causa dos terríveis efeitos produzidos por sua mordedura, que causava inflamação violenta e morte rápida. *Removendo-se de Israel a mão protetora de Deus*, grande número de pessoas foram atacadas por esses animais venenosos.” {PP 313}, *Patriarcas e Profetas*, 428, 429.

Tal como nas ilustrações anteriores, será feita uma comparação entre o que se descreve que o Senhor fez e o Seu próprio testemunho daquilo que fez. Se Deus é consistente e nós sabemos que Ele é, então descreverá isto do mesmo modo, como falou nos dois precedentes. De novo a consistência de Deus se mantém sem mudança ou sombra de variação.

“Então o Senhor *mandou* entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; e morreu muito povo de Israel.” *Números* 21:6.

Para aqueles que querem ainda maior confirmação das verdades reveladas no uso da Bíblia como seu próprio dicionário, faz-se referência à experiência do patriarca Jó. Satanás pediu o direito de destruir. Deus retirou-Se e deixou o poder do diabo com uma única restrição – que a sua vida não fosse tirada. Tudo o que aconteceu a Jó veio das mãos de Satanás, não de Deus. A ilustração do comportamento de Deus foi a mesma que mostrámos antes excepto com uma diferença. Ao passo que, em qualquer dos outros casos foi o pecado dos que rejeitaram a Sua misericórdia que afastou Deus e a Sua protecção, Jó era “um homem perfeito e justo.” Portanto, Deus afastar-se *dele* não foi o resultado do pecado de Jó.

Em que sentido então pôde o Senhor deixar Jó sofrer às mãos de Satanás? Esta é uma boa pergunta que encontra a sua resposta no seguinte princípio. Todo o verdadeiro filho de Deus pôs a sua vida nas mãos de Deus para ser sacrificada pela Sua causa se por esse modo a obra avançar. Este é um privilégio e esse privilégio o Senhor nunca negará a nenhum dos Seus filhos quando chega a hora. Chegou a hora para Jó e o Senhor não se opôs ao seu oferecimento.

Aqui estão dois caminhos pelos quais o Senhor se afasta de uma pessoa e a deixa à mercê do destruidor. Um é por causa da pecaminosidade do homem afastar o Espírito de Deus e o outro é pela oferta individual de si mesmo como sacrifício pela causa da verdade, uma coisa que todo o filho de Deus faz.

Quando o Senhor veio para descrever pessoalmente o que fez a Jó, de novo usou a mesma linguagem como previamente relatada.

“E disse o Senhor a Satanás: Observaste o Meu servo Jó porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero e recto, temente a Deus desviando-se do mal, e que ainda retém a sua sinceridade, *havendo-me incitado contra ele, para o consumir sem causa.*” *Jó* 2:3.

De novo este não é o modo como usaríamos essas palavras de acordo com a linguagem corrente. O nosso uso dessas palavras teria um significado muito oposto daquele que Deus tencionava quando as usou.

Seria impossível chegar ao significado das palavras, de acordo com o uso que Deus faz delas sem a orientação da Palavra de Deus. Apenas na Palavra de Deus pode tal interpretação ser obtida. Ela é o único dicionário que dá a definição destas palavras.

Poderá levar algum tempo a treinarmos as nossas mentes de modo a usar esta dupla definição para as mesmas palavras. Consciencioso esforço deve ser feito até que seja tão natural pensar na nova definição como na antiga. Deve tornar-se segundo a natureza atribuir um significado às palavras quando elas descrevem a conduta divina e outra quando tratam da humanidade. Aqui está uma comparação entre as duas.

- Quando o homem destrói, ele ataca a vítima com a deliberada intenção de matar.
- Quando Deus destrói Ele afasta-se da pessoa sem qualquer intenção de matar.
- Quando o homem destrói transporta nas suas mãos as armas da morte.
- Quando Deus destrói não transporta Consigo as armas, mas deixa o controle dos poderes destruidores.
- Quando o homem destrói, conduz a arma ao seu alvo.
- Quando Deus destrói, não há aplicação de punição pessoal.

O que quer que advenha ao pecador é a própria obra das forças da morte que ele mesmo colocou em movimento.

Neste ponto duas questões se levantam. A primeira é: Afinal, qual é a diferença essencial entre o acto directo de destruir e o afastamento que deixa a pessoa à morte? Em ambos os casos é a acção de Deus que traz a destruição e portanto, nos dois casos, Ele é o destruidor.

Isto seria verdade se o afastamento de Deus fosse o Seu próprio acto, porém não é assim. O facto é que Ele é afastado. Pensai no modo como Cristo foi para o Calvário. Ele foi levado lá pela força. Isto, mostra nos termos mais claros a reacção do homem para com os amorosos apelos de Deus. O homem *manda* Deus embora, privando-O de qualquer possibilidade de ali permanecer a não ser que Ele force a Sua presença, o que o Senhor nunca fará.

Para os que estão preparados para acreditar que Deus nunca usa as Suas mãos para destruir, mas consideram que o acto de Ele se afastar tendo completo conhecimento do que isso significa, faz d'Ele do mesmo modo um destruidor, é dada a seguinte ilustração. Isto mostrará a clara diferença entre o mero afastar e o ser forçado a afastar-se. Mostrará também que mesmo no Seu afastamento não é Deus o responsável pelos desastres que se seguirão.

Vamos supor que há uma central nuclear localizada no meio de uma pequena cidade de dois mil habitantes. A natureza desta central nuclear é tal que tem de haver um operador continuamente na sala de controlo para monitorizar os comandos. Se este posto fosse deixado por umas horas ou mais, a cisão nuclear sairia do controlo e transformava-se num holocausto de destruição.

Nesta situação todos os técnicos saíram de lá excepto um e toda a responsabilidade cai sobre ele. Mais ninguém em toda a região tem a preparação, o conhecimento ou a capacidade para operar este equipamento volátil.

Isto não cria um problema especial, pois o homem é saudável, muito consciente e faz o seu trabalho com grande fidelidade dia e noite. É capaz de repousar entre as horas de verificação o que o torna capaz de assumir essa responsabilidade por tempo indefinido.

Todavia, entra na região um arqui-inimigo do técnico que está determinado a expulsá-lo da cidade. Para conseguir isto faz circular mentiras, até que se generaliza um complexo ódio entre os moradores da cidade. Começam a perseguir o técnico de todo o modo possível e imaginário com crescente intensidade. Ele resiste pacientemente durante muito tempo aos ataques na esperança de que eles desistam compreendendo que seria desastroso para a cidade se ele deixasse o seu posto.

Finalmente a sua paciência chega ao fim. “Já estou farto,” grita ele. “Já fui a segunda e a terceira milha. Este povo mostrou que não deseja viver. Vou-me embora.”

Por causa disto sai da sala de controlo e vai para muito longe. Algumas horas se passam e ele está em segurança fora do alcance da explosão quando ela ocorre. A cidade e tudo o que há nela fica totalmente destruído.

Se bem que seja verdade que num certo sentido os habitantes se destruíram a si mesmos é igualmente verdade que o técnico os destruiu pois *ele* deixou-os *sabendo* que o seu afastamento traria esses inevitáveis resultados. Esta é a ilustração que muitos têm de Deus.

A situação enfrentada por este homem é a mesma que Deus enfrenta. Ele é o grande “técnico” que está encarregado da central dos poderes, não há ninguém mais que possa controlá-los e os impeça de explodir numa horrível destruição. Um inimigo veio e um complexo ódio foi generalizado contra Deus.

Muitos crêem nesta verdade e então vêem Deus chegar ao limite da Sua paciência, como na nossa ilustração e voluntariamente afasta-se para deixar o homem a perecer no cataclismo de destruição que inevitavelmente se segue.

Se esta é a verdadeira ilustração de Deus, então, inquestionavelmente, teríamos que concordar que Ele é, afinal, um destruidor.

Mas Ele não é. Deus é uma pessoa muito diferente desta.

Vamos recontar a história como se ela apresentasse uma verdadeira ilustração do carácter de Deus.

Aqui está o mesmo técnico, a mesma sala de controlo, a mesma situação, a mesma cidade e o mesmo inimigo causando os problemas.

Desta vez o técnico nunca pensa em deixar a cidade. Não importa o que eles lhe façam, tudo o que ele pode ver é a situação *deles*. Sabe que se os deixar, estarão todos mortos e por isso mantém-se lá. A sua paciência não está em causa pois ele não está a pensar em si mesmo.

Mas a perseguição torna-se mais e mais intensa até que o povo começa a ordenar-lhe que se vá embora. Ele argumenta que se for eles perecerão e por causa *deles*, não por ele, desejava ficar. Eles na cegueira do seu ódio por ignorarem o seu perigo real e confiantes na sua habilidade para tratar da sala de controlo, riem-se dele com ironia e exigem que se vá embora.

Com profunda preocupação por eles fica e cumpre o seu trabalho tão fielmente como sempre. Em todo o tempo ele só pensa neles, ele sente a aflição do receio e dor nele e pensa muito sinceramente como é que pode conquistar o amor e a confiança *deles* de modo a poder conservá-*los* vivos. Não há um único pensamento para si – todo o pensamento é para eles e para a sua necessidade.

Mas a cada dia eles se tornam mais furiosos e violentos até que invadem a sala de controlo e na sua fúria gritam-lhe que se vá embora. Empurrando-o para a porta da sala e daí para o carro. Fazem-no entrar nele e ordenam-lhe que se afaste para longe. Não lhe deixam qualquer escolha. Vagarosamente Ele sai da cidade em direcção ao primeiro monte. Pára o carro e olha para o enfurecido grupo de pessoas reunidas para confirmar que ele na realidade se vai embora. Levanta as mãos num último apelo de amor. A resposta imediata são agitados acenos transmitindo-lhe a sua inalterada exigência que ele se vá embora.

Que mais pode ele fazer?

Nada! Tudo o que podia fazer para salvar aquelas pessoas está esgotado e com o mais triste dos corações regressa ao carro afastando-se para sempre. Algumas horas passam e então as bolas de fogo atómicas fazem desaparecer a cidade e os cidadãos.

Ninguém pode dizer que este homem é um destruidor. Ele agiu com o carácter de um salvador apenas. Ele não os pôde salvar e não os salvou porque *eles* não o deixaram.

Esta é a verdadeira ilustração do carácter de Deus.

A verdade acerca disto está testemunhada num parágrafo em *Profetas e Reis*, 176 {PR 87}. “*Cristo jamais abandona aqueles por quem morreu*. Nós podemos deixá-l’O, sendo esmagados pela tentação; mas *Cristo jamais pode deixar aqueles* por quem pagou o resgate com Sua própria vida.”

Perante o facto que Cristo morreu por todos os homens, este testemunho está a dizer que é impossível Cristo afastar-se de alguém. O homem é quem se afasta de Deus. Deus *não pode* afastar-se do homem. Isto é impossível.

A segunda pergunta é esta: Se Deus de facto *não* destrói, então porque é que Ele usa esta palavra para descrever as Suas acções? Não tem isto a tendência para tornar as Escrituras confusas?

De novo esta é uma pergunta excelente, na resposta à qual deve ser dito que esta é a palavra certa para descrever as acções de Deus, pois há um sentido profundo e importante no qual é verdade que Ele destrói.

À medida que se desenvolvem as evidências aqui reunidas, será visto que Deus vem ao homem apenas num papel, que é o de Salvador. Mas o *efeito* desse esforço nem sempre é salvador. Com a maioria, o efeito é o endurecimento em rebelião e faz com que se afastem a si próprios da suplicante voz de amor. Assim Deus destrói ao tentar salvar. Quanto mais Ele exerce o Seu poder salvador, mais os homens são levados em virtude da sua rejeição à destruição.

É neste sentido que Ele destrói.

Este princípio da verdade é apresentado com grande clareza no seguinte testemunho: “Não é Deus que cega os homens ou lhes endurece o coração. Envia-lhes luz para lhes corrigir os erros e guiá-los por veredas seguras; é pela rejeição dessa luz que os olhos cegam e o coração se endurece. Muitas vezes o processo é gradual e quase imperceptível. A luz chega até à alma por meio da Palavra de Deus, de Seus servos, ou diretamente por Seu Espírito; mas quando um raio de luz é rejeitado, dá-se o parcial entorpecimento das percepções espirituais, e a segunda revelação da luz é menos claramente discernida. Assim aumenta a treva, até que se faz noite na alma. Assim se dera com esses guias judeus. Estavam convencidos de ser Cristo assistido por um poder divino, mas a fim de resistir à verdade, atribuíam a obra do Espírito Santo a Satanás. Procedendo desse modo, escolhiam deliberadamente o engano; renderam-se a Satanás, e daí em diante foram regidos por seu poder.” {DTN 222}, *O Desejado de Todas as Nações*, 322, 323.

“Não é Deus que põe a cegueira nos olhos dos homens ou endurece o seu coração; é a luz que Deus envia ao Seu povo, para corrigir os seus erros, para os conduzir a caminhos seguros, mas que eles recusam aceitar, – *é isto* que cega as suas mentes e endurece os seus corações.” *Review and Herald*, 21 de Outubro de 1890.

O exemplo bem conhecido deste resultado é a história do faraó do Egipto. As Escrituras dizem: “Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egipto os Meus sinais e as Minhas maravilhas.” *Êxodo* 7:3.

Endurecer é destruir. Não é destruição física, mas espiritual. Esta destruição espiritual é o prelúdio da física que se seguirá inevitavelmente. As Escrituras dizem claramente que foi Deus quem o fez e Ele fê-lo, mas toda a referência que envia luz ao que Deus fez, mostra que a Sua acção foi enviar luz espiritual e afáveis apelos a Faraó. Estes destinavam-se a amolecer e salvar, não para o endurecer, mas aquilo que era enviado para salvar, em vez disso destruiu-o por causa da sua rejeição. Notai cuidadosamente que não foi a luz, mas a rejeição que o endureceu e destruiu.

“Faraó viu o grandioso trabalho do Espírito de Deus; ele viu os milagres que o Senhor realizou através do Seu servo; mas recusou obedecer ao mandado de Deus. O rebelde rei inquiriu orgulhosamente ‘Quem é o Senhor, para que eu obedeça à Sua voz para deixar ir Israel?... (Êxodo 5:2).’ E à medida que os juízos de Deus caíam mais pesadamente sobre ele, persistiu na obstinada resistência. *Rejeitando a luz do céu*, ficou endurecido e não insensível. A providência de Deus estava a revelar o Seu poder e estas manifestações, não reconhecidas, foram o meio de endurecer o coração de Faraó contra maior luz. Aqueles que exaltam as suas ideias contra a plenamente especificada vontade de Deus estão a dizer como Faraó, ‘Quem é o Senhor, para que eu obedeça à Sua voz?’ Toda a rejeição de luz endurece o coração e obscurece o entendimento; e desse modo os homens encontram mais e mais dificuldade em distinguir entre o bem e o mal e tornam-se mais arroçados na resistência à vontade de Deus.” *S.D.A. Bible Commentary* 1:1100.

“Todas as evidências adicionais do poder de Deus a que o monarca egípcio resistia o levavam a um desafio mais forte e persistente a Deus. Assim, a obra prosseguiu, homem finito lutando contra a vontade expressa de um Deus infinito. Este caso é uma ilustração clara do pecado contra o Espírito Santo. ‘Tudo o que o homem semear, isso também ceifará.’ Gál. 6:7. Gradualmente o Senhor retirou Seu Espírito. Removendo dele o Seu poder refreador, entregou o rei nas mãos do pior de todos os tiranos.” *Review and Herald*, 27 de Julho de 1897.

“A paciência e longanimidade de Deus devia abrandar e sujeitar a alma tem uma influência totalmente diferente sobre o descuidado e pecador. Leva-o a pôr de parte a restrição e fortalece-o na resistência.” *The Review and Herald*, 14 de Agosto de 1900.

A verdade declarada nestes testemunhos é muito importante. Quando verdadeiramente apreciada, não haverão atitudes descuidadas para com as revelações que nos são trazidas. Haverá um receio consciencioso de que um terrível erro pode ser cometido ao rejeitar a luz que, por causa de tocar a nossa carne ou alguma ideia ou opinião preconcebida, desejamos rejeitar. Haverá o pavor de ter o coração endurecido e o sentido espiritual entorpecido. “Lembrem-se os ministros e o povo que a verdade do evangelho *quando não salva, leva à ruína*. A pessoa que se recusa a escutar dia a dia os convites da misericórdia, cedo poderá ouvir os mais urgentes apelos sem que uma emoção lhe agite o coração.” *Testemunho para a Igreja* 5:134.

Devemos compreender claramente que o único esforço que Deus faz é para salvar. Esse esforço pode produzir e produz dois efeitos opostos. Nos corações e na vida daqueles que aceitam a obra de Deus, realiza o resultado pretendido. Abranda, muda, purifica e restaura. É para vida eterna.

Mas nas vidas daqueles que rejeitam o ministério salvador, há uma terrível obra de destruição em curso. É um trabalho destruidor que primeiramente quebra toda a resposta espiritual interior, depois endurece o coração em rebelião, desenvolve todo o traço pecador e compele o Espírito de Deus a retirar a Sua presença e a Sua protecção. Isto deixa a pessoa entregue à escolha que fez; a uma posição onde não há protecção da malícia destruidora de Satanás e do pecado.

Deus destrói, *mas não como o homem destrói*. Todo o esforço da parte de Deus é salvar, mas tem um resultado totalmente diferente nas vidas daqueles que rejeitam o poder salvador. Portanto, podemos saber que, de facto, Deus é um Salvador *e só um Salvador*. Ele destrói ao tentar salvar de modo que quanto mais o Seu poder Salvador se manifesta no mundo e esse poder é rejeitado, mais rápida e terrivelmente são os que rejeitam destruídos pelo simples resultado das forças envolvidas.

Este princípio brilhará com maior clareza e força à medida que os casos individuais do dilúvio, Sodoma e Gomorra, as pragas do Egipto, a crucifixão de Cristo, as sete últimas pragas e o julgamento final forem estudados. Estes serão progressivamente estudados. Por agora é suficiente estabelecer o princípio que o modo pelo qual o Senhor destrói é tentando salvar. Assim o Seu modo de destruir é inteiramente diferente do modo do homem. Uma vez que isso seja claramente compreendido, será possível ver todas as acções de Deus de uma maneira nova e esclarecida. Como resultado, toda a Escritura emergirá como uma grande verdade harmoniosa.

Capítulo 14

Revelação Suprema

Não há contradições na Palavra de Deus; não deve ser interpretada de acordo com métodos privados ou humanos; a Bíblia é o seu próprio intérprete; os caminhos de Deus e os caminhos do homem são inteiramente diferentes; e o único modo pelo qual Deus destrói é ao tentar salvar, qualquer destruição que acontece é por causa da rejeição do homem e não por acção de Deus.

Estando isto estabelecido, foi preparado o terreno para estudar os vários incidentes da história nos quais Deus teve uma parte. Faz-se aqui referência ao dilúvio, à destruição de Sodoma e Gomorra, às pragas do Egipto, à execução daqueles que adoraram o bezerro de ouro, e Acã, à matança dos caananitas, à obliteração do exército de Senaqueribe, e muitos outros acontecimentos, até à conclusão – a liquidação final no lago de fogo.

O estudo destes acontecimentos deixou a maioria com ideias concretas quanto ao carácter de Deus. Ele é visto como um Juiz severo que, governando o Seu reino como qualquer potentado terrestre, enviou castigos mortais sobre aqueles que não Lhe obedeciam. Esses conceitos são formados por causa da tendência dos homens pensarem acerca de Deus como se Ele fosse igual a eles.

Que tais erros fossem cometidos é bem compreensível, pois é natural que o homem pense em termos do que Lhe é familiar. O único tipo de reinos, reis, governos, leis, punições e destruição conhecidos do homem está no contexto desta Terra. Estão familiarizados com a relação entre a posse de grande poder e despotismo. Nos seus próprios corações anseiam o poder de modo que possam governar sobre outros de preferência em vez de serem governados por eles. Sabem que a aquisição do poder apenas pode ser mantida pela supressão ou destruição dos opositores.

Assim, quando vêem Deus numa posição de absoluta liderança combinada com infinito poder, não podem conceber o seu uso de qualquer outro modo que não o seu se estivessem na mesma situação. Tão natural é este modo de pensar ao homem que o padrão visto a respeito da conduta de Deus no Antigo Testamento é aceite sem duvidar. Nem sequer é admitido um segundo pensamento. Para eles, Deus está simplesmente a agir do modo aceite e esperado para uma pessoa que está na Sua situação. Quantas vezes, ao falar com pessoas a respeito disto, a resposta tem sido. “Bem, eu nunca tive ocasião para perguntar se Deus destrói ou não. Já li que Ele destrói e isto é onde cheguei. Afinal, Ele é o Criador, tem poder absoluto, portanto tem o direito de nos destruir se não Lhe agradarmos. Parece-me tão simples quanto isto.”

Porém, para outros o Antigo Testamento tem apresentado sérios problemas. Eles ficam horrorizados enquanto lêem as histórias das conquistas de Israel, onde os homens, mulheres, belos moços e moças, juntos com lindas crianças de colo eram desumanamente mortas à espada. Que Deus comandava tais atrocidades, projecta uma temerosa imagem de Deus em vez de um retrato atractivo. Isto não traz senão escasso conforto à alma e tende a produzir um serviço de medo em vez de amor.

Na cama de um hospital, uma mulher doente e desesperada, voltou-se para a leitura da Bíblia à procura de conforto e repouso. Ela começou, naturalmente no princípio e depressa se encontrou a caminhar através de sinistros relatos de sangrentas chacinas. A visão era revoltante e perturbadora, levando-a em breve a pôr de lado e para sempre o Livro.

A sua reacção é compreensível quando se considera que faltava no seu estudo a compreensão daquilo que Deus na realidade fez nestas situações. Se ela tivesse visto o verdadeiro carácter de Deus

como está realmente revelado nesses exemplos, então o seu amor por Ele teria sido despertado e a sua alma teria descansado com esperança e alegria. Porém, tragicamente não foi assim.

Será agora apresentada a evidência para mostrar que o Antigo Testamento não é o local para começar a estudar o carácter de Deus. O convincente argumento para isto é que nem os santos anjos foram capazes de compreender o carácter de Deus tal como foi revelado no Antigo Testamento. Não foi senão no advento de Cristo e especialmente até a demonstração do infinito amor e justiça ser dada no Calvário que eles foram capazes de ver Deus como Ele realmente é. Ao mesmo tempo, Satanás foi revelado na sua verdadeira luz. Pela primeira vez, os anjos ficaram totalmente convictos da justiça da causa de Deus. As evidências escriturísticas para isto já foram apresentadas mas é adequado repeti-las aqui.

“Até à morte de Jesus, o carácter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqui-apóstata se revestira por tal forma de engano, que mesmo os santos seres não lhe compreenderam os princípios. Não viram claramente a natureza de sua rebelião.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Na cruz “Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita. Qualquer que fosse a atitude que tomasse, não mais podia esperar os anjos ao virem das cortes celestiais, nem perante eles acusar os irmãos de Cristo de terem vestes de trevas e contaminação de pecado. Estavam rotos os derradeiros laços de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Há uma relação directa entre a má compreensão do carácter de Satanás e a falsificação do carácter de Deus. Portanto, não somos capazes de ver até que extensão os anjos não foram capazes de ver a verdadeira natureza de Satanás e do seu trabalho durante a era do Antigo Testamento, por conseguinte, nessa medida foram incapazes de compreender correctamente os princípios do carácter e conduta de Deus. Se santos anjos, poderosos em poder intelectual e espiritual e participando pessoalmente na obra de Deus na dispensação do Antigo Testamento, ainda tinham uma visão toldada acerca de Deus, então, é impossível à mente humana compreender Deus apenas a partir destas evidências.

Quando as revelações de Deus tal como dadas por Cristo na cruz fizeram desaparecer a névoa com que Satanás fez sombra sobre o carácter de Deus, eles foram capazes de olhar para trás e rever o passado numa nova luz. Na glória emanada de Cristo e do Calvário, encontraram os mistérios resolvidos e os pontos escuros iluminados. Paz perfeita encheu as suas almas enquanto se regozijavam na eterna libertação dos enganos do passado.

O que foi necessário para eles, ainda é mais para os peregrinos confinados à Terra em busca do conhecimento de Deus que é vida eterna. Esta procura deve começar com a melhor e maior revelação existente d’Ele – a vida de Cristo e a maravilha do Calvário. Começar o estudo neste ponto impressionará rapidamente a mente do que procura com a necessidade de penetrar para além do entendimento vulgarmente mantido sobre o Deus do Antigo Testamento.

Para muitos e por muito tempo, a revelação de Deus no Antigo Testamento, comparada com a revelação de Cristo a respeito d’Ele no Novo, forneceu uma ilustração totalmente contraditória. Deus é visto como um legislador severo, exigente que não permitirá que a Sua vontade seja contrariada, ao passo que Cristo é visto como um terno, benigno e amoroso perdoador de todos os pecados. A Deus é atribuído um carácter e a Cristo outro. Isto destrói a preciosa verdade que Cristo e o Pai são um em autoridade, carácter, espírito, objectivos e obra. A crença é gerada que Cristo é o *Pacificador* da ira do Pai, exercendo influência para que Ele actue contrariamente ao Seu verdadeiro carácter, mostrando misericórdia quando não está no Seu coração ou natureza fazê-lo.

Quanto mais os homens forem imersos nas trevas da falsa interpretação de Satanás acerca do Pai e do Filho, mais exagerada se torna esta doutrina da pacificação. Na sua pior forma encontra-se entre

os religiosos que oferecem sacrifícios humanos às divindades para aplacar a sua ira. Considerai como tal conceito de Deus faz d'Ele um ser totalmente igual a nós.

Contudo, ainda que possa parecer estranho, os comuns professos filhos de Deus hoje estão prontos a acreditar, por um lado que o Pai e o Filho são um em carácter, espírito e poder, enquanto por outro lado, defendem o ponto de vista que o Pai, como revelado no Antigo Testamento em particular e o Filho manifestado no Novo, são dois caracteres muito diferentes.

É bastante inconsistente manter tal posição e apenas possível se as duas ideias forem cuidadosamente compartimentadas em duas áreas separadas do cérebro de modo que não se pense nelas ao mesmo tempo. Se forem colocadas conjuntamente o estudante honesto e atento compreenderá que tem de deixar uma ou outra. *Ou Cristo e o Pai são um, ou não são.*

Resolver este problema não é difícil pois as Escrituras dão muito relevo a que o Pai e o Filho são um em todos os assuntos. Jesus declarou isto repetidamente.

“Eu e o Pai somos um.” *João* 10:30

“Se não faço as obras de Meu Pai, não Me acrediteis.

“Mas, se as faço e não credes em Mim, crede nas obras: para que conheçais e acrediteis que o Pai está em Mim e Eu n'Ele.” *João* 10:37-38.

“Se vós Me conhecêsseis a Mim, também conheceríeis a Meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.

“Disse-Lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta.

“Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido Filipe? quem Me vê a Mim vê o Pai: e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?

“Não crês tu que Eu estou no Pai, e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo não as digo de Mim mesmo, mas o Pai, que está em Mim, é quem faz as obras.

“Crede-me que estou no Pai, e o Pai em Mim: crede-Me, ao menos, por causa das mesmas obras.” *João* 14:7-11.

“Mas Jesus respondeu, e disse-lhes: Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente.” *João* 5:19.

Com estas palavras, Cristo, em favor de Seu Pai, negou que havia qualquer diferença fosse ela qual fosse entre Eles em carácter e na obra. Ambos estão juntos no modo mais íntimo, no dedicado propósito para salvar o agonizante. Cristo não tem que apaziguar o Pai pois Ele faz exactamente o que o Pai Lhe encarregou de fazer.

A divisão é o objectivo de Satanás, mas o grande propósito de Deus é unir todas as coisas no Céu e na Terra, como está escrito;

“Descobrimo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito, que propusera em si mesmo,

“De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;” *Efésios* 1:9-10.

Foi já apresentada a evidência no capítulo três que o método específico aplicado por Satanás para criar um bloqueio entre Deus e Suas criaturas foi a falsa representação do carácter de Deus.

“O pecado originou-se na busca dos próprios interesses. Lúcifer, o querubim cobridor, desejou ser o primeiro no Céu. Procurou dominar os seres celestes, afastá-los de seu Criador, e receber-lhes, ele próprio, as homenagens. Portanto, *apresentou falsamente a Deus*, atribuindo-Lhe o desejo de exaltação própria. Tentou revestir o amável Criador com suas próprias más características. *Assim enganou os anjos. Assim enganou os homens.* Levou-os a duvidar da palavra de Deus, e a desconfiar de Sua bondade. Como o Senhor seja um Deus de justiça e terrível majestade, Satanás os fez considerá-Lo como severo e inclemente. *Assim* arrastou os homens a se unirem com ele em rebelião contra Deus, e as trevas da miséria baixaram sobre o mundo.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 21, 22.

“Pela mesma representação *falsa* do carácter divino, por ele dada no Céu, fazendo com que Deus fosse considerado severo e tirano, *Satanás induziu o homem a pecar.*” *O Grande Conflito*, 500.

“Adão acreditou na falsidade de Satanás, e pela deturpação por este feita do carácter de Deus. A vida de Adão se transformou e maculou. Desobedeceu ao mandamento de Deus, fazendo justamente aquilo que o Senhor lhe mandara não fazer. Pela desobediência Adão caiu; se tivesse resistido à prova e sido fiel a Deus, as comportas da miséria não se teriam aberto sobre nosso mundo.

“Por meio das falsas representações de Deus por parte de Satanás, mudaram-se o carácter e o destino dos homens, mas os que crerem na Palavra de Deus, serão transformados na mente e no carácter, e habilitados para a vida eterna. O crer que ‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna’ (João 3:16), transformará o coração e reproduzirá no homem a imagem de Deus.” *Mensagens Escolhidas*, 1:345, 346.

O método de Satanás de destruir a unidade do universo pode ser apenas contrariado pela restauração da verdade acerca de Deus. O carácter foi manifestado em todo o tracto de Deus tanto com os entes leais, como com os rebeldes e nações entre a queda e o primeiro advento, mas o homem, influenciado e cego por Satanás, não foi capaz de ver as verdades que lhes foram oferecidas nisso.

Portanto uma irrefutável revelação do carácter de Deus tinha que ser apresentada para contrapor as mentiras de Satanás e tornar clara a verdadeira mensagem do Antigo Testamento. Havia apenas um único ser que podia dar tal demonstração e esse era Cristo, “O qual, sendo o resplendor da Sua glória, e a expressa imagem da Sua pessoa...” [Hebreus 1:3] foi comissionado por Deus para assim fazer.

“O Salvador estava profundamente ansioso por que Seus discípulos compreendessem *para que fim* Sua divindade estava unida à humanidade. Ele veio ao mundo para manifestar a glória [carácter] de Deus, a fim de que o homem fosse erguido por Seu poder restaurador.” {DTN 471}, *O Desejado de Todas as Nações*, 664.

“Cristo veio à Terra para revelar aos homens o carácter de Seu Pai, e Sua vida foi repleta de acções de ternura e compaixão divina.” {PP 343}, *Patriarcas e Profetas*, 496.

“... Jesus a expressa imagem da pessoa do Pai, e resplendor da Sua glória; o abnegado Redentor, em toda a Sua peregrinação de amor na Terra foi uma viva representação do carácter da lei de Deus. Na Sua vida manifesta-se que o amor de origem celeste, os princípios cristãos, fundamentam as leis de eterna rectidão.” *God's Amazing Grace*, 102. Ver {MDC 49}.

Tão completa é a revelação do carácter de Deus tal como dada por Cristo que “*Tudo* aquilo que o homem *necessita* ou é *capaz de conhecer* a respeito de Deus *foi revelado* na vida e carácter de Seu Filho.” *Testemunhos Para a Igreja* 8:286.

Não há uma única razão para duvidar da veracidade deste testemunho. Jesus confirmou a sua verdade nestas palavras a Filipe, “Estou há tanto tempo convosco, e não Me tendes conhecido Filipe? *quem Me vê a Mim vê o Pai*: e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” *João* 14:9.

Jesus é a *Palavra* de Deus. Este é um título muito importante e significativo pelo qual somos informados quanto à missão especial de Cristo para a raça humana. É um erro muito grave limitar o trabalho de Cristo ao do sacrifício pelo qual a penalidade do pecado foi paga. Ele veio com certeza para pagar esse resgate e este aspecto da Sua obra nunca deve ser minimizado ou desacreditado, mas é do mesmo modo importante ver as outras obras que Ele veio realizar. Ele veio também para provar que qualquer ser humano que permita a Cristo tirar a velha natureza e depois o torne um dos que partilham da natureza divina pode, pela fé viva, guardar todos os mandamentos na perfeição.

Porém, poderosas e essenciais como essas obras são, *não* são suficientes para finalizar o grande conflito sem a terceira obra; a de revelar a justiça do carácter de Deus ao ponto em que as mentiras de Satanás se mostrem tal como são.

Como uma descrição desta obra, o título, “a *Palavra* de Deus” é muito apropriado. Saindo dos lábios daquele que é totalmente honesto e verdadeiro, as palavras são uma exacta expressão do

pensamento e carácter do que fala. Nesta, Terra, Jesus Cristo era a *palavra* de Deus. Isto é, Ele não falou as Suas próprias palavras, mas as do Pai. Ele não fez as Suas obras, mas as obras d'Aquele que O enviou.

Estas grandes verdades não devem ser construídas para significar que Cristo não teve uma mente ou uma individualidade própria. “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.” {DTN 372}, *O Desejado de Todas as Nações*, 530. Ele podia certamente ter vindo a esta Terra para expressar a Sua própria mente, para fazer as Suas próprias obras e para revelar o Seu próprio carácter. Porém, veio com uma missão que não era essa. Ele foi enviado para revelar as palavras, pensamentos, carácter e procedimentos do Pai da justiça. Com perfeita fidelidade, realizou essa missão e assim assegurou tudo para que Deus possa ser visto e compreendido, simplesmente olhando para a vida e ensinamentos de Seu Filho.

“Ele era a Palavra de Deus – o pensamento de Deus tornado audível.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 15. Portanto, Ele declarou sobre a Sua missão “Não crês tu que Eu estou no Pai, e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo não as digo de Mim mesmo, mas o Pai, que está em Mim, é quem faz as obras. *João* 14:10.

“Disse-lhes pois Jesus: Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem Eu sou, e que nada faço por Mim mesmo; mas falo como o Pai Me ensinou.” *João* 8:28.

Portanto, grande cuidado devia ser tomado para compreender este aspecto da missão de Cristo. A verdade que Jesus era a própria expressão do pensamento e carácter de Deus devia ter um lugar tão firme na mente que não importa quantas ilustrações de Deus possam ser apresentadas, a única aceitável é a que está em harmonia com as representações que Cristo fez de Deus.

Já foi mencionada a diferença *aparente* entre a imagem de Deus tal como é vista através da história do Antigo Testamento e a revelação que Cristo fez d'Ele. Muitos estão convencidos que estão enfrentando uma escolha de qual das ilustrações de Deus aceitarão, mas, se o princípio já estabelecido é compreendido e seguido, será visto que o ponto de vista contraditório de Deus como foi ganho pela incorrecta compreensão do Antigo Testamento, deve ser rejeitado. É assim porque ela não está de acordo com a revelação de Deus *dada por Jesus Cristo*. A Sua apresentação do carácter de Deus é a mais clara, a mais convincente e a mais facilmente compreendida.

Por outras palavras, aqueles que desejam saber como Deus é, como Ele se relaciona com o pecador e com os justos, apenas têm que olhar para Deus à face de Jesus Cristo. Quaisquer concepções acerca de Deus que não tenham reflexo na vida e ensinamentos de Cristo devem ser rejeitadas sem hesitação como erro. Isto pode apenas querer dizer que a fé não pode ser baseada no ponto de vista popular acerca de Deus e na apresentação de Cristo d'Ele. Um ou outro tem que ser abandonado. Deus é completamente consistente e, portanto, a Sua Palavra é consistente com ela mesma. Não pode apresentar e com certeza não apresenta um conceito num lugar e o oposto no outro. Isto não pode acontecer. Qualquer estudante da verdade deve estar convicto disto como uma provisão motivadora que rejeite qualquer tendência para aceitar alguma opinião contraditória da Escritura, enquanto procura com honesta perseverança as soluções *bíblicas* que o levarão à perfeita harmonia.

No Novo Testamento, Cristo deu-nos a verdadeira ilustração de Deus. Que essa verdade seja para sempre e sem hesitação estabelecida na mente. Tão certamente como o Senhor é consistente, também a apresentação d'Ele no Antigo Testamento tem que coincidir com o Novo. O estudante não deve descansar até que os dois estejam em harmonia.

No esforço para encontrar essa harmonia, começai onde a verdade é mais clara. Isto quer dizer que o ponto de partida deve ser a vida de Cristo – não a história do Antigo Testamento. Durante quatro mil anos, tanto as mentes humanas como as mentes dos anjos falharam em ver a revelação de Si mesmo que o Senhor procurou transmitir através de todos os Seus procedimentos. Tendo falhado em penetrar os sofismas de Satanás durante esse tempo, Ele enviou Cristo para realizar o que antes tinha sido impossível. Não foi possível, não por causa de qualquer falha da parte de Deus, mas por causa da cegueira e preconceito das entenebrecidas mentes do homem e da absoluta subtileza de

Satanás. É muito mais fácil espalhar uma mentira do que estabelecer uma verdade. Levantar uma dúvida, ou insinuar um mau motivo é uma coisa simples comparada com a reivindicação de um carácter justo.

Cristo veio, então, a fim de estabelecer para sempre a questão do carácter de Deus. Ele fê-lo trazendo aquilo que havia estado distante e obscuro ao mais próximo contacto com a raça humana. Tão íntima é a proximidade dessa vida sem mácula que é impossível não a ver como ela é. Não há ninguém que argumente que Cristo possuía qualquer outra coisa que não uma impecável justiça na qual está incorporada tudo o que é de mais precioso e desejável em qualquer ser, divino ou humano. Seria impossível dar um argumento mais convincente do que esse. O que Cristo veio realizar, foi predominantemente bem sucedido na execução. A questão do carácter de Deus está para sempre determinada.

Para apreciar o valor total da incomparável apresentação de Cristo do carácter de Deus, é necessário reconhecer quão completa ela foi. Veio Cristo para apresentar uma visão parcial de Deus? Era isso apenas uma ênfase incerta? Será que Deus, sentindo que tinha muito satisfatoriamente convencido o homem no Antigo Testamento do lado severo e intransigente da Sua natureza, deixou que Cristo desse ênfase às qualidades de amor perdão e misericórdia?

Tal ilustração é adoptada por muitos como uma solução àquilo que sentiram que seria de outro modo uma contradição entre as mensagens do Antigo e do Novo Testamento, mas não é a mensagem das próprias Escrituras. Ali está testemunhado que a manifestação que Cristo fez do Pai foi completa. *Não deixa nada mais para ser mostrado*. Isto não é dizer que tudo acerca do carácter de Deus pode ser compreendido num contacto com o Salvador, pois levará a eternidade para ver tudo o que Cristo veio dizer. O que deve ser reconhecido e aceite como verdade é que a revelação de Deus efectuada por Cristo foi completa. Por isso está escrito:

“*Tudo* aquilo que o homem necessita ou *é capaz de conhecer* a respeito de Deus foi revelado na vida e carácter de Seu Filho.” *Testemunhos Para a Igreja* 8:286.

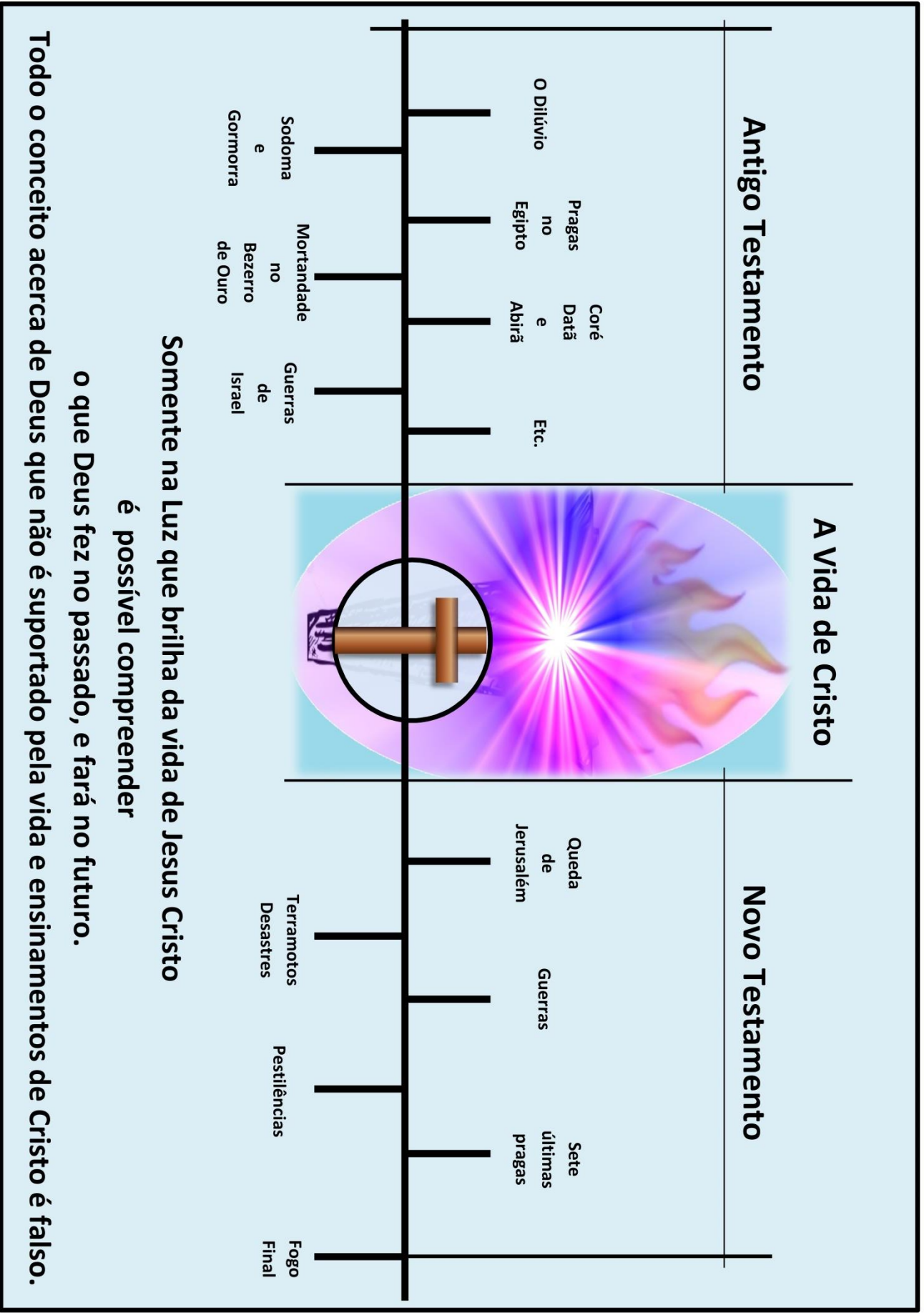
Este testemunho é específico compreensivo e exacto. Não deixa espaço para a suposição que Cristo revelou apenas um certo aspecto do carácter de Deus ou mesmo a maior parte dele. Não admite a noção que o ministério de Cristo deu mais uma fase nesta revelação com desenvolvimentos a serem dados no futuro. Pelo contrário, confirma em linguagem tão simples que não é deixada dúvida quanto ao seu significado. Cristo veio para dar a uma manifestação de Deus tão completa que *não há nada mais que possa ser mostrado*. Nada foi negligenciado nem omitido. Não há investigação acerca de Deus que possa ser levada a cabo que não seja respondido na vida e ensinos do Salvador. A obra está completa. Tudo foi revelado. Tudo o que resta é o ansioso e espiritual filho de Deus, através de honesto estudo e oração, tomar posse de todos estes ricos tesouros. Alguns podem contrapor que vida eterna é o maior dos tesouros. Isto é verdade e a sua verdade estabelece este ponto, pois o conhecimento de Deus é vida eterna. “A vida eterna é esta: Que Te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a Quem enviaste.” *João* 17:3.

O próprio Cristo declarou que a revelação que fez do Seu Pai foi total.

“Mas Jesus respondeu, e disse-lhes: Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente.” *João* 5:19.

Esta Escritura é uma chave na compreensão do ministério de Cristo como a *Palavra do Deus vivo*. Que as preciosas verdades contidas aqui sejam examinadas com todo o cuidado.

Cristo disse que não fez nada de Si mesmo, negando assim que qualquer acto Seu durante o ministério terrestre viesse de Si próprio. Ao contrário dos homens que sentem dever fazer alguma coisa que os distinga, Cristo veio apenas com um propósito na Sua mente que era fazer as obras e a vontade do Seu Pai. Ele não veio para se glorificar a si mesmo, mas o Altíssimo que o enviou.



Portanto, tão certamente como a Sua vida, tão cheia de actividade, não continha nada feito de Si mesmo ou por Ele mesmo, também tudo o que fez era de Deus e para Deus. Era o Pai que estava a agir pela Sua vida e carácter por meio do Seu amado Filho. Portanto, em cada acto de Cristo vemos Deus a operar e sabemos desse modo o que o Pai faz em relação aos Seus súbditos, sejam eles pecadores ou justos.

Isto é confirmado nas palavras de Cristo, “porque tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente.” *João* 5:19.

O testemunho de Cristo aqui não é simplesmente nestes termos, “*tudo o que Ele faz,*” mas “*todas as coisas,* seja o que for que Ele faça.” A soma destas palavras significa que tudo o que o Pai faz está verdadeiramente incluído. Estas são palavras que transmitem a ideia da totalidade e infinidade. Portanto, Cristo está a declarar que *tudo* quanto o Pai faz, *sem excepções,* o Filho faz do mesmo modo.

O estudante não deve falhar em observar que a inclusão da palavra “do mesmo modo” junta um significado importante à mensagem do Salvador. É importante que acreditemos que Cristo na Terra, fez *tudo* o que o pai fez. É igualmente essencial para nós saber que Ele *do mesmo modo* fez como o Pai o fez. Não apenas fez *tudo* o que o Pai fez, mas fê-lo *exactamente* como o Pai o fez.

Portanto, a revelação de Deus dada por Cristo não foi apenas completa, mas uma cópia exacta. Se o próprio Pai viesse no lugar de Cristo, a ilustração teria sido tão idêntica que seria impossível descrevê-las separadamente.

Em mais um esforço para argumentar que a revelação de Deus por Cristo foi incompleta, pode ser argumentado que durante o intervalo terrestre, Cristo não tinha um conhecimento completo das obras de Deus. Tal argumento é sufocado no próprio versículo seguinte em que Cristo reivindicou completo conhecimento dos caminhos e obras de Deus.

“Porque o Pai ama o Filho, e mostra-Lhe *tudo* o que faz; e Ele Lhe mostrará maiores obras dos que estas, para que vos maravilheis.” *João* 5:20.

O que Cristo diz, nós acreditamos, porque Ele é a Verdade. Pelo Seu testemunho então, nós sabemos que tudo o que o Pai faz, o Filho faz exactamente do mesmo modo e visto que não havia nada nos Seus caminhos que o Pai não tivesse revelado ao Filho, a revelação é completa.

Que desafio é este para as velhas ideias acerca de Deus. Cada ideia na qual Deus é visto como um destruidor dos que recusam as Suas ofertas de misericórdia, *apenas pode ser sustentada se verificarmos que Cristo faz as mesmas coisas.* Que cidadelas de erro ruirão perante a arremetida desta indestrutível verdade! Que estrutura de verdades vivas inteiramente nova e gloriosa acerca do Pai devem agora levantar-se dos escombros daqueles edifícios de mentiras!

Considerai as teorias que o tempo tornou respeitadas acerca de Deus. Ele é visto como Aquele que no início procura a salvação das Suas criaturas. Na Sua posição de autoridade suprema, exige aos homens que se arrependam dos seus pecados e obedeçam à Sua vontade. Demonstra paciência enquanto o homem joga com os Seus apelos, mas vem o momento em que a paciência se esgota. Então levanta-Se para realizar o Seu “estranho acto.” Com poder aterrador, exercido por Suas próprias mãos, limpa a rebelião da face da Terra, demonstrando assim que não é um Deus de quem se escarneça. Declara assim a Sua vontade pelo uso cruel da força destruidora, convencendo o homem que deve obedecer-Lhe ou então morrer. Este é o ponto de vista dos sábios tradicionalistas.

É isto que Deus faz? É esta uma verdadeira ilustração dos Seus padrões de comportamento? É importante saber a resposta pois, se não é correcta, então é uma falsa representação de Deus desenhada pelo diabo para nos separar d’Ele e efectuar a nossa destruição. É, com certeza, a ilustração que o tempo *tornou respeitada* a respeito de Deus e dos Seus caminhos, de modo que, se *este* fosse o factor determinante, seria a verdade. Mas, o facto duma crença se tornar respeitada por causa da dignidade da idade e aceite pela maioria, não a torna correcta.

Há outros meios totalmente seguros, de testar se estes conceitos são verdadeiros ou não. Essa prova é dada na vida de Cristo. Ele veio para nos mostrar exactamente como Deus Se comporta em

qualquer situação. Portanto se este tão antigo e popular conceito acerca de Deus for correcto, é certo que será suportado se Cristo tiver feito a mesma coisa igualmente.

Mas onde pode este padrão de comportamento ser encontrado na Sua vida nesta Terra?

Não pode ser encontrado. Procurai tão exaustivamente quanto possível. Investigai cada palavra e acto. Ouvi as Suas inspiradas expressões. Vede-O tratando com aqueles que rejeitaram os Seus últimos apelos de misericórdia. Contemplai-O sofrendo abusos e zombaria em troca de amor e misericórdia e nunca por uma vez pode qualquer sugestão ser encontrada de ter admitido uma ideia de fazer como os homens têm compreendido que Deus faz. Nem sequer por um pensamento entrou Ele em qualquer obra na qual usaria o grande poder à Sua disposição para destruir o impenitente.

Há muito tempo que os homens vêem Deus como tendo duas caras. Uma delas é a face perdoadora e misericordiosa que Ele mostra ao homem durante o período em que este suplica o seu arrependimento, enquanto a outra é a face do trovão quando está para o destruir. Cristo não apresenta essa dualidade. Durante toda a Sua vida desempenhou apenas um papel – o de um Salvador e só de Salvador. Nem uma vez O encontramos levantando a Sua mão para destruir alguém. Ele viveu apenas para abençoar, curar, restaurar e salvar.

“Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; *o qual andou fazendo o bem, e curando a todos* os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele.” *Atos* 10:38.

“Cristo manteve-Se à cabeça da humanidade revestido da humanidade. Tão cheia de simpatia e amor era a Sua atitude que os mais pobres não tinham medo de se aproximar d’Ele. Ele era bom para todos, facilmente se Lhe dirigiam os mais humildes. Ele ia de casa em casa, curando os doentes, alimentando os famintos, confortando os que estavam de luto, ajudando os aflitos, falando de paz aos angustiados... Ele veio como uma expressão *do perfeito amor de Deus, não para destruir nem para julgar e condenar*, mas para *curar* todos os que tinham carácter imperfeito e fraco, para *salvar* homens e mulheres do poder de Satanás.” *Welfare Ministry*, 53, 54.

“*Constantemente* Ele andou fazendo o bem. Pelo bem que realizou, pelas Suas palavras de amor e bons actos, interpretou o evangelho ao homem.” *Idem*, 56.

“Tal como nós determinamos o curso de um ribeiro pela linha de verdura viva que Ele produz, também Cristo podia ser visto pelos actos de misericórdia que marcaram o Seu caminho *a cada* passo. *Aonde quer* que fosse, espalhava saúde e felicidade por onde quer que passasse. Os cegos e surdos rejubilavam na Sua presença. As Suas palavras aos ignorantes abriam-lhes uma fonte de vida. Ele distribuía Suas bênçãos abundante e *continuamente*. Elas eram celeiros cheios de tesouros da eternidade, dados em Cristo, o rico dom do Senhor para o homem. *Idem*, 57.

“Cristo o resplendor da glória do Pai, veio ao mundo como sua luz. *Veio representar Deus aos homens*, e d’Ele está escrito que foi ungido ‘com o Espírito Santo e com virtude,’ e ‘*andou fazendo o bem.*’” {PJ 226}, *Parábolas de Jesus*, 416, 417.

Este testemunho vai directo ao ponto de declarar que Cristo veio à Terra para *apresentar Deus* ao homem e depois diz-nos que para fazer isso, *andou fazendo o bem*. Quão trágico é que tantos tenham falhado em apreciar que Cristo é a exacta e completa revelação do Pai da luz. Quando esta verdade é vista como deve e tem que ser, então será compreendido que Deus está apenas entregue a uma obra – *a de sair a fazendo o bem*. Ele, juntamente com Cristo, é o grande Médico, Restaurador, Salvador e Amigo de toda a raça humana. Não é o Seu proceder destruí-los. Eles são destruídos apenas quando se tiram a si mesmos do Seu cuidado e para além dos limites do Seu círculo de protecção.

“A vida de Cristo *estava repleta* de actos de benevolência, simpatia e amor.” *Primeiros Escritos*, 160.

Foi assim. Não era em parte, mas cheio a transbordar de modo que não havia espaço para mais nada a não ser isso. A verdade destas declarações pode ser confirmada pelo estudo dos registos inspirados da Sua vida. Tal estudo falhará em trazer à luz um único acto de destruição ou de administração de qualquer punição. Alguns podem levantar o argumento que Cristo amaldiçoou e destruiu a figueira estéril e que retirou do templo os cambistas em duas ocasiões e ao fazê-lo usou um chicote. Estes dois acontecimentos serão estudados no próximo capítulo. A apresentação de

evidências escriturísticas mostrará que a destruição da figueira não foi um acto de destruição da parte de Cristo. Será mostrado que Ele relacionou-se a Si mesmo exactamente como o faz com todo o pecador, permitindo que a Sua protecção e vida sejam retiradas dele. Do mesmo modo, será mostrado que não foi por força física pessoal que Ele foi bem sucedido ao limpar o templo dos cambistas.

Estes são os únicos acontecimentos que podiam ser apresentados como uma excepção ao padrão do ministério de Cristo. Quando se mostrar com sucesso que eles não são uma excepção, então será reconhecido que Cristo apenas fez o bem enquanto esteve sobre a Terra. Ele veio apenas como um Salvador. “Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.” *João* 3:17.

Esta é a grande e inspiradora mensagem da vida de Cristo. Ela declara que por todos os séculos antes d’Ele vir, o homem tinha um grave conceito errado a respeito do carácter de Deus. Cristo veio para dissipar esse erro e agindo pelos caminhos e obras de Seu Pai, declara, “Aqui está a correcta imagem do Meu Pai. É nisto que tendes de acreditar que Ele é e faz.”

Neste ponto, alguns podem pensar que se aceitam a vida de Cristo como a total e completa ilustração do que Deus é, então como compreenderão as acções de Deus no Antigo Testamento?

Esses devem ser honestamente encorajados a tomar posse das palavras de Cristo *pela fé*. Jesus disse que veio para fazer as obras do Seu Pai. Ele disse-nos que vê-l’O é ver o Pai. Portanto, a *fé* nessas palavras assegura-nos que a ilustração do Pai que Cristo veio dar é a verdade a respeito do Pai. Então a *fé* conforta-nos com o feliz pensamento que há uma melhor e mais maravilhosa ilustração das Escrituras do Antigo Testamento do que aquela que tínhamos no passado. Assim somos cheios da ansiosa antecipação ao voltarmos ao estudo dos acontecimentos anteriores ao primeiro advento *da Palavra de Deus*.

Mais tarde, muitos dos grandes acontecimentos desse período serão reexaminados. Para a feliz surpresa de muitos dos nossos leitores e esperança de todos, será visto que Deus é um Salvador e *apenas* um Salvador.

Capítulo 15

Instado a Destruir

Deus deu na vida e ensinamentos de Cristo os meios completos e totais pelos quais toda a teoria acerca d’Ele possa ser testada. Por este meio, toda a interpretação do comportamento de Deus pode ser infalivelmente classificada como verdadeira ou falsa. Assim, por exemplo, a ideia de Deus destruir os que O desafiam é classificada de errada.

Se a fé puder agarrar-se firmemente ao princípio que Cristo é a perfeita e irrefutável expressão de tudo o que Deus é, foi lançado com firmeza o fundamento para rever as interpretações comuns das histórias do Antigo Testamento. Será estabelecida a confiança na verdade que há uma versão alternativa a respeito do que Deus realmente fez naquelas terríveis situações.

Para fortalecer essa confiança e expectativa, será agora dada consideração adicional ao testemunho de Jesus. Quando esteve na Terra, Ele não mostrou disposição para atingir com actos de castigo e destruição, não porque não tivesse tido oportunidade ou poder para o fazer. Com certeza Ele tinha esse poder como foi manifestado nos Seus milagres de cura, no comando de bravas tempestades e na Sua capacidade para deter os demónios.

Não houve falta de ocasião para a aplicação de castigos e destruição, pois Ele estava constantemente confrontado com os que desprezavam as Suas ofertas de salvação, não só se recusando a obedecer-Lhe como trabalhando em aberta rebelião contra Ele.

Mais do que isto, Ele era *instado* a levantar a Sua mão e a fazer chover fogo sobre os que se voltavam contra Ele.

“E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém.

“E mandou mensageiros adiante de si; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada,

“Mas não o receberam, porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém.

“E os seus discípulos, Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?

“Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: Vós não sabeis de que espírito sois.

“Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia.” *Lucas* 9:51-56.

Os samaritanos não podiam ter apresentado maior insulto ao Filho de Deus. A oferta de hospitalidade a um estrangeiro é considerado no oriente como sendo uma obrigação de todos e recusar isto é indicar a rejeição da pior espécie. Se alguma vez, segundo o ponto de vista humano, um pecado necessitava de ser punido a fim de ensinar uma lição de aviso para todos os outros, então este era um deles.

“Tiago e João, mensageiros de Cristo, ficaram muito ressentidos ante o insulto feito a seu Senhor. Encheram-se de indignação por verem-nO tão rudemente tratado pelos samaritanos, a quem estava honrando com Sua presença. Não havia muito, estiveram com Ele no monte da transfiguração e O viram glorificado por Deus, e honrado por Moisés e Elias. Esta manifesta desonra da parte dos samaritanos não devia, pensavam, ser passada por alto, sem assinalado castigo.

“Indo ter com Cristo, relataram-Lhe as palavras dos habitantes da aldeia, dizendo que haviam recusado até oferecer-Lhe pousada para a noite. Pensavam que Lhe tinha sido feita grave ofensa e,

avistando a distância o Monte Carmelo, onde Elias matara os falsos profetas, disseram: ‘Senhor, queres que digamos que desça fogo do Céu e os consuma, como Elias também fez?’” {DTN 344}, *O Desejado de Todas as Nações*, 487.

Aqueles homens estavam familiarizados com o Antigo Testamento e *pensaram* que compreendiam bem a forma como Deus tinha tratado como ofensas semelhantes no passado. Portanto, acreditavam que estavam a pedir a Cristo para fazer exactamente o que estavam certos Deus faria sob as mesmas circunstâncias. A má compreensão do Seu carácter levou-os a esperarem que Cristo aprovasse a sugestão deles.

Tal como milhões anteriormente e desde então, aqueles homens tinham tido um conceito acerca de Deus e do Seu reino que não diferia em qualquer aspecto dos reinos terrestres ao usar a força e o poder compulsor. Tão firmemente entranhada estava esta ideia que os esforços de Cristo para a fazer desaparecer se provaram infrutíferos. Chegaram à última Páscoa sem fazerem qualquer provisão para a rejeição de Cristo, uma coroa de espinhos e uma crucifixão.

Para compreender o incidente dos samaritanos, é importante reconhecer que os apóstolos tinham verdadeiramente um conceito muito errado sobre o carácter de Deus e que o seu pedido a Jesus era feito em harmonia com essa ideia errada. Eles olharam para Deus como um Ser majestoso de juízo e destruição que não perdia uma oportunidade de afirmar a Sua autoridade fazendo dos impenitentes um exemplo.

Eles criam que Cristo estava na viagem para a Sua coroação em Jerusalém de maneira que se houve um tempo em que os homens deviam ter uma lição significativa do perigo de recusarem a homenagem, este era o momento. Algumas vidas sacrificadas agora, salvaria muitas mais tarde.

Se os discípulos tivessem uma correcta compreensão do carácter de Deus; *se* o que eles pensavam que compreendiam dos feitos d’Ele no Antigo Testamento, fosse o que Ele realmente fez, *então*, por causa de Cristo fazer unicamente o que o Pai fazia, *teriam* feito descer fogo do céu ali e naquele momento. Esta teria sido uma esplêndida oportunidade para Cristo mostrar o carácter de Deus como executor dos que se rebelavam contra Ele. Cristo teria ganho uma total vantagem dessa excelente oportunidade para mostrar este aspecto das políticas de Deus.

Todavia, Cristo nunca consideraria fazer uma coisa dessas. Pelo contrário, repreendeu os discípulos. “Ficaram surpreendidos de ver que Jesus Se magoava com as palavras deles, e ainda mais ao ouvirem-Lhe a censura: ‘Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.’” Luc. 9:55 e 56. E foi para outra aldeia.” {DTN 344}, *Desejado de Todas as Nações*, 487.

Cristo não usou esta oportunidade para mostrar o Pai como um executor porque esse não é o carácter de Deus. Mas isto não significa que Ele desperdiçou a oportunidade de revelar o Pai. Longe disso. Esta foi uma oportunidade áurea para o fazer.

Ele ensinou aos Seus seguidores que a acção que eles propunham nascia de um espírito estranho tanto para Ele como para o Seu Pai. Esse espírito e o seu fruto, não se encontravam na natureza divina, encontrava a sua fonte no coração de Satanás. Era o seu caminho, não o caminho de Deus, destruir os que se recusavam a servi-lo.

Ao negar identificar-se com esse espírito, Cristo reafirmou aquilo que tinha vindo fazer. Deve ser dada muita atenção ao que Ele disse tomando cuidado para não ler aquilo que Ele não disse. Explicamente, Ele declarou, “Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas *para salvá-las*.” Luc. 9:55 e 56. E foi para outra aldeia.” {DTN 344}, *Desejado de Todas as Nações*, 487.

Ele não disse; “O Filho do homem veio para salvar todos os que serão salvos e depois destruir os restantes.”

Mas isto é o que o Salvador teria a dizer se o conceito aceite a propósito dos caminhos de Deus fosse correcto. Ainda mais, Ele teria sido obrigado a demonstrar a veracidade das Suas palavras destruindo todo o samaritano que O rejeitasse definitivamente. Mas Ele nem disse essas palavras nem realizou tais acções.

Pelo contrário, com grande clareza, disse, “Porque o Filho do homem *não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.*”

Os homens decidem alcançar com a melhor das intenções e princípios nobres, apenas para descobrir que não perceberam as complicações que surgiriam. Com muita frequência, eles comprometem os seus princípios e modificam os seus planos para enfrentar o inesperado.

Não é assim com Deus. No início, Ele está plenamente consciente de todas as dificuldades que se desenvolverão. Na plenitude dessa presciência, Ele descreve o curso que seguirá. Com consistência infalível a partir de então, Ele adere aos Seus princípios declarados. Nenhuma pressão pode ser montada suficiente para causar o menor desvio.

Quando Cristo disse que Ele não veio para destruir a vida dos homens, podemos ter certeza da absoluta fiabilidade dessas palavras. Portanto, podemos saber que Ele não destruiu quando veio. Além disso, como Ele fez apenas o que o Pai fez, podemos saber que o Pai não veio para nos destruir. Cristo veio apenas para salvar. Da mesma forma, o Pai vem a nós como Salvador e somente Salvador.

“Não faz parte da missão de Cristo obrigar os homens a recebê-Lo. Satanás, e homens movidos por seu espírito, é que buscam forçar a consciência. Sob pretendido zelo pela justiça, homens aliados a anjos maus infligem sofrimento aos semelhantes, a fim de os converter as suas idéias religiosas; mas Cristo está sempre mostrando misericórdia, sempre procurando conquistar mediante a revelação de Seu amor. Não pode admitir rival na alma, nem aceita serviço parcial; mas deseja apenas o serviço voluntário, a espontânea entrega do coração constrangido pelo amor. Não há mais conclusiva prova de possuímos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir aos que não apreciam nossa obra, ou procedem em contrário a nossas idéias.” {DTN 344}, *Desejado de Todas as Nações*, 487.

Os samaritanos não apreciaram a obra de Cristo e certamente agiram contrariamente às Suas ideias. Se tivesse mostrado a menor disposição para os ferir ou destruí-los, teria dado a mais forte evidência de que possuía o espírito de Satanás. Foi porque Ele não possuía esse espírito que não demonstrava tal disposição.

Se aplicarmos este princípio de volta ao comportamento do Pai, obter-se-ão as mesmas conclusões. Analisemos então o popular conceito sobre o carácter de Deus.

É verdade que os habitantes de Sodoma e Gomorra não apreciavam as obras de Deus e eles certamente agiram contrariamente às Suas ideias. Quanto mais eles vivessem, maiores seriam as profundezas da apostasia a que eles levavam isso. Entretanto, eles resistiram deliberada e obstinadamente a todos os esforços de Deus para os trazer de volta à apreciação das Suas obras e acções que se harmonizavam com Suas ideias. Em consequência, declara a tão popular teologia, Deus os destruiu fazendo chover fogo do céu sobre eles. À luz da afirmação citada acima, se isto for verdade, então Deus forneceu a todos evidências convincentes de que Ele foi impelido pelo espírito do diabo.

Não há outra conclusão que possa ser tirada além desta. A única maneira de negar isso é provar que o testemunho citado é falso e isso não pode ser feito, pois é a palavra inspirada de Deus.

Quando as implicações das crenças populares são assim expostas é evidente que há a necessidade de outra investigação mais bem informada e espiritual a respeito do desempenho de Deus nesse holocausto. É certo que Deus não possui o espírito de Satanás. Portanto, é igualmente certo que Ele não fere nem destrói aqueles que não apreciam a Sua obra e agem em contrário às Suas ideias.

A posição de Cristo contra os Seus apóstolos na questão dos samaritanos é uma revelação valiosa da Sua total recusa em se envolver em qualquer tipo de obra punitiva de destruição. Ele deixou bem claro que tais coisas não tinham parte com Ele e, portanto, nenhuma parte com Seu Pai no Céu. A vida de Cristo nega totalmente a ideia que Deus destrói alguém por qualquer motivo.

É claro que existem aqueles dois exemplos mencionados no capítulo anterior que, aparentemente, proporcionariam ocasiões em que Cristo estendeu as mãos para usar a força e destruir. São a maldição da figueira e a expulsão dos profanadores dos recintos do templo.

Vamos considerar primeiro o caso da figueira estéril.

Isto ocorreu perto do fim do ministério de Cristo. Alguns dias antes da última Páscoa, Ele tinha entrado triunfantemente em Jerusalém. Este foi um acto de apelo final aos dirigentes judeus, cuja rejeição da parte deles os colocou para além de qualquer esperança adicional de libertação.

Ele passou a noite em Betânia e na manhã seguinte voltou a Jerusalém. “No caminho encontrou um figueiral. Tinha fome, ‘e vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos’. Mar. 11:13.

“Não era estação de figos maduros, senão em certas localidades; e nas montanhas das cercanias de Jerusalém podia-se na verdade dizer: ‘Não era tempo de figos.’ Mar. 11:13. No pomar a que Jesus chegou, porém, uma árvore parecia adiantada a todas as demais. Estava já coberta de folhas. A natureza da figueira é que, antes de se abrirem as folhas, apareça o fruto. Portanto, essa árvore cheia de folhagem era uma promessa de bem desenvolvidos frutos. Sua aparência, porém, era enganosa. Depois de procurar entre os ramos, dos mais baixos aos mais altos, Jesus ‘não achou senão folhas’. Era uma massa de pretensiosa folhagem, nada mais.

“Cristo proferiu contra ela uma maldição, para que secasse. ‘Nunca mais coma alguém fruto de ti’, disse Ele. Na manhã seguinte, quando Ele e os discípulos se achavam outra vez a caminho para a cidade, os ressequidos ramos e as folhas caídas atraíram-lhes a atenção. ‘Mestre’, disse Pedro, ‘eis que a figueira que Tu amaldiçoaste, se secou.’ Mar. 11:21.” {DTN 407}, *O Desejado de Todas as Nações*, 581, 582.

“Jesus Olhou a pretensiosa figueira estéril e com relutância dolorosa pronunciou as palavras de condenação. E sob a maldição de um Deus ofendido, a figueira secou. Deus ajuda o Seu povo a fazer a aplicação desta lição enquanto ainda há tempo.” *The Review and Herald*, 25 de Fevereiro de 1902.

As palavras mais fortes do testemunho são “*proferiu* contra ela uma maldição, para que secasse” e “*sob a maldição* de um Deus *ofendido*.”

Agora, fazei uma pausa e ponderai na espécie de ilustração que estas palavras trazem à vossa mente. Praticamente todos descobrirão que isto é o que se vê. O espírito de constante rejeição e apostasia da parte dos filhos de Israel trouxe Deus ao ponto em que Ele foi ficando ofendido, indignado, irado, furioso e condenador. Assim Ele amaldiçoou a figueira cuja folhagem pretensiosa era um símbolo da hipocrisia judaica. Este acto de maldição *é visto* como um envio directo de uma corrente de morte de Deus para a árvore. Por outras palavras, Deus assim *apareceu* como alguém que especificamente decide qual o destino da árvore e depois administra a sentença sobre ela.

Depois de ter desenvolvido este quadro, vamos agora projectar outro. Desta vez usamos as palavras que descrevem a maldição do feiticeiro. Ele profere uma maldição de definhamento contra outro homem e sob a acção do feiticeiro ofendido, o homem definha e morre. Isto acontece continuamente nas terras das trevas do paganismo. Nas terras primitivas aborígenes da Austrália a maldição é lançada apontando para o osso. A vítima para quem o osso é apontado morre invariavelmente. O feiticeiro decretou a morte da sua vítima e agora exerce o seu poder com o directo propósito de transmitir a maldição da morte ao homem.

Exceptuando pequenos detalhes, talvez, não há diferença entre estas duas ilustrações. Alguns dirão que há uma grande diferença entre apontar a justiça de Deus e a sinistra maldade do carácter do feiticeiro. Isto é argumentar que a justiça de Deus dá às Suas acções uma santidade que a maldade do feiticeiro não pode dar às *mesmas acções*.

Mas um bom carácter produz boas obras. Mas, não pode santificar os actos maus. Aqui está onde milhares são enganados por uma falsa filosofia. Se esta névoa for dissipada e as acções do feiticeiro, *como tal*, forem comparadas com as supostamente feitas por Deus no parágrafo acima, então ver-se-á que não há diferença.

As Escrituras dão ênfase a que os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos do homem e portanto, em particular dos caminhos do feiticeiro. Por isso precisamos de observar mais

profundamente para aquilo que Cristo realmente fez à figueira, pois não nos podemos satisfazer com a visão popular.

Na Palavra de Deus encontraremos uma ilustração muito diferente desta que é comum ao homem.

Os discípulos, ainda que esperassem isto de Cristo, ficaram surpreendidos. “O ato de Cristo em amaldiçoar a figueira, surpreendera os discípulos. Parecia-lhes diverso de Suas maneiras e obras. Muitas vezes O tinham ouvido dizer que viera, não para condenar o mundo, mas para que por meio dEle o mundo se pudesse salvar. Lembravam-se de Suas palavras: ‘O Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.’ Luc. 9:56. Suas maravilhosas obras foram realizadas para restaurar, nunca para destruir. Os discípulos O haviam conhecido unicamente como o Restaurador, o Médico. Esse ato era único. Qual seria seu desígnio? indagaram.” {DTN 407}, *O Desejado de Todas as Nações*, 582.

Eles não foram capazes de ver e compreender todas as coisas nessa altura. A luz acerca disto devia brilhar para eles mais tarde, mas somos abençoados com as palavras da inspiração para além das que eles tiveram, assim não temos desculpa se não compreendermos. A verdade do que Cristo fez é demonstrada no seguinte testemunho.

“Deus ‘tem prazer na benignidade’. Miq. 7:18. ‘Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tomo prazer na morte do ímpio.’ Ezeq. 33:11. Para Ele a obra de destruição e acusação é uma ‘estranha obra’. Isa. 28:21, (Versão de Figueiredo). Mas é em misericórdia e amor que ergue o véu do futuro, e revela aos homens os resultados de um caminho de pecado.

“A maldição da figueira foi uma parábola viva. Aquela árvore estéril, ostentando sua pretensiosa folhagem ao próprio rosto de Cristo, *era um símbolo da nação judaica.* O Salvador desejava tornar claras aos Seus discípulos *a causa e a certeza da condenação de Israel.* Para esse fim como que investiu a árvore de qualidades morais, e tornou-a expositora da verdade divina. Os judeus distinguiam-se de todas as outras nações, professando fidelidade para com Deus. Haviam sido especialmente favorecidos por Ele, e pretendiam ser mais justos que todos os outros povos. Mas estavam corrompidos pelo amor do mundo e a avareza. Jactanciavam-se de seu conhecimento, mas eram ignorantes das reivindicações divinas, e cheios de hipocrisia. Como a árvore estéril, estendiam os pretensiosos ramos para o alto, luxuriantes na aparência, belos à vista, mas não dando ‘senão folhas’. A religião judaica, com o magnífico templo, os altares sagrados, os sacerdotes mitrados e cerimônias impressionantes, era na verdade bela na aparência exterior; faltavam-lhe, porém, humildade, amor e beneficência.

“Todas as árvores do figueiral se achavam destituídas de fruto; as que não ostentavam folhas, no entanto, não suscitavam esperanças, não causando assim decepção. Essas árvores representavam os gentios. Eram tão destituídos de piedade como os judeus; mas não tinham professado servir a Deus. Não mostravam vangloriosas pretensões de bondade. Eram cegos às obras e caminhos divinos. Para eles não chegara ainda o tempo dos figos. Esperavam um dia que lhes trouxesse luz e esperança. Os judeus, que haviam recebido maiores bênçãos de Deus, eram responsáveis por seus abusos dos mesmos dons. Os privilégios de que se jactanciavam, só lhes acrescentavam a culpa.

“Jesus Se aproximara da figueira com fome, em busca de alimento. Assim chegou Ele a Israel, ansioso de neles encontrar os frutos da justiça. Prodigalizara-lhes Seus dons, a fim de que dessem frutos para benefício do mundo. Toda oportunidade, todo privilégio lhes fora assegurado, e em troca buscara a simpatia e a cooperação deles em Sua obra de graça. Anelava achar neles espírito de sacrifício e compaixão, zelo de Deus e profunda ansiedade de alma pela salvação de seus semelhantes. Houvessem eles guardado a lei divina, e teriam realizado a mesma obra abnegada feita por Cristo. Mas o amor para com Deus e os homens foi eclipsado pelo orgulho e a presunção. Trouxeram ruína sobre si mesmos, por se recusarem a servir aos outros. Os tesouros da verdade que lhes foram confiados, não os deram eles ao mundo. *Na figueira estéril poderiam ler tanto o seu pecado como o seu castigo.* Seca à maldição do Salvador, apresentando-se queimada, ressequida desde as raízes, a figueira *mostrava o que seria o povo de Israel quando dele fosse retirada a graça*

divina. Recusando-se a comunicar bênção, não mais a receberiam. ‘*A tua perdição, ó Israel, diz o Senhor, toda vem de ti.*’ Osé. 13:9.” {DTN 408}, *O Desejado de Todas as Nações*, 582, 583.

Há algumas frases chave neste testemunho que esclarecem as acções de Deus “Aquele árvore estéril...era um símbolo da nação judaica. O Salvador desejava tornar claras aos Seus discípulos a causa e a certeza da condenação de Israel...Na figueira estéril poderiam ler tanto o seu pecado *como o seu castigo*... quando dele fosse *retirada* a graça divina.”

Por isso, o acto de Cristo foi uma profecia. Ele estava a declarar com antecedência exactamente aquilo que iria acontecer à nação judaica. Para que a profecia fosse precisa, Cristo teve que fazer à figueira exactamente o que faria mais tarde a Jerusalém. A profecia não tem valor se não for exacta.

É um princípio que uma profecia nunca é completamente compreendida até que seja cumprida. Jesus indicou isto nestas palavras. “Eu vo-lo disse agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis.” *João* 14:29.

Um cuidadoso estudo da história da interpretação profética esclarece precisamente o que Cristo queria dizer quando proferiu estas palavras. Quanto mais distante no futuro estivesse o cumprimento da profecia, menos seria compreendida pelos filhos de Deus. Por exemplo, nos dias da era apostólica, os cristãos desses dias compreendiam o levantamento e a queda dos quatro grandes impérios, esperavam a divisão do império romano em dez grandes divisões, mas não compreenderam os 1260 dias, a imagem da besta ou a batalha do Armagedom.

Do mesmo modo, enquanto Lutero, Knox, e seus contemporâneos viram que a ponta pequena era o papado, não compreenderam o que aconteceria depois disso. Mas quando o período do domínio papal estava quase a acabar, estudantes da Bíblia de ambos os lados do Atlântico foram capazes de saber o próprio ano em que aconteceria e disseram-no antes do seu acontecimento. Imediatamente o interesse voltou-se para *Daniel* 8:14, mas não foi senão depois do grande desapontamento que houve um desenvolvimento compreensível da natureza da imagem da besta.²

Com base no princípio de que a profecia nunca é *totalmente* compreendida até que se cumpra, há uma vantagem óbvia em termos a profecia e o cumprimento da parábola da figueira amaldiçoada. A profecia foi feita por Cristo logo antes da Sua crucifixão e o cumprimento teve lugar na queda de Jerusalém em 70 d.C.

O que aconteceu no cumprimento é muito claro. Como já apontado de *O Grande Conflito*, 35, 36, Deus não decretou pessoalmente a natureza da punição que devia acontecer e que aconteceu aos israelitas. Em vez disso, Ele condoído e relutantemente submeteu-Se aos seus insistentes pedidos para que os deixasse seguir o seu próprio caminho que os expunha assim a quaisquer potenciais de destruição que estivessem próximos deles. Em vez disso, submeteu-se com tristeza e relutância às insistentes exigências de que os deixasse entregues ao seu caminho, expondo-os a qualquer potencial de destruição que estivesse mais próximo deles. Provou-se, nesse caso, serem os romanos enfurecidos que, livres de qualquer restrição imposta pela presença de Deus, conseguiram vingar-se dos judeus desprotegidos.

Então, para que Cristo revelasse na profecia o que Deus faria no cumprimento, Ele devia fazer o mesmo na profecia. Portanto, Cristo simplesmente retirou a Sua presença da árvore deixando-a exposta a qualquer praga, flagelo, ou qualquer outra força destruidora que esperava para a consumir. Alguns podem dizer que deve ter sido muito conveniente que um poder destruidor tenha sido derramado sobre aquela árvore em particular de modo que ela servisse o propósito de Cristo quando Ele retirou o Seu poder protector dela.

Apenas os que não apreciam o facto de que um milhar de perigos invisíveis rondam sobre nós e toda a natureza, a todo o momento do dia, adoptaria tal ponto de vista. Não importaria de que ponto ou secção o Senhor retirasse a Sua protecção. A destruição viria em grande extensão, de uma forma

² Estas grandes verdades podem ser estudadas em pormenor em *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. I-IV, LeRoy Edwin Froom, publicado por, *The Review and Herald Publishing Association*, Washington D.C., 1950.

ou de outra. Se estivéssemos mais conscientes disto, manteríamos em relação a Deus um espírito de gratidão e dependência muito superior ao que agora exibimos.

Neste caso particular o ataque veio pelas raízes da árvore pois as Escrituras dizem expressamente “E eles, passando pela manhã, viram que a figueira *se tinha secado desde as raízes.*” *Marcos* 11:20.

Notai também que não foi senão no dia seguinte que apareceram os efeitos do afastamento da presença sustentadora e protectora do Criador, quando devíamos esperar que se o Senhor combatesse a árvore com o Seu poder directo como tantos supõem que Ele fez, então a árvore teria instantaneamente sido amaldiçoada como se um raio a tivesse atingido. Mas não foi assim.

O argumento que o cumprimento torna clara a profecia, não quer dizer que a profecia fosse totalmente desconhecida. Pelo contrário, nos comentários de *O Desejado de Todas as Nações* onde a profecia é transcrita em maior detalhe, está testemunhado claramente que “...a figueira mostrava o que seria o povo de Israel *quando dele fosse retirada a graça divina.*”

Assim a evidência é clara para aqueles que exploram um pouco mais profundamente que Cristo não feriu o povo judeu na queda de Jerusalém, quando a profecia se cumpriu. Assim é removida qualquer referência possível a este acontecimento como um exemplo de Cristo usando força ou empreendendo um acto de destruição.

Façamos um exame à expulsão dos vendedores e cambistas do pátio do templo. De novo, o ponto de vista casual e superficial deste incidente é que Jesus retirou estes homens pela força, porém um estudo cuidadoso revela uma ilustração completamente diferente.

Aqui está o relato escriturístico dela:

“E estava próxima a Páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém.

“E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos e os cambiadores assentados.

“E, tendo feito um azorrague de cordéis, *lançou todos fora do templo*, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas;

“E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de Meu Pai casa de venda.

“E os Seus discípulos lembraram-se do que está escrito: O zelo da Tua casa Me devorará.” *João* 2:13-17.

A natureza humana natural é interpretar as palavras, “*lançou todos fora,*” do mesmo modo como se fossem compreendidas quando usadas para descrever o comportamento humano. Nenhum erro maior podia ser cometido, porque os caminhos Deus revelados na vida de Cristo são tão diferentes dos caminhos do homem. Cristo expulsou-os, é verdade, mas não como o homem o faria na dependência do poder da força física. Deve ser continuamente mantido em mente que “Poder compulsor *só* se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem.” *{DTN 537}, O Desejado de Todas as Nações, 759.*

Portanto, o poder compulsor ou o uso da força física para alcançar obediência nunca é encontrado sob o governo de Deus. Visto então que, como Cristo estava completamente sob o governo de Deus, sendo mesmo a perfeita expressão desse governo, nenhuma força física foi alguma vez usada por Ele para alcançar obediência. Por isso, Cristo não expulsou aqueles homens como outros homens os expulsariam. Ele de modo algum o fez pela força física.

Um pouco de reflexão mostraria a inviabilidade de Sua tentativa de fazê-lo pela força física. Ele era apenas um homem contra um número considerável de adversários astutos e endurecidos. Quantos foram, não nos é dito exactamente, mas eles poderiam ser em número de cem ou mais. Apesar do seu número não ser revelado, o seu carácter é. Eles eram homens cujas almas eram insensíveis ao tráfico pecaminoso da extorsão. Eles não temiam ninguém na Terra e não hesitariam em recorrer à violência física para preservar os seus ganhos recolhidos. Cristo ter tentado a sua expulsão pelo poder físico teria sido um empreendimento muito precipitado e imprudente.

Como é que Ele o fez?

Nesse dia Cristo colocou-se perante eles no papel do Juiz eterno e justo. Aqueles homens sabiam que Ele estava a ler os segredos mais bem guardados das suas vidas. Estavam conscientes que o Seu

olhar estava a ver debaixo das pretensiosas vestes de justiça com os quais eles pensavam cobrir a enfermidade das suas almas doentes por causa do pecado.

Isso o pecador não pode suportar. Enche-o um desejo impulsionador. Ele foge da presença do Justo em abjecto terror. Eles fizeram isso no pátio do templo e fá-lo-ão de novo quando o Salvador voltar nas nuvens do céu. Finalmente fá-lo-ão quando forem acusados em público perante o Juiz dos Céus e da Terra no último dia final.

A verdade acerca disto está nestas palavras:

“E por que fugiam do templo os sacerdotes? Por que não defenderam sua posição? Aquele que lhes ordenava que se fossem era o filho de um carpinteiro, um pobre galileu, sem posição nem poder terrestre. Por que Lhe não resistiram? Por que deixaram o tão mal-adquirido ganho, e fugiram ao mando de uma pessoa de tão humilde aparência?

“Cristo falava com a autoridade de um rei, e em Seu aspecto, e no tom de Sua voz havia alguma coisa a que eles não podiam resistir. À voz de comando compreenderam, como nunca dantes, sua verdadeira posição de hipócritas e roubadores. Quando a divindade irradiou através da humanidade, não viram apenas indignação na fisionomia de Cristo; perceberam o significado de Suas palavras. Sentiram-se como perante o trono do eterno Juiz, tendo sobre si Sua sentença para este século e a eternidade. Por algum tempo, ficaram convencidos de que Cristo era profeta; e muitos acreditaram ser o Messias. O Espírito Santo, como num relâmpago, lhes fez acudir à mente palavras dos profetas com respeito a Cristo. Render-se-iam a esta convicção?” {DTN 104}, *O Desejado de Todas as Nações*, 162.

Foi o terrível poder da condenação ardente que levou esses homens a escaparem da presença de Cristo. Eles não puderam suportá-lo. Nenhum homem jamais pode. Eles sempre fugirão em terror da presença do Altíssimo Juiz da Terra. Deus não precisa levantar um único dedo de poder físico para os fazer fugir. Quando vier o tempo em que estarão na presença d’Ele nesse papel, não farão senão fugir.

Assim, não precisamos ter dúvidas sobre a perfeição da revelação de Deus em Cristo. Ao longo de Sua vida, Cristo não fez concessões aos princípios do carácter de Satanás. Ele mostrou na perfeição que “Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 36. Ele veio para revelar Deus como um Salvador e apenas como Salvador e fê-lo na perfeição. Não há um único exemplo na vida de Cristo no qual qualquer outro carácter a não ser este é mostrado. Essa vida revela como mentira total o tão longamente mantido conceito que Deus no fim destrói o impenitente. Ele não faz isto mas deixa-os entregues aos seus próprios desejos. Isto quer dizer que eles ficam sem protecção contra as arremetidas do impiedoso ceifeiro.

Se todas as pessoas no mundo pudessem ver Deus em Cristo com a compreensão que Cristo deu uma total e não obscurecida revelação do Pai; se pudessem saber que “*Tudo* o que o homem *precisa* saber ou *pode* saber acerca de Deus *foi revelado* na vida e carácter do Seu Filho,” *Testemunhos Para a Igreja* 8:286; rejeitariam todo o conceito que vê Deus como Aquele que Se levanta e destrói os que são desobedientes. Vê-l’O-iam apenas como um Salvador que, não podendo por um lado tolerar e suportar o pecado, por outro não destruirá aqueles que o aceitam, mas aceitará a sua liberdade de escolha se querem seguir o seu próprio caminho e perecerem.

Possa o Senhor abrir os olhos de todos os leitores para verem Deus como Ele deve ser visto à face de Jesus Cristo, “A Palavra de Deus — o pensamento de Deus tornado audível.”

Capítulo 16

A Glorificação da Lei

Há uma directa e inseparável relação entre o papel de Cristo como o Revelador do carácter do Pai e o Glorificador da lei de Deus. Já foram citadas as Escrituras que declaram que Cristo veio para mostrar ao homem o Ser Eterno como Ele realmente é. Agora apresenta-se este texto a respeito da obra de Cristo e a lei.

“O Senhor se agradava dele por amor da sua justiça; engrandeceu-o pela lei, e o fez glorioso.” *Isaías* 42.21.

Seria um erro muito grande pensar nisto como sendo uma obra separada e diferente da revelação do carácter de Deus. “Sua lei é um *transcrito* de Seu carácter.” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus*, 315. Assim tornara-se clara a verdade que o carácter de Deus está directa e fielmente expresso na Sua lei. Ver um é ver o outro. Isto quer dizer que Deus, Cristo e a lei são três entidades idênticas. Entre elas não há diferença ainda que seja difícil vê-la. Há a inclinação para pensar em Deus como um Ser de poder vivo com infinitas possibilidades de exercer a Sua vontade. Temos tendência para ver a lei como sendo uma coisa muito inferior, simplesmente a vontade falada do governador supremo e certamente não algo que é a expressão d’Ele mesmo.

A mente deve ser reeducada para se afastar de tais ideias. A lei de Deus deve encontrar o seu verdadeiro nível no pensamento daqueles através de quem o Senhor acabará a Sua obra. Eles devem compreender que a lei de Deus é tão elevada, tão grande, tão infinita e maravilhosa como Ele mesmo.

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação da Sua vontade, uma transcrição do Seu carácter, expressão do amor e sabedoria divinos.” {PP 24}, *Patriarcas e Profetas*, 52.

“A lei de Deus quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu.” {PP 33}, *Patriarcas e Profetas*, 63.

“A lei de Deus é santa como Ele próprio é santo, perfeita como Ele é perfeito. Ela apresenta aos homens a justiça de Deus.” *O Maior Discurso de Cristo*, 54.

Portanto, colocar Deus num nível de grandeza infinita, relegando a lei para um plano inferior, é sustentar uma posição de grave erro. Deve pensar-se em ambos de igual modo tão santos, tão grandes, tão infinitos e tão sagrados.

Do mesmo modo, compreender que Jesus veio revelar o Pai, é compreender que Cristo veio para enaltecer a lei. Estas não eram duas tarefas diferentes, cada uma realizada por sua vez ou mesmo em conjunto. Eram uma e a mesma obra. A revelação do carácter de Deus era o enaltecimento da lei.

Grande realce tem sido dado à verdade que o último conflito será a propósito da lei de Deus. Isto ainda não foi ultrapassado. Apesar de todos os destaques, ainda não foi dado o significado real do lugar da lei nessa luta final. Geralmente pensa-se que o assunto limitar-se-á simplesmente a provar que o sétimo dia é o sábado, com a correspondente exposição do domingo como sendo o dia do homem do pecado. Mas as questões serão muito mais profundas do que isso. É verdade que o sábado em oposição ao domingo será o ponto principal do assunto, mas não num mero nível técnico. Mais ainda, toda a lei será contestada, não apenas um ponto dela.

As mais profundas implicações e ramificações espirituais da lei serão exploradas, apresentadas e contestadas. Porque a lei é a própria expressão da justiça ou carácter de Deus, o assunto envolverá a questão de como Deus guarda essa lei. Ele mata, destrói, pune, aniquila e executa? Chegará o momento da resolução final das grandes questões da lei e do carácter de Deus, a ser feito antes do segundo advento.

“Desde o início do grande conflito no Céu, tem sido o intento de Satanás subverter a lei de Deus. Foi para realizar isto que entrou em rebelião contra o Criador; e, posto que fosse expulso do Céu, *continuou a mesma luta na Terra*. Enganar os homens, levando-os assim a transgredir a lei de Deus, é o objetivo que perseverantemente tem procurado atingir. Quer seja isto alcançado pondo de parte toda a lei, quer rejeitando um de seus preceitos, o resultado será finalmente o mesmo. Aquele que tropeçar ‘em um só ponto’, manifesta desprezo pela lei toda; sua influência e exemplo estão do lado da transgressão; torna-se ‘culpado de todos’. Tia. 2:10.

“Procurando lançar o desprezo sobre os estatutos divinos, Satanás perverteu as doutrinas da Escritura Sagrada, e assim se incorporaram erros na fé alimentada por milhares dos que professam crer nas Escrituras. O último grande conflito entre a verdade e o erro não é senão a luta final da prolongada controvérsia relativa à lei de Deus. *Estamos agora* a entrar nesta batalha – batalha entre as leis *dos homens* e os preceitos de Jeová, entre a religião da Bíblia e a religião das fábulas e da tradição.” *O Grande Conflito*, 582.

Se cada crente na Palavra de Deus pudesse compreender quão profunda e extensa esta controvérsia sobre o carácter de Deus e da lei será, entraria numa muito mais completa e diligente preparação para tomar o seu lugar nessa derradeira e conclusiva batalha.

Mas porque é que devia haver uma controvérsia sobre a lei de Deus? Certamente as declarações da Escritura são muito claras! Com certeza nada é mais necessário do que provar que os dez mandamentos significam precisamente o que dizem! O sétimo dia é o Sábado do Senhor, não o primeiro ou qualquer outro. Tais palavras são claras e fora de qualquer questão. De facto elas são tão claras que as igrejas que guardam o domingo admitiram que o sétimo dia é o dia divinamente designado para adoração.

Estas questões têm valor. O facto é que as declarações da lei são claras e simples, contudo, apesar disso e do consentimento das igrejas que o sétimo dia é o Sábado de Deus, continuam a observar o falso dia de repouso e pensam que se justificam a si mesmos em fazê-lo pelas Escrituras.

Por outras palavras, embora admitam que a lei diz que o sétimo dia é o sábado, eles declaram que as palavras têm outro significado além do que dizem. Existem as palavras e há a ampliação delas. Eles vivem pelo último, não pelo primeiro.

Exactamente como o homem tem dado uma distorcida ampliação ao mandamento do sábado por si mesmo, também o fizeram para os outros. Embora pareça surpreendente, os simples mandamentos, “Não roubarás, dirás falso testemunho ou matarás,” têm um significado na Bíblia, *e outro na filosofia humana*. Este conceito errado tem a sua origem em Satanás que tem sistematicamente inculcado estas ideias nas mentes humanas com o expresso propósito de minar a fé na lei e com isso fomentar a desobediência à lei.

Foi para corrigir esta compreensão distorcida da lei de Deus que Cristo veio enaltecer a lei e torná-la respeitada. Enaltecer é engrandecer de modo que os detalhes anteriormente difíceis e obscuros, possam ser vistos com inconfundível clareza por aquilo que são. Pormenores escondidos são trazidos à luz e não fica compreensão errada possível. Tomai uma gota de água e olhai-a fixamente a olho nu. Há pouco para ser visto. Então colocai-a debaixo das lentes de um microscópio muito potente e maravilhas são reveladas que não eram sequer previamente imaginadas. Qualquer argumento acerca do que contém essa gota de água em particular é tornado claro pela amplificação provida pelo instrumento.

Assim no Antigo Testamento, encontra-se a directa palavra de Deus que diz, “Não matarás, nem dirás falso testemunho.” Dessas palavras há duas ampliações separadas e opostas. Há uma fornecida por Satanás e em geral aceite pela humanidade. É uma amplificação tão deformada como a

produzida por lentes deformadas fora da simetria normal. Ninguém pode possivelmente compreender a verdade real da lei e carácter de Deus por este meio.

Há outra amplificação dada por Jesus Cristo. Esta ampliação é tão poderosa que todo o detalhe é colocado a descoberto sem deixar qualquer dúvida. Ela traz-nos à posição em que “*tudo* o que o homem *precisa* conhecer, e *pode* saber de Deus, *foi revelado* na vida e no carácter de Seu Filho.” *Testemunhos Para a Igreja* 8:286. A ampliação foi feita. Cristo é o microscópio. Mas o instrumento tem que ser usado. A vantagem da provisão deve ser tomada, ou seremos deixados nas trevas da ignorância como se nunca tivesse havido provisão.

Não é suficiente ler os dez mandamentos e assumir que o significado deles está compreendido. Não há dúvida quanto ao que as palavras são, mas permanece a pergunta quanto ao que Deus queria dizer quando usou aquelas palavras. Os homens têm a sua versão, aprendida sob a tutela de Satanás, para contradizer que o Senhor havia dado a Sua interpretação na vida de Cristo. Fica com cada um decidir qual desses dois aceitará como a Palavra de Deus para si. Infelizmente as pessoas em geral nem sequer questionam a versão dada por Satanás. Para elas é o lógico e o único caminho de relacionar-se com a lei.

Façamos uma reflexão comparativa da amplificação da lei tal como existe por um lado nas mentes e práticas do homem e por outro na vida de Cristo, a *Palavra* de Deus.

O homem actualmente introduz outra palavra nas Escrituras. Ele diz que a lei realmente significa, “Não mentirás, roubarás, matarás – *ilicitamente*.” Ou expressará isso nestas palavras, “Não cometerás assassinio,” há uma distinção entre o significado das palavras matar e assassinar. O *Webster's Third New International Dictionary* define “assassinar deste modo: ‘Matar (um ser humano) ilicitamente e com malícia premeditada ou intencional, deliberada e *ilicitamente*.’”

Uma vez fui a tribunal como testemunha de um amigo que acidentalmente matou uma pessoa num desastre de viação. Por causa das circunstâncias, o Estado culpava-o de homicídio. Eu estava particularmente chocado com o fraseado da acusação escrita na qual ele era acusado de ter morto outra pessoa *ilicitamente*. Isto torna bem claro que na mente humana há uma distinção entre matar *lícita* e *ilicitamente*.

Há três situações, pelo menos, nas quais o homem considera como sendo lícito matar outro ser humano.

As leis humanas deixam um homem sem condenação e livre se matar em defesa própria ou em defesa dos outros. Tudo o que ele tem que fazer é persuadir o tribunal de que o único meio de preservar a sua própria vida ou as vidas dos outros era matar o atacante.

Em 1976, um homem no sul de Queensland, Austrália, atacou um pequeno grupo de pessoas e começou a matá-las uma a uma. Tinha tirado as vidas a duas ou três pessoas quando uma jovem agarrou subitamente uma arma e matou o atacante, salvando assim a sua vida e a dos outros que ainda não tinham sido assassinados.

Quando o caso chegou perante o juiz, ele rapidamente absolveu a jovem com caloroso louvor pela sua coragem e agilidade. Ela, de acordo com o seu julgamento, tinha morto *lícitamente* e ninguém lhe colocou dúvidas a esse respeito.

Este não é um caso isolado. Em qualquer altura se o homicida puder provar que foi forçado a matar o seu atacante a fim de defender a sua vida, será julgado como alguém que matou dentro dos limites da lei e será libertado.

A segunda situação em que o homicídio é considerado lícito é quando uma pessoa foi julgada e considerada culpada de tirar uma vida humana. O Estado então reclama o seu direito de tirar a vida em troca.

Isto, dizem eles, é morte *legal*.

A terceira é quando um exército desconhecido invade as fronteiras. Os homens olham como sendo perfeitamente lícito, necessário e oportuno matar tantos inimigos quanto necessários para impedir que a invasão seja bem sucedida.

Homens de todas as nações da Terra através da história humana aceitam isto como princípios com bons resultados. Para a mente do homem, não apenas estão certos, como também são a única solução para os problemas envolvidos nestas situações. Eles acreditam firmemente que podem fazer isto deste modo e manterem-se dentro da lei. De facto, altas honras são atribuídas aos homens que na guerra podem destruir tantos quantos puderem.

Para assegurar que o homem nunca enfraquece estas convicções, todo o sistema educacional, construído sob direcção de Satanás, é gerado para contínua sistemática e persistentemente reiterar estas ideias. Nunca na história Satanás esteve melhor equipado para fazê-lo do que nesta era. Agora ele comanda não apenas o contador de histórias verbal, o limite das suas capacidades no início, mas o estupendo volume de novelas baratas, a rádio, os teatros e cinemas e agora o mais presente e insistente de todos os professores, o ecrã da televisão.

Quando as pessoas se sentam em frente deste meio de comunicação, elas pensam que estão sendo entretidas inofensivamente, mas, na verdade, estão sendo completamente educadas nas doutrinas de Satanás. A cada observação apreciativa da história usual da televisão, o observador está mais firmemente enraizado em noções erradas do carácter de Deus.

Isto torna-se evidente assim que uma análise sincera da mensagem do filme é realizada. Aqui está o enredo típico. É encontrado com pequenas variações nas aventuras do Oeste, detective, polícia, militar, espionagem e outros contos. A mensagem é sempre que a lei deve ser violada para a defender.

O filme introduz o espectador num segmento da sociedade. Talvez uma família de fazendeiros ou uma pequena cidade como as do Oeste, ou uma cidade ou uma fazenda no caso de uma história de guerra.

É tomado o cuidado de mostrar esta cápsula da humanidade como um grupo de pessoas limpas, respeitáveis e cumpridoras da lei. Existe amor, confiança e cooperação entre elas. Um pequeno atrito pode ser introduzido por vezes, mas que é puramente acidental e destinado a mostrar que não são sobre-humanos, mas pessoas comuns tal como os espectadores. O público presente não tem dificuldade em identificar-se com as pessoas da cena. Um sentido de amizade e unidade é estabelecido.

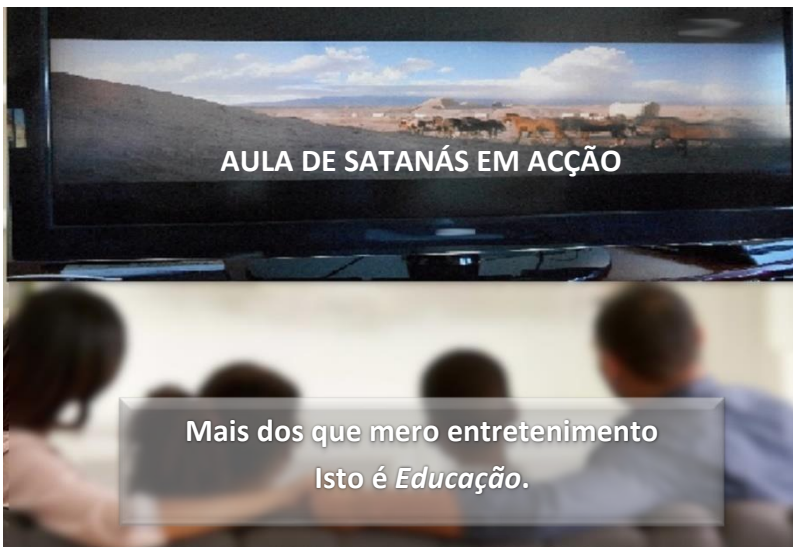
Em seguida apresenta-se o transgressor da lei. Nos filmes do oeste, ele aparece como personagem obscura, vestido de roupas pretas, montando um cavalo preto e armado de armas pretas. É acompanhado por um bando de homens que têm o aspecto do seu chefe. Têm faces duras, intratáveis, cruéis e impiedosas, com um total desprezo pela vida humana. Quem quer que se coloque no seu caminho, grande ou pequeno, é simplesmente baleado. Eles alcançam os seus fins pela mentira, roubando e matando.

Quando lançam os seus ataques contra o feliz segmento de sociedade previamente apresentado, os espectadores ficam apreensivos e indignados, mais ainda quanto as vítimas são impotentes para se protegerem dos bandidos. Todos os instintos e desejo da audiência clamam pela punição dos fora-da-lei.

Até este ponto o problema universal do homem foi apresentado com verdade e exactidão. O povo deste mundo, geralmente falando, é, na aparência, guardador da lei. São bons vizinhos, ajudam-se uns aos outros e têm vida honesta. São figurados no filme pelo rancho ou cidade conforme possa ser o caso.

Tal como essa população é ameaçada pelo bandido e seu grupo, também hoje, o mundo está sob a ameaça de Satanás e seus seguidores. O homem é inteiramente incapaz de se resgatar do poder do diabo e dos seus anjos.

Assim, Satanás apresentou o problema da família humana numa forma verdadeiramente exacta. Quando um problema requer solução, é apresentada uma em cada acção do filme. Na aventura do Oeste é a chegada de um campeão solitário num lindo cavalo branco. Em contraste com o ladrão está vestido com roupas brancas, é garboso, rosto franco carrega armas brancas e fica comovido até às profundezas quando compreende a súplica dos oprimidos. Só e sem auxílio, à custa de qualquer



sacrifício nem que seja a própria vida, compromete-se a libertá-los e a libertar para sempre a terra do flagelo do terrorista. Em retribuição dos seus serviços não procura fama nem recompensa. Fá-lo como uma missão, sendo seu único motivo o serviço dedicado.

Até agora a história é uma contínua descrição da verdade, pois tal como a solução da história do filme é encontrada no advento de um campeão com espírito de abnegação, também Jesus Cristo veio desse modo para redimir a raça humana.

Como o herói da história, a Sua alma fica indignada à medida que contempla a situação difícil do homem e resolveu que devia salvá-los, não importando quanto isso Lhe custasse. Não o faria pelo preço da recompensa, mas apenas pela motivação do amor e misericórdia.

Há muito tempo que se compreende como uma técnica de venda tem a concordância do cliente enquanto se avança num negócio. Deste modo, Satanás tem a audiência de acordo consigo quando profere o que é a verdade, em princípio. Depois, quando todos avançam em conjunto, astutamente introduz as linhas que desviam o ensino. Ele fica radiante quando vê milhões de pessoas seguirem a sua filosofia até ao fim.

O grande herói de branco com as suas armas de coronhas de madre pérola na sua missão pura para tratar dos mentirosos, ladrões e assassinos. Mas vede como ele o faz! Para despistar os mentirosos ele mente; para apanhar os ladrões, ele rouba, pois se de repente precisa de um cavalo, sela ou arma, simplesmente ajuda-se a si mesmo à custa de outras pessoas; e para finalizar o reino assassino dos que matam, ele mata.

Quando ele termina, a transgressão da lei está acabada. A lei foi defendida. Mas a mensagem da história do filme foi que para alcançar isto, a lei teve que ser quebrada. Apenas pelo mentir, roubar e matar podia a mentira, roubo e morte ser levada ao fim. A lei tinha que ser quebrada para garantir que era guardada. Esta é a mensagem de Satanás. Ele não diz que a lei é totalmente má e que devia ser inteiramente abolida. Ele admite que sob certas circunstâncias ela é boa e deve ser obedecida. Mas, continua ele, essa lei não é perfeita, pois há situações em que deve ser desobedecida a fim de resolver problemas que se levantam.

Tanto os homens maus como o seu mestre, o diabo, querem uma lei. Querem-na composta de modo que os proteja dos outros homens, mas não os outros homens deles. É impossível ter tal lei para *todos* os homens. Mas é possível uma classe privilegiada tê-la à custa do povo. Considerai os reis despóticos dos tempos antigos. Se ele cobiçasse terras, casas, mulher, escravos, cavalos ou mesmo a vida de qualquer dos seus súbditos, tomava-os, mas se algum dos seus súbditos levasse um peixe da fonte do rei ou um par de codornizes dos seus campos, então seria punido com algo como a morte. A lei protege o rei do povo, mas não o povo do rei. Este é o modo como o diabo e o homem a querem, mas é impossível tê-la dessa maneira e ainda assim proporcionar justiça igual e felicidade para todos.

Essa é então a mensagem contida no programa educacional de Satanás. Na sua sala de aula não há dissensão. Estudai, se tiverdes oportunidade, as faces e os sentimentos dos espectadores em frente aos brilhantes ecrãs. Enquanto os vilões mentem, roubam e matam, estão indignados e desejam vê-lo punido. Mas, quando o herói mente, rouba e mata, aplaudem. Eles respeitam-no por aquilo que ele fez e consideram-no sábio por usar tais armas na sua campanha.

Se propusésseis aos telespectadores, depois do programa acabar que ao pedirem a punição do vilão por mentir, roubar e matar, não devia o herói ser também punido do mesmo modo pela sua mentira, roubo e morte, a ideia seria tão estranha para eles que podiam muito bem olhar-vos como se estivésseis afectados por uma questionável condição mental. A reacção deles mostrar-se-ia ridícula ou mesmo hostil. *Para eles* o vilão estava a roubar, a mentir e matar *ilegalmente*, ao passo que o herói estava a agir *legitimamente*. Portanto, o vilão era um criminoso, mas o herói não.

Porque é que o homem toma tal atitude em relação a este problema? Existe uma razão psicológica muito real para isso. Como dito antes, todo o homem consciente e inconscientemente deseja estar na posição em que está protegido pela lei, mas em que ele mesmo não tenha de a cumprir. Identifica-se a si mesmo com as vítimas na história do filme e portanto, obtém satisfação de estar vicariamente substituído na situação em que não é obrigado a não mentir, roubar e matar. Ele está feliz por ter a experiência em que o vilão não está protegido dele pela lei.

O sentimento é elevado pelo sentido de impotente frustração sentido pela pessoa comum enquanto vive à sombra da vastíssima máquina do governo que a pode atingir com a força que deseja, mas contra o qual não pode fazer nada. Elas sentem que a lei protege o governo delas, mas não as protege do governo. Estão colocadas num mundo de faz de conta numa situação onde isto está ao contrário e tiram o maior proveito disto. Além do mais, isto dá-lhes uma sensação de segurança, pois têm a certeza do que fariam se enfrentassem uma situação dessas na vida real.

Essa é a ampliação da lei de Satanás, e por sua vez, a do homem, que declara: “não matarás, não mentirás, não furtarás”. Sabemos que isto é do diabo por causa da forma como é promovido e porque tal filosofia não encontra lugar na vida e ensinosa de Jesus Cristo. Sabemos que Deus não tem parte no negócio dos filmes. Este é inteiramente um instrumento de Satanás que não tenciona usar a *sua* máquina para educar nos caminhos de Deus ou para revelar a verdade no que diz respeito ao maravilhoso carácter d’Ele. Isto é a última coisa que Satanás começaria a fazer.

Depois de analisar a ampliação da lei apresentada pelo diabo, chegou a altura de considerar a sua ampliação como apresentada por Jesus Cristo. Sem dúvida ou questão, sabemos que seja o que for, será a verdade, pois Cristo é a própria fonte da verdade.

Jesus mostrou que não há tal coisa como mentir, roubar, e matar lícita e ilícitamente. Ele viveu toda a Sua vida nesta Terra dedicada a acabar com isso. No entanto, para fazer isso, Ele nunca mentiu, roubou ou matou. Nunca, nunca, nunca!

Sem risco de perder, todos podem lançar o desafio a todo e qualquer um para examinarem a vida de Cristo do princípio para encontrar, se puderem, um único exemplo em que Jesus tenha proferido uma mentira, tenha alguma vez roubado o que pertencia a outro ou tirado a vida de alguém. Será impossível descobrir um único exemplo. Sob todas as circunstâncias, toda a possível pressão, ameaça ou perigo, Jesus disse apenas e só a verdade, respeitou a propriedade de todos e nenhuma vida tirou.

Ao fazê-lo demonstrou para sempre *como* devemos guardar essa lei e *como*, por sua vez o Pai e Ele guardam essa lei. Ele mostrou que quando Deus disse em poucas palavras, “não mentirás, não roubarás ou não matarás,” não adicionou condições nem excepções. Não importa quais as circunstâncias, pressões, perigos, ameaças, necessidades ou qualquer que possa ser outra aparente justificação semelhante para quebrar esses mandamentos, as palavras continuavam a ser “Não...” na mente de Deus nenhuma distinção seja ela qual for, existe entre matar lícita e ilícitamente. Com Deus há apenas matar *ilícitamente*.

Deus falou na Sua Palavra dizendo, “A lei do Senhor é *perfeita*,...” *Salmos* 19:7. Obviamente não podia ser outra coisa que não isto, uma vez que ela é a transcrição do carácter do Eterno. Ele é perfeito no sentido absoluto. Portanto, a Sua lei é do mesmo modo perfeita. Tal perfeição não quer dizer que é a resposta perfeita para certas situações e que necessita ser modificada ou mesmo abrogada para se ajustar a outras situações. Pelo contrário, significa que não importa qual seja a circunstância, situação ou pressão que se possa levantar essa lei é ainda uma e o único código para o comportamento perfeito.

Quando alguém reivindica que é *lícito* matar quando os mandamentos dizem tão claramente, “Não matarás,” está nesse momento a acusar a lei e Deus de ser imperfeita, menos do que infinita e, portanto, inferior a Deus. É negar também todo o testemunho do ministério de Cristo, é declarar que a verdade Deus é uma mentira.

A apresentação que o diabo está empenhado em fazer é que a lei tem que ser quebrada para poder ser guardada. A vida e ensinamentos de Cristo negam isto. Do mesmo modo nega também a mensagem de Deus no Antigo Testamento. Há a história de duas pessoas que adoptaram a política de quebrar a lei a fim de assegurar que ela fosse guardada. Que nenhum homem seja enganado quanto à atitude de Deus acerca disso. Há também a acrescentar o caminho pelo qual Deus Se relacionou com as acções deles.

Esta é a história de Jacó e da sua mãe na busca do prometido direito de primogenitura. Antes do nascimento dos dois filhos, Deus, prevendo com infinita exactidão o carácter de cada um declarou que Jacó devia ter o direito de primogenitura em vez do filho mais velho Esaú.

“E o Senhor disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.” *Gênesis* 25:23.

Rebeca compreendeu correcta e claramente que a última frase deste versículo era a promessa a Jacó de que o direito de primogenitura seria seu e não de Esaú. “Rebeca lembrava-se das palavras do anjo, e lia com mais clara penetração do que o fazia seu marido, o carácter de seus filhos. Estava convicta de que a herança da promessa divina destinava-se a Jacó. Ela repetia a Isaque as palavras do anjo; mas as afeições do pai centralizavam-se no filho mais velho, e ele era inabalável em seu propósito.

“Jacó soubera por sua mãe da indicação divina de que a primogenitura lhe recairia, e encheu-se de um indescritível desejo de obter os privilégios que a mesma conferia. Não era a posse da riqueza de seu pai o que ele desejava ansiosamente; a primogenitura espiritual era o objeto de seu anelo. Ter comunhão com Deus, como fizera o justo Abraão, oferecer o sacrifício expiatório por sua família, ser o pai do povo escolhido, e do Messias prometido, e herdar a posse imortal que estava compreendida nas bênçãos do concerto – eis aí os privilégios e honras que acendiam os seus mais ardentes desejos. Seu espírito estava sempre a penetrar o futuro, e procurava apreender suas bênçãos invisíveis.” {PP 122}, *Patriarcas e Profetas*, 178.

Deus ao escolher Jacó para herdar o direito de primogenitura não foi uma escolha arbitrária. As instruções dadas por Deus foram feitas no conhecimento prévio de que Esaú iria desqualificar-se para o direito à sua posse. Isaque deveria ter aceitado o decreto feito com base nisso, especialmente quando o comportamento de Esaú confirmou a exactidão da decisão de Deus. A lei estipulava que, se um jovem se casasse entre os pagãos, ele automaticamente perderia todo o direito à primogenitura. Esaú cometeu poligamia, para tornar as coisas piores.

“Ora sendo Esaú da idade de quarenta anos, tomou por mulher a Judite, filha de Beerí, heteu, e a Basmate filha de Elom, heteu.

“E estas foram para Isaque e Rebeca uma amargura de espírito.” *Gênesis* 26:34, 35.

Tendo Esaú feito isto, Isaque, em estrita obediência à lei, devia renunciar às suas preferências paternas pelo seu filho mais velho e preparar-se para conferir a bênção do direito de primogenitura a Jacó. Pois ele permitiu que as suas afeições governassem a sua consciência de modo que escolheu o seu próprio caminho em vez da clara vontade de Deus.

Rebeca exercia toda a influência que podia para o dissuadir desta fixa determinação de conferir a bênção do direito de primogenitura a Esaú. Ela indicava o desinteresse e o desrespeito pelas responsabilidades espirituais envolvidas no direito de primogenitura que marcavam a vida de Esaú. Ela lembrou-o da profecia dada antes do nascimento dos dois filhos e do casamento de Esaú com os pagãos. Ela apontou o espírito que contrastava, a atitude e consagrada vida de Jacó, mas todas as suas súplicas e argumentos não surtiram efeito.

A única coisa que ela conseguiu foi um adiamento do dia em que a bênção ia ser conferida. Mas como as enfermidades da idade avançavam em Isaque, ele compreendeu que se não pronunciasse a

bênção rapidamente seria tarde demais. Ele marcou uma reunião secreta em vez duma alegre festa familiar que era o modo comum. Chamou Esaú e ordenou-lhe que levasse as suas armas e apanhasse a sua caça favorita. Teriam uma pequena festa juntos depois da qual o filho receberia a bênção como recompensa. Deve notar-se que o interesse de Esaú estava na bênção material, pois a espiritual não tinha interesse para ele. Rebeca estava a ouvir as instruções supostamente dadas em segredo e com um estremecimento no seu coração compreendeu as implicações do que o marido estava para fazer.

“Rebeca adivinhou o seu propósito. Ela estava certa de que isto era contrário ao que Deus revelara como Sua vontade. Isaque estava no perigo de incorrer no desagrado divino, e de privar seu filho mais moço da posição para a qual Deus o chamara. Em vão, ela tentou argumentar com Isaque; e decidiu recorrer à sutileza.” {PP 123}, *Patriarcas e Profetas*, 180.

Com grande clareza ela viu que Isaque estava para agir em directa oposição às estipulações da lei e, portanto, incorrer no desagrado divino. Ela viu que ao fazer isso, Jacó seria privado da bênção que era sua por direito. Portanto, ela pensou que devia impedir Isaque de quebrar a lei, tanto para o bem dele como para o bem de Jacó.

Ela tinha trabalhado arduamente durante anos para evitar essa acção ao apelar para Isaque. Provou-se que isso não deu certo, portanto, agora tinha que usar outros métodos.

A que método é que ela recorreu?

Para salvar Isaque de quebrar a lei tornou-se ela mesma transgressora da lei e induziu Jacó a unir-se a ela. Eles deixaram os caminhos de Deus para seguirem os caminhos do homem. Eles agiram de acordo com os mesmos princípios ou a falta deles, como retratados pelos heróis dos ecrãs brilhantes, novelas, ou qualquer outra forma de ficção. Foi uma semente para o mal que lhes trouxe apenas uma colheita amarga. É verdade que eles alcançaram seu objectivo até certo ponto. Jacó obteve a bênção espiritual, mas a riqueza e poder material caíram do mesmo modo nas mãos de Esaú.

“Jacó e Rebeca foram bem-sucedidos em seu propósito, mas ganharam apenas inquietações e tristeza por seu engano. Deus declarara que Jacó receberia a primogenitura, e Sua palavra ter-se-ia cumprido ao tempo que Lhe aprouvesse, se tivessem pela fé esperado por Ele a fim de operar em favor deles. Mas, semelhantes a muitos que hoje professam ser filhos de Deus, não estiveram dispostos a deixar esta questão em Suas mãos. Rebeca arrependera-se amargamente do mau conselho que dera a seu filho; tal fora o meio de separá-lo dela, e nunca mais lhe viu o rosto. Desde a hora em que recebeu a primogenitura, Jacó sentiu sobre si o peso da condenação própria. Tinha pecado contra o pai, o irmão, a própria alma, e contra Deus. Em uma rápida hora, efetuara uma acção para o arrependimento de uma vida. Vívida se achava esta cena diante dele nos anos posteriores, quando o procedimento ímpio de seus próprios filhos lhe oprimia a alma.” {PP 123}, *Patriarcas e Profetas*, 180.

Rebeca e Jacó infringiram a lei para impedirem que ela fosse transgredida. Estavam totalmente errados ao fazê-lo, tal como se prova na triste punição que tiveram que suportar pelo seu erro. Que o erro deles e os consequentes sofrimentos sejam de nenhum valor para aqueles de nós que enfrentam o confronto final daquilo que a lei realmente significa. Vejamos com grande clareza que a lei não pode ser respeitada pela transgressão dessa mesma lei.

Essas palavras, “Não dirás falso testemunho, não furtarás ou não matarás,” estabelecem o padrão de comportamento não importa quais as circunstâncias, pressões, ameaças, pedidos, necessidades, vantagens, ou seja o que for que aconteça. No reino de Deus sob os Seus princípios os fins nunca, *nunca, nunca* podem justificar os meios. Portanto, em todas as situações, a lei e não as vantagens, deve ser consultada e obedecida. Quando Deus tiver um povo que se mantenha nestes princípios e seja guiado neste caminho, terá um povo em quem pode confiar para finalizar a obra e então ela será acabada.

Capítulo 17

Ide a Segunda Milha

Cristo não confinou a Sua revelação do Pai apenas em acções. Ele não era um praticante silencioso. O que ele ensinou dia a dia era um testemunho amplificador e confirmador com o mesmo efeito. Pelas Suas palavras, Ele magnificou a lei com a mesma eficácia que fez com a Sua vida.

O Seu primeiro grande sermão foi um claro testemunho daquilo que a lei realmente significava, alertando o povo para saber que aquilo que “foi dito por eles no tempo antigo,” não era a versão que Ele lhes veio trazer.

Mas o povo que se juntou para ouvir aquele sermão maravilhoso no monte relatado em *Mateus* 5-7, veio com conceitos errados acerca da lei e do reino de Deus. Eles tinham sido educados para conhecer os caminhos do homem, de modo que a sua expectativa quanto ao reino do Messias era muito diferente daquilo que seria de facto. Jesus sabia que estava a enfrentar ideias e opiniões preconcebidas às quais não podia fazer concessões. Ele sabia o que o povo esperava e *queria* ouvir, mas disse-lhes apenas o que eles *precisavam* ouvir.

Sabendo desde o início do Seu discurso que aquilo que estava para lhes dizer era diferente do que desejavam e esperavam ouvir, Ele estava ciente de que isto os levaria a julgá-l’O como quem está a pôr a lei de lado. Portanto, antes de começar a explicar a lei como a dera e vivera, avisou que, embora lhes parecesse, Ele não tinha vindo para acabar com a lei, mas estabelecê-la.

Ele disse-lhes, “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir.

“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.

“Qualquer pois quem violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” *Mateus* 5:17-20.

Os escribas e Fariseus olhavam-se a si mesmos como sendo os maiores expoentes da lei de Deus que existiam. Acreditavam que a ensinavam e viviam na perfeição. Olhavam-se a si mesmos como modelos do comportamento justo. A sua afirmação não era totalmente falsa porque as suas vidas eram um bom exemplo do que pode ser encontrado do viver a lei *de acordo com a interpretação humana de como ela deve ser guardada*. Fora para libertar o homem do seu conceito de guardar a lei e colocá-la no seu verdadeiro lugar que Cristo veio a esta Terra.

Assim, à medida que prosseguia o Seu sermão, repetidamente colocou de lado a lei *do modo como eles compreendiam que ela se lia e substituindo-o pela lei* como Deus tencionava que ela devia ser lida e obedecida. A avaliação dos ouvintes sobre a apresentação e posição de Cristo dependia então da percepção espiritual do que Ele estava a dizer.

Se estivessem cegos para a realidade da verdade viva, só poderiam ver a lei como interpretada e ampliada pelo homem. Isso os levaria a considerar Cristo como um violador da lei, mesmo que Ele os tivesse advertido de que tinha vindo estabelecer a lei.

Por outro lado, se eles pudessem ver o que Ele realmente estava tentando dizer, entenderiam que Ele tinha vindo como o verdadeiro Amplificador da santa lei. Seria um campo totalmente novo de

pensamento. Seria necessário tempo para fazer ajustes, mas a beleza da sua verdade seria emocionante e vitalizadora.

Grande benefício seria obtido pelo estudo de todos os testemunhos dados por Cristo neste sermão, mas o tempo e espaço não serão necessários aqui. Será escolhida aquela passagem que revela também, talvez melhor do que qualquer outra, os princípios da lei como Cristo os adotou.

Jesus disse, “Ouvistes o que foi dito; Olho por olho, e dente por dente. *Eu, porém, vos digo...*” *Mateus* 5:38, 39.

Então, Cristo separou o ensino do passado do Seu. O velho, Ele classificou como *o caminho deles*, contra o qual estabeleceu o que era *o Seu caminho*. Ele não fez nenhuma tentativa de Se comprometer com o ensinamento antigo ou desculpar-Se pelo que ofereceu. Era a verdade e, *como tal*, tinha que ser aceite.

Para muitos, Cristo adotou aqui um caminho que O expôs à acusação de negar a lei *como Deus a ensinara no Antigo Testamento*. Não eram os escritos nem os ensinamentos dos pagãos que Cristo estava a negar aqui, mas em todos os aspectos, a palavra de Deus através de Moisés.

“Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:...” *Êxodo* 20:1.

Depois, seguem-se os dez mandamentos, após os quais o povo fica apavorado e pede a Moisés para falar com eles em vez de Deus.

“Então disse o Senhor a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel:...” Muitas orientações se seguiram até se chegar a estes versículos: “Mas se houver morte, então darás vida por vida,

“Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé,

“Queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.” *Êxodo* 20:22; 21:23-25.

Deus falou estas palavras a Moisés com a ordem que fossem ditas ao povo e lhes obedecessem. O povo verdadeiramente obedeceu-lhes, confiante de que ao fazê-lo, estava a seguir as instruções do Senhor. Então, veio Jesus e negou que esse era o Seu caminho, pôs tudo isso de lado e deu ao povo um novo código de comportamento.

As aparências certamente apontam para Cristo como estando em desacordo com o Pai quanto ao que a lei era e como devia ser guardada. Não é de admirar então que os fariseus que subscreviam tão vigorosamente a antiga lei mosaica considerassem Cristo como o pior tipo de transgressor da lei. Eles viram-n’O como o assassino da lei que diz, “vida por vida.” Portanto, as suas mentes estavam completamente satisfeitas por estarem a fazer uma coisa que consideravam justificado, quando O levaram à morte. Ele estava a matar a lei. A lei dizia vida por vida, assim era a vida d’Ele pela vida da lei que Ele tinha tomado. A Sua crucificação, no pensamento *deles*, era uma morte *lícita*. Eles acreditaram que estavam a obedecer à lei exactamente como ela estava escrita.

Outra solução para o problema é ensinar a dispensacionalismo. Tal crença veria uma lei para o povo antes do advento de Cristo e outra mais maravilhosa para o povo depois dele.

Tal resolução do problema deve ser rejeitada porque a lei perfeita é tão imutável como o Deus que a deu. Se o Senhor desse uma lei para o povo numa certa altura e situação e depois a mudasse para gerações posteriores, então Ele não seria melhor do que o homem mutável que está sempre a modificar as suas leis para se adaptar a circunstâncias mutáveis. Satanás teria então o argumento que necessita para ganhar o conflito. Ele apontaria para a mudança da lei como prova clara de que ela era imperfeita e necessitava de ser modificada. Ele deixou o Céu lutando por isto, opondo-se às declarações de Deus que não era assim e tem esperado desde então pela menor modificação, concessão ou mudança da parte de Deus e Sua lei.

Há, contudo, ainda outra explicação que revela o carácter de Deus em maravilhosa beleza mostrando que Cristo não estava em desacordo com o Pai e estabeleceu a verdade que Deus nunca mudou a Sua lei no menor ponto que fosse. Ela, em conjunto com o Seu Autor, é a “mesma, ontem, hoje e para sempre.”

Esta explicação será totalmente revelada quando examinarmos os vários incidentes do período do Velho Testamento. Será visto que Deus tem apenas um caminho para Si próprio e para o Seu povo. Mas chegou o tempo em que o povo rejeitou o caminho de Deus e o trocou pelo seu, contudo,

desejando ainda que Deus estivesse com eles. Com grande misericórdia, Ele deu instruções que, se obedecidas, proporcionariam as melhores condições possíveis no sistema do homem. Será mostrado quando chegarmos a este ponto que Deus agiu num papel de Salvador exclusivamente e que o único objectivo de Cristo era fazê-los voltar dos seus caminhos para os caminhos de Deus. Quando este comportamento característico da parte de Deus for visto, os últimos problemas na compreensão do Seu carácter desaparecerão.

Tendo classificado o ensinamento, “Olho por olho, e dente por dente” como erros dos caminhos do homem, Cristo iniciou a Sua amplificação da lei.

“Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;

“E ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa;

“E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas,

“Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.” *Mateus* 5:39-42.

No capítulo anterior, é feita referência a livros de ficção, jogos e filmes. Eles estão entre os principais meios de Satanás de promulgar a sua amplificação da lei. Vamos agora perguntar se os princípios estabelecidos por Cristo nos versículos citados acima são retratados na ficção? Onde está o homem retratado como oferecendo a outra face quando lhe bateram violentamente na outra? Qual o herói do filme é visto indo mansamente a segunda milha, ou dando a sua capa ao inimigo que roubou o seu casaco?

Estes não são os padrões de comportamento aconselhados como ideais por este meio. Pelo contrário, é precisamente o oposto. Se o vilão rouba a capa do herói ou de outra pessoa, é forçado a pagar com acréscimo de juros. O público não fica satisfeito enquanto não se fizer com que o bandido sofra mais do que aquilo que fez os outros sofrer.

Durante os piores dias de poder do homem mau, ele ataca as suas vítimas impiedosamente. Elas suportam isto porque não têm opção, mas rogam silenciosamente pelo dia em que a posição do poder seja invertida. Então, com vingança, farão o inimigo arrepender-se do que fez.

Quão completamente oposto é isto dos caminhos e ensinamentos de Cristo. Nada podia ser mais contrário. Para o homem do mundo, não há sentido nas palavras de Cristo. Se os estúdios de cinema fizessem filmes descrevendo estes princípios, ninguém estaria interessado em vê-los. Seria um fracasso financeiro.

O homem comum rejeita os princípios das palavras de Cristo porque vê nesses caminhos todo o mundo tirando partido dele ao ponto de lhe roubar tudo quanto tenha. Para ele não há perspectiva mais ameaçadora. Portanto, não tem disposição para renunciar da segurança provida pela sua defesa e protecção dos seus direitos e bens. Ele prefere lutar para ser mais poderoso do que o seu inimigo de modo que possa retribuir com mais força do que pode ser atingido. Ele encontra a sua segurança nesta doutrina de intimidação.

Há os que interpretam as instruções de Cristo para dar a outra face depois de agredido na primeira vez nestes termos: Cristo não disse o que fazer depois da segunda agressão na face, isto dá liberdade para ripostar em seguida.

Mas isto não é verdade. Jesus disse de facto o que devia ser feito e certamente não era retaliar do mesmo modo. Para que não houvesse engano a este respeito, Cristo continuou a Sua instrução nestas palavras:

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo.

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

“Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz com que o Seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? não fazem os publicanos também o mesmo?

“E, se saudardes unicamente os vossos, irmãos, que fazeis de mais? não fazem também os publicanos também assim?

“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus.” *Mateus* 5:43-48.

Quando Jesus disse, “Amai os vossos inimigos,” não delimitou o tempo para isto. Ele não disse para os amar enquanto houvesse esperança de serem salvos e depois odiá-los até à destruição. Disse simplesmente, “Amai os vosso inimigos.” Portanto, devem ser amados para *sempre*. Nunca deve chegar o tempo em que o filho de Deus deixa de amar o seu inimigo, abençoa-lo e fazer-lhe bem. Não deve conhecer qualquer outro caminho.

Os apóstolos sentaram-se mais próximos de Cristo quando Ele falou essas palavras, mas eles não entenderam essa mensagem, como é evidente na pergunta que Pedro fez muito mais tarde.

“Então Pedro, aproximando-se d’Ele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete?

“Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete.” *Mateus* 18:21, 22.

Setenta vezes sete são quatrocentos e noventa vezes. Queria Cristo dizer que eles deviam contar cuidadosamente até alcançar este número e então paravam de perdoar? Não, esse não é o modo como essas palavras devem ser compreendidas. Pelo contrário, Cristo desejou transmitir a ideia de que não há tempo para deixar de perdoar. Qualquer que cuidadosamente contasse cada perdão até que tivesse chegado ao limite certamente nunca tinha perdoado. Ninguém com o verdadeiro espírito de perdão e amor divino estaria preocupado com o número de vezes que o perdão tinha sido concedido.

“Pedro se achegou a Cristo, com a pergunta: ‘Até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete?’ Limitavam os rabinos o exercício do perdão até três ofensas. Pedro, que, *como cuidava*, seguia os ensinamentos de Cristo, ampliou-o até sete, o número indica perfeição. *Cristo, porém, ensinou que nunca devemos fatigar de perdoar*. Não ‘até sete,’ disse Ele, ‘mas, até setenta vezes sete.’” {PJ 125}, *Parábolas de Jesus*, 243.

De acordo com este testemunho então, a expressão, “Até setenta vezes sete” quando usado por Cristo neste exemplo não significava o limite de quatrocentos e noventa. Ele queria dizer sem limite, sem fim e sem mudança.

É impossível ripostar contra aqueles que agridem primeiro e ao mesmo tempo manifestar um espírito de perdão. Tão certamente como o perdão tem que ser para *sempre*, dar a outra face é do mesmo modo para *sempre*. Aqueles que proclamam que Cristo não estendeu a Sua instrução para além do que fazer depois de agredido na outra face, não compreendem a mensagem de Deus nas Escrituras.

Neste discurso, Cristo, está a ampliar a lei. Ele está a explicar o caminho pelo qual Deus desejou que as Suas instruções, “não matarás; não roubarás; não mentirás” fossem compreendidas. Considerai a diferença entre a filosofia do homem e os ensinamentos de Jesus Cristo. O homem diz que se os vossos inimigos vos atacam, atacai-os também – com mais força. Se ele mata alguém dos vossos, matai-o. Se ele vos amaldiçoar, amaldiçoai-o em troca, se ele vos faz mal, pagai-lhe com o mal.

Mas Jesus disse, pagai o ódio com amor, abençoai em troca das maldições e bem em resposta ao mal. Se mentirem a vosso respeito, não menti em troca; se vos roubam os bens, não procurai roubá-los a eles; se procuram tirar-vos a vida, não procurai tirar a deles. Isto é dizer que a lei deve ser guardada sob todas as circunstâncias. Não há tempo ou lugar em que a lei deva ser guardada a fim de assegurar que ela seja guardada. Essa é a filosofia do homem, mas não é o ensinamento de Cristo ou a prática do cristão.

Tendo estabelecido estas linhas mestras para o comportamento humano, Cristo confirmou que esta era a forma como o Seu Pai praticava a lei. Ele disse aos Seus ouvintes que fazendo isto “seriam filhos do” seu “Pai que está nos céus: porque faz com que o sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.” *Mateus* 5:45.

Cristo identificou como *filhos* de Deus aqueles que obedecem à lei do modo como Ele declarou que ela devia ser obedecida. Sê-lo-iam, afirmou Ele, porque estavam a fazer como o Pai fazia. Esta evidência estava em tudo à volta deles. O Senhor enviava o sol e a chuva sobre as pessoas mais

ímpias, tanto como para os justos com igual imparcialidade. Mesmo quando a terrível mão do pecado os estava a destruir, as bênçãos de Deus continuavam. Ninguém, então, podia negar que Deus abençoava aqueles que O amaldiçoavam e fazia bem àqueles que O tratavam com desrespeito.

Uma marca distinta dos filhos de Deus é que eles dão a outra face, vão a segunda milha, amam os seus inimigos e abençoam e fazem o bem àqueles que lhe pagam apenas com o mal. O indivíduo que retribui o mal com o mal, não dá a outra face, nem vai a segunda milha e não abençoa aqueles que o tratam com desrespeito, *não é filho de Deus*.

Esta identificação dos filhos de Deus tem um significado poderoso. O relacionamento é espiritual pois é neste e não no sentido físico que somos filhos de Deus. Transmite a ideia que primeiro tem que haver o carácter dentro do cristão igual ao do Pai, antes que possa haver o comportamento exterior. Aqueles que são filhos de Deus têm o mesmo carácter que Ele tem. É o carácter recebido por um processo de regeneração espiritual.

“Pela transformadora influência de Sua graça, a imagem de Deus *se reproduz* no discípulo; torna-se uma nova criatura. O amor toma o lugar do ódio, e o coração adquire a semelhança divina. É isto que significa viver ‘de toda a palavra que sai da boca de Deus’ isto é comer do Pão que desce do Céu.” {DTN 271}, *O Desejado de Todas as Nações*, 391.

Tão certamente como têm o mesmo carácter, também terão o mesmo comportamento. Eles guardarão a lei exactamente como Deus, o Rei da justiça, a guarda. “Jesus disse: ‘Sede... perfeitos, como é perfeito vosso Pai.’ Mat. 5:48. Se sois filhos de Deus, sois participantes de Sua natureza, e não podeis deixar de ser semelhantes a Ele. Todo filho vive pela vida de seu pai. Se sois filhos de Deus – gerados por Seu Espírito – viveis pela vida de Deus. Em Cristo habita ‘corporalmente toda a plenitude da divindade’ (Col. 2:9); e a vida de Cristo se manifesta ‘em nossa carne mortal’. II Cor. 4:11. Essa vida em vós produzirá o mesmo carácter e manifestará as mesmas obras que nele produziu. Assim estareis em harmonia com todo preceito de Sua lei; pois ‘a lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma’. Sal. 19:7. Mediante o amor, ‘a justiça da lei’ será cumprida em nós, ‘que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito’. Rom. 8:4.” *O Maior Discurso de Cristo*, 77, 78.

- No sermão do monte Cristo falou de um Pai que ama os Seus inimigos – para sempre;
- Abençoa aqueles que o amaldiçoam – para sempre;
- Faz bem aos que o odeiam – para sempre;
- Ora por aqueles que fazem uso d’Ele desrespeitosamente e O perseguem – *para sempre*;

As implicações desse ensinamento são tão extensas que é difícil acreditar que elas sejam na realidade verdadeiras. Alguns prefeririam acreditar que são apenas uma boa peça de retórica sem fundamento concreto.

Mas foi Cristo, *a Verdade* que declarou estas coisas de Deus. Portanto, elas são a verdade no sentido mais estrito. Deus ama seus inimigos. Quando se considera quem são os inimigos de Deus, a verdade disto torna-se mais notável e humilde. Passando por todos os inimigos inferiores de Deus, por mais terríveis que sejam, a atenção está concentrada no inimigo de todos, Satanás.

De todos os seres que jamais existiram, nenhum já odiou Deus mais ferozmente, O amaldiçoou mais selvaticamente, obstinadamente Lhe fez mais mal do que Satanás. Seria possível que:

- Deus amasse Satanás até hoje mesmo;
- O abençoasse em troca das suas maldições;
- Fizesse bem quando ele O odeia tanto;
- E orasse por aquele que tão desrespeitosamente O usa e persegue?

Cristo responde a essa questão, declarando que o Pai faz tudo isto. A forma do Seu testemunho estabelece o que devemos ser e fazer a fim de reproduzir o comportamento e carácter do Pai. Ao fazer isso, Ele não abre excepção para o diabo. Ele não nos aconselha a amar os nossos inimigos excepto Satanás. Ele simplesmente diz, “Amai os vossos inimigos.” Portanto, qualquer pessoa que possa ser classificada como inimiga deve ser amada. Satanás certamente está nesta classificação pois é o arqui-inimigo.

Portanto, se fazer isto nos torna filhos de Deus e desse modo a reprodução d'Ele, então Deus ama os Seus inimigos, *incluindo* Satanás. Ele abençoa-o tanto quanto é possível as bênçãos chegarem a ele, faz-lhe bem onde pode e continuará a fazê-lo sempre enquanto Satanás existir. Se Ele não o fizesse, então Cristo teria dado um falso testemunho do Seu Pai.

Para compreender a atitude do amor genuíno que o Pai tem pelo seu filho perdido, deve ser feita uma distinção entre amor com *comunhão* e amor sem ela.

Havia um trio de irmãs cristãs que trabalhavam numa fábrica entre pessoas de vidas e interesses ímpios. Desenvolveu-se ali entre elas e suas companheiras mundanas um espírito de aversão que elas reconheceram ser estranho ao Salvador. Elas tinham aprendido o poder da confissão aceitável pela qual pediram ao Senhor para remover o ódio e pôr em seu lugar o amor, pois elas sabiam que os filhos de Deus amam os seus inimigos.³

A sua fé foi recompensada e elas descobriram que todos os sentimentos de ódio haviam desaparecido, mas estavam perturbadas porque ainda não encontravam um vínculo caloroso de amor entre elas e as mundanas. O problema delas era que não estavam diferenciando entre amor com comunhão e amor sem ele.

Era impossível ter um caloroso laço de comunhão com pessoas cujos interesses não tinham terreno comum com o delas. Elas ouviam música diferente, encontravam o seu prazer no teatro, no salão de dança, nas cervejarias e pistas de corridas. A sua conversa era acerca destas coisas e os princípios que guiavam as suas vidas estavam em conflito directo com os daquelas cristãs. Portanto, a amizade com amor era impossível.

É claro, amizade com amor é maravilhosa e desejável. Este é o objectivo a alcançar ao passo que a amizade sem amor é dolorosa.

Deus não tem comunhão com o diabo. Eles não se vêem nem trabalham juntos. Seus interesses e objectivos são completamente opostos. Deus não apoia nenhuma das actividades do diabo, mesmo que ele receba as bênçãos de Deus, assim como a pessoa mais iníqua recebe o fluxo da vida e do amor de Deus no tempo de semear e de colher, na chuva e no vento, e na protecção contínua contra desastre total e final. O diabo toma todas essas bênçãos e usa-as na guerra contra Deus, mas Deus não é responsável por isso. Ele dá as bênçãos para o bem deles, mas a perversão delas é responsabilidade daqueles que dão mau uso à dádiva.

Segurai-vos na força do testemunho que Cristo deu de Seu Pai que Deus ama o diabo e, portanto, apenas o abençoará e lhe fará bem. Isto significa que Deus nunca tirará a vida de Satanás mas faria tudo para o salvar se possível. Isto é amor numa escala inacreditável. Muitos argumentam que Deus devia destruir Satanás. Eles dizem que a posição de Deus como protector do Universo e possuir poder onipotente faz com que Ele tenha a responsabilidade de destruir Satanás de modo que este não possa ferir e injuriar mais. Argumentar deste modo é cair na habitual armadilha de fazer Deus ser igual ao homem que segue a prática de destruir o que transgredir a lei para acabar com a iniquidade. Isto é transgredir a lei para assegurar que ela é obedecida. Todavia, este não é o caminho de Deus. Ele é perfeitamente justo. A Sua lei é perfeita e nunca deve ser transgredida. Por conseguinte, em nenhuma circunstância, seja ela qual for Deus mentirá, roubará ou matará. Ele não quebra essa lei a fim de garantir que ela seja obedecida.

Quando Jesus trouxe este maravilhoso e verdadeiro testemunho de Seu Pai, sabia tudo o que Deus tinha feito no Velho Testamento. Ele estava também familiarizado com a análise que o homem fez do que Deus havia feito. O homem viu Deus derramando o bem sobre os habitantes de Sodoma e Gomorra por um tempo limitado, depois do qual trocou as bênçãos por maldições e o bem pelo mal quando enviou sobre eles o dilúvio de fogo e enxofre. Viram a mesma ilustração no dilúvio, nas pragas do Egipto, na destruição dos cananitas, a morte numa noite do exército de Senaqueribe e um milhar de outros exemplos.

³ O assunto da confissão aceitável é coberto de forma eficaz e prática na publicação com o mesmo nome, *Confissão Aceitável*, que pode ser obtida nos publicadores deste livro.

Se o entendimento dessas coisas tal como é mantida pelos homens de então e de agora estivesse correcta, então Cristo nunca podia ter dito verdadeiramente o que disse do Seu Pai no Sermão da Montanha. Portanto, para Cristo dizer o que disse com convicção pessoal, devia ter um ponto uma compreensão muito diferente daquilo que o pai fez no Velho Testamento diferente da que o homem tinha naquela altura e desde então, pois o entendimento do homem acerca de Deus e a ilustração que Cristo apresentou d'Ele são dois conceitos completamente em conflito.

Cristo viveu e ensinou o carácter de Deus. Ele apresentou Deus como um perfeito observador da lei. Cristo não conhecia nem apresentou um Deus que tinha uma lei para Ele e outra para o povo. Na superioridade do reino de Deus sobre todos os outros, a lei é guardada com uma fidelidade exemplar pelo Ser Omnipotente e com igual fidelidade por todo o servo leal.

É uma situação desconhecida nos sistemas de governo da Terra e satânico. Em todos com maior ou menor extensão, há uma lei para os governadores e outra para o povo. Se algum cidadão se torna alvo da ira do governo, tremerá na sua impotência para se proteger. As leis da Terra estão de tal modo estruturadas que dão protecção ao governo contra o povo, mas não protegem o povo do governo.

Mas não é assim no reino de Deus. Em primeiro lugar, Ele não precisa de protecção contra Sua própria criação, pois é onipotente e intocável. Ele está numa posição de poder da qual pode aniquilar qualquer oposição por uma única palavra. Portanto, o homem bem podia tremer de pavor diante de um Deus assim, se Ele fosse realmente um homem como nós.

Portanto, a lei não foi dada por Deus para Se proteger do homem. Foi a perfeita dádiva do amor de Deus para proteger o homem de si próprio e da possibilidade de transformar os poderes que lhe foram dados para vida e bênção num cataclismo de destruição. Este aspecto da lei foi estudado no início do capítulo oito.

Ao servir o homem deste modo, a lei é na verdade uma coisa maravilhosa, mas a maior maravilha de todas é que ela na realidade *protege o homem de Deus*. Ao estabelecer os princípios dessa lei, Deus declarou o que Ele é, o que fará e não fará. Ele afirmou que nunca mentirá, nunca roubará e nunca matará, não importa qual a situação que se levante para pedir ou justificar tais coisas. A revelação da lei de Deus *é a própria garantia* de Deus de que estamos para sempre seguros de que *Ele* faça uma coisa dessas *não importa quanto O possamos tratar mal em troca*.

Quando Deus se compromete numa garantia dessa natureza, há uma absoluta segurança de que Ele nunca se afasta dela no menor grau. Estamos familiarizados com a garantia feita por Deus ao homem no sinal do arco-íris de que a Terra nunca mais pereceria por um dilúvio de águas. Desde esse dia até agora, essa garantia nunca foi violada a despeito do aumento do desafio do homem para com o Céu. A Palavra de Deus mantém-se verdadeira e imutável.

Pela falsa interpretação do testemunho da Palavra de Deus, Satanás convenceu o homem de que, se Deus deu tal garantia, com certeza não a tem honrado. Por causa desta persuasão do homem pelas mentiras de Satanás acerca de Deus ser tão extensa e de há tanto tempo, será difícil para a pessoa comum aceitar que Deus fez e honrou tal pacto. A mente, treinada durante muito tempo para ver as obras de Deus numa certa luz, argumentará rapidamente que a grande rebelião *exige* que Deus Se levante para limpar o Universo da maldição pela activa destruição dos ofensores. Para a mente humana, esta é a única solução viável para o problema. O homem não compreende a sabedoria e poder de Deus do modo como será empregue para acabar a grande rebelião. Eles não vêem que há outro caminho infinitamente melhor para tratar com a rebelião do que o contra-ataque.

Cristo nunca partilhou nem ensinou tal conceito. Ele apresentou um Pai que ama os Seus inimigos e que lhes dá apenas bênçãos e coisas boas. Essa ilustração Ele apresentou com firmeza em contraste com a outra. Como uma voz solitária apresentou Ele a genuína verdade acerca do Pai, apesar de todas as outras pessoas do mundo verem isso doutra forma na altura do Seu advento.

A ilustração de Deus como sustentada, ensinada e vivida por Cristo é a única a ser mantida. Qualquer ilustração contrária é erro formado para a nossa destruição nos laboratórios de Satanás.

Nenhum governador na história humana é como o nosso Deus. Não há rei, governador, presidente, ditador, senhor, príncipe, imperador, ou qualquer outra espécie de governo que se tenha comprometido a nunca mentir a alguém, roubar ou matar qualquer dos seus súbditos não importando quão traiçoeiros, difamadores, insurrectos, incendiários, assassinos, ladrões, cruéis, activistas, reaccionários ou criminosos se pudessem tornar. Os potentados terrestres conhecem apenas uma forma de tratar esses elementos na sociedade e esse é enfrentar a força com a força. Não há o dar a outra face, ir a segunda milha, não há amor pelos seus inimigos e não há bênçãos para aqueles que lhes fazem mal.

Mas o que nenhum governador terrestre jamais fez nem fará, Deus o fez. Na verdade, os Seus caminhos são tão mais elevados do que os nossos quanto os Céus são mais altos do que a Terra. Quando a real natureza da justiça de Deus é compreendida e apreciada, invocará dos corações daqueles que vêm assim, um arrebatamento de louvor e adoração que de outro modo seria impossível. Eles então começarão a compreender e testemunhar com as palavras da Bíblia escritas:

“Entre os deuses *não há semelhante a Ti*, porquanto me responde.

“Todas as nações que fizeste virão e se prostrarão perante a Tua face, Senhor, e glorificarão o Teu nome.

“*Porque Tu és grande e operas maravilhas*; só Tu és Deus.” *Salmos* 86:8-10.

“*Grande* é o Senhor e mui digno de louvor, na cidade do nosso Deus, no Seu monte santo.” *Salmos* 48:1.

Reconheça-se claramente que apesar do próprio Deus Se comprometer a nunca destruir os que violam os Seus princípios, Ele não prometeu, porque não podia garantir que os pecadores não seriam destruídos. Pelo contrário, Ele avisou que o pecado é o acto de separação de Deus, por isso não resta protecção das forças destruidoras assim colocadas em movimento.

Possa cada leitor chegar a ver Deus como Cristo O conhecia. Então, com os anjos e os inspirados escritores haverá o ressoar de louvor e adoração por um deus tão grande como o nosso Deus. Tal compreensão e louvor espontâneo, por seu lado, moldará o carácter na mesma forma, até que um grande pulsar de harmonia vibrará por todo o Universo.

Capítulo 18

O Mistério da Iniquidade

A Obra-Prima do Engano de Satanás

As evidências acumuladas neste estudo estabeleceram agora que *a vida de Cristo* era um perfeito espelho do carácter do Pai e que os Seus *ensinamentos* reiteraram e confirmaram essa revelação. Portanto, em resposta à indicação divinamente inspirada para conhecer o Pai, devemos olhar para a vida e ensinamentos do Salvador. Qualquer visão de Deus não apoiada por esse testemunho é falsa e deve ser rejeitada não importando quão respeitada devido à antiguidade ou universalmente aceite possa ser.

Foi feita referência às obras de ficção apresentadas pelos contadores de histórias, nas novelas e filmes como o meio específico como Satanás tem vindo a educar um mundo inconsciente da sua falsa representação do carácter e lei de Deus. Este é um meio muitíssimo eficaz pelo qual todo o mundo é convertido aos sofismas de Satanás.

Porém, há ainda outro meio pelo qual Satanás opera com grande eficácia para alcançar os mesmos fins. Esse é o mistério da iniquidade, de outro modo conhecido como Babilónia, Babilónia, a grande, o homem do pecado, o filho da perdição e o anticristo. Ele apareceu de várias formas ao longo dos tempos. O seu primeiro campeão depois do dilúvio foi Ninrode e os seus seguidores, depois do que vieram os construtores da torre de Babel, os adoradores de Baal, os assírios, babilónios, gregos, romanos e o papado. Ele manifestar-se-á plenamente no protestantismo apostatado e, finalmente, em Babilónia, a Grande, nos últimos dias.

Aqui está a obra-prima do engano de Satanás, o instrumento pelo qual mais do que com qualquer outro ele divulga as suas mentiras acerca de Deus.

“É o *constante* esforço de Satanás *representar falsamente* o carácter de Deus, a natureza do pecado e os resultados finais em jogo no grande conflito. Seus sofismas diminuem a obrigação da lei divina dando ao homem licença para pecar. Ao mesmo tempo fá-lo Satanás acariciar *falsas concepções* acerca de Deus, de maneira que O considera com temor e ódio, em vez de amor. A crueldade inerente ao seu próprio carácter é atribuída ao Criador; aparece incorporada aos vários sistemas de religião e expressa nas diversas formas de culto. Sucede assim que a mente dos homens é cegada e Satanás deles se aproveita como agentes para guerrear contra Deus. Por meio de concepções pervertidas acerca dos atributos divinos, foram as nações gentílicas levadas a crer serem os sacrifícios humanos necessários para alcançar o favor da Divindade; e horríveis crueldades têm sido perpetradas sob as várias formas de idolatria.

“A Igreja Católica Romana, unindo as formas do paganismo com as do cristianismo, e, à semelhança do primeiro, representando falsamente o carácter de Deus, tem recorrido a práticas não menos cruéis e revoltantes.” *O Grande Conflito*, 569.

“Roma tinha representado falsamente o carácter de Deus e pervertido Seus mandamentos...” *O Grande Conflito*, 281.

“Os ensinamentos dos papas e sacerdotes haviam levado os homens a considerar o carácter de Deus, e mesmo o de Cristo, como severo, sombrio e repelente. Representava-se o Salvador tão destituído de simpatia para com o homem em seu estado decaído, que devia ser invocada a mediação de sacerdotes e santos.” *O Grande Conflito*, 73.

FORÇA É O ÚLTIMO RECURSO DE TODA A RELIGIÃO FALSA

S.D.A. Bible Commentary 7:976

- Portanto:** A verdadeira religião não recorre
ao uso da força
- Portanto:** O uso da força é uma marca
da falsa religião
- Portanto:** A ausência do uso da força é a marca
da verdadeira religião
- Portanto:** Se Deus usasse a força como último
ou qualquer recurso.

A SUA RELIGIÃO ERA FALSA

“Não há mais conclusiva prova de possuímos o espírito de Satanás, do que a disposição de causar dano e destruir aos que não apreciam nossa obra, ou procedem em contrário a nossas idéias.” {DTN 344.2}.

“Poder compulsor SÓ se
encontra sob o governo de
Satanás.” {DTN 537}.

O Desejado de Todas as Nações, 487, 759.

Já foi demonstrado que o mundo da ficção é um instrumento eficaz pelo qual o grande adversário retrata a ilustração daquilo que Deus não é. Mas a sua obra-prima de engano nesta obra é Babilónia, o mistério da iniquidade, que encontra predominantemente a sua manifestação na Igreja Católica e nas Igrejas Protestantes de hoje. É a reação de Satanás à revelação do que Deus é por meio de Jesus Cristo.

Portanto, perante todos está a alternativa. Podem ser aceites as representações de Deus e da Sua lei conforme dadas por Babilónia ou a escolha pode recair sobre Cristo como a Revelação de Deus e Seus caminhos. É impossível as duas representarem a mesma coisa, porque uma é Cristo e a outra o anticristo.

Há um tremendo valor em estudar a vida e ensinamentos de Cristo como a revelação do que Deus é. Há também grande vantagem em ver como Babilónia apresenta Deus como Ele não é.

É um erro supor que Babilónia usou apenas as armas da força. Tão terrível e extenso foi o uso de armas de compulsão para perseguir até à submissão os que eram relutantes em obedecer-lhe que isto é tudo o que pode ser visto do seu carácter e actividades.

A verdade real é que o uso de medidas opressivas era apenas a última solução usada por ela, tal como acontece com toda a falsa religião. Só quando todos os outros meios falharam ela se volta para o uso da força.

“Força é o *último* recurso de todas as religiões *falsas*. Primeiro tenta a atracção, tal como o rei de Babilónia tentou o poder da música e espectáculo externo. Se estas atracções, inventadas por homens inspirados por Satanás, falhassem em fazer os homens adorarem a imagem, as famintas chamas da fornalha estavam prontas para os consumir. Assim será agora. O papado tem exercitado o seu poder para compelir os homens a obedecer-lhe e assim continua a fazer. Necessitamos do mesmo espírito que foi manifestado pelos servos de Deus no conflito com o paganismo.” *Signs of the Times*, 6 de Maio de 1897. *S.D.A. Bible Commentary* 7:976.

Houve um tempo em que eu não compreendia isto. Pensava apenas em Roma como realizando os seus objectivos pela coerção. Mas o estudo da história abriu uma nova visão, mostrando que primeiro o anticristo vem sem espada. Os seus primeiros embaixadores são sacerdotes e missionários que, com grande suposta humildade e espírito abnegado, procuram ganhar a população para a sua teologia por meio de ensinamentos apelos e argumentos. Se isto é bem-sucedido, ficam contentes. Mas se o povo não se submete à sua religião, então a espada é desembainhada. No início as perseguições são relativamente suaves, mas à medida que o tempo passa e o objectivo desejado não é alcançado, tornam-se crescentemente mais duras até que a pena de morte é rigorosamente aplicada.

No século VI, o papa Gregório decidiu converter a Grã-Bretanha ao catolicismo. Nesse sentido, ele enviou 41 missionários no Verão de 597. Eles foram liderados por Agostinho, que se estabeleceu em Canterbury como centro das suas actividades na Inglaterra. A *verdadeira* religião cristã tinha-o precedido. Fora estabelecida entre os bretões originais, mas ainda não havia convertido os invasores anglo-saxões vindos do norte da Europa e da Escandinávia. Converter esses bretões era o objectivo imediato. Para esse fim, Agostinho convocou uma assembleia geral em 601. Mas “não foi sem propósito que o arcebispo prodigalizou nos seus argumentos, orações, censuras e mesmo milagres; os Bretões estavam firmes.” *The Reformation in England*, Volume 1:38, por Merle Aubigne.

Tendo fracassado neste concelho, Augustine tentou de novo com as mesmas tácticas de abordagem pacífica e persuasiva, mas falhou de novo. Compreendendo que não obteria nada por estes meios, levantou-se e disse, “Se não receberdes os irmãos que vos trazem paz, receberão inimigos que vos trarão guerra. Se não vos unirdes connosco mostrando aos Saxões o caminho da vida, receberéis deles luta de morte.” Tendo falado assim, o arcebispo retirou-se arrogantemente, e ocupou os seus últimos dias na preparação do cumprimento da sua profecia de mau agouro. O argumento tinha falhado: agora seguia-se a espada!” *The Reformation in England*, Volume 1:39.

O que teve lugar no início da história da Bretanha foi repetido em todos os lugares em que o pé do papado pisou. Para milhões de pessoas é um padrão familiar.



John Huss Setenciado à Morte –

**O Papado transgrediu a lei de Deus para se livrar
daqueles a quem eles julgavam como transgressores**

Roma aparece em cena agindo de maneira pacífica e amorosa. Ela abençoa aqueles que receberão as suas bênçãos, procurando conquistá-los para o seu credo. Ela manifesta considerável longanimidade e paciência no seu trabalho, e os seus emissários fazem grandes sacrifícios pessoais pela causa.

Mas eventualmente se ela conclui que qualquer esforço por estas linhas pacíficas são infrutíferas, então, volta-se para o uso de perseguição que aumenta em severidade até que aqueles que não obedecem a qualquer pressão são levados à morte.

Em tudo isto, ela está a dar uma noção de Deus, que, tragicamente é a que é aceite sem hesitação pela maioria. Para ser convencido disto, apenas é necessário comparar o conceito acerca de Deus defendido pela maioria, com as representações que o papado faz d'Ele.

Muitos vêem Deus olhando para o não convertido como o Papa Gregório olhou para os bretões. No seu grande amor pelos perdidos e os que estão morrendo, vêem Deus enviando os Seus embaixadores pessoais, o Espírito Santo que trabalha através dos abnegados agentes humanos para persuadir e ganhar os errantes. Eles acreditam que durante este período o Senhor segura os Seus juízos e administra bênçãos como um incentivo para o povo O seguir.

Mas o tempo passa e as bênçãos recebidas são transformadas em maldição como no caso dos sodomitas, dos egípcios e dos israelitas. O que acontece, na realidade, é que o povo se afasta de Deus para uma área em que Lhe tornam impossível protegê-los das ameaças da destruição que paira sobre eles. Mas o homem vê nestas calamidades a mão de Deus tentando forçar a submissão onde a persuasão tenha falhado. Quando mesmo isto falha, vêem Deus destruindo os ímpios da face da Terra.

Foi feita uma comparação nos parágrafos acima, entre o caminho do anticristo e a suposta manifestação do carácter de Deus. Perguntamos agora, que diferença existe entre estas duas ilustrações? A resposta é, nenhuma. A ilustração de Deus como o homem supõe que Ele é e a apresentação d'Ele como apresentada pelo papado é a mesma em todos os aspectos.

Portanto, com a mesma certeza com que sabemos que a representação da Divindade feita por Babilónia é uma falsa representação, deve ser totalmente rejeitada. Um momento de reflexão mostrará que a representação de Deus dada nos filmes e a do papado são idênticas. Em ambos os casos, a lei é violada para impor a obediência à lei. O papado mata aqueles que não obedecem. Matando, *desobedece* aos mandamentos de Deus a fim de acabar com os que *ele* julga estar a desobedecer aos mandamentos.

Por conseguinte, ela é do mundo e em nenhum sentido de Deus. Cada princípio do seu carácter e comportamento são uma negação da Divindade espelhada na vida de Cristo e apresentada nos Seus ensinamentos. Ela realiza muito adequadamente os objectivos de Satanás na falsa representação do carácter de Deus.

A existência de Babilónia e seus ensinamentos em contraste com a presença de Cristo e os seus fornece a todos a escolha de qual das ilustrações de Deus acreditarão. É impossível acreditar nos dois consistentemente. Babilónia apresenta a ilustração de Deus como Aquele que ama os Seus inimigos, os abençoa, lhes faz bem e os perdoa – *durante algum tempo*. Então a sua face muda e *Ele* levanta-se para lhes fazer as mesmas coisas que *lhes* ordenou não fizessem. Primeiro ameaça-os cruelmente, depois acaba por *matá-los*.

Cristo apresenta um Pai que ama os Seus inimigos, os abençoa, lhes faz bem e os perdoa – *para sempre*. Ele nunca se levanta para fazer aquilo que diz aos Seus filhos para não fazer. Ele é o Deus da justiça.

A escolha então é Cristo ou anticristo, Deus ou o diabo, Jerusalém celestial ou Roma. Não pode haver dificuldade em saber qual destes se deve escolher. Contudo, alguns hesitarão inseguros e mesmo confusos.

Devem abrir-se os livros de história e examinar a operação das doutrinas de Roma. Ao fazê-lo deve tomar-se cuidado para ver para além da aparência de piedade e esplendor que o catolicismo montou para disfarçar a verdadeira ilustração camuflada por trás. Através das páginas da Palavra de Deus, o Espírito Santo mostrou que Ele não descurou o seu carácter real nem foi enganado pela pretenciosa aparência exterior.

““E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundície da sua prostituição.

““E na sua testa estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÓNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA.

““E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.”

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.”
Apocalipse 17:4-6; 18:24.

Aqui são reveladas, tanto a ofuscante aparência exterior como a corrupção interior. O homem tem a tendência para se impressionar com grandes manifestações de riqueza e poder, medido muito frequentemente o sucesso, os métodos, ou organização de uma pessoa por tais aparências. Mas o valor real é o valor do carácter interior.

O último versículo deste extrato é digno de atenção especial, pois Deus afirma que o sangue de *todos* os homens que morreram é obra do homem do pecado. Satanás procurou lançar a culpa deste sangue sobre Deus. O homem tem sido preparado para acreditar em Satanás, pelo menos até certo ponto, pois, apesar de ser claro para muitos que o pecado e o diabo têm tirado a vida de milhões, também se acredita que Deus teve a Sua parte nessas mortes também. Mas este versículo não subscreve tal ensinamento. Aqui é afirmado que *todo* o sangue de *todos* os mortos é atribuído ao homem do pecado. Este texto então é um forte testemunho bíblico para a verdade que Deus não destrói, pois, se o homem do pecado matou *todos* os que foram mortos, então o Senhor não matou nenhum.

Vamos, então, estudar o resultado na história da obra das doutrinas de Roma. Vede quais foram os frutos desses ensinamentos acerca do carácter de Deus. Se eles têm produzido um grande, caloroso e confiante, amor verdadeiro por Deus e pelo próximo; se trouxeram paz e prosperidade à Terra; se têm aliviado a opressão e libertaram o homem; se abriram as portas para o avanço do conhecimento e das capacidades, podemos então saber que são uma verdadeira apresentação do carácter de Deus. Assim deve ser pois Deus é justo e: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos.”

“O que segue a justiça e a bondade achará a vida, a justiça e a honra.”

“E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça repouso e segurança para sempre.”
Provérbios 14:34; 21:21; *Isaías* 32:17.

Se este é o registo da obra de Roma, então a sua representação da justiça ou carácter de Deus é verdadeira, minuciosa, e deve ser seguida. Mas se os resultados são opostos, então é enganadora, imprecisa, e deve ser evitada.

Os registos da história são claros. Onde quer que Roma tenha pisado, deixou atrás de si a sua ignorância, imoralidade, contenda, guerras, derramamento de sangue, assassinatos e, finalmente, ódio e total rejeição à própria existência de Deus. Os frutos da sua obra foram exactamente o oposto do descrito nos versículos acima. Não conduziu ao amor e lealdade a Deus, mas ao medo e ódio d’Ele e, finalmente, à infiel rejeição de Sua própria existência.

“Roma tinha representado falsamente o carácter de Deus e pervertido Seus mandamentos, e agora os homens rejeitavam tanto a Escritura Sagrada como seu Autor. Exigira fé cega nos seus dogmas, sob o pretenso apoio das Escrituras. Na reacção, Voltaire e seus companheiros puseram inteiramente de lado a Palavra de Deus, disseminando por toda parte o veneno da incredulidade. Roma calcara o povo sob seu tacão de ferro; agora as massas, degradadas e embrutecidas, ao sublevarem-se contra a

tiraniam, arrojaram de si toda a restrição. Enraivecidos com o disfarçado embuste a que durante tanto tempo haviam prestado homenagem, rejeitaram a um tempo a verdade e a falsidade; e erroneamente tomando em sua libertinagem pela liberdade, os escravos do vício exultam em sua liberdade imaginária.” *O Grande Conflito*, 281, 282.

Este parágrafo foi escrito como um comentário sobre a Revolução Francesa, com referência directa à sua causa. Foi uma reacção, um contra-ataque dos oprimidos contra aqueles que por tanto tempo os mantiveram em escravidão mental, física e espiritual. Nenhuma revelação melhor pode ser encontrada do efeito do carácter e da prática de Roma do que essa reacção violenta. Tudo o que se desenvolveu e transpirou naquele tempo terrível foi fruto directo das políticas católicas.

“Foi o papado que começara a obra que o ateísmo estava a completar. A política de Roma produzira aquelas condições sociais, políticas e religiosas, que estavam precipitando a França na ruína. Referindo-se aos horrores da Revolução, dizem escritores que esses excessos devem ser atribuídos ao trono *e à igreja*. Com estrita justiça *devem ser atribuídos à igreja*. O papado envenenara a mente dos reis contra a Reforma, como inimiga da coroa, elemento de discórdia que seria fatal à paz e harmonia da nação. Foi o génio de Roma que por este meio inspirou a mais espantosa crueldade e mortificante opressão que procedeu do trono.” *O Grande Conflito*, 276, 277.

Mas, a revolução não teria sido tão cruel, sedenta de sangue e horrível; o homem nunca teria ido tão longe na sua total rejeição e ódio por Deus, se tivessem visto o papado como sendo uma representação de nada mais do que ele mesmo. Mas ele apresentou-se a si mesmo ao mundo como agente e representante directo de Deus e para milhões de pessoas ele foi a única ilustração de Deus que conheceram. Portanto, eles rejeitaram não apenas a Igreja Católica Romana, mas também o Deus dessa igreja. Por acreditarem que o Deus do Céu era o Deus apresentado por essa igreja, rejeitaram-no do modo mais trágico e odioso.

Essa rejeição encontrou sua expressão mais aberta e activa na Revolução Francesa. Nunca a história forneceu antes ou desde então uma imagem tão clara e convincente da inevitável execução das políticas e práticas do romanismo. Os eventos já foram promulgados há muito tempo e as memórias desapareceram nas sombras do passado, mas estão registados em toda a sua realidade sombria nas crónicas da história. Todo estudante da Palavra de Deus que, correctamente deseja entender o resultado do ensino do carácter de Deus frente a frente com o resultado das falsas representações de Satanás sobre esse carácter, deve estudar o grito angustiado de indignação humana na França de 1789.

Não é uma crónica de amor, confiança, paz, bondade e beleza. É tudo menos isso.

““Vieram então os dias em que o mais bárbaro dos códigos foi posto em vigor pelo mais bárbaro dos tribunais; em que ninguém poderia saudar os vizinhos ou fazer orações ... sem perigo de cometer um crime capital; em que espias se emboscavam de todos os lados; em que todas as manhãs a guilhotina funcionava em trabalho rápido e prolongado; em que as cadeias estavam tão cheias como um porão de navio de escravos; em que, nas sarjetas, o sangue corria espumante para o Sena. ... Enquanto diariamente carradas de vítimas eram levadas ao seu destino através das ruas de Paris, os procônules, a quem a comissão soberana enviara aos departamentos, recreavam-se extravagantemente com crueldade desconhecida mesmo na capital. O cutelo da máquina mortífera levantava-se demasiado vagorosamente para a obra de morticínio. Longas fileiras de prisioneiros eram ceifadas a metralha. Faziam-se rombos no fundo dos barcos repletos. Lyon se tornou um deserto. Em Arras, mesmo a cruel misericórdia de uma morte rápida era negada aos prisioneiros. Por toda a extensão do Loire de Saumur até à desembocadura no oceano, grandes bandos de corvos e milhanos banquetevam-se nos cadáveres nus, juntamente irmanados em hediondos abraços. Não se mostrava misericórdia a sexo ou idade. O número de moços e moças de dezessete anos que foram assassinados por aquele governo execrável, deve ser computado às centenas. Criancinhas arrancadas dos seios eram jogadas, de chuço em chuço, ao longo das fileiras jacobinas.”” *O Grande Conflito*, 281, 282.

Nada disso aconteceu sem uma causa que, se correcta e totalmente determinada, fornece uma lição de valor inestimável. Isto será verdade apenas se toda a causa for percebida. Embora seja verdade que o comportamento do papado foi o factor que desenvolveu esses resultados, isso não é suficiente. A raiz foram as suas práticas, como *a má representação do carácter de Deus*.

O seu comportamento ao isolar-se de Deus produziria apenas uma reacção contra si própria. As multidões unicamente podiam rejeitar essa igreja, mas quando foram levadas a acreditar que ela era uma verdadeira ilustração de Deus, então a sua reacção foi a mais violenta contra a igreja e contra Deus.

Nada podia agradar mais a Satanás, pois ele operou através do papado para alcançar estes resultados. Com as multidões ele tem sido muito bem-sucedido, contudo, os próprios meios que emprega para falsificar Deus, fornecem aos espiritualmente iluminados uma prova de que Deus não é como o mundo e as igrejas O vêem. Isto é conseguido pela descrição dos resultados do ensinamento papal desde o início até à consequência final. Então será reconhecida a relação entre as filosofias de Babilónia acerca de Deus e a certeza da obra de derramamento de sangue, torturas, desconfiança, ódio, violência, ateísmo, imoralidade e os outros múltiplos horrores. Ninguém deseja que estes sofrimentos maus lhes aconteçam. Portanto, quando se compreende que eles resultam desses conceitos errados acerca de Deus, do mesmo modo as rejeitarão e haverá um regresso às revelações de Deus que gerarão amor, alegria, paz, gentileza, longanimidade, misericórdia, paciência, etc.

A compreensão papal é que Deus é um ser acima da lei. Embora Deus exija ao Seu povo não matar, mentir ou roubar, Ele não está sujeito a estas coisas na Sua relação com elas. Os papistas acreditam que a lei é para proteger Deus *e o papa* das multidões, mas não as multidões deles. Porque o papa acreditava que era Deus sobre a Terra, agiu de acordo com estes princípios no seu trato com o povo.

A terrível anarquia e ateísmo da Revolução Francesa foram o resultado directo desse ensinamento.

Quem sobre esta terra desejaria ver a pacífica atmosfera da sua sociedade despedaçada por condições tão horríveis?

Ninguém!

Que todos, então, rejeitem o ensino que é a raiz desse resultado – o ensino de que existe uma lei para Deus e outra para o povo. A grande verdade de que a lei é a própria transcrição do carácter de Deus deve ser compreendida.

É o ensino e prática de Roma que Deus primeiro convida com misericórdia, mas no fim recorre à força destruidora para banir aqueles que não Lhe obedecem. Consequentemente, ela própria comportou-se deste modo, acreditando e ensinando que estava a fazer a própria vontade de Deus e a manifestar o Seu carácter e caminhos. Nisto, ela cumpriu a profecia de Cristo quando Ele disse, “... vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar *cuidará* fazer um serviço a Deus.” *João* 16:2.

Mas os homens não amarão nem servirão um Deus assim. Tão certo quanto este conceito do carácter de Deus é projectado, também o homem rejeitará tal Deus. A grande reacção da Revolução Francesa prova isso. A mensagem que irrompeu dos corações e vozes da população nessa altura foi se isto era Deus então ninguém queria nada d’Ele – para sempre.

Pode argumentar-se que há milhões hoje que acreditam que Deus misericordiosamente convida em primeiro lugar o povo ao arrependimento, mas usa a força destruidora se não se arrependerem e contudo, apesar de serem nisto, O amam e servem. É verdade que por um tempo isto é assim. Pensai nos séculos durante os quais o povo da Idade Média continuou a servir a Deus como os romanistas O apresentaram, mas isto não podia continuar e não ia continuar para sempre. Chegou uma altura em que a reacção teve início e a rejeição desse tipo de Deus foi total.

De novo, a Terra está a caminhar para outra rejeição absoluta de Deus. Quando chegar esse tempo, todos os horrores da Revolução Francesa serão repetidos, mas não dentro dos limites confinados de uma escala nacional. Será global. Então o resto do mundo não contemplará apenas

com assombro e espanto as lutas mortais de uma nação, porque ele próprio estará na mesma angústia de morte.

No conflito final vindouro, todas as pessoas na Terra serão obrigadas a posicionar-se num lado ou no outro da grande controvérsia. O lugar em que cada um está hoje, as ideias sendo mais profundamente formadas em cada mente e as práticas seguidas, estão a determinar onde cada um ficará nesse dia a não ser que a sua posição seja revista enquanto a oportunidade para o fazer ainda permanece.

Já considerastes com cuidado, oração e honestidade as implicações da vossa presente compreensão do carácter de Deus? Seria bom que cada um o fizesse, pois quando isto é compreendido, bem pode ser vista a necessidade de uma imperativa mudança.

Se acreditais:

- Que Deus não está preocupado com a Sua observância pessoal da lei;
- Que Ele faz o Lhe agrada no sentido em que o homem faz como lhe apraz;
- Que a lei se destina a proteger Deus do povo mas não o povo de Deus;

Então estais no lado do maior agente de todos os tempos pelo qual Satanás tem interpretado falsamente o carácter de Deus.

Se acreditais:

- Que Deus primeiro procura ganhar com apelos de amor e tratamento misericordioso;
- Mas no fim usa força para fazer desaparecer os que não O servem.

Então a vossa posição não é diferente da posição da Igreja Católica Romana. Sereis o contentamento do diabo, pois os propósitos dele são realizados em vós.

Por outro lado, se estas coisas nunca vos ocorreram antes, então a decisão tem que ser tomada mais cedo ou mais tarde para vos unirdes a estes pontos de vista ou a rejeitá-los em troca de algo melhor. Se a escolha certa é feita, então mais um passo será dado para serdes tirados das trevas de Babilónia.

Para acreditar:

- Que Deus ama os Seus inimigos – *por algum tempo*;
- Que faz bem aos que Lhe fazem mal – *por algum tempo*;
- Que abençoa os que O maldizem – *por algum tempo*.

E depois:

- Odeia os Seus inimigos;
- Derrama mal sobre os que Lhe fazem mal;
- Amaldiçoa os que O amaldiçoam;

É defender conceitos que são papais e mundanos.

Manter essas noções quando a luz sobre o carácter de Deus é apresentada, é garantir a continuação nas trevas e no erro. Quando o último grande conflito chegar, será certa a posição ao lado do grande apóstata, sem esperança de ser contado entre a multidão que caminhará pelas ruas de ouro.

De modo contrário, se acreditardes:

- Que a lei é a perfeita transcrição do carácter de Deus;
- Que Lhe agrada fazer apenas justiça – o perfeito cumprimento da lei;
- Que Ele designou a lei como perfeita protecção não apenas para nós e nossos semelhantes, mas também para Si;
- Que Ele ama os Seus inimigos dos quais o diabo é o maior;
- Que Ele abençoa os que O amaldiçoam – *para sempre*;
- Que Ele faz bem aos que O odeiam – *para sempre*;
- Que Ele nunca usa a força como último ou qualquer recurso;
- Que Ele nunca derrama destruição sobre as cabeças dos que se recusam a obedecer-Lhe;

Então outro grande passo foi dado para sair das trevas de Babilónia;
Foi encontrada a verdade acerca do Pai e do Filho e uma posição certa foi tomada no grande conflito.

“Conhecer a Deus é amá-Lo.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Tal testemunho apenas pode significar que conhecer Deus *Tal como Deus é*, é amá-l’O. Portanto conhecer Deus *como Ele não é, é odiá-l’O e rejeitá-l’O* como é tão claramente provado pela Revolução Francesa.

Por conseguinte, conhecer Deus *como Cristo O revelou* tanto pela palavra como pelos actos *é amá-l’O*, ao passo que conhecê-l’O como *o mundo* e o *papado* O apresentam tanto pelo ensino como pela prática *é odiar e rejeitá-l’O*.

O fruto do primeiro é a *fé*; e o da segunda é *infidelidade* e *ateísmo*.

A derradeira felicidade, realização e conquista é amar a Deus como Ele nos ama. Satanás está determinado a frustrar isto. A sua arma é a falsa representação do carácter de Deus no uso da qual ele é muito bem-sucedido. Ninguém pode dizer que felicidade, cumprimento e realização reinaram em França nesses dias terríveis de revolução. Longe disso.

Para nos encher com suprema alegria e felicidade, Deus desmascara as mentiras de Satanás acerca da Sua justiça e dá a todos o conhecimento do Seu carácter. À medida que isto é entendido e experimentado, o crente amará a Deus e a seus semelhantes como nunca pensou ser possível. Um grande laço de união haverá em todos os seres nos céus em cima e em todo o verdadeiro crente. Vida eterna e alegria serão a experiência de todos sem qualquer sombra a manchar a vida de qualquer um.

Possa tal perspectiva gloriosa ser um incentivo suficiente para levar cada um e todos à rejeição dos ensinamentos de Satanás através do papado e do mundo e aceitar tanto intelectualmente como na vida prática, a experiência pessoal da verdade da justiça de Deus.

Capítulo 19

O Mistério – Revelando a Cruz

“O mistério da cruz explica todos os outros mistérios. À luz que emana do Calvário, os atributos de Deus que nos encheram de temor e pavor, aparecem belos e atraentes. Misericórdia, ternura e amor paternal são vistos a confundir-se com santidade, justiça e poder. Enquanto contemplamos a majestade de Seu trono alto e sublime, vemos Seu carácter em suas manifestações de misericórdia, e compreendemos, como nunca dantes, a significação daquele título enternecedor: ‘Pai nosso.’” *O Grande Conflito*, 652.

O mistério da cruz explica todos os outros mistérios.

Que tesouro a cruz de Cristo é para nós! Aqui está uma promessa tão preciosa, tão salvadora, tão completa, que transborda o coração de gratidão pelo que Deus proporcionou nessa revelação e segurança no conhecimento de que na cruz se explica todo mistério intrigante e frustrante.

É impossível compreender o carácter de Deus como realmente é até que todo mistério sobre ele seja levado à luz que brilha do Gólgota. Nem mesmo os anjos puderam compreender o carácter de Deus e serem libertados das acusações diabólicas de Satanás contra o Onnipotente, até que Jesus clamou: “Está consumado.” A evidência disto já foi apresentada no capítulo quatro. Ali se mostra que “Até à morte de Jesus, o carácter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos.” *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Portanto, se os anjos não puderam compreender todas as obras de Deus no período do Antigo Testamento até que as viram à luz da cruz, então não temos possibilidade de entender esses mistérios doutra forma. À luz destes factos, todo o cristão devia determinar que não tirará conclusões finais acerca do carácter de Deus até que tenha avaliado todos os problemas à luz do Calvário.

“Para ser correctamente entendida e apreciada, toda verdade na Palavra de Deus, do Gênesis ao Apocalipse, deve ser estudada à luz que flui da cruz do Calvário, e em ligação com a maravilhosa e central verdade da expiação do Salvador. Quem estuda o maravilhoso sacrifício do Redentor cresce em graça e conhecimento.” *SDA. Bible Commentary* 5:1137.

Este é um testemunho muito relevante. Ele estabelece que não existe uma única verdade bíblica que possa ser entendida correctamente, excepto à luz que flui do Calvário. Ninguém, então, que estuda os mistérios do comportamento de Deus sem se referir ao sacrifício de todos os sacrifícios, pode chegar a um entendimento correcto das verdades das Escrituras. Isso significa, conseqüentemente, que é impossível conhecer Deus como Ele é, impossível entender correctamente o Seu carácter e a natureza da Sua lei, a menos que tudo isso seja estudado com referência contínua à cruz do Calvário.

À luz destas coisas, não surpreende que aqueles que insistem que Deus destrói, rejeitem a cruz como se ela não fosse qualquer ajuda ou suporte significativo na questão do carácter de Deus. Em todos os Seus argumentos não fazem apelo para ela e rejeitam expressamente qualquer testemunho que contrarie as suas ideias fixas a respeito do comportamento de Deus.

Tal atitude é trágica, pois não há revelação mais poderosa do Seu carácter do que a cruz do Calvário. Perante ela, todos os outros argumentos caem na insignificância e todos os erros são expostos pelo que são.

“Se os que hoje estão ensinando a Palavra de Deus, exaltassem a cruz de Cristo mais e mais, haveria muito maior sucesso em seu ministério. Se os pecadores forem levados a contemplar com

fervor a cruz, se alcançarem visão ampla do Salvador crucificado, reconhecerão a profundidade da compaixão de Deus e a malignidade do pecado.

“A morte de Cristo prova o grande amor de Deus pelo homem. É o penhor de nossa salvação. Remover do cristianismo a cruz, seria como apagar do céu o Sol. A cruz nos aproxima de Deus, reconciliando-nos com Ele. Com a enternecedora compaixão do amor de um pai, Jeová considera o sofrimento que Seu Filho teve de suportar para salvar a raça da morte eterna, e nos recebe no Amado.

“Sem a cruz não teria o homem união com o Pai. Dela depende toda a nossa esperança. Daí brilha a luz do amor do Salvador; e quando ao pé da cruz o pecador contempla Aquele que morreu para salvá-lo, pode rejubilar-se com grande alegria, pois seus pecados estão perdoados. Ao ajoelhar-se em fé junto à cruz, alcançou ele o mais alto lugar que o homem pode atingir.

“Por intermédio da cruz aprendemos que o Pai celestial nos ama com amor infinito. Podemos admirar-nos de haver Paulo exclamado: ‘Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo’? Gál. 6:14. É nosso privilégio também nos gloriar na cruz, nosso privilégio dar-nos inteiramente a Ele, como Ele Se deu por nós. Então, com a luz que jorra do Calvário a brilhar em nossa face, podemos sair para revelar esta luz aos que estão em trevas.” {AA 116}, *Atos dos Apóstolos*, 209, 210.

“O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isso tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos pastores.” *Obreiros Evangélicos*, 315.

“Quando estudamos o caráter divino à luz da cruz, vemos a misericórdia, a compaixão e o perdão, misturados à equidade e à justiça. Vemos no trono Alguém tendo nas mãos, nos pés e no lado as marcas do sofrimento suportado para reconciliar o homem com Deus. Vemos um Pai, infinito, habitando na luz inacessível e, todavia, recebendo-nos para Si através dos méritos de Seu Filho. A nuvem de vingança que ameaçava apenas miséria e desespero, à luz da cruz refletida revela as palavras de Deus: Vive, pecador, vive! Penitente e crente alma, vive! Eu paguei o resgate!

“Na contemplação de Cristo demoramo-nos na praia de um amor sem limites. Procuramos falar deste amor, e a linguagem falha. Consideramos Sua vida sobre a Terra, Seu sacrifício por nós, Sua obra no Céu como nosso Advogado e as mansões que Ele está preparando para os que O amam; e não podemos mais que exclamar: Ó altura e profundidade do amor de Cristo! ‘Nisto está a caridade, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho em propiciação pelos nossos pecados.’ I João 4:10. ‘Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus.’ I João 3:1.” *Atos dos Apóstolos*, 333, 334.

“A cruz do Calvário desafia, e por fim derrotará todos os poderes terrestres e do inferno. Na cruz está centrada toda a influência, e dela sai toda a influência. É o grande centro de atracção; pois nela Cristo deu a Sua vida pela raça humana. Este sacrifício foi oferecido para o propósito da restauração do homem à sua perfeição original. Sim e mais ainda, foi oferecida para lhe dar uma total transformação do carácter, fazendo dele mais do que um conquistador.

“Aqueles que na força de Cristo vencem o grande inimigo de Deus e do homem, ocuparão uma posição nas cortes celestiais acima dos anjos que nunca caíram.

““Cristo declara ‘E Eu quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim.’” Se a cruz não encontra uma influência em seu favor, ela cria uma influência. Através de gerações sucessivas, a verdade para este tempo é revelada como verdade presente. Cristo na cruz foi o meio pelo qual a misericórdia e a graça se encontraram e a justiça e a paz se beijaram. Este é o meio que deve mover o mundo.” *SDA. Bible Commentary* 5:1113.

Foi um despertar e a apreciação destas grandes verdades que fizeram com que Paulo declarasse:

“Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, Pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.” *Gálatas* 6:14.



O Mistério – Revelando a Cruz

A cruz é a revelação máxima do carácter de Deus. Através dela, todos os princípios podem ser medidos com segurança.

Portanto ele disse: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.” *1 Coríntios* 2:2.

Todas estas palavras são maravilhosas, inspiradoras, desafiadoras e encorajadoras. Elas providenciam o total encorajamento para prosseguir no estudo do carácter de Deus com a certeza de que, quando esse tema é trazido à luz que flui da cruz, todo o mistério será desvendado.

O problema particular perante nós diz respeito à forma como Deus lida com o pecador não arrependido. O aparecimento do pecado impôs a Deus a maior prova de carácter de sempre. Porque é verdade que quanto maior for o teste maior é a manifestação do carácter presente, a contemplação da forma como Deus trata com o pecador revela mais do maravilhoso carácter de Deus do que qualquer outro estudo podia fazer.

Anteriormente nestas páginas foram reunidas evidências e argumentos para traçar o contraste entre a forma como Deus trata com o pecador e a forma como o homem faz. Já foi mostrado que o Senhor não abençoa por um tempo e depois vem com maldição e destruição sobre os que não se arrependem, ainda que seja totalmente suposto que Ele o faz. As evidências até agora consideradas são esmagadoramente convincentes. Vamos agora estudá-las à luz da cruz. Elas serão confirmadas ou negadas por esse testemunho totalmente digno de confiança do carácter de Deus.

A cruz é a demonstração pessoal de Deus da forma como Ele no fim lidará com o impenitente. Cristo tomou o lugar do pecador e Deus tratou com Ele exactamente como tratará com todo o pecador através dos anais do tempo. Este é o ponto que deve ser claramente visto e aceite. Deus não se relacionou com Cristo de modo diferente daquele que faz com o pecador. É exactamente o mesmo. Tem que ser, pois se Deus fizesse o contrário, então Satanás seria muito rápido a acusar justificadamente Deus de parcialidade.

Cristo tomou totalmente o lugar do pecador. Isto foi tão real, tão completo que foi como se Ele fosse o pecador. Foi assim que Deus O viu no Getsêmane e na cruz e foi como um pecador perdido e condenado que Deus O tratou. Não foi uma substituição aparente. Se não tivesse sido absolutamente

real, tudo seria perdido, pois, se Cristo ao tomar o lugar dos pecadores falhasse no menor grau, então nesse grau o resgate não estava totalmente pago.

Esta verdade vital está exposta com grande clareza nestes testemunhos. Todo o encorajamento é dado ao estudante para concentrar a sua atenção nas palavras destes parágrafos para que a mensagem não seja perdida. Tornar-se inabalável na verdade que Cristo não recebeu qualquer tratamento de “filho preferido” de Seu Pai resultante numa punição diferente do pecador perdido e não arrependido. Olhai para a cruz do Calvário para ter uma visão clara da ilustração do modo como Deus agiu ali e então sabereis exactamente como Deus age quando um pecador recusa para sempre a oferta de arrependimento.

No jardim do Éden, apesar dos avisos que lhes foram dados por Deus, Adão e Eva escolheram seguir o caminho da transgressão. Este caminho incorre numa punição, a natureza da qual já foi discutida no capítulo oito. Ali, foi aprendido que Deus deu a vida ao homem, um lar e grandes poderes para o tornar capaz de viver completa felicidade e realização nesse lar. Mas o poder com a sua capacidade para manter a vida nos melhores níveis tem também o potencial para acabar com ela totalmente.

Para proteger o homem de acontecimentos futuros, Deus deu-lhes a lei como um dom de amor do Céu. A obediência a ela perpetuaria a sua eterna perfeita felicidade, mas a desobediência desencadearia todos os poderes numa acção destruidora. Essa destruição de modo nenhum seria a obra pessoal de retaliação de Deus contra o pecador. Seria a inevitável obra do seu próprio modo de agir.

Quando o primeiro par pecou, colocou outro deus no lugar do Deus verdadeiro, tornando-Lhe impossível continuar como Sustentador de todos os poderes da natureza sem forçar a Sua presença onde ela não era desejada. Portanto, no próprio momento em que eles saíram do caminho da justiça, esses poderes estavam a postos prontos para atacar, de modo que, embora tivessem sido dados para osabençoar, haviam sido pervertidos para destruir. Teriam morrido nesse mesmo dia como Deus dissera, se não fosse uma contingência.

“No instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás, e fez as mesmas coisas que Deus tinha dito que não fizesse, Cristo, o Filho de Deus, colocou-Se entre os vivos e a morte dizendo, ‘Que a punição caia sobre Mim. Eu tomarei o lugar do homem. Ele terá outra oportunidade.’” *S.D.A. Bible Commentary* 1:1085.

A substituição de Cristo no lugar do homem foi completa. Cristo suportou a mesma punição e está no mesmo lugar para a receber. Para determinar a natureza da sentença que cai sobre o homem, apenas é preciso estudar o modo como Cristo morreu. Há dois modos pelos quais isso podia ter acontecido.

Uma é sob o poder de um Deus ofendido que Se levanta para reivindicar a Sua autoridade. A morte então seria o resultado do acto directo de Deus. Se este fosse o modo pelo qual o pecador devia morrer então Cristo devia morrer de um modo idêntico. Deus não pode administrar uma sentença a um pecador e uma outra diferente a Cristo, pois, se o fizesse, negaria a verdade que Cristo tomou a punição do homem e Se colocou no lugar dele.

A outra possibilidade é Deus deixar o pecador ao destino que escolheu, uma vez que rejeitou todo o esforço possível da parte de Deus para o salvar. A sua morte então seria o resultado natural da transgressão da lei. Se este é o modo como o homem morre, então este é o modo como Cristo morreu.

Em resumo a questão é, Deus mata o pecador ou é o pecado que o destrói? O que quer que seja destruiu Cristo quando a punição caiu sobre Ele.

A leitura de testemunhos isolados certamente daria a impressão de que foi Deus quem pessoalmente administrou o castigo ao pecador, de acordo com Seu julgamento do que deveria ser. Aqui está um exemplo desses testemunhos.

“Existem limites até para a paciência de Deus. O limite da Sua longanimidade pode ser alcançado, e então Ele certamente punirá. E quando Ele de facto toma o caso do pecador presunçoso, não cessará até que tenha terminado completamente.

“Poucos entendem a pecaminosidade do pecado; eles podem jactar-se de que Deus é bom demais para punir o ofensor. Mas os casos de Miriã, Arão, Davi e muitos outros mostram que não é seguro pecar contra Deus por acções, palavras ou pensamentos. Deus é um ser de infinito amor e compaixão, mas também se declara um ‘fogo que consome, um Deus zeloso.’” *The Review and Herald*, 14 de Agosto de 1900.

Porque temos sido de há muito acostumados a interpretar palavras como estas do mesmo modo como se estivéssemos a descrever o comportamento humano, vemos nelas a descrição de Deus como Aquele que, com a paciência exausta, Se levanta para punir pessoalmente aqueles que O ofenderam. Mas o testemunho da cruz não sustenta tal interpretação.

“A morte de Cristo devia ser o argumento convincente e eterno de que a lei de Deus é tão imutável como o Seu trono. As agonias do Jardim do Getsêmane, o insulto, a zombaria, o abuso acumulado sobre o querido Filho de Deus, os horrores e ignomínia da crucifixão, fornecem suficiente e arrebatadora demonstração que a justiça de Deus, quando pune, faz a obra completamente. O facto que o Seu próprio Filho, Penhor do homem, não foi poupado, é um argumento que permanecerá para toda a eternidade perante santos e pecadores, perante o universo de Deus, para testificar que Ele não desculpará o transgressor da Sua lei. Toda a ofensa contra a lei de Deus, mesmo por um minuto, é estabelecida no julgamento, e quando a espada da justiça é tomada na mão, *fará o trabalho pelos transgressores impenitentes que foi feito ao divino Sofredor*. A justiça será concluída pois o ódio de Deus pelo pecado é intenso e esmagador.” *S.D.A. Bible Commentary* 3:1166.

Nesta citação, é feita referência à operação da justiça *de Deus*. É preciso advertir novamente que os caminhos de Deus não são os nossos e, portanto, a justiça de Deus e a justiça do homem não são a mesma. Mais será estudado sobre isso mais tarde.

Este testemunho reconhece que há uma terrível punição a ser aplicada sobre aqueles que rejeitaram a protecção da lei justa. Ele também afirma que a mesma obra a ser feita na destruição dos impenitentes foi realizada em Cristo quando Ele morreu. Portanto, a Sua morte é uma revelação da obra de Deus na morte dos ímpios. Dessa maneira, podemos entender o significado bíblico de como Deus castiga o pecador.

Antes de olharmos para a cruz para ver exactamente o que o Pai fez ali, vamos estudar mais um testemunho para fortalecer o argumento feito no que se acabou de citar, a saber, que a morte de Cristo foi exactamente como será a morte do pecador.

“É uma coisa terrível para o pecador não arrependido cair nas mãos do Deus vivo. Isto é provado pela história da destruição do velho mundo por um dilúvio, pelo relato do fogo que caiu do céu e destruiu os habitantes de Sodoma.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1103.

Esta é a primeira parte daquilo que está aqui citado neste testemunho. Do que já foi lido até aqui, será formada a ideia que Deus é o destruidor. Quando ouvimos um ser humano falar do seu inimigo nestas palavras, “Se esse homem cair nas minhas mãos...,” sabemos que ele tenciona usar todos os seus poderes para esmagar e destruir pessoalmente esse homem. Assim é natural que pensemos de Deus nos mesmos termos por causa da nossa familiaridade com os significados terrestres de tal expressão. Mas à medida que o testemunho continua ele dá-nos de novo a linha de orientação da experiência de Deus e Cristo na cruz, para nos ajudar a compreender o significado real destas palavras.

“Mas nunca foi isto [a terrível coisa de cair nas mãos do Deus vivo] provado ter tão grande extensão como na agonia de Cristo, o Filho do Deus infinito, quando Ele sofreu *a ira de Deus* por um mundo pecador.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1103.

Então, aquele que olha primeiro e só para aquilo que *pensa ver* acontecendo no dilúvio e em Sodoma e Gomorra, chegará a uma compreensão incorrecta do que quer dizer cair nas mãos do Deus

vivo. Mas, se olha primeiramente para a morte de Cristo e compreende nessa revelação, o que quer dizer cair nas mãos do Deus vivo, então terá o entendimento certo do carácter e justiça de Deus.

A revelação desta verdade é fortalecida à medida que lemos mais para a frente no parágrafo. “Foi em consequência do pecado, a transgressão da lei de Deus, que o Jardim do Getsêmane se tornou proeminentemente o lugar do sofrimento para um mundo pecador. Nem pena, nem agonia, pode igualar-se àquela que foi suportada pelo Filho de Deus.

“O homem não foi feito portador do pecado, e ele nunca conhecerá o horror da maldição do pecado que o Salvador suportou. Nenhuma tristeza pode ser comparada à tristeza d’Aquele em quem a ira de Deus caiu com força avassaladora. A natureza humana pode suportar, apenas uma limitada medida de testes e provas. O finito só pode suportar a medida finita após o que a natureza humana sucumbe; mas a natureza de Cristo tinha uma capacidade de sofrer muito mais; pois o humano existia na natureza divina e criou uma capacidade para suportar o sofrimento que resultou dos pecados de um mundo perdido. A agonia que Cristo sofreu, amplia, aprofunda e dá uma concepção mais extensa do carácter do pecado, *e do carácter da retribuição*, que Deus trará sobre aqueles que continuarem em pecado. O salário do pecado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna através de Jesus Cristo para o pecador arrependido e crente.” *S.D.A. Bible Commentary* 5:1103.

Por isso Cristo disse, “Que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei *no lugar do homem*.”

Isto foi o que Ele fez. Deus aceitou a Sua palavra à letra de modo que:

- A espada da justiça fez a Cristo exactamente o que teria feito ao homem pecador e fará quando o impenitente finalmente sofrer a sua última destruição;
- Ele terá recebido o total derramamento da ira de Deus;
- Caiu nas mãos dos Deus vivo;
- E assim morreu *como o homem morrerá se permanecer em pecado*.
- Sendo assim, resta apenas a necessidade de estudar como Jesus morreu na cruz para compreender como Deus Se irá relacionar com o pecador;
- Para compreender o que é a ira de Deus;
- E o que consiste a punição do pecado.

Na cruz do Calvário, Cristo morreu a morte do pecador. Foi uma morte que compensou todas as exigências da lei de Deus. Foi a punição de Deus sobre os pecadores, mas não foi à mão de Deus que Cristo morreu. *O Pai não matou o Seu Filho*.

Foi o pecado que matou o Filho de Deus. O Pai apenas *Se retirou* do Filho e *deixou-O* perecer porque não havia nada que Ele pudesse fazer. Cristo estava na posição do próprio pecador que não deseja nada de Deus e pede-Lhe que Se retire. Com a retirada do poder sustentador, protector da vida, dador de vida de Deus, não havia nada para salvar Cristo do horrível, destruidor poder do pecado. O seu peso terrível esmagou as forças da vida até à extinção.

“Não foi, porém, a lança atirada, não foi a dor da crucifixão, que produziu a morte de Jesus. Aquele grito soltado ‘com grande voz’ [Mateus 27:50; Lucas 23:46], no momento da morte, a corrente de sangue e água que Lhe fluiu do lado, demonstravam que Ele morreu pela ruptura do coração. Partiu-se-Lhe o coração pela angústia mental. Foi morto pelo pecado do mundo.” *O Desejado de Todas as Nações*, 772.

Não pode haver engano no modo como Cristo morreu. De acordo com isto, não há dificuldade em saber como o homem irá morrer às mãos destruidoras do pecado. Na cruz, quando a total penalidade que Cristo tomou para ficar no lugar do homem, foi executada, Cristo não encontrou o Pai à Sua espera ali como um executor para acabar com todo o raio de esperança e elemento de vida. Foi o pecado que, nesse papel, O esperou.

Assim o homem nunca encontrará Deus esperando para ser o seu executor. Satanás faz com que *pareça* que assim é, mas não. A cruz do Calvário prova isso. O pecado é o destruidor que espera o condenado pecador. O homem coloca-se à mercê do seu poder obliterador pela sua total rejeição de Deus que ele troca por outro deus que não tem poder para o amparar e proteger.

Com Cristo, Deus ter-Se afastado d’Ele foi o cumprimento do concerto feito entre o Pai e o Filho que o Salvador ficaria no lugar do homem para receber a punição em que o homem incorreu. Este foi um sacrifício voluntário feito tanto pelo Pai como pelo Filho. Para Deus aceitar que Cristo ficasse no lugar do homem, teve que Se separar de Cristo como o faria de um pecador culpado, deixando-O assim exposto ao poder destruidor do pecado.

É por causa disso que o homem é deixado. É assim que ele perece. A forma particular pela qual o executor o espera muda de acordo com o lugar e as circunstâncias. Assim, alguns encontram o severo ceifeiro na pessoa de inimigos enraivecidos; outros perecem pela incursão de terríveis doenças; alguns são abatidos pela natureza descontrolada; ao passo que outros perecem em acidentes e calamidades. Todas estas forças esperam a oportunidade para semear a destruição e morte na família humana. Elas apenas podem realizar as suas missões de destruição quando Deus é forçado a afastar-Se deixando os homens ao destino que escolheram.

Nada pode negar as verdades apresentadas por Cristo na cruz. Ele tomou a punição que devia cair sobre o homem do modo pelo qual cairia eventualmente sobre Ele no juízo final. Nisto é-nos dada a mais exacta ilustração da natureza da ira de Deus e a punição do homem que jamais podia ser dada.

Pode-se argumentar que no final será um fogo que engolirá tudo que obliterará a humanidade e que esse castigo não caiu sobre Cristo. É verdade que nenhum fogo literal consumiu Cristo na cruz, mas isso não cria problemas. A arma específica usada pelo pecado para punir o pecador variará de acordo com as circunstâncias. Às vezes é fogo, como em Sodoma e Gomorra e no final, ou é um terramoto, um maremoto, uma erupção vulcânica, a devastação terrível de uma doença ou o ataque de outros homens. O meio particular pelo qual a punição do pecado é administrada não é importante. O importante é que, quando o pecador rejeita a mão protectora e sustentadora de Deus, liberta as forças reprimidas da destruição sobre ele.

É assim que foi com Cristo na cruz e como será com todo o pecador que perece nesta primeira vida ou na ressurreição dos injustos. A presença protectora de Deus é retirada, deixando o pecador exposto a todo o poder destruidor de uma má consciência interna e às forças desencadeadas da natureza externa.

Então aqueles, que total e verdadeiramente compreendem o modo pelo qual a punição do pecado cairá, como a justiça de Deus atingirá e como a ira de Deus desce sobre a desprotegida cabeça do culpado, devem ir ao maravilhoso sacrifício feito no monte fora de Jerusalém. É este o lugar onde se deve começar. Então a partir daí toda a verdade bíblica de Génesis ao Apocalipse deve ser estudada à luz que vem dessa cruz. Apenas então será a verdade compreendida.

Deus não vem contra o pecador equipado com as armas de destruição para executar as Suas punições contra o impenitente. Este não é o Seu caminho. Este é o caminho de Satanás e seus seguidores.

O caminho de Deus foi dar ao homem a lei no primeiro caso como protecção e salvação da morte. Então, quando a humanidade pôs de parte esse Salvador, Ele deu-Se a Si mesmo para os salvar. Quando por sua vez, rejeitam este meio de salvação, nada mais há que o Senhor possa fazer. Nenhuma outra opção senão deixá-los perecer.

Capítulo 20

O Caminho da Cruz

O testemunho da cruz não se limita a provar que Deus não destrói os que rejeitam a Sua misericórdia. Ver nada mais no testemunho do Calvário do que isto é estar limitado a uma desequilibrada visão da sua maravilhosa luz.

As revelações do carácter de Deus e dos Seus propósitos dados na cruz são infinitos no seu âmbito. Elas são inesgotáveis. São tão completamente ilimitados que é impossível chegar alguma vez ao lugar onde se encontra o limite ou o seu fim. No Céu, quando tivermos passado um milhão de anos investigando esta revelação do carácter de Deus, haverá ainda uma infinidade para além disto. Quando alguém tenta reflectir acerca do conhecimento que será acumulado por cem milhões de anos de estudo concentrado e ainda deixa uma infinidade para aprender, fica imediatamente a saber quão pouco foi aprendido pela humanidade sobre o amor e carácter de Deus.

Quanto menos tivermos aprendido a respeito disto hoje, mais difícil será compreender a verdade acerca disto. Para alguns, pode até parecer uma perspectiva desanimadora, enquanto, de facto, deve ser uma das mais tranquilizadoras, pois se algum dia chegarmos a um lugar onde não havia mais nada a aprender, alcançar ou realizar, a alegria do Céu morreria. Portanto, é um conforto saber que esse ponto nunca pode ser alcançado pela mente finita. A eternidade nunca esgotará a beleza, o poder e a maravilha do carácter de Deus e, sempre que aprendermos novas delícias da sabedoria na revelação desse carácter, mais maravilhosa será a alegria e a satisfação que permeiam toda alma.

“Nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso desígnio de graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para que ‘os anjos desejam bem atentar’, e será seu estudo através dos *séculos sem fim*. Mas os seres remidos e os não caídos encontrarão na cruz de Cristo sua ciência e seu cântico.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 19, 20.

“Todo o amor paternal que veio de geração em geração através do coração humano, toda fonte de ternura que se abriu na alma do homem, não passam de ténue riacho em comparação com o ilimitado oceano, quando postos ao lado do infinito, inexaurível amor de Deus. A língua não o pode exprimir, nem a pena é capaz de o descrever. Podeis meditar nele todos os dias de vossa vida; podeis esquadriñar diligentemente as Escrituras a fim de compreendê-lo; podeis concitar toda faculdade e poder a vós concedidos por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai celeste; e todavia existe ainda um infinito para além. Podeis estudar por séculos esse amor; não obstante jamais podereis compreender plenamente a extensão e a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus em dar Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca poderá bem revelar. No entanto, ao estudarmos a Bíblia e meditarmos sobre a vida de Cristo e o plano da redenção, esses grandes temas se desdobrarão mais e mais ao nosso entendimento. E pertencer-nos-á a bênção que Paulo desejava à igreja de Éfeso ao orar ‘que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em Seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos; e qual a *sobre-excelente grandeza* do Seu poder sobre nós, os que cremos.’ Efésios 1:17-19.” *Testimomies* 5:740, *Testemunhos Selectos* 2:337.

O ponto central de toda a glória é a cruz de Cristo.

A contemplação da glória dessa revelação transformar-nos-á à mesma imagem de glória em glória como está escrito: “Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do

Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” *2 Coríntios* 3:18.

Este é o caminho para ficar semelhante a Cristo. Não é pela ameaça de punição ou pela oferta de riquezas eternas que alguém é motivado para desenvolver a aptidão para o Céu. É dedicando a vida ao estudo intensivo do maravilhoso carácter de Deus em resposta ao poder de atracção do amor infinito que a pessoa é transformada à própria imagem de Deus. Se todas as implicações desta verdade pudessem ser avaliadas como deviam, haveria tal estudo intensivo do sacrifício de Cristo como este mundo nunca viu. Paulo apreciou isto de tal maneira que disse, “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado.” *1 Coríntios* 2:2.

Paulo não negou que tinha pregado a doutrina, a profecia ou a lei. O estudo das suas epístolas prova que ele de facto apresentou estes assuntos. Mas o seu testemunho sobre estes temas foi sempre e só no modo como eles se apresentavam à luz que brilhava da cruz. Ele viu correctamente que cada palavra da Escritura era a revelação de Jesus Cristo, cuja melhor manifestação se centra na cruz. Foi por isso que ao pregar a doutrina, a profecia e a lei, a sua pregação entre eles continuava a ser apenas “Jesus Cristo, e Este crucificado.”

Nisto, ele estabeleceu o exemplo para todos os pregadores de todos os tempos. A única obra verdadeiramente eficaz do evangelho é aquela que faz da cruz o centro de todos os discursos. A missão dada a Paulo é a mesma que foi dada a todos os filhos de Deus. Não somos enviados para debater, ou para espalhar dissertações neste ou naquele assunto bíblico. Devemos pregar o evangelho de Jesus Cristo e o seu grande ponto central, a cruz. Paulo afirmou a verdade sobre isto para si mesmo e para nós nestas palavras: “Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, *mas para evangelizar*; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã.” *1 Coríntios* 1:17.

Quando o Senhor deteve o louco caminho de destruição de Paulo e o enviou como missionário aos gentios, deu-lhe a específica missão de *pregar o evangelho da cruz*, mas ao fazê-lo Deus apenas reiterou a grande missão. Antes de deixar a Terra, Cristo juntou os Seus amados seguidores à Sua volta e traçou solenemente a missão deles. “Ide por todo o mundo,” ordenou-lhes, “*pregai o evangelho* a toda a criatura.” *Marcos* 16:15.

Paulo foi no mais exacto sentido, fiel ao seu chamado. Quando se aproximava o tempo para a sua execução, ele disse com convicção sob a inspiração do Espírito da Verdade,

“Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” *2 Timóteo* 4:6-8.

Para a fiel realização da sua comissão, Paulo teve que saber precisamente o que era na realidade o evangelho. O arqui-enganador estava nessa altura tão atento como hoje. Nesta era da conclusão da história humana ele tem a sua espúria versão do ensino da cruz vigorosamente defendida pelas organizações religiosas sob seu controlo. Também ele as tinha no tempo de Paulo. Iluminado pelo ministério do Espírito, o apóstolo inspirado foi capaz de detectar a mentira, enquanto compreendia a sabedoria e o poder residentes no verdadeiro evangelho da genuína cruz. Assim ele tinha competência para apresentar a cruz salvadora distinta da falsa versão.

Portanto, quando fez a observação que “... a palavra *da cruz* é *loucura* para os que perecem; mas para nós os que somos salvos é o poder de Deus,” *1 Coríntios* 1:18, esperou que se compreendesse que a cruz acerca da qual estava a falar não era a cruz conhecida e defendida pelos gentios, mas a apresentada na vida e morte de Cristo. Os princípios incorporados numa estão em directa e hostil oposição aos incluídos na outra. Nunca as duas entrarão em qualquer espécie de harmonia ou cooperação. Onde uma é exaltada a outra é desprezada e rejeitada. Do lado de Deus é o símbolo do próprio espírito que renuncia ao eu, amor altruísta e abnegado amor. É a declaração final que Deus nunca usará os poderes ilimitados que tem para forçar alguém a segui-l’O e a servi-l’O. Do lado de

Satanás, a cruz é a revelação do espírito de egoísmo no seu pior amadurecimento. É a declaração de que aqueles que não se submeterem ao poder dos que mandam serão sujeitos às mais cruéis torturas e mortes.

Tão desprezada é a verdadeira cruz pelo mundo incrédulo que para os gentios era loucura e para os judeus uma pedra de tropeço. Nenhum deles viu nela beleza, poder ou atracção.

“Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria;

“Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos.

“Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.

“Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.” *1 Coríntios* 1:22-25.

Não se deve supor que os tempos mudaram desde os dias de Paulo. Muitos argumentam que sim. As igrejas populares ridicularizariam qualquer sugestão de que para elas a cruz fosse loucura ou uma pedra de tropeço. Para apoiar sua contestação, apontariam para o lugar dominante que ela ocupa na sua literatura, pregação e adoração, e o seu uso prolífico no adorno de suas casas religiosas e pessoas.

Eles então perguntariam se isso não era evidência suficiente para provar que, longe de ser loucura para eles, a cruz era o próprio coração e a vida da sua religião. Este argumento parece conclusivo, e é a afirmação do protestantismo evangélico moderno que eles apenas pregam Cristo e Ele crucificado.

É um argumento adequado para provar ao pensador superficial que a cruz não é loucura para os que aderem às religiões modernas e que, a avaliação dos padrões da cruz nos dias de Paulo era apenas aplicável aos dias dele. Mas o cuidadoso estudante rigoroso da Palavra de Deus que o faz com oração verá que há uma compreensão mais profunda e maravilhosa a ser obtida. Disto verá que não houve mudança e que a verdadeira cruz de Cristo é loucura hoje como o foi nos dias de Paulo. Chegará à conclusão que os religiosos modernos não adoram a cruz de Cristo como pensam, mas outra cruz.

Isto quer dizer que há duas cruzes – a cruz de Cristo e a cruz de Babilónia, geralmente referidas como a cruz cristã. Como foi dito, a primeira é a revelação do carácter de Deus ao passo que a última simboliza o espírito que actua no diabo e nos seus filhos.

O inimigo não instituiu a sua cruz quando levou Cristo ao monte do sacrifício. Nem os judeus ou os gregos a contemplaram ali pela primeira vez. A cruz do diabo vem do tempo em que ele instituiu o seu reino pouco depois do dilúvio. Havia um poderoso “caçador perante o Senhor” cujo nome era Ninrode e cuja breve menção na Escritura aparece em *Génesis* 10:8-11. A sua descrição como *perante o Senhor*, deve ser compreendida no sentido em que ele se colocava a si próprio como se fosse Deus ou no lugar de Deus a quem não respeitava nem obedecia.

A sua vida acabou numa violenta e inesperada morte que a sua mulher, Semiramis, e outros, exaltaram como um sacrifício voluntário da parte dele⁴. Foi ensinado que em virtude dos babilónios reverenciarem esta nobre oferta, seriam preservados para sempre. Como recompensa adequada, Ninrode foi deificado como o deus do Sol e o primeiro dia da semana estabelecido como o seu dia.

Uma vez que o herói morto tinha sido deificado, foram então estabelecidos os mistérios secretos da religião de Babilónia. Em seu devido curso, a licenciosidade de Semiramis gerou um filho ilegítimo. Semiramis e os defensores dos mistérios secretos ensinaram que este filho era a reencarnação do herói morto. Assim Ninrode foi apresentado como sendo tanto o pai como o filho e declarado também que o filho era o marido dela. O nome Tammuz foi dado à criança como significando que este também tinha o nome de Ninrode. Contudo, mesmo que um filho tenha simplesmente recebido o nome do pai, neste caso o nome foi-lhe dado porque se acreditava que o pai

⁴ Vede *The Two Babylons*, 61, 62, por Alexander Hislop, publicado por S.W. Partridge & Co., 4-6, Soho Square, Edição London W.1. 1957.

tinha reaparecido. Não era suposto ser um nascimento no sentido normal. Era considerado como uma encarnação.

É imediatamente visível que em tudo isto existe uma notável contrafacção do mistério de Deus. Cristo devia vir e ter uma morte sacrificial, a aceitação e reconhecimento da qual restauraria a vida eterna. Ele era, na sua encarnação, tanto o Pai como o Filho, ao passo que o Filho de Maria era também num certo sentido o seu Marido. Saliente-se que dizemos que isto é verdade *num certo sentido muito especial* como os leitores bem deveriam compreender. Este papel especial de Pai e Filho era um assunto difícil e, para eles, uma pergunta sem resposta feita por Cristo aos fariseus.

“E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus,

“Dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: De Davi.

“Disse-lhes Ele: Como é então que Davi, em espírito, Lhe chama Senhor, dizendo:

“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

“Se Davi pois lhe chama Senhor, como é seu filho?

“Ninguém podia responder-lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-Lo.” *Mateus 22:41-46.*

O irrefutável testemunho das Escrituras era que o Messias era o Senhor ou pai espiritual do rei Davi, contudo seria ao mesmo tempo, declara a Palavra, o filho de Davi. É o mistério de Deus que o mesmo ser possa ser tanto o pai como o filho e é o mistério da iniquidade pretender que assim é num ser criado à parte do único Ser que de facto o pode ser.

Tammuz então, como o suposto ser encarnado, foi exaltado ao lugar da mais elevada honra nos antigos mistérios e apareceu com nomes diferentes em várias ordens religiosas. Todo o sistema foi desenhado por Satanás para o ajudar mais eficazmente na guerra contra Deus. Enquanto a sua estrutura mantinha a aparência de ser uma reprodução dos mistérios divinos, todo o seu espírito e princípios de operação estavam muito separados e hostis e tão dedicados à guerra contra os princípios divinos que não podia haver qualquer semelhança entre eles. A aparência enganadora foi habilmente idealizada para enredar com o fim de destruir os corpos, mentes e almas dos homens.

É uma característica de todo o sistema inventado pelos humanos construir um símbolo visível como um meio de identificação. Por isso, as nações têm bandeiras, os exércitos têm uniformes, as organizações emblemas, os grupos especiais insígnias, etc. Deus, também, Ele tem os Seus sinais de identificação, mas não são coisas materiais feitas de tecido, bronze, prata ou ouro. São de natureza espiritual e podem ser discernidas apenas com os olhos iluminados.

Assim, os mistérios secretos precisavam de um símbolo para lhes dar uma identificação distinta. Tal sinal tem que ser centrado num ser que, se acredite, tenha regressado dos mortos, Tammuz. De acordo como isto, a primeira letra do seu nome que na sua antiga forma tinha a forma de uma cruz, por isso o, †, se tornou a insígnia desse vasto sistema religioso apostatado e rebelde. Era de tal maneira importante e sagrado nesse sistema antigo como nas ordens papais de hoje. Alexandre Hislop deu forte ênfase a este ponto no extracto seguinte.

““No sistema papal, como é bem conhecido, o sinal da cruz e a imagem da cruz estão presentes em tudo. Nenhuma oração pode ser dita, nenhuma adoração começada, praticamente passo algum pode ser dado, sem o frequente uso do sinal da cruz. A cruz é olhada como grande atracção, como grande refúgio em cada caso de perigo, em toda a hora de tentação como defesa infalível de todos os poderes das trevas. A cruz é adorada com toda a honra devida apenas ao Altíssimo; e qualquer que a invoque, no entendimento de um romanista genuíno, pelo termo escriturístico “de madeiro amaldiçoado,” é uma ofensa mortal.

““Dizer que o sentimento supersticioso do sinal da cruz, essa adoração concedida por Roma a uma cruz de madeira ou metal, cresceu sempre a partir das palavras de Paulo, ‘longe esteja de mim vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo,’ – isto é, na doutrina de Cristo crucificado – é um mero absurdo, um banal subterfúgio e pretensão. As virtudes mágicas atribuídas ao assim chamado sinal da cruz, a adoração que lhe é conferida, nunca veio de tal fonte. O mesmo

sinal da cruz que Roma agora adora foi usado nos Mistérios de Babilónia, foi aplicado pelo paganismo com os mesmos fins mágicos, foi honrado com as mesmas honras. O que agora é chamado a cruz cristã, originalmente não foi de todo um emblema cristão, mas o místico Tau dos caldeus e dos egípcios – a verdadeira forma original da letra T – a inicial do nome de Tammuz – que, em hebreu, é radicalmente a mesma que a antiga dos caldeus, como se encontrou em moedas, foi formada como o N° 1 da xilogravura abaixo:



Fig. 43

e em etrusco e cópico, como Nos. 2 e 3. O místico T era marcado no baptismo nas testas dos que se iniciavam nos Mistérios e foi usado em todas as várias formas como um símbolo sagrado. Para identificar Tammuz com o sol muitas vezes se juntou o círculo do sol, como no N° 4; algumas vezes foi *inserido* no círculo como no N° 5. Embora se duvide que a cruz de Malta que os bispos romanos juntaram aos seus nomes como um símbolo da sua dignidade episcopal, seja a letra T; mas não parece haver razão para duvidar que a cruz maltesa seja um símbolo expresso do sol; pois Layard descobriu-a como um símbolo sagrado em Ninive numa tal relação que o levou a identificá-la com o sol. O místico T, como símbolo da grande divindade, foi chamado “o sinal da vida;” foi usado como amuleto sobre o coração; foi marcado nas vestes oficiais dos sacerdotes, tal como nas vestes oficiais dos sacerdotes de Roma; foi segurado por reis nas suas mãos, como testemunho da sua dignidade ou autoridade divinamente conferida. As virgens Vestais de Roma pagã usaram-no suspenso nos seus colares, como as freiras de agora.

““Os egípcios faziam o mesmo e muitas das nações bárbaras com as quais tinham ligações, como provado nos monumentos egípcios. Na referência ao adorno de algumas destas tribos, Wilkinson escreve assim: “O cinto era algumas vezes muito ornamentado; os homens bem como as mulheres usavam brincos; e frequentemente tinham uma pequena cruz suspensa num colar ou no decote de seus vestidos. Esta última adopção não lhes era peculiar; também era acrescentado, ou desenhado sobre, os vestidos dos Rot-n-no; e traços dele podem ser vistos nos fantasiados ornamentos de Rebo mostrando que estava já em uso tão cedo como o século quinze antes da era cristã.”



Fig. 44

Difícilmente se vê uma tribo pagã em que a cruz não tenha sido encontrada.”” *As Duas Babilónias*, 197, 199.

O testemunho de Paulo de que a cruz era loucura para os gregos não pode ser correctamente entendido a menos que se saiba que a cruz era uma parte tão importante e integral da religião grega e romana de então, como é da religião papal e protestante de hoje. Consequentemente, se as palavras de Paulo fossem reproduzidas a um grego ou romano desse tempo, teriam ridicularizado a ideia como sendo totalmente falsa, exactamente como os religiosos modernos o fariam, se lhes fosse sugerido que a cruz era loucura para eles. Apontariam para o papel dominante da cruz nos seus ritos e cerimónias religiosas, para as suas múltiplas manifestações no funcionamento da igreja e em todas as pessoas e edifícios, apresentando estas coisas como evidência de que a cruz é tudo menos loucura; e que a cruz é um objecto que recebe a maior referência e contínua adoração nos seus cultos.

Eles argumentariam que era a dissertação de Paulo e não a cruz que era loucura.

Portanto, existia o testemunho da palavra de Deus através do inspirado apóstolo contra os argumentos em contrário dos gregos e dos romanos. O primeiro ensinava que a cruz era loucura para os gregos, ao passo que os últimos contradiziam tal acusação. Deve admitir-se que os gregos eram totalmente sinceros naquilo que diziam, crendo que eles e não Paulo, diziam a verdade.

O facto real é que tanto o Espírito de Deus e como os gregos falavam verdade porque estavam a falar acerca de *duas cruzes diferentes*. A cruz que *Paulo* conhecia e ensinava era total loucura para os gregos, ao passo que a cruz conhecida pelos *gregos* era tudo menos isso. Nada mudou desde esse dia. A cruz de Cristo com todos os seus requisitos é ainda loucura para o mundo incluindo os modernos religiosos, ao passo que a cruz conhecida e compreendida pelo mundo é a essência da sabedoria e dos caminhos humanos.

A cruz, seja a de Cristo ou a de Babilónia, não tem qualquer significado em si mesma. São meramente duas peças de madeira inanimada juntas em cruz. Mas, é altamente simbólica. É representativa da cultura, ensino, crença e poderes opostos. Quando isso é compreendido, será visto precisamente como a cruz de Cristo é loucura para os gregos, romanos e para todos os restantes, excepto para os que estejam vitalmente ligados em espírito e princípios a Cristo.

Considerai o simbolismo da cruz tal como era conhecido pelos babilónios, fossem gregos, romanos, judeus, papistas ou protestantes. Estes poderes são todos altamente religiosos na natureza, mas não deve ser suposto que os princípios da sua religião diferem das suas práticas diárias. É claro que há algumas altas pretensões nestas crenças que não encontram comportamento correspondente na vida. Ignoramos isso aqui. Em vez disso, o interesse está nos princípios da religião, o que ela realmente é, não o que ela pretende ser.

Em resumo, enquanto a cruz que Paulo conhecia, vivia e ensinava, era a revelação do carácter de Deus, ao passo que a conhecida, vivida e ensinada pelos babilónios era a revelação do carácter do homem do pecado, o filho da perdição. Portanto, a cruz como um símbolo apareceu nos dias de Tammuz, aquilo que ela representa data do tempo da rejeição de Lúcifer, quando foi estabelecido o sistema de doutrinas falsas.

A cruz, como transporte da mensagem de Deus para o Universo, é a expressão do espírito que procura a bênção e a salvação de outros não importa qual seja o custo para o próprio. Como símbolo dos caminhos de Satanás, ela declara o carácter que procura o seu próprio bem não importando qual o custo para os outros.

Dai agora cuidadosa consideração ao desenvolvimento do carácter de Babilónia. O homem do pecado não é original. O primeiro homem foi justo. Essa é uma verdade por si só evidente, pois no princípio, o Senhor fez todas as coisas boas. Portanto, o homem do pecado deve ser o desenvolvimento pervertido do homem original justo. Passo a passo, pois isto nunca pode ser a obra de um momento, o desvio foi amadurecendo até estar totalmente em inimizade contra Deus que lhe deu uma existência original perfeita.

O primeiro aparecimento deu-se com Lúcifer, a brilhante estrela da alva, mas o que aconteceu nele tem-se repetido em todo o subsequente afastamento do Deus vivo e da cruz de Cristo.

O caminho do Deus vivo é de abnegação e do amor que renuncia. É a sabedoria de Deus que houvesse um círculo de amor saindo d'Ele até aos limites mais longínquos do Universo e regressando a Ele para sair de novo numa glória transcendente de alegria e louvor. Ninguém deve receber meramente para sua própria satisfação e vantagem. Cada um deve ser um canal de modo que tudo quanto é recebido seja passado para os que estão à sua volta, administrando a mesma bênção a outros e esses a outros mais além.

Enquanto essa maravilhosa corrente fluiu em ritmo incessante, nenhuma nota de tristeza ou desagradável discórdia quebrou as doces harmonias do reino universal. Lúcifer, o querubim cobridor, era tão feliz quanto os restantes enquanto fielmente realizou a sua missão no serviço que lhe era indicado.

Mas chegou o tempo em que a sua fidelidade a este princípio começou a vacilar e então quebrou. Ele era o mais brilhante e, portanto, o mais privilegiado, de todos os anjos. Ele detinha a mais elevada posição concedida a uma *criatura*. Ele tinha desenvolvido os mais brilhantes talentos e a sua chegada a este pináculo de poder e glória foi o resultado dos dons derramados sobre ele pelo seu Criador, combinados com o seu diligente esforço pessoal. A princípio, sentiu apenas gratidão para com Deus pelo Seu maravilhoso amor, seu coração correspondia diariamente à vida que fluía de Deus para ele. Mas o passar do tempo eventualmente trouxe-o imperceptivelmente ao ponto em que se tornou grandemente consciente de si mesmo e do seu brilhantismo e menos convicto de Deus que lhe tinha dado tudo.

Com maravilhosa percepção, as Escrituras descrevem a causa da queda de Lúcifer da sublime elevação.

“Na *multiplicação do teu comércio* se encheu o teu interior de violência e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim protector, entre pedras afogueadas.” *Ezequiel* 28:16.

Desconhecemos a natureza da mercadoria que destronou o maravilhoso ser. As mercadorias terrestres são bens vendáveis desde as coisas mais comuns às mais valiosas. Elas são avidamente procuradas pelo mundo, pois a sua posse assegura-lhes libertação das necessidades e a certeza da segurança, conforto e poder.

Seja qual for a forma que elas tenham no Céu não é importante. Mercadoria significava para Lúcifer o engrandecimento de posses pessoais, poder e riqueza. Elas tinham o mesmo efeito sobre ele como tiveram sobre habitantes da Terra através dos tempos, excepto aquelas raras excepções, para os indivíduos que foram de tal maneira tomados pelo espírito do amor abnegado que escaparam a essa tentação.

Esse efeito fez com que Lúcifer *transferisse* gradualmente a sua fé do *Dador* de todas as coisas, para as *dádivas* providas pelo Dador. Começou a compreender que se retivesse o que caía em seu poder, acumularia então muito mais dessas coisas maravilhosas. Assim o já muito rico anjo enriqueceria muito mais.

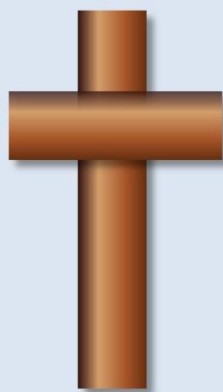
Tudo isto não é tão facilmente visto na vida Lúcifer como nas vidas dos homens e mulheres. O procedimento tem sido repetido vezes sem conta desde que Satanás veio ter com Eva junto à árvore proibida. Isto é constatado nas histórias dos movimentos que se levantaram em favor de Deus para demonstrar o Seu carácter com eficácia e desse modo dar um fim ao pecado e seus horrores relacionados.

Tais movimentos nascem em tempos de grande apostasia espiritual. O movimento do êxodo do Egipto tirou o povo das profundas trevas da longa noite no Egipto. Assim aconteceu com o regresso à Terra Prometida depois do cativeiro em Babilónia. Mais tarde a igreja apostólica emergiu das trevas da longa rejeição dos judeus dos princípios divinos como o fizeram as igrejas da reforma da meia-noite papal.

Esses regressos para Deus são protagonizados inicialmente por uma única voz atacando a esmagadora oposição da elite dominante, ajudada pela superstição, medo e ignorância da população em geral. O mensageiro escolhido pelo Senhor vê com vívida clareza a humanidade sem esperança incapaz de enfrentar com êxito estes poderes das trevas combinados, mas não pode voltar atrás. Está entregue à sua missão. Portanto, é forçado a procurar refúgio no Altíssimo para obter força.

Ao confessar a sua fragilidade e necessidade e pela fé constrói uma relação viva com o Altíssimo, as janelas do Céu abrem-se e luz, poder e ajuda material são direccionadas para ele. Apressa-se a levar estas dádivas para a batalha, e, logo que elas se esgotam regressa para receber ainda mais. Quando outros se juntam a ele, com igual consagração, levam tudo o que têm para a batalha, olhando para Deus e só para Deus em busca de orientação e apoio. O sentido de necessidade durante este período é muito grande, resultando numa total falta de suficiência pessoal.

UMA CRUZ DUAS MENSAGENS



**A CRUZ DE DEUS
A LEI DA VIDA
É O PRINCÍPIO
DO
AMOR ALTRUÍSTA**

ISTO É
O SERVIÇO PELOS OUTROS
INDEPENDENTEMENTE
DO CUSTO
PARA O QUE SERVE

A VESTE DE CRISTO
ESTÁ
MERGULHADA NO
—SEU PRÓPRIO SANGUE—

**O SANTO
CONCERTO**

**A CRUZ DE SATANÁS
A LEI DA VIDA
É O PRINCÍPIO
DO
SERVIÇO AO EU**

ISTO É
O SERVIÇO AO PRÓPRIO
INDEPENDENTEMENTE
DO CUSTO
PARA OS OUTROS

A VESTE DE SATANÁS
ESTÁ
MERGULHADA NO
—SANGUE DOS OUTROS—

**O CONCERTO
ESPÚRIO**

À medida que o tempo passa, grandes vitórias são alcançadas, outros se juntam às fileiras e as lutas iniciais são seguidas por um período relativamente calmo. Deus continua a mandar as Suas maravilhosas bênçãos sobre eles com o propósito que eles as usem para chegar mais longe com a mensagem do poder.

Porém, como os israelitas dos dias de Josué que não levaram a batalha aos extremos confins da terra, mas permitiram que permanecessem bolsas de rebelião, assim os crentes que não seguem a directiva para irem além de Jerusalém e Samaria aos confins da Terra. Privação, abnegação e sacrifício não são atractivos para a natureza humana que prefere descanso das batalhas, facilidades, prazeres, conforto e, acima de tudo, segurança. A tentação de se afastar, pelo menos em parte, do centro da batalha é tão atraente como vencer pouco a pouco. Mais e mais os dons de Deus são apropriados para segurança e conforto pessoal.

Enquanto se forma uma firme base de segurança material, reduz-se o intenso sentido de necessidade que previamente levou a Deus como o Dador de todas as coisas boas, enquanto o centro de interesse é colocado cada vez mais na aquisição do material e visível. Em breve, casa é adicionada a casa, terra a terra, até que toda a missão da igreja se perde, a acumulação de riqueza torna-se o grande objectivo na vida.

Inevitavelmente isto produzirá a transformação de condições no espírito e experiência daqueles que uma vez se devotaram ao serviço de Deus e da humanidade. Os seus pensamentos e interesses serão cada vez menos acerca de Deus e cada vez mais para a mercadoria. O aumento das posses produzirá o sentimento crescente de segurança. As bases da sua fé tornam-se o dinheiro, casas, terrenos e outros sistemas de suporte de vida visíveis. Esses perderam a fé em Deus. Mas é importante que compreendam que não perderam fé. Pelo contrário, transferiram a sua fé no grande Dador de todas as coisas, para as coisas dadas pelo Dador.

O crescente orgulho e a satisfação pessoal são tomados em sua crescente prosperidade. Eles vêm com gratidão o seu trabalho diligente, o seu pagamento honesto e fiel das contas e a sua atenção escrupulosa às várias obrigações, como prova de que ganharam a sua riqueza sem culpa. Eles sentem-se com direito a tudo o que têm. Consideram-se abençoados pelo Céu, possuidores de não mais do que os seus justos direitos. Esta convicção desenvolve neles o espírito de disputa por esses direitos, de modo que, se alguém ameaçar tirar-lhes a mais pequena parte dos seus ganhos, resistirão e até contra-atacarão até o limite dos seus poderes.

A tragédia humana é que a verdadeira natureza daquilo que fizeram está escondida deles. Aquilo que contemplavam como sendo um trajecto perfeitamente legítimo, é de facto de fraude e roubo, pois apropriaram-se dos bens que lhes foram confiados, para um propósito que não era o que tinha sido designado pelo Dador.

Esta Terra não é o Céu. É um deserto de sofrimento e desespero criado pela entrada do pecado. Existe uma situação de crise que o Pai e os ministros celestes se dedicam a terminar o mais rápido possível. Mas é impossível conseguir isto sem a total cooperação da família humana. Deus não deixa aqueles que aceitam a sua responsabilidade, fazerem este trabalho sozinho. Ele disponibilizou todos os meios necessários. Mas nada disso é dado ao homem para transformar esta Terra num paraíso, enquanto a grande maioria sofre carências, doenças, aflições e degradação. Todos esses dons são dados para levar adiante o vasto programa de salvação. Parte disso é necessário para abrigar, alimentar e vestir os participantes do trabalho, assim como um soldado no campo deve ser pessoalmente sustentado. Mas, além do estritamente necessário para esse fim, os meios fornecidos pela graça de Deus e pelo diligente labor do crente devem ser devolvidos ao Senhor com juros.

Jesus Cristo deu o melhor exemplo disto. Ele recebia muito de Seu Pai, dia após dia, mas nada disso era usado para Sua própria gratificação pessoal. Tudo o que Lhe foi confiado, Ele usou como mordomo fiel na execução, com resoluta consagração à missão de pregar o evangelho da cruz.

Tragicamente, este inigualável exemplo raramente é compreendido e menos ainda seguido por aqueles que afirmam ser seguidores d'Aquele que é manso e humilde. Em vez de serem mordomos estritamente fiéis, eles desviaram para outros usos o que o Senhor deu para propósitos

especificamente designados. A punição da infidelidade será colocada sobre esses. A corrente de bênçãos pretendida por Deus para fluir através deles parou com eles para se tornar um Mar Morto.

Estas são apenas as primeiras fases de um engano humano. As Escrituras dizem-nos que no caso de Lúcifer a multidão da sua mercadoria encheu o seu interior de violência. (ver *Ezequiel* 28:16.) Portanto, a queda não está completa até que se revele a violência. Isto acontece sempre.

À medida que um homem fica obcecado com a acumulação cada vez maior de bens materiais, mostra cada vez menos respeito e consideração pelo seu próximo. Caso se coloquem no seu caminho, oprimi-los-ão.

Se puderem ser usados para os ajudar a construir o seu império não hesitará em os explorar.

Uma vez que tem uma vantagem superior, será bem-sucedido no aumento do poder e riqueza desta maneira. Contudo, haverá um ressentimento crescente da parte dos que são usados e que por fim sairão em luta aberta. Durante a história humana é possível encontrar exemplos disto quando raças oprimidas se levantam contra os seus dominadores. Rios de sangue são derramados, grandes mudanças são efectuadas na estrutura política do mundo e o ceptro do poder passa de um grupo para o outro.

O desenvolvimento da estrutura de poder duma elite dominante, através da qual foi exercida uma pesada opressão sobre as multidões, foi alcançada pela hierarquia judaica no tempo do primeiro advento de Cristo. Deus havia escolhido a nação judaica para levar a verdade da Sua justiça aos lugares habitados mais afastados do globo. Foi-lhes dada toda a vantagem possível e bênçãos como meios para a rápida e completa realização do seu chamamento. Mas eles deixaram de viver a lei do abnegado serviço aos outros e acumularam poder e glória para si mesmos. Transferiram totalmente a sua fé de Deus para a Terra, e, no tempo em que Cristo veio, exibiam todas as obras resultantes desse caminho.

Todo o princípio de operação entre eles era o de Babilónia que declara que, ou serves aos poderes como eles querem que lhes sirvas ou então morres. Este é o próprio centro e substância da filosofia de Babilónia, pelo qual ela procura justificar as chacinas de multidões que se atreveram a recusar subscrever a sua filosofia. Essa é a sua religião; a sua cruz, datada do tempo e Ninrode e Tammuz é o símbolo dela.

Naquela escuridão e tristeza, Jesus veio lançar a luz dos princípios opostos do amor que serve e não busca os seus interesses. Os fariseus e saduceus viram-se confrontados com uma ameaça, como nunca haviam conhecido antes. O perigo de perder a autoridade, o poder, a riqueza e tudo o mais pelo qual tão esmeradamente e incansavelmente tinham trabalhado para alcançar, de repente se tornou terrivelmente iminente para eles.

Eles tinham experimentado em toda a sua procura de riqueza e poder, o perigo contínuo de que alguém viesse e lhos tirasse, mas isto era por gente dedicada aos mesmos princípios que eles. Podiam compreender o trabalho das suas mentes, pois pensavam da mesma maneira. Sabiam como competir com tais suplantadores e fizeram-no com toda a força dos seus poderes.

Mas Jesus trouxe um método de trabalho inteiramente diferente. Não procurou a riqueza e o poder deles como objectivo principal ou qualquer outro objectivo. Ele veio para *implantar* nos corações de todos os homens um novo princípio que na realidade é o mais antigo de todos os princípios que tinha operado através da eternidade sem limite de passado. (Os princípios dos fariseus não existiram senão quando apareceu o pecado.) Esse princípio é o da cruz de Cristo diferente da cruz de Tammuz. É a linha orientadora de vida na qual “O amor que ‘não busca os seus interesses’ tem sua fonte no coração de Deus;” *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Cada palavra dita por Cristo ensinou estes princípios. Cada acto da Sua vida era uma viva e prática demonstração delas, ao passo que a energia que fluía de Deus através d’Ele como uma corrente de vida vibrante, legada aos que estavam dispostos a receber o Seu ministério, o mesmo espírito de serviço abnegado. Por causa disso, homens e mulheres eram atraídos a Ele e desejavam ser receptores da Sua maravilhosa vida. O Seu poder de atracção chega a abranger mesmo aqueles que devotaram as suas vidas ao engrandecimento próprio. Para a maioria, aquelas mentes orgulhosas

e sensuais, ao reconhecerem o chamamento a uma mudança total nas suas atitudes e procedimentos, envolvendo a entrega daquilo a que se agarravam como direitos seus, resistiram com crescente veemência ao ministério do amor do Salvador.

Quanto mais diligentemente Cristo trabalhava para os salvar, mais decididamente se entrincheiravam nas suas posições e inventavam todos os meios possíveis para O impedir de alcançar as mentes do povo. Esperavam que as suas medidas brandas O iriam intimidar e fá-lo-iam desistir da Sua missão, mas como isto não surtiu o efeito desejado, avançaram sob o comando e liderança de Satanás, o mestre deles, até conseguirem pregá-l'O na cruz.

Antes de Cristo começar o Seu ministério público o diabo encontrou-Se com Ele no monte da tentação. Ali fez uma proposta a Cristo mostrando-Lhe os reinos do mundo com a sua glória e poder, prometendo tudo isto a Cristo se Ele apenas o adorasse.

“Novamente O transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles.

“E disse-Lhe: tudo isto Te darei se prostrado me adorares.” *Mateus* 4:8,9.

Esses reinos com a sua pompa e glória tinham sido construídos pelos métodos do serviço ao eu independentemente do custo para os outros. Eles apenas podiam ser mantidos como tal continuando os mesmos procedimentos. Portanto, quando Satanás convidou Cristo a ajoelhar-Se e a adorá-lo para receber a posse de todos estes sistemas terrestres como recompensa, estava, com efeito, pedindo a Cristo para se desviar dos Seus princípios de construção do reino para os de Satanás e do homem pecador.

Ele procurava que Cristo abandonasse o princípio do serviço de altruísmo em troca do serviço ao eu ignorando qualquer custo que pudesse ter para os outros. Satanás sabia bem que se Cristo abandonasse estes princípios em favor dos seus, seria para sempre vencedor no conflito.

Uma vez que Cristo rejeitou totalmente a oferta de Satanás, então o rei dos demónios foi deixado sem outra alternativa senão revelar totalmente o espírito que o motivava. Ele teria o seu próprio caminho, serviria os seus interesses, ambições, desejos e aspirações independentemente de quanto isso custasse aos outros. À medida que Cristo prosseguia dia a dia com imutável fidelidade o caminho da cruz em direcção à cruz, o diabo montou uma campanha com crescente intensidade contra Ele na qual lutou para O forçar a desistir do Seu curso determinado, tornando a Sua missão tão difícil quanto possível através de inconveniências pessoais, sofrimento, dor, humilhação, rejeição, privação de conforto, segurança, protecção e mercadoria. Um dos maiores testes possíveis que podem ser impostos à natureza humana é pedir-lhe que sirva aos outros à sua própria custa.

Quando esse custo pede o sacrifício supremo, executado sob condições de extrema tortura e terrível sofrimento mental, então o teste alcançou a intensidade máxima. “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” *João* 15:13.

Este foi o serviço que Cristo veio fazer, demonstrando assim a própria essência da natureza do carácter de Deus. À medida que essa maravilhosa revelação de Deus é exibida à contemplação, deve reconhecer-se que desse modo Deus através de Cristo declarou que servirá inclusivamente as criaturas que criou não importando qual o custo que isto Lhe trouxesse. Deus declarou antes de haver pecado que isto era o que faria como resultado da Sua própria natureza. Quando a rebelião começou, então a declaração foi testada na sua totalidade. Deus em Cristo demonstrou que Deus é verdadeiro, que é motivado pelo princípio do serviço aos outros independentemente do custo para Si próprio. Se o Calvário não prova isto, então não prova nada.

Tanto quanto foi capaz de compreender, Satanás entendeu que os seus princípios podiam tornar-se o caminho estabelecido apenas pela destituição dos caminhos de Deus e trabalhou inflexivelmente para tornar o serviço de Cristo tão difícil quanto possível, esperando que chegasse o momento em que a Sua humanidade protestaria ao ponto de não prosseguir no pagamento do preço pelos outros.

Porém, não importava quanto Satanás lançasse sobre Ele custo após custo, o Salvador continuou com imutável consistência em direcção ao momento do sacrifício total. Não apenas no Calvário, mas em todo o passo dirigido a esse ponto crucial na eternidade, Jesus viveu pelo princípio de servir sem

considerar o custo para Si mesmo. Portanto, a crucificação não era nada novo para Ele. Era apenas a confirmação final daquilo que tinha sido e vivido eternamente e continuaria a viver para todo o sempre.

A revelação do carácter de Deus como Aquele que serve outros independentemente do custo para si próprio era apenas um lado da questão. Do outro lado, a contínua exigência de Satanás do custo mais elevado possível para o Filho de Deus revelava nele o carácter pelo qual obteria os seus fins não importando o custo elevado que seria pago pelos outros.

Do mesmo modo, o Calvário não era nada novo para Satanás. Ele era a máxima manifestação do seu carácter de total egoísmo. Enquanto observamos ali o seu comportamento, é-nos dado um vislumbre da natureza dos seus princípios e da sua obra-prima final. É visto que não há limite ao qual ele não recorra, nenhum sofrimento que não cause, nenhum preço que não exija, mesmo que seja tomar a vida do próprio Ser que lhe deu a vida e tudo quanto jamais teve – Aquele que lhe deu apenas bondade, amor, justiça, misericórdia e todas as outras coisas boas.

Assim no monte do Calvário, a cruz na qual o Salvador morreu eram, na realidade duas cruzes. Havia a cruz romana ou grega que datava do início da rebelião satânica. Era o testemunho, na expressão mais convincente dos princípios de Satanás em operação. Ali Satanás demonstrou a todas as criaturas no Universo o que lhes faria se não pagassem o preço pelo qual ele podia ter o melhor para si mesmo. Cada pessoa, sistema e organização que seguia a sua liderança operava segundo os mesmos princípios, fosse qual fosse a extensão ao alcance do seu poder para impor as suas vontades.

Uma ilustração gráfica disto é encontrada no comportamento dos senhores da guerra na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Mais do que um cartoonista mostrou isto com caneta e pincel representando Adolfo Hitler e Benito Mussolini empilhando milhões de sacrifícios de vidas humanas, esperanças e fortunas numa montanha suficientemente alta para lhes permitir observar e medir a cobiçada recompensa do absoluto domínio mundial. Era inconsequente para eles quanto os *outros* tinham pago, desde que *adquirissem* o que tinham *desejado*.

Não há nada de loucura para os gregos *nesta* cruz. Eles compreendem e aceitam a sua mensagem. Esse é o único caminho de vida que compreendem, pois para eles é o segredo da sobrevivência, acesso ao conforto e poderes que a natureza humana pecadora deseja.

O maior contraste para esta cruz e sua mensagem é a cruz da qual Paulo falou com tanta reverência e entusiasticamente. Esta é a cruz como Cristo a apresentou ao Universo tanto na Sua vida diária como na própria cruz. Este é o supremo testemunho que o caminho de Deus é fazer qualquer sacrifício – mesmo da Sua própria vida se se provasse ser necessário – para servir outros até à medida da sua desamparada necessidade.

Dessa cruz, a maravilhosa e tocante submissão de Cristo ao preço pedido pela nossa salvação, convida todo o ser até ao mais remoto limite do reino de Deus, a tomar a sua cruz individual e seguir onde Ele guiou o caminho. Escutai a Sua voz soando pelos séculos desde o dia em que deu os Seus conselhos aos amados apóstolos. “Então disse Jesus aos Seus discípulos: Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me;” *Mateus* 16:24.

Isto não é um apelo para tomar dois pedaços de madeira e colá-los em forma de cruz, ou num martelo e moldar o ouro, prata ou outros metais preciosos. Estas instruções não são cumpridas usando uma cruz num fio à volta do pescoço, ou fixando-a nas portas, paredes ou qualquer outra parte das nossas casas. Este é um convite para abandonar para sempre Babilónia, Grécia, Roma e os princípios pagãos de tornarem o serviço ao eu a coisa mais importante sem importar quanto isso possa custar aos outros. É um desafio para negar totalmente o eu, em que o serviço aos necessitados é a principal e grande missão independentemente do custo que isso possa ter.

Correctamente compreendida e vivida significará que,

Quando te batem numa face, oferecerás também a outra;

Quando te processarem à lei e te tomarem o teu casaco, debes dar-lhe também a capa;

Quando te compelirem a ir a primeira milha, vai com ele caridosamente a segunda;

Dá a quem te pedir e empresta aos que te pedirem emprestado;

Amai os vossos inimigos;
Abençoai os que vos amaldiçoam;
Fazei bem aos que vos odeiam;
Orai por aqueles que vos perseguem e desprezam.
Ver *Mateus* 5:38-45.

Para a mente não santificada, a mente do grego, isto é realmente loucura. Ele não vê sentido nisto. Mas ele pode ver muito sentido no sacrifício de outro em seu benefício. Portanto, se a cruz não fosse mais do que Cristo dando tudo de si pelos outros, então não seria loucura para o grego ou para qualquer outra pessoa. Mas quando ela exige que ele siga o mesmo caminho, viva como Jesus viveu, sirva aos outros, não importa quão alto seja o custo para si mesmo, então, isso para o grego é realmente loucura. Isso é perder tudo o que faria a vida valer a pena. Ele pode ver-se como um escravo, sendo explorado, usado, humilhado, privado, oprimido, desprezado e finalmente desprezado, e tudo isso por nada, enquanto aqueles a quem ele se entregou em serviço vivem em abundância e confortavelmente, desfrutando do melhor da vida às suas custas. Tal perspectiva torna este caminho apenas loucura para o grego.

Há na realidade alturas e profundidades na cruz de Cristo, em contraste com a cruz de Tammuz, babilónios, romanos, gregos e pagãos que a própria eternidade nunca pode exaurir. Quando isto é verdadeiramente visto, constitui a melhor revelação disponível do carácter de Deus. O Senhor da glória e Sua justiça aparecerão no Seu maravilhoso melhor, enquanto Satanás e sua injustiça se revelam no seu pior.

A cruz prova de facto que Deus não destrói como o homem faz, pois, se Ele o fizesse a fim de preservar o Seu reino, estaria então a servir-Se a Si mesmo e aos Seus súbditos leais com um custo terrível para outros. Esse não é o caminho da cruz de Cristo e não é o caminho do carácter de Deus. É o princípio do reino das trevas.

Mas apesar de provar este ponto, a cruz, é muito mais amplamente uma mensagem para o povo de Deus, por muito importante que aquela verdade seja.

O Calvário desafia todo o indivíduo no Universo a encontrar e seguir o caminho que recebeu a sua maior magnificente, explícita e compreensiva exibição no monte do Gólgota. Olhai de novo, cada vez mais profundamente para o seu esplendor. Quando as lições a serem aprendidas aos pés da cruz forem verdadeiramente compreendidas e diariamente refrescadas e continuamente aprofundadas, caminhará nesta Terra um povo transformado através do qual o definitivo fim do problema do pecado pode ser alcançado.

Para os gregos, era loucura;
Para os judeus, uma pedra de tropeço;
Mas para aqueles que são chamados, sejam eles gregos ou judeus,
É Cristo,

O poder de Deus,

E a *sabedoria* de Deus. (ver *1 Coríntios* 1:23,24.)

Capítulo 21

Deus Não É Um Criminoso

O que foi estudado até agora sobre a revelação do carácter de Deus como providenciado por Cristo e a cruz é apenas o começo do que pode ser aprendido a respeito de Deus através destes meios. Volumes podiam ser escritos acerca da vida de Cristo como revelação do carácter do Pai e a tentação de escrever muitíssimo mais neste aspecto é muito grande, mas deve ser restringida quando é dada consideração ao propósito e à limitada extensão de um volume.

Tudo quanto pode ser aprendido para além do que já foi apresentado é uma maior profundidade e expansão disso. Não haverá necessidade de abandonar ou rever as posições já apresentadas ou as grandes verdades reveladas. Não pode haver erro quanto ao tipo de Pai Celestial apresentado pelo Salvador em todos os actos e palavras do Seu ministério. É a ilustração de um Deus cheio de amor e compaixão, cuja misericórdia dura para sempre, que não condena ou destrói mas procura apenas e sempre salvar. Como rei, Ele é diferente de qualquer rei terrestre. Como juiz, não há outro como Ele. Nenhum governador terrestre ou imperador nos providencia uma ilustração deste grande e maravilhoso Deus.

Mas, não é assim que O temos visto no Velho Testamento. Ali vimo-l'O como um Deus severo que manteve a Sua autoridade pela superioridade do poder e do conhecimento. Vimo-l'O como Aquele que declarou a Sua lei *como o símbolo da Sua autoridade* e exigiu aos homens que lhe obedecessem como prova da lealdade deles. Assim, ainda que involuntariamente, temo-l'O visto como um Deus que pensa apenas em si mesmo. Falhámos inteiramente em ver a provisão da lei como um dom de amor para nos salvar da destruição. Portanto, temos falhado em ver Deus como Aquele em quem não há egoísmo.

Tendo visto a natureza da lei sob esta luz, foi natural concluir que quando as pragas caíram sobre o Egipto, o fogo sobre os sodomitas, o dilúvio sobre o mundo no tempo de Noé e todos os outros incidentes idênticos, Deus estava a demonstrar que não devia ser ignorado, não ser levado a sério, ou desobedecido. Olhámos para Deus como que defendendo pessoalmente a Sua posição e autoridade. A total destruição de muitos ou poucos, conforme o caso, tem sido olhada como um acto da parte de Deus para assustar os restantes levando-os à obediência e assim ao favor pessoal de Deus. Qualquer que pare para pensar acerca disso verá rapidamente que, a não ser que tenha sido convertido, este é o conceito que mantém.

Mas não é a ilustração de Deus que Jesus mostrou.

Nem é a explicação de Deus que Jesus apresentou.

Foi um Deus totalmente diferente de Quem Jesus veio falar.

Que pensar então?

Devemos manter duas visões de Deus, uma apresentada no Velho Testamento e a outra como apresentada por Cristo?

De maneira nenhuma! Ele enviou o Seu Filho com a missão de O revelar *tal como Ele é* e assim varrer da mente os falsos conceitos desenvolvidos antes do aparecimento de Cristo. Portanto, não podemos manter duas ilustrações de Deus conflituosas, justificadas por duas situações diferentes. Deus é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Ele nunca muda. O pecado não O mudou nem O pode mudar. Não O podia mudar a não ser que se tornasse parte d'Ele. Isso nunca aconteceu nem nunca acontecerá. Lúcifer, anjos e homem nunca destruiriam até o pecado aparecer. O pecado transformou-

os. *Nessa altura*, tornaram-se destruidores. Quando a religião de Cristo na realidade se torna parte do homem, este deixa de ser destruidor. É tão simples como isso.

Deus nunca pecou, portanto nunca destruiu.

Se não podemos ter qualquer visão a respeito de Deus que não a apresentada por Cristo, como podemos compreender as acções de Deus no Velho Testamento? A maioria irá argumentar que as ilustrações do Velho Testamento são tão claras *que seria impossível ver Deus de outra forma que não à luz tradicional*.

É exactamente aqui que o erro tem sido cometido. Há mais do que uma forma de ver as acções de Deus no Velho Testamento. Visto pelas lentes pintadas pelos preconceitos humanos, *parece* que há apenas *um* caminho – o caminho óbvio. Porém, não é assim. Além disso, quando se leva em conta as implicações da opinião generalizada sobre Deus do passado, Deus é então caracterizado na pior luz possível. Chegou, portanto, a *altura para repensar o comportamento de Deus no Velho Testamento*. Desta vez, as Suas acções serão estudadas à luz emanada da cruz do Calvário e que flui da vida e dos lábios de Cristo.

Podíamos começar em qualquer ponto do Velho Testamento onde estão relatados numerosos incidentes em que Deus aparece como um actor no palco humano. O primeiro ponto escolhido será a história de Faraó, rei do Egipto.

A história é bem conhecida dos estudantes da Bíblia. Foi-nos contada desde que nos sentávamos nos joelhos das nossas mães.

O poderoso Faraó, nos seus dias o maior rei do mundo, enfrentou em atitude de desafio o propósito de Deus de libertar o Seu povo da escravidão no Egipto. Mas, quando chegou um certo ponto de tempo, o Senhor chamou Moisés e enviou-o com uma mensagem ao rei. Foi-lhe ordenado que libertasse o povo com o aviso de que se recusasse, praga atrás de praga cairia sobre os desprotegidos egípcios.

O rei recusou. As pragas vieram até que o poder do rei foi quebrado e ele foi obrigado a libertar os cativos.

Ao estudar este acontecimento, a pessoa comum vê Deus como o Altíssimo Ser cujo poder é ilimitado. Protegido por esse poder e o direito de o fazer em virtude da Sua posição como Criador e Senhor do Universo, correctamente e com justiça ordena a Faraó que liberte os israelitas. Mas, o Faraó é desafiador e está decidido a resistir ao poder de Deus. Isto, é geralmente aceite e deixa Deus sem opção a não ser obter pela *força* o que o rei não entrega de boa vontade. O povo normalmente não questiona a justiça de Deus nem o direito de tratar o monarca *como O vêem* fazer.

O terrível derramamento de destruição sobre o Egipto e a firme resistência do rei nesta pressão até mesmo ao fim, é vista por muitos como sendo uma disputa entre o poder de Deus e o do rei. Vêem-no como um poder *físico* contra outro *poder* físico. Não duvidam que Deus irá ganhar porque Ele tem o maior poder, e, no fim, depois de uma luta prolongada, vence.

Vendo isto como uma disputa entre dois grandes poderes, as pessoas vêem as pragas como meios directos usados pela *mão de Deus* contra os desamparados egípcios. Vêem as moscas, piolhos, rãs, pestilência, saraiva, trevas, sarna, etc., como um acto directo de Deus. Estas coisas foram enviadas sobre os egípcios, acreditam, porque *Deus* decidiu que esta era a forma pela qual eles deviam ser submetidos. Então, depois de *decidir* isso, o *Senhor* juntou especificamente estas forças e lançou-as contra os Seus inimigos.

Isto, também não é tudo. Porque o Senhor desejava realmente mostrar às nações do mundo que Ele não era alguém com quem se brincasse. Ele dera o poder a um Faraó que era invulgarmente teimoso, desafiador, poderoso e resistente. Tal rei, porque lutaria persistentemente até ao fim, daria a Deus a oportunidade de manifestar quão grande era, pois, um rei mais fraco teria desistido antes do Senhor ter a oportunidade de demonstrar toda a extensão dos Seus poderes para castigar.

Existe a mesma situação no mundo da luta e combate humano. Um campeão mundial de boxe não entra no ringue com um novato ou um amador. O adversário com quem ele luta também deve ser da classe dos campeões para que o campeão possa demonstrar a sua perícia, força e resistência. Se o seu

opositor é tão inexperiente e fraco que desista ao primeiro soco, então o campeão é privado da oportunidade de expor a dimensão total da sua destreza e poder.

O leitor faça aqui uma pausa e pondere cuidadosamente na ilustração do episódio egípcio apresentado atrás. Essa análise confirmará que este é o modo como muitas pessoas vêem o comportamento de Deus ali. Mais ainda, quando o assunto é apresentado para estudo adicional, a pessoa comum ficará surpreendida por isso, pois sente que toda a questão está esclarecida, e nenhum outro veredicto é possível.

Essa resposta é uma revelação instantânea de que aceitou simplesmente esta ilustração de Deus como sendo correcta. Para ela isso é inquestionável, precisamente porque as Escrituras o dizem.

Não há como negar que, quando interpretadas da maneira geralmente aceite, é assim que as Escrituras podem ser entendidas que estão a dizer. Por exemplo, considerai versículos como os seguintes:

“Então disse o Senhor a Moisés: ‘Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta.

“‘Tu falarás tudo o que Eu te mandar; e Arão teu irmão falará a Faraó, que deixe ir os filhos de Israel da sua terra.

“‘Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egipto os Meus sinais e as Minhas maravilhas.

“‘Faraó, porém, não vos ouvirá; e Eu porei a Minha mão sobre o Egipto, e tirarei os Meus exércitos, o Meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egipto, com grandes juízos.

“‘Então os egípcios saberão que Eu sou o Senhor, quando estender a Minha mão sobre o Egipto, e tirar os filhos de Israel do meio deles.’” *Êxodo* 7:1-5.

“Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o Meu poder em ti, e para que o Meu nome seja anunciado em toda a terra.” *Êxodo* 9:16.

“Porque diz a Escritura a Faraó: ‘Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o Meu poder, e para que o Meu nome seja anunciado em toda a terra.’” *Romanos* 9:17.

“O Senhor daria aos egípcios oportunidade de verem quão vã era a sabedoria de seus homens poderosos, quão fraco o poder de seus deuses, quando em oposição aos mandos de Jeová. Ele castigaria o povo do Egipto por sua idolatria, e reduziria ao silêncio sua jactância a respeito de bênçãos recebidas de suas insensíveis divindades. Deus glorificaria o Seu próprio nome, para que outras nações pudessem ouvir acerca de Seu poder, e tremer ante os Seus potentes actos, e para que Seu povo fosse levado a volver de sua idolatria e prestar-Lhe um culto puro.” {PP 182}, *Patriarcas e Profetas*, 263.

“Ainda o coração do Faraó se tornou mais endurecido. E então o Senhor enviou-lhe uma mensagem, declarando: ‘Esta vez enviarei todas as Minhas pragas sobre o teu coração, o sobre o teus servos, e sobre o teu povo, para que saibas que não há outro como Eu em toda a terra... Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o Meu poder em ti.’ Não que Deus lhe tivesse dado existência para este fim; mas Sua providência encaminhara os acontecimentos de modo a colocá-lo no trono, no próprio tempo destinado ao libertamento de Israel. Embora este altivo tirano houvesse pelos seus crimes se privado da misericórdia de Deus, todavia a vida lhe fora preservada para que mediante sua pertinácia o Senhor pudesse manifestar Seus prodígios na terra do Egipto. A disposição nos acontecimentos é da providência de Deus. Ele poderia ter posto no trono um rei mais misericordioso, que não tivesse ousado resistir às poderosas manifestações do poder divino. Mas nesse caso os propósitos do Senhor não se teriam cumprido. Foi permitido que Seu povo experimentasse a esmagadora crueldade dos egípcios, para que não se enganassem com relação à influência aviltante da idolatria. Em Seu tracto com Faraó, o Senhor manifestou Seu ódio à idolatria, e Sua decisão de punir a crueldade e opressão.” {PP 186}, *Patriarcas e Profetas*, 267, 268.

Estas são as referências e declarações para as quais as pessoas apontam como apoio à sua visão de que Deus exercia o poder da força em Suas próprias mãos todo-poderosas para obrigar o Faraó a libertar os israelitas. Para as mentes humanas treinadas por tanto tempo para pensarem em Deus

como fazendo as coisas de maneira semelhante aos homens, as Escrituras fornecem um forte apoio a tais argumentos e opiniões. Por mais profunda e correcta a mensagem destes escritos ela escapa totalmente daqueles cujas interpretações da Palavra de Deus são guiadas por esse conceito. Espera-se que o que se segue corrija esses tristes conceitos errados sobre o nosso Pai Maravilhoso.

Aquilo que deve alertar toda mente para a natureza errada de tais conclusões é a luz extremamente má na qual Deus é colocado por elas. Tais ensinamentos, não importa quão bem-intencionados os professores sejam, nem quão profundamente sinceros sejam as suas profissões de amor a Deus, estão a declarar que os caminhos de Deus e das organizações criminosas são idênticos.

Notai a seguinte comparação.

Os agentes de uma grande organização criminosa procuram um empresário de quem desejam obter pagamentos regulares. Os serviços que eles oferecem são "protecção".

O empresário recusa-se corajosamente a fazer essas "contribuições", pelo que o sindicato recorre a um método testado e comprovado para obter seu objectivo. Eles possuem os poderes da força na forma de armas destruidoras. Agora eles usam-nas, embora inicialmente não o façam totalmente. Começam por partir os vidros das montras dos seus estabelecimentos, e esvaziam as suas prateleiras.

Este primeiro golpe é relativamente brando, mas, quando o proprietário continua a recusar, eles o atingem cada vez mais, até ele estar literalmente submetido.

Nenhum cidadão respeitável, nenhum cristão, pode aprovar estas tácticas. Todos receariam submeter-se a elas, contudo, estranhamente, aceitam-no como perfeitamente certo e justo relativamente a Deus, pois isso é exactamente como eles vêem o Seu comportamento no Egipto.

Aqui está a compreensão de como o Altíssimo resolveu o problema no Egipto. Deus desejou libertar o Seu povo. Aproximou-se do Faraó e ordenou que isso fosse feito, mas o corajoso rei recusou-se a obedecer. Nas mãos de Deus estavam poderosas armas de destruição e com elas desferiu sobre o monarca egípcio um ataque mortal. Não usou tudo o que podia, de modo a dar-lhe oportunidade de rendição às Suas ordens.

Como isto não se realizou, Deus feriu de novo o Egipto, uma e outra vez até o rei e o povo serem esmagados e *se submeterem*. Assim coagida, a nação fez o que não faria de outro modo.

Qualquer que pense abertamente sobre a opinião geral acerca das pragas egípcias reconhecerá que esta é uma análise correcta de como Deus é visto no Seu comportamento.

É imediatamente evidente que isto coloca Deus na mesma classe dos sindicatos do crime. Significa que os métodos usados pelos líderes do mundo do crime para assegurar os seus fins são os mesmos usados por Deus.

Uma vez chegados a esta conclusão, levanta-se a questão de como nos devemos então relacionar com isto. Devia haver um grande despertar para a necessidade de obter um correcto e contrário entendimento das actividades de Deus no Egipto.

Mas isto é raro. Maravilhosos são os poderes da mente humana para racionalizar. Como exemplo disto cito uma conversa que tive com uma pessoa altamente educada que mencionou que Deus de facto levanta pessoalmente a Sua mão justa na qual estão as armas de destruição, para destruir os desobedientes. Especificamente, a conversa centrou-se no antigo Egipto.

Ele concordou que a sua opinião sobre a situação era que Deus desejava a libertação do Seu povo e ordenou ao Faraó que o fizesse.

O rei recusou.

Deus então feriu-o pela primeira vez para demonstrar que estava a falar a sério.

O rei não se intimidou.

Portanto, Deus feriu-o conseqüentemente até que o Egipto foi esmagado até à submissão.

Isto é, Deus alcançou o Seu propósito pelo uso directo da força quando tudo o mais falhou.

O meu amigo imediatamente viu, com grande clareza, que as organizações criminosas usam os mesmos métodos.

Desejam e ordenam.

A pessoa envolvida recusa.

Elas atacam uma primeira vez para demonstrar que estão determinadas nas suas ameaças.

A vítima continua a resistir.

Por isso, ferem-na uma e outra vez até ser forçada a ceder.

Isto é, alcançam pela força aquilo que de outro modo nunca obteriam.

Fiquei muito encorajado ao ver com que clareza esse homem reconheceu a natureza das suas crenças acerca de Deus e que ele podia ver que o sindicato operava da mesma maneira como ele entendia que Deus fazia. Naturalmente, esperava que ele admitisse que nunca havia percebido isso antes e que ficou surpreso ao ver as implicações reais da sua crença.

Mas em vez disso foi-me dada a demonstração do poder da mente humana para racionalizar.

Sem hesitar disse, “É claro que Deus usa os mesmos métodos que os criminosos. A diferença está na intenção de Deus. Ele fá-lo com uma boa intenção para o benefício de outros. O criminoso fá-lo apenas pelo egoísmo.”

“Nesse caso,” respondi, “está a dizer que os fins justificam os meios.”

Ele firmemente negou isto, embora o facto fosse inevitável de que o seu argumento era exatamente isso. Aqui está em termos simples.

Os meios usados pelos criminosos eram injustificados porque o fim era egoísta. Os mesmos meios usados por Deus eram justificados porque o fim não era egoísta.

Quando se cria esta linha de raciocínio, qualquer crime se pode justificar. Durante a idade das Trevas milhões de boas pessoas foram martirizadas com base neste raciocínio.

Os fins justificam os meios.

Que todo o verdadeiro filho de Deus rejeite para sempre tal filosofia. Não há lugar para ela nos caminhos, carácter e governo da igreja de Deus. Deus nunca trabalhou deste modo e nunca o fará.

Todos os Seus caminhos são caminhos de justiça e paz.

Qualquer crença que Deus e os criminosos usam os mesmos métodos deve ser para sempre negada pelo testemunho do próprio Deus, quando diz, “Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor.” *Isaías* 55:8.

Acreditamos nós em Deus? Agarramo-nos a um claro, “Assim diz do Senhor?”

Com certeza!

Então temos que negar o entendimento tradicional há tanto tempo defendido a respeito do comportamento de Deus no Egipto, porque ele mostra os caminhos de Deus como sendo os caminhos dos homens ímpios.

Não há problema com relação às *intenções* de Deus em comparação com as *intenções* dos criminosos. Com poucas excepções, todas as pessoas admitiriam que Deus apenas *pretende* o bem, ao passo que a motivação dos ímpios é puramente egoísta e cruel. Não há dúvida quanto a isto tanto que este livro não se envolve na discussão ou na prova de que as *intenções* de Deus e do homem são diferentes. Elas *são* diferentes. Isto é aceite como um facto.

O que este livro procura provar é que os métodos de Deus e dos homens são diferentes. Ele visa alargar a firme convicção que as palavras de Deus em *Isaías* 55:8, 9 têm exactamente o significado do que dizem. Demonstrará que os métodos usados por Deus quando trata com aqueles que se Lhe opõem não são diferentes dos caminhos dos homens em apenas alguns aspectos: eles são totalmente diferentes. Nenhuma semelhança entre eles pode ser encontrada.

Deus não é um Deus de força. Esta é uma arma que Ele *nunca* usa.

“Deus poderia ter destruído Satanás e seus adeptos tão facilmente, como se pode atirar um seixo à terra; assim não fez, porém. A rebelião não seria vencida pela força. Poder *compulsor só* se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

“O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

“Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

“Não há constrangimento na obra da redenção. Não se exerce nenhuma força externa. Sob a influência do Espírito de Deus, o homem é deixado livre para escolher a quem há de servir. Na mudança que se opera quando a alma se entrega a Cristo, há o mais alto senso de liberdade.” {DTN 328}, *O Desejado de Todas as Nações*, 466.

“Deus não emprega medidas compulsórias; o amor é o meio que Ele usa para expelir o pecado do coração.” *O Maior Discurso de Cristo*, 77.

A mensagem destes testemunhos é clara. O uso do poder compulsor encontra-se apenas sob o governo de Satanás. Aqui existe pelo menos uma grande diferença entre o caminho de Deus e os caminhos do homem e de Satanás. O único método que eles conhecem para construir os seus reinos e alcançar os seus fins é o emprego da força. Se Deus construísse o Seu reino usando poder compulsor, como muitos acreditam, então os Seus caminhos e os caminhos do homem eram os mesmos. Mas não são. O homem governa pela força. Deus não emprega de modo algum estes meios. Portanto, a compreensão geral daquilo que Deus fez no Egito é falsa e precisa de ser substituída por outra.

Apesar de ser uma verdade bíblica que Deus não usou força para conseguir a libertação dos israelitas, ou outros objectivos em qualquer tempo da história, não se pode concluir que Ele não esteve presente nem activo na situação do Egito. Certamente esteve lá, operando com grande intensidade e propósito, mas por linhas inteiramente diferentes das que geralmente se supõe.

Uma inteiramente nova e correcta compreensão é agora necessária para o papel desempenhado por Deus que estará em harmonia com os seguintes princípios:

Deus deve ser visto fazendo aquilo que Cristo viveu e ensinou.

Deus não deve ser visto relacionado com este problema como o homem pecador se relaciona com ele, isto é, usando a força para o resolver.

Tudo quanto é feito tem que ser em justiça. Como a lei é a definição e a limitação da justiça e como o carácter de Deus é a transcrição da lei, então tudo o que Deus fez deve estar dentro desses princípios. Como a lei diz “não matarás,” então Deus não destruiu, nem matou na terra do Egito.

Qualquer ensino ou ponto de vista que vê Deus operando de outro modo que não esteja dentro destes limites é errado e deve ser rejeitado como tal. Não é o ensinamento de Cristo e é portanto do diabo.

As evidências aqui apresentadas apelam para um novo estudo do incidente no Egito. O caso há tanto tempo encerrado deve ser reaberto e obtido um novo veredicto – um veredicto que na realidade revele Deus tal como Ele é – O Senhor Justiça nossa.

Capítulo 22

As Varas e as Serpentes

Este capítulo será devotado ao estudo do que aconteceu *realmente* no Egito. Por necessidade, será uma saída radical do conceito tradicionalmente aceite. Mas será em harmonia com a vida e ensinamentos de Cristo, os princípios do carácter de Deus e a defesa eterna de Deus da Sua sagrada lei.

Ao enviar Moisés e Arão para representar a parábola das varas e das serpentes, Deus descreveu perante o Faraó exactamente o que estava para acontecer. O Senhor tê-lo-ia dito em palavras, mas a mente do monarca estava tão entenebrecida pelo pecado que era necessário dizê-lo da forma mais clara possível – de forma ilustrada.

Milhões de outras mentes obscurecidas têm falhado desde então, em ler correctamente a mensagem de Deus enviada ao rei nesse dia. Ela tem sido quase universalmente lida como o ultimato de um executor todo-poderoso que veio para administrar pessoalmente os Seus juízos.

Mas “Deus *não fica* em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas *deixa entregues a si mesmos os que rejeitam* Sua misericórdia, *para colherem aquilo que semearam.*” *O Grande Conflito*, 36.

Correctamente lida, esta foi a mensagem enviada ao altivo monarca. Deus sempre olhou com amor salvador para a terra do Egito. Não era só pela salvação de Israel que José havia sido raptado para o reino do sul. Foi para que o Egito também pudesse ouvir a terna voz da misericórdia.

José foi um tipo de Cristo. Ambos foram traídos pelos seus irmãos, vendidos por trinta moedas de prata, não há notificação de pecado escrito na Bíblia contra eles e finalmente foram os salvadores da sua própria nação.

“O pecado dos egípcios foi que eles recusaram luz que Deus tão graciosamente lhes enviou através de José.” *SDA Bible Commentary* 1:1098.

Cristo não veio para salvar apenas Israel, mas todo o mundo. Portanto, como um tipo de Cristo, a missão de José era trazer salvação ao mundo e não apenas à sua própria família.

Nos misteriosos sonhos dados por Deus ao rei e nas maravilhosas interpretações dadas por José, o governador egípcio reconheceu a voz e o poder de Deus e obedeceu às instruções do Rei dos reis.

Essa obediência resultou que o Egito fosse não só salvo de perecer pela fome, mas também em se tornar a nação mais rica sobre a face do globo. Ele prosperou para além de toda a imaginação.

Tal prosperidade é o resultado natural da obediência às leis do reino de Deus. Qualquer estudo da história da Igreja de Deus mostrará que todas as vezes que o povo de Deus Lhe obedecesse, eram maravilhosamente abençoados com prosperidade na saúde, conhecimento, poder e riqueza. Este é o resultado de seguir a lei do serviço abnegado, o princípio de receber para que mais possa ser dado.

A contínua e desesperada tragédia da raça humana é esquecer rapidamente os princípios da justiça que os elevaram em todos os caminhos. Inicialmente a base da sua segurança está na sua completa fé em Deus. Era uma fé tão profunda e firme que os capacitava para dar tudo quanto tinham para ajudar os necessitados do momento, sabendo que Deus iria providenciar para o dia seguinte.

Nenhuma melhor ilustração desta fé pode ser encontrada do que a viúva de Sarepta. Quando Elias veio ter com ela, esta tinha apenas farinha e azeite suficientes para fazer o último pão para ela e para o filho. Para além disso, a morte era a única perspectiva. Quando a necessidade da causa de Deus lhe

foi apresentada – e quão essencial a essa causa era a vida de Elias – ela sem hesitar *deu-lhe toda a comida*, com a simples confiança na promessa que a sua própria necessidade seria suprida.

Este tipo de fé é a base do amor abnegado que traz grande prosperidade ao povo de Deus. Mas, à medida que as posses materiais se acumulam, pouco a pouco, perdem a fé em Deus como base da segurança. É sempre muito fácil acreditar no dinheiro que está no banco, numa boa e sólida casa e numa quinta próspera ou negócio *que se podem ver* do que num Deus distante a quem não se pode ver.

Não foi a fé que foi perdida. Ela simplesmente foi transferida do Deus das dádivas para as dádivas de Deus. Isto não é algo instantâneo. É uma metamorfose lenta, tão gradual quanto imperceptível excepto para os que estão alerta contra ela. Mas, em directa proporção ao seu desenvolvimento, está um crescente desejo para acumular riqueza para estabelecer esta base de segurança material e a correspondente seca do espírito de sacrifício.

Cada vez mais, os dons de Deus são consagrados ao prazer do eu, até que este se torna a força dominante da vida. A pessoa ou movimento que começou tão ricamente no serviço de Deus chega a negar os princípios da justiça. À medida que os anos passam, ele ou ela, continua a partir deste ponto para desenvolver a total estatura do homem do pecado. Passo a passo, saem do círculo protector do amor de Deus até ficarem totalmente expostos à malícia de Satanás. Assim foi com os egípcios.

Enquanto Deus operava para a salvação deles, Satanás idealizava um plano para a sua destruição total. Ele sabia que não lhes podia tocar nem aos israelitas enquanto permanecessem obedientes a Deus.

Assim ele operava com incansável diligência para voltar os olhos dos egípcios para a sua maravilhosa prosperidade dada por Deus, desviando a atenção deles do *Deus* que os abençoou para as *bênçãos* recebidas desse Deus. Como usualmente ele foi bem-sucedido. O Egipto tornou-se orgulhoso, confiante em si mesmo, preocupado exclusivamente com os seus próprios interesses e opressor. Tornaram-se os opressores do povo de Deus, os israelitas, através de quem todas as bênçãos tinham vindo.

Assim Satanás forjou uma situação em que os israelitas não eram capazes de servir a Deus totalmente excepto com o custo directo das suas vidas. O sistema sacrificial diário cessou, o sábado dificilmente era guardado, se é que o era, e o povo tornou-se degradado em pecado.

Isto era exactamente o que Satanás queria, pois sabia que depois de conduzir o Egipto à prática dos seus próprios interesses e por consequência à total rejeição de Deus, sairiam do círculo da misericórdia e ficariam à mercê do seu poder destruidor.

À medida que geração após geração de egípcios caía mais profundamente no lamaçal da completa entrega à iniquidade, Satanás viu estar perto o dia em que não restava qualquer protecção de Deus. Ele exultou com a crescente depravação dos israelitas, pois isto significava que também tinham cada vez menos protecção de Deus.

Maquinando cada movimento com calculado cuidado, propôs-se envolver a terra do Egipto num cataclismo de tais proporções ao ponto de exterminar todo o israelita, garantindo assim que o Redentor nunca nasceria. Se fosse necessário fazer desaparecer também todos os egípcios, Satanás não hesitaria.

Deve salientar-se que, à medida que o dia da condenação dos egípcios se aproximava, Deus não estava a retirar voluntariamente a Sua presença protectora deles. *Eles* estavam a retirar-se *a si mesmos* dela. *Eles* estavam a tornar impossível a permanência de Deus.

Entretanto Satanás comandava forças destruidoras num ataque que envolvia toda a nação. Tudo o que era preciso agora era os egípcios provocarem a retirada de Deus da Sua posição protectora, para que as pragas começassem.

Neste ponto, uma rápida recapitulação da criação original e o aparecimento do pecado tornará claro a situação que se desenvolveu.

Como um acto de infinito e inexprimível amor, Deus propôs dar vida à família humana. A igualmente infinita sabedoria de Deus viu que essa vida sem um lar no qual viver seria miserável, pois ninguém podia gozar ser feliz perpetuamente suspenso no espaço gélido e totalmente escuro.

Assim sabedoria e amor deram vida a este planeta maravilhoso. Mas isto ainda não era o suficiente. Nenhum lar semelhante podia ser totalmente eficaz sem os necessários poderes do sol, electricidade e magnetismo fora do homem e os maravilhosos poderes dentro dele.

Estes são os grandiosos poderes de Deus que Ele deu aos Seus amados filhos e devem ser distinguidos dos poderes que estão n'Ele como Pessoa.

Mas há, por natureza, um problema com estes poderes. Embora dados apenas para bênção, contêm o potencial para destruir. Remover essa possibilidade é privá-los do próprio poder, portanto, não havia solução.

Para resolver o problema, Deus deu ao homem a lei como um dom de amor. Enquanto se relacionassem e usassem esses poderes de acordo com a lei, viviam com perfeita segurança, mas no momento em que punham de parte a lei como seu salvador, esses grandes poderes que Deus colocou na natureza tornavam-se num terror de destruição.

Seria bom se todas as pessoas na Terra soubessem que toda a natureza está, desde o instante em que Adão e Eva rejeitaram a lei como seu salvador, no perigo de colapsar em devastação destruidora.

A razão pela qual isso não acontece é porque “no instante em que o homem aceitou as tentações de Satanás, e fez as próprias coisas que Deus disse que não devia fazer, Cristo, o Filho de Deus, pôs-Se entre a vida e a morte, dizendo, ‘Que a punição caia sobre Mim. Eu ficarei no lugar do homem. Ele deverá ter outra oportunidade.’” *SDA Bible Commentary* 1:1085.

Quando o homem rejeitou a lei como seu salvador, então Deus deu-Se a Si mesmo para ser o Salvador. Desde a queda no Éden, Cristo pelo Seu poder pessoal tem mantido sob controlo essa terrível ira à nossa volta.

Se o desafiador, aflito, homem pecador, durante qualquer período da história, fizesse uma total rejeição desse Salvador, então retirariam Cristo do Seu posto, o Seu poder protector seria removido e um dilúvio de morte cairia sobre o desprotegido. Deus, em tudo isso, foi a segunda milha e passou além disso. É o homem pecador que no final O deixa sem outra alternativa.

Se cada um nesta Terra compreendesse e acreditasse na verdade destas palavras, com que diligência voltaria para Deus e vigiava com cuidado para se manter sob o Seu pavilhão de protecção.

Mas os egípcios não compreenderam, nem acreditaram nisto. Eram ingratos, *auto-suficientes, pensavam apenas em si, confiantes em si próprios e serviam-se a si mesmos*. Eles julgavam que não tinham necessidade de Deus e que eram mesmo superiores a Ele. Tinham avançado de uma profundidade de impiedade para outra ainda maior e chegaram por fim ao ponto de obrigarem Cristo a retirar-se do mundo deles.

Foi nessa altura que Moisés e Arão apareceram com as varas. Esta foi a última mensagem de amor dada ao altivo rei. Foi uma tentativa inútil para lhe explicar os princípios acima estabelecidos. A mensagem foi dada na forma mais simples possível, figurativamente, numa parábola viva.

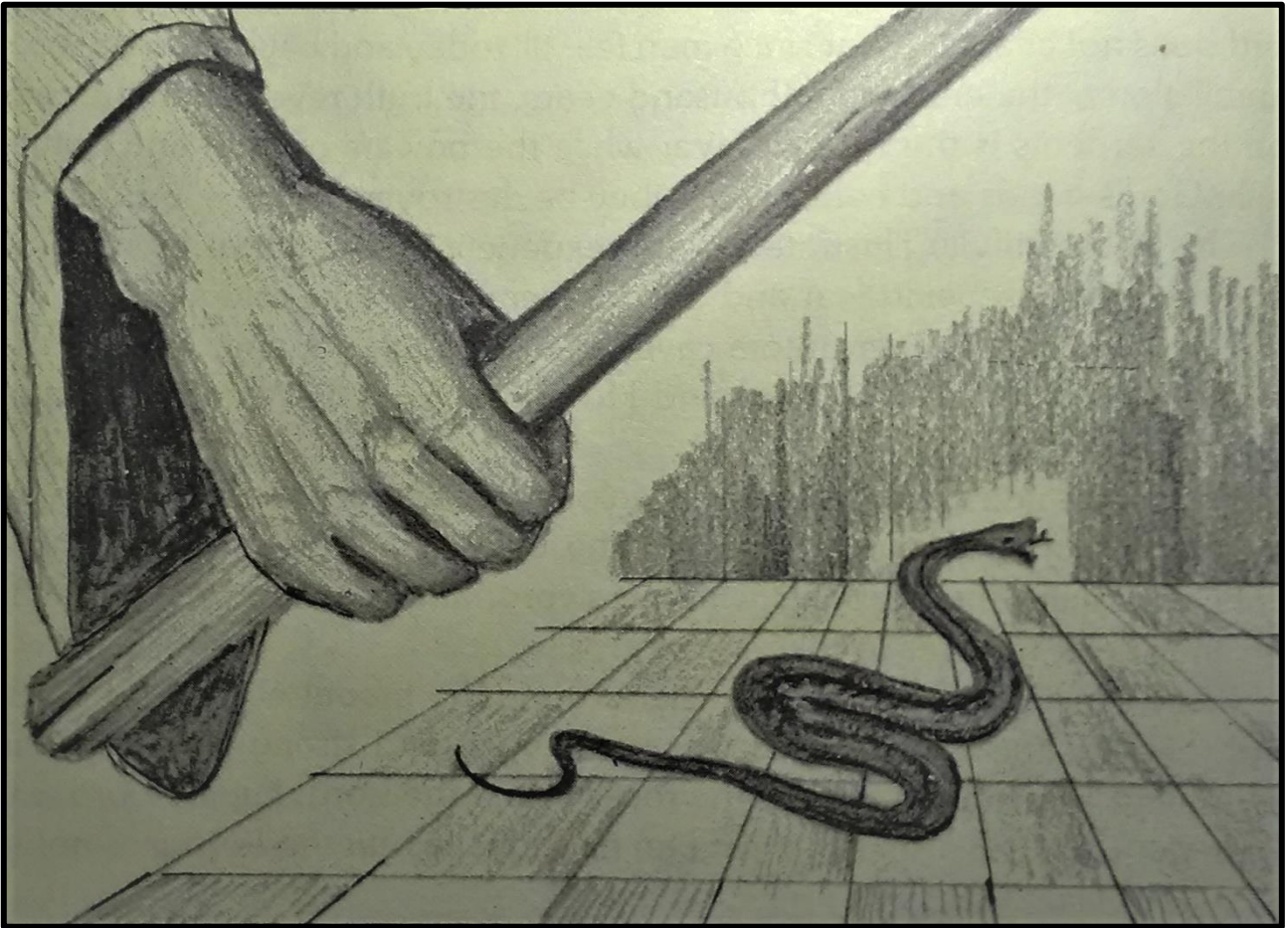
Os símbolos foram Moisés, as varas e as serpentes.

Moisés era o representante e símbolo de Deus. Ele representou perante o monarca o papel de Deus durante o tempo vindouro da obra terrível. Isto é confirmado nas próprias palavras de Deus “Então disse o Senhor a Moisés: ‘Eis que te tenho posto por Deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta.’” *Êxodo* 7:1.

Moisés não se tornou Deus. De modo algum podia isto ser verdade. Ele continuava a ser Moisés, mas representou o papel de Deus perante Faraó. Ele demonstrou o comportamento de Deus e apelou ao rebelde para reconhecer e aceitarem a petição de amor que lhe era apresentada.

A vara na mão de Arão que a segurava no lugar de Moisés, era o símbolo dos poderes que Deus tinha dado à humanidade para sua bênção, que, por causa do pecado, estavam determinados a destruir, mas que, devido à interposição de Cristo, ainda continuavam a estar nas mãos de Deus e sob

Seu controlo. Isto está directamente referido como “a vara do poder” que lhe foi dada. Ver *Patriarcas e Profetas*, 396 {PP 287}.



VARAS E SERPENTES

A vara apenas se tornava uma serpente quando deixava a mão e controlo de Moisés.

A importância de distinguir entre os poderes que Deus deu ao homem e os poderes do próprio Deus foi mencionada antes. A distinção está bem ilustrada nesta parábola. Ao permitir que a vara simbolizasse os poderes dados por Deus ao homem, não é difícil de distinguir entre eles e os poderes em Arão. A vara do poder podia estar separada dele e sair do seu controlo e direcção, mas não os poderes dentro dele. Enquanto vivesse, eles eram inseparáveis dele.

Assim era com Deus. Os grandes poderes dados à humanidade podem passar e têm passado para fora do Seu controlo, mas os poderes dentro de Si nunca podem ser separados d’Ele. Esta distinção deve ser claramente vista para que o incidente no Egipto possa ser correctamente avaliado.

Por fim, havia a serpente na qual a vara se tornou. Ninguém terá qualquer dificuldade em reconhecer a serpente como símbolo do destruidor.

Tendo estabelecido o simbolismo, voltamos à história.

“Então Moisés e Arão entraram a Faraó, e fizeram assim como o Senhor ordenara; e lançou Arão a sua vara diante de Faraó, e diante dos seus servos e tornou-se em serpente.

“E Faraó também chamou os sábios e encantadores e os magos do Egipto fizeram também o mesmo com os seus encantamentos.

“Porque cada um lançou a sua vara e tornaram-se em serpentes; mas a vara de Arão trouxe as varas deles.

“Porém o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.” *Êxodo* 7:10-13.

Quando os dois irmãos estiveram perante o rei, a vara estava firmemente segura nas mãos de Arão e sob o seu controlo pessoal. Enquanto essa vara permanecesse assim, *nunca se tornaria numa serpente*. Somente quando saísse de suas mãos e do seu controlo se transformaria e só nesse momento. Enquanto esta situação permanecesse continuava a ser uma serpente, mas no momento em que voltasse à sua mão tornava-se de novo numa vara.⁵

Com que clareza simples e bela, o Senhor procurou comunicar ao Faraó a verdade vital de que *não existe nenhum momento*; em que os poderes da natureza ainda estejam nas mãos de Deus e sob o Seu controlo, *possam ser agentes de destruição. Somente quando estão fora das Suas mãos e do Seu controlo, podem eles ser destruidores*.

Esta verdade não está limitada àqueles dias ou situação particular. O Senhor não muda. Desde que o homem caiu até agora e no futuro até à destruição no final dos mil anos, a verdade revelada nas varas e serpentes é a mesma. Nunca, enquanto os poderes do homem e da natureza estão nas mãos e controlo de Deus, podem eles ser destruidores. *Isso é impossível*.

Isto está maravilhosamente ilustrado na experiência de Elias em Horebe. Ele tinha fugido de Jezabel com medo e desanimado refugiou-se numa caverna.

“E ali entrou numa caverna e passou ali a noite: e eis que a palavra do Senhor veio a ele, e lhe disse: Que fazes aqui Elias?

“E ele disse; Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram o Teu concerto, derribaram os Teus altares, e mataram os teus profetas à espada, e eu fiquei só, e buscam a minha vida para ma tirarem.

“E ele lhe disse: Sai para fora, e põe-te neste monte perante a face do Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor; porém o Senhor não estava no vento: e *depois do vento um terremoto: também o Senhor não estava no terremoto*:

“E depois do terremoto um fogo; porém *também o Senhor não estava no fogo*: e depois do fogo uma voz mansa e delicada.” *1 Reis* 19:9-12.

Se Deus estivesse no vento, isto é, se essas forças estivessem nas Suas mãos e sob Seu controlo, nenhuma tempestade teria sido possível. Teria havido apenas paz e bênçãos.

Do mesmo modo, o terremoto e o fogo eram manifestações de grandes forças naturais tornadas em agentes de destruição, mas não o eram sob controlo e direcção de Deus, pois Ele não estava no terremoto nem no fogo. Se estivesse nos grandes poderes que são deixados em liberdade, haveria um resultado totalmente diferente. Terreno firme estaria sob os pés de Elias em vez da terra movendo como o mar.

A verdade que enquanto os poderes da natureza estiverem nas mãos de Deus e sob Seu controlo, nunca podem tomar qualquer forma de destruição, precisa tornar-se para sempre estabelecida nas mentes de todos os filhos de Deus.

Esta é a mensagem com que Deus procurou convencer e converter o coração do rei do do Egipto. Enquanto Moisés e Arão estiveram ali na sua presença, com a vara firmemente segura nas suas mãos, sob o seu directo e total controlo, apresentaram ao ímpio governador um quadro de como estavam as coisas naquela altura. Esta demonstração mostrou que, apesar das muitas décadas durante as quais o Egipto havia mergulhado numa iniquidade cada vez mais profunda, os grandes poderes da natureza estavam ainda sob controlo e direcção de Deus.

Mas chegou o tempo em que, se não fossem imediatamente dados passos para o arrependimento e obediência, os poderes da natureza sairiam das mãos de Deus e do Seu directo e completo controlo. Instantaneamente tornar-se-iam terríveis pragas de destruição, tal como a vara fora das mãos de Arão

⁵ É claro nas Escrituras que Arão segurou, lançou ao chão e recuperou a vara quando estavam diante do Faraó. Novamente, foi ele quem apontou a vara sobre o Nilo quando este se transformou em sangue, sobre a terra quando apareceram os sapos e assim por diante. No entanto, Arão ocupou o cargo apenas de porta-voz de Moisés, por isso, na realidade, foi Moisés quem o fez. Arão agiu unicamente às indicações dadas por ele. Por este motivo, nos referiremos à vara de Moisés, e não à de Arão nas páginas que se seguem.

se tornara numa serpente. O que esses poderes fizeram ao Egipto enquanto fora das mãos e controlo de Deus, *não foi obra ou responsabilidade de Deus*. Ele tinha esgotado todos os meios possíveis para os salvar de chegarem a este ponto, incluindo avisos de tal clareza que não podem ser mal interpretados.

A resposta do rei revelou a extensão em que a suficiência do eu se tinha tornado sua. Ele simplesmente chamou os seus magos que lançaram as suas varas. Satanás, através da feitiçaria, fez parecer que elas também se tinham tornado em serpentes.

“Os magos não fizeram realmente suas varas transformar-se em serpentes; mas, pela mágica, auxiliados pelo grande enganador, foram capazes de produzir esta aparência. Estava além do poder de Satanás transformar as varas em serpentes vivas. O príncipe do mal, possuindo embora toda a sabedoria e poder de um anjo decaído, não tem o poder de criar ou dar a vida; isto é prerrogativa de Deus somente. Mas tudo que estava no poder de Satanás fazer, ele o fez; produziu uma contrafação. À vista humana as varas tinham sido transformadas em cobras. E que assim fosse, acreditavam Faraó e sua corte. Nada havia em sua aparência para distingui-las da serpente produzida por Moisés. Se bem que o Senhor fizesse com que a serpente verdadeira tragasse as serpentes espúrias, contudo mesmo isto foi considerado por Faraó, não como uma obra do poder de Deus, mas como o resultado de uma espécie de mágica superior à de seus servos.” {PP 183.2},” *Patriarcas e Profetas*, 264.

Isto produziu uma situação em que a serpente formada da vara, separada da direcção e controlo dos servos de Deus, se confrontou com um grande número do que parecia ser verdadeiras serpentes.

Aqui estava a contra resposta de Satanás e, do mesmo modo, do Faraó aos apelos de Deus. Assim como Deus estava dizendo uma mensagem ao produzir aquela serpente com a vara, a aparente transformação de muitas varas em serpentes constituía uma mensagem resposta dos poderes das trevas. O Faraó pode não ter entendido completamente o que estava dizendo, mas o diabo que o inspirou e motivou certamente sabia. Em vez de aceitar humildemente a advertência que o Senhor lhes deu, responderam dizendo que não estavam preocupados se o Senhor deixasse o controlo daqueles poderosos poderes, pois tinham forças mais do que suficientes para conter aquelas pragas. Não multiplicou o rei as serpentes? Que esperança tinha uma contra muitas? Por isso, deixai o Senhor libertar o Seu controlo. O Faraó não seria intimidado para libertar os seus lucrativos escravos.

Assim o monarca mostrou uma terrível e perigosa ignorância da extensão e magnitude dos poderes que, até este ponto, tinham sido mantidos sob controlo por um Deus misericordioso e amoroso. Não sabendo nada da grandeza destes poderes, ele ignorava o poder do Deus que os tinha mantido controlados. Portanto, não tinha receio, nem compreendia o terrível perigo em que se encontrava; não sentia necessidade de Deus e não tinha confiança n’Ele.

Esta é uma revelação da auto-suficiência no seu pior. Ela tinha-se desenvolvido no rei e no seu reino durante muito tempo até atingir este estado de maturidade. Tendo rejeitado qualquer sentimento de necessidade de Deus, o rei e os seus súbditos estavam com efeito, e de facto, a rejeitar toda a relação e dependência d’Ele.

Desta forma, eles se separaram de Deus, colocando-O numa posição de onde Ele não podia mais manter os poderes ligados com a terra do Egipto nas Suas mãos e sob Seu controlo. Enquanto essas forças estivessem assim mantidas, elas eram apenas uma bênção e benefício para a nação, mas, quando não estavam mais sob o comando de Deus, elas só podiam transformar-se em ondas de destruição.

Cheio de uma ilustração de seus próprios poderes totalmente falsa e grandemente exagerada, o rei estava confiante que podia facilmente cuidar de tudo o que Deus soltasse. A vista de suas numerosas serpentes avançando contra uma, reforçou essa convicção.

Não era possível ao rei ter uma autoconfiança mais enganadora ou perigosa. O seu poder insignificante nunca poderia suportar o ataque das poderosas forças da natureza fora das mãos, direcção e controlo de Deus. Esse pensamento ignorante e imprudente em face deste apelo amoroso de Deus só poderia servir para separá-lo inteiramente de Deus e colocar-se fora do círculo da protecção divina.

Embora o rei tenha rejeitado o chamado de Deus, Ele não o abandonou entregue aos seus erros, mas continuou a tentar salvá-lo. Para conseguir isto, o Senhor demonstrou a futilidade das forças do rei para conter os poderes simbolizados pela única serpente. Apesar de todas as aparências de estar em menor número, a única serpente engoliu as restantes. Esta era uma mensagem dizendo ao rei, se ao menos ele a pudesse ver, que não importava quão grande fosse o esforço para deter e redireccionar as forças liberadas contra ele, seria incapaz de o fazer. Ele e seu povo seriam consumidos enquanto os poderosos poderes permaneceriam tão intactos como se não tivessem sido tocados.

Esta foi a mensagem que lhe foi apresentada através das varas e das serpentes. Era uma mensagem de amor destinada a conciliar e a salvar.

Se o poderoso governante tivesse percebido tanto a mensagem como o espírito de amor infinito em que era dada, teria rapidamente confessado o seu espírito de rebelião e a total incapacidade para mudar o seu coração num coração obediente a Deus. Então teria pedido a Moisés para lhe mostrar o caminho da salvação de modo que ele pudesse obedecer a Deus e libertava os israelitas da escravidão.

Pelo contrário, o rei resistiu aos ternos apelos do Espírito Santo que estava ali para levar a mensagem de Deus com poder convincente. Ao fazê-lo, deu o passo final, pelo qual *se colocou a si mesmo* e à sua nação fora dos limites da protecção de Deus. Tendo posto de parte a lei de Deus como seu salvador, ele agora pôs de parte Cristo, o Salvador, também.

Não havia nada mais que Deus *pudesse* fazer. O controlo daquelas forças de destruição unidas saiu das Suas mãos e as pragas começaram. Contudo, mesmo assim, o amor de Deus pelo Egipto e a Sua relutância em ver o povo sofrer era tão grande que Ele apenas deixou de segurar esses poderes até ao ponto em que tinha sido forçado a fazê-lo. Ele podia ter-se retirado completamente e deixado a terra do Egipto ser invadida por todas as pragas de uma vez, mas em vez disso afastou-se apenas um passo de cada vez, sendo cada movimento imposto sobre Ele pela crescente obstinação de Faraó. Cada sucessiva retirada tirava das Suas mãos outro poderoso elemento da natureza para flagelar os egípcios. Foi permitido ao Senhor deixá-los apenas um passo de cada vez, porque a nação não se tinha endurecido tão completamente contra Deus como o Faraó.

Apesar de Israel ser o alvo principal da ira de Satanás, as pragas não os consumiriam pela simples razão que mesmo que eles estivessem longe de serem justos, havia pelo menos um número de devotos entre aqueles que amavam e serviam a Deus o melhor que podiam sob tais circunstâncias. Não puseram de lado a lei nem Cristo. Consequentemente, Cristo que sempre permanecerá o Protector, mesmo dos homens pecadores e ingratos, enquanto for possível, foi capaz de defender a casa de Israel das sucessivas pestilências.

No desempenho da parábola das varas e das serpentes, Deus demonstrou o Seu papel nas catástrofes vindouras. Se o rei viu esta verdade, certamente não acreditou nem aceitou. O seu desprezo e incredulidade não mudaram essas poderosas forças desordenadas por causa da natureza do pecado que iam puni-lo e ao seu povo. Nem a sua atitude provocadora fez com que Deus tomasse essas forças nas Suas mãos pessoalmente e as usasse como um flagelo contra os egípcios.

Aquilo que os devastou foram as forças que estavam *fora das mãos e controlo de Deus*. Ainda mais, elas tinham saído da Sua mão, não porque Ele tivesse escolhido deixá-las, mas porque os próprios egípcios O tinham retirado da Sua posição como Protector deles.

Por isso, as pragas, não foi *o que Deus fez* aos egípcios. Foi *tudo* o que eles fizeram a si próprios. Assim será sempre.

Deus nunca muda. Ele não faz uma coisa aos egípcios que seguiam o curso do pecado e algo diferente aos que semelhantemente rejeitam a Sua misericórdia noutra era ou lugar. Quando, em qualquer tempo ou local, a natureza entra num estado de implacável e impiedosa ira, atacando ferozmente a vida humana e as terras, é porque esses poderes saíram das mãos e controlo de Deus – nunca por serem instrumentos nas mãos d’Ele para destruir.

Portanto, sempre que testemunhamos a desoladora marcha de pragas, fogos, terremotos, tempestades, ou pestilência atravessando a Terra e somos tentados a pensar que Deus está em actividade, lembremo-nos da mensagem das varas e das serpentes. Então saberemos a verdade real do que está acontecendo.

Porque Não Antes

Acreditar que Deus submeteu os egípcios pela força a fim de efectuar a libertação do Seu povo, é lançar, por implicação, uma terrível acusação contra o Senhor. É acusá-l'O de deliberada e cruelmente deixar os judeus sofrerem durante séculos quando podiam ter sido libertados muito antes da altura em que foram.

Ele, que na posse do poder onnipotente, o usa como meios para executar a Sua vontade, pode fazer o que deseja *quando* quer. Se esta é a forma de agir de Deus como muitos supõem, então cada dia que os israelitas continuaram em servidão, foi porque *Ele* escolheu não os libertar. Durante séculos, eles estiveram submetidos a uma brutal escravidão, cuja miséria teria que ser responsabilidade de Deus por falhar em exercer o Seu grande poder em qualquer momento escolhido para os libertar. Deus não podia ser um Deus de amor e ao mesmo tempo portar-se deste modo.

A verdade é que Deus se comprometeu a nunca resolver problemas pelo uso da força. Portanto, o momento da libertação dos israelitas seria determinado, não pela escolha pessoal de Deus, mas pelos efeitos da apostasia cada vez mais profunda dos egípcios. Isto provocou uma separação de Deus que libertou os poderes destruidores sobre eles até a sua capacidade de manter os seus escravos ser destruída. Então, e somente então, os israelitas poderiam sair livres. Quando esses princípios são entendidos, nenhum problema será visto quanto à permanência em servidão por tanto tempo.

Deus não se desviará dos Seus caminhos, pois sabe que o uso da força é a Sua própria derrota. Se tivesse sido o Seu princípio governar pela força, Ele teria eliminado a rebelião assim que ela se manifestou no início. Não teria havido um longo período de pecado neste mundo.

Mas foi preciso permitir que o pecado corresse o seu curso até que ele por fim se destruísse a si mesmo e a todos os que se ligam a ele. Então, o Senhor ficará livre para fazer os novos Céus e a nova Terra sem o perigo da sua contaminação.

Cristo e o Azorrague

A mesma mensagem que Deus procurou mostrar ao obstinado governador egípcio, Cristo procurou exhibir às mentes dos negociadores do templo quando o purificou pela primeira vez. Já foi feito algum estudo deste acontecimento no capítulo quinze, mas adiámos a análise para ser apresentada agora depois de ser estudada a vara de Moisés.

A declaração dada por Cristo quando segurou o azorrague é a mesma no Novo Testamento daquilo que Moisés fez no Velho quando tinha a vara na sua mão. O simbolismo é idêntico.

Como já foi estabelecido, a vara que Moisés segurava simbolizava os poderes de Deus na natureza ainda sob controlo e direcção de Deus. Tal como Moisés segurava a vara, assim Cristo segurava o azorrague que do mesmo modo simbolizava os poderes de Deus na natureza. Tal como a vara de Moisés não podia transformar-se, e não se transformou, numa serpente enquanto estava nas suas mãos, também o azorrague não podia ferir e não feriria uma única pessoa enquanto estivesse sob o controlo de Cristo.

A história pode ser facilmente mal interpretada como foi o episódio egípcio. Muitos argumentariam que embora seja verdade que Cristo na realidade não feriu os ofensores no templo, com certeza os ameaçou e tê-lo-ia feito se Lhe tivessem resistido. Adoptar este entendimento é ver o carácter de Cristo como sendo idêntico ao do homem, enquanto se perde a mensagem que o Salvador desejava revelar.

Ele veio numa altura em que estavam a praticar grave iniquidade. Esta apenas servia para os separar da protecção de Deus, de modo que ficariam expostos às terríveis forças destruidoras que os rodeavam. Cristo desejou salvá-los disto e assim mostrou perante eles a situação que se estava a desenvolver. Ele desejou que compreendessem que as geralmente amenas e benéficas forças da natureza, estavam a transformar-se num azorrague que os puniria. O facto de ainda não terem sido atingidos por esse chicote deveu-se apenas ao facto de que Cristo ainda o mantinha sob Seu controlo e continuaria a fazê-lo até o fim do período de provação deles.

Para eles, isso ainda estava a vários anos de distância. Durante o intervalo de tempo que se seguiu, a presença de Deus foi progressivamente retirada da terra. Cristo anunciou a Sua partida eterna do templo com tristes palavras: “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;” *Mateus* 23:38. Isto foi pouco antes dos Seus últimos sofrimentos e morte. Em 34 d.C., terminou o tempo de graça para a nação como um todo, de acordo com a profecia de *Daniel* 9, mas a retribuição ainda tardou, Cristo ainda segurou o chicote nas Suas mãos até que em 70 d.C. Ele o deixou e todo o furor da natureza enfurecida sob a forma dos soldados romanos irrompeu sobre as cabeças desabrigadas e desprotegidas dos judeus.

No templo, Cristo os havia advertido tão vivamente do destino iminente como Moisés havia advertido os egípcios do destino deles. Mas, assim como os antigos opressores de Israel não prestaram atenção às súplicas de Deus, os judeus também não. Sendo essa a escolha deles, não havia mais nada que o Senhor pudesse fazer para salvar também. A vara tornou-se uma serpente, e o flagelo deixou o controlo de Cristo.

Quando o aviso foi dado a cada um por sua vez, não era demasiado tarde para se arrependerem. Isto acima de tudo, o Senhor desejou que eles fizessem. Portanto, as demonstrações foram dadas com infinito amor e misericórdia. Em nenhum sentido da palavra, foram a expressão de um espírito ira cruel e vingança. Não importa quão longe eles tivessem ido, ou por quanto tempo persistiram na rebelião, o Senhor estava ainda pronto e ansioso para os salvar. Não terem sido salvos foi inteiramente culpa sua.

Alguns podem argumentar que Cristo derrubou as mesas e espalhou o dinheiro deles estabelecendo o facto, como eles vêem, de que *Ele* destruiria as suas posses. Mas, novamente, Ele estava apenas a dar-lhes uma lição objectiva da verdade real de que todos os tesouros terrestres nos quais eles depositavam a sua confiança não lhes serviria de apoio na hora da angústia. Em vez disso, ser-lhes-ia arrebatado, tal como as moedas estavam espalhadas pelo pavimento numa confusão sem esperança.

Considerado correctamente, Jesus Cristo fez exactamente no templo o que Ele e Seu Pai haviam feito na terra do Egipto. Ele veio a ambos com a oferta de perdão, protecção e vida. Ele mostrou a cada um deles as terríveis consequências da sua continuidade no seu curso actual, na esperança de que ao entenderem as suas necessidades fossem levados a buscar a solução de Deus para elas.

Em ambas as situações, Deus e Cristo estavam a dar o máximo das Suas vidas, em contraste com o diabo que é o destruidor. Cristo expressou a verdade acerca disto com estas palavras:

“O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” *João* 10:10.

O Seu triste lamento é:

“E não quereis vir a Mim para que terdes vida.” *João* 5:40.

Capítulo 23

A Vara Levantada

Ao usar a parábola da vara e da serpente, Deus comunicou ao orgulhoso soberano do Egito exactamente como Ele estaria a agir nas devastações da terra que se aproximavam. Assim, assegurou ao Faraó que as pragas iminentes não seriam por decreto Seu nem por administração. A sua vinda seria ocasionada pelo Seu afastamento da cena, não por Sua intervenção.

A mensagem foi claramente dada e o flagelo seguiu-se inevitavelmente porque o aviso não foi atendido. Contudo, antes de cada uma começar, Deus instruiu Moisés, como Seu agente directo e representante, para realizar um acto com a mesma vara. Antes do rio se tornar em sangue, Moisés tinha que ferir a água; antes das rãs cobrirem a terra, Moisés devia segurar a vara levantada sobre as águas do Egito, etc., em cada calamidade que se sucedesse. Estas acções podem facilmente ser interpretadas como significando que Deus agiu de modo muito diferente daquilo que disse que faria e são normalmente interpretadas desse modo.

Na demonstração inicial, a vara estava separada da mão e controlo de Moisés, indicando que os poderes cairiam sobre as desamparadas cabeças dos egípcios porque Deus já não estava no comando deles. Mas antes de vir cada praga, Moisés segurava firmemente a vara nas suas mãos e controlava-a enquanto tocava ou indicava com ela o lugar onde a praga iria chegar. Isto pode fazer parecer que Deus decidia precisamente onde cada uma iria atacar, qual devia ser a sua natureza e depois pessoalmente dirigia o desastre. Por exemplo, aqui está a inspirada descrição da vinda da primeira praga.

“Então, disse o Senhor a Moisés: O coração de Faraó está obstinado; recusa deixar ir o povo.

“Vai pela manhã a Faraó; eis que ele sairá às águas; põe-te em frente dele na praia do rio e tomarás em tua mão a vara que se tornou em cobra.

“E lhe dirás: O Senhor, o Deus dos hebreus, me tem enviado a ti, dizendo: Deixa ir o meu povo, para que me sirva no deserto; porém eis que até agora não tens ouvido.

“Assim diz o Senhor: Nisto saberás que eu sou o Senhor: Eis que eu com esta vara, que tenho em minha mão, ferirei as águas que estão no rio, e tornar-se-ão em sangue.

“E os peixes que estão no rio morrerão, e o rio cheirá mal; e os egípcios nausear-se-ão, bebendo a água do rio.

“Disse mais o Senhor a Moisés: Dize a Arão: Toma tua vara e estende a mão sobre as águas do Egito, sobre as suas correntes, sobre os seus rios, sobre os seus tanques e sobre todo o ajuntamento das suas águas, para que se tornem em sangue; e haja sangue em toda a terra do Egito, assim nos vasos de madeira como nos de pedra.

“E Moisés e Arão fizeram assim como o Senhor tinha mandado; e levantou a vara e feriu as águas que estavam no rio, diante dos olhos de Faraó e diante dos olhos de seus servos; e todas as águas do rio se tornaram em sangue.

“E os peixes que estavam no rio morreram, e o rio fedeu, e os egípcios não podiam beber a água do rio; e houve sangue por toda a terra do Egito.

“Porém os magos do Egito também fizeram o mesmo com os seus encantamentos; de maneira que o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito.

“E virou-se Faraó e foi para sua casa; nem ainda nisto pôs seu coração.

“E todos os egípcios cavaram poços junto ao rio, para beberem água; porquanto não podiam beber das águas do rio.

“Assim, se cumpriram sete dias, depois que o Senhor ferira o rio.” *Êxodo* 7:14-25.

Há um nítido contraste entre a maneira como a vara é usada neste momento e como foi manuseada na corte do rei quando se transformou em serpente. Enquanto na primeira ocasião estava separada da mão e do controlo de Arão, aqui permaneceu firmemente no seu controlo e, enquanto estava sob seu controlo e direcção, desceu sobre a água. No momento em que a água foi ferida, ela se transformou em sangue.

Sem dúvida, Deus estava novamente a comunicar uma mensagem ao governante do Egipto, caso contrário, todo o drama nunca teria sido deliberadamente apresentado na sua presença. Deus determinou que ele deveria ser testemunha ocular disso. O assunto está registado nas Escrituras como uma mensagem para nós também. Deus espera que entendamos correctamente o que Ele estava fazendo naquela altura e porquê.

Essa mensagem pode ser interpretada de pelo menos duas maneiras diferentes. Existe o caminho comum à mente humana, que está há tanto tempo acostumada a ver o comportamento de Deus como sendo o mesmo do homem.

Há também a interpretação vista por aqueles que se tornaram treinados nos princípios correctos da pesquisa bíblica e que medem todas as coisas pelo testemunho da vida e dos ensinamentos de Cristo e da cruz.

De acordo com os primeiros, Deus é visto comunicando cuidadosamente ao Faraó que ele causou a ira de um Deus ofendido, que, portanto, o feriria com terríveis consequências por causa da sua rebelião. Para que esse ponto vital não passe sem ser notado, o Senhor fez Moisés bater na água que instantaneamente se transformou em sangue, declarando que, como Moisés havia ferido a água com uma vara nas suas mãos e sob o seu controlo, o Senhor feriria o Faraó com poderes que estavam nas Suas mãos e sob o Seu controlo.

É assim que a pessoa comum lê a mensagem desta demonstração. Ao fazê-lo, considera-se que ele está a aceitar a única explicação possível. Ele está totalmente convencido de que não existe outra interpretação.

Mas alguns momentos de consideração mostrarão que deve haver uma segunda explicação e precisa ser encontrada. Aqui estão algumas perguntas que precisam ser feitas.

Deus anuncia num dia o que vai fazer, e depois no dia seguinte faz exactamente o contrário? Isto é, Ele no primeiro dia declara que apenas quando os poderes da natureza saem do Seu controlo se tornam destruidores e no segundo começa a usar esses poderes como instrumentos de devastação?

É isto consistência?

É esta a espécie de Deus que servimos?

Certamente que não!

Quando Deus declara o que vai fazer, o mais certo é que fará como disse que faria. Nisso podemos crer com inabalável e inquestionável confiança.

Portanto, quando Deus fez Moisés ferir a água com a vara firmemente segura nas suas mãos, não estava a dizer nem a fazer nada diferente naquele dia, do que havia anunciado no dia anterior. Além disso, Ele espera que entendamos isto. No início, pode ser difícil, mas com fervorosa oração e intenso estudo, o problema será resolvido e resultará em perfeita harmonia.

Em primeiro lugar, façamos novamente referência à discussão anterior sobre a Bíblia ser o seu próprio intérprete, na qual foi claramente mostrado como devem ser compreendidas expressões como “Deus *enviou* as serpentes ardentes”, “Deus *enviou* os Seus exércitos, e *destruiu* aqueles assassinos, e queimou a sua cidade”, e “Deus *matou* Saul”.

Comparando cuidadosamente Escritura com Escritura, determinando que a Bíblia deveria ser o seu próprio dicionário e intérprete, aprendeu-se que o Senhor espera que entendamos tais expressões como significando que Ele foi obrigado a retirar a Sua protecção e deixar o pecador à sua sorte. É certo que este é o significado oposto do que seria se *homens* estivessem a usar essas palavras para

descrever *as suas actividades*. Mas, quando o Senhor indica que é assim que elas devem ser entendidas, a verdade só pode ser conhecida se as Suas instruções forem seguidas infalivelmente.

A expressão, "...o *Senhor* feriu o rio," é outro desses testemunhos e deve ser compreendido do mesmo modo, pois a Bíblia é consistente no seu uso da linguagem. Somente confusão resultaria se certas combinações de palavras devessem ser compreendidas para transmitir uma ideia num lugar e algo diferente noutra.

A não ser que o leitor esteja totalmente confirmado no princípio de que a Bíblia é o seu próprio intérprete e treinou a sua mente de acordo com isto, recomenda-se que um profundo estudo do capítulo doze seja realizado neste momento.

Nesse capítulo, considerou-se cuidadosamente como as palavras de *Mateus* 22:7 devem ser compreendidas. Este versículo é lido assim:

"E o rei, [Deus] tendo notícia disto, [Deus] encolerizou-se e, *enviando* os seus exércitos, [os romanos] *destruiu* aqueles homicidas, [os judeus] e incendiou a sua cidade [Jerusalém].

A correspondência com este versículo de uma explicação inspirada do seu significado revela plenamente como Deus espera que ele seja compreendido. Essa explicação encontra-se em *O Grande Conflito*, 35, 36.

"Pela obstinada rejeição do amor e misericórdia divina, *os judeus* fizeram com que a protecção de Deus fosse deles retirada, e permitiu-se a Satanás dirigi-los segundo a sua vontade. As horríveis crueldades executadas *na destruição* de Jerusalém são uma demonstração do poder vingador de Satanás sobre os que se rendem ao seu controle."

A própria explicação de Deus daquilo que queria dizer em *Mateus* 22:7 é oposta àquilo que a mente humana esperaria destas palavras. Torna-se claro que o Senhor não estava presente ali, mas que foi obrigado a afastar-Se deixando-os nas impiedosas mãos de Satanás e dos Romanos. Por outras palavras, a vara do poder tinha saído das mãos, direcção e controlo de Deus e tornou-se numa serpente de destruição. Este é o modo como Deus nos instrui para compreender esta Escritura.

Ele não só providencia a explicação desta Escritura, mas também dá a chave para o modo como todos os testemunhos na Sagrada Escritura devem ser compreendidos. Se é assim que Deus Se exprime, então todas as vezes que Ele usa tais expressões, podemos saber que elas devem ser compreendidas do mesmo modo. Não pode ser de outra forma, porque Deus é totalmente consistente. Ele ao usar as palavras não transmite uma ideia num lugar e algo completamente diferente noutra.

Portanto, a idêntica construção das frases encontrada em *Êxodo* 7:25, "...O Senhor ferirá o rio," deve ser compreendida exactamente como o Senhor mostrou que *Mateus* 22:7 deve ser compreendido. Isto é, tão seguramente como as palavras em *Mateus* 22:7, "...o rei (Deus)... enviou os Seus exércitos, e destruiu aqueles homicidas, e queimou a sua cidade," significa que o Senhor Se retirou deles e os deixou expostos às forças que esperavam para os destruir, assim as palavras de *Êxodo* 7:25, "...O Senhor ferirá o rio," diz-nos que o Senhor tinha deixado o Seu controlo sobre as forças que cercavam o Egipto e por esta razão o Nilo se tornou em sangue.

Aqui é demonstrada a importância de estar estabelecido nos princípios correctos de interpretação da Bíblia. É essencial resistir à tendência de interpretar estas coisas de acordo com os nossos sentidos humanos, e a mente ser disciplinada para as ler de acordo com as instruções de Deus. Nisso está a segurança completa.

Recentemente ficou firmemente gravada na minha mente a seguinte lição. Eu estava ocupado numa lição de voo. Para simular condições instrumentais foi colocado um capacete na minha cabeça ocultando à vista tudo excepto do painel de instrumentos. Foi-me indicado que mantivesse um rumo para norte. Em breve eu tinha o avião posicionado nesta direcção. A bússola indicava que estávamos a voar em recta para a frente, enquanto os outros instrumentos mostravam correctamente que estávamos subindo a uma definida altitude de três mil pés.

Mas, num modo muito compulsivo os meus sentidos indicavam-me que eu estava a voltar para a esquerda ao passo que a bússola me assegurava que eu estava a voar em frente. Todos os meus instintos me diziam para negar o instrumento e voar de acordo com os meus sentidos. Foi preciso

uma decidida força de vontade para resistir a esta influência mortal e voar pelos instrumentos. É uma lição que deve ser totalmente aprendida por cada piloto. Muitos encontraram a morte porque não venceram os seus sentidos em detrimento das leituras dos instrumentos de medição.

Do mesmo modo é essencial que todo o estudante bíblico aprenda que deve ignorar os seus sentidos e discipline a sua mente para aceitar apenas os métodos de interpretação que o Senhor revelou como sendo correctos. É preciso algum exercício para fazer isto, mas pode ser disciplinado.

Quando esta posição é positivamente aceite, será reconhecido que não há contradição entre as acções de Moisés e Arão ao lançar a vara perante Faraó e ao usá-la para ferir a água.

No entanto, enquanto Deus mostrava ao arrogante monarca o que Ele estava prestes a fazer quando dirigiu a demonstração da vara e da serpente, no dia seguinte, quando a água foi ferida estava a dizer algo mais. Foi, quando correctamente entendido, uma continuada manifestação de amor destinada ainda a persuadir o rei a render-se à verdade, cessar a sua resistência aos apelos de Deus e colocar-se a si e ao seu povo onde o Senhor pudesse protegê-los e abençoá-los.

Deus tinha já ido mais longe do que pode ser pedido razoavelmente ao dar a advertência contida nas varas e nas serpentes. Depois desse aviso, o rei não tinha mais desculpa, mas o Senhor está tão possuído pelo impulso do amor que nunca parará a menos que todas as possibilidades tenham sido esgotadas.

Era importante para o próprio bem do monarca compreender a relação entre a retirada da presença e protecção de Deus e o ataque das pragas que imediatamente se seguiram. Portanto, Deus enviou Moisés para usar a vara para indicar o momento exacto e o lugar do qual o Senhor Se retiraria.

Foi uma demonstração impressionante. Ali estava Arão com a vara na sua mão. O rio corria como de costume sem indicação do mal que sobre ele pairava. Arão baixou a vara para ferir a superfície das águas e ao fazê-lo estava a declarar ao rei que tinha chegado o tempo e o lugar de onde a presença de Deus seria retirada. O horror empalideceu a desafiadora face do monarca observador quando viu as águas tomarem a terrível cor do sangue. Assim ele estava privado da oportunidade para racionalizar e reivindicar que tudo isto não era senão uma circunstância que não tinha relação com as predições de Moisés e teria acontecido de qualquer modo. Foi o amor que dirigiu a acção e foi o amor que o rei rejeitou.

Todas as pragas que se seguiram vieram como a primeira, com Deus continuando a cumprir o Seu papel estipulado. Uma vez que a primeira seja entendida correctamente, nenhum problema deve ser encontrado até chegar a última. Então, deve surgir a pergunta, porque foi a última tão selectiva. Se a protecção de Deus tivesse sido removida de todas as casas, excepto daquelas em cujas portas o sangue foi aspergido, por que apenas o primogénito morreu? Como escapou o resto?

Deus disse, “E Eu passarei pela terra do Egipto esta noite, e ferirei todo o primogénito na terra do Egipto, desde os homens até aos animais; e sobre todos os deuses do Egipto farei juízos; Eu sou o Senhor.” *Êxodo* 12:12.

Não temos problema agora com a linguagem deste versículo pois já aprendemos como o Senhor tenciona que compreendamos estas palavras. O problema da selecção ainda permanece.

Primeiro vamos estabelecer que não foi Deus, o Salvador, mas Satanás, o destruidor, quem tirou essas vidas.

Três vezes pelo menos em *Patriarcas e Profetas*, 278-280 {PP 192-194}, é nomeado aquele que matou os primogénitos.

Aqui estão as frases. “Todos os que deixassem de atender às instruções do Senhor, perderiam o primogénito pela mão do *destruidor*. {PP 193}... O sinal de sangue – sinal de protecção de um Salvador – encontrava-se em suas portas, e o *destruidor* não entrou {PP 194}... Todo o primogénito na terra, ‘desde o primogénito de Faraó, que se sentava em seu trono, até ao primogénito do cativo que estava no cárcere e todos os primogénitos dos animais’, haviam sido feridos pelo *destruidor*. {PP 194}”

Quem é o *destruidor*?

“*Satanás é o assolador*. Deus não pode abençoar quem se recusa a ser mordomo fiel. *Tudo* o que pode fazer é permitir a Satanás que realize sua obra destruidora. Vemos calamidades de toda espécie e proporções assolarem a Terra, e por quê? Porque o poder regulador de Deus não é exercido. O mundo tem desprezado a Palavra de Deus. Os homens vivem como se Ele não existisse. Da mesma forma que os habitantes do mundo antediluviano, recusam aceitar qualquer ideia de Deus. A impiedade cresce em proporção assustadora, e a Terra está amadurecendo para a ceifa.” *Testemunhos para a Igreja* 6:388, 389. (*Testemunhos Selectos* 3:25.)

Portanto, foi o *destruidor*, Satanás, quem matou os primogénitos. Mas porque é que ele seleccionou apenas um em cada família?

Satanás tinha o propósito específico de aniquilar toda a casa de Israel. Para fazer isto organizou uma pestilência destruidora que se espalhou por toda a terra. Aparentemente estava além da sua capacidade limitar esta morte silenciosa apenas a Israel. Para ter a certeza do seu genocídio tinha que atingir também os egípcios.

O facto de os israelitas serem directamente ameaçados é confirmado pela evidência de que eles tinham que se fornecer de protecção especial espargindo o sangue nas portas. Assim, Satanás não conseguiu tocar em Israel, apesar de ainda ter tentado, apesar do sangue.

Quando chegou a meia-noite, a morte silenciosa correu pela terra horripelantemente atingida, entrando através das portas e das janelas, flagelando todas as casas desprotegidas até que o silêncio da noite foi despedaçado pelo choro cortante da lamentação.

O homicida encontrou uma barreira de protecção à volta de todos, menos do primogénito. Isto apenas podia ser providenciado por Deus. Ele também teria protegido o primogénito, mas pela mesma razão, eles estavam situados onde isto se tinha tornado impossível. O que foi então, que expôs o filho mais velho à malícia do destruidor, enquanto o resto não podia ser tocado por ele?

Não há revelação directa nas Escrituras que diga a resposta, mas há informações muito fortes para indicarem o que pode ter causado que isto fosse assim. Desde o seu primeiro momento, o primeiro filho da família era dedicado ao serviço de Satanás. Seguindo esta dedicação, ele era continuamente treinado para preencher o ofício e papel de sacerdote pelo menos na sua família. Alguns deles iam preencher posições nacionais. Assim, eles eram ligados a Satanás e separados de Deus mais do que quaisquer outras pessoas na terra. Como tal eram definitivamente aqueles que seriam encontrados sem a protecção de Deus mesmo quando Ele ainda podia proteger o resto das pessoas, embora apenas parcialmente.

Através da triste sequência das pragas, Deus manifestou-Se apenas como um Deus de amor, embora haja dúvida se, na sua cegueira eles podiam tê-lo visto como tal. As desatendidas súplicas de séculos não desencorajaram os esforços de Deus para os inclinar à obediência. Infelizmente, o trabalho designado na sabedoria de Deus para os levar ao arrependimento apenas serviu para os levar cada vez mais para longe disso.

Por fim, os que escaparam à silenciosa morte que os privou do primogénito lançaram-se com cega e insensata estupidez atrás dos israelitas quando eles atravessaram o Mar Vermelho. Onde os Israelitas estavam, o poder de Deus operava para os proteger das tremendas forças da natureza, mas a rebelião e desafio dos egípcios era tão completo que não havia possibilidade de permitirem que o Espírito Santo permanecesse onde eles estavam. Desse modo, forçaram os poderes das águas a saírem da mão e controlo de Deus com um único resultado possível. Inumeráveis toneladas de água rolaram destruindo-os até ao último homem.

O Faraó e o seu exército nunca aprenderam a lição das varas e das serpentes. A sua falta de atenção à mensagem que lhes foi enviada em amor não mudou a própria lição. A sua verdade manteve-se qualquer que tivesse sido a sua atitude. Eles atreveram-se a depor Deus da Sua posição de Salvador e Protector e as varas tornaram-se devoradoras serpentes de destruição.

Toda a experiência é uma revelação paga à custa dum preço terrível por aqueles idólatras, não por causa daquilo que Deus enviou sobre os egípcios, mas porque eles o trouxeram sobre si mesmos

apesar dos melhores esforços de Deus para os proteger disso. Nenhuma culpa pode ser imputada a Deus que saiu da cena tão impecavelmente perfeito como sempre:

- Um perfeito guardador da lei;
- Que não quebrou a lei a fim de a preservar;
- Um amoroso e completo Salvador;
- Que não é um destruidor;
- Nem aquele que executa o impenitente;

Ele era exactamente o que Cristo mais tarde revelou que Ele era.

Capítulo 24

A Demonstração do Poder de Deus

Antes de deixar a história das pragas no vale do Nilo, outro aspecto do caso deve ser considerado. Deus viu e aceitou a oportunidade de salvar do desastre, uma bênção salvadora, expressa, mas raramente compreendida, nestas palavras:

“Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o meu poder em ti e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.” *Êxodo* 9:16.

“Ainda o coração de Faraó se tornou mais endurecido. E então o Senhor lhe enviou uma mensagem, declarando: ‘Esta vez enviarei todas as Minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, para que saibais que não há outro como Eu em toda a terra. [...] Mas deveras para isto te mantive, para mostrar o Meu poder em ti.’ Não que Deus lhe tivesse dado existência para este fim; mas Sua providência encaminhara os acontecimentos de modo a colocá-lo no trono, no próprio tempo destinado ao libertamento de Israel. Embora este altivo tirano houvesse pelos seus crimes se privado das misericórdias de Deus, todavia a vida lhe fora preservada para que mediante sua teimosia, o Senhor pudesse manifestar Seus prodígios na terra do Egito. A disposição nos acontecimentos é da providência de Deus. Ele poderia ter posto no trono um rei mais misericordioso, que não tivesse ousado resistir às poderosas manifestações do poder divino. Mas nesse caso os propósitos do Senhor não se teriam cumprido. Foi permitido que Seu povo experimentasse a esmagadora crueldade dos egípcios, para que não se enganassem com relação à influência aviltante da idolatria. Em Seu trato com Faraó, o Senhor manifestou Seu ódio à idolatria, e Sua decisão de punir a crueldade e a opressão.” {PP 186}, *Patriarcas e Profetas*, 272, 273.

“Ele [Moisés] foi informado de que o rei não cederia antes que Deus mandasse juízos sobre o Egito, e tirasse Israel por meio de uma assinalada manifestação de Seu poder. Antes de ser infligida cada uma das pragas, Moisés devia descrever sua natureza e efeitos, para que o rei pudesse salvar-se da mesma se o quisesse. Cada castigo rejeitado seria seguido por outro mais severo, até que seu coração orgulhoso se humilhasse, e ele reconhecesse o Criador do céu e da Terra como o Deus verdadeiro e vivo. O Senhor daria aos egípcios oportunidade de verem quão vã era a sabedoria de seus homens poderosos, quão fraco o poder de seus deuses, quando em oposição aos mandos de Jeová. Ele castigaria o povo do Egito por sua idolatria, e reduziria ao silêncio sua jactância a respeito de bênçãos recebidas de suas insensíveis divindades. Deus glorificaria o Seu próprio nome, para que outras nações pudessem ouvir acerca de Seu poder, e tremer ante os Seus potentes atos, e para que Seu povo fosse levado a volver de sua idolatria e prestar-Lhe um culto puro.” {PP 182}, *Patriarcas e Profetas*, 266.

Estas Escrituras informam-nos que Deus realizou um propósito ao lidar com essa rebelião. Foi para que o Egito, Israel e as outras nações tivessem a oportunidade de ver alguma coisa da magnitude do poder de Deus, a correspondente futilidade dos recursos humanos para controlar ou conter o que exigia que o poder de Deus segurasse e, portanto, a completa necessidade de reconhecimento humano e dependência do braço do Todo-Poderoso. Implícita em tudo estava a mensagem de que a protecção do Altíssimo estava disponível apenas para os obedientes.

Mas essencial para o sucesso do plano divino era a presença no trono egípcio de um rei extremamente teimoso. Foi pela providência de Deus que exactamente esse rei estava lá no exacto

momento em que chegou a hora da libertação de Israel. Como alternativa, Deus poderia ter colocado no trono do poder um rei mais flexível.

De novo, a não ser que estas palavras sejam lidas à luz que vem da vida e ensinamentos de Cristo numa profundidade espiritual excedendo o tão superficial estudo do passado que os humanos fazem, elas serão mal compreendidas.

Portanto, estas perguntas devem ser feitas e correctamente respondidas.

Por que estava Deus tão ansioso para dar uma demonstração do Seu poder ao povo daquele tempo?

Como era dada a revelação do poder?

De que modo colocou Deus o endurecido monarca no trono precisamente nesse tempo?

Porque esperou Deus tanto tempo para libertar o Seu povo?

Há mais de uma solução possível para estes problemas. A resposta que descreve correctamente o que Deus fez e porquê, reflectirá com precisão tanto a Sua sabedoria quanto Seu carácter. Por outro lado, as respostas incorrectas produzirão uma visão errónea da natureza de Deus e Seus princípios.

Se Deus é obcecado, como o são geralmente os governadores terrestres, com a exigência que todos os homens dêem absoluto reconhecimento da Sua posição e autoridade como o absoluto governador do Universo, então a Sua motivação em exhibir o Seu infinito poder seria para incutir respeito, assegurando assim que Lhe seja dada a honra que *Ele* sente que *Lhe* é devida.

Assim, a Sua mensagem a todas as nações teria sido: “Prestai atenção, povo da Terra. Estou a fazer dos egípcios um exemplo para que saibais como trato aqueles que não Me dão o respeito que considero Meu. Desprezem qualquer pensamento de resistência, pois o Meu poder é tal que ninguém pode contender Comigo. Este Faraó do Egipto foi o maior da Terra. Ele era mais duro e teimoso do que todos vós. Ele ousou resistir à Minha vontade. Vejam-no agora quebrado e morto. Sirvam-*Me* agora ou tratar-vos-ei da mesma forma. Saibam que não aceitarei insubordinação nem mesmo que ignorem as minhas reivindicações sobre vós.”

É esta a mensagem que o Senhor procurou comunicar através das Suas actividades no Egipto? A vasta maioria está convencida de que assim é. Mas nesta situação pelo menos, o suporte da maioria não é a confirmação da verdade, especialmente quando é considerado que tão poucos da população da Terra servem mesmo a Deus.

Uma cuidadosa reflexão sobre as implicações dessa avaliação do comportamento de Deus no Egipto rapidamente revela que isso não pode ser verdade. Se Deus conduzisse os Seus assuntos, conforme descrito acima, mostraria que Ele pensa em Si mesmo e na exaltação de Si próprio, que só tem amor por Si mesmo e, portanto, totalmente injusto. Deus *é amor* em grau infinito. É impossível que Ele seja amor e, ao mesmo tempo, manifeste qualquer vestígio de *amor-próprio*, *auto-proteccionismo* ou *exaltação própria* e *só pense em Si próprio*. Portanto, todos devem escolher entre acreditar que Deus é amor ou que Ele mostrou o Seu poder no Egipto para intimidar as nações à respeitosa obediência. Não podem ser mantidos ambos os entendimentos. As duas posições são totalmente incompatíveis e, de facto, hostis uma à outra.

Manter o conceito que Deus agiu com interesse próprio ao tratar com os senhores dos escravos israelitas, é pensar acerca d’Ele como sendo exactamente igual ao orgulhoso monarca com quem Ele tratava. É fazê-l’O como todo o César, ditador, imperador, rei, déspota, potentado, e, em resumo, todo o homem não convertido. Quanto maior é esse afastamento da justiça, mais vivamente eles exibem esta preocupação por si mesmos e a sua preocupação com a exigência de homenagem e respeito dos outros. Por outro lado, quanto mais os homens se aproximam de Deus e se tornam como Ele em carácter, mais essa disposição diminui.

Isto nunca foi tão incisivamente demonstrado como na vida de Jesus Cristo, e assim sempre será, a expressa imagem de Seu Pai. Nunca houve uma vida mais desprovida de egoísmo, não dando lugar à menor suspeita de que Ele tivesse vindo a estabelecer o reconhecimento da Sua posição e autoridade em favor da Sua própria causa. Cristo, como revelação do carácter do Pai, varreu para

sempre qualquer base para a noção de que Deus revelou o Seu poder no Egipto para oprimir o mundo.

Portanto, Ele *não* está carregado com qualquer preocupação a respeito da Sua posição ou com o reconhecimento e obediência *a Ele* para Si próprio. O pensamento quanto a Si mesmo e Sua posição nunca O incomodam.

Mas Ele está realmente ciente do terrível perigo em que está todo ser humano na Terra. Ele sabe que no Jardim do Éden, o homem rejeitou a protecção da lei e instituiu no lugar de Deus, alguém que não podia controlar os poderes que cercavam a Terra.

Ele sabe que somente por causa da interposição do Seu Filho esses perigos são mantidos sob controlo durante o período de provação. Ele sabe que Cristo não pode manter Sua posição como Protector das pessoas da Terra, enquanto a atitude crescente e o espírito de auto-suficiência exigem que Ele deixe esse papel. Portanto, como um Pai amoroso, Ele vê com a mais profunda angústia o desenvolvimento do egocentrismo e loucura da auto-destrutiva ousadia que está aproximando os Seus filhos rebeldes cada vez mais do abismo. À medida que essa situação se desenvolve, Ele fará tudo quanto for possível dentro dos limites da lei para salvá-los.

Deus sabe o terrível perigo em que todos vivem diariamente, mas os homens não conhecem. Eles não sabem que, desde a queda, vivem sob uma cobertura protectora divinamente suprida, porque o homem insignificante é totalmente impotente para se salvar, e que a provisão contínua da cobertura depende do facto de terem um sentido de humilde dependência do Salvador o que Lhe permitirá permanecer. Os homens deixam Deus fora do seu reconhecimento, confiantes de que todos os poderes da natureza evoluíram para o seu actual estado de eficiência, sem perigo de colapso. Eles não podem ver o poder de Deus em acção e, portanto, permanecem na ignorância dele e no que ele está fazendo por eles.

Por conseguinte, aqueles que não tinham os olhos da fé e, por isso, não podiam ver o maravilhoso poder de Deus, a revelação só poderia acontecer se o poder fosse retirado. Então, quando uma trovoadas, tempestade, fogo, terramoto ou pestilência os devastou, puderam eles ver no poder do que veio, a medida do poder que anteriormente havia impedido tudo isso.

Guardai em mente as varas e as serpentes. Então, não haverá perigo de cometer o erro antigo de pensar que o ataque da grande destruição é trabalho de Deus. O ataque devastador não é a revelação do que Deus está a fazer com o Seu poder onnipotente, mas a revelação do que a Sua mão anteriormente tinha sob perfeito controlo.

Não é assim que Deus deseja que o Seu poder se torne conhecido pela humanidade, pois isso tem um tremendo custo à vida e à Terra. Portanto, Ele trabalha com todos os recursos do Céu para impedir que tal crise se desenvolva. Todavia, Ele não pode obrigar os homens a obedecer. Eles devem servi-l’O por amor – de modo inteligente, ou então não o fazer de todo.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados dependia de sua perfeita harmonia com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas serviço de amor – homenagem que brote de uma apreciação inteligente de Seu carácter. Ele não tem prazer em uma submissão forçada, e a todos confere vontade livre, para que possam prestar-Lhe serviço voluntário.” *O Grande Conflito*, 493.

“Visto que apenas o serviço por amor pode ser aceito por Deus, a submissão de Suas criaturas deve repousar em uma convicção sobre a Sua justiça e benevolência.” *O Grande Conflito*, 498.

Mas, apesar dos maiores desígnios do amor infinito, os seres humanos como os egípcios continuarão a desafiar o amor e os convites até ao ponto em que o poder de Deus será revelado pela sua retirada.

Em todos os seus esforços para salvar da vinda da catástrofe, Deus foi motivado pelo consumidor amor pelos Seus filhos em perigo. Quando, por causa de sua cega e persistente recusa em receber esse ministério de amor, eles O forçam a remover a Sua mão do leme, Ele ainda continua a trabalhar com o mesmo amor. Embora, a perda de vidas e bens seja enorme, o Senhor trabalhará para salvar muitos dos destroços.

Em primeiro lugar, ele se esforçará para despertar indivíduos desde o meio dos obstinados até a consciência da sua necessidade desse único poder que pode reter as terríveis forças da natureza e do homem. Da mesma forma, Ele procurará gravar no pensamento dos espectadores próximos e distantes, as mesmas verdades salvadoras, para encorajá-los a não agir com irresponsabilidade precipitada.

Deus nunca planejará essas condições para transmitir estas lições, mas quando elas se desenvolvem, apesar dos Seus melhores esforços para as evitar, então Ele as usará para prestar um serviço valioso aos necessitados.

Este trabalho não é realizado em vão. Para alguns, como o orgulhoso déspota e muitos do seu povo foi em vão, mas muitos dos habitantes do Vale do Nilo, reconhecendo quão impotentes eram os seus próprios deuses para assumir os poderes deixados pelo Senhor, voltaram-se para servir ao Deus verdadeiro. Quando os israelitas deixaram o Egito, muitas dessas pessoas foram com eles. Enquanto isso, quando Moisés anunciou a chegada do granizo, um bom número de agricultores revelou as suas convicções recém-formadas, apressando-se a colocar os seus animais nos abrigos. Se aqueles impressionantes flagelos fossem o que o poder de Deus estava controlando, então que estupendo poder era o de Deus! Era preciso isto para que ele lhes fosse mostrado.

“Quem dos servos de Faraó temia a palavra do Senhor, fez fugir os seus servos e o seu gado para as casas.” *Êxodo* 9:20.

Estas não foram as únicas pessoas ajudadas. Foi uma lição para os israelitas, enquanto longe os cananeus tinham sido levados a fazer uma pausa na sua precipitada corrida para a iniquidade total e sua consequente destruição. O seu tempo de provação foi indubitavelmente alargado pelos eventos no Egito. Assim, Deus alcançou um propósito salvador através dos acontecimentos que Ele incansavelmente trabalhara para impedir.

Naturalmente, quanto mais intensa, prolongada e total a destruição; quanto mais enfática a lição; mais a mensagem de Deus era realçada. Tal não poderia acontecer sem a presença no trono de um Faraó que era especialmente teimoso e rebelde. As Escrituras em estudo neste capítulo declaram que “...mas Sua providência encaminhará os acontecimentos de modo a colocá-lo no trono, no próprio tempo destinado ao libertamento de Israel. Embora este altivo tirano houvesse pelos seus crimes se privado da misericórdia de Deus, todavia a vida lhe fora preservada para que mediante sua pertinácia o Senhor pudesse manifestar Seus prodígios na terra do Egito. A disposição nos acontecimentos é da providência de Deus. Ele poderia ter posto no trono um rei mais misericordioso, que não tivesse ousado resistir às poderosas manifestações do poder divino. Mas nesse caso os propósitos do Senhor não se teriam cumprido.” {PP 186}, *Patriarcas e Profetas*, 272, 273.

A mesma verdade é repetida em *Daniel* 4:17.

“Esta sentença é por decreto dos vigiadores, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens; e os dá a quem quer e até ao mais baixo dos homens constitui sobre eles.”

Esta Escritura do mesmo modo exige uma consideração cuidadosa, ponderada, e sobretudo, em oração, pois pode ser seriamente mal interpretada.

Se, por exemplo, é para ser concluído dessas palavras que Deus determina pessoalmente quem deve ocupar posições de liderança sobre as nações e elege aqueles homens independentemente das vontades dos homens e das suas nações, então evocam-se graves questões sobre o carácter de Deus.

Isso significaria que nas grandes democracias quando os homens votam, eles são meramente marionetes na mão de Deus para executar a Sua vontade. Pior ainda, alguns governantes só chegam ao poder através de eleições fraudulentas, grupos de influência, ameaças e muitos outros métodos injustos. Alguns chegam ao poder por um caminho evasivo à custa do sangue de seus opositores.

É por estes meios que os homens se tornam chefes de nações. Trabalha Deus através de medidas como essas para efectuar a Sua eleição deste ou daquele homem? A resposta deve ser um retumbante "Não!"

Além disso, se Deus propositadamente organizou para que homens como Nero ou Hitler assumissem autoridade absoluta, então os reinados de terror e as terríveis atrocidades devem ser imputadas a Deus. Ele se torna responsável pela tortura de vítimas inocentes, execuções em massa e até mesmo por amontoar dificuldades no caminho de Sua própria igreja.

Isto não quer dizer que as palavras desta Escritura são falsas. É para argumentar que aquilo que, para mentes educadas nos processos humanos de pensamento, pareceria ser a interpretação correcta, é falso. Mais uma vez, é necessário obter uma compreensão mais profunda, mais espiritual e correcta.

Por que, então, Deus colocou no trono um rei muito duro e endurecido quando poderia ter colocado uma pessoa mais branda ali?

A resposta está na *maneira como* Deus estabelece um governante de forma tão diferente de *como* os homens fazem. Quando os homens se propõem a fazer um rei, primeiro determinam quem será esse homem. Depois, exercem toda pressão da força, suborno ou persuasão que podem para realizar os seus desejos. Quanto maior o poder à sua disposição, desde que seja usado com habilidade, mais bem-sucedidos eles são.

Deus é possuidor de infinito poder e sabedoria. Portanto, se Ele tem que operar na esfera humana como o homem faz com o seu menor poder, então apenas aqueles que Deus escolhesse especificamente alguma vez ocupariam quaisquer posições. Esperaríamos que Deus fizesse as melhores escolhas do que está disponível; A escolha de governadores justos, sábios, fortes e misericordiosos. Mas os anais da história revelam que chegaram ao poder pouquíssimos homens assim. Em vez disso, na sua maioria os governadores têm sido despóticos, injustos e cruéis. Se homens como Nero, Hitler e Faraó fossem escolhidos especificamente por Deus e exaltados para a governação, então algumas perguntas sérias deviam ser feitas a respeito do carácter de Deus.

As únicas ocasiões na história em que Deus fez escolhas directas dos indivíduos foi quando a igreja tem trabalhado em harmonia com Ele, ou há um indivíduo que Ele pode usar o qual foi totalmente submetido aos Seus caminhos e vontade. Exemplos disso são Noé, Abraão, Moisés, Josué, Samuel, os vários profetas, João Baptista, Paulo e muitos outros. Vale a pena ressaltar que cada um desses indivíduos tinha um carácter semelhante ao de Deus e era muito diferente dos reis da Terra.

O levantamento de reis está totalmente de acordo com a lei, sendo bem ou mal usada. É o resultado da operação de todos os poderes que Deus investiu na humanidade, independentemente se esses poderes são correcta ou incorrectamente usados de maneira justa ou injusta. Como esses poderes são de Deus então é *neste sentido* que Deus tira e põe reis.

Examinai o levantamento de todos os grandes impérios da história. Quando eles estão no caminho do poder são um povo de muito trabalho e muito sacrifício. Perante eles está o grande objectivo de conquista e aquisição para ser alcançado. Estreitamente unidos e intensamente leais uns aos outros e aos que os conduzem, eles são fortes.

A lei de Deus define que a abstinência, auto-sacrifício, trabalho árduo, unidade e o poderoso estímulo gerado pela perspectiva de grandes realizações, elevará e estabelecerá aqueles que lhe obedecem. Portanto, esses reis que obedecem a estes princípios foram certamente “levantados.”

Como Deus é o Ser que dá estas bênçãos pelas quais os reis são instituídos, então, neste sentido pode ser dito que Ele põe reis e tira reis. A campanha militar pela qual eles ascendem ao trono do poder pode ser totalmente injusta e cruel, contudo é a obra própria desses princípios ordenados por Deus que traz sucesso. Devia notar-se que não é o uso legítimo, mas *o mau uso* destas coisas.

Deus deu esses poderes ao homem, avisando-o dos trágicos resultados do uso errado, mas, em amor, garantiu-lhe a perfeita liberdade para os usar de modo certo ou errado conforme a pessoa escolhesse.

As leis de Deus não apenas estabelecem reis: elas também os derrubam. A conquista alcançada, as riquezas do mundo fluem para as mãos dos conquistadores. Uma vida de ociosidade, luxo e licenciosidade substitui o labor, as dificuldades e a abnegação.

Pelas leis de Deus, o fruto disto é fraqueza, divisão e luta interna. A fraqueza não é apenas física e moral. É também mental. A sabedoria deles torna-se em corrupção. Assim vem o período do declínio, durante o qual uma nação vizinha está na sua subida. A certa altura o ponto de equilíbrio da balança passa o lado do poder que se levanta e aquele que uma vez foi um orgulhoso senhor na Terra é agora esmagado no pó.

Assim pela operação da lei, as nações levantam-se e caem. Como essas leis são de Deus, e como Ele as levanta e mantém para sempre, é Ele quem deste modo põe rei e tira rei. Não é uma eleição pessoal da parte de Deus. É o resultado da Sua vontade expressa nessa lei.

Estabelecidos estes princípios, é simples compreender como Deus colocou no trono do Egito um rei excepcionalmente obstinado.

Deve recordar-se que a plenitude da impiedade se desenvolveu num homem quando o Espírito de Deus através dos mensageiros escolhidos por Deus, apela com poder para ele, e ele escolhe rejeitar esse ministério de amor.

Sob a influência desse serviço de amor há uma poderosa atração para Deus que, se não for resistida, levará certamente à harmonia e comunhão com a família celestial. Resistir a este chamamento requer um decidido esforço espiritual, tal como resistir ao puxão de alguém que nos está a puxar um braço requer esforço físico. Seja no mundo espiritual ou físico o exercício de tal esforço exercita e, portanto, fortalece os músculos que são usados para resistir. Quanto maior o poder resistido e mais energeticamente, mais fortes se tornam os poderes de resistência. Esta é uma lei confiável, simples de entender. Assim, há um *endurecimento* dos músculos espirituais.

Portanto, para o Faraó ser tão teimoso e endurecido como foi, deve ter sido submetido ao forte apelo do Espírito e Lhe resistiu persistentemente.

Há evidência para mostrar isto?

Sim, Há!

Moisés passou quarenta anos na terra do Egito antes de fugir para Midiã. Ele foi colocado ali por Deus a fim de trazer um poderoso e salvador testemunho à corte. Ele era sucessor ao trono, contudo, pela fiel recusa de entrar no sacerdócio manteve-se como um pilar de luz para a verdade de Deus.

“Pelas leis do Egito, todos os que ocupavam o trono dos Faraós deviam fazer-se membros do sacerdócio; e Moisés, como o herdeiro presumível, deveria iniciar-se nos mistérios da religião nacional. Este dever foi confiado aos sacerdotes. Mas, ao mesmo tempo em que era um estudante ardoroso e incansável, não pôde ser induzido a participar do culto aos deuses. Foi ameaçado com a perda da coroa, e advertiu-se-lhe de que seria repudiado pela princesa caso persistisse em sua adesão à fé hebréia. Mas ele foi inabalável em sua decisão de não prestar homenagem a não ser ao único Deus, o Criador do céu e da Terra. Arrazoava com os sacerdotes e adoradores, mostrando a loucura de sua veneração supersticiosa a objetos insensíveis. Ninguém lhe podia refutar os argumentos nem mudar o propósito; contudo, provisoriamente foi tolerada a sua firmeza, por causa de sua elevada posição, e do favor em que era tido pelo rei, bem como pelo povo.” {PP 171}, *Patriarcas e Profetas*, 250, 251.

“A força de Moisés estava em relação com a Fonte de todo o poder, o Senhor dos exércitos. Ele levanta-se grandemente acima de toda a influência terrestre e confiou-se totalmente a Deus. Ele considerou que pertencia ao Senhor. Apesar de estar ligado aos interesses oficiais do rei do Egito estava constantemente a estudar as leis do governo de Deus, e assim a sua fé cresceu. Essa fé era valor para ele. Ela estava profundamente enraizada no solo dos seus primeiros ensinamentos e a cultura da sua vida era prepará-lo para a grande obra de libertar Israel da escravidão. Ele meditava nestas coisas; estava constantemente a ouvir a sua missão de Deus. Depois de matar o egípcio, viu que não tinha entendido o plano de Deus, e fugiu do Egito e tornou-se pastor. Ele não mais planeava fazer uma grande obra e tornou-se muito humilde; As nuvens que enevoavam a sua mente dissiparam-se e disciplinou a sua mente a buscar Deus como seu refúgio.” *S.D.A. Bible Commentary* 1:1098,1099.

Quando ele caiu em desgraça e fugiu para Midiã deixou vaga a sua perspectiva para outro que servia o Faraó, quando ele voltasse com a vara do poder nas mãos. Esse outro homem, como segundo em linha para o trono, tinha inevitavelmente estado em contacto diário com Moisés, e, portanto, dentro do maravilhoso círculo de influência espiritual que circundava o servo de Deus. Por esse esplendor celestial, os desígnios do Senhor deveriam abrandar e converter os corações de toda a corte egípcia, incluindo o jovem que mais tarde seria o Faraó no lugar de Moisés.⁶ Mas aquele que foi enviado para salvar foi resistido e rejeitado. O poder espiritual em Moisés deve ter sido muito grande pois a resistência contra ele desenvolveu no outro príncipe um *endurecimento* do seu coração num grau *excepcional*. Sem dúvida o demónio ardente do ciúme intensificou a pior condição no homem.

Colocar Moisés na corte de Faraó não foi um acto arbitrário da parte de Deus. Não foi algo que tinha de acontecer porque Ele o decretasse. Deus simplesmente tirou vantagem das circunstâncias.

Ele sabia que a filha do Faraó desceria para lavar-se, que ela desejava muito um bebé e que este bebé em particular tocara o seu coração. Assim, tudo o que Ele teve que fazer foi instruir Anrão e Joquebede que escondessem a criança nos juncos e a natureza cuidou do resto.

Tragicamente, a casa real não aceitou o chamamento de amor de Deus. O resultado foi um terrível endurecimento do coração, o desenvolvimento de um espírito de rebelião, auto-suficiência, e total desafio contra o Céu. Qualquer desabamento dos males que *pudessem* ter ocorrido durante os quarenta anos da ausência de Moisés, teriam instantaneamente despertado numa mais ardente intensidade quando o orgulhoso monarca se encontrou de novo em confronto com o homem que ele deve ter odiado mais do que qualquer outro.

Se colocar na corte real um mensageiro cheio de espírito durante quarenta anos dava ocasião para a revelação de um rei tão duro e obstinado, o fracasso de colocar Moisés ali teria produzido um rei desafiador muito menos determinado.

Assim, Deus colocou no trono do Egipto um rei extremamente ímpio ao colocar Moisés na corte. Ele podia ter tido um rei muito mais brando se *não* o pusesse lá.

O princípio de Deus fazer dois chamamentos a um povo, mas nunca um terceiro, como estabelecido em *Mateus* 22:14 está claramente revelado na história desta grande nação.

Nos dias de José a Palavra de Deus foi obedecida. Ao servo de Deus, José, foi dada uma posição de poder e influência imediatamente abaixo do rei, um lugar que certamente ele usou para estabelecer a adoração do verdadeiro Deus. Até que medida ele foi bem-sucedido não nos é dito. Pelo ministério de José foi oferecido à nação o casamento espiritual e até certo ponto ela respondeu. Depois seguiu-se a habitual apostasia. Isto colocou-os na necessidade de um chamamento de Deus que Ele lhes enviou tão depressa quanto teve um mensageiro através de quem isso pudesse ser feito. Em Moisés Ele encontrou a Sua oportunidade. Pela vida e palavra durante os anos de presença na corte egípcia, Moisés transmitiu aos que estavam em autoridade o amor e a justiça de Deus. Mas o chamamento foi rejeitado.

Restava apenas o segundo chamamento que foi dado através de Moisés quando voltou com a vara que se tornou numa serpente. O chamamento começou quando a vara foi lançada ao chão, e continuou a soar à medida que praga após praga caía. Mas esse segundo chamamento não foi atendido. Desde esse dia até agora, a nação, como tal, nunca mais teve outro chamamento, e não mais lhe será enviado outro.

Só depois do segundo chamamento ter sido recusado, Deus se separou do Seu povo.

O período de servidão durou alguns séculos, porque é que Deus esperou tanto tempo para libertar o Seu povo?

Ele não teve outra escolha.

⁶ A colocação de Moisés na corte foi um plano brilhante de amor por parte de Deus. Moisés foi o mensageiro directo e pessoal de Deus, pelo qual Deus ofereceu ao Egipto uma salvadora e completa conversão. Se isso tivesse acontecido, Moisés teria sido o guia do Egipto com a morte do governante existente. Na verdade, tão grande era a sabedoria e o poder de Deus em Moisés, que ele teria sido o governante real muito antes da morte do governante mais velho.

Primeiramente, não o podia fazer pela força, pois o “poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás.”

“A que”, perguntava Cristo, ‘assemelharemos o reino de Deus? ou com que parábola o representaremos?’ Marcos 4:30. Ele não podia empregar os reinos do mundo como uma ilustração. Na sociedade, nada achou com que o pudesse comparar. Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas no reino de Cristo não existe arma carnal nem instrumento de coerção.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

Em segundo lugar, Ele não retirará voluntariamente a Sua presença para libertar as enfurecidas forças da natureza a fim de quebrar o domínio do opressor.

Tudo quanto Deus podia fazer era agarrar toda a oportunidade para salvar os egípcios. Ele fez isto quando Moisés nasceu. Havia esperança que eles se arrependessem, mas se não o fizessem, então, chegariam mais rapidamente ao ponto em que forçariam a retirada da cobertura de protecção.

Eles próprios quebrariam o seu poder de reterem o povo de Israel, deixando assim Deus com a perfeita liberdade para libertar e levar o Seu povo. Notai como Deus esperou até o Faraó dizer.

“Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; e ide e servi ao Senhor como tendes dito.” *Êxodo* 12:31.

A longa servidão dos israelitas e recusa de Deus de os tirar de lá até que Faraó os libertasse é a prova clara de que Deus não usa a força e, portanto, que os conceitos geralmente compreendidos acerca daquilo que Deus fez no Egito são errados.

Se Deus trouxesse Israel pela força, então porque não o fez cem anos antes? Alguém que é todopoderoso pode fazer o que quer, quando, e onde deseja.

Mas Deus está sujeito aos princípios da justiça e age apenas nos limites da lei. Portanto, Ele teve que esperar que o inevitável resultado da própria impiedade dos egípcios trouxesse a sua colheita de auto-destruição e conseqüente libertação de Israel.

Isto não quer dizer que Deus não fez absolutamente nada. Ele esteve sempre lá, trabalhando para salvar. Muito embora não obtivesse a resposta desejada da maioria, houve aqueles que encontraram a salvação mesmo entre os egípcios, ao passo que o restante chegou mais rapidamente à sua ruína.

Recomenda-se que o estudante releia agora as Escrituras citadas no princípio deste capítulo. Se os princípios sublinhados nestas páginas foram compreendidos, serão lidos numa luz totalmente nova. Deus será visto de modo consistente com a vida e ensinos de Cristo, estabelecendo assim uma perfeita harmonia entre as revelações de Deus no Antigo e no Novo Testamento.⁷

⁷ Vede *SDA Bible Commentary*, Volume 1:493 para obter notas históricas sobre a sequência dos reis egípcios. É indicado que Tutmés III, 1482-1450 AC., foi o governante de quem Moisés fugiu. “Depois de Tutmés III, seu filho Amenhotep II subiu ao trono (1450-1425 AC.). Ele iniciou um reinado de medo calculado sobre suas posses estrangeiras e encaixa-se notavelmente bem no papel do Faraó do *Êxodo*. Por alguma razão, não é mencionado nos registos não bíblicos, não foi o príncipe herdeiro, mas outro filho de Amenhotep II, Tutmés IV (1425-1412 AC.), que o seguiu no trono. O desaparecimento do príncipe herdeiro pode ter sido devido ao assassinato de todos os primogénitos na décima praga do Egito.”

Capítulo 25

O Dilúvio

Em nenhum lugar nas Escrituras Deus divulga todos os aspectos do Seu carácter. As evidências são dadas em vários lugares, sendo deixado ao estudante da Palavra reuni-las.

Então, num lugar, somos informados de que não há injustiça – transgressão da lei – em Deus. “Que diremos, pois? Que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma!” *Romanos* 9:14.

Noutro, “Sua lei é um transcrito de Seu próprio carácter...” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus*, 315.

Outra vez, “Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 36.

E ainda noutros lugares, Deus é cuidadoso em dar exemplos para mostrar como Ele pretende que entendamos expressões como: “Deus *os destruiu*,” “Deus *endureceu*,” “Deus *enviou*”.

A vida e todos os ensinamentos de Cristo endossam, combinam e amplificam perfeitamente esses princípios.

No episódio egípcio, as varas e as serpentes fornecem-nos a declaração de Deus de como Ele conduziria os Seus assuntos. Mas não é fornecida uma explicação científica clara sobre como a água se transformou em sangue, como cada praga se seguiu e como os primogénitos da Terra morreram. Seria de grande ajuda se fosse dada, mas essas informações não são essenciais para a fé.

No relato sobre o dilúvio, no entanto, é diferente. Deus deu-nos evidências suficientes em várias partes da Bíblia para estabelecer a maneira científica pela qual o dilúvio veio. O estudo deste grande cataclismo será abordado por essa perspectiva.

Quando for visto o que causou o dilúvio e como ocorreu, será dada uma poderosa confirmação à verdade de que Deus não executa o pecador nem destrói a Terra. Longe de realmente enviar o dilúvio, Deus o conteve o máximo que pôde. Finalmente chegou porque Ele não podia impedi-lo mais sem forçar a Sua presença onde não era mais desejada. Não há diferença entre o comportamento de Deus durante o dilúvio e a dizimação do Egipto.

As condições antes do dilúvio eram radicalmente diferentes das que são desde então. A chave para essa diferença está no estado do Sol e da Lua, o primeiro era sete vezes mais quente do que é agora e a segunda era igual ao nosso sol actual. Isto significava que oito vezes o calor e a luz de hoje estavam sendo enviados para a Terra antes do dilúvio.

A evidência bíblica é encontrada em *Isaías* 30:26.

“E será a luz da lua como a luz do sol, e a luz do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor ligar a quebradura do seu povo e curar a chaga da sua ferida.”

Isto é uma profecia do futuro e uma descrição do passado. Deus está a dizer o que fará quando ligar “‘a quebradura do Seu povo’ ‘e curar a chaga da sua ferida’”. Isto é restauração, a reposição daquilo que já lá estava. Se isso envolve aumentar o Sol para sete vezes a sua intensidade actual e a Lua igualar-se ao Sol actual, é assim que era antes da “‘da *quebradura* do Seu povo’ e da *‘imposição*’ da chaga da sua ferida.”

Será quando o Criador criar um Novo Céu e uma Nova Terra, que essa restauração será realizada. Naquele momento, o Sol e a Lua combinados transmitirão oito vezes o calor e a luz agora produzidos.

O homem moderno conhece a Lua como um satélite morto, sem luz ou calor próprio. Não passa de um reflector dos raios do Sol. Se, na recriação física vindoura dos Céus e da Terra, quando o Sol aumentar sete vezes, a Lua continuasse como um reflector, ela daria apenas sete vezes o brilho de hoje. Isso não a tornaria igual ao sol actual, que emite quatrocentos e sessenta e cinco mil vezes a luz reflectida pela lua cheia.

A verificação dessa diferença de intensidade é encontrada nesta declaração. “O Sol é 465.000 vezes mais brilhante do que a lua, com um erro observacional de cerca de 20%. Uma variação real no brilho de 20% resulta da distância variável entre a Lua e a Terra e o Sol.” *The Encyclopedia Britannica*, Vol. 15:780. Edição de 1966.

Portanto, para a lua aumentar em brilho quatrocentos e sessenta e cinco mil vezes, enquanto o Sol aumenta apenas sete vezes, terá que se tornar um corpo com luz própria. Deixará de ser um reflector e actualizar-se-á para um sol pequeno. Estando apenas a duzentos e cinquenta mil milhas da Terra, não precisaria ser tão grande quanto o Sol para transmitir essa quantidade de energia. A intensidade de energia e da luz diminui, não em proporção directa à sua distância da fonte, mas em proporção ao *quadrado* da distância. O Sol está situado a noventa e três milhões de quilómetros da Terra, uma distância quase quatrocentas vezes maior do que a posição da Lua. Isso faz uma diferença muito significativa nos tamanhos necessários para gerar a mesma quantidade de calor na Terra.

Com essas duas esferas de fogo servindo conjuntamente os novos Céus e nova Terra, prevalecerá uma condição amplamente alterada das coisas do que elas são agora. Isso parece tão drástico que leva muitos a pensar que as Escrituras que prevêm isso devem ser entendidas apenas figurativamente. No entanto, as palavras devem ser entendidas literalmente, como a declaração seguinte confirma.

“Constituirão todos uma família feliz e unida, revestida com as vestes de louvor e ações de graças – as vestes da justiça de Cristo. Toda a natureza, em sua arrebatadora formosura, oferecerá a Deus um tributo de louvor e adoração. O mundo será banhado com a luz do Céu. Os anos decorrerão na alegria. *A luz da Lua será como a luz do Sol, e a luz do Sol será sete vezes maior do que é hoje.* Sobre essa cena, as estrelas da manhã cantarão em uníssono, e os filhos de Deus exultarão de alegria, enquanto Deus e Cristo Se unirão proclamando: ‘Não haverá mais pecado nem morte....’” *My Life Today*, 348. Ver também *A Ciência do Bom Viver*, 506, *The Review and Herald*, 6 de Novembro de 1903, *A Ciência do Bom Viver Condensado*, 228.

O motivo para questionar se este testemunho pode ser literalmente aceite é a expectativa de que oito vezes mais calor seria insuportável. Num dia de Verão desconfortavelmente quente, a temperatura regista 120° F., ou 48,88° C. Isto é aproximadamente o máximo de calor que pode ser suportado, mas se a temperatura aumentasse uns meros cinquenta por cento para se tornar 180° F., ou 73,3° C., seria impossível sobreviver. Que esperança teria alguém se a temperatura subisse *oito vezes* para 960° F., ou 586,56° C? Isso está acima do ponto de fusão do chumbo, 621,32° F., ou 327,4° C., e quase o ponto de fusão do alumínio, 1220,4° F., ou 660,2° C.

O corpo humano é composto por quase 75% de água que ferve a 212° F., ou 100° C. Muito abaixo dos 960° F., ou 586,56° C., ser atingidos, os seres humanos teriam fervido até à morte em seus próprios fluidos, e a vida vegetal também teria sido destruída. A Terra tornar-se-ia um inferno, e não um lar.

Embora este superaquecimento seja o que esperaríamos, resultaria num clima perfeito, de facto, alcançado pelo desenvolvimento de um estado de equilíbrio entre o calor daqueles gigantes de fogo e a suspensão na atmosfera de uma cortina ou manto de vapor de água. Essa cobertura protectora absorveria apenas o calor necessário para produzir um clima perfeito em toda a superfície da Terra em baixo.

As condições existentes neste planeta antes de Deus começar a transformá-lo num lar habitável, foram reproduzidas durante o tempo de Noé. Quando a arca atravessou os mares tempestuosos, as inundações foram tão completas que nenhuma terra seca se via. O registo em *Genesis* um mostra que era o mesmo no começo.

“No princípio, criou Deus os céus e a terra.

“E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face *do abismo*; e o Espírito de Deus *se movia sobre* a face das águas.” *Genesis* 1:1, 2.

Nem um centímetro quadrado de rocha, areia ou solo era visível na extensão ininterrupta de água. Não foi senão ao terceiro dia que a terra seca apareceu.

“E disse Deus: ‘Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; *e apareça a porção seca*.’ E assim foi...

“E foi a tarde e a manhã: o dia terceiro.” *Genesis* 1:9, 13.

Esses versículos estabelecem que toda a terra estava submersa antes do terceiro dia. O que é de grande interesse agora, são os eventos do segundo dia. Deus, então, tomou uma quantidade tremenda de água e a elevou acima da superfície da terra, onde permaneceu em estado de suspensão. Algum conceito do volume de água assim levantado é apresentado pela história do seu retorno à Terra para produzir o dilúvio de Noé.

“E houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.” *Genesis* 7:12.

Não foi uma tempestade localizada. Choveu sobre cada centímetro quadrado da superfície da Terra durante quarenta dias e quarenta noites em chuva ininterrupta, como nunca se repetiu.

Não sabemos quão profunda era a inundação nos primeiros dias da criação. Somos informados de que, mesmo depois do Senhor elevar uma quantidade enorme de água, aquela que restava teve que ser reunida num só lugar para que, mesmo assim, aparecesse a terra seca. Isso seria conseguido remodelando a superfície da Terra. Algumas partes deviam ser elevadas, outras abaixadas. A água gravitaria naturalmente para as áreas mais baixas, formando assim os mares.

Isto significava que grande parte da Terra era mais alta do que quando toda a superfície estava inundada. No entanto, quando, nos dias de Noé, as águas que haviam sido colocadas no alto acima da Terra no segundo dia da criação, retornaram à Terra, era tão imensa em quantidade que inundou o mundo novamente. A partir destas evidências, é estabelecido que um enorme volume de água foi colocado em suspensão naquele segundo dia.

“E disse Deus: ‘Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.’

“E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. E assim foi.

“E chamou Deus à expansão Céus; e foi a tarde e a manhã: o dia segundo.” *Genesis* 1:6-8.

A leitura da Bíblia King James 1999 de “firmamento” é a *expansão*. No devido tempo, Deus a chamou de Céu. Chamando-o dessa maneira não designou a expansão como sendo a Sua morada central, o Céu dos céus. A palavra “céu” tem várias aplicações. Há o Céu onde Deus habita, os céus estrelados e, finalmente, a área atmosférica ao redor desta Terra, onde os pássaros voam e as nuvens flutuam. É este último ao qual é feita referência aqui.

Assim, na organização criativa de Deus, Ele deixou alguma água sobre a Terra, mas o restante permaneceu acima e completamente ao redor do mundo. Entre havia um céu atmosférico. Quão alto era esse manto, não sabemos. Sem dúvida, um cientista poderia calculá-lo.

Deus fez referência a isso na Sua conversa com Jó quando disse:

“Onde estavas tu quando eu fundava a terra? ...

“Quando eu pus as nuvens por sua *vestidura* e, a escuridão, por *envolvedouro*?” *Jó* 38:4, 9.

Assim, um manto profundo, protector e isolante de vapor de água envolveu a Terra, assim como as nuvens parcial e periodicamente fazem hoje. A altura e espessura disto foram precisamente calculadas pelo Criador para produzir o clima perfeito na Terra.

“E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.

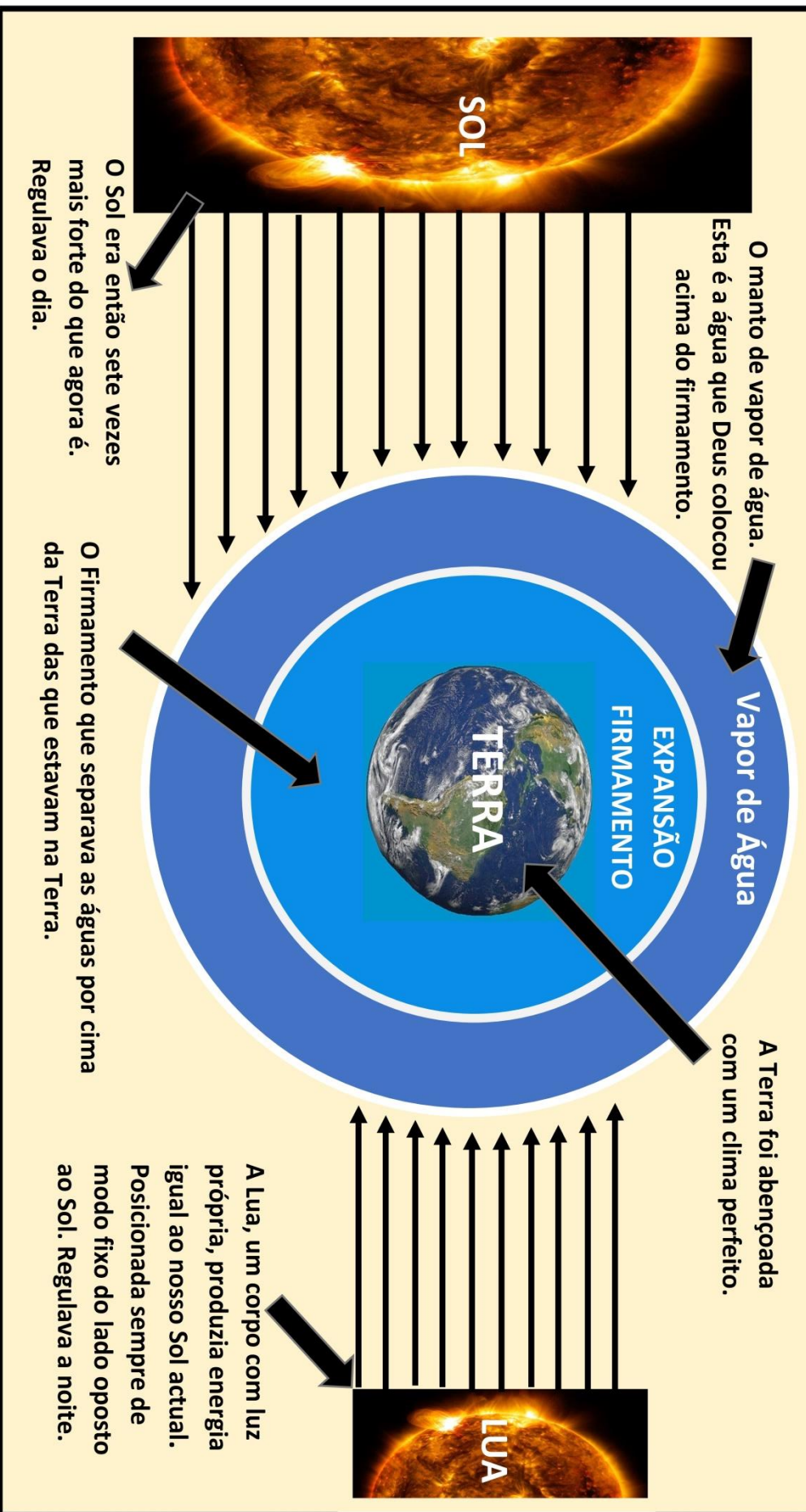
“E sejam para luminares na expansão dos céus, para alumiar a terra. E assim foi.

“E fez Deus os dois grandes luminares: o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.

“E Deus os pôs na expansão dos céus para alumiar a terra,

O Sol, a Terra, e a Lua

Conforme estavam alinhados desde a Criação até ao Dilúvio. Isto resultou num clima perfeito na Terra desde um Pólo ao outro.



“E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que era bom.

“E foi a tarde e a manhã: o dia quarto.” *Génesis* 1:14-19.

O Sol e a Lua não foram estabelecidos nas suas respectivas órbitas para dar apenas luz à Terra. A Escritura testemunha claramente que eles deveriam “... iluminar a terra, e para regular o andamento da noite, e fazerem separação entre a luz e a escuridão.” *K.J.* 1999.

O arranjo era uma obra-prima de tecnologia equilibrada. A quantidade de calor produzido pelos dois sóis foi calculada para manter apenas o volume correto de vapor de água na altitude ideal. A percentagem de energia térmica absorvida nesse processo deixava passar o suficiente pelo filtro, fornecendo o calor necessário para aquecer a Terra e os seus habitantes.

Mas, por mais eficazmente que o manto de água absorvesse a maior parte da energia do sol e, assim, protegesse o mundo abaixo de sua explosão abrasadora, o propósito de Deus para ele não terminou aí. Servia para conservar, distribuir e equalizar o calor que chegava à superfície.

Os raios do sol não aquecem o ar quando passam por ele. Eles aquecem a terra e o mar. O ar que entra em contacto com essas superfícies absorve a energia e é aquecido por sua vez. Assim, a atmosfera directamente em contacto com a terra e o mar é a mais quente, ao passo que quanto mais afastada é a altitude, mais fria fica pela simples razão de não ter contacto com as fontes que lhe transmitirão calor.

O calor que atinge níveis acima da Terra chega lá pelo processo de transferência. O ar quente sobe enquanto o ar frio baixa. À medida que o ar mais próximo da Terra é aquecido, começa a subir pelas áreas mais frias acima. Ao fazê-lo, libera o seu calor para o ar circundante, até que, quando atinge uma certa altitude (dependendo da temperatura original), será totalmente privado da energia com a qual começou.

Se não há camada de nuvens, não há limitação aos níveis a que o ar transferido subirá, de modo que o calor recolhido pela terra do sol se perde no espaço. A terra aquece rapidamente e também perde o seu calor armazenado rapidamente. Assim, quando o sol se põe, a terra e o ar acima dela esfriam rapidamente, especialmente se a noite estiver limpa. É por isso que as noites de inverno limpas e calmas são frias e geladas, enquanto as nubladas tendem a ser menos frias.

Por outro lado, os dias nublados são mais frios, enquanto os dias claros são mais quentes, especialmente se o tempo estiver na plena intensidade do Verão. Quantas vezes o suado trabalhador ao ar livre recebe com alívio a sombra num dia de sol intenso.

Apesar de nestes tempos, a cobertura de nuvens nunca cobre completamente o mundo, mas estava presente no sistema original. Isto fazia que nunca houvesse uma perda do calor acumulado perto da superfície da Terra. Havia um limite para o aumento da distribuição do ar que o obrigava a subir e depois para fora, gerando brisas e ventos suaves que distribuíam uniformemente o calor de pólo a pólo. Assim, havia um clima relativamente uniforme em todo o planeta, desprovido de sufocantes regiões tropicais e zonas polares geladas. Não poderia ser imaginada condição mais perfeita.

De facto, a Terra estava localizada dentro de uma gigantesca casa verde, com a temperatura interna mantida no melhor nível de conforto possível para o homem, animais e plantas. Sem áreas adjacentes com grandes diferenças de temperatura, não havia nada para gerar tempestades, sistemas de baixa e alta pressão ou qualquer forma de clima violento. Em vez disso, havia um padrão climático de perfeita estabilidade e fiável. Qualquer pessoa poderia ser um profeta do tempo bem-sucedido naqueles dias, com condições tão regulares, consistentes e agradáveis.

Não há relatos detalhados de testemunhas oculares do mundo antediluviano, pois, compreensivelmente, quaisquer testemunhos oculares que não tenham sido salvos na arca foram destruídos com as próprias testemunhas. A Bíblia também não fornece descrições detalhadas. Contudo, o Senhor não nos deixou sem evidências a respeito dessa época, como Alfred M. Rehwinkel observou no seu livro, *O Dilúvio*.

“Também não é mera especulação falar do primeiro mundo como um ‘verdadeiro paraíso’. Pois, embora existam poucos registos escritos sobre este primeiro mundo, há outro tipo de registo que

Deus preservou para nós na Sua sabedoria. Este registo é fiável e verdadeiro e está escrito em letras grandes e legíveis nos fundamentos rochosos do nosso mundo actual. O registo a que me refiro são os restos fósseis que têm sido encontrados em grande abundância em todas as partes do globo. Esses fósseis podem ser chamados de restos mumificados de um mundo extinto. Os fósseis não mentem. Assim como as pirâmides do Egipto e os monumentos da Grécia e Roma são uma evidência da grandeza da civilização que os produziu, esses fósseis falam uma linguagem eloquente das glórias de um mundo que já passou. Esses fósseis foram preservados por Deus para um propósito. Eles são, por assim dizer, a inscrição numa lápide erguida para aquele mundo magnífico e, ao mesmo tempo, um aviso para o mundo que se seguiria. Os fósseis estimulam a imaginação dos homens desde os primeiros gregos. Os pais da igreja primitiva estavam familiarizados com eles. Tertuliano menciona-os e dá uma interpretação razoavelmente correcta deles. Lutero também os conhecia e entendia o seu significado. Outros desde então tiveram ideias muito fantásticas sobre eles, mas para nós a sua linguagem é clara. Uma discussão mais detalhada desses fósseis seguir-se-á num capítulo posterior. Aqui, apenas desejo referir-me a eles como evidência e prova conclusiva de que a condição física do mundo de Noé, o clima, os animais e a vida das plantas eram muito diferentes da do mundo actual.

“Com relação ao clima, os fósseis mostram que havia um clima uniformemente ameno nas altas e nas baixas altitudes do hemisfério norte e do sul. Ou seja, havia um clima perfeitamente uniforme, não zonal, ameno e semelhante à Primavera em todas as partes do globo. Isso não significa que o clima era necessariamente o mesmo em todas as partes da Terra. Havia diferenças, mas não os extremos actuais. Sir Henry H. Howorth, um notável geólogo e intérprete competente desses fósseis, diz: ‘A flora e a fauna são praticamente o único termómetro com o qual podemos testar o clima de qualquer período passado. Outras evidências são sempre sofisticadas pelo facto de estarmos atribuindo ao clima o que é devido a outras causas. Mas a evidência biológica é inconfundível; répteis de sangue frio não podem viver na água gelada; as plantas semitropicais, ou plantas cujo habitat é a zona temperada, não podem amadurecer as suas sementes e semear-se em condições árticas.’

“Ou outra autoridade destacada, o professor Alfred R. Wallace diz: ‘Há apenas um clima conhecido no mundo fóssil antigo, revelado pelas plantas e animais enterrados nas rochas, e o clima era um manto semelhante à agradável Primavera que parece ter prevalecido continuamente em todo o



Fósseis dos quais este é um exemplo, têm sido descobertos em todos os lugares da Terra incluindo os que agora são zonas geladas. Isto prova que as coisas vivas que eles uma vez foram floresceram onde agora é impossível, confirmando assim que o clima nestas regiões era então diferente do que é agora.

Isto fornece um livro de registo hoje da distribuição e tipo de vida e clima que existiam antes do dilúvio.

mundo. O modo como o mundo poderia ter sido aquecido em todo o lado pode ser objecto de conjectura; que foi tão aquecido de forma eficaz e contínua é uma questão de facto....’

“Ou o professor George McCready Price escreve: ‘Seria inútil passar por toda a série fossilífera em ordem, pois não existe um único sistema que não tenha coral de calcário ou outra evidência de um clima ameno no norte, a maioria dos sistemas com essas rochas nas terras que contornam o próprio pólo. Os leitos de calcário e carvão do período carbonífero são as rochas conhecidas mais próximas do Polo Norte. Eles se espalham por toda a base polar; e do fundo desses leitos, eles devem estar no fundo do próprio mar polar. Mas é desnecessário analisar os sistemas um após o outro, pois eles “testemunham uniformemente que um clima quente já prevaleceu em todo o globo”. *A Nova Geologia*, 652.

“Hoje em dia é difícil imaginar um mundo como acabamos de descrever, um mundo em que não havia ártico, nem antártico, nem selvas fumegantes do Equador. Sabemos que as nossas actuais zonas e estações climáticas são o resultado da mudança das relações da Terra com o Sol, a fonte do calor que aquece nosso globo. É, portanto, bastante natural perguntar neste ponto: como podiam estas leis da natureza ter funcionado naquele mundo para produzir condições tão diferentes daquelas que hoje existem e o que causou a mudança?

“Que nossa Terra, numa época da sua história, desfrutou de um clima uniformemente ameno em todas as suas partes, é um facto que pode ser demonstrado, como vimos, e que ocorreu uma mudança repentina, de facto, muito repentina e provavelmente num tempo de uma inundação universal parece estabelecido além de qualquer dúvida pelos mamutes congelados encontrados totalmente preservados em carne nas tundras congeladas do norte da Sibéria, dos quais ouviremos mais adiante.” *O Dilúvio*, por Alfred M. Rehwinkel, 6-9.

O testemunho dos fósseis é de grande valia na busca de informações sobre o mundo antediluviano. Eles confirmam de maneira incontestável que havia um clima uniforme em todo o planeta antes do cataclismo que produziu estes fósseis. No norte congelado, existem restos fósseis originários de formas vegetais e animais que agora apenas são encontrados nas regiões temperadas mais ao sul. Como essas plantas e animais são incapazes de crescer em zonas que não sejam temperadas, pode-se concluir apenas que aqueles que agora são resíduos congelados eram então belos, verdejantes, climas temperados.

Talvez as descobertas mais surpreendentes de todas sejam as dos poderosos mastodontes, que eram os elefantes daquele período antediluviano. Estes foram descobertos congelados nos desertos gelados da Sibéria em perfeitas condições. A evidência mostra que eles foram arrasados por uma catástrofe repentina, pois na boca de alguns, não mastigados, havia ranúnculos, igualmente perfeitamente preservados. Essa vegetação não cresce em regiões geladas, e a sua presença na boca desses grandes animais atesta duas coisas. Em primeiro lugar, o clima naquela parte do mundo que agora é deserto gelado era capaz de sustentar a vegetação e proporcionar aos animais um clima em que eles podiam viver; em segundo lugar, isso prova que eles foram apanhados repentinamente e desastrosamente.

Todo o Ártico parece ser um vasto tesouro de restos fósseis. Obviamente, eles estão melhor preservados lá do que em qualquer outro lugar por causa do frio extremo e porque essas regiões são menos perturbadas pela passagem das civilizações. “Começando pelas ilhas no Oceano Ártico ao longo da costa norte da Sibéria, Howorth diz que cada uma delas contém em seus estratos abundantes restos de animais. Há um grupo de ilhas ao largo da costa, no Oceano Ártico, chamado Nova Sibéria. Quanto a uma delas, a Ilha de Lachov, uma pequena ilha com cerca de cinquenta milhas quadradas, Howorth disse que o seu solo é “quase composto de ossos fósseis”. O mesmo se aplica a outra dessas ilhas chamada Kotelni, que tem mais de cem milhas de comprimento e oitenta de largura. Howorth cita um visitante desta ilha chamado Hedenstrom, que disse que havia tantos elefantes enterrados sob a sua superfície que, enquanto caminhava na ilha por 800 metros, contou dez presas de elefante saindo do chão. Esta condição geral existia em toda a ilha. Além dos fósseis de elefante, foram observados crânios e ossos de rinocerontes, cavalos, bisontes, bois e ovelhas

espalhados e embutidos na terra da ilha. Em relação ainda a outra ilha deste grupo, Howorth cita Hedenstrom para este efeito: ‘Numa ilha há um lago com uma margem alta, que se abre no Verão quando o Sol derrete o gelo e revela montes de presas, ossos de mamute, ossos de rinocerontes e búfalos. Noutras partes da ilha, ossos e presas são projetados do chão.’” *A Nova Geologia*, 243.

Estes são os animais que associamos a climas amenos e até quentes. Sabemos que eles não teriam vivido nas áreas em que seus restos mortais estão agora, se o clima fosse como é agora – frígido. Portanto, na época em que viviam lá, antes do dilúvio de Noé, o clima era ameno e quente.

Tão claramente como os restos fósseis do dilúvio indicam que havia um clima geral de níveis temperados antes do dilúvio, não são as únicas evidências para apoiar este facto. Também não queremos transformar este num estudo geológico para provar detalhadamente que isto é tão interessante e esclarecedor como esse estudo seria.

No entanto, podem ser mencionadas outras evidências, como a localização dos vulcões. Não foi até o dilúvio chegar e enterrar as vastas quantidades de material combustível necessário para produzir actividade vulcânica que eles começaram.

“Antes do dilúvio, havia imensas florestas. As árvores eram muitas vezes maiores do que quaisquer árvores que agora vemos. Elas eram de grande durabilidade. Não conheceriam decadência por centenas de anos. Por altura do dilúvio essas florestas foram arrasadas ou destruídas e enterradas na terra. Em alguns lugares, grandes quantidades dessas árvores imensas foram lançadas juntas e cobertas de pedras e terra pela turbulência do dilúvio. Desde então, petrificaram e se tornaram carvão, o que contribui para os grandes leitos de carvão que agora são encontrados. Este carvão produziu petróleo. Deus faz com que grandes quantidades de carvão e óleo se incendeiem e queimem. As rochas são intensamente aquecidas, o calcário é queimado e o minério de ferro derretido. Água e fogo sob a superfície da terra se encontram. A acção da água sobre o calcário adiciona fúria ao calor intenso e causa terremotos, vulcões e fogos.” *Spiritual Gifts* 3:79.

Se a causa dos terremotos é a ignição de grandes quantidades de material combustível na forma de árvores gigantes enterradas no tempo do dilúvio, então devemos esperar encontrar vulcões hoje onde essa vasta quantidade de vegetação crescia antes do dilúvio. Se, nos dias anteriores ao dilúvio, o clima era o que é hoje, de modo que as maiores florestas se encontram nas áreas temperadas e tropicais, então seria em grande parte nelas que encontraríamos os vulcões activos e extintos no mundo actual.

Por outro lado, se o mundo tivesse um clima razoavelmente igual em toda a sua superfície, de modo que essas árvores crescessem em profusão nos pólos norte e sul, bem como no meio, com vigor igual ou quase igual, esperaríamos encontrar vulcões *em todo o mundo*.

Isto está correcto. Toda a superfície da Terra teve uma ou outra vez os seus vulcões activos. A localização de cada um, mesmo ainda activo, adormecido ou extinto, marca o local onde enormes florestas foram enterradas.

Aqui está uma declaração mostrando a universalidade da incidência de vulcões nesta Terra. “Provavelmente, não há parte da superfície da Terra que, em algum momento no passado, tenha sido o local de actividade vulcânica. De facto, algumas regiões como as Ilhas Britânicas, que dificilmente consideraríamos hoje vulcânicas, sofreram actividades vulcânicas violentas e de longa duração. ... Até a Antártida, coberta de gelo, tem o seu vulcão ativo, o Monte Érebo, à beira do estreito de McMurdo” *Encyclopedia Britannica*, Edição de 1963, volume 23:243A.

O próprio facto de haver um vulcão na Antártica ainda activo depois de todos estes milénios, é prova de que uma grande quantidade de madeira foi enterrada lá, a fim de fornecer combustível para um incêndio tão intenso e duradouro. Esse enorme suprimento de combustível certamente não poderia ter sido produzido se o clima sempre tivesse sido frígido como é agora. Aqui está a prova mais clara de que a área estava sob a influência agradável de temperaturas amenas, propícias a um crescimento vigoroso.

Carvão e Petróleo

Como o testemunho acima indica, o sepultamento de árvores no momento do dilúvio produziu carvão, que por sua vez produziu petróleo. Assim como a distribuição dos vulcões mostra onde vastas florestas cresceram, o mesmo acontece com a localização dos modernos campos de carvão e petróleo. Estes não se limitam apenas às áreas onde o clima hoje é tal que produziria grandes florestas, mas também podem ser encontrados nas regiões geladas da Terra.

Nos últimos anos, enormes reservas de petróleo foram descobertas nos desertos congelados do norte do Alasca, de onde, apesar da natureza proibitiva do terreno e do clima actual, os homens estão determinados a trazer o petróleo à superfície. Da mesma forma, existe um vasto campo de carvão na Antártica, onde “Carvão foi encontrado perto de Mawson e em muitos lugares do grupo Beacon de Coats Land, das montanhas Horlick, da Terra de Queen Maud, da região do glaciário Beardmore e para norte em Victoria Land.” *A Enciclopédia Britânica*, Edição de 1963, Volume 2:4.

Todas estas coisas contam a sua própria história do que havia no passado, sem deixar dúvida que o clima geral da Terra era de tal forma que produzia vastas florestas que não estavam restritas às zonas temperadas e tropicais como as conhecemos agora. É claro que existem muitas outras evidências no mundo de fósseis, carvão, petróleo, vulcões e assim por diante que podem ser estudadas neste sentido, mas acreditamos que tenha sido apresentado aqui o suficiente para estabelecer o facto de que havia um clima equilibrado em toda a face do globo antes do dilúvio.

Já foram apresentadas evidências para mostrar que a lua gerava então calor equivalente em energia ao nosso Sol actual. Deus designou cuidadosamente que ela desempenhasse um papel específico e importante, que nas Escrituras é declarado como sendo regular a noite enquanto o Sol governava o dia.

Certamente houve mudanças de longo alcance desde o tempo de Adão, pois não apenas a lua se extinguiu, como também não ocupa mais o céu nocturno sozinha. Às vezes, ela viaja durante o dia com o Sol. A sua tarefa original era a noite, enquanto o Sol comandava o dia. Cada um deles foi fiel à sua esfera designada, de modo que nunca apareceram ao mesmo tempo.

A necessidade científica disto é prontamente discernida. Durante o dia, a enorme energia térmica do Sol mantinha no seu lugar a camada de vapor de água, mas, à medida que a Terra rodava, haveria um resfriamento desse manto ao ponto em que as chuvas diluvianas marcariam cada noite. Era preciso uma luz menor para fornecer calor suficiente para impedir o resfriamento excessivo do vapor de água e, no entanto, permitir o suficiente para efectuar alguma condensação para irrigar a vegetação. A Lua, governando o céu nocturno na estação oposta ao Sol, fornecia exactamente o que era necessário. Todas as noites havia apenas o resfriamento suficiente para produzir uma neblina junto ao solo que banhava toda as plantas vivas com um orvalho suave, satisfazendo as necessidades de humidade diária.

“... Porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavar a terra.

Um vapor, porém, subia da terra e regava toda a face da terra.” *Génesis* 2:5, 6.

Nenhum sistema mais perfeito poderia ter sido idealizado. Não havia chuvas fortes e tempestuosas inundando uma área em detrimento de outra, esvaziando o solo dos seus nutrientes essenciais e fazendo deslizar a terra para o mar.

Não havia contrastes severos de clima que variavam desde o calor escaldante dos trópicos de hoje até aos frios extremos das regiões polares. Em todos os lugares havia um clima agradável e uma atmosfera amena, revigorante e agradável. Nem havia vastos oceanos como os que hoje existem. Toda a água estava suspensa muito acima. A Terra era uma terra quase inteiramente elevada, somente com rios e belos lagos, bem distribuídos pelo perfeito desenho de um maravilhoso Criador.

Assim, a Terra tinha capacidade para sustentar biliões e biliões de pessoas sem superpovoamento e sem quaisquer faltas. Pode obter-se algum conceito de qual seria sua potencial população considerando o que esta Terra agora suporta quando grande parte dela está submersa pelos oceanos e

tomada por desertos, cadeias de montanhas e regiões congeladas impossíveis de habitar, enquanto o restante uma fertilidade muito baixa em comparação com a Terra, como ela saiu directamente das mãos do Criador.

Qualquer comparação entre as coisas como eram naquela época e são agora, imediatamente mostra que ocorreram grandes mudanças. O Sol foi reduzido a um sétimo do seu brilho e a Lua apagou-se. A grande cobertura de água não está mais suspensa como uma camada protectora e um manto isolador acima e ao redor da Terra. A Lua e o Sol já não mantêm a mesma separação entre si.

O clima mudou. Desertos dominam vastas áreas; oceanos enormes e inquietos ocupam a maior parte do globo; grandes cadeias montanhosas que fazer subir montanhas dividem nações, controlam o clima e criam inúteis terrenos desertos; e as calotas do norte e do sul são congeladas. A Terra é agora regada pelas chuvas torrenciais no lugar do suave orvalho do jardim de Adão.

Quando e como ocorreram todas essas mudanças? Foram elas graduais, levando séculos ou milênios de tempo, ou foram climáticas, acontecendo em alguns dias ou semanas?

Deus não deixou isso ao critério da adivinhação. As Escrituras dizem claramente quando e como aconteceu.

Certamente as mudanças não ocorreram em qualquer grau significativo antes do dilúvio. Quando Noé anunciou a chegada de um dilúvio por uma tempestade global que duraria quarenta dias e noites, os antediluvianos zombaram da ideia. Nunca havia chovido durante os mil e seiscentos e cinquenta e seis anos antes da chegada do dilúvio.

“Nos dias de Noé uma dupla maldição repousava sobre a Terra, em conseqüência da transgressão de Adão e do homicídio cometido por Caim. Isto, contudo, não havia grandemente modificado a face da natureza. Existiam indícios evidentes de decadência, mas a Terra ainda era rica e bela com os dons da providência de Deus. As colinas estavam coroadas de árvores majestosas, que sustentavam os ramos carregados de frutos das trepadeiras. As planícies vastas e semelhantes a jardins estavam revestidas de verdor, e exalavam a fragrância de milhares de flores. Os frutos da Terra eram de grande variedade, e quase sem limites. As árvores sobrepujavam em tamanho, beleza e proporção perfeita, a qualquer que hoje exista; sua madeira era de belo veio e dura substância, assemelhando-se em muito à pedra, e quase tão durável como esta. Ouro, prata e pedras preciosas existiam em abundância.” {PP 54}, *Patriarcas e Profetas*, 90.

Além disso, as grandes mentes científicas daquele dia podiam provar matematicamente que era impossível qualquer chuva por causa da contínua geração de calor pelo Sol durante o dia e pela lua durante a noite. Eles também declararam ousadamente, como os cientistas fazem hoje, que o Sol continuaria a sua radiação de energia térmica por milhões de anos ainda. Como o Faraó ainda não nascido, eles perderam de vista o conhecimento essencial de que a natureza não actua por si mesma, mas requer a presença, controlo e sustento contínuo de Deus.

“O mundo antediluviano raciocinava que durante séculos as leis da natureza tinham estado fixas. As estações, periódicas, tinham vindo em sua ordem. Até ali nunca havia caído a chuva; a terra era regada por uma neblina ou orvalho. Os rios jamais haviam passado os seus limites, mas com segurança tinham levado suas águas para o mar. Imutáveis decretos tinham impedido as águas de transbordarem. Mas tais raciocinadores não reconheceram a mão dAquele que conteve as águas dizendo: ‘Até aqui virás, e não mais adiante’. Jó 38:11.

“Passando-se o tempo, sem qualquer mudança aparente na natureza, os homens cujo coração tinha por vezes tremido pelo receio, começaram a refazer-se. Raciocinavam, como muitos fazem hoje, que a natureza está acima do Deus da natureza, e que suas leis são tão firmemente estabelecidas que o próprio Deus não as pode mudar. Raciocinando que a natureza se desviaria de seu curso, se a mensagem de Noé fosse correta, tornavam aquela mensagem, na mente do povo uma ilusão, um grande engano. Manifestavam seu desprezo pela advertência de Deus, fazendo exatamente como haviam feito antes que fosse apregoada. Continuaram com suas festas e banquetes de glotonaria; comiam e bebiam, plantavam e edificavam, fazendo seus planos com referência às vantagens que esperavam adquirir no futuro; e mais longe foram eles em impiedade, em desatenção arrogante às

ordens de Deus, a fim de testemunharem que não tinham medo do Ser infinito. Afirmavam que, se havia alguma verdade no que Noé dissera, os homens de fama — os sábios, os prudentes, os grandes homens — compreenderiam essa questão.” {PP 58}, *Patriarcas e Profetas*, 96, 97.

Pela primeira vez, a chuva caiu, iniciando a sua chuvada torrencial e incessante sete dias após o fecho da porta. Assim, a mudança veio de repente. Até um certo dia, nunca havia chovido. Com a chegada daquele dia, choveu não suavemente, aumentando de seguida cada vez mais, mas num dilúvio absoluto.

A água literalmente caiu do céu. Ao mesmo tempo, poderosos suprimentos subterrâneos irromperam fora de todo o controlo.

Mas essa mudança não poderia ocorrer a menos que, em primeiro lugar, tivessem ocorrido mudanças no Sol e na Lua. Existe apenas uma maneira pela qual a chuva pode chegar. O vapor de água em suspensão deve esfriar até o ponto de condensação. Hoje, isso ocorre quando as nuvens de chuva que chegam de áreas mais quentes encontram uma frente de ar frio ou são forçadas a subir para atravessar uma cadeia de montanhas. Em cada caso, o ar saturado é arrefecido. O vapor de água transforma-se em gotículas de água mais pesadas que o ar e o resultado é a chuva.

Mas não havia grandes barreiras montanhosas nos dias de Noé, nem era possível fazer circular o ar saturado para encontrar uma frente fria, pois não havia regiões polares para as gerar.

Havia apenas uma maneira de arrefecer o vapor de água em suspensão acima da Terra e isso era a Lua e o Sol começarem a diminuir a energia. Isso aconteceu. A Lua apagou-se completamente e o Sol diminuiu para um sétimo do brilho anterior.

De repente, o vasto volume de vapor de água lá em cima foi privado de sete oitavos do calor que vinha recebendo. Rapidamente a energia térmica desapareceu para manter o vapor em suspensão. Seguiu-se o arrefecimento. Depois veio a condensação. Praticamente toda a água que fora levada da terra para o céu pelo directo poder de Deus no segundo dia da criação, foi devolvido por causas naturais durante esses quarenta dias e quarenta noites.

Tão grande é o poder de Deus que Ele pôde falar e colocar em posição um volume de água que levou quarenta dias e noites para regressar pelo seu próprio poder. O resultado foi que, pela segunda vez, a Terra ficou completamente coberta de água. Nem um traço de terra seca aparecia em lugar algum.

O primeiro aparecimento de chuva nos dias de Noé é uma prova positiva de que foi nessa altura que ocorreu a extinção da luz da Lua e o escurecimento do Sol. Essa confirmação é fornecida por Isaías e Pedro. As evidências de Isaías já foram citadas. Aqui está de novo.

“E será a luz da lua como a luz do sol, e a luz do sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor ligar a quebradura do seu povo e curar a chaga da sua ferida.” *Isaías* 30:26.

Este texto fornece a prova de que o Sol foi reduzido em brilho e a luz da Lua desapareceu no momento do dilúvio, pois a promessa de que o Sol e a Lua serão restaurados será cumprida “... no dia em que o Senhor ligar a *quebradura* do seu povo e curar a *chaga* da sua ferida.”

Uma cura é a restauração de uma condição original. Se, neste trabalho de cura, o Sol e a Lua serão restaurados ao que eram, então, será a ligação da quebradura e cura do ferimento, que o Sol e a Lua sofreram nas suas reduções. Portanto, apenas é necessário determinar quando a quebradura foi feita e a ferida administrada, para saber quando o Sol e a Lua perderam os seus poderes.

Há apenas um ponto no tempo em que uma grande chaga foi lançada contra a humanidade que produziu uma terrível separação na população humana e que ocorreu no dilúvio. Não foi quando o homem pecou, pois o castigo não caiu logo sobre ele devido à interposição instantânea de Cristo. Há uma distinção que deve ser vista entre cometer o pecado e o castigo que vem muito depois, quando os apelos ao arrependimento foram persistentemente rejeitados.

Tão grande foi a ferida e a resultante separação na família humana que resultou quase em extermínio total. Deus prometeu restaurar *aquilo* que foi perdido, mas não *aqueles* que foram perdidos.

Houve muitos golpes menores contra seções do povo, mas nenhum deles se compara ao grande dilúvio e aos danos que ele causou. No entanto, está a chegar a hora, em que isto será reparado. O Sol voltará a ter sete vezes o seu brilho e a Lua voltará a ser tão brilhante quanto o Sol, restabelecendo assim a Terra ao seu estado pré-diluviano.

Pelas evidências investigadas até agora, confirma-se que a diminuição da energia do Sol e a extinção da energia da Lua foram as causas científicas e naturais directas do dilúvio. O que fez o Sol e a Lua perderem seus poderes é uma questão ainda a ser determinada, mas a resposta virá à medida que prosseguirmos. Primeiro, deve ser dada alguma consideração às evidências do Novo Testamento de que grandes mudanças ocorreram no dilúvio.

Capítulo 26

Grandes Mudanças

No Antigo Testamento, é Isaiás quem fornece a informação de que houve uma grande mudança no momento do dilúvio. No Novo Testamento é Pedro. Na verdade, este último é ainda mais específico na medida em que ele aponta o dilúvio como o grande ponto de mudança.

“Sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências,

“E dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.

“Eles voluntariamente ignoram isto; que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste.

“Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio.

“Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios.” *2 Pedro* 3:3-7.

Nestas palavras, Pedro divide a história em dois períodos – antediluviano e pós-diluviano. Ao fazê-lo, usa a expressão “o mundo de então”, para indicar o mundo como era antes do dilúvio e que foi destruído por ele. Quando se refere ao mundo depois daquela catástrofe, fala de “os céus e a terra, que agora existem”.

Não fala apenas da Terra que é agora, como sendo diferente do que era antes. Ele também inclui os céus na mudança. Os céus referidos não significam os céus estrelados, nem o Céu dos céus onde Deus habita, pois eles nunca foram tocados pelo pecado e, portanto, nunca foram mudados. Na verdade, Pedro não define os céus particulares a que se refere, mas não há necessidade de qualquer ignorância da nossa parte. A informação contida nas outras Escrituras deixa claro que os céus que mudaram no momento do dilúvio eram os governados pelo Sol e pela Lua deste sistema solar.

Antes do dilúvio, o Sol era sete vezes mais brilhante e a Lua era tão brilhante como o Sol. O Sol governava o dia e a Lua a noite. Havia um maravilhoso manto de vapor protector à volta da Terra e o clima de polo a polo era mesmo de temperaturas agradáveis. Nunca chovia, mas uma névoa suave subia todas as manhãs para regar a terra. Tempestades, maremotos, tremores de terra, furacões, tempestades de neve e saraivas eram completamente desconhecidas. Eram esses os céus que antes existiam.

Mas quão diferentes são os céus e a terra que agora existem. O Sol escureceu para um sétimo. A Lua desapareceu. O manto de protecção não está lá. Uma grande diversidade de climas cobre a Terra. Violentas tempestades, terramotos terríveis, tempestades arrasadoras, tempestades de granizo pulverizantes, e milhares de outros flagelos arruinam a Terra.

Estas são as grandes mudanças das quais os sábios de hoje são ignorantes, e fazem-no deliberadamente. Não é que não acreditem no dilúvio, pois muitos deles acreditam, mas o dilúvio é visto como se não fosse mais do que as mesmas catástrofes que ocorrem hoje em menor escala. Eles vêem os céus e a Terra antes do dilúvio como sendo essencialmente o mesmo que os céus e a Terra depois do dilúvio. Chegou simplesmente o momento em que um tempo anormalmente chuvoso inundou toda a Terra. Quando a inundaçãõ terminou, como todas as inundações, a Terra gradualmente voltou à mesma situação de antes. É este o pensamento daqueles que reconhecem o dilúvio, mas não reconhecem as verdadeiras mudanças que aí ocorreram.

Vemos num estudo mais minucioso e cuidadoso das Escrituras que as mudanças foram muito mais abrangentes do que isso. É necessário que toda a sua extensão seja compreendida, juntamente com as causas, nomeadamente, o escurecimento do Sol e a extinção da Lua.

Quando Noé saiu da arca, Deus fez-lhe uma promessa e uma profecia especial de que nunca mais haveria um dilúvio na Terra. Esta promessa repete-se novamente em Isaías.

“Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão.” *Isaías* 60:20.

Em que sentido devem estas palavras ser entendidas?

Normalmente referimo-nos ao sol ou à lua “a descer” quando parecem afundar-se abaixo do horizonte ocidental, mas esta é uma expressão errada, pois nem o sol nem a lua se afundam em relação à Terra. Eles apenas o fazem *aparentemente*. O desaparecimento destes corpos celestiais por detrás das montanhas ocidentais ou planícies, é causado pela rotação da Terra no seu eixo para que à medida que a Terra gira sejamos nós que “descemos” – não o Sol e a Lua.

Devido à sua imprecisão científica *este entendimento* da expressão, “se pôr”, como usada na Escritura sob consideração, deve ser altamente suspeita. Que não é a interpretação correcta é evidenciado por certos factos revelados na Palavra de Deus.

A primeira criação era perfeita e a segunda será uma reprodução da mesma. Não pode haver diferenças entre a segunda e a primeira porque a perfeição não pode ser melhorada, sendo qualquer modificação uma admissão de que a primeira era imperfeita e, portanto, exigia melhorias.

Na primeira criação, houve dia e noite ocasionados pelo que chamamos de “pôr” do sol. Se a promessa de *Isaías* 60:20, estabelecesse que o Sol nunca se porá no poente, então não haverá dia e noite como na original e perfeita criação. De facto, apenas um lado da Terra veria o Sol enquanto o outro lado veria apenas a Lua, assim compreende-se perfeitamente que não é este o significado de *Isaías* 60:20.

Alguns podem apontar para a referência em *Apocalipse* 22:5, “E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia, e reinarão para todo o sempre” e afirmam que isto ensina que não haverá sequer um Sol na nova Terra, pois não será necessário.

No entanto, estamos confiantes de que a maioria reconhecerá que esta Escritura não está descrevendo as condições na nova Terra em geral, mas como estarão na nova Jerusalém. Mesmo assim, não diz que não haverá sol, mas apenas que *não haverá necessidade* dele, pois haverá uma luz maior que fluirá da presença de Deus. No que diz respeito ao resto da Terra, terá, como prometido em *Isaías* 30:26, um Sol ardente e uma Lua brilhante. A Terra continuará a girar sobre o seu eixo e todas as noites o sol aparecerá para *aparentemente* “se pôr” atrás do horizonte ocidental como faz hoje.

Além disso, por que deveria o Senhor fazer uma promessa especial de que o sol nunca mais se poria em cada entardecer atrás do horizonte poente, quando esse acontecimento não era a dificuldade ou problema? É uma ocorrência perfeitamente normal e desejável, introduzindo as bênçãos da noite. Portanto, se isto é tudo o que o Senhor estava a oferecer naquela Escritura, dificilmente poderia ser considerado como uma *preciosa* promessa.

A promessa é feita em relação aos novos habitantes da Terra que voltarão a desfrutar de condições climáticas perfeitas sob o manto protector e isolante mantido pelo Sol e pela Lua como então existirão. Eles saberão o que aconteceu quando o Sol perdeu intensidade e a Lua se retirou nos dias de Noé. Para eles, a promessa de que isto não voltará a acontecer é muito valiosa e preciosa, pois por isto significa que têm a certeza de que nunca mais a sua bela casa será inundada até à destruição.

A garantia oferecida nesta Escritura não é apenas que nunca irá acontecer, mas que *“nunca mais se porá o teu sol...”* Se isto *nunca mais* vai acontecer, então já deve ter acontecido antes. A única ocasião em que poderia ter sido. foi quando o escurecimento do sol e a extinção da lua trouxeram o dilúvio. Portanto, este versículo juntamente com *Isaías* 30:26 e *2 Pedro* 3:3-7, está diretamente referindo-se às grandes mudanças que ocorreram tanto na Terra como nos céus quando o Sol se pôs e

a Lua desapareceu. Consequentemente, o mundo “que então havia,” era muito diferente dos “céus e da terra *que agora são.*”

É o fracasso total dos cientistas modernos em compreender toda a extensão destas mudanças que os levou a conclusões erradas em todos os assuntos datados para além dos relatos históricos existentes. Embora a Terra, de facto, não tenha exactamente seis mil anos, eles datam-na com centenas de milhões de anos.

Grande excitação foi sentida durante os anos quarenta quando o método de datação de radiocarbono foi desenvolvido. Um teste cuidadoso do procedimento com materiais de idade conhecida provou a sua precisão. De resto, foi realizada a datação de materiais de outra forma indeterminada e, para satisfação dos cientistas, a leitura estava conforme com o princípio fundamental da idade da Terra e vida sobre ela. Visto que os relatos bíblicos apenas permitem cerca de seis mil anos, eles confirmam figuras numéricas que vão aos milhões de anos.

Na altura, os fiéis estudantes bíblicos ficaram perplexos, em certa medida, por isso, os evolucionistas sentiram que tinham uma vantagem segura no debate eterno sobre a idade da Terra. Parecia haver uma possibilidade real de provar que a Bíblia, afinal, poderia estar errada. Os que de nós, no entanto, entendiam, mesmo lá atrás, a extensão total das mudanças que ocorreram no dilúvio, reconheceram imediatamente o defeito das calibrações deles. A transmissão desta informação aos perplexos entre os filhos de Deus rapidamente trouxe repouso às suas mentes.

““A datação por radiocarbono foi desenvolvida no final da década de 1940 na Universidade de Chicago, é um exemplo da aplicação de uma das mais recentes ciências (a energia atómica) a uma das mais antigas (a arqueologia). A técnica envolve a medição das actividades do carbono radioactivo C^{14} em (1) matéria orgânica viva actual e (2) na amostra sob investigação e multiplicar o logaritmo deste rácio pela taxa de diminuição em que a actividade de (C^{14}) decai com o tempo. Medições cuidadosas mostraram que a actividade de qualquer preparação de carbono-14 é reduzida em exactamente metade durante cada intervalo de 5.568 ± 30 anos. Este valor é designado por vida média.

““O radiocarbono é produzido na natureza por um processo indirecto que envolve a interacção dos raios cósmicos do espaço exterior com o azoto na atmosfera terrestre. Os processos concorrentes de formação e de decaimento de C^{14} duram há tanto tempo que o equilíbrio foi estabelecido, e o inventário mundial de C^{14} é estimado em cerca de 70 toneladas métricas. Por conseguinte, o radiocarbono foi introduzido na biosfera, e toda a matéria viva contém uma pequena quantidade de radiocarbono que, em média, é de $15,3 \pm$ desintegrações de 0,1 por minuto por grama de carbono contido. Esta actividade permanece constante ao longo da vida da matéria orgânica devido aos processos de equilíbrio acima mencionados.

“No entanto, à morte, a introdução do radiocarbono no espécime cessa, enquanto o decaimento normal do radiocarbono contido continua de acordo com a vida média acima mencionada. Assim, um espécime arqueológico (por exemplo, uma múmia ou uma árvore) que produz 7,65 desintegrações por minuto por grama de carbono em vez de 15,3 é calculado como 5.568 ± 30 anos de idade. Se o material mostrar apenas um quarto do teor de radiocarbono da matéria viva, a idade do espécime é de 11.136 ± 60 anos, etc.” *Encyclopedia Britannica*, Edição 1963, Volume 18:904, 905.

Em termos menos científicos, o que foi apresentado acima pode ser confirmado da seguinte forma: Há um bombardeamento contínuo desta Terra por raios cósmicos provenientes do espaço. Estes, interagindo com o azoto na atmosfera fazem com que todos os organismos vivos absorvam o isótopo radioactivo do carbono 14. Isto continua até à morte do ser vivo, seja planta, animal ou ser humano. Depois disso, o isótopo do carbono 14 diminui a uma taxa fixa conhecida. Para determinar quanto tempo desde a ocorrência da morte, é medido o carbono activo residual na amostra. Se metade da actividade original permanece, então sabe-se que a idade da amostra analisada está muito próxima dos 5.568 anos.

Como mencionado acima, quando o procedimento foi testado utilizando amostras com idades já estabelecidas através de outros meios, sempre se confirmou com precisão. Era natural presumir,

então, que seria igualmente fiável em materiais de ensaio para os quais não havia uma forma definitiva de determinar a idade. O carvão foi um excelente exemplo deste tipo de matéria.

Quando foram analisadas amostras verificou-se uma ausência completa de qualquer radiocarbono 14. Era natural concluir que ele havia estado lá na intensidade habitual nas árvores vivas originais, mas estas estavam mortas há tanto tempo que a desintegração completa do material radioactivo tinha ocorrido. Sabendo que isso só poderia acontecer durante um período de tempo extremamente longo, dataram o carvão como tendo muitas centenas de milhares de anos.

Ao fazê-lo, fizeram o que Deus, através de Pedro, previu que fariam. Negaram que alguma vez houvesse uma grande mudança nos céus e na Terra e trabalharam no pressuposto de que “todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.” *2 Pedro* 3:4.

Se tivessem percebido que a Terra estava coberta por aquele vapor de água protector, saberiam que antes da inundação, os raios cósmicos nunca teriam penetrado na nossa atmosfera como hoje. Plantas e animais não absorveram nenhum radiocarbono 14 antes do dilúvio porque a faixa de humidade filtrava os raios antes de chegarem ao azoto na atmosfera terrestre. Portanto, os cientistas não encontraram radiocarbono no carvão – não porque tudo se tivesse desintegrado, mas porque nunca esteve lá originalmente. Assim, o relógio do radiocarbono, longe de negar a verdade da Bíblia, serve para confirmá-la.

Se os céus e a Terra fossem os mesmos antes do dilúvio como são agora, sem melhor protecção contra a penetração de raios cósmicos, então as árvores tê-los-iam absorvido como hoje. Quando enterrado pelo dilúvio, o decaimento teria prosseguido e os instrumentos de medição de hoje teriam mostrado que o carvão tinha pouco menos de cinco mil anos. Sabemos quantos anos tem o carvão sem a ajuda de um relógio de radiocarbono. Temos a Palavra de Deus e da sua fonte absolutamente fiável sabemos que o dilúvio ocorreu há cerca de quatro mil e quatrocentos anos atrás.

Se os cientistas aceitassem as grandes mudanças feitas nos céus e na Terra no dilúvio, também fariam concessões pelas suas técnicas de datação e não proporiam números astronómicos para a idade da Terra. É interessante notar que, desde a introdução deste sistema, se descobriu que o método não é de forma alguma tão fiável como o primeiro pensamento.

Alguns podem questionar a eficácia do manto de vapor de água no rastreio da radiação cósmica, mas a verdade é que mesmo a presença limitada de humidade e atmosfera em torno da nossa Terra hoje, é uma protecção contra este problema. Quando raios supersónicos atravessam os oceanos em altitudes que praticamente os retiram da atmosfera terrestre, é necessário manter uma vigilância contínua sobre as erupções solares. Se estas eclodirem durante o voo, devem regressar imediatamente a uma altitude mais baixa para colocar a atmosfera entre si e o espaço aberto, de modo a obter protecção contra esta radiação.

Isso mostra claramente quão completamente o manto protector antes do dilúvio filtraria todas essas radiações do espaço sideral. Portanto, qualquer fóssil de coisas que viveram antes do dilúvio sempre dará uma leitura zero no que diz respeito ao conteúdo de carbono radioactivo. Isso é uma prova, não de que eles sejam tão antigos que houve um decaimento completo desse material, mas que ele à partida nunca esteve lá para decair. A sua ausência confirma as condições muito diferentes existentes nos céus e na terra antes do dilúvio.

Isto mostra claramente como o manto protector antes do dilúvio iria rastrear todas estas radiações do espaço. Portanto, quaisquer fósseis de coisas que vivem antes da inundação darão sempre uma leitura zero no que diz respeito ao teor de carbono radioactivo. Esta é a prova, não que sejam tão velhas que tenha havido uma decadência completa deste material, mas que nunca esteve lá em primeiro lugar para se decompor. A sua ausência confirma as condições muito diferentes existentes nos céus e na terra antes do dilúvio.

Assim, a Palavra de Deus oferece-nos muita informação sobre as condições existentes antes do dilúvio, as forças científicas que mantiveram essas condições, e as mudanças nas forças que produziram o dilúvio. Esta informação é de tremendo valor ao procurar o papel específico que o Senhor desempenhou naquele terrível golpe na ferida que causou uma ruptura tão grande no povo.

Não parece que a mesma riqueza de informações científicas nos tenha sido dada na Bíblia, para explicar como caíram as pragas do Egito. Pelo menos, isso não tem sido encontrado nas Escrituras, embora possa muito bem-estar lá, apenas esperando para ser revelado aos filhos de Deus.

Por outro lado, a revelação das causas científicas do dilúvio é uma forte confirmação da verdade que Deus não executa o pecador, mas que as catástrofes que destroem a humanidade são o trabalho das forças naturais que já não estão sob o controlo e supervisão de Deus. Embora o Senhor não tenha fornecido a mesma informação detalhada sobre a base científica das pragas egípcias, a fé é reforçada pelas evidências do dilúvio, para saber que elas tinham uma base científica também.

Uma vez estabelecidas, então é possível entender o que Deus fez nestas situações.

Capítulo 27

Uma Revisão dos Conceitos

As evidências bíblicas reunidas até agora, confirmam a natureza científica do dilúvio. A perfeita harmonia de um suprimento de calor equilibrado e manto protector produzindo um clima brando e igual em toda a Terra, estava criticamente dependente da uniforme produção de calor do sol e da lua. Quando eles falharam o dilúvio foi inevitável.

A questão que permanece agora é: por que diminuiu o Sol e a Lua se extinguiu. Resolvido este problema, não haverá dificuldades em relação ao carácter de Deus como foi manifestado nessa catástrofe. Se a diminuição e a extinção desses dois corpos foi um acto deliberado de Deus e realizado num momento ditado por Ele, então Deus certamente era o executor da sentença contra a transgressão. Ele não deixou os que rejeitaram a Sua misericórdia sozinhos para colherem aquilo que semearam. Inegavelmente, Ele afastou-se dos Seus princípios declarados e recorreu a medidas que Lhe eram estranhas e ao Seu reino antes da entrada do pecado.

Esta é, evidentemente, a ilustração geralmente adoptada, juntamente com as suas implicações que, infelizmente, são raramente consideradas. Se o homem pelo menos contemplasse a importância total daquilo que acredita, de coração rejeitaria muitos erros.

Reforçando a tendência para adoptar esta posição, está a consciência de que Deus tem total poder para extinguir a Lua e diminuir o Sol, fácil e instantaneamente. Não há possibilidade, necessidade, ou intenção de negar isto. Deus é possuído de poder infinito. Tal como podia ordenar e tudo se fazer, Deus colocou aqueles astros no céu do dia e da noite, também podia tirá-los de lá de novo. Não há dúvida acerca da capacidade de Deus para ser o executor. Ele possui todo o poder necessário e muito mais para além disso. Apenas era requerido que Ele falasse e seria feito, mandar e tudo seria destruído.

O conflito estaria terminado se Ele, que está na posse de semelhante poder, o usasse deste modo. Aqueles que compreendem os princípios estabelecidos neste livro entenderão que apesar de Deus ter o poder para o fazer, não o fez, porque Ele está comprometido com os princípios imutáveis da justiça não usar o Seu poder desse modo. Todos eles exultarão a excelência do carácter que, equipado com infinita grandeza embora pressionado pelas mais intensas provocações, não retalia. Isto é justiça na sua forma mais bela.

A história do dilúvio é muito significativa e importante para mim, pois foi este relato, que, há vinte e seis anos em 1952, exercitei pela primeira vez a minha mente acerca dos problemas de compreensão sobre o carácter de Deus. Antes disso eu simplesmente tinha aceiteado os conceitos tradicionais a respeito do carácter de Deus sem questionar, mas a partir dessa altura tornaram-se assunto de sério desafio. Aconteceu como se segue:

As lições da Escola Sabatina desse ano levaram os estudantes ao início do grande conflito no Céu. Eu estudei com fascinante interesse, o início do pecado em Lúcifer, sua oposição a Deus, Seu governo e lei e a divina resposta a este terrível espírito de rebelião.

Desde o início do meu estudo tornou-se cada vez mais nitidamente claro que a luta não foi uma disputa instituída para provar quem era fisicamente mais forte, pois não podia haver dúvida acerca da infinita superioridade de Deus neste campo. Nem Lúcifer ou qualquer outra criatura colocava isto em causa. Ainda mais, se essa fosse a questão, então, Deus podia tê-la resolvido com uma esmagadora demonstração do Seu altíssimo poder. Não teria sido necessário esperar quase dois mil

anos e depois trazer o dilúvio para provar que Ele era fisicamente mais forte do que Satanás e suas hostes.

Eu compreendi então que a disputa era acerca dos méritos de dois sistemas de governo opostos e irreconciliáveis, um de há muito estabelecido por Deus e o novo apresentado por Satanás. Deus declarou que o Seu sistema era perfeito, não necessitava de modificações ou melhoramentos, e garantia aos que fielmente o respeitavam, a permanência na vida eterna, prosperidade e progresso. Satanás contra-argumentou que a ordem divina não era o que pretendia ser, tendo sido alcançado um ponto em que tinha acabado o seu reino efectivo. Longe de ser um sistema destinado ao bem universal de todos, ele acusou, que era uma trama de domínio formulado para a especial exaltação do Pai e do Filho. Por causa disto, ele insinuou, uma era de opressão estava a ser introduzida que aumentaria em severidade à medida que a eternidade se arrastava. Embora admitisse que até àquele momento as condições não poderiam ter sido melhores, ele declarou que o futuro certamente revelaria os defeitos no sistema divino. Ele proclamou que era imperativo que todos os membros das hostes angélicas se defendessem antes de serem tão circunscritos pela escravidão ao ponto de serem impotentes para reivindicar os seus direitos.

O ataque de Satanás foi contra os princípios do carácter de Deus e, portanto, do Seu governo. A questão era se o modo de governar estabelecido no governo de Deus podiam emergir impetavelmente ao teste mais escrutinador que Satanás pudesse fazer, ou se os defeitos se tornariam evidentes.

Deus estava confiante de que poderia sair incólume e, portanto, não hesitou em submetê-lo à prova final. Deixai o diabo atacar e contra-atacar! Que ele use todas as armas de força e engano! Deus sabia que o Seu sistema passaria justificado e perfeito.

Assim Deus entrou no grande conflito pelo qual esta Terra e o seu povo se tornaram o campo de teste, a arena, o teatro. Reconheci lá atrás a importância crítica de entender o que estava em prova, o que estava em jogo e as limitações impostas a Deus em virtude da Sua própria aceitação a este desafio. Deus não permitiu que o Seu sistema de governo fosse testado com o objectivo de preservar a Sua honra e palavra *peessoal*, pois Deus não é egocêntrico. Ele fez isso pela salvação das criaturas do Seu Universo.

Percebi que uma distinção clara deve ser vista entre os princípios do próprio governo de Deus e o poder pessoal residente em Deus, pelo qual Ele poderia impor a observância dos Seus caminhos se escolhesse usar esses métodos. Quando esta distinção é vista, segue-se que, se os *princípios de Deus*, estão sob teste, então *eles* devem permanecer ou cair *pelos seus próprios méritos*. Se o Senhor achar necessário introduzir outro factor, como o uso do poder omnipotente, para resolver o conflito, isso, então, se afastaria do Seu compromisso original, deixando os princípios da justiça de pé ou cair pelos seus próprios méritos. Também seria admitir que eles tinham defeito e não podiam passar o teste em virtude das suas próprias qualidades intrínsecas. Isto daria a Satanás todo o argumento, pois esta acção provaria que o adversário estava correcto nas suas acusações.

Por isso, comecei a estudar o início do grande conflito, entendendo claramente os seus aspectos legais, o que tudo planeava provar e assegurei que Deus Se havia posicionado onde não podia interpor o Seu poder pessoal omnipotente para garantir que a vitória fosse d'Ele. Ele não tinha assumido essa posição pela primeira vez apenas para resolver o problema. Eternamente, Ele havia ocupado aquele lugar, mas sob a pressão da prova, Ele reafirmou esta verdade com uma declaração muito mais claramente definida dos Seus princípios e propósitos eternos.

As minhas únicas fontes neste estudo foram os escritos inspirados e emergi deles emocionado com estas descobertas da verdade. Eu acabava de ver e conhecer Deus como nunca O vira antes e estava extremamente feliz com a revelação.

Mas, algumas semanas depois, as lições da Escola Sabatina passaram para ao dilúvio. Naturalmente, até àquele momento, eu mantinha o entendimento universalmente aceite de que a impiedade do homem se havia tornado tão grande que o Senhor era obrigado a intervir com o juízo

do Seu poder e eliminá-los como um aviso severo do que todos os outros receberiam igualmente se seguissem um curso semelhante de desafio contra Deus.

Agora, porém, encontrei essa visão tradicionalmente mantida em nítido conflito com os princípios da posição de Deus no grande conflito. Não consegui conciliar as verdades recém-descobertas, revelando a base legal do grande conflito, com a visão que sempre tinha inquestionavelmente do comportamento de Deus no dilúvio.

Por um lado, podia ver claramente que o Pai e o Filho haviam permitido que o conflito se desenrolasse no palco desta Terra. Eles declararam que a vitória para a causa da justiça devia vir e viria pela aplicação do seu próprio poder e rectidão – não por causa da interposição do poder onipotente da parte de Deus usado para destruir os não conformados.

Mas, por outro lado, era claro que, com o passar do tempo e os homens começaram a multiplicar-se realmente sobre a face da Terra, as coisas estavam indo de mal a pior para a causa de Deus. Continuamente, em número crescente, os habitantes da Terra estavam a juntar-se a Satanás, enquanto as contas de Deus finalmente mostravam apenas oito para o Seu lado. Mesmo entre eles, a lealdade estava longe de ser absoluta, como demonstrado pelo comportamento de Cam após o dilúvio.

Não há registos nas Escrituras Sagradas que mostrem quantos eram os habitantes da Terra. No entanto, para apreciar a pequenez da minoria em contraste com a maioria, é preciso considerar a provável população da Terra naquele tempo. No seu livro, *O Dilúvio*, Alfred Rehwinkel estima que a população poderia estar entre dois mil milhões e doze mil milhões. Obviamente, é impossível obter um número exacto. Quando alguém lê os argumentos deste autor, percebe-se que ele está sendo muito cuidadoso nas suas avaliações. Ele é um investigador responsável, não um causador de sensações. Portanto, a população poderia exceder as suas estimativas.

Hoje, a população da Terra é estimada em três biliões oitocentos e oitenta e oito milhões setecentos e oitenta e sete mil, o que é aproximadamente quatro mil milhões, ou quatro biliões. Este é um número indicado na *Enciclopédia Britânica* livro do ano 1976, página 566. Este é o dobro do valor mínimo sugerido por Rehwinkel e um terço do valor máximo. Estas comparações devem dar-nos alguma ideia da disparidade entre as forças que entraram para o campo de Satanás e os poucos que permaneceram leais a Deus.

Todas as aparências sugeriam que Satanás estava prestes a sair vencedor absoluto do grande conflito, que os seus caminhos eram tão superiores aos de Deus que todos na Terra do seu lado, excepto os oito. Com o tempo, esses poucos morreriam ou se uniriam de qualquer maneira.

Enquanto olhava para todo o problema lá atrás, os meus pensamentos correram ao longo destas linhas. Era desesperadamente importante para Deus que a situação não pudesse continuar até o ponto em que não houvesse mais ninguém do Seu lado, pois, essencial para o sucesso final do Seu plano, era o nascimento do Redentor através da linha da justiça. Se a linha da justiça fosse cortada, o plano de Deus falharia.

Devia falhar, não simplesmente porque a intenção de Deus de salvar a família humana seria frustrada, mas porque Deus seria privado dos meios de remover a causa da rebelião. Essa causa, como foi comprovadamente demonstrado anteriormente neste livro, foi a deturpação do carácter de Deus, primeiramente na mente de Lúcifer e depois através dele para as outras criaturas.

A única maneira satisfatória e bem-sucedida de resolver um problema é remover a causa dele. Uma vez que o problema do pecado, que é a rebelião contra os princípios do governo de Deus, entrou no Universo, todos os recursos do Céu foram dedicados à sua solução. É um erro limitar a solução à purificação do pecado daqueles que serão salvos, enquanto os restantes são simplesmente deixados à sua aniquilação. O problema não será resolvido até que a causa seja removida da mente de todas as criaturas que já existiram, incluindo todas as que, no final, estarão eternamente perdidas.

Na medida em que a causa de todo o problema é a falsa representação carácter de Deus, enquanto permanecer na mente dos anjos e homens o conceito errado, a rebelião deve continuar. Portanto, para o finalizar, esse conceito errado tem que ser corrigido. Isso não pode ser feito meramente por declarações da parte de Deus ou pelo uso da força. Existe apenas uma maneira de conseguir isso. O

carácter de Deus deve ser manifestado por Aquele que era igual a Deus. Somente Cristo poderia fazer este trabalho.

Mas era impossível Ele fazê-lo com sucesso no perfeito ambiente do Céu. Podia ser feito até uma certa extensão, mas não na totalidade. Há uma razão muito válida para isto. No Céu, Satanás tinha desenvolvido todo o seu ataque contra o carácter de Deus. Restava-lhe fazer isso nesta Terra. Isto impunha sobre Cristo a necessidade de vir ao lugar onde Satanás estava a perpetrar a totalidade das suas mentiras contra Deus, e ali, lado a lado com o carácter de Satanás, prover a contrastante revelação do carácter de Deus. Apenas quando os anjos e os homens fossem capazes de ver ambos lado a lado, podia a revelação de Deus e Satanás ser tão totalmente dada que a causa da luta seria apagada das mentes angélicas e humanas.

Para Jesus chegar a esta posição, Ele tinha que nascer na família humana. Ele não podia e não forçaria qualquer mulher a ser Sua mãe. Aquela pela qual Ele entraria na arena humana tinha que ser totalmente capaz de realizar esta obra. Podemos estar certos que ninguém que estivesse do lado de Satanás tomaria sobre si tal comissão e Satanás sabia isto. Portanto, ele compreendeu que um modo para assegurar a vitória na luta era ou conquistar todos os seres humanos para o seu lado, ou ganhar tantos quantos pudesse e depois usá-los para liquidar as restantes.

Satanás estava com muito medo de que, se Cristo aparecesse na Terra, fosse bem-sucedido em expor as mentiras que havia inventado contra Deus, com o resultado de que seria rejeitado com ódio por todas as criaturas cujo apoio ele tanto procurava. Ele sabia que dependia dele impedir com sucesso que tal demonstração fosse feita. Portanto, trabalhou com zelo fanático e incansável para conquistar o maior número possível de famílias humanas para o seu lado e destruir o restante. O sucesso em fazê-lo privaria Deus dos meios pelos quais Cristo poderia entrar na arena terrestre da batalha.

A vitória de Satanás teria sido assegurada a qualquer momento antes do primeiro advento de Cristo, onde ele poderia ter destruído a linha justa. Era vital para sua causa que ele conseguisse isso, enquanto para Deus era igualmente vital que a linha justa fosse preservada. Se Deus tivesse perdido todos os seguidores do diabo, teria sido incapaz de trazer Seu Filho ao mundo, fornecendo, assim, a necessária demonstração de carácter, desmascarando os enganos do diabo e, assim, removendo a causa da rebelião, trazendo-a ao seu fim. Em vez disso, o Seu reino permaneceria amaldiçoado com um flagelo cada vez maior e aprofundaria mais e mais a maldição da rebelião.

Satanás nunca chegou tão perto do sucesso absoluto nas suas determinações do que antes do dilúvio. Deus viu as Suas forças de seguidores leais diminuírem para uns meros e duvidosos oito, enquanto o diabo contava milhões do seu lado. Era óbvio para todos que passaria pouco tempo antes que a morte e a apostasia desequilibrariam totalmente a balança a favor de Satanás.

Com o futuro de todo o reino de Deus em todo o espaço infinito dos Seus domínios em jogo, esse desenvolvimento colocou enorme pressão sobre Deus para intervir e tomar acções directas e decisivas para salvar a situação do desastre total e eterno. Se a visão tradicional do que Deus fez no dilúvio está correcta, Deus sucumbiu a essa pressão.

Em 1952, eu vi um terrível conflito entre o conceito popular que Deus em julgamento pessoal enviou o dilúvio sobre a Terra, e a verdade que Deus submeteu os Seus princípios a prevalecerem pelos seus próprios méritos contra os grandes ataques que o diabo podia fazer contra eles. Era-me impossível questionar a veracidade da verdade que Deus e Cristo haviam concordado com essa disputa absolutamente justa e apropriada entre seus princípios e aqueles que o diabo desejava introduzir.

Eu compreendi que se Deus e Cristo haviam entrado em tal plano e, depois, dezasseis séculos mais tarde, quando as coisas haviam chegado à beira do desastre para o Seu lado, organizaram o dilúvio, devem ter-Se consultado e raciocinado da seguinte maneira: “No começo, concordámos e dissemos que permitiríamos que os princípios da justiça fossem submetidos às mais severas provas que o diabo lhes poderia aplicar. Registámos o testemunho de que esses princípios são tão perfeitos e completos que são imortais e não podem ser destruídos. Declarámos que não havia necessidade de

introduzir armas super poderosas para forçar uma conclusão favorável a Nosso favor. Mas as coisas chegaram a um ponto tão mau para Nós que, se não fizermos nada agora com o nosso poder infinito e travamos a onda de Satanás e do seu povo, tudo estará perdido para nós e ele ganhará. Portanto, a situação agora desenvolvida exige que nos levantemos e façamos alguma coisa. O que deve ser?"

A teologia popular afirma que o Senhor interveio com o dilúvio nessa altura para conter completamente o avanço da causa de Satanás. Ele exterminou as forças de Satanás até ao último indivíduo e atacou a Terra de tal maneira que ela nunca mais foi a mesma.

Se foi isto que Deus fez, então Ele fez uma farsa completa da declaração original da vontade de submeter o caso a uma contenda justa e da Sua expressão de confiança de que os princípios da justiça poderiam sobreviver a tal teste. Pareceria que Ele partiu na esperança de que eles sobreviveriam; viu com crescente consternação a viragem da maré contra Ele; aguentou até o último momento possível e, em seguida, viu-se obrigado a recorrer ao uso de Seus poderes ilimitados para conter a rebelião dentro de certos limites.

Pensei num número de pessoas que, ano após ano, entram em competição pela melhor frente do seu jardim na cidade. Um homem de perícia invulgar ganhou o prémio uma e outra vez até que começou a pensar que o prémio era dele por direito. Contudo, cada ano, ele fazia o maior esforço para assegurar que ninguém o ultrapassava. Chegou o momento em que, para sua consternação, um novo rosto entrou no concurso e ficou claro com o passar dos meses, que esse recém-chegado era um jardineiro excepcional, cujos esforços mostravam todas as perspectivas de ganhar o primeiro prémio.

O habitual vencedor do prémio ficou convencido de que, a menos que algo fosse feito, certamente neste ano ele não seria o número um e talvez nunca mais fosse. Desesperadamente, ele trabalhou mais afincadamente na sua própria conspiração, mas nunca foi capaz de superar o novo homem. Por fim, viu que não poderia vencer o concurso por meios justos, por isso decidiu vencê-lo de outra maneira. Na calada da noite, ele soltou alguns animais para invadir a propriedade do outro, com o resultado de que o belo jardim foi destruído. Quando os juízes chegaram no dia seguinte, ele recebeu o prémio como de costume. Ninguém sabia, é claro, que ele era responsável pela devastação do verdadeiro jardim premiado e teve o maior cuidado de não revelar isso, pois sabia com que indignação tal acção seria vista.

Além disso, a revelação a todos os interessados sobre o que ele havia feito teria virado os juízes contra si. Nenhum deles lhe teria concedido o prémio. Eles teriam concordado que o homem cujo jardim havia sido devastado era o verdadeiro vencedor do prémio.

Uma vez que se compreende claramente que o Senhor concordou submeter os princípios de justiça a qualquer espécie de teste e declarou que eles permaneceriam pelos seus méritos sem a interposição de poder arbitrário, será visto também que se Deus no último momento recorresse ao uso do poder destruidor para aniquilar os esforços do Seu competidor, então ninguém acreditaria n'Ele. Ele estava literalmente a entregar o caso a Satanás.

Deus daria ao Seu inimigo todo o justo direito de O acusar de injustiça, duplicidade e engano. Satanás perguntaria como podia demonstrar justamente as suas reivindicações, quando o Senhor o deixa ir mesmo até ao limiar do sucesso e então, como Ele é o possuidor de poder onipotente, o usa para fazer desaparecer tudo quanto Satanás tinha alcançado. Satanás podia justamente queixar-se de que nunca teria qualquer oportunidade real de provar o que quer que fosse. Deus não teria defesa contra este argumento e ele serviria realmente para aumentar o espírito de rebelião no Universo. Nenhuma pessoa com mente justa ficaria do lado de Deus, uma vez que essas questões fossem claramente compreendidas.

Quando cheguei à compreensão destas coisas fiquei num estado de perplexidade. Felizmente, a minha fé na justiça e honra do carácter de Deus e a veracidade das Escrituras era tal que eu estava bem preparado para continuar até o problema estar resolvido. Acreditava que o Senhor responderia à minha sincera e honesta procura. Reconheço francamente que estava em confronto com duas ilustrações contraditórias e com igual força de convicção sabia que não há tal coisa como contradição nas Escrituras, mas apenas na nossa compreensão a respeito delas.

Por alguns dias pouco mais do que este problema ocupou a minha mente. Toda a oportunidade que tinha era devotada ao estudo da Bíblia e à oração. Sabia que devia haver solução que reconciliaria totalmente o que Deus fez no dilúvio com os princípios eternos com que Ele Se comprometeu.

Eu sabia que a avaliação habitual do comportamento de Deus não poderia ser reconciliada com as novas verdades que eu havia aprendido sobre Seu carácter e lei. Portanto, tornei-me cada vez mais céptico da crença popular. Não podia aceitar a ideia que Deus, que sabe todas as coisas desde o princípio, Se submeteria a Si mesmo a uma posição que mais tarde ficaria totalmente fora de controlo, forçando-O a introduzir métodos que Ele tinha originalmente declarado que nunca usaria. Se Deus fizesse isto, teria que ser classificado como um idealista impraticável e nós precisamos de um Deus superior a isso.

Quando Deus comprometeu todas os recursos do Céu para finalizar o grande conflito já conhecia o número desequilibrado no dilúvio vindouro. Isso não O apanhou de surpresa e Ele fez provisão para atender a essa emergência. Portanto, quando Ele prometeu o triunfo final da verdade e predisse a vinda de Cristo à Terra como parte essencial do plano, estava bem certo de quão próximo estaria do falhanço nos dias de Noé. Saber isto antes, não O perturbou nem um pouco. Não fez provisões para isso fora dos Seus princípios eternos da verdade. Continuou a comprometer-Se à justa e aberta disputa.

No entanto, embora a visão tradicional da conduta de Deus no dilúvio se tornasse suspeita, não achei, a princípio, nenhuma alternativa para tomar o seu lugar. Então, de repente, após vários dias de intensa preocupação mental, a solução veio à minha mente. Todas as coisas que eu aprendi se encaixaram de maneira organizada e harmoniosa e o problema foi resolvido. Desde aquele dia até hoje, nenhum argumento levantado por alguém me fez duvidar do que vi naquele dia.

Vi que Deus não havia enviado o dilúvio para obliterar as forças de Satanás. Pelo contrário, Ele fez o possível para impedir que o dilúvio viesse pelo maior tempo possível. Quando finalmente chegou, não foi porque Ele o havia enviado, mas porque Ele não podia mais impedi-lo.

A chave do problema estava na aplicação de dois princípios. O primeiro é que Deus nunca forçará a Sua presença onde não é desejada, e o segundo é que todo poder da natureza depende directa e continuamente do poder criador de Deus para a manter no seu lugar, cumprindo sua tarefa designada. Portanto, na altura em que antecedeu o dilúvio, o Sol e a Lua, que foram factores críticos na chegada do dilúvio, dependiam da presença do poder de Deus para se manterem ardendo exactamente no nível correcto de calor e estacionados no local à distância adequada da Terra. Deixar a mão do Senhor ser removida do controlo e direcção dessas duas esferas de fogo, e o dilúvio tinha que acontecer.

Sob a influência determinada e implacável de Satanás, os homens cada vez mais desejavam total separação de Deus. Eles não queriam nada dos Seus caminhos ou princípios. Deus, conhecendo as terríveis consequências de tal conduta, enviou mensagem após mensagem implorando-lhes para corrigirem o afastamento deles, mas eles insistiam constantemente que Ele partisse. Porque Ele nunca forçará a Sua presença onde não é desejada, não teve escolha senão partir. Ao fazer isso, Ele deu-lhes o que eles queriam, o controlo dos céus e da Terra. A Lua, estando mais próxima da Terra, foi a primeira a sentir o efeito da partida de Deus. Ela saiu inteiramente. O Sol, muito mais distante dos homens e muito maior do que a Lua, levou mais tempo para diminuir completamente. Antes que isso acontecesse, os ímpios haviam perecido e, de repente, a situação foi revertida. Enquanto a maioria estava contra Deus, agora a situação alterada colocou a maioria do Seu lado. Eles eram apenas oito em número, mas ainda assim eram a maioria.

Naturalmente, eles desejavam que o Senhor ocupasse Seu ofício e fizesse a Sua obra de sustentar os poderes do céu e da Terra. Assim, o retorno do Espírito de Deus foi capaz de deter qualquer diminuição adicional no Sol e manteve-o num nível reduzido. no qual permanece desde então.

Sem a Lua, e o Sol com produção diminuída, não havia energia térmica para fazer voltar a água ao seu devido lugar, nem a energia ao nível para a manter ali. Tampouco era possível que o

remanescente sobrevivente vivesse num oceano sem costa. A água tinha de ser recolocada a fim de expor terra suficiente para produzir alimentos para homens e animais. Isso foi conseguido pelas violentas explosões de massas terrestres, formando as grandes cadeias de montanhas e picos encontrados nos Himalaias, Andes, Alpes, Montanhas Rochosas e assim por diante. Além disso, enormes quantidades de água foram armazenadas sob a forma de gelo nos pólos.

As representações dos artistas sobre as condições vividas pelos viajantes que desembarcaram dão a impressão de que a água diminuiu suavemente e Noé e a sua família saíram para uma Terra cicatrizada, mas pacífica. Isto tem que estar longe de ser verdade. Não temos noção das convulsões titânicas que quase destruíram esta Terra. Não havia grandes cadeias de montanhas entre a criação e o cataclismo. A Terra era lindamente formada com agradáveis terrenos ondulados, colinas baixas, vales verdejantes e rios que se moviam lentamente. Pensai, então, na energia necessária para abrir, as profundezas do oceano quase sem fundo, e projectar aquelas enormes cadeias de montanhas no ar a uma altura de vinte e nove mil pés.

Durante o dilúvio, inacreditáveis quantidades de matéria orgânica foram subterradas na terra que rapidamente geraram calor. Isso explodiu à superfície em explosões e fogos intensos. Vulcões circularam o globo. A maior parte deles estão extintos hoje, mas nessa altura vomitavam incessantemente fogo e fumo.

Sinistra era na realidade a vista que confrontaram o patriarca sua mulher e filhos enquanto saíam do seu barco. O céu estava coberto de fumo negro, a terra elevada e agitando-se com tremores de terra sucedendo-se uns aos outros. Devem ter sido necessários alguns séculos antes que ela se sossegasse de novo.

Mas nenhuma dessas terríveis destruições foi obra de Deus. Nem o homem nem Satanás podem com justiça acusar Deus pelos danos causados. Não foi pelo Seu acto directo pelo qual a Lua foi extinta e o Sol diminuiu. Ele trabalhou incessantemente para salvar o homem de se afastar tão longe dos caminhos da rectidão ao ponto de O obrigar a deixar o controlo. Se Seus esforços tivessem sido bem-sucedidos, nunca teria havido um dilúvio. Este veio, não porque Deus o enviou, mas porque Ele não pôde impedi-lo. Aqueles que acreditam que há dois lados no carácter de Deus – o lado amoroso e “o Seu estranho acto” – vêem o dilúvio como um resultado da mudança de Deus do primeiro para o segundo. A verdadeira realidade é que o dilúvio se provou inevitável, não porque Deus mudou as suas tácticas, mas porque Ele permaneceu ininterruptamente o mesmo. Com Ele, o uso da força fora sempre excluído. Portanto, ter impedido o dilúvio, depois dos Seus apelos finais serem rejeitados, exigiria que Ele mudasse a fim de forçar a Sua presença, onde enfaticamente não era desejado. Isso Ele não pôde fazer, não havendo nada que impedisse a vinda do desastre.

Satanás e o homem tinham aplicado a maior pressão possível sobre Deus para O forçarem a mudar os Seus caminhos e a introduzir as armas da força no Seu arsenal. Mas eles falharam. Deus previu isso desde o princípio. E simplesmente seguiu com calma o Seu caminho enquanto a crise se desenvolvia, sabendo que os Seus princípios passariam no teste. Eles passaram.

Portanto, não há absolutamente alguma diferença entre a conduta de Deus no dilúvio e a Sua conduta durante a queda nas pragas do Egipto. Em ambos os casos a vara do poder saíu do Seu controlo e tornou-se uma serpente de destruição.

Capítulo 28

Sodoma e Gomorra

Noé e a sua família saíram da arca para pisar uma Terra destruída. A destruição foi para além de descrição. Eles não precisavam de ser convencidos que o dilúvio tinha vindo, mas precisavam de uma certeza muito real de que isso não aconteceria de novo. Isto, o Senhor foi capaz de lhes dar.

“E falou Deus a Noé, e a seus filhos com ele, dizendo:

“E Eu, eis que estabeleço o Meu concerto convosco e com a vossa semente depois de vós.

“E com toda a alma vivente, que convosco está, de aves, de reses, e de todo o animal da terra; desde todos que saíram da arca, até todo o animal da terra.

“E Eu convosco estabeleço o Meu concerto, que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio e que não haverá mais dilúvio para destruir a terra.

“E disse Deus: Este é o sinal do concerto que ponho entre Mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas.

“O Meu arco tenho posto na nuvem, este será por sinal do concerto entre mim e a terra.

“E acontecerá que, quando Eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens.

“Então Me lembrarei do Meu concerto, que está entre Mim e vós, e ainda toda a alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir toda a carne.

“E estará o arco nas nuvens, e Eu o verei, para Me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda a alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra.

“E disse Deus a Noé: Este é o sinal do concerto que tenho estabelecido entre Mim e toda a carne, que está sobre a terra. *Gênesis* 9:8-17.

Estas palavras asseguram-nos que nunca mais haverá uma repetição do dilúvio que por duas vezes cobriu a Terra, a primeira no início, nos dias da criação, e a segunda, durante o tempo de Noé.

O dilúvio de Noé não foi obra de Deus, Ele veio apesar dos Seus esforços para o evitar. Portanto, a Sua declaração de que não viria de novo um dilúvio de água, não era um compromisso para se conter, mas uma *predição* do que se ia passar no futuro. Especificamente, a profecia está limitada a um dilúvio de água. Não está a garantir que não haverá um dilúvio *de fogo* pelo qual a Terra será finalmente consumida.

Para haver outro dilúvio de água, deviam existir as condições necessárias para o produzir. Antes do tempo de Noé, haviam essas condições, mas hoje elas já não existem. A única forma pela qual o dilúvio total podia ocorrer seria as calotas polares derreterem, as cadeias montanhosas nivelarem-se nas profundezas dos oceanos e, em geral, as massas de terra se reduzissem à mesma elevação. Toda a água que cobria a Terra nos primeiros dias da criação e que voltou a submergi-la de novo, ainda está aqui. Portanto, ela cobriria a Terra novamente se fosse uniformemente distribuída sobre a superfície.

Se o Senhor retirasse a Sua presença da Terra, convulsões desta magnitude não seriam impossíveis. Aconteceu antes, para produzir as profundezas dos oceanos e as alturas das montanhas, pois nenhuma destas existia entre a criação e o dilúvio.

Mas nós somos bem informados na Palavra de Deus de que esta não é a direcção que as coisas irão tomar quando a Sua presença for por fim retirada da Terra. Pelo contrário, um dilúvio de fogo, não de água, vai engolir o planeta.

Estes dilúvios, primeiro de água e por último de fogo, não estão desligados. O primeiro é o pai deste último. Esta relação deve ser claramente compreendida, e esse será o propósito das evidências e argumentos que imediatamente se seguem, para confirmar isto.

Não é habitual pensar que a água produza fogo, pois a água é o meio mais utilizado para extinguir o fogo. No entanto, é facilmente provado que as águas do dilúvio foram a causa directa de fogos destruidores que arderam na Terra desde então, e são os meios pelos quais enormes quantidades de combustível serão a provisão para incendiar o último grande holocausto. Mais do que isto, desejamos mostrar que o dilúvio, embora ele próprio tenha passado há muito tempo, continua a viver na forma de descendentes. Alguns percorrem a Terra como tempestades, tornados, ciclones, furacões e vendavais, outros estão confinados a um só local, como vulcões, e ainda outros rompem em locais esperados e inesperados como os terremotos e maremotos. Todos estão devotados a missões de destruição.

O dilúvio marca a divisão temporal entre a tranquilidade original e as aberrações da Natureza. Em cada um destes desvios do esquema original das coisas de Deus, o dilúvio também é parente. Estas convulsões podem ser divididas em duas categorias. As encontradas na Terra, e as outras na atmosfera.

A primeira delas inclui erupções vulcânicas, actividades térmicas, terremotos e maremotos. Neste último estão tempestades, vendavais, furacões, tornados, tufões, inundações e secas.

Os problemas que surgiram no interior da Terra foram gerados quando as águas do dilúvio soterraram vastas florestas cujas madeiras eram de qualidade majestosa e durável. Sob as múltiplas pressões da terra e da rocha sob as quais foram sepultadas, transformaram-se em carvão que depois produziram petróleo. Em alguns casos, o calor gerado inflama estes materiais que penetram na superfície, formando vulcões, actividades térmicas e fendas inflamáveis. Estas são situações em que a terra aberta admite toneladas de água que, em contacto com a rocha derretida, se transforma em vapor. Acumulam-se grandes pressões subterrâneas que causam grandes explosões subterrâneas, as ondas de choque irradiando puxam o gatilho dos terremotos. Estes são também causados pelo colapso da terra, uma vez que o material de apoio abaixo é consumido. Quando um terremoto acontece no mar, tem início um maremoto.

Assim, o dilúvio é na verdade parente de todos estes problemas dentro da própria Terra.

O clima como está hoje, é o produto de condições provocadas pelo dilúvio. A redistribuição da terra e massas de água, a localização de montanhas e terras planas, e as desigualdades climáticas, todas formadas pelo dilúvio, são os factores determinantes na produção de problemas atmosféricos desde as formas mais brandas até às mais ferozes. Não há espaço nem necessidade neste volume de fazer um estudo detalhado do clima, ainda que ele fosse interessante e valioso. Aqueles que realizarem tal investigação ficarão devidamente impressionados com a relação entre o tempo e as condições estabelecidas pelo dilúvio.

Um exemplo será suficiente. Em Novembro de 1977, uma severa tempestade de neve devastou o sul de Dakota, em Minesota, e Wisconsin antes de atravessar a fronteira para o Canadá. Uma massa de ar quente carregada de humidade tinha-se espalhado para o norte do golfo do México até encontrar uma frente fria ao sul originada na zona ártica. No ponto de encontro sobre os estados do Norte, a neblina de ar quente e húmido foi arrefecido e imediatamente se precipitaram pesadas quedas de neve. Estradas foram fechadas, vidas se perderam, e foram causados extensos estragos. Passaram-se dias antes da vida voltar ao normal.

Isto foi possível apenas por causa dos factores geográficos e climáticos existentes. Se tivesse havido um movimento diferente destes elementos, os Estados do Norte nunca teriam sofrido aquela tempestade. Se, por exemplo, as Montanhas Rochosas, estivessem situadas no Este e no Oeste através do sul do Texas, o ar quente em movimento teria sido forçado a subir para as altitudes mais frias, fazendo com que se condensasse em chuva que teria caído nas planícies costeiras e voltado para o mar. Nunca teria havido o confronto entre as frentes frias e quentes que produziram as tempestades e os prejuízos no Norte. Do mesmo modo, se as cadeias de montanhas estivessem

situadas a Leste e Oeste do Canadá a frente fria nunca teria chegado ao Sul. Ter-se-iam desviado do Este e do Oeste.

A consideração de outras possibilidades produziria resultados interessantes. Supõe-se que o Golfo do México era terra seca, que as cadeias de montanhas se situavam todas a leste-oeste de modo que a planície se estendia entre eles desde o Pacífico até ao Atlântico, ou que os Estados Unidos tinham outra forma. O padrão meteorológico em cada caso seria muito diferente.

O dilúvio estabeleceu tremendas mudanças, produzindo resultados que ficaram até ao tempo do fim. A destruição iniciada no dilúvio, mas que foi interrompida antes de finalmente ter consumido todas as coisas, que então se destruirão completamente. Esses fogos pelos quais a Terra será reduzida a cinzas serão também filhos do dilúvio, pois os depósitos remanescentes do carvão e petróleo na Terra serão o combustível para essa última conflagração.⁸

Entretanto, secas e inundações tempestades e terremotos, maremotos e furacões, vulcões e fogos, são os problemas descendentes desse cataclismo que amaldiçoarão os habitantes da Terra até ao fim.

Nem todas as áreas são atingidas com estes flagelos. De facto, alguns lugares estão aparentemente livres deles. Isto explica porque alguns centros de pecado têm passado incólumes ano após ano, enquanto outros aparentemente menos iníquos, são atingidos com choques repentinos. Essas cidades localizadas precisamente onde reside um desses filhos do dilúvio, necessitam ser muito mais cuidadosas do que outras que estão em posições mais favorecidas. Durante anos, o gigante da destruição permanecerá invisível ou manifestar-se-á apenas de maneira suave, porque o poder protector de Deus o mantém sob controlo, enquanto procura que o homem tome consciência do seu perigo e enquanto permanecer na cidade um fiel remanescente por causa de quem Ele continua a Sua contenção. Mas, durante este tempo, os habitantes involuntários continuam a resistir aos Seus apelos até que, finalmente, Ele não tem outra escolha senão deixá-los entregues aos seus desejos.

O monstro, então, livre de restrições rebenta com fúria inesperada sobre as cabeças e casas desprotegidas dos pecadores abandonados, cuja destruição pode ser tão total na área em que estão, como foi em toda a Terra quando o dilúvio veio. Sodoma e Gomorra foram um caso em questão.

As Escrituras relataram a devastação dessas cidades e dos seus povos da mesma forma como descreve todas as outras destruições que caíram sobre os abandonados pecadores.

“Então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra.

“E derribou aquelas cidades, e toda aquela campina, e todos os moradores disseram: Não, antes na rua passaremos a noite.” *Génesis* 19:24, 25.

Para milhões de leitores da Bíblia, estas palavras têm apresentado Deus como derramando pessoalmente grandes lençóis de chamas com as Suas próprias mãos sobre as desafortunadas vítimas em baixo. Mas, aqueles que aprenderam e aceitaram os princípios do carácter de Deus como explorado neste estudo e que aprenderam a usar a Bíblia como seu próprio dicionário, sabem que tal interpretação é totalmente incorrecta.

Em vez disto, a verdadeira interpretação bíblica destas palavras é que o Senhor não teve outra opção senão afastar-Se e deixar os ímpios ao destino que tinham escolhido. Isto Ele fez apenas quando todos os apelos e meios estavam totalmente esgotados e não havia mais nada que Ele pudesse fazer. Então, qualquer potencial de destruição que estava à espreita na área, foi desencadeado. O resultado foi terminal.

Há sempre grande valor na avaliação das implicações de uma certa crença, por isso, será agora estudado para ver onde é lançada a imagem Deus pela crença que o próprio Deus derramou pessoalmente esse fogo sobre os habitantes das planícies. Só um certo tipo de Deus faria isto.

A morte pelo fogo é uma das formas mais cruéis e temidas de morrer. Em 1 de Fevereiro de 1974, deflagrou um incêndio, com origem num curto circuito eléctrico de um sistema de ar condicionado, atingiu os catorze andares superiores de um edifício bancário de vinte cinco andares recém-construído, prendendo centenas de trabalhadores à medida que as chamas se alimentavam dos

⁸ Vede *Spiritual Gifts* 3:76-89.

materiais combustíveis de acabamento interior. Devido a instalações inadequadas de fuga, pelo menos duzentas e vinte e sete pessoas perderam as suas vidas. Os que estavam nos andares superiores acima do nível do incêndio viram-se encurralados. À medida que o fogo avançava para cima, muitos optaram por morrer saltando dos níveis superiores em vez de enfrentarem as chamas.

Nas selvas e florestas é a coisa mais temida pelo reino animal. Bestas e répteis perdem todo o medo uns dos outros enquanto fogem desordenadamente das chamas rugindo. Há uma boa razão, pois a morte pelo fogo é uma morte *horrível*.

Pensai em vós mesmos enfrentando a pena de morte, tendo como único consolo a escolha da forma de morrer. As escolhas são pelotão de fuzilamento, gaseamento, cadeira elétrica, decapitação, enforcamento ou ser queimado vivo. Nenhuma destas é uma perspectiva agradável, mas quando vos sentais a pensar no vosso corpo a ser queimado enquanto ainda estais vivos, sabeis que esta é a última escolha que faríeis. Não é difícil pensar que esta é a espécie de morte que um juiz ou governante imporia sobre uma pessoa cuja morte desejasse ser a mais dolorosa possível.

Imaginai a cena do passado quando as chamas consumidoras caíram sobre as cidades da planície.

As Escrituras dizem-nos que “quando a manhã nasceu,” Ló e a sua família foram apressados a sair da cidade, assim que o fizeram, a destruição caiu em correntes de chamas. Portanto, foi uma conflagração matinal.

O Sol começa a despontar no céu. A família está a levantar-se. O pequeno almoço está na mesa e a mãe está ocupada a dar banho e a vestir os seus filhos dos quais um ainda é apenas um bebé. De repente os ruídos comuns que vêm da rua são trocados por gritos de alarme e depois de terrível agonia. A dourada luz da manhã torna-se escaldante, laranja e vermelha. O pai e a mãe olham com apreensão temerosa pela janela para verem um espectáculo aterrador do lado de fora. O fogo corre como um rio pela rua engolindo vítimas no seu caminho que caem torcendo-se e contorcendo-se em cauterizante agonia. O filho deles entra em casa gritando enquanto as suas roupas e cabelo ardem como uma tocha. Atira o seu corpo contra os braços acolhedores da mãe queimando-a e ao seu bebé igualmente.

Dentro da casa, há protecção, mas apenas por um pouco de tempo. As chamas estão a consumir as madeiras, lambendo portas e janelas e a procurar os que estão encurralados lá dentro. Eles fogem para uma sala interior, mas ainda que isso lhes dê um pouco mais de vida, torna o fim mais agonizante. Gradualmente, a temperatura na sala aumenta enquanto as chamas batem continuamente do lado de fora das paredes, até que a sala se torna um forno no qual eles são lenta, mas, terrivelmente queimados vivos. A temperatura das roupas aumenta até ao ponto de ignição e irrompem em chamas. À medida que as arrancam, a sua carne, despega-se em grandes camadas e o cheiro fétido de tecido humano queimado sufoca o ar.

Quando as chamas finalmente atravessam as paredes eles já estão mortos, jazendo nus com a pele contorcida, entumecida e em horríveis posições. As expressões esculpidas pela morte nas suas faces, expressa o

sofrimento extremo de dor e terror pelo qual morreram.

Não é uma cena agradável de ver. Teria sido muito pior contemplá-la. No entanto, deve ser visualizado da forma mais realista possível para que se possa compreender que nenhum Deus de misericórdia, justiça e amor, alguma vez se comportaria de tal modo infligindo pessoal e deliberadamente uma morte desta natureza sobre alguém.



Um homem salta para a morte de um edifício de um Banco com 25 andares em chamas, em São Paulo, Brasil, 1 de Fevereiro de 1975. O Incêndio ceifou 227 vidas.

A capacidade para fazer certas coisas revela a disposição interior de quem as faz. Não é possível qualquer ser no Universo, incluindo Deus, fazer tudo. A verdade desta afirmação está confinada ao lado espiritual e ético da pessoa. É verdade que Deus tem o poder *físico* pelo qual pode fazer qualquer coisa. Mas, apesar de possuir o poder, há algumas coisas que o Seu carácter nunca permitirá que Ele faça. Tão certo como o carácter de Satanás nunca permitirá que ele ame, também o carácter de Deus O impede de odiar qualquer outra pessoa, não importa quanto essa pessoa O possa ter ofendido.

Portanto, *se Deus* enviou fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra, podia apenas ser porque *estava n'Ele* fazer isso. Teria de fazer parte do Seu carácter. Portanto, Deus teria dentro d'Ele um espírito de crueldade pelo qual seria motivado a escolher a morte mais cruel possível para aqueles que se recusassem a obedecer-Lhe. Sem isso, Ele nunca podia ter tratado os sodomitas como é acusado de ter feito.

Mas esse não é o carácter de Deus. Ele não é cruel, sádico e vingativo. Ele nunca escolheria a punição pior concebível, e depois administrá-la àqueles que não apreciavam os Seus caminhos e agiam em contrário às Suas ideias.

Terríveis são as implicações de acreditar que Deus determinou que as cidades da planície deviam ser consumidas pelo fogo e depois procedeu fazendo isso. Isto é equipará-l'O ao papado, cuja prática constante era queimar até à morte aqueles que se recusavam a submeter-se à sua autoridade assumida. Algo da gravidade disto é manifestado quando se reconhece que o papado é a obra-prima de Satanás da falsa representação do carácter de Deus. Se queremos entender o que Deus não é, então, observemos os princípios e práticas do papado. A forma como Deus supostamente se deve ter comportado em Sodoma e Gomorra é exactamente como o papado se teria comportado se estivesse na posição de Deus. Portanto, a forma como se *pensa* que Deus se comportou não é certamente o modo como Ele conduziu os Seus assuntos ali.

O papado saiu a converter o povo para as suas crenças religiosas e serviço. Quando os seus primeiros esforços foram infrutíferos, começou a exercer pressão sobre ele até que, quando se tornou claro que os sujeitos das suas administrações não tinham intenção de lhe obedecer, cruelmente os destruiu com fogo. Ao fazer isto, representou-se não só como a administrar a vontade de Deus, mas fazendo-o como ele *e Satanás* queriam que se acreditasse que Deus faz.

O facto de este ser o caminho do papado é certamente a negação de ser o caminho de Deus, pois, se alguém deseja conhecer o que Deus não é, dexai-o contemplar o que é o papado e o que ele faz. Por outro lado, se alguém deseja saber o que Deus é, que olhe para a vida de Jesus Cristo. Nunca os dois testemunhos estarão de acordo.

É com horror e aversão que lemos a prática do papado de queimar as vítimas até à morte. No entanto, olhamos com satisfação quando vimos Deus destruindo pelo fogo (como imaginávamos que Ele fez) aos que não Lhe obedeceriam. Mas um pensamento cuidadoso levará todos a compreender que se continuam a acreditar que Deus decretou pessoalmente que os sodomitas deviam morrer pelo fogo e depois pessoalmente administrou a destruição, então o nosso Deus é um Deus cruel, vingativo, e, portanto, um Deus egocêntrico. De tal Deus, o papado é símbolo apropriado.

Evidências que ajudariam a negar tais ensinamentos encontram-se nos diferentes hábitos dos homens de acordo com a influência que o cristianismo tem sobre eles. As raças pagãs que têm pouco ou nada de influência cristã são as que executam as suas vítimas com a maior crueldade. Eles inventarão meios de os trazer às próprias portas da morte e depois ressuscitá-los, para que morram vezes sem conta como se fosse realidade.

Mas as nações onde a poderosa influência do protestantismo teve os seus efeitos, liquidam os seus criminosos e traidores do modo mais simples possível. O carrasco era obrigado a estudar como colocar o nó para que a morte fosse instantânea, devido ao pescoço quebrado e não por estrangulamento, enquanto também lhe era exigido dar apenas um golpe certo no pescoço exposto do condenado.

O testemunho final do carácter de Deus é encontrado naqueles que se aproximaram tanto d'Ele que possuem o Seu carácter. Uma pessoa assim nunca pode ser levada a pegar em qualquer arma de destruição contra quem quer que seja, nem mesmo os seus piores inimigos. Preferia morrer do que tirar a vida de outro. Este é o exemplo da vida de Cristo. Ele preferia morrer do que exigir que a vida de outra pessoa fosse tirada. Esta é a última resistência que impede de dar a outra face e ir a segunda milha. Um Deus que aconselha este tipo de comportamento como sendo um reflexo Seu, nunca podia derramar fogo sobre Sodoma e Gomorra. Ele fez ali precisamente o que fez em todas as outras ocasiões. Ele “não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas” Ele “deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 36.

Se o Senhor do Céu não desempenhou o papel de executor e não derramou pessoalmente fogo sobre essas cidades, como foram elas destruídas? Somos deixados sem informação científica para revelar a natureza desse desastre?

Há uma quantidade considerável de informação disponível se for feita uma pesquisa cuidadosa, embora, o que dificulta a procura seja a relativa incerteza do local onde essas cidades realmente estavam.

Há estudiosos que têm procurado as cidades a norte do Mar Morto, mas “Outros estudiosos procuram estas cidades sob as águas do extremo sul do Mar Morto. Os argumentos deste ponto de vista são mais numerosos e têm mais peso: (1) O ‘vale de Sidim’ no qual estas cidades estavam localizadas é identificado como o ‘mar salgado’ em *Génesis* 14:3. Os dois terços norte do actual Mar Morto alcançam a profundidade de mil e trezentos e vinte e oito pés, e deve ter existido há tanto quanto o tempo de Abraão, mas a profundidade da parte sul em nenhum lugar excede dezasseis pés. árvores submersas mostram que parte desta área era seca em tempos relativamente modernos, e medições precisas mostram que o nível do mar tem vindo constantemente a subir no século passado.

“(2) Asfalto é encontrado no extremo sul do Mar Morto, enquanto que do Vale de Sidim se diz estar ‘cheio de poços de lodo,’ versão revista ‘poços de betume’ (*Génesis* 14:10). Betume ou asfalto, ainda emergem do fundo na parte sul do Mar Morto e flutua até à margem.

“(3) Testemunhos dados por autores clássicos, Diodorus Siculus (ii 48.7-9), Strabo (*Geogr.* xvi. 2.42-44), Tácito (*Hist.* vs. 6.7), e Josephus (*War* iv. 8.4), descrevem uma área a sul do Mar Morto (presumivelmente coberta agora pela subida da água) como queimada por uma terrível catástrofe que destruiu várias cidades cujos restos queimados eram ainda visíveis no seu tempo. Dizem que gases fétidos emergem de fissuras no chão. Comparar *Deuterónimo* 29:23.

“(4) Os geólogos encontraram petróleo e gases naturais no solo no extremo sul do Mar Morto, que é ao mesmo tempo uma área frequentemente perturbada por terremotos, fornecendo assim todas as condições para a catástrofe descrita na Bíblia, se Deus usou os meios naturais na destruição das cidades (ver acima). Além disso, *Jebel Usdum*, o ‘Monte de Sodoma,’ na costa sudoeste do Mar Morto, é composto por 50 por cento de sal rochoso. Alguns conjecturam que numa convulsão durante a destruição de Sodoma parte deste sal poder ter sido desalojado e pode ter enterrado a mulher de Ló, amontoando-se sobre ela formando um ‘pilar de sal’ (*Génesis* 19:26). (O lugar onde os israelitas têm um complexo de extracção de potassa, na costa sudoeste, foi chamado de Sodoma, mas não tem ligação com a antiga Sodoma.)

“(5) Uma série de ribeiros entram na parte sul do Mar Morto vindos do leste, numa região ainda muito fértil, e é razoável acreditar que todo o vale que forma agora a parte mais ao sul do Mar Morto foi uma planície excepcionalmente fértil, condizendo com a descrição bíblica que compara a terra com o Jardim do Éden e o Vale do Nilo (cap 3:10).

“(6) Kille e Albright, na sua exploração da região situada a sudoeste do Mar Morto, não encontraram quaisquer ruínas antigas de cidades, mas descobriram um elaborado lugar de culto numa encosta com datas de 1800 a.C. Este local, *Bab Edh-Dhra*, era evidentemente um local onde se realizavam as festas anuais de uma vasta multidão. As cidades em que esta população viveu devem ter estado na área agora coberta pelo Mar Morto.

“(7) Zoar, uma das 5 cidades da planície (*Génesis* 14:2), estava no extremo sul do Mar Morto no tempo de Cristo.” *Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo-Dia* 8:1028, 1029.

Este testemunho dá excelentes razões para concluir que o local dessas antigas cidades era no extremo sul do Mar Morto. Mas também diz alguns factos importantes sobre esta área.

“Betume, ou asfalto, ainda irrompem do fundo da extremidade sul do Mar Morto e flutua até à costa... Os geólogos encontraram petróleo e gases naturais no solo no extremo sul do Mar Morto, que é ao mesmo tempo uma área perturbada frequentemente por terremotos.”

A edição de 1975 da *Enciclopédia Britânica*, Macropedia vol.14:165 declara: “O Mar Morto era conhecido nos tempos antigos como Lago Asphaltite (do qual deriva o termo asfalto) porque o petróleo semi-sólido das infiltrações subaquáticas dava à costa nas margens”.

“Ainda hoje a região sul do Mar Morto é rica em asfalto. Gases inflamáveis ainda escapam das fendas rochosas da área. O asfalto subindo à superfície da parte sul do Mar Morto deu-lhe o nome de Lago Asphaltite nos tempos clássicos. Pedacos maciços de asfalto flutuando à superfície são muitas vezes de tamanho suficiente para suportar várias pessoas. O asfalto, enxofre, e outros materiais combustíveis têm sido recuperados e exportados desta região há anos.” *S.D.A. Bible Commentary* 1:335.

O asfalto, petróleo, gases naturais altamente inflamáveis e terremotos não são comuns a todas as partes do mundo, mas são uma combinação frequentemente encontrada. Onde são encontradas indica um local onde enormes quantidades de material vegetal na forma de plantas e árvores, juntamente com carcaças de animais e humanas, foram enterradas pelo dilúvio. Onde tais materiais são encontrados há a formação de carvão, petróleo e gás que podem ou não ser combustível. Se é, então resultará actividade vulcânica ou termal, usualmente acompanhada por terremotos e sismos.

“Antes do dilúvio havia imensas florestas. As árvores eram muitas vezes maiores do que qualquer árvore que vemos agora. Eram de grande durabilidade. Não conheceram qualquer decadência por centenas de anos. Na altura do dilúvio estas florestas foram arrancadas ou destruídas e subterradas. Em alguns lugares grandes quantidades destas imensas árvores foram lançadas juntas e cobertas com pedras e terra pelas convulsões do dilúvio. Desde então, elas têm-se petrificado e transformado em carvão que forma as largas camadas de carvão que agora são encontradas. Este carvão produziu petróleo. Deus faz com que grandes quantidades de carvão e petróleo se inflamem e queimem. As rochas são intensamente aquecidas a pedra calcária arde e o minério de ferro funde-se. Água e fogo encontram-se sob a superfície da terra. A acção da água sobre a pedra calcária adiciona a sua fúria ao intenso calor e causa terremotos, vulcões e fendas vulcânicas. A acção do fogo e da água sobre o extracto das rochas e do minério produz fortes explosões que soam como o som abafado do trovão. Estas maravilhosas exhibições serão em maior número e mais terríveis pouco antes da vinda de Cristo e do fim do mundo, como sinais da sua rápida destruição.

“O Carvão e o petróleo são geralmente encontrados onde não há montanhas em chamas nem vulcões. Quando fogo e água sob a superfície da terra se encontram, as fendas vulcânicas não podem dar suficiente ventilação aos elementos aquecidos que estão por baixo. A terra é convulsionada – o solo treme, desloca horizontalmente o extracto e levanta-se em oscilações ou ondas. E há sons fortes como trovões debaixo da terra. O ar é quente e sufocante. A terra abre-se rapidamente e eu vi aldeias, cidades e montanhas em chamas serem levadas para debaixo da terra.” *Spiritual Gifts* 3:79, 80.



Floresta submersa no Mar Morto perto de *Jebel Usdum*, “Monte de Sodoma.” Algures debaixo destas águas jazem as cinzas de Sodoma e Gomorra.

Isto deixa claro que sempre que há um local na Terra onde tão grande quantidade de vegetação foi enterrada para se transformar em carvão e petróleo, existe o potencial para erupções vulcânicas e terremotos devastadores. As evidências ainda existentes hoje mostram que Sodoma e Gomorra e as aldeias e cidades que a circundavam estavam localizadas sobre tal lugar.

Estavam constantemente em perigo, pois viviam sobre barris de pólvora, um desastre que estava só à espera de acontecer. Mas o Senhor desejou a sua salvação. Ele tinha aversão a vê-los perecer como tem de ver alguém destruído. Por isso, Ele desempenhou o Seu habitual papel de protector daquelas cidades ímpias, enquanto o Seu Espírito lhes implorava que se arrependessem e escapassem à ira vindoura. Mas eles não o faziam e chegou a altura em que finalmente a Presença protectora teve que ser retirada, não deixando poder para controlar os elementos em eferescência debaixo do solo. Há tanto tempo retidos, quando foram libertados explodiram numa espectacular e destruidora bola de fogo que encheu os céus acima onde estavam e na terra onde descansavam.

Não foi algo que Deus enviou no sentido que Ele decretou o que devia acontecer-lhes, e depois pessoalmente usou o Seu poder para garantir que isso acontecesse. Pelo contrário, aconteceu, não porque o Senhor o trouxesse, mas porque Ele não podia segurá-lo por mais tempo. Não havia ninguém que os sodomitas pudessem culpar pela sua destruição senão a si mesmos.

A destruição pelo fogo das cidades da planície não é um acontecimento que lhes é singular. Há uma contrapartida moderna para isto na destruição de St. Pierre, em 8 de Maio de 1902.

“Foi em 8 de Maio de 1902 que a cidade de St. Pierre, na exuberante ilha da Índias Ocidentais da Martinica, desapareceu abruptamente. Exactamente às 7:50 horas daquela manhã desastrosa, o monte Pelée – um vulcão de 1.397 metros, há muito adormecido, explodiu no topo numa das explosões que maior cataclismo provocou no mundo.

“A ilha francesa de Martinica estremeceu como um gigante ferido na violenta erupção. Da bocejante boca do vulcão, uma enorme nuvem negra de ar sobreaquecido e gás emergiu e rolou pela inclinação da montanha como uma corrente monstruosa. No seu caminho, no sopé da montanha, estava a cidade portuária de St. Pierre. Em segundos, a nuvem varreu a cidade. Rua a rua, edifícios saltaram em instantâneas chamas e a população foi transformada em tochas humanas. A hedionda bola negra – o núcleo mais tarde estimado em pelo menos 1.500 graus Fahrenheit – rapidamente reduziu St. Pierre a cinzas ardentes. Apenas duas pessoas sobreviveram à devastação pelo fogo, e o resto da população – mais de 30.000 pessoas, morreu.

“O tempo decorrido desde o momento da erupção até à extinção da cidade foram *menos de dois minutos!*” *Nature at War*,⁹ 131, 132, por Hal Butler.

O desastre não veio sem aviso prévio. O monte Pelée dominava a cadeia de montanhas da ilha e, apesar de estar adormecido há muito tempo, mostrou sinais de considerável actividade nos dias anteriores à explosão fatal. No entanto, a população não pensou em termos de explosão, mas apenas numa erupção e considerou que a cidade estava a salvo a uma distância segura de seis quilómetros.

Então na noite de 2 de Maio, seis dias antes do fim, e meia hora antes da meia-noite uma terrível explosão sacudiu toda a ilha, acordando os habitantes e levando-os em pânico para as ruas. “Mesmo no escuro puderam ver denso fumo negro saindo da coroa de monte Pelée, fumo que era cortado por traços de relâmpagos irregulares. Subitamente, uma segunda explosão formidável abalou toda a ilha, seguida de várias outras. Depois, as sonoras detonações pararam e uma chuva de cinzas quentes caiu em St. Pierre. Quando a luz do dia chegou, a população da cidade olhou para a sua cidade com espanto. Já não era aquela brilhante e colorida cidade de antes. Estava agora coberta com uma fantasmagórica cinza cinzenta.” *Idem*, 136.

Durante todo o dia e noite, o vulcão explodiu em intervalos de seis horas, mas no dia seguinte tudo estava calmo. O vento mudou de direcção e as cinzas foram sopradas para norte, onde caíram sobre as cidades.

⁹ Copyright 1976. Publicado por Henry Regnery Company, 180 North Michigan Avenue, Chicago, Illinois 60601.

“Mas a tragédia estava a crescer na cratera conhecida como Etang Sec. Água a ferver tinha agora chegado à sua borda, e de repente o lado da cratera desmoronou e uma avalanche de água quente e lama deslizou em cascata pelo lado da montanha, juntou-se ao Riviere Blanchof a cratera colapsada e uma avalanche de água quente e lama desceram pela encosta da montanha, juntou-se ao Riviera Blanche, e formou uma corrente que avançava rapidamente varrendo tudo à sua frente. ‘À medida que se precipitava montanha abaixo o grande desmoronamento juntou terra até se tornar uma montanha de lama quente em movimento que varreu tudo e todos que estavam no seu caminho. Correu em grande velocidade todo o caminho até à foz do Riviere Blanche, onde os trabalhadores de açúcar de Guerin estavam desprotegidos. Os operários viram-na aproximar-se e tentaram fugir, mas a muralha de lama rolou sobre eles, matando o senhor Guerin, o proprietário, tal como o capataz e vinte e cinco empregados. Nada restou da produção de açúcar a não ser a chaminé da fábrica, que ainda lá está, mas inclinada para um lado.

“Precisamente ao mesmo tempo, no ancoradouro de St. Pierre, o mar recuou, encalhando vários navios ancorados, e de seguida regressou ferozmente contra a cidade inundando as ruas. Esta foi a primeira violência a atingir a zona costeira, e as pessoas agiram de forma curiosa. Muitos refugiados das montanhas invadiram St. Pierre, enquanto outros já na cidade decidiram deixá-la – alguns a cavalo para Fort-de-France e outros por navios que estavam prontos a partir para portos mais seguros. A entrada e a saída, deixou a população de St. Pierre quase na mesma – cerca de 30.000 cidadãos assustados.” *Idem*, 137, 138.

O dia 6 de Maio foi um dia relativamente calmo. Às quatro da manhã do dia seguinte o vulcão começou a rugir alto, mas na madrugada do dia fatídico, o oitavo, o vulcão estava tão quieto como tinha estado antes de todo o rebuliço começar.

“O fatal dia 8 de Maio estava brilhante e ensolarado, quase sem nuvens no céu. Era o Dia da Ascensão e as pessoas acordaram com o toque dos sinos da igreja. A maioria da população católica tinha subido cedo para assistir à missa das oito horas.

“A noite tinha passado com o habitual rosnar interno do monte Pelée, e o vulcão mercurial estava agora a emitir um fumo acinzentado que se elevava em pluma da sua cratera. Ainda assim, estava tão calmo como há algum tempo, e o povo esperava que o Dia da Ascensão fosse um momento apropriado para o Senhor os libertar da ira do monte Pelée.

“Armazéns e lojas foram fechados para o feriado. Apenas as igrejas estavam abertas, e às 7:30 da manhã estavam cheias de adoradores ansiosos agradecendo ao Senhor por as erupções espasmódicas do monte Pelée não terem sido piores e rezando para que a montanha retomasse agora os seus plácidos caminhos.” *Idem*, 139.

“Às 7:50 da manhã teve lugar a erupção final e feroz do monte Pelée. Às 7:52 a cidade de St. Pierre e os seus 30.000 habitantes deixaram de existir.

“Foi uma explosão ensurdecadora, uma das erupções vulcânicas mais devastadoras de todos os tempos. O topo do monte Pelée foi literalmente despedaçado, e das entranhas da terra uma grande bola negra de ar aquecido e gases foram disparados para o céu. Em segundos, a enorme bola tinha ocultado o céu por 80 km de diâmetro. Por um instante, colou-se ao topo da montanha, depois desceu pela encosta em direção a St. Pierre. Varreu a cidade e foi para o mar, queimando edifícios, navios e pessoas no seu caminho.

“Havia algumas testemunhas oculares fora da área coberta pela bola negra que sobreviveram, uma mão cheia em terra e uma dúzia ou mais em navios no mar. Destas vieram as descrições mais gráficas – na verdade, as únicas descrições – da catástrofe súbita.

“Um passageiro não identificado no *Roraima* descreveu a destruição de St. Pierre desta forma:

“Vi St. Pierre destruída, [relatou ele]. Foi apagada por um grande clarão de fogo. Trinta mil pessoas foram mortas ao mesmo tempo. Das 18 embarcações que estavam no caminho, apenas uma, o navio britânico *Roddam*, lhe escapou e dele, ouvi dizer, perdeu mais de metade dos que estavam a bordo. Foi uma equipa moribunda que o levou para fora.

“O nosso barco tinha chegado a St. Pierre na manhã de quinta-feira. Por termos entrado horas antes no ancoradouro, pudemos ver chamas e fumo a sair do monte Pelée. Ninguém a bordo fazia ideia do perigo. O Capitão G.T. Muggah estava na ponte e toda a tripulação entrara no convés para ver o espectáculo. Era uma cena magnífica. Quando nos aproximámos de St. Pierre, podíamos distinguir o rolar e o elevar das chamas vermelhas que jorravam da montanha em enormes volumes e rolavam para o alto no céu. Enormes nuvens de fumo negro pairavam sobre o vulcão.

“Houve uma explosão tremenda logo depois de entrarmos. Não houve aviso. O lado do vulcão foi arrancado e foi atirado na nossa direcção uma sólida parede de chama. Soou como milhares de canhões... Antes do vulcão rebentar, as docas de St. Pierre estavam cheias de pessoas. Depois da explosão, nenhum ser vivo foi visto em terra.

“O Senhor Albert, proprietário e gerente de uma propriedade perto de St. Pierre, testemunhou a erupção de uma posição em terra, e fez um relato vívido da sua experiência:’

“O monte Pelée tinha dado o aviso da destruição que estava para vir [disse], mas nós, que tínhamos olhado o vulcão como inofensivo, não acreditávamos que não faria mais do que lançar fogo e vapor, como já havia feito noutras ocasiões. Foi um pouco antes das oito horas da manhã de 8 de Maio que o fim chegou. Eu estava num dos campos da minha propriedade quando o chão tremeu debaixo dos meus pés, como se estivesse a decorrer uma luta terrível dentro da montanha... Enquanto eu olhava parado, o monte Pelée parecia estremecer e um som gemido saía da sua cratera. Estava muito escuro, o Sol estava obscurecido pelas cinzas e pó vulcânico fino. O ar estava estático sobre mim, tão morto que o pó flutuante aparentemente não foi perturbado.

“Houve então, um ruído de fragmentação, rompimento e trituração, que só posso descrever como se todas as máquinas do mundo tivessem quebrado de repente. Foi ensurdecedor, e o clarão que o acompanhou foi ofuscante, mais do que qualquer outro relâmpago que eu já vira. Foi como um terrível furacão e onde uma fracção de segundo antes havia uma calma perfeita, senti-me arrastado por um vórtice e tive que me segurar com firmeza. Era como um grande comboio expresso passando e fui puxado pela sua força.

“A força misteriosa nivelou uma cerreira de árvores fortes, arrancando-as pelas raízes e deixando um espaço vazio de quinze metros de largura e mais de cem metros de comprimento. Fiquei paralisado, sem saber em que direcção fugir. Olhei para o monte Pelée e acima de seu cume formou-se uma grande nuvem negra que se ergueu no ar. Literalmente caiu sobre a cidade de St. Pierre. Movia-se com uma rapidez que tornava impossível que qualquer coisa escapasse. Da nuvem vieram explosões que soaram como se todas as marinhas do mundo estivessem num combate titânico. Os relâmpagos entraram e saíram em largas bifurcações, tendo como resultado a intensa escuridão que foi seguida por uma luz que parecia ser ampliada em poder. Eu sabia que St. Pierre estava condenada, mas fui impedido de ver a destruição por um contraforte da colina que bloqueava a minha visão da cidade.

“Quando recuperei a posse dos meus sentidos, corri para minha casa e reuni os membros da minha família, todos em pânico. Corri com eles para a praia, onde embarcámos num pequeno navio a vapor para Fort-de-France. Enquanto navegávamos no navio a vapor, o monte Pelée estava numa terrível convulsão. Novas crateras pareciam estar a abrir-se ao redor do cume e a lava fluía em grandes rios em todas as direcções. A minha propriedade foi arrasada enquanto ainda a podíamos ver.’

“Um incidente é suficiente para demonstrar a rapidez da destruição completa de St. Pierre. O telegrafista nocturno de St. Pierre acabara de transmitir à operadora em Fort-de-France os últimos relatos sobre o vulcão. A transmissão não continha nada de novo e não mencionou acontecimentos incomuns durante a noite. Quando terminou, apertou a tecla para sinalizar para a operadora de Fort-de-France responder. O telégrafo da capital pressionou a tecla. A linha estava muda. Nenhuma resposta veio de St. Pierre porque a cidade havia morrido naquela fracção de segundo.

“Leon Compere-Leandre, o sapateiro que estava sentado à porta da sua casa tentando decidir se deveria ou não deixar St. Pierre, teve o seu devaneio interrompido pela erupção final do monte Pelée.

A explosão foi tão violenta que sacudiu toda a ilha, e Leon sentiu um espasmo estremeedor sob os seus pés. Ele cambaleou e teve um vislumbre do céu escuro e da ameaçadora bola negra rolando pela encosta da montanha em direcção à cidade condenada. Tremendo de medo, ele virou-se para entrar em casa, mas um vento quente atingiu-o e ele sentiu seu corpo queimar como se línguas de fogo já estivessem a lamber a sua carne. Com dificuldade, entrou em casa e cambaleou até à mesa. Três homens e uma menina de dez anos estavam na pequena habitação, todos gritando de dor enquanto o ar quente os envolvia.

“Leon moveu-se para uma mesa e subiu para ela, perguntando-se se o fim estava próximo para ele. Então, viu a menina desmaiar e morrer contorcendo-se de agonia, e os três homens fugiram cegamente da sala. Durante o que pareceram horas – na verdade, cerca de um minuto – ele segurou-se firmemente à mesa. Então, percebendo que o estranho vento quente havia diminuído, Leon endireitou-se e entrou no quarto onde o pai da menina estava deitado. Ele encontrou o homem morto na sua cama, já queimado por causa do calor. Tropeçando foi para o pátio, descobriu os três homens no chão, com os seus corpos inertes carbonizados. O pensamento cruzou sua mente, *como posso eu estar vivo quando os outros estão todos mortos?* Aos gritos, ele voltou correndo para dentro de casa, lançou-se na cama e esperou a morte.

“Mas, por alguma estranha razão que ninguém desde então foi capaz de explicar, a morte não veio. Em vez disso, Leon percebeu que o telhado da casa estava em chamas e mais uma vez se precipitou para o exterior. Ele viu agora que as suas pernas e os braços estavam gravemente queimados e sangrando, mas ele conseguiu correr seis quilómetros até à próxima cidade – Fonds-Saint-Denis. Uma vez ele olhou para trás. Toda St. Pierre estava em chamas. Um grito estrangulado escapou dele e cambaleou. Sem que soubesse, ele foi uma das duas únicas pessoas que sobreviveram à aniquilação de St. Pierre.

“Louis Cyparis, o prisioneiro, aguardando um pequeno almoço que nunca seria servido, sabia que algo mais terrível do que uma tempestade tinha acontecido quando a convulsão final do monte Pelée devastou St. Pierre. O barulho da explosão penetrou na sua câmara subterrânea e o solo debaixo dos seus pés vibrou. Ele correu para a grade a fim de espreitar, mas cambaleou para trás com o impulso do ar aquecido. A nuvem superaquecida que envolveu a cidade atravessou a grade aberta e queimou o rosto e o corpo de Cyparis. Com um grito de dor, ele rolou em agonia no chão da cela.

“‘Socorro! Salvem-me!’ gritou, na esperança de chamar a atenção de um dos carcereiros. Mas, desta vez não havia ninguém para ouvir ou se importar.

“A invasão do fogo na cela durou apenas alguns minutos, depois desapareceu. Mas, deixou Cyparis em agonia, torturado pela sua carne queimada. Durante três dias ficou ele a gemer na cela, sem saber o que tinha acontecido ou por ninguém vir em seu auxílio.

“No terceiro dia, ouviu vozes sobre sua cabeça e gritou com toda a força dos seus pulmões por ajuda. Desta vez, foi ouvido. Uma equipa de resgate que procurava nas ruínas de St. Pierre arrombou imediatamente a porta da cela. Quando Cyparis foi trazido à luz do dia, ficou surpreso ao descobrir que a cidade de St. Pierre não existia mais. No caso de Louis Cyparis, tal como no incidente envolvendo Leon Compere-Leandre, a explosão do vulcão agiu de forma caprichosa, deixando-o como o outro único sobrevivente da cidade condenada.

“A senhora Thomas Prentis, esposa do cônsul americano, tinha duvidado da actividade peculiar do monte Pelée durante semanas. Ela havia estudado os comportamentos ameaçadores do vulcão pelas suas janelas das traseiras diariamente, e depois deslocara-se com frequência para sua varanda da frente a fim de assistir ao êxodo da população da cidade – incluindo o seu amigo fazendeiro, o senhor Fernand Clere, na manhã de 8 de Maio. Ela ansiava secretamente sair de St. Pierre, mas o seu marido tinha deveres a cumprir lá e tinha a certeza de que o monte Pelée iria acalmar com o tempo.

“‘Não há perigo no momento’, disse ele várias vezes. ‘Se houver perigo real, nós partiremos.’

“Mas, Prentis e a sua esposa ficaram tempo demais. Quando o monte Pelée explodiu no Dia da Ascensão, demorou menos de dois minutos para que o ar e os gases em chamas tirassem as suas vidas. Dois corpos carbonizados foram encontrados mais tarde no chão enegrecido da sua casa.

“No cargueiro *Roraima*, o oficial Ellery S. Scott desviou o seu telescópio da cidade de St. Pierre, onde estava a observar as pessoas em trajas coloridos indo e voltando da igreja, em direcção ao cume do monte Pelée. Naquele exacto momento, o vulcão explodiu, e Scott testemunhou a destruição de St. Pierre no intervalo de menos de dois minutos que se seguiu. Posteriormente, ele foi capaz de fornecer um relato detalhado da tragédia:

“‘Todo o topo da montanha parecia voar [relatou]. O som que se seguiu foi ensurdecedor. Uma grande massa de chamas, aparentemente com uma milha de diâmetro, com gigantescas coroas de fumo retorcidas, rolou milhares de metros no ar, e então inverteu a direcção e veio rolando pelos



lados fendidos e fragmentados da montanha. O sopé foi inundado pela massa que avançava. Não era mera chama e fumarada. Era lava derretida, blocos gigantes de pedra e uma chuva de pedras menores, com uma massa de lama escaldante misturada.

“‘Por um breve momento, vi a cidade de St. Pierre diante de mim. Em seguida, fora apagada pela inundação avassaladora. Não houve tempo para a população fugir. Nem tiveram tempo para orar.’

“‘A grande bola negra de destruição que desceu pela encosta da montanha e engoliu a cidade de St. Pierre não parou por aí. Rolou para o ancoradouro onde dezassete navios estavam ancorados. Scott assistiu impotente enquanto a bola ondulava sobre a água e voava em direcção ao seu navio. No

último momento, Scott e alguns outros buscaram abrigo deixando o convés aberto e recuando para o interior do navio. O movimento salvou a vida de Scott, mas muitos apanhados no convés morreram.

“‘Quando a bola bateu, o *Roraima* rolou quase nas pontas da viga de bombordo, e de repente foi para estibordo. A pilha, os mastros e os botes salva-vidas foram arrastados e dezenas de incêndios eclodiram. Eventualmente, Scott e outros sobreviventes foram retirados do navio em chamas por uma equipa de salvamento e levados para um hospital em Fort-de-France.

“‘O senhor Fernand Clere, o rico fazendeiro que deixou St. Pierre pouco antes da catástrofe, estava a aproximar-se da sua plantação com a esposa e quatro filhos quando o Monte Pelée lançou a sua nuvem negra letal. O senhor Clere observou horrorizado enquanto a nuvem descia pela encosta da montanha em direcção a St. Pierre, mas manteve uma notável presença de espírito nas circunstâncias. ‘Sabendo como as pessoas iriam exagerar’, disse ele depois, ‘calculei o tempo da nuvem desde o momento em que começou até que entrou no mar e verifiquei que menos de dois minutos se passaram.’

Com o relógio na mão, o senhor Clere observou que tudo o que estava no caminho da nuvem rolante explodiu em chamas. Ele viu a sua própria casa da plantação irromper em chamas e viu a grande bola de calor rolar sobre a propriedade da sua irmã no vale quando apontou o seu golpe mortal na direcção de St. Pierre. Duas horas depois, quando deixou a sua família em lugar seguro, o senhor Clere voltou para a cidade de St. Pierre. Ele não encontrou nada além de cadáveres enegrecidos entre os destroços fumegantes da cidade. ‘Todos estavam mortos’, relatou mais tarde. ‘Eu sabia que não podia ser útil ali, então apressei-me a voltar na primeira oportunidade e enviei a minha família para Guadalupe.’

“‘No ancoradouro de St. Pierre, todos menos um dos dezassete navios fundeados afundaram ou desapareceram nas chamas depois da nuvem negra passar sobre eles. Apenas o navio britânico *Roddam*, coberto com destroços vulcânicos em ebulição e em chamas numa dúzia de lugares e com vinte e oito tripulantes e a maioria dos passageiros mortos, conseguiu escapar. Ele fugiu porque, por

acaso, estava com muito vapor e estava pronto para navegar. O seu capitão, gravemente queimado, assumiu pessoalmente o leme e guiou o navio até à ilha vizinha de Santa Lúcia. Um oficial do porto, horrorizado com as condições do navio e os corpos enegrecidos espalhados pelo convés, disse: ‘Meu Deus, o que aconteceu consigo?’

“‘Acabamos de vir do inferno’, disse o capitão.

“A extensão total do destino de St. Pierre não era conhecida até que um navio de socorro partiu de Fort-de-France dois dias depois, quando o Monte Pelée se acalmou novamente e a cidade queimada esfriou o suficiente para permitir a exploração. A bordo estava o Vigário Geral Parel, juntamente com soldados, polícias e padres. Quando o navio contornou uma saliência de terra e se dirigiu para as enseadas da cidade atingida, os que estavam a bordo do navio viram a destruição generalizada pela primeira vez. Dezasseis navios queimados no porto, alguns deles virados com cascos enegrecidos acima das águas cobertas de cinzas. O cruzador francês *Suchet* já estava em actividade, recolhendo marinheiros gravemente feridos.

“A outrora orgulhosa cidade de St. Pierre havia desaparecido; em seu lugar havia destroços fumegantes estendidos por três quilómetros ao longo da costa. O Vigário-Geral apontou o seu binóculo para a cidade em chamas, procurando em vão por sobreviventes. Ele pousou-o, abanando a cabeça.

“‘Não há uma alma viva’, disse ele.

“Por fim, o Vigário Geral, polícias, soldados e padres desembarcaram. Numa carta escrita ao Monsenhor de Cermont, Bispo de Martinica, que estava em Paris, o Vigário-Geral descreveu o que viu:

“‘Desembarcámos [escreveu] munidos de desinfetantes, na Praça Bertin, outrora tão cheia de vida e movimento. Percorremos os destroços. A praça agora nada mais é do que um monte de ruínas confusas. Aqui e ali há corpos em decomposição, horrivelmente desfigurados, e pela contracção dos membros mostram quão terrível deve ter sido a agonia da morte. Entre os ramos queimados de um tamarindo caído, que se mostrou insuficiente para protegê-lo, encontramos o corpo de uma pobre criatura deitada de costas, com a cabeça erguida e os braços estendidos para o céu num gesto de súplica. As pernas estão encolhidas e torcidas, a carne fora arrancada das entranhas.

“‘Só com dificuldade conseguimos chegar à catedral, sendo impossível reconhecer as ruas. No interior das casas, cujas paredes estão de pé, ainda existem braseiros em chamas e fumegantes. Pedras quentes, ferro, cal, cinzas, materiais de todos os tipos, queimaram as solas dos nossos pés. Era imprudente até mesmo tocar nas paredes carbonizadas, que desmoronavam ao menor impacto.

“‘Uma das torres da catedral quadrada, com seus quatro sinos, ainda está de pé; mas está totalmente crivada, e não ousamos aproximar-nos dela. A torre esquerda foi derrubada, junto com seu grande sino. A estátua da Virgem, pertencente à fachada, parecia-me intacta, uma vez que estava entre as ruínas da catedral. As paredes, com excepção de uma parte da abside, desapareceram. Entrámos pela Rue de College e vimos vários corpos entre as ruínas. Aqui, como em outros lugares, a maioria das vítimas está enterrada sob a alvenaria empilhada.’

“Os que estavam a bordo do navio de socorro do Vice-General e outros que os seguiram tiveram a desagradável tarefa de queimar ou sepultar 30.000 corpos que rapidamente se decompuseram com o calor do Sol. Eles encontraram muitas das vítimas em repouso casual, indicando que a nuvem negra tirou as suas vidas de repente e sem dor. Outros, porém, estavam contorcidos em agonia. A maioria das vítimas apanhadas fora de casa estava nua, com os cabelos queimados e o que eram roupas rasgadas ou cauterizadas dos seus corpos; outros, dentro de casa, ainda estavam cobertos com as suas roupas carbonizadas. Todas as casas de pedra da cidade haviam desabado e a maioria estava completamente em destroços. A cidade inteira estava coberta por uma cinza fantasmagórica que em alguns lugares tinha vários metros de profundidade.

“Mesmo que a bola gigante de horror vulcânico tenha varrido a cidade em menos de dois minutos, teve tempo suficiente para pregar partidas caprichosas ao longo do caminho. Em muitos casos, objectos sólidos foram pulverizados, enquanto artigos frágeis foram deixados intactos. A prata

armazenada dentro de um cofre derreteu e aderiu às paredes laterais do próprio cofre. Os copos de vidro foram fundidos pelo calor intenso, enquanto a louça próxima nem sequer estava rachada. Num lugar, uma garrafa de vinho não foi tocada, mas as hastes das taças de vinho próximas estavam torcidas. Embora a parede do hospital militar tenha sido completamente destruída, uma secção contendo o relógio ainda estava de pé. Os ponteiros do relógio pararam às 7:52, marcando o momento exacto em que St. Pierre morreu.

“Ao todo, a devastação do vulcão cobriu uma área de cerca de 13 quilómetros quadrados. O ponto central, é claro, foi St. Pierre, onde houve completa destruição e perda de vidas total. Ao longo de cada lado da descendente bola da morte havia uma secção onde a perda de vidas e os danos foram reduzidos. Ainda mais longe desta zona estava aquela onde não ocorreu perda de vidas, nenhum edifício foi danificado e apenas a vegetação foi queimada. Nas encostas da montanha, os rios que antes fluíam com água pura estavam agora secos ou sufocados com a lama que corria lentamente; um deslizamento de lama foi posteriormente estimado em 24 metros de profundidade.

“Em 20 de Maio, o rabugento Monte Pelée explodiu novamente. Desta vez, uma explosão violenta rasgou o ar sobre a montanha às 5:15 da tarde. O Vigário-Geral, em Fort-de-France, ficou na sua varanda e assistiu à repetição da mesma cena incrível – uma bola negra de ar aquecido e gases novamente rolou pela encosta em direcção a St. Pierre. Após a erupção, o Vigário-Geral ordenou que o *Suchet* investigasse a situação. O relatório que voltou foi simplesmente que os restos de St. Pierre haviam sido devastados novamente, mas, como havia sobrado pouco da cidade, a segunda bola negra não conseguiu aumentar os danos.

“Recentemente, numa visita a Martinica, vimos algumas paredes remanescentes do que havia sido St. Pierre. Isso foi tudo, pois a cidade que já foi chamada de ‘Paris do Ocidente’ nunca foi reconstruída. Monte Pelée não apenas destruiu uma cidade de 30.000 habitantes; pôs fim a um modo de vida.” *Idem*, 142-152.

Não temos testemunho ocular para relatar a destruição das antigas cidades como temos aqui da moderna destruição de St. Pierre, mas apenas o conciso testemunho bíblico do que Deus fez ali.

No entanto, as semelhanças entre as duas situações são muito óbvias. Ambas estavam localizadas numa área de intensa actividade vulcânica e terramoto e ambas foram repentinamente surpreendidas pela queda de fogo sobre si com tal ferocidade e intensidade que as cidades foram destruídas, para nunca mais serem reconstruídas, e a população foi exterminada, excepto poucos sobreviventes. No caso de Sodoma, foram apenas três, Ló e suas duas filhas. Em St. Pierre, escaparam apenas dois na cidade e a família que fugiu na hora certa da morte.

“Em 1902, St. Pierre, na costa oeste da ilha e apenas a seis quilómetros de Monte Pelée, era a principal cidade de Martinica. Vinte quilómetros a sul ficava Fort-de-France, a capital da ilha, mas esta era uma pequena vila que não tinha nenhuma semelhança com a reluzente St. Pierre. A França estava orgulhosa de St. Pierre; na verdade, os franceses frequentemente se referiam à cidade como a ‘pequena Paris’ ou ‘a Paris do Ocidente’ por causa da sua cintilante vida social.

“Tanto a cidade como o seu povo eram pitorescos. A cidade estendia-se por duas milhas ao longo da costa e, de um navio que se aproximava, parecia um oásis acolhedor. As casas, feitas de pedra e estuque, eram de cores vivas. A maioria delas era pintada de amarelo ou laranja brilhante e todas tinham telhados vermelhos. Duas estradas principais corriam paralelas à costa, entrelaçadas por ruas transversais que começavam no mar e subiam em direcção às encostas das montanhas atrás da cidade. Com as montanhas verdes como pano de fundo, a cidade tinha a atracção de uma jóia reluzente embutida num cenário valioso.

“Além de ser a capital social da ilha, St. Pierre era também o centro comercial. Uma das suas principais indústrias era a destilaria de rum, e a sua principal rua comercial, a Rua Victor Hugo, estava repleta de bancos, lojas e outros estabelecimentos comerciais. A ‘Paris do Ocidente’ também estava equipada para atender tanto ao bem-estar da alma como à gratificação da carne, pois ostentava uma imponente catedral católica e várias igrejas paroquiais, junto com um teatro onde actores de

França se divertiam, cafés, clubes nocturnos e centros comerciais diversos destinados especificamente para folia desinibida.

“Os colonos franceses, cujos ancestrais se estabeleceram na Martinica gerações antes, representavam a elite da ilha. Eles possuíam e supervisionavam plantações de tabaco, café, cacau e cana-de-açúcar. A maioria deles havia construído vilas sumptuosas nas montanhas e passavam a maior parte do tempo relaxando nessas casas de verão ou bebendo conhaque nos hotéis e pousadas de St. Pierre. Esse grupo de Pierrotins – como eram chamados os residentes de St. Pierre – chegava a cerca de 7.000.

“A maioria dos outros 23.000 habitantes da cidade eram negros. Os homens -- geralmente sem camisa e vestindo calças de um tecido grosso e chapéus feitos de raiz de bambu -- eram tipicamente bonitos; as mulheres cobriam a sua beleza natural com mantos coloridos e turbantes e caminhavam pelas ruas com bandejas e cestos de produtos vendáveis equilibrados sobre as suas cabeças. A orla marítima era um cenário de actividade contínua, enquanto estivadores carregavam e descarregavam navios que faziam escala num dos portos mais lucrativos do Caribe.

“Esta era St. Pierre em 1902 – uma cidade que tinha todos os motivos para acreditar no seu futuro, mas uma cidade que não tinha futuro.” *Idem*, 132-133.

A vida em St. Pierre e Sodoma seguia um padrão semelhante. Sodoma e Gomorra eram lugares onde se estudava o desenvolvimento de todos os meios pelos quais os desejos da carne podiam ser satisfeitos e, pela descrição dada aqui, St. Pierre também. Assim, as mesmas coisas que causaram a partida do Espírito de Deus que restringia e protegia na situação antiga, também estavam presentes nesta bela cidade. Em ambos os casos, o clima ameno e a riqueza abundante tendiam a estimular essa busca pelos licenciosos, até que um pico febril fosse atingido.

Não se deve supor que Sodoma era irreligiosa, pois naquela época a adoração ao deus sol era o exercício espiritual devotado daqueles povos. Onde quer que essa influência religiosa esteja presente, ela encoraja a licenciosidade e a imoralidade de todos os tipos. A religião católica romana, que dominou a vida espiritual de St. Pierre, é a contrapartida moderna da antiga adoração ao sol¹⁰ e demonstrou que, da mesma forma, é o terreno fértil para todo tipo de pecado e impiedade. As mesmas influências religiosas, portanto, que levaram Sodoma e Gomorra ao auge da perversidade impiedade igual à rejeição total e ilimitada de Deus, também trouxe os habitantes de St. Pierre a esse ponto.

St. Pierre, então, fornece-nos uma ilustração esplêndida da morte de Sodoma e Gomorra. Deus fez a mesma coisa tanto na situação antiga como na moderna pelo mesmo motivo. Ele deixou os que rejeitaram a Sua misericórdia por conta própria para colherem o que haviam semeado e Ele fez isso porque era isso que as pessoas em cada caso exigiam d'Ele. Como as cidades em questão estavam sentadas sobre uma bomba-relógio apenas esperando para explodir na forma de uma erupção vulcânica, esse foi o destino que as atingiu. Por outras palavras, elas morreram, não porque Deus decretou que assim deveria ser, mas porque essa era a ameaça potencial de destruição sob a qual elas viviam.

Uma grande variedade de destruições sobrevém aos ímpios. Existem aqueles que, como nos casos de Sodoma, Gomorra e St. Pierre, são dizimados por erupções vulcânicas, enquanto outros são levados por inundações, terremotos, furacões, chuvas de granizo, desastres aéreos, marítimos e terrestres, conflagrações gigantes em florestas e edifícios, fome ou pelas explosões selvagens da ira humana. O único padrão consistente em tudo isso é que o desastre está de acordo com o potencial de destruição comum à área. Isso nega a acusação de que Deus pessoalmente toma posse dos poderes da natureza e os manipula de acordo com Seu desígnio de punir os pecadores. Deus tem o poder de criar qualquer tipo de destruição segundo a Sua vontade. Ele não está limitado ao perigo particular presente em determinada área. Ser um Deus de total justiça e consistência exigiria que Ele punisse as

¹⁰ Vede *The Two Babylons*, por Alexander Hislop, publicado por S.W. Partridge and Co., 4, 5, & 6, Soho Square, London, W.I.

mesmas ofensas com as mesmas punições. Mas não é assim. As mesmas ofensas são tratadas por meio de punições amplamente variadas, sempre de acordo com o potencial destrutivo do local onde os agressores residem.

Há uma disparidade tão grande na severidade dos juízos quanto ao tipo. Alguns dos pecadores sofrem mortes prolongadas, torturados com intenso sofrimento, enquanto outros morrem rápida e misericordiosamente. Isto é bastante desigual, mas a observação mostra que aqueles que vivem vidas de grande e desenfreada iniquidade geralmente sofrem muito menos do que os relativamente inocentes. Considerai a situação em tempo de guerra. Por trás das lutas titânicas estão os fomentadores da guerra, homens ardendo de desejo de poder que não se importam com o custo que os outros devem pagar para que realizem os seus desejos. Eles são os verdadeiros culpados que merecem o maior castigo de todos.

Nos campos, nas aldeias, nas montanhas e em toda a Terra estão as pessoas simples e honestas, cujas vidas são em grande parte desprovidas de vícios graves, embora não possam ser chamadas de filhos de Deus. Quando as fratricidas guerras assolam a Terra, elas são os sofredores. Os seus filhos são mortos, as suas casas são destruídas, os seus negócios arruinados, os seus rebanhos são destruídos e os seus corpos morrem de fome, mutilados, aleijados e por fim mortos.

Das duas classes, os fomentadores da guerra são aqueles sobre os quais as desolações deveriam cair com justiça, mas eles engordam e enriquecem com a mercadoria do sangue. A justiça realmente mudou. Se este é o decreto e obra de Deus, então Ele é realmente um Deus estranho. Mas sabemos que Ele não é esse tipo de Deus. Ele é absolutamente justo e estritamente imparcial. Ele nunca desculpa um, nem favorece outro, e lida duramente com alguém menos merecedor. Se Deus fosse o único a administrar as punições, a pena seria aplicada de acordo com a ofensa. O próprio facto de não ser assim é uma prova clara de que essas situações não são o resultado da obra de Deus.

A mesma discriminação desigual é encontrada no destino das grandes cidades da Terra. Andar pelas ruas de Londres na Inglaterra, Frankfurt na Alemanha, Copenhaga na Dinamarca, Los Angeles, Chicago e Nova York nos Estados Unidos é contemplar o pecado sob cultivo directo e intencional, dando estudo à arte de satisfazer os desejos mais exigentes da carne. Muitos, vindos de áreas rurais para ver estas coisas pela primeira vez, ficam tão chocados com o espectáculo que sentem que Deus deveria levantar-Se para limpar essas fossas da face da Terra. Mas década após década a corrupção prospera. Aparentemente, ela goza do patrocínio e protecção do próprio Deus.

Enquanto isso está acontecendo, os juízos que se esperaria ver cair sobre essas cidades, atingem com ferocidade implacável outros lugares onde se julgaria o estado de iniquidade mais suave em comparação.

Os exemplos que podem ser citados são numerosos. Aqui estão dois que são típicos. Na Guatemala, em 4 de Fevereiro de 1976, um terramoto de 7,5 graus na escala de Richter causou muitos danos e muitas mortes. Estima-se que os mortos tenham sido vinte e três mil e os feridos, setenta e cinco mil.

Em 25 de Dezembro de 1974, um ciclone atingiu a tranquila cidade tropical de Darwin, no noroeste da Austrália, no que foi descrito como o pior desastre natural já ocorrido na Austrália. Noventa por cento da cidade foi arrasada e cinquenta pessoas perderam a vida.

Se fosse pedido a um investigador que encontrasse a cidade mais iníqua do planeta, nem Darwin nem a Guatemala estariam em primeiro lugar na lista. Os seus pensamentos voltar-se-iam naturalmente para as cidades citadas acima. No entanto, esses lugares vivem incólumes ano após ano, enquanto outros lugares mais calmos são arrasados até ficarem em pó.

Por que razão existe esta disparidade?

A resposta é muito simples.

Em primeiro lugar, deve ser óbvio que não é a obra de Deus, pois tudo é muito parcial e caprichoso para ser obra das Suas mãos. Se Ele fosse o destruidor, então certamente visitaria as grandes cidades cheias de vícios e pecados antes de tocar nas mais pequenas, onde o mal não é alimentado no mesmo grau. Ele administraria as punições com exactidão cuidadosamente calculada,

de modo que os culpados recebessem as suas justas recompensas. As coisas seriam muito diferentes do que são.

A natureza e a localização dessas catástrofes são provas claras de que não são obra de Deus. Elas ocorrem devido à presença, em áreas dispersas da Terra, de bolsas de potencial destruição semeadas na época do dilúvio. Aqueles que moram nessas áreas precisam mais do cuidado protector de Deus do que os outros que moram onde a ameaça é menor. Mas, em virtude da sua vida impenitente, eles afastam a protecção do Omnipotente, expondo-se assim às terríveis tempestades ou terremotos, incêndios, inundações, erupções vulcânicas ou qualquer outra coisa que esteja pronta para os destruir. Portanto, eles sofrem as terríveis consequências da retirada da presença de Deus, ao contrário de outros em lugares mais favorecidos.

Isso não significa que existam lugares inteiramente seguros na Terra, pois isso não é verdade. À medida que a retirada da presença de Deus se torna mais extensa, os poderes não controlados da natureza estão alcançando áreas desoladas antes intocadas. Ao aproximar-nos do fim, isso se tornará universal.

Capítulo 29

Uma Execução

O dilúvio foi a primeira ocasião em que a natureza fora do controlo de Deus explodiu em cataclismo furioso sobre as desprotegidas cabeças dos homens e demónios. Impotente para controlar tais forças estupendas, a humanidade sofreu uma ruptura de tal magnitude que quase a destruiu. Esse enorme golpe infligiu uma ferida tão terrível que foi quase totalmente fatal para a geração humana. “O próprio Satanás, que fora obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu pela sua existência.” {PP 60}, *Patriarcas e Profetas*, 96.

Mas, embora o dilúvio tenha sido o primeiro, certamente não foi o último. Após a destruição da torre de Babel por um raio, o incidente seguinte de grande importância foi a incineração de Sodoma e Gomorra.

Depois disto, a lista aumenta. Houve as pragas sobre o Egito, o retorno das águas do Mar Vermelho, várias pestes que feriram os israelitas, a invasão das serpentes ardentes, o terramoto que engoliu Coré, Datã e Abirão, a queda dos muros de Jericó, a grande tempestade de granizo nos dias de Josué, a extinção do exército de Senaqueribe, a morte das crianças pelas garras e mandíbulas dos ursos, o fogo que consumiu os homens que vieram para levar Elias cativo e muitos mais.

Nos nossos dias, a um desastre segue-se outro em constante sucessão até que um mais não surpreende.

Examinar cada caso seria repetir os mesmos argumentos já avançados em relação ao dilúvio, a queda de Sodoma e Gomorra e as pragas do Egito. Uma vez que o princípio tenha sido estabelecido, ele pode ser aplicado a todas as outras situações.

Às vezes é possível ver uma explicação científica do desastre, mas nem sempre. Exactamente o que tirou a vida aos homens de Senaqueribe não foi revelado. A não revelação desta informação simplesmente fornece um exercício de fé, testando o domínio dos princípios de justiça revelados nas Escrituras. Visto que nenhuma revelação é dada de como eles morreram, a tentação é voltar à ideia de que Deus os executou pessoalmente.

Essa tentação deve ser rejeitada positivamente. Apegai-vos à simples crença de que Deus não executa o pecador, mas o deixa sozinho para colher o que escolheu. Isso é tão enfaticamente revelado na Palavra de Deus, que não há desculpa para perdê-lo de vista.

A destruição de Coré, Datã e Abirão não apresenta nenhum problema! A terra abriu-se e engoliu-os. O que nem eles, nem o resto de Israel sabia, era que estavam acampados sobre uma zona de terremotos que até então apenas a presença de Deus mantinha sob controlo. Do mesmo modo, os seres humanos hoje são incapazes de prever exactamente onde e quando estes desastres ocorrerão.

Quando aqueles rebeldes persistiram no seu desafio para com Deus, obrigaram-n’O a retirar-Se do lugar onde eles estavam, deixando apenas uma consequência possível. O terramoto por tanto tempo restringido, foi desencadeado.

Uma vez que a compreensão tenha entendido estes princípios, e a fé determine que eles nunca serão rejeitados, não há nenhum incidente quando a vara do poder saiu das mãos e do controlo de Deus, isso não causará problema grave ao verdadeiro filho de Deus. Ele verá que não foi Deus, mas foi a natureza em convulsão que destruiu o impenitente. Haverá momentos em que será possível ver como isto realmente aconteceu, mas outras situações serão inexplicáveis. A fé saberá que o mesmo Deus agiu da mesma maneira, quer se possa ver exactamente como a natureza se comportou ou não.

Mas há outras ocasiões, em alguns aspectos diferentes das citadas acima, as acções de Deus são mais difíceis de entender. Durante séculos, elas têm deixado os cristãos fervorosos tão perplexos, que alguns foram levados a duvidar do carácter de Deus e até mesmo a abandonar o Seu serviço. O que Deus *parece* ter feito, nega todos os princípios discutidos até agora neste estudo.

Esses incidentes são aqueles em que Deus ordenou aos israelitas que pegassem nas suas armas e matassem totalmente homens, mulheres, crianças, bebés e todo o gado. A execução dos desafidores no bezerro de ouro, o genocídio dos amalequitas e o extermínio dos cananeus foram todos realizados em obediência às instruções de Deus. Embora o próprio Deus não tenha realizado os massacres, eles foram administrados à Sua ordem. Considerando que, na ordem natural das coisas, quem ordena a execução é o verdadeiro executor e *aparentemente* Deus desempenhou o papel de destruidor pelo menos nesses casos.

Mais do que qualquer outro, o relato bíblico desses acontecimentos fornece àqueles que se agarram à visão de que Deus impõe juízos sobre os que O ofendem, a justificativa para a sua posição. Em qualquer confronto entre eles e aqueles que vêem o verdadeiro carácter de Deus, será observado que essas são as declarações às quais eles recorrem com grande determinação. Para eles, elas fornecem as provas incontestáveis.

Não se pode negar que estas são difíceis de entender, mas não estão para além da compreensão humana, desde que sejam ensinados por Deus e guiados pelos princípios que fundamentam o Seu carácter. Quando esses incidentes forem correctamente compreendidos, descobriremos que Deus não subverteu os Seus códigos para atender a uma emergência, mas agiu com consistência impecável. Nem mesmo nessas situações Ele foi um executor ou destruidor.

Nunca é demais salientar que o sucesso em descobrir a verdade real sobre a parte de Deus na execução do bezerro de ouro, na aniquilação dos amalequitas, na destruição dos cananeus e assim por diante, depende de haver completa confiança na consistência de Deus. Deve haver a convicção inabalável de que não há contradições na Palavra de Deus, que Ele não faz uma declaração sobre Seu carácter e comportamento num lugar, e depois prossegue fazendo o oposto noutra. A menos que o estudante possua isto, não chegará a nenhuma solução satisfatória para o problema, mas se o fizer, então a pesquisa sólida, combinada com a oração fervorosa e o abandono do pecado, retribuirá ricos dons da verdade espiritual. Todas as desarmonias desaparecerão. Aquilo que inicialmente apareceu como uma acusação incontestável contra o carácter de Deus, provará ser a mais forte evidência a Seu favor. O que antes esperávamos que ninguém mencionasse, acaba por ser o melhor argumento para o caso.

Para esclarecer a natureza do problema, apresentamos três testemunhos sublinhando o compromisso de Deus em nunca usar força. Estes serão imediatamente seguidos pelos relatos do incidente do bezerro de ouro de modo que possa ser claramente visto que um dos testemunhos parece estar a contradizer directamente o outro.

“A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 728, 729.

“Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

“Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 36.

Não há ambiguidade nestes testemunhos, mas eles se tornam um problema quando colocados em contacto directo com uma história como o massacre dos rebeldes no bezerro de ouro. Quando ambos são colocados juntos, parece que Deus afirma uma coisa num lugar e depois passa a fazer o oposto noutra. Comparai o relato a seguir com as afirmações citadas acima.

“E disse-lhes: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu próximo.

“E os filhos de Levi fizeram conforme a palavra de Moisés; e caíram do povo, aquele dia, uns três mil homens.

“Porquanto Moisés tinha dito: Consagrai hoje as vossas mãos ao Senhor; porquanto cada um será contra o seu filho e contra o seu irmão; e isto para ele vos dar hoje bênção.” *Êxodo* 32:27-29.

“Aqueles que efectuaram esta terrível obra de juízo, estiveram a agir com autoridade divina, executando a sentença do Rei do Céu. Os homens, em sua cegueira humana, devem acautelarem-se de como julgam e condenam seus semelhantes; mas, quando Deus lhes ordena executar Sua sentença sobre a iniquidade, Ele deve ser obedecido. Aqueles que realizaram este doloroso ato, manifestaram desta maneira sua aversão à rebelião e idolatria, e mais completamente se consagraram ao serviço do verdadeiro Deus. O Senhor honrou-lhes a fidelidade, conferindo distinção especial à tribo de Levi.

“Os israelitas haviam sido culpados de traição, e esta contra o Rei que os cumulava de benefícios, e cuja autoridade voluntariamente se comprometeram a obedecer. A fim de que se pudesse manter o governo divino, devia executar-se justiça sobre os traidores. Todavia, mesmo nisto, ostentou-se a misericórdia de Deus. Ao mesmo tempo em que Ele mantinha a Sua lei, concedia liberdade de escolha, e oportunidade para o arrependimento a todos. Apenas foram eliminados aqueles que persistiram na rebelião.

“Era necessário que este pecado fosse punido, como testemunho às nações circunvizinhas do desagrado de Deus pela idolatria. Executando justiça sobre os criminosos, Moisés, como instrumento de Deus, devia deixar registado um protesto solene e público contra o seu delito. Quando os israelitas devessem dali em diante condenar a idolatria das tribos vizinhas, seus inimigos lhes lançariam a acusação de que o povo que pretendia ter a Jeová como seu Deus, fizera um bezerro e o adorara em Horebe. Então, compelidos embora a reconhecer a infeliz verdade, Israel poderia indicar a sorte terrível dos transgressores, como prova de que seu pecado não fora sancionado ou desculpado.

“O amor, não menos que a justiça, exigia que, para este pecado, fosse infligido o juízo. Deus é o guarda, bem como o soberano de Seu povo. Ele exclui aqueles que se acham decididos à rebelião, para que não levem outros à ruína. Pougando a vida a Caim, Deus demonstrou ao universo qual seria o resultado de permitir que o pecado ficasse sem punição. A influência exercida sobre seus descendentes por sua vida e ensino, determinou o estado de corrupção que exigiu a destruição do mundo inteiro pelo dilúvio. A história dos antediluvianos atesta que a vida longa não é uma bênção para o pecador; a grande paciência de Deus não reprimiu sua impiedade. Quanto mais viveram os homens, tanto mais corruptos se tornaram.

“Assim seria com a apostasia no Sinai. A menos que o castigo de pronto tivesse sido executado sobre os transgressores, ter-se-iam visto de novo os mesmos resultados. A Terra ter-se-ia tornado tão corrompida como nos dias de Noé. Houvessem sido poupados esses transgressores, e ter-se-iam seguido males maiores do que os que resultaram de poupar a vida de Caim. Foi pela misericórdia de Deus que milhares devessem sofrer, para evitar a necessidade de executar juízos sobre milhões. A fim de salvar a muitos, Ele tinha de castigar a poucos. Ademais, como o povo rejeitara sua submissão a Deus, privara-se da proteção divina, e, despojados de sua defesa, a nação toda estava exposta ao poder dos inimigos. Se o mal não tivesse sido prontamente eliminado, logo teriam eles caído presa de seus numerosos e poderosos adversários. Era necessário para o bem de Israel, e também como lição a todas as gerações subseqüentes, que o crime fosse imediatamente castigado. E não menos misericórdia era para os próprios pecadores que fossem suprimidos em seu mau caminho. Se sua vida houvesse sido poupada, o mesmo espírito que os levava a rebelar-se contra Deus ter-se-ia manifestado em ódio e contenda entre eles mesmos, e ter-se-iam finalmente destruído uns aos outros. Foi por amor ao mundo, por amor a Israel e mesmo pelos transgressores, que o crime foi punido com uma severidade breve e terrível.” {PP 230}, *Patriarcas e Profetas*, 324-326.

O comportamento do povo pode apenas ser classificado como rebelião. No caso daqueles que se recusaram a arrepender-se, foi persistente e incurável. Não há possibilidade de ver o seu procedimento sob qualquer outra luz, nem há razão para tentar fazê-lo. Deve ser reconhecido como aquilo que foi – rebelião.

Com igual clareza, deve ser visto que a insurreição *foi vencida pela força*. Os levitas pegaram nas suas espadas e mataram os rebeldes. Assim, somente pela força a rebelião foi vencida.

O que torna isto criticamente diferente das numerosas outras ocasiões em que a rebelião foi vencida pela força é que Deus *ordenou que esta solução fosse aplicada*. Os pecadores não foram deixados sozinhos para colher o que semearam. Em vez disso, uma sentença directa foi formulada contra eles e sumariamente aplicada.

Assim, à primeira vista, cada passo que Deus relatou ter dado, nega o que Ele estabeleceu como Seus princípios nas três primeiras referências citadas. Deus declarou que não é a Sua forma vencer a rebelião pela força, mas ordenou que esta solução fosse aplicada exactamente dessa maneira. Ele afirma que deixa os pecadores sozinhos para colherem o que semearam, mas com certeza não o fez aqui.

É simples ver quanto um caso pode ser construído contra Deus usando essas evidências. É argumentado por aqueles que acreditam que Deus destrói, que a única maneira de negar isto é fazer a leitura da Bíblia como desejamos que ela seja lida. Antes de terminar este estudo, ficará evidente que aqueles que fazem essa acusação são, na verdade, os culpados de o fazer.

Quando entendidos correctamente, os registos bíblicos mostrarão que no caso do bezerro de ouro, Deus nada fez que violasse os Seus princípios declarados. Ele sairá deste exame apenas como um Salvador. O Seu carácter brilhará com um esplendor mais intenso, estimulando a fascinação, a apreciação e o enaltecimento de todos os que atentarão para ele.

Como é possível, então, que a vasta maioria não tenha percebido correctamente a obra de Deus na base da montanha? Por que foi Ele visto como a origem e executor da sentença? Por que não foi feita alguma diferença real entre o comportamento de Deus e qualquer monarca terrestre?

É por causa de um factor vital ser completamente esquecido, nunca é levado em consideração. Quando ele é considerado, faz toda a diferença para entender o assunto. Então, as acusações levantadas contra Deus serão redireccionadas para onde elas pertencem.

Esse factor foi a introdução da espada por Israel nas suas vidas. Fazer isto foi um passo extremamente grave e trágico que os colocou numa relação diferente com seu divino Guia. Equivalia à instituição dos procedimentos do homem no lugar dos procedimentos de Deus. Visto que a escolha de qual deveria ser o caminho estabelecido e reconhecido não dependia de Deus, mas de Israel, Jeová não podia e, portanto, não os obrigava a rejeitá-lo. Tudo o que Ele podia fazer era trabalhar para salvá-los dos piores efeitos do que haviam escolhido fazer.

A decisão deles de pegar em armas de coerção e destruição não foi feita em completa ignorância da vontade de Deus. O Seu Pai Celestial havia fielmente comunicado que a espada não encontraria lugar algum entre eles.

Eles receberam o nome do seu respeitado pai Israel, cuja história de vitória sobre os seus inimigos estavam bem familiarizados. Deus planeou que este fosse um testemunho para eles dos Seus caminhos. A lição era especialmente pertinente porque havia um paralelo distinto entre a situação de Israel e a deles. Do mesmo modo, como ele era prisioneiro de seu ardiloso tio Labão, e desejava partir para a terra prometida, assim foram eles mantidos no cativeiro egípcio e desejavam partir para a terra de Canaã.

Quando o patriarca partiu na sua viagem, foi perseguido por Labão, que estava determinado a trazer o seu genro de volta com ele. Labão levou sete dias para alcançar Jacó, sete dias em que seu temperamento teve tempo de atingir o calor febril. Quando ele alcançou Jacó, “Estava ardendo em ira, e resolvido a fazê-los voltar, o que não duvidava poder fazer, visto que seu grupo era muito mais forte. Os fugitivos estavam na verdade em grande perigo.” {PP 132}, *Patriarcas e Profetas*, 193.

Jacó sabendo muito bem que seria perseguido fez todas as provisões possíveis para impedir o facto de ser forçado a voltar. Mas, em todo o seu cuidadoso plano para a segurança daqueles que amava tanto, *não fez qualquer tentativa para armar os seus servos com espadas e varapaus*. Ele colocou a sua inteira confiança em Deus como seu Protector e assim efectivamente o Senhor cumpriu essa missão, de modo que não só não regressou à casa de Labão, como ninguém da sua casa foi sequer tocado.

Passado este perigo, com Labão já pacífico voltando para a sua casa, Jacó prosseguiu para enfrentar maior perigo na aproximação de Esaú que como lhe tinha sido dito vinha ao seu encontro com seiscentos homens armados. Esaú tinha apenas um objectivo em mente – assegurar que Jacó nunca o poderia despojar da riqueza de seu pai. O único modo de assegurar isto era matar Jacó e todos os que o acompanhavam. Isto colocava fim à questão de uma vez por todas.

Quando este perigo mortal ameaçava Jacó, havia pelo menos dois caminhos diferentes que ele poderia ter seguido. A reacção humana comum é recorrer ao poder das armas. Consequentemente, Jacó poderia ter escolhido desviar-se do seu caminho para gastar tempo a armar e treinar os seus servos. Mas, ele não fez isso porque entendeu correctamente que este não era o caminho de Deus. Em vez disso, ele continuou sem se desviar, toda a sua confiança repousava na certeza de que Deus cumpriria fielmente a Sua responsabilidade de protegê-lo e ao grupo que o acompanhava. Na noite anterior ao encontro, ele retirou-se para orar, a sua profunda preocupação surgiu do medo de que o pecado não confessado obstruísse a obra de Deus e o deixasse exposto ao seu inimigo. Não faltou fé no poder de Deus para o libertar. O seu único medo era que a sua própria condição espiritual tornasse esse poder indisponível. As longas horas de luta agonizante trouxeram a vitória.

Deus não obrigou Esaú a deixar o seu irmão sem o molestar. Pelo contrário, Ele enviou um anjo para lhe revelar o verdadeiro carácter de Jacó, seus sofrimentos, seu Espírito e as suas intenções. Assim Esaú foi levado a ver Jacó de outro modo. Ele compreendeu que Jacó não era uma ameaça para ele e não precisava de ser eliminado. Este ódio foi transformado em simpatia e o resultado de novo foi que ninguém da casa de Jacó sofreu sequer um arranhão.

Aqui está um ponto que merece ênfase. Sempre que os filhos de Israel deixaram a Deus a tarefa de os proteger, nenhum deles perdeu a vida ou sofreu dano, mas quando tomaram a espada, houve sempre perda de vida que em muitos casos foi muito pesada.

Da experiência de Jacó, o Israel de Deus, desde então, tem uma mensagem eterna que nunca devia ser esquecida. É a mensagem reiterada pelo salmista.

“Deus é nosso poderoso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia.

“Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares;

“Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.”

Salmos 46:1-3.

“O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.” *Salmos* 34:7.

O grande conflito não é entre nós e Satanás, mas entre Cristo e Satanás. Não temos o poder para vencer o inimigo. Só Deus pode fazer isso e Ele comprometeu-Se a fazê-lo. A nossa tarefa é deixá-l’O fazer o que prometeu. A vitória é nossa como um dom, o que é demonstrado na maravilhosa experiência de Jacó. Quão mais maravilhoso foi para ele ver a salvação do Senhor do que obter a vitória pela espada com o custo da vida de alguns de seus amados servos e filhos.

Por meio dessa experiência, Deus deu aos israelitas um testemunho perpétuo da segurança à sua disposição, se com confiança Lhe entregarem a guarda das suas vidas. Como preparação para a sua partida do Egipto, foi suficiente assegurar-lhes que não deviam tomar providências para adquirir e usar espadas. Eles deveriam confiar essa tarefa a Deus tão completamente quanto Jacó, sabendo que poderiam esperar os mesmos resultados.

Deus, sabendo que o sucesso do grande empreendimento dependia da estrita adesão deles a estes princípios, reiterou a lição repetidamente durante o êxodo e o período que levou a ele.

Moisés havia sido bem treinado na arte da guerra e provou ser um estrategista brilhante no campo de batalha. “Sua habilidade como chefe militar tornava-o favorito dos exércitos do Egipto, e ele era geralmente olhando como personagem notável.” {PP 171}, *Patriarcas e Profetas*, 250.

Moisés, portanto, naturalmente esperava que o Senhor os libertasse pela força das armas e viu na sua educação egípcia um treino divinamente fornecido para tal campanha. Tivesse Deus o propósito de fazer assim, nenhum homem melhor do que Moisés poderia ter sido encontrado em qualquer ponto da história. É importante que Deus não tenha feito uso dessa capacidade possuída por Moisés em qualquer momento da sua vida, pois nem uma única vez Moisés chefiou os exércitos de Israel para a batalha.

“Os anciãos de Israel foram instruídos pelos anjos de que o tempo para o seu libertamento estava próximo, e que Moisés era o homem que Deus empregaria para realizar esta obra. Os anjos também instruíam a Moisés quanto a havê-lo Jeová escolhido para quebrar o cativeiro de Seu povo. Supondo que deveriam obter sua liberdade, pela força das armas, tinha ele a expectativa de levar o exército hebreu contra as hostes do Egipto e, tendo isto em vista, prevenia-se contra suas afeições, receando que, pelo seu apego à mãe adoptiva ou a Faraó, não estivesse livre para fazer a vontade de Deus.” {PP 171}, *Patriarcas e Profetas*, 250.

Assim Moisés foi dedicado ao propósito divino por ele mesmo e por Israel e esperava a realização do plano. Quando viu o israelita a ser oprimido pelo egípcio, matou o opressor supondo que assim tinha iniciado a luta armada que iria libertar a nação escravizada. Mas, apesar dos israelitas saberem que Moisés era o escolhido por Deus, não houve um único homem inspirado que se levantasse com ele. Em vez disto, ele foi forçado a fugir precipitadamente para Midiã. Este inesperado desenvolvimento causou a Moisés um profundo exame do seu coração, provendo a Deus a oportunidade necessária para o educar na compreensão que não era pela guerra que Israel devia ser libertado.

Quarenta anos mais tarde, ele voltou, vestido, não com a brilhante armadura de um chefe militar, mas no traje simples de um pacífico pastor com um cajado nas mãos. Diante de todo o Israel, Deus estava a proclamar o caminho pelo qual eles seriam retirados da escravidão e pelo qual seriam protegidos para sempre dos seus inimigos. Era uma lembrança de que deviam recordar a mesma verdade que fora revelada no trato de Deus com Jacó.

Deus não introduziu uma provisão temporária seguida posteriormente por procedimentos diferentes quando os filhos de Israel, tendo obtido a liberdade, se tornassem hábeis na arte da guerra. Deus iniciou o êxodo sob princípios que deviam ser preservados e mantidos para sempre. Em nenhuma altura Ele Se desviou do Seu estabelecido curso de acção. Durante o reinado do sofrimento enquanto praga se seguia a praga, os israelitas não tiveram papel a desempenhar a não ser meramente esperar e deixar o Senhor tratar de tudo.

Quando, precisamente antes da partida final, Deus levou os egípcios a prover liberalmente os viajantes com tudo o que eles pudessem precisar para a viagem, Ele não colocou nos corações dos seus antigos senhores dar-lhes armas de guerra. Foi um povo que saíu do Egipto para o qual Deus tinha feito *toda a* provisão. “... *desarmados*, e não tinham o costume de guerrear...” {PP 197}, *Patriarcas e Profetas*, 287. Se o Senhor tivesse planeado alguma mudança do modo como Ele combate as *Suas* batalhas, a fim de serem eles a fazer esta obra por si mesmos, então certamente teria feito provisão para eles se equiparem para este papel. O facto d’Ele não levar os egípcios a armá-los é a prova clara de que nunca tencionou fazê-lo. Como o êxodo começou assim iria continuar.

Se os israelitas tivessem manifestado uma fé viva em Deus, teriam raciocinado como se segue: “O Senhor sabe exactamente o que necessitamos de levar para a terra prometida. Dos vastos armazéns do Egipto Ele deu-nos tudo o que precisamos, mas Ele não o fez dos seus arsenais. Portanto, isto é a mais clara aprovação da mensagem demonstrada pela experiência do nosso pai, Jacó, que nós, tal como ele, devemos voltar para a terra prometida como um povo *desarmado*. Devemos entregar a questão da nossa protecção inteiramente a Deus.”

Quão mais feliz seria a sua história subsequente, se este tivesse sido o modo como eles pensassem. Não teria havido a substituição por métodos humanos e sem fé dos procedimentos divinos infalíveis. Deus nunca lhes teria ordenado pegar nas suas espadas e matar homens, mulheres e crianças. Em todas as situações, Ele teria sido o seu libertador e a sua defesa.

Assim, chegaram ao Mar Vermelho onde mais uma vez o Senhor lhes revelou o modo pelo qual o poder dos seus inimigos seria quebrado. Ali, foi demonstrado da forma mais vívida, que aqueles que rejeitam a misericórdia de Deus são simplesmente deixados entregues a si próprios para perecer. Como o maior acto da rejeição dos egípcios foi procurar destruir o povo que andava em comunhão com Deus, o ponto em que os israelitas aparentemente estavam em maior perigo, foi de facto, o momento em que estavam mais próximo da libertação.

Quando o Faraó fez avançar o seu exército naquele corredor entre as firmes paredes de água foi um acto de terrível presunção da sua parte. O único modo pelo qual os israelitas podiam passar em segurança era ficarem sob o círculo da protecção de Deus. Mas os egípcios tinham deliberadamente e desafiadoramente quebrado essa protecção, e, portanto, o Espírito do Senhor não pôde manter as águas naquela posição. Enquanto o exército avançava, o Espírito de Deus não teve escolha senão afastar-se dele. Quando o poder estava a ser retirado, as águas simplesmente se precipitavam para a sua posição original, destruindo os inimigos de Deus e do Seu povo.

O Senhor foi muito diligente na educação do Seu povo. Ele sabia que o dia da decisão estava a aproximar-se rapidamente, nele deviam fazer a sua escolha muito importante entre continuar sob as ordens de Deus ou sair delas substituindo-as pelas suas. Embora Ele pudesse ensiná-los a ficarem firmes no caminho certo, não podia tomar a decisão em seu lugar. Não há compulsão em Deus. Ele nunca deixará este princípio nem pela grossura de um cabelo. O Faraó fez essa escolha para sua destruição. Nenhuma culpa pela destruição pode ser lançada sobre Deus, pois Ele havia sido mais do que justo ao enviar os avisos ao orgulhoso monarca.

Este direito de escolha foi dado à família humana nas pessoas de Adão e Eva quando lhes foi dada a posse da sua herança. Os anjos levaram-lhes a informação. “Contaram a Adão e Eva que Deus não os compelia a obedecer — que Ele não removera deles o poder de seguirem ao contrário de Sua vontade; que eles eram agentes morais, livres para obedecer ou desobedecer.” *A História da Redenção*, 30.

A entrada do pecado não mudou isto. Quando o homem exerce o dom da escolha afastando-se dos princípios da justiça, Deus ainda não interfere nessa área. A Humanidade não está privada desta liberdade por Jeová, se bem que a tenham perdido para o pecado e para os outros homens.

A entrega de Deus à liberdade de escolha deles não seria mais do que palavras vazias se não houvesse oportunidade de escolher outro caminho. De acordo com isto, a fim de dar total suporte aos Seus princípios declarados, o Senhor deve ser cuidadoso em não privar o povo dos meios pelos quais pode ir noutra direcção se o desejar.

Assim, embora o Senhor tornasse absolutamente claro que eles não deviam transportar espadas na sua jornada para sair do Egipto, não tornou impossível que o fizessem. Eles tinham a mesma liberdade de obedecer ou desobedecer como tiveram os seus primeiros pais no Éden. A oportunidade especial para eles se armarem de espadas veio quando os corpos vestidos de armaduras dos egípcios afogados estavam aos seus pés.

“Quando rompeu a manhã, esta revelou às multidões de Israel tudo que restava do seu poderoso adversário: os corpos, vestidos de malha, arremessados à praia.” {PP 199}, *Patriarcas e Profetas*, 287, 288.

Aqui estava o grande teste para os homens de Israel. Ofereceu-lhes tentadoramente um verdadeiro arsenal de armas – espadas, lanças, elmos, escudos e couraças. Eles poderiam precipitar-se e tomar os despojos, equipando-se desse modo para lutar como as outras nações lutavam, ou poderiam virar as costas e deixar a sua protecção nas mãos do Senhor.

A verdadeira questão envolvia a continuação de Deus como o único Protector dos Seus escolhidos ou tomarem a obra d’Ele nas suas próprias mãos. Era a questão da implícita confiança em Deus ou

uma maior confiança no poder das suas próprias capacidades para lutar. Este foi um ponto crítico da sua história, pois a triste decisão ali tomada influenciou todo o seu futuro. Foi um desvio da adesão estrita ao único caminho seguro. Isso determinou o seu fracasso final e rejeição como povo.

Não há relatos directos confirmando a sua descida e recuperação das armaduras dos egípcios. Mas toda a evidência aponta fortemente nessa direcção. Aqui estão os factos. Eles aproximaram-se, atravessaram e saíram do Mar Vermelho sem apetrechos de guerra. Logo após a saída do Mar Vermelho, entraram em luta contra os amalequitas na qual eles não usaram paus e pedras. Como não havia ferreiros para fabricar espadas entre o Mar Vermelho e o local desta batalha, o único modo pelo qual eles puderam equipar-se foi salvando o armamento que deu à praia.

O que torna a decisão tomada tão significativa são as circunstâncias sob as quais ela foi tomada. Deus tinha acabado de lhes dizer do modo mais emocionante e convincente demonstração da Sua capacidade e disponibilidade para enfrentar com êxito os seus inimigos de acordo com os princípios da eterna justiça. Com um Deus como este, que necessidade tinham eles de armas? Procurar equipamento militar sob circunstâncias normais já era muito mau, mas tomar posse dele à luz que brilhava daquilo que Deus havia feito até ali, não tinha qualquer desculpa e era altamente irresponsável.

Ao pegar nas espadas nesse ponto, Israel falhou tragicamente. Introduziram uma nova ordem no acampamento que tomou o lugar do plano divino. Assim, eles impediram a nação de dar uma verdadeira representação do carácter de Deus e isso acabou levando à sua demissão final como o canal da comunicação de Deus para o mundo.

Alguns argumentariam que esta mudança era um desenvolvimento inevitável, tornado necessário e possível à medida que as condições mudavam. Essa linha de raciocínio vê os filhos de Israel no Egipto sem treino e sem equipamento, de modo que não havia outro recurso senão o Senhor lutar por eles, assim como inicialmente um pai faz tudo pelo bebé. Mas, à medida que avançavam, chegou o tempo em que o Senhor poderia progressivamente passar para eles o cuidado das suas próprias necessidades e interesses. Consequentemente, Ele gentilmente fez com que os egípcios afogados fossem levados aos seus pés para que pudessem ter as armaduras que precisavam. A partir de então, eles tornaram-se os Seus instrumentos apontados para dizimar os pagãos.

Este argumento não deixa de ter lógica, mas mesmo assim é falso. Se fosse verdade, então a submissão de Canaã do modo como aconteceu, de facto, seria por ordem de Deus. Que não foi está provado pelos testemunhos directos, bem como por todos os princípios que sustentam o carácter de Deus. “O Senhor *nunca* lhes mandara ‘subir e pelejar.’ *Não era Seu propósito que adquirissem a terra pela guerra*, mas pela obediência estrita às Suas ordens” {PP 283}, *Patriarcas e Profetas*, 412.

Não era propósito de Deus que eles ganhassem a terra pela guerra, pela importante razão que esse não é o Seu método. O uso da força é exclusivo do reino de Satanás. Ele não faz parte da ordem de Deus. Eles deveriam possuir a terra prometida pela estrita obediência aos Seus mandamentos, um dos quais proíbe matar. A mente humana encontra grande dificuldade em compreender como uma nação vigorosa e guerreira pode ser despojada sem o uso da força. Este era o problema de Israel, embora tivessem testemunhado as poderosas manifestações dos métodos de Deus nas pragas do Egipto e na travessia do Mar Vermelho.

Tudo isto aconteceu aos habitantes do Nilo porque estes recusaram todos os esforços de Deus para salvá-los. A mesma resistência entre os cananeus tinha-os levado a uma posição em que a destruição era tudo o que lhes restava. Mas Israel não podia ver isso, nem poderia repousar na promessa que o Senhor lhes daria a terra. Portanto, eles determinaram que o fariam da única maneira que entendiam – pela força.

É verdade que conquistaram a terra desta forma, mas não esqueçamos que também a perderam da mesma maneira. A triste história deles confirma a verdade das palavras de Cristo ao corajoso e combativo Pedro, “Então Jesus disse-lhe: Mete no seu lugar a espada; porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão.” *Mateus* 26:52.

Jesus não deu a estas palavras uma aplicação limitada no tempo. Ele não estava a dizer, “Daqui para a frente, todos os que tomarem a espada também perecerão pela espada.” O que Ele disse é uma verdade *eterna*. É um testemunho do facto que o uso da força dá origem a força oposta. Embora o indivíduo ou nação possam ser fortes o suficiente hoje para ocupar uma posição de topo, rapidamente chegará o tempo em que outro poder será mais forte e aproveitará a oportunidade para destruir aqueles que anteriormente ascenderam pelo caminho sangrento.

A veracidade das palavras de Cristo como uma aplicação universal está adequadamente provada por seis mil anos de história humana. Esse período revela que sempre que uma nação foi construída pelo uso da força, esse poder pereceu ou perecerá pelos mesmos meios. O mesmo é verdade acerca dos indivíduos. Pode argumentar-se que há homens poderosos que subiram pela espada e mantiveram essa liderança ao longo das suas vidas, morrendo como governantes do mundo sem terem sido vencidos. Mas não esqueçamos que eles continuam a viver nos filhos, aos quais deixaram o legado da conquista que alcançaram e, *nos filhos*, pereceram ou ainda irão perecer pela espada.

Deus, compreendendo perfeitamente que os que vivem pela espada por ela perecerão, sabia que Israel possuir a espada era assegurar a sua destruição. Deus não desejou esse destino. Portanto, apenas por este motivo, certamente Ele nunca lhes deu a espada. Ainda mais, se Ele o fizesse então seria responsável pela sua destruição, pois aquele que dá a outro aquilo que seguramente efectuará a sua morte deve ser sempre culpado dessa morte.

Conclui-se então, que nunca esteve no propósito de Deus que Israel ou qualquer outra pessoa usasse a espada. Ela não tem lugar no Seu carácter e nos métodos correspondentes e, portanto, não deve encontrar aceitação no carácter e comportamento do Seu povo.

O reconhecimento desta verdade é essencial na compreensão das instruções de Deus para enviar os israelitas com a espada a fim de destruir totalmente os povos que se opunham a eles. A instituição dessa forma de governo era inteiramente obra do povo, a expressão de terem mais fé em si mesmos do que em Deus. Foi o estabelecimento de princípios e procedimentos humanos no lugar dos divinos.

Portanto, em todas as ocasiões que os israelitas foram à guerra ou executaram os transgressores entre si, *as suas acções não foram uma revelação do carácter de Deus*. Tem havido uma disposição universal para concluir que sim, na suposição errada de que o povo estava simplesmente a fazer o que o Senhor lhe disse. Se tivessem sido um povo *verdadeiramente obediente*, então, *nunca teriam possuído as espadas* e, portanto, nunca teriam saído com elas para matar os seus inimigos.

Ainda assim, Deus deu-lhes instruções. Não há como negar isso, nem existe qualquer desejo de o fazer, pois *a natureza* dessas ordens revela um Pai Celestial maravilhoso e belo, sempre de mão estendida para salvar e nunca para destruir. O trágico erro é que Ele foi terrivelmente mal compreendido ao ponto de as acções destinadas a minimizar os maus efeitos da matança a que se entregaram, fossem julgadas sob uma luz totalmente diferente e errada.

O propósito aqui é estabelecer que foi apesar dos melhores esforços de Deus em contrário que a espada entrou em uso no acampamento de Israel. O reconhecimento desta verdade é essencial para a compreensão das instruções dadas a Israel, que foram vistas por muito tempo como uma indicação de que Ele estava a usá-los pessoalmente como executores.

Se a vontade de Deus tivesse sido respeitada, eles nunca teriam carregado a espada, os levitas nunca teriam executado aqueles que adoravam o bezerro de ouro, nem teria havido muitas batalhas sangrentas nas quais eles ganharam a posse da terra. Deus teria sido deixado livre para fazer a Sua obra por eles de acordo com os princípios eternos da justiça.

A ordem dada por Deus várias vezes em relação a estas mortes torna difícil a pessoa comum ver isto. É argumentado que Deus estava pessoal e directamente envolvido, que Ele decidiu a sentença em particular e depois ordenou a execução.

Este, com certeza, parece ser um argumento inequívoco, mas ainda deixa aquelas terríveis contradições. Deus não dá ordens contrárias aos princípios da rectidão e justiça eternas. Portanto, são necessários mais estudos para remover essas aparentes inconsistências. Isto, pode ser feito com a

doce certeza de que não há contradições na Palavra de Deus e que o carácter de Deus é perfeitamente consistente em todo o Seu comportamento.

Será visto, à medida que avançamos, que as ordens dadas por Deus eram para um povo que já havia escolhido o caminho que seguiria e que, se não fosse guiado, usaria essas armas da pior maneira. As ordens de Deus destinavam-se a minimizar os maus efeitos do que eles escolheram fazer.

Nisto, Ele estava a desempenhar o papel de um Salvador que, tendo falhado em salvá-los da espada, iria salvá-los dos seus piores efeitos.

Capítulo 30

O Sempre Amoroso Pai Salvador

Quando os israelitas pegaram na espada, rejeitando assim o caminho de Deus em favor dos seus, o Senhor deparou-Se com várias soluções possíveis.

Em primeiro lugar, Ele poderia simplesmente tê-los abandonado à própria sorte. Isso teria sido perfeitamente justo e correto da parte d'Ele, embora fosse justiça sem misericórdia. O resultado teria sido o rápido desaparecimento da casa de Israel da face da Terra. Os seus inimigos eram numerosos, altamente treinados e bem equipados para a guerra. Tudo o que Satanás mais desejava era o extermínio de Israel e ele teria rapidamente aproveitado a oportunidade.

Em segundo lugar, Deus tinha o poder físico para forçar os israelitas a continuarem no Seu caminho, mas Ele não podia fazer isto do ponto de vista moral. Ele lhes havia dado, juntamente com a restante Humanidade, a liberdade de escolha. Portanto, sob nenhuma circunstância, Ele tentaria insistir no Seu caminho de preferência ao deles. A escolha de como seria era deles, e quando fizeram essa escolha, Deus nada podia fazer excepto respeitá-la, o que Ele fez.

Em terceiro lugar, Deus poderia simplesmente ignorar o pecado, fingindo que ele não existia. Fazer isto seria desculpá-lo e isto Deus não pode fazer.

Estas três alternativas são óbvias, mas há outra possibilidade que normalmente é esquecida. Nisto, o Senhor reconhece que não Lhe foi possível evitar que fossem pelo caminho errado e que, portanto, a obra destinada a salvá-los dele agora não tinha valor. Por eles ainda não terem experimentado a amarga experiência das consequências da sua apostasia, não estavam dispostos a voltar. Todavia, eles não tinham passado além da possibilidade de restauração. Por isso, Deus, no Seu infinito amor, não os abandonaria e, com isso, eliminaria a oportunidade de eles rectificarem a sua má conduta.

Se nenhuma ajuda salvadora fosse fornecida para os impedir de entrar nos piores efeitos da sua escolha, então eles não sobreviveriam o tempo suficiente para voltar para Deus. Por conseguinte, o Senhor trabalha para salvá-los desses maus resultados, tanto para tornar os seus sofrimentos tão brandos quanto possível, *como* para aumentar o tempo em que eles possam aprender e arrepende-se. É por este aspecto da obra de Deus não ter sido compreendido que Ele tem sido tão seriamente mal avaliado no Antigo Testamento.

A ilustração que se segue servirá para esclarecer estas alternativas e para identificar a escolha divina entre elas.

Imaginei uma pequena cidade localizada numa área onde abundam os animais selvagens, como ursos, veados, ovelhas montesas e vários felinos. Como era de esperar, a maioria dos homens na cidade eram caçadores entusiastas, nunca perdendo a oportunidade de sair com as suas armas e procurar a caça.

Mas, um homem era diferente. Ele tinha o amor de Deus no seu coração e matar os belos habitantes das florestas e montanhas era contrário à sua natureza. Por isso, ele nunca foi visto em companhia de homens caminhando em busca das suas aventuras no sangue de outros. Por seu lado, eles ficavam incomodados com aquele homem estranho e nunca perdiam a oportunidade de o persuadir, se possível, a juntar-se a eles. Certa vez, até lhe compraram uma magnífica espingarda de caça como presente de aniversário. Com gentileza cristã, ele amavelmente recusou o presente. Isto, naturalmente causou ressentimento, fazendo com que aqueles homens aumentassem a pressão sobre

ele, mas, apesar disso, ano após ano, não houve mudança nele. O único equipamento com o qual ele caçaria era um bom equipamento fotográfico.

Este homem tinha um bom filho a quem desejava muito proteger da influência dos caçadores à sua volta. Ele trabalhou incansavelmente para gravar nele o mesmo amor pela vida selvagem que ele possuía, e ficou grato ao ver que estava a ter um bom sucesso nesse sentido. Portanto, o pai estava a trabalhar para que o filho fizesse as coisas do seu jeito, diferente do procedimento dos caçadores.

O pai não tirou a liberdade de escolha ao filho. Quando este finalmente chegou à adolescência, tornou-se responsável por si mesmo e deixou de estar sob o directo controlo e disciplina do pai. Ele recebeu o convite para passar algumas semanas fora de casa e, ansioso para conhecer um novo país, aceitou a gentil oferta. Esta foi uma trama inteligente dos caçadores, que enviaram os seus filhos para convidar o rapaz, e uma vez longe da influência directa do pai, acompanhá-los na caçada. Eles incentivaram-no a experimentar apenas uma vez para ver se gostava. Sentindo que nenhum dano seria causado por uma avaliação pessoal do desporto da caça em geral juntou-se a eles.

A sua primeira reacção foi desfavorável, mas, algo de desafiador, arrebatador e excitante, fê-lo voltar atrás e em breve era um devoto entusiasmado. Foi à loja de artigos de desporto, escolheu uma arma muito bem concebida, e em tempo devido voltou para junto do seu consternado pai. Ele tinha exercido a sua escolha e agora o pai estava a confrontar-se com uma situação que exigia uma resposta. Como se relacionaria a si mesmo com esta mudança de acontecimentos? Claramente o jovem tinha instituído na sua vida um procedimento contrário aos caminhos do seu pai e de Deus.

Para o pai, como para Deus, a escolha está entre diversas alternativas.

A primeira opção era renegar o filho, proibindo a sua entrada em casa e exigindo que ele seguisse o seu próprio caminho separadamente. A justificação para isto seria a certeza de que os princípios do pai e do filho nunca se poderiam harmonizar.

Outra atitude seria usar a força coerciva para o rapaz se render aos desejos e caminhos do pai. Esta não era a resposta por duas razões. Primeiro o jovem já chegara à idade da independência, e por isso, seria impossível o pai alcançar o resultado desejado de qualquer modo. Mas, em segundo lugar, não estava na natureza do pai como não está no carácter de Deus, usar a força. Para eles, o único serviço aceite é o que sai de um educado coração de amor.

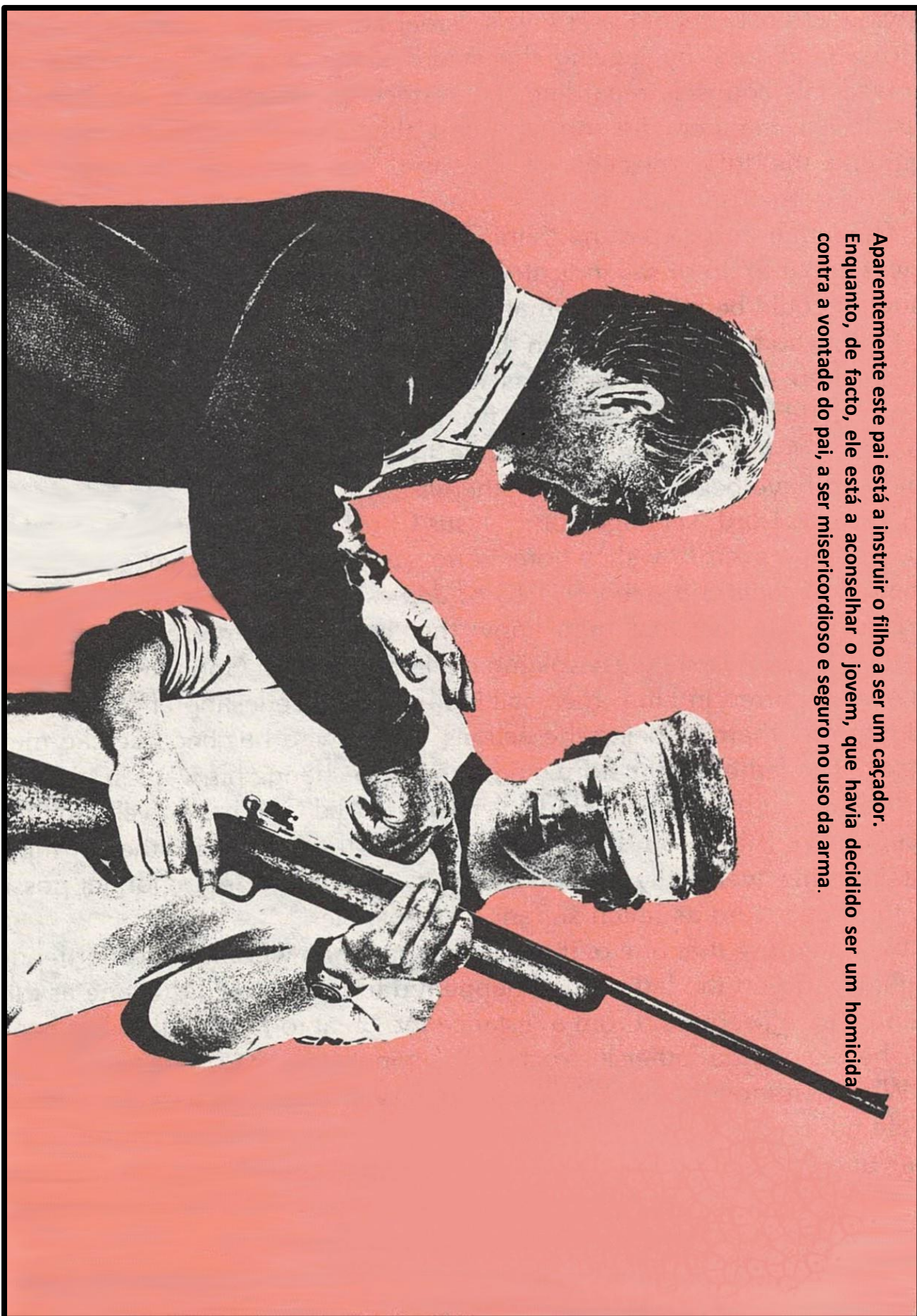
A terceira alternativa era tranquilamente ignorar a mudança, e fingir que a espingarda nunca foi trazida para casa, e agir como se tudo estivesse bem, quando de facto, não estava. De novo, este não era o caminho a seguir, pois o pecado não pode ser ignorado. Nem o amor, nem a justiça o permitirão. A iniquidade exige atenção. Uma resposta para ela surgirá sempre, seja ela a extensão do amor ou a reacção vingativa do ódio destruidor.

Tendo considerado e rejeitado cada uma destas possibilidades, o que seria deixado para este bom homem fazer? O que faria Deus na mesma situação?

Primeiro, o homem mais velho reconheceu que o filho se tinha colocado a si mesmo, outras pessoas, animais domésticos e animais selvagens, numa posição de grande perigo. Sendo um homem sem experiência e treino de armas, ele não conhecia a necessidade de olhar para além do alvo a fim de se assegurar que nunca houvesse edifícios, pessoas, ou quintas de animais na linha de fogo. Ele precisava saber como transportar a arma de modo que ao saltar muros, por exemplo, ela não disparasse, como muitos têm feito, sobre si mesmo ou sobre os seus amigos. Devia estar ciente do terrível potencial do ricochete, quando uma bala, fazendo ricochete numa rocha ou árvore, cravando-se num alvo longe para a direita ou para a esquerda do alvo original. Devia chegar-se perto da caça o suficiente para eliminar a possibilidade de apenas ferir o animal que então se arrastaria para sofrer uma morte demorada. Esta e outras coisas ele devia aprender a fim de salvar-se a si e aos outros dos piores efeitos do que tinha escolhido.

O pai, apesar de não mais poder evitar que o filho pegasse na arma, ele podia, se lhe fosse permitido, prover a instrução necessária para o salvar destas graves consequências. Mesmo os animais selvagens iriam beneficiar deste ministério de salvação, pois, se bem que não pudessem ser salvos da morte, podiam ser libertados de uma morte dolorosa e lenta.

Aparentemente este pai está a instruir o filho a ser um caçador. Enquanto, de facto, ele está a aconselhar o jovem, que havia decidido ser um homicida contra a vontade do pai, a ser misericordioso e seguro no uso da arma.



Como a resposta de Deus e daqueles que andam com Ele sempre será a doação do amor salvador, há apenas um caminho entre os sugeridos acima que o Senhor ou este pai seguiriam. Deus é por natureza um salvador. Por isso, o pai também foi retratado nesta ilustração. Quando Deus é frustrado na salvação das pessoas numa área, Ele continua ainda a exercer o Seu poder salvador em quaisquer possibilidades que restem. Deste modo, quando o pai deste jovem descobriu que os seus objectivos longamente perseguidos para evitar que ele empunhasse armas haviam falhado, ainda reconheceu que havia muito que ele poderia fazer para salvar o filho dos piores efeitos da sua escolha.

Assim, triste, mas com terna dignidade o pai chamou o filho à parte e falou com ele. Expressiu o desapontamento pelo jovem ter escolhido aquele caminho, mas assegurou-lhe que respeitaria totalmente a sua decisão. Gentilmente sugeriu-lhe que existiam perigos associados ao uso daquela arma, de cujos perigos ele apenas se podia salvaguardar recebendo e obedecendo a um número de precauções específicas. O pai disse-lhe que estava muito desejoso de o instruir cuidadosamente sobre estas coisas de modo que ele pudesse salvar-se dos piores resultados daquilo que tinha escolhido.

O filho, aliviado por causa do pai não lançar contra ele uma crítica feroz quanto à sua atitude, não mais se preparou para resistir a tal pressão. Em vez disso, expressou a sua vontade de aprender. Ao fazer isto, exibiu a estranha particularidade do comportamento humano que dá aos homens uma relutância em obedecer a Deus no que diz respeito aos níveis superiores de fé, mas permite que sigam o Seu conselho em níveis inferiores. Israel, por exemplo, não estava preparado para confiar totalmente em Deus deixando a espada em paz, mas aceitaram e seguiram os Seus conselhos a respeito das restrições destinadas a minimizar os seus males. Da mesma forma, o filho que abandonou os princípios do pai quanto à rejeição total das armas de fogo, estava preparado para respeitar os seus conselhos quanto ao uso delas.

O pai apresentou a sessão de treino dando ênfase ao facto de que nada que ele devesse fazer ou dizer indicava que tinha mudado de qualquer modo, mesmo que fosse interpretado dessa maneira.

Deus, que foi colocado na mesma posição pela determinação dos Seus filhos de usarem as armas de destruição, do mesmo modo avisou solenemente que o Seu esforço para os salvar dos piores efeitos daquilo que escolheram não indicava qualquer mundança n'Ele, mesmo que as Suas acções pudessem ser interpretadas de outra maneira.

“Porque Eu, o Senhor não mudo;” “Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente.” “Em quem não há mudança nem sombra de variação.” *Malaquias* 3:6; *Hebreus* 13:8; *Tiago* 1:17.

Apesar do facto dos homens saberem que antes do pecado começar Deus nunca destruiu, e apesar das solenes declarações de Deus que nenhuma mudança jamais ocorreu n'Ele, o homem ainda olha os Seus eternos esforços para salvar e interpreta-os como sendo as acções de um ser que se tornou como o próprio homem. O pai na nossa história não teve que mudar os seus procedimentos para instruir o filho a ser um bom assassino, nem Deus teve que mudar o Seu comportamento para salvar Israel de fazer uso cruel da espada. Nenhum deles tirou a vida. Ambos estavam apenas a tentar salvar, ou, se isso já não fosse possível, evitar tanto sofrimento quanto possível.

Agora supõe que um dos cidadãos, o homem que mais ardentemente procurou convencer o pai, passou pela rua enquanto a sessão de treino decorria. De uma distância demasiado grande para poder ouvir tudo o que era dito, ele observou o pai a instruir o filho sobre o uso das armas.

Que conclusões tiraria este homem? O que é que ele assumiria?

Ele nunca havia possuído o espírito do pai e, portanto, nunca o podia compreender. De acordo com isto, não existia a possibilidade de compreender correctamente o que o pai estava a fazer. Em vez disso, teria interpretado o que viu como prova segura de que ele tinha mudado.

O observador não teria perdido tempo em voltar para os seus companheiros de caça e anunciar a conversão do pai. Ele ter-lhes-ia dito que agora ele era um deles – um homem de armas. Ele teria apresentado como prova aos seus incrédulos ouvintes que viu o pai instruindo o jovem no manejo da arma. A evidência que apresentou é na realidade verdadeira, pois isto foi exactamente o que ele viu o pai fazer, mas as conclusões tiradas dessa evidência eram o oposto da verdade.

Tal como esse pai foi mal interpretado, também Deus o foi do mesmo modo.

No bezerro de ouro, Deus deu instruções directas através de Moisés para os levitas tomarem as suas espadas e executarem os rebeldes não arrependidos. O homem tem apontado estes factos e deles tiraram as suas próprias conclusões. Embora os factos sejam correctos, as conclusões tiradas são totalmente erradas. Eles declararam com grande satisfação que Deus se tornou um deles, um igual a eles – um destruidor.

Eles não podiam estar mais enganados.

Felizmente, Deus não mudou. Ele não Se tornou igual ao homem; Ele não é um destruidor. O pecado não O mudou, nem o homem pecador. Quando o Seu carácter e obra são correctamente compreendidos será visto que Ele não fez nada diferente no bezerro de ouro daquilo que fizera quando Adão e Eva escolheram seguir o seu próprio caminho.

Quando eles fizeram essa escolha, Deus enfrentou as mesmas opções que o pai da ilustração, quando o filho regressou com a arma. Primeiro, Ele podia ter-Se separado deles e deixá-los seguir o seu próprio caminho. Podemos estar muito gratos por Deus não o ter feito. Rapidamente teriam perecido e nós estaríamos privados da existência e qualquer oportunidade de salvação.

O uso da força era outra alternativa, mas isto é inaceitável para Deus, pois a única obediência que é aceite é aquela que vem de um coração que o deseja. Se a força fosse a resposta, então Lúcifer nunca teria pecado no primeiro caso, pois Deus tê-lo-ia compelido a não o fazer.

Deus podia ter escolhido ignorar o pecado, pretendendo simplesmente que ele não existia, mas isto não podia ser, porque o seu aparecimento no Universo afectou demasiadas coisas. Tinha que se lidar com ele. O pecado recusa-se a ser ignorado.

No Seu grande amor e misericórdia, Deus não deixa o homem entregue a si mesmo para colher as piores consequências daquilo que semeou. Seja qual for a extensão em que o homem aceita o pecado, Deus fornece conselhos e bênçãos de modo que a vida dele seja menos severa e dolorosa.

Ao fazer isto, Deus torna-Se suspeito de participar dos caminhos do homem, de ter comprometido os Seus princípios, e de ter mudado. O que nós estamos agora a tentar mostrar das claras evidências da palavra de Deus, é que o Senhor não muda, compromete os Seus princípios ou participa no menor grau, com o homem nos seus caminhos. A ilustração do pai que recusou tornar-se um caçador, e, contudo, instruiu o filho no uso seguro da arma, devia ajudar grandemente o homem a tornar claro este princípio. Deus não é um legalista. Ele é um Deus muito maravilhoso e é preciso profunda visão interior espiritual da parte do cristão para compreender o Seu carácter, para ver como Ele pode assistir ao homem neste caminho e mesmo assim não Se comprometer nem aos Seus princípios no mínimo.

Contudo, embora Ele seja *mal compreendido* ao fazer estas coisas, ao ponto de ser acusado de destruidor, Deus não Se desvia dos princípios. É mais importante para Ele fazer as coisas certas do que ser compreendido por fazê-las. No fim Ele será compreendido, e quando for, a lealdade de cada um dos Seus verdadeiros filhos será assegurada para sempre. Ao mesmo tempo, aqueles que escolherem uma vida de rebelião ficarão convencidos da Sua justiça e confessá-la-ão, mesmo sendo tarde demais para serem salvos.

Desde o princípio, Deus operou deste modo e assim o fará no fim. Primeiro, Ele faz tudo ao Seu alcance para salvar as Suas criaturas de entrarem em pecado. Depois, quando elas transgridem, Ele do mesmo modo trabalha arduamente para as salvar dos piores efeitos daquilo que fizeram. Quando por fim rejeitam mesmo este esforço de salvação, não há nada mais que Ele possa fazer para os salvar, e são deixados para perecer.

O episódio do bezerro de ouro não é o lugar mais fácil do relato bíblico para ver este princípio. Há outros onde ele é mais claramente revelado. Portanto, é melhor que eles sejam estudados primeiro. Então, terá sido feita uma preparação para esclarecer uma avaliação iluminada da parte de Deus no episódio do bezerro de ouro.

Um relevante exemplo do comportamento de Deus é antes e depois dos israelitas irem para o cativeiro de Babilónia.

Nunca uma nação seguiu um proceder mais provocador para com Deus do que Israel naqueles anos de apostasia, rebelião e idolatria entre os reinados de Davi e Ezequias. Depois de um excelente começo no tempo de Josué, houve as desoladoras frustrações das oscilações de Israel de bom para mau durante o período dos juízes, mas, nos dias de Davi, o reino havia alcançado o seu pináculo de glória. O povo deleitava-se nas múltiplas bênçãos do Senhor, e tudo estava preparado para o mais glorioso reinado de justiça alguma vez testemunhado no mundo. Em vez disso, o povo recebeu os dons do Senhor, transferiu a sua confiança de Deus para eles e entrou no pior período da sua história até aquele ponto. O Céu teve muito trabalho para trazer Israel a esta hora de promessa e oportunidade, apenas para ver tudo isso desperdiçado de maneira tão desafiadora, egoísta e irresponsável.

Os homens, tratados dessa maneira, retribuirão com punições destrutivas. Esses homens, destituídos de qualquer compreensão verdadeira do carácter de Deus, esperam que Ele reaja da mesma maneira. Do ponto de vista humano, Deus nunca teria sido mais justificado se o tivesse feito quando Israel seguiu um caminho tão ousado e insultuoso como fizeram durante aquela grande apostasia.

Mas, as Escrituras não revelam o desenvolvimento de tal disposição da parte de Deus à medida que os anos fatídicos se arrastavam. Em vez disso, elas revelam-n'O numa atitude totalmente diferente. Ele é mostrado como um Salvador compassivo, sem se importar com o terrível desafio e ingratidão, vendo em vez disso a terrível situação auto-imposta do Seu povo, trabalhando para livrá-lo do poder dos babilónios e dos sofrimentos que se seguiriam à sua queda. Ouça-n'O falando através do profeta Jeremias.

“Põe-te à porta da casa do Senhor, e proclama ali esta palavra, e dize: Ouvi a palavra do Senhor, todos de Judá, os que entrais por estas portas, para adorardes ao Senhor.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar.

“Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este.

“Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras fizerdes juízo entre um homem e entre o seu companheiro,

“Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após deuses para vosso próprio mal,

“Eu vos farei habitar neste lugar na terra que dei a vossos pais, de século em século.” *Jeremias* 7:2-7.

À medida que estas palavras eram ditas, uma nação poderosa apagava qualquer esperança brilhante do futuro do mundo. Babilónia estava a crescer espectacularmente em poder, e nação após nação estava sucumbindo. Israel, enfraquecido por anos de adoração de ídolos e pecado, não tinha esperança de resistir à maré do Norte. Se Deus possuísse o menor traço do espírito que os homens pensam que Ele possui, a Sua atitude teria sido muito diferente neste momento. Ele teria declarado a Israel: “Durante séculos Eu vos abençoei, vos protegi e vos fiz prosperar, e tudo o que recebo em troca é insulto, desobediência, desrespeito e rejeição. A grande Babilónia vem contra vós num futuro muito próximo. Ela tratar-vos-á cruelmente e vós merecereis isso e muito mais. Eu lavo as Minhas mãos de vós e deixo-vos à mercê do vosso destino.”

Todavia, não encontramos essa atitude da parte de Deus. Se encontrássemos, o amor de Deus não seria infinito. Ele teria um limite. Iria até certo ponto e depois pararia, para ser substituído por um espírito de reciprocidade vingativa. Essa é a natureza mutável do amor do homem, mas nunca é o caminho do amor infinito de Deus. Nada pode mudar isso.

Evidências marcantes das suas qualidades imutáveis são fornecidas na história de Israel entre os reinados de Davi e Zedequias. Raramente, se alguma vez, um povo que recebeu tanto de Deus fez mais para O provocar. Eles voltaram as costas ao santuário e adoraram os deuses pagãos. Baal tornou-se o seu senhor. Eles ofereceram os seus lindos filhos como sacrifícios vivos a Moloque. Eles

mataram-se uns aos outros, ofereceram os seus corpos a todas as espécies de licenciosidade e libertinagem e roubaram os pobres, as viúvas e os órfãos. Eles fizeram tudo o que era possível para ofender e afastar o Senhor. O registo deles é realmente triste, terrível e provocador.

Contudo, quão oposto é o comportamento de Deus. Em face de tudo isto, Ele na verdade podia dizer, “Porque Eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.” *Malaquias* 3:6. O Seu relacionamento com eles era o mesmo no final desta experiência difícil como havia sido no início. É verdade que, no final, eles não receberam as Suas bênçãos na mesma medida como quando a sua relação com Ele era tão boa, mas não porque o Senhor retaliou retendo essas bênçãos. Isto aconteceu apenas porque eles se fecharam para elas.

“Pelo dom incomparável do Seu Filho, Deus rodeou o mundo inteiro de uma atmosfera de graça, tão real como o ar que circula em redor do globo. Todos os que consentem em respirar essa atmosfera vivificante hão-de viver e crescer até à estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus.

“Como a flor se volta para o Sol, para que os seus brilhantes raios a ajudem a desenvolver a simetria e a perfeição, devemos também voltar-nos para o Sol de Justiça, a fim de que a luz do Céu brilhe sobre nós e o nosso carácter seja transformado à semelhança do de Cristo.” *Aos Pés de Cristo*, 72.

Nestes parágrafos, são mencionadas duas ilustrações da provisão de Deus para as necessidades físicas do homem – o ar e o Sol. Independentemente do comportamento do homem, estas bênçãos são abundantes tanto num dia como no outro. Elas fluem com poder ilimitado para todos. Se os homens decidirem isolar-se destes elementos vitais, eles sofrerão, mas a culpa nunca poderá ser colocada sobre Deus. Portanto, Israel não tinha justificação para qualquer acusação que pudesse fazer a Deus por cortar as bênçãos para eles. Eles, unicamente, eram os responsáveis por se colocarem onde não poderiam receber esses dons.

Foi por esta razão que a invasão iminente dos babilónios foi possível. Os israelitas colocaram-se fora do círculo da protecção de Deus, impedindo-O de salvá-los. Eles estavam a fazer exactamente o que Faraó havia feito antes deles. Como aquele governante orgulhoso oscilava à beira da autodestruição, Deus enviou Moisés para lhe implorar que se arrependesse para que as calamidades fossem evitadas e ele fosse salvo de receber o justo castigo pelos seus pecados.

Quando Israel estava sob a ameaça do poder de Nabucodonozor, estava do mesmo modo à beira do abismo. Deus nunca mudou. Por esta razão, Ele fez pelos israelitas o que tinha feito pelos egípcios. Ele enviou um profeta, Jeremias, para interceder com eles e lhes assegurar que se eles ao menos se arrependessem, podiam permanecer na sua própria terra para sempre. Eles escapariam completamente das terríveis calamidades que mereciam na totalidade e que estavam tão próximas.

Deus não os chamara para sofrerem merecidas punições ou um período de penitência antes de serem reinstalados na sua terra e no Seu favor. Isto é muito difícil de aceitar, pois a filosofia do homem diz que se um homem peca, *ele* tem que pagar pelas faltas. Portanto. Não importa quão sincero seja o arrependimento, ou mudança na natureza, a justiça do homem exige que ele sofra uma punição adequada ao seu pecado. Apenas quando ele fizer isto pode considerar-se que “pagou a sua dívida à sociedade.”

Há uma dupla motivação por detrás desta disposição humana. Uma é o espírito de retribuir o mal pelo mal, a outra é o impulso de protecção e segurança própria. De acordo com isto, os tribunais de justiça procuram nivelar a sentença para o transgressor igual ao mal que ele cometeu, demonstrando assim que o caminho da humanidade é pagar mal por mal. Isto satisfaz o requisito da vingança. Ao mesmo tempo a penalidade é administrada de tal modo que o público fica sabedor dela, fazendo do que procedeu mal um exemplo para servir como aviso a fim de dissuadir outros de se tornarem ofensores. Por estes meios é alimentada a esperança de que a segurança estará garantida.

Mas, isto não é ordem de Deus. Ele não retribui mal por mal. Ele devolve apenas bem. Conquanto isto seja verdade é muito difícil os habitantes da Terra compreenderem. Tão profundamente enraizado está o conceito de pagar mal com o mal, que não se pode compreender como Deus pode operar com princípios opostos.

Contudo, o caso aqui em estudo confirma que este é o Seu procedimento. Para provar o contrário havia a necessidade de encontrar Escrituras que relatassem que Deus exige uma série de punições antes de voltar a conceder a Sua graça. Porém, não se encontram tais referências. Os únicos castigos que eles sofreriam eram os que tinham trazido sobre si mesmos, mas dos quais Deus procurou salvá-los.

Se alguém duvida deste maravilhoso atributo de Deus, que estude a história do filho pródigo que é expressamente destinada a ensinar esta verdade. Nesta parábola, ambos os filhos exibiam a mesma crença que devem ser sofridas merecidas punições antes de haver restauração. O filho que errou pediu essa punição e o outro exigiu-a. O pai, que representa directamente o comportamento de Deus não queria ouvir falar disso. Tudo o que ele requeria era verdadeiro arrependimento.

Quando o pródigo voltou para o seu pai, ele pediu apenas um lugar como o menor dos servos. Isto, sentia ele, seria uma humilhação tão grande como uma punição merecedora do seu caso. Ele estava certo que estava a pedir o seu justo merecimento.

O irmão mais velho ficou irritado quando soube da completa restauração do pecador ao lugar do qual ele se havia retirado. Ele pensou que o pródigo tinha desperdiçado saúde, dinheiro, tempo e a reputação do pai. Não lhe importava o arrependimento e o regresso, somente questionava a reintegração. Se o irmão mais novo tivesse sido compelido a viver no alojamento dos servos e depois lavasse o chão durante um ou dois anos antes de ser lentamente elevado ao lugar de filho, ele teria ficado satisfeito, mas voltar, receber um acolhimento real e ser reintegrado no mesmo lugar que tinha deixado, *sem ter sido sentenciado com uma punição apropriada* era demais para a sua moral humana aceitar.

O pai aceitou o filho em casa *como se nunca tivesse pecado*.

“Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, por mais pecaminosa que tenha sido a vossa vida, por Sua causa sereis considerados como justos. O carácter de Cristo é substituído ao vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente *como se nunca houvésseis pecado*.” *Aos Pés de Cristo*, 65.

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.” *Romanos* 8:1.

Quando toda a beleza desta Escritura se abre à mente, será visto que ela também está a dizer que quando o pecador se arrepende, o Senhor o trata realmente como se ele nunca tivesse pecado.

Esta é a verdade expressa através de Jeremias a Israel quando o Senhor disse que se eles se arrependessem, ficariam na sua própria terra para sempre. Por outras palavras, Ele tratá-los-ia como se nunca tivessem pecado. Nenhuma ilustração mais clara podia ser dada da imutável natureza de Deus. Suas bênçãos nunca cessariam de fluir para a Humanidade, a Sua atitude é sempre a mesma. Quando os homens se afastaram d’Ele, *colocaram-se a si mesmos* fora do alcance dessas bênçãos, mas no momento em que voltavam para Deus, encontravam-se de novo na mesma posição que tinham ocupado quando a deixaram.

Na grande rebelião original esta verdade é revelada com força e clareza. Lúcifer tinha servido a Deus com infalível devoção por aquilo que deve ter sido um longo período de tempo. Em todo esse tempo, ele recebeu a totalidade das bênçãos de Deus e a alegria da comunhão. Por fim, ele perdeu a confiança em Deus e conseqüentemente entrou em rebelião contra Ele. Se não tivesse ido mais longe já teria sido muito mau, mas ele juntou grande ofensa alistando tantos quantos possível no mesmo espírito de hostilidade. Uma ameaça estava assim dirigida contra todo o reino. quando isto acontece num reino terrestre, o monarca trata rapidamente com o ofensor, fazendo dele um tal exemplo que impeça eficazmente outros de optarem por um procedimento semelhante.

Mas, os caminhos do homem não são os caminhos de Deus. Portanto, nenhum erro maior pode ser cometido, do que esperar que Deus use as mesmas medidas para tratar com uma dada situação. Conseqüentemente, Deus não Se relacionou com Lúcifer fazendo dele um exemplo, administrando acções disciplinares, ou mudando o Seu relacionamento para com ele no mínimo aspecto. Em vez disso, todos os agentes de amor do Céu foram postos em movimento para lhe suplicar que não

persistisse num caminho que o levaria à ruína da morte. “Mas a advertência feita, com amor e misericórdia infinitos, apenas despertou espírito de resistência.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16.

Deus nem sequer despromoveu a categoria do querubim cobridor. Ele não optou por este tipo de acção não importando quão longe o ser brilhante se afastasse d’Ele. Deixar inicialmente a sua posição e mais tarde o próprio Céu, foi uma acção pessoal de Lúcifer. Nunca foi obra de Deus. Esta confirmação pode ser obtida lendo o capítulo todo do qual o testemunho acima é citado.

Num esforço de amor para salvar tanto Lúcifer como os anjos que estavam a ficar sob a sua influência, “O Rei do Universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em Sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16. Esse foi um maravilhoso sermão acerca da ordem e organização divina no qual foi revelado o amor de Deus em relação a cada uma das Suas criaturas. Eles foram levados a ver que a posição ocupada por Cristo era de grande sacrifício pessoal, tomada para o bem deles de um coração cheio de amor e sabedoria infinitos.

Lúcifer chegou perto de partilhar a adoração dos outros anjos, mas o estranho, terrível conflito travou-se dentro dele até o eu e o orgulho obterem a supremacia. Foi então que *ele* deixou *o seu* lugar na sala do trono de Deus. Deus não o despediu e requereu o seu afastamento. Lúcifer retirou-se como está escrito, “deixando seu lugar na presença imediata do Pai, Lúcifer saiu a difundir o espírito de descontentamento entre os anjos.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 16.

Agora a rebelião tinha na realidade começado, a corrupção estava solidamente estabelecida e o perigo para o reino de Deus estava na verdade a caminho. Isto não era segredo para Deus. Ele conhecia os próprios pensamentos da mente de Lúcifer, como ele estava totalmente entregue ao seu objectivo e que ele continuaria até à perdição. Tinha seguramente chegado o tempo para uma acção preventiva semelhante à exterminação, ou pelo menos, expulsão do rebelde. Afinal é um plano seguro atirar fora a maçã estragada para impedir a corrupção das restantes. *Mas Deus não fez isto.* Teria sido uma negação do princípio de que Ele dera completa liberdade para O servirem ou não. Por isso, Ele não faria qualquer acção que requeresse força. Ele usaria apenas o que estava no alcance do amor salvador para salvar as Suas muito amadas criaturas da destruição.

“Um compassivo Criador, sentindo terna piedade por Lúcifer e seus seguidores, procurava fazê-los retroceder do abismo de ruína em que estavam prestes a imergir.” {PP 13}, *Patriarcas e Profetas*, 21. O resultado disto foi que ele chegou perto do ponto de se render e voltar para Deus. Já tinha passado algum tempo e ele havia feito um tremendo dano no reino de Deus. Do ponto de vista humano ele merecia severa punição, mas “Embora tivesse deixado sua posição como querubim cobridor, se, contudo, estivesse ele disposto a voltar para Deus, reconhecendo a sabedoria do Criador, e satisfeito por preencher o lugar a ele designado no grande plano de Deus, teria sido reintegrado em suas funções.” {PP 12}, *Patriarcas e Profetas*, 21.

Por outras palavras, ele teria sido aceite perante Deus *como se nunca tivesse pecado*. Teria voltado para o *seu* lugar e teria continuado ali *como se nunca o tivesse deixado*. Não foi exigido a Lúcifer sofrer quaisquer punições, sofrer penitência, ou passar por um período de provação antes de ser readmitido no seu lugar. Nem sequer lhe foi pedido que aceitasse uma posição inferior na qual teria que trabalhar para chegar ao topo.

Portanto, quando Cristo revelou o Seu Pai na parábola do filho pródigo, não estava simplesmente a dizer o que o Pai faria ao arrependido. Estava a confirmar o que Ele sempre tinha feito. O que Jesus disse acerca da atitude do Pai para com o filho pródigo é exactamente como Deus Se relacionou com Lúcifer. A única diferença é que o filho pródigo estava arrependido, Lúcifer não estava.

A Bíblia requer dois ou três testemunhos para confirmar qualquer verdade como está escrito, “... pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada.” *Mateus* 18:16. Aqui estão os três testemunhos necessários para confirmar esta verdade acerca do carácter de Deus. O caso de Lúcifer, a experiência dos israelitas como eles enfrentaram a opressão de Babilónia e a parábola do filho pródigo, tudo confirma que Deus não administra punição aos pecadores, mas procura salvá-los

dos castigos que eles estão para infligir a si mesmos. Se apenas se arrependessem e voltassem ao círculo das Suas bênçãos, então eles seriam aceites de volta como se nunca tivessem pecado.

Porém, aqueles que na realidade não acreditam que o amor de Deus é infinito e que Ele nunca muda nem sequer por um fio de cabelo, argumentarão que houve um limite para a Sua paciência e quando esta estava exausta com Lúcifer, voltou-Se para a guerra activa a fim de o expulsar do Céu. O texto de prova deles é *Apocalipse* 12:7-9.

“E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos;

“Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.”

Para milhões, estas palavras têm ilustrado uma intensa luta *física* entre as forças leais ao Céu e os rebeldes. Tem sido visto como um conflito envolvendo o uso do poder físico contra o poder físico. Grandes artistas têm pintado Cristo à cabeça de hostes de anjos brilhantes com uma espada desembainhada, perante os quais Lúcifer é lançado para baixo nas trevas do espaço vazio.

Mas, esta é uma perspectiva imprecisa e superficial da natureza desta luta. É um entendimento em conformidade com a prática de ver o comportamento de Deus como sendo igual ao do homem. Houve guerra no Céu, é verdade, mas não uma guerra como o homem a luta. Satanás foi expulso, mas foi do modo como Deus faz, não como o procedimento do homem.

“A rebelião não seria vencida pela força. Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem. Sua autoridade baseia-se na bondade, na misericórdia e no amor; e a apresentação desses princípios é o meio a ser empregado. O governo de Deus é moral, e verdade e amor devem ser o poder predominante.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

Então, nessa luta, Deus não usou a força. Esta arma nunca é encontrada no Seu reino, mas apenas no de Satanás. Portanto, foi de outra forma que Satanás foi expulso do Céu para nunca mais voltar. Deus lutou com as únicas armas consistentes com o Seu reino. É difícil ao homem pecador entender a natureza dessas armas, pois elas são tão estranhas à sua experiência e natureza.

No entanto, a luta no Céu foi na verdade muito real. Foi guerra – um esforço total da parte de Satanás para mudar toda a estrutura da ordem e organização do Céu. Para obter sucesso, ele precisava converter a fidelidade dos anjos de Deus para si próprio. Nesse tempo a única espada que Satanás podia usar era o engano, contra o qual Deus usou apenas a arma da verdade. A batalha continuou com furor durante um tempo considerável até que foi alcançado o ponto em que o diabo se infiltrou quanto podia. Cada anjo havia feito a sua escolha tendo ficado um número suficiente pela verdade que tornava possível a Deus manter a Sua posição como Protector das hostes celestiais. Com a contínua presença de Deus assegurada, não havia esperança da nova ordem proposta ser estabelecida. A antiga e provada ordem permaneceria. Mas a mudança de Satanás tinha-o trazido a uma tal desarmonia com aqueles princípios que ele verificou ser impossível permanecer onde eles continuassem em operação. Para ele, o Céu tornara-se um lugar estranho, inaceitável e intolerável, e ele apressou-se a deixá-lo.

Foi a verdade de Deus que o levou a sair, não o uso de qualquer espécie de força física. A razão para Satanás deixar o Céu é a mesma pela qual os ímpios nunca seriam felizes se tivessem de voltar ali. Não seriam capazes de tolerar o lugar e desejariam deixá-lo tão cedo quanto possível. Eles seriam tirados de lá pela sua absoluta incapacidade de permanecer.

“Poderiam aqueles cuja vida foi empregada em rebelião contra Deus, ser subitamente transportados para o Céu, e testemunhar o estado elevado e santo de perfeição que ali sempre existe, estando toda alma cheia de amor, todo rosto irradiando alegria, ecoando em honra de Deus e do Cordeiro uma arrebatadora música em acordes melodiosos, e fluindo da face d’Aquele que Se assenta sobre o trono uma incessante torrente de luz sobre os remidos; sim, poderiam aqueles cujo coração está cheio de ódio a Deus, à verdade e santidade, unir-se à multidão celestial e participar de

seus cânticos de louvor? Poderiam suportar a glória de Deus e do Cordeiro? Não, absolutamente; anos de graça lhes foram concedidos, a fim de que pudessem formar caracteres para o Céu; eles, porém, nunca exercitaram a mente no amor à pureza; nunca aprenderam a linguagem do Céu, e agora é demasiado tarde. Uma vida de rebeldia contra Deus incapacitou-os para o Céu. A pureza, santidade e paz dali lhes seriam uma tortura; a glória de Deus seria um fogo consumidor. Almejariam fugir daquele santo lugar. Receberiam alegremente a destruição, para que pudessem esconder-se da face d'Aquele que morreu para os remir. O destino dos ímpios se fixa por sua própria escolha. Sua exclusão do Céu é espontânea, da sua parte, e justa e misericordiosa da parte de Deus.” *O Grande Conflito*, 542, 543.

A confirmação disto já pode ser vista. O mundano e o ímpio de hoje vê que a sociedade de verdadeiros cristãos envolvida em devota adoração a Deus é intolerável para eles e desejam apenas deixar essa sociedade. São mais felizes em qualquer outro lado. Semelhantemente, a rejeição de Satanás dos caminhos e princípios de Deus em troca de outros objectivos realizou nele mudanças tais que não podia mais suportar a sua atmosfera santa. Estar lá era tal tortura para a sua transformada natureza que ele tinha de partir e assim partiu. Como o coração de Faraó estava endurecido pela sua contínua resistência aos esforços de Deus para o salvar, também todo o ser de Lúcifer estava pervertido pela sua luta contra os esforços amorosos de Deus para o tirar e aos seus seguidores do abismo para o qual os seus passos certamente os estavam a levar. Foi assim que Satanás foi levado a sair do Céu, não por Deus o ter expulsado directamente, mas pelos Seus esforços para o salvar.

Há muito mais que podia ser escrito sobre a expulsão de Satanás do Paraíso. Muitas mais provas podiam ser acrescentadas da Escritura para ampliar o assunto aqui apresentado, mas por agora avançaremos e deixamos esta discussão para quando chegarmos à queda das sete últimas pragas e batalha de Armagedom. Essa luta final é simplesmente o culminar da guerra que começou no Céu e continuou desde então. Deus e Satanás estarão ainda a usar as mesmas armas na confrontação final como fizeram no começo e o resultado será o mesmo. Portanto, uma clara compreensão do que está para acontecer iluminará então o que teve lugar no passado.

Do comportamento de Deus para com Lúcifer e com o Israel apostatado relatado e mais ainda confirmado na parábola do filho pródigo, é óbvio que o comportamento de Deus para com o homem é completamente diferente do comportamento do homem para com o seu semelhante.

Com o homem tem de haver sempre a aplicação de um castigo; o sofrer uma punição não importando quão arrependido e mudado o transgressor possa estar. O homem não fica satisfeito até que o prevaricador tenha “pago a sua dívida à sociedade.”

Mas se Lúcifer se tivesse arrependido do seu mau caminho teria sido readmitido no seu lugar como se nunca tivesse pecado.

Do mesmo modo, se Israel se tivesse arrependido e deixado a adoração dos ídolos e tudo o que de licencioso e mau vem com isso, teria sido libertado dos assírios e dos babilónios como se nunca tivessem pecado. Esta certeza está contida na Palavra de Deus quando Ele lhes disse através de Jeremias, como já citado neste capítulo que este é o modo como teria acontecido.

Quando Lhe foi dada a oportunidade para os tirar de lá, não deixou de o fazer provando que estas não eram apenas meras palavras. O grande exército de Senaqueribe marchou vitoriosamente contra todo o mundo adorador de ídolos. As dez tribos de Israel caíram perante ele e tencionava juntar Judá como mais um prémio às suas conquistas. Mas, havia no trono um rei que acreditava em Deus. Ezequias chegou ao poder depois de uma sucessão de governantes muito ímpios e idolatras. A terra estava cheia de imagens e o santuário estava num estado lastimável.

Sobre toda a terra avolumava-se ameaçadoramente a sombra da conquista global Assíria pedindo que rápida acção fosse tomada para fazer face à ameaça. Muitos homens ter-se-iam concentrado na formação da preparação militar, juntando, equipando e treinando o maior exército possível no mais curto espaço de tempo. A restauração do santuário e a obliteração das imagens podia esperar para mais tarde.

Mas não este rei. Primeiro ele estabeleceu a obra de limpar e restaurar o santuário e os seus serviços. Com todo o seu coração voltou-se para o Senhor e pôs n'Ele a sua confiança. Ele reivindicou a promessa de que seriam protegidos e salvos na sua própria terra e foram. Deus afastou a ameaça Assíria de tal maneira que nunca mais ela atacou Judá. Estudai a história com cuidado e vede como o Senhor não lhes pediu que Lhe pagassem qualquer dívida. Ele não exigiu um longo período de penitência antes de agir em favor deles. Assim que se arrependeram, Ele ficou no Seu legítimo lugar como Protector e Salvador deles e os libertou como se nunca tivessem pecado.

Se Zedequias tivesse sido um rei com o carácter de Ezequias, então Nabucodonosor nunca teria tido qualquer esperança de vencer os israelitas. Mas, apesar do facto do Rei do Céu ter enviado o Seu profeta Jeremias ao rei com a certeza de que se ele se arrependesse, então o Senhor operaria por ele como se nunca tivesse pecado, e apesar do facto que a história da libertação de Judá no caso de Senaqueribe provar isto, o rei escolheu rejeitar os conselhos de Deus e seguir o seu próprio caminho, frustrando assim qualquer esperança de Deus fazer o que o Seu coração de amor desejava, nomeadamente, salvá-los do cruel opressor.

O que o Senhor teria feito por Lúcifer e Zedequias, Ele fez pelo bom rei Ezequias e por muitos incontáveis outros que acreditaram no Senhor. Estas experiências são a prova de que o relato de Deus dado na parábola do filho pródigo é verdade. Satanás está desesperado no seu receio de que o homem venha a conhecer esse Deus, pois sabe que ele terá então confiança para ir ao Senhor em busca da libertação das suas maquinações. Portanto, Satanás apresenta Deus como sendo igual ao homem pecador – severo, exigente e determinando que toda a medida de punição pelo pecado apareça antes que a misericórdia seja estendida. Então o diabo leva a alma a tão terrível pecado que a vítima sabe que nunca pode cumprir a sentença e assim fica sem coragem para alguma vez procurar Deus.

Deixai que a maravilhosa vontade de Deus para perdoar e restaurar Israel em face da sua triste e desesperada apostasia, seja para todo o homem e mulher, um encorajamento inspirador para voltar ao Deus da luz e misericórdia.

Deus diz ao pecador, “Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem: torna-te para mim, porque Eu te remi.” *Isaías* 44:22.

“E não ensinará alguém mais a seu próximo nem alguém a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor: porque todos Me conhecerão, desde o mais pequeno deles até ao maior, diz o Senhor; porque lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados.” *Jeremias* 31:34.

“Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar.” *Isaías* 55:7.

“Naqueles dias, e naquele tempo, diz o Senhor, buscar-se-á a maldade de Israel, e não será achada; e os pecados de Judá, mas não se acharão; porque perdorei aos que eu deixar de resto.” *Jeremias* 50:20.

“Que segurança da voluntariedade de Deus em receber o pecador arrependido! Escolheste, caro leitor, teu próprio caminho? Vagaste longe de Deus? Aspiraste gozar os frutos da transgressão, só para vê-los desfazerem-se em cinzas nos lábios? E agora que os teus bens estão dissipados, teus planos malogrados e mortas as tuas esperanças, estás solitário e desolado? Agora, aquela voz que te falou longamente ao coração, mas para a qual não atentaste, chega a ti clara e distinta: ‘Levantai-vos, e andai, porque não será aqui o vosso descanso; por causa da corrupção que destrói, sim, que destrói grandemente.’ Volta ao lar do Pai. Ele te convida, dizendo: ‘Torna-te para Mim, porque Eu te remi.’

“Não prestes ouvido à sugestão do inimigo, de permaneceres afastado de Cristo até que te faças melhor, até que sejas bastante bom para ir a Deus. Se esperares até lá, nunca irás a Ele. Se Satanás te apontar as vestes imundas, repete a promessa de Jesus: ‘O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora.’ Dize ao inimigo que o sangue de Cristo purifica de todo o pecado. Faze Tua a oração de Davi: ‘Purifica-me com hissopo, e ficarei puro: lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.’

“Levanta-te e vai ter com teu Pai. Ele irá ao teu encontro quando ainda estiveres longe. Se te aproximares um passo que seja, em arrependimento, Ele se apressará para cingir-te com os braços de infinito amor. Seu ouvido está aberto ao clamor da alma contrita. O primeiro anseio do coração por Deus Lhe é conhecido. Jamais é proferida uma oração, por vacilante que seja, jamais uma lágrima vertida, por mais secreta, e jamais alimentado um sincero anelo de Deus, embora débil, que o Espírito de Deus não saia a satisfazê-lo. Antes mesmo de ser pronunciada a oração, ou expresso o desejo do coração, sai graça de Cristo para juntar-se à graça que opera na alma humana.” {PJ 105}, *Parábolas de Jesus*, 205, 206.

Aqueles que se regozijam na libertação dos antigos conceitos inspirados por Satanás acerca de Deus, conhecê-Lo-ão como Ele é apresentado na parábola do filho pródigo. Terão a fé e a coragem de trazer os seus pecados por perdão e limpeza e assim estar perante Ele como se nunca tivessem pecado. Estes são aqueles nos quais o verdadeiro amor de Deus será encontrado e dos quais uma corrente de dedicado serviço fluirá. Esses habitarão o Universo por toda a eternidade para experimentar a plenitude das eternas alegrias e gozo. Há pouca admiração então que o Céu será um lugar de perfeita bem-aventurança e segurança.

Capítulo 31

Deus Vai a Segunda Milha

Ainda estamos a procurar evidência bíblica para dar suficiente luz ao incidente do bezerro de ouro, para nos capacitar a ver claramente que Deus não violou um único princípio do Seu carácter neste incidente. Porque, por tanto tempo, observámos isto com a luz errada e porque somos tão inclinados a interpretar os caminhos de Deus como sendo os mesmos do homem, é necessário examinar muitas evidências para esclarecer inteiramente o assunto. Quando a luz das Palavras de Deus brilha como força e esclarece uma situação, será visto que não apenas Deus ainda continuava a agir como um Salvador no massacre do bezerro de ouro, mas que Ele também foi mal interpretado nesse papel. Aquilo que foi a revelação d'Ele como Salvador, foi interpretado como a manifestação d'Ele como destruidor ou executor.

A verdade aqui desenvolvida é que Israel escolheu rejeitar o caminho de Deus quando pegou na espada. O Senhor, não só não lhes dera estas armas, mas Ele exerceu todo o Seu poder excepto a força directa para os impedir de as recolher. Apesar desses esforços amorosos para os poupar desse terrível destino, eles escolheram-no e o Senhor apenas respeitou essa escolha. Ele nunca faz a escolha de como iremos agir. Ele avisa-nos e ensina-nos, porém, a escolha somos nós que fazemos. Não há compulsão na relação de Deus com as Suas criaturas.

Uma vez que eles tenham feito essa escolha, então por ela estabeleceram o seu caminho no lugar do caminho de Deus. É impossível ambos os caminhos, o de Deus e o do homem, operarem em sociedade ao mesmo tempo. Apenas um ou o outro pode actuar, nunca ambos. Assim, quando eles elegeram instituir o seu caminho em lugar do caminho de *Deus, então os métodos de Deus não podiam ser usados no trato com a rebelião no Sinai*. Por conseguinte, o que aconteceu no Monte Sinai não foi pela ordem de Deus. Foi a aplicação dos procedimentos que Israel tinha instituído ao juntar a espada ao seu modo de vida. A única parte que Deus desempenhou foi aplicar algumas restrições e orientações quanto ao uso das mesmas a fim de minimizar os seus efeitos maus.

O que complica o problema, tornando difícil muitos entenderem o comportamento de Deus, é que Israel era ainda reconhecido como Seu povo. Portanto, é argumentado, se Deus ainda era o seu Guia e, dessa posição, os instruisse para executar os rebeldes, então Ele seria responsável pela destruição. Se este raciocínio é correcto, então apenas pode ser concluído que esta era a solução divinamente decidida para o problema. Sendo assim, a rebelião seria vencida pela força.

Tal raciocínio satisfará o pensador superficial, para quem importantes contradições conflituosas na Bíblia podem ser racionalizadas, mas não satisfará o verdadeiro estudante espiritual que sabe que não pode haver contradições reais nela. Ele procurará cheio de fé e intensa dedicação até o problema ser resolvido de acordo com os princípios bíblicos.

Primeiramente, o facto que os israelitas eram o povo de Deus *apenas até ao ponto em que eles lhe permitiam ser o seu Soberano*. Esta é a triste tragédia da história humana. Os homens e os movimentos estão preparados para ir com Deus, mas não o caminho todo. Assim aconteceu com Israel. Embora houvesse muitas áreas onde mantinham Deus como seu guia, seguiam os Seus caminhos e serviam-n'O totalmente, havia outras em que tomavam a obra d'Ele nas suas mãos. Por exemplo, eles continuavam a seguir a coluna de nuvem de dia e de fogo à noite; respeitavam fielmente o sábado; eram guardadores da Sua lei; e continuavam o serviço do santuário de acordo com o plano divino.

Mas, ao pegarem nas espadas privaram o Senhor da Sua posição como defensor e protector deles dos inimigos internos e externos. Apesar de ser verdade que eles esperavam que Deus os ajudasse neste trabalho, não altera o facto que eles estavam a agir no lugar d'Ele de acordo com os seus próprios princípios humanos. Portanto, as suas acções como tal, não eram a revelação do carácter de Deus, mas do seu próprio carácter. Era a manifestação da obra própria dessa ímpia incredulidade que os levou a ter mais confiança no seu próprio poder para se protegerem do que no poder de Deus.

No entanto, Deus fez algo neste domínio onde eles tomaram a obra nas suas próprias mãos. Visto que cada acto Seu é uma revelação do Seu carácter, Deus revelou-Se por meio daquilo que Ele fez ao ordenar aos levitas para eliminar os rebeldes. Infelizmente, a maioria viu as Suas acções sob uma luz muito diferente da realidade e, conseqüentemente, mantiveram um conceito errado acerca do Seu carácter.

Deve ser reconhecido que Deus é um Salvador. Ele trabalhou intensivamente para evitar que eles nunca pegassem na espada, mas, quando eles mesmo assim o fizeram, então o melhor que Ele pôde fazer foi dar conselhos destinados a salvá-los das piores conseqüências da sua escolha. Eles não eram obrigados a obedecer a esses conselhos, mas foram aconselhados a fazê-lo se desejassem salvar-se dos males terríveis. É interessante notar a perversidade da humanidade que recusará obedecer a Deus em algumas coisas e no entanto seguem implicitamente a Sua orientação noutras. Assim, embora Israel não tivesse a fé para deixar a sua protecção ao cuidado de Deus, estavam preparados para seguir à letra as Suas indicações ao tratar com o crime no campo.

É duvidoso que exista melhor ilustração disto do que a que pode ser encontrada no relacionamento de Deus com os israelitas quando foram para o cativeiro. A evidência apresentada no capítulo anterior mostra que até Israel ser levado para Babilónia, o Senhor fez o possível para os salvar. Ele enviou mensagens de advertência e súplica. Ele assegurou-lhes que se ao menos se arrependessem, então, mesmo no último momento, seriam libertados como se nunca tivessem pecado e seriam mantidos com segurança e prosperidade na sua própria terra. Ele não mostrou o menor traço de vingança ou desejo de retaliar. Ele não exigiu que cumprissem uma sentença de punição pelas suas más acções.

Mas eles não deram ouvidos nem se arrependeram. Porque eles não quiseram, o Senhor não pôde salvá-los daquele cativeiro. Então eles se tornaram cativos. O facto de terem ido para o cativeiro efectivamente encerrou os esforços de Deus para os salvar. Todavia, isso não significa que o Senhor deixou de agir como um Salvador para eles. Certamente Ele não mais poderia desempenhar o papel de Salvador para os salvar do cativeiro, pois essa possibilidade havia passado. Eles agora eram cativos. Mas Ele poderia salvá-los *dos piores efeitos*, daquilo que eles haviam escolhido, e foi isso que fez. Ele agiu exactamente como o pai procedeu na história contada no capítulo anterior. Quando o pai não conseguiu evitar que o filho pegasse na arma, ofereceu-lhe instruções destinadas a salvar o jovem e as criaturas que ele iria caçar dos piores efeitos dessa escolha.

O relato de Deus fazendo isto está maravilhosamente registado nas Escrituras. Ali, Ele não só é revelado como um Salvador imutável e sempre amoroso, mas, em contraste, o diabo é mostrado na sua obra de destruição. O maligno trabalhou incessantemente para entregar Israel ao cativeiro e teve sucesso. Então, quando eles estavam lá, ele trabalhou com igual frenesi para tornar esse cativeiro tão destrutivo para o seu conforto físico, espiritual e bem-estar quanto possível.

Assim, encontramos Deus e Satanás a trabalhar exactamente em papéis opostos como nos informa este testemunho.

“Em Seus milagres, o Salvador revelava o poder que está continuamente operando em favor do homem, para manter e curar. Por intermédio de agentes naturais, Deus está operando dia a dia, hora a hora, momento a momento, para nos conservar em vida, construir e restaurar-nos. Quando qualquer parte do corpo sofre um dano, principia imediatamente um processo de cura; os agentes da natureza põem-se em operação para restaurar a saúde. Mas o poder que opera por intermédio seu é o poder de Deus. Todo poder comunicador de vida tem n'Ele sua origem. Quando alguém restabelece de uma enfermidade, é Deus que o restaura.

“Doença, sofrimento e morte são obra de um poder antagónico. *Satanás* é o destruidor; *Deus, o restaurador*.” *A Ciência do Bom Viver*, 112, 113.

Esta verdade está claramente demonstrada no registo inspirado da forma como Satanás e Deus se relacionavam com o povo que havia sido levado para o cativeiro em Babilónia.

“Zedequias, no início do seu reinado, desfrutou inteiramente a confiança do rei de Babilónia, e teve como experimentado conselheiro ao profeta Jeremias. Se tivesse prosseguido numa conduta honrosa para com o rei de Babilónia, e atendido às mensagens do Senhor por intermédio de Jeremias, ele teria conservado o respeito de muitos em posição de mando, e teria tido oportunidade de comunicar-lhes o conhecimento do verdadeiro Deus. Assim os cativos já exilados em Babilónia teriam sido postos em terreno vantajoso e granjeado muita liberdade; o nome de Deus teria sido honrado em toda parte, e os que haviam permanecido na terra de Judá teriam sido poupados a terríveis calamidades que finalmente vieram sobre eles.

“Através de Jeremias, Zedequias e toda Judá, inclusive os que tinham sido levados para Babilónia, foram aconselhados a se submeterem pacificamente ao domínio temporário de seus conquistadores. Era especialmente importante que os que estavam no cativeiro buscassem a paz da terra para a qual tinham sido levados. Isto, entretanto, era contrário às inclinações do coração humano; e Satanás, tirando vantagem das circunstâncias, fez que se levantassem entre o povo falsos profetas, tanto em Jerusalém como em Babilónia, os quais declaravam que o jugo do cativeiro seria logo quebrado e o anterior prestígio da nação restaurado.

“A aceitação de tais profecias assim lisonjeiras teria levado a fatais iniciativas da parte do rei e dos exilados, frustrando assim os misericordiosos desígnios de Deus em favor deles. A fim de evitar que fosse incitada uma insurreição seguida de grande sofrimento, o Senhor ordenou a Jeremias enfrentasse a crise sem delongas, advertindo o rei de Judá da infalível conseqüência da rebelião. Os cativos também foram admoestados, mediante comunicações escritas, a não se deixarem iludir quanto a estar próximo seu libertamento. ‘Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós’, ele insistiu. Jeremias 29:8. Em relação com isto foi mencionado o propósito do Senhor de restaurar Israel após os setenta anos de cativeiro preditos por Seus mensageiros.

“Com que ternura compaixão Deus informa Seu povo cativo de Seus planos para Israel Ele sabia que se eles fossem persuadidos por falsos profetas a que esperassem por breve libertação, sua posição em Babilónia se tornaria muito difícil. Qualquer manifestação ou insurreição de sua parte despertaria a vigilância e severidade das autoridades caldeias, o que poderia conduzir a posterior restrição de suas liberdades. O resultado seria sofrimento e angústias. Ele desejava que se submetessem pacificamente a sua sorte, tornando sua servidão tão agradável quanto possível; e Seu conselho a eles foi: ‘Edificai casas e habitai-as e plantai jardins, e comei o seu fruto. [...] E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz’. Jeremias 29:5-7.” {PR 224}, *Profetas e Reis*, 440-442.

Quão clara e maravilhosamente o comportamento de Deus é revelado nesta história, em contraste com o de Satanás. Mas devido à sua obstinada rejeição dos esforços de Deus para os salvar do cativeiro, os israelitas levaram-se a si mesmos à sujeição de Babilónia. Satanás estava encantado, pois isto era precisamente o que ele desejava. Porém, não era tudo quanto ele tinha determinado trazer sobre eles. Ele planeou a sua total sujeição e extermínio de modo que não houvesse possibilidade de aparecer a semente real, Jesus Cristo.

Ele inspirou falsos profetas para proferirem predições que causariam um espírito de desassossego, rebelião e insurreição alimentada entre os cativos. Isto só podia enfurecer o rei de Babilónia e especialmente porque ele havia estendido misericórdia aos que agora estavam sob o seu domínio alargado. Ele naturalmente esperaria uma resposta de gratidão por parte dos que tinha tratado tão bem, mas quando eles retornaram apenas conspiração, rebelião e contenda em troca das coisas boas que ele lhes proporcionara, levantou-se com ira. Ele não teve escolha senão senão tratá-los cruelmente.

Satanás foi grandemente ajudado no seu plano pela natural inclinação do coração humano. Eles queriam a sua liberdade de volta. A loucura tomara o lugar da sabedoria e a impudência o lugar de discrição. No fim, apesar dos esforços amorosos de Deus para os salvar de caírem em sofrimentos mais profundos, o diabo foi bem-sucedido em trazer como resultado as terríveis calamidades que lhes aconteceram às mãos dos babilónios.

Por isso, enquanto Satanás estava a trabalhar para tornar o seu cativo tão insuportável e terrível quanto possível, o Senhor enviou Jeremias com mensagens ao povo que, se atendidas, tornariam a permanência deles nessa terra estrangeira “tão agradável quanto possível.” Ele também os avisou especificamente contra darem atenção às mensagens destes profetas do Senhor. Assim, enquanto Satanás estava a operar para efectuar a destruição dos mercedores, o Senhor estava a lutar para os salvar.

Difícilmente pode ser dada uma revelação mais maravilhosa do carácter de Deus do que esta. Aqui estava um povo que durante séculos fez todo o possível para provocar Deus à amarga retaliação. Entre a morte de Davi e o cativo de Babilónia quase quatrocentos anos tinham passado. Estes anos foram marcados com a pior apostasia rebelde. O santuário foi profanado, o contínuo fora tirado, a abominação da desolação estabelecida e os altares de Baal tinham sido construídos em toda a terra. Tinham oferecido os pães asmos à rainha do céu, a deusa pagã; tinham sacrificado as suas crianças nas hediondas cerimónias em que bebés eram queimados vivos: recorreram a magia negra, bruxaria e todo o tipo de espiritismo; tomaram todas as bênçãos que o Senhor lhes tinha dado e tomado-as abusivamente usaram-nas de modo errado; foram um povo depravado, insolente e rebelde que se voltou do Deus que os chamou e os abençoou, para zombarem da Sua palavra.

Se alguém tivesse justificação para se vingar de um povo, era Deus. Se Ele se levantasse com terrível ira e os destruísse a todos, ninguém O culparia ou ficaria surpreendido por Ele fazer isso. O mínimo que esperaríamos que Ele fizesse era retirar toda a Sua ajuda para que eles sofressem tanto quanto possível, e por fim, esperar que aprendessem a lição deles.

Mas para Deus seguir este caminho era preciso Ele mudar de um ser de amor infinito para um ser com um espírito de vingança. Este não é o Deus a Quem nós servimos. “Porque Eu o Senhor não mudo,” declara Ele de Si mesmo “...portanto,” continua Ele, “vós filhos de Jacó não sois consumidos.” *Malaquias* 3:6. Uma coisa deve ser abundantemente clara nesta história e é que se o Senhor tivesse mudado no menor grau na Sua atitude e acção para com esse povo mercedor, então eles muito certamente teriam sido consumidos.

Mas não houve mudança.

Antes de entrarem em cativo, o Senhor, o Salvador, havia feito tudo no Seu poder para os convencer da loucura do seu caminho e procurara tirá-los do poço em que tinham caído.

Então, quando apesar dos Seus maravilhosos esforços em favor deles, eles desceram a esse poço, Ele não deixou de ser o Salvador. Na verdade, Ele não mais os podia salvar de caírem no poço em que tinham caído, mas podia dar-lhes conselhos que os salvaria nesse poço das piores condições que lhes poderiam suceder. Agora Ele operava neste sentido.

Assim a revelação das obras de Deus nesta história é a revelação de um Deus imutável que, a cada passo do caminho, agiu apenas com um papel – o de Salvador. A própria natureza da obra salvadora era feita de modo diferente conforme a necessidade, mas o espírito e o princípio de base eram inalteráveis.

Uma vez alcançado este entendimento acerca de Deus, foi, então, obtida a chave para explicar perfeitamente a verdadeira natureza da ordem para os levitas irem e destruir todos aqueles que adoraram o bezerro de ouro.

Contudo, antes ser feita totalmente a aplicação àquela situação, deixemos a história desenvolver-se mais um pouco. Ainda que o comportamento do Senhor para com o Israel apostatado seja suficientemente evidente para apresentar a questão de que Deus age apenas no papel de Salvador, serão dadas ainda mais evidências. Desta vez, se bem que na mesma história, diz respeito a outras pessoas fora da família de Israel. Era o povo de Edom, Moabe, Tiro e outras nações.

De todos os povos do mundo antigo, nenhum se entregara mais a uma agressiva e hostil guerra contra Deus e Sua causa do que este povo. Os edomitas eram descendentes de Esaú, os Moabitas de Ló, mas enciclopédias principais como *The Britanica*, são incapazes de dar qualquer origem ao povo de Tiro. Contudo, em *Ezequiel* 28, a impiedade do rei de Tiro era tão grande que ele era referido como sendo a personificação e instrumento directo do diabo, tanto que não se fazia distinção entre eles.

Embora sejamos capazes de aceitar a ideia que Deus reteria algum favor para com os judeus, ainda assim, não podemos pensar que isso fosse possível quanto aos moabitas, edomitas e o povo de Tiro. Não esperaríamos que Deus também agisse para com eles como faz um Salvador. Contudo, o Senhor não faz distinção entre eles e os israelitas. Quando também eles estavam em grande perigo por causa da sua disposição para dar ouvidos à voz de Satanás e aos seus miseráveis desejos humanos, Deus enviou-lhes a *mesma* mensagem que deu ao Seu *próprio* povo. Através de Jeremias, Ele avisou-os para não resistirem ao rei de Babilónia porque a sua causa não tinha esperança, mas para serem discretos e cooperadores de modo que pudessem ser salvos de sofrimento e maior dano.

Deus não foi tão longe ao ponto de enviar Jeremias àquelas nações, pois elas já há muito tinham esclarecido que nem Deus, nem os Seus servos, eram bem-vindos entre eles. Porém, quando os embaixadores dessas terras visitaram o rei de Judá para discutir a possibilidade de combinarem a revolta contra Nabucodonosor, então eles colocaram-se onde o Senhor lhes pôde dar a mensagem. Deus aproveitou a oportunidade para estender a mão a fim de os salvar.

“Desde o início Jeremias seguira um caminho consistente em aconselhar submissão aos babilónicos. Este conselho foi dado não somente a Judá, mas a muitas das nações ao redor. Na primeira parte do reinado de Zedequias, embaixadores dos reis de Edom, Moabe, Tiro e outras nações, visitaram o rei de Judá, para saberem se em sua opinião a ocasião era oportuna para uma revolta unida, e se ele se uniria a eles para lutar contra o rei de Babilónia. Enquanto esses embaixadores estavam esperando uma resposta, a palavra do Senhor veio a Jeremias, dizendo: ‘Faze umas prisões e jugos, e po-los-ás sobre o teu pescoço. E envia-os ao rei de Edom, e ao rei de Moabe, e ao rei dos filhos de Amom, e ao rei de Tiro, e ao rei de Sidom, pelas mãos dos mensageiros que vêm a Jerusalém ter com Zedequias, rei de Judá’ Jeremias 27:2 e 3.

“Jeremias foi mandado a instruir os embaixadores para que informassem a seus reis que Deus havia-os dado na mão de Nabucodonosor, rei de Babilónia, e que eles o deviam servir ‘a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que também venha o tempo da sua própria terra.’ Jeremias 27:7.

“Os embaixadores foram além disso instruídos a declarar a seus senhores que se eles se recusassem a servir ao rei de Babilónia, seriam punidos ‘com espada, e com fome, e com peste,’ até serem consumidos. Especialmente deviam eles fugir dos ensinamentos dos falsos profetas que porventura os aconselhassem de outra forma. ‘Não deis ouvidos aos vossos profetas,’ o Senhor declarou, ‘e aos vossos adivinhos, e aos vossos sonhos, e aos vossos agoureiros, e aos vossos encantadores, que vos falam, dizendo: Não servireis ao rei de Babilónia. Porque mentira vos profetizam, para vos mandarem para longe de vossa terra, e para que Eu vos lance dela, e vós pereçais. Mas a nação que meter o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilónia, e o servir, Eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor, e lavrá-la-á e habitará.’ Jeremias 27:8-11. O castigo mínimo que um Deus misericordioso podia infligir a tão rebelde povo, era a submissão ao rei de Babilónia; mas se eles se rebelassem contra o Seu decreto de servidão, haviam de experimentar o pleno rigor dos Seus castigos.

“O assombro do concílio de nações reunido não teve limites quando Jeremias, levando o jugo da sujeição em torno de seu pescoço, fez-lhes conhecida a vontade de Deus.

“Contra a resoluta oposição Jeremias permaneceu firmemente a favor da política de submissão.”
 {PR 226}, *Profetas e Reis*, 442-444.

Aqui está a revelação de Deus como *Salvador* no Seu trabalho. Esta história mostra com grande clareza o contraste entre a obra de Satanás como o destruidor e a obra de Deus como o restaurador. É algo de belo e maravilhoso que o Senhor fizesse isto por Israel, ainda mais maravilhoso que Ele o fizesse pelo povo de Tiro, Edom e Moabe.

Aqui se mostra que o comportamento de Deus e Cristo é na verdade idêntico. Jesus viveu e ensinou o princípio de amarmos os nossos inimigos, ir a segunda milha e fazer para sempre o bem àqueles que nos fazem o mal. Deus foi a primeira milha fazendo o melhor que pode para os salvar de caírem em cativeiro. Depois, quando eles caíram, apesar dos Seus esforços por eles, foi a segunda milha dando-lhes guia de como podiam tornar o seu cativeiro tão agradável e curto quanto possível.

Mas os corações rebeldes deles não estavam mais preparados para aceitar os esforços salvadores de Deus quando Ele foi a segunda milha com eles do que quando Ele foi a primeira. Dessa maneira, eles privaram Deus de qualquer esperança de os salvar do seu louco eu. Os desastres que lhes aconteceram não vieram de Deus, mas da reacção natural daqueles a quem eles deviam servir. *Eles* semearam a semente e *colheram* a colheita. Tudo o que lhes aconteceu foi a obra própria inevitável do seu próprio curso de acção. Eles forneceram a causa e o efeito foi determinado.

A tragédia foi que os seres humanos não compreenderam o carácter de Deus. Em vez de verem nesses esforços amorosos uma forte obra de salvação fluindo de um coração infinito, incomensurável amor, viram Deus e Jeremias como se estivessem ligados ao rei de Babilónia e acusaram ambos abertamente disto.

Se for feita referência à história do pai, o filho e o caçador, será recordado que quando o vizinho olhou por cima do muro e viu o pai agindo no papel de um salvador para com o filho e todas as criaturas que ele iria caçar, compreendeu as acções do pai de maneira totalmente errada. Ele viu-o no espírito de um caçador, tal como o resto deles que, em vez de verem que ele não tinha mudado no mais ínfimo grau.

Este é precisamente o problema a respeito de Deus no Antigo Testamento. Os homens consistentemente compreenderam erradamente o que Ele na verdade fez e viram-n'O como fazendo algo totalmente diferente. É por isto que Ele passou a ser olhado como um Deus de terrível destruição.

Mas Ele não é. Naquele tempo, Ele procedeu com o Seu povo e os outros povos sempre e apenas como Cristo fez no Novo Testamento. Ele amou os Seus inimigos, abençoou aqueles que O amaldiçoavam e usaram-n'O aleivosamente, e Ele foi a segunda milha. Ele foi sempre e só um Salvador para todos. Quando a destruição veio sobre eles, foi apenas porque tinham rejeitado os Seus esforços para os salvar, não deixando alternativa. Assim, Deus nunca determinou a sua punição, e depois pessoalmente exerceu o Seu poder para o cumprir.

Agora que este princípio da operação de Deus foi visto na experiência de Jeremias com o último rei de Judá e os embaixadores das outras nações, não deveria haver mais problemas em ver o que o Senhor realmente fez nos dias do bezerro de ouro.

Nessa situação, Deus foi a segunda milha tão certamente quanto fez no cativeiro de Israel em Babilónia. Mas, enquanto os filhos de Israel e as nações vizinhas não aceitaram o conselho de Deus durante a segunda milha, os israelitas no Monte Sinai aceitaram. Embora nenhum dos dois tenha dado ouvidos aos esforços que Deus fez para os acompanhar durante a primeira milha, os levitas de facto obedeceram aos conselhos da segunda milha, Zedequias e seus contemporâneos não.

Como já foi mostrado, os esforços de Deus durante a *primeira milha* nos dias de Moisés foram direccionados para os poupar de pegar a espada. Ao sustentar o ilustre testemunho da libertação de Jacó, a repreensão de Deus a Moisés quando ele se dispôs a libertá-los pela espada, o cuidado em não instruir os egípcios a dar-lhes armas e, depois a maravilhosa libertação no Mar Vermelho, o Senhor disse-lhes tão claramente quanto poderia ser dito, que eles não apenas não deveriam pegar a espada, mas que eles nunca precisariam enquanto andassem nos Seus caminhos.

Embora pudesse ensinar a verdade do Seu caminho tanto pela declaração como pela demonstração, Ele não faria a escolha por eles, nem os privaria da oportunidade de o fazer. Foi assim que, na outra margem do Mar Vermelho, eles viram expostos os corpos dos egípcios vestidos com as armaduras. A aprendizagem estava terminada nesse momento e o exame havia começado. Como escolheriam eles? Seriam de facto os esforços salvadores do Senhor o meio eficaz de os impedir de empunhar a espada?

Bem poderíamos desejar que assim fosse, mas o triste registo da história é que eles empunharam a espada. Não há nenhuma declaração directa para dizer que eles fizeram isso ali mesmo nas margens do Mar Vermelho, no entanto, há testemunhos que provam que um pouco antes, eles eram um povo desarmado, ao passo que logo depois disso os vemos travando um combate físico com os amalequitas, com espada contra espada e lança contra lança.

O ponto de tempo exacto não é o assunto mais importante nesta discussão. O factor vital é que depois dos esforços de Deus para os salvar de empunharem as armas de destruição, eles escolheram tomá-las. Quando o fizeram, escolheram instituir os procedimentos do homem no lugar dos procedimentos de Deus. Este facto é vital na compreensão do carácter de Deus nesta situação.

Deus não instituiu uma alternativa para o Seu primeiro e melhor procedimento. Ele não opera dessa maneira, pois o Seu caminho é tão perfeito que não requer provisões para o fracasso. Na verdade, fornecer qualquer sistema secundário seria admitir que o primeiro tinha falhas e, portanto, necessitava de ajustes. Nem Deus ou os Seus princípios jamais falharam ou apresentaram defeito algum. O problema está apenas na recusa de algumas das Suas criaturas em lhes obedecer. Sempre que isto acontece, substituem os Seus códigos perfeitos pelos destrutivos. Portanto, em todas as ocasiões em que a espada foi usada em Israel, era o homem a agir pelo caminho do homem, não a realização de uma alternativa em que Deus era obrigado a aceitar porque o Seu caminho de perfeição havia falhado. O homem era o destruidor. Deus não estava comprometido no mais pequeno grau. Com uma consistência inabalável Ele continuou o Seu eterno papel de Salvador.

O que dá a aparência que Deus mudou é a má compreensão da Sua acção em ir *a segunda milha*, o *trabalho posterior* para a salvação. Aquilo que na realidade era o contínuo esforço de Deus para salvar, é visto muito frequentemente como a Sua mudança para um destruidor. Não pode ser imaginada maior má interpretação dos actos de Deus.

Quando Israel pegou na espada, o Senhor ficou com três alternativas de acção. Ele podia ter dito simplesmente que não andaria mais com eles. Neste caso eles ficariam agora entregues a si mesmos e o que lhes acontecesse era inteiramente por culpa sua. Esta foi a mesma saída aberta para Ele no Jardim do Éden. Ali, Ele podia ter argumentado que lhes tinha dado tudo, incluindo informação adequada do custo da desobediência. Tendo mostrado a sua ingratidão, eles não eram merecedores de qualquer ajuda adicional da parte de d'Ele, portanto, Ele estaria inteiramente justificado se os tivesse deixado ao seu destino. Ele podia ter decidido agir desta maneira.

Qualquer pessoa que se preocupa em reflectir sobre as consequências para a família humana se Deus tivesse feito essa escolha, pode respirar fundo de alívio por Ele não ter escolhido esse caminho. Muito rapidamente, a família humana teria deixado de existir. Não haveria salvação para nenhum de nós.

Do mesmo modo, se o Senhor tivesse escolhido isto quando Israel pegou na espada, quão rapidamente a nação teria sido destruída. Primeiro, teriam lutado com as suas armas entre eles. Depois, eles não se igualavam aos altamente treinados e experimentados cananeus, que, como aliados de Satanás, não desejavam mais que fazer desaparecer Israel da face da Terra. Deus separar-se dos israelitas tê-los-ia condenado a uma morte certa.

Se os israelitas tivessem escolhido seguir completamente o seu próprio caminho, então o Senhor não teria tido outra escolha senão deixá-los entregues a si mesmos com todas as consequências. Mas em muitas coisas eles ainda estavam preparados para seguirem os caminhos de Deus. Eles aceitavam a instituição do sábado, o serviço do santuário, a direcção geral de Deus, a provisão do seu pão diário, e mesmo os Seus conselhos quanto a dar o melhor uso às suas espadas.

Deste modo, na própria natureza do Seu carácter, Deus não os deixaria por causa deles terem deixado os Seus caminhos num particular ou mesmo em várias coisas. Ele ficaria com eles, ou com qualquer outro homem, enquanto ainda houvesse algum lugar onde Ele os pudesse abençoar e curar. Ele nunca nos deixará nem nos abandonará. Deus fica separado da humanidade, apenas quando a humanidade se separa d'Ele, nunca Ele dela.

A segunda opção era Deus simplesmente ignorar o pecado do povo; fingir que ele não tinha acontecido. Mas Ele certamente não podia fazer isto. O pecado exige atenção. Ele impõe uma situação que não pode ser deixada sem vigilância. Ignorar o pecado é tolerá-lo ou desculpá-lo, ou admitir que não há resposta para ele. É sugerir que, se fingir que ele não existe, o miserável pesadelo simplesmente desaparecerá.

Isto leva à terceira alternativa. Deus continuaria com o Seu povo fosse qual fosse a possibilidade de permanecer no meio deles. Ele guiá-los-ia, protegê-los-ia, abençoá-los-ia e ensiná-los-ia. Naquelas áreas em que eles escolhessem o seu próprio caminho, Ele oferecer-lhes-ia conselho que, se recebido e obedecido, os salvaria dos piores efeitos daquilo que tinham escolhido. Entretanto, eles podiam ser levados a ver o erro de escolherem o seu próprio curso de acção e voltarem inteiramente para o caminho de Deus.

Isto é o que Deus fez no incidente do bezerro de ouro e em todas as conquistas e suas inerentes circunstâncias de matança na terra de Canaã. O que eles fizeram em tudo isto *teve origem neles* e não em Deus. Eles tinham estabelecido o seu próprio código de conduta e Deus não teve escolha senão deixá-los tê-lo desse modo. Mas Ele podia aconselhá-los e aconselhou-os de como eles podiam operar no seu próprio caminho sem ser o pior desse caminho. Isto é amor. Isto é pagar o mal com o bem. Isto é ir a segunda milha.

Capítulo 32

A Consistência de Deus

Tendo procurado os princípios gerais que sublinham o comportamento de Deus no incidente do bezerro de ouro, chegou a altura de olhar este e outros incidentes específicos em pormenor.

Uma das grandes características que põe Deus à parte de todos os outros é a Sua total consistência e fiabilidade. Ele é “...O Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.” *Tiago* 1:17. Como tal não pode haver capricho em Deus, nenhuma acção pela motivação do interesse próprio, nenhum desrespeito pelos princípios envolvidos na lei, nenhuma tentativa para justificar certos meios por causa de um desejado resultado final.

Na história de Israel e da raça humana em geral, há duas espécies de situações diferentes em que o pecado se desenvolve. Uma é aquela em que só Deus está na posição de comando, de modo que a única responsabilidade de tratar com os problemas é d’Ele. Se os pecadores não se arrependessem, então o Senhor simplesmente os deixaria entregues a si mesmos para colherem aquilo que semearam. Em seguida, perecem devido a qualquer calamidade que se esteja a formar na situação, seja ela o fogo, terramoto, pestilência, invasão ou pragas. Exemplos disto são o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, as pragas do Egipto, afogamento dos egípcios no Mar Vermelho, a morte de Coré, Datã e Abirão, o ataque das serpentes no deserto, a morte do exército de Senaqueribe, a destruição de Jerusalém no ano 70 a.C., as pragas vindouras e a final destruição deste sistema solar. Nenhuma destas calamidades cai sobre os filhos do homem até que todo o meio possível de misericórdia divina se tenha esgotado e não exista nada mais que o homem deixe Deus fazer por ele.

Outra situação existe em que o homem substituiu Deus por si próprio como causa do seu destino, administrador dos seus próprios assuntos, e estabelecimento dele mesmo como inquiridor, juiz e executor daqueles que pecam contra ele. Porque Deus deu o direito de escolha às Suas criaturas, porque Ele nunca usará a força, não tem outra escolha senão deixá-los escolher o seu próprio caminho e lidar com as suas próprias instituições. Contudo, Ele sabe que o homem, deixado a si mesmo, é um administrador muito louco e cruel que insensatamente adoptará procedimentos que acarretarão terríveis consequências. O Senhor estava em posição de ver isto e oferecer conselhos, ao que a Bíblia chama de “mandamentos,” que, se tidos em atenção, capacitariam o homem a praticar acções que o salvaria dos piores efeitos do caminho escolhido.

Exemplos disto são o bezerro de ouro, a conquista de Canaã, as guerras de Davi e reis subsequentes, o cativo em Babilónia, etc.

Façamos agora um exame destes princípios a respeito do incidente do bezerro de ouro. Israel tinha quebrado a lei da pior maneira. Tinha colocado outro deus no lugar do Deus verdadeiro, separando-se desse modo completamente de Deus. Tinha entrado nas práticas licenciosas dos idólatras até se tornar totalmente debochado e depravado.

Eles não podiam tão dissolutamente e desafiadoramente transgredir a lei de Deus sem semear a semente que, neste caso, lhes traria uma rápida messe. A colheita não seria algo que o Senhor importaria sobre eles. Seria a simples obra natural da própria transgressão da lei.

Aqueles que, na base do Sinai, adoraram o bezerro de ouro expuseram-se às terríveis consequências. No começo, juntaram-se numa unida festança da qual gostaram completamente. Isto deu-lhes um estímulo selvagem, excitação febril, e pesada intoxicação tão amada pelos humanos. Porém, quanto mais intenso era o envolvimento, maior a reacção quando o sentimento foi trocado

pelo uso dos poderes físico e emocional. Destituídos do refreador Espírito de Deus, ainda que desesperadamente necessitassem d'Ele para aquietar e controlar os nervos exaustos e horrorosos sentimentos, nada havia para deter a explosão de uma furiosa luta no acampamento. É uma característica dos idólatras que as suas festanças sejam usualmente sucedidas por intensos conflitos entre si.

Quando a luta se iniciou, as espadas seriam desembainhadas. Um ou mais seriam mortos. Em seguida, os parentes dos mortos entrariam num vingador espírito hostil. Mais seriam mortos, originando mais retaliação até que escalaria a um destruidor acesso de fúria tão grande que ameaçaria fazer desaparecer todo o acampamento. Os seus sempre vigilantes inimigos reconheceriam a oportunidade para empreender um ataque de surpresa sobre a confusa multidão, e a nação seria dizimada. Entretanto, enquanto a vingança era procurada por esta ou aquela pessoa, família, ou facção, estudariam as mais cruéis e prolongadas formas de execução dos que tivessem a pouca sorte de cair nas suas mãos. O testemunho da história convincentemente declara que quanto mais um povo se afasta de Deus, mais cruel é no tratamento dos seus cativos. Por outro lado, quanto mais se aproxima de seguir ao Senhor, mais humano é.

Ainda que tivessem sido poupados da destruição unido-se para enfrentar um inimigo comum, quanto mais tempo os não arrependidos vivessem, mais profundamente desceriam à rebelião. Estes por seu lado espalhariam o mesmo princípio mortal a outros, de modo que o crescimento do pecado no Sinai teria sido na verdade terrível. No parágrafo a seguir está descrito algo da extensão destes terríveis resultados.

“Assim seria com a apostasia no Sinai. A menos que o castigo de pronto tivesse sido executado sobre os transgressores, ter-se-iam visto de novo os mesmos resultados. A Terra ter-se-ia tornado tão corrompida como nos dias de Noé. Houvessem sido poupados esses transgressores, e ter-se-iam seguido males maiores do que os que resultaram de poupar a vida de Caim. Foi pela misericórdia de Deus que milhares devessem sofrer, para evitar a necessidade de executar juízos sobre milhões. A fim de salvar a muitos, Ele tinha de castigar a poucos. Ademais, como o povo rejeitara sua submissão a Deus, privara-se da proteção divina, e, despojados de sua defesa, a nação toda estava exposta ao poder dos inimigos. Se o mal não tivesse sido prontamente eliminado, logo teriam eles caído presa de seus numerosos e poderosos adversários. Era necessário para o bem de Israel, e também como lição a todas as gerações subseqüentes, que o crime fosse imediatamente castigado. E não menos misericórdia era para os próprios pecadores que fossem suprimidos em seu mau caminho. Se sua vida houvesse sido poupada, o mesmo espírito que os levava a rebelar-se contra Deus ter-se-ia manifestado em ódio e contenda entre eles mesmos, e ter-se-iam finalmente destruído uns aos outros. Foi por amor ao mundo, por amor a Israel e mesmo pelos transgressores, que o crime foi punido com uma severidade breve e terrível.” {PP 230}, *Patriarcas e Profetas*, 334, 335.

Estas são, então, as coisas terríveis que teriam acontecido aos próprios transgressores, aos israelitas como nação, e ao mundo em geral, se Deus não tivesse feito nada por eles. Os piores resultados possíveis teriam acontecido.

O amor de Deus, esse maravilhoso, infinito e imutável amor, levou-O a dizer-lhes como se poderiam salvar de tão terrível destino. Ele já não o podia fazer, pois eles tinham tomado a obra nas suas próprias mãos, mas podiam salvar-se dos piores efeitos da sua própria escolha *desde que ouvissem e seguissem os conselhos d'Ele*.

Seguirem esses conselhos ou não era um assunto da sua própria escolha, como quando enfrentaram a alternativa de deixarem as espadas com os egípcios mortos ou de se apoderarem delas. Ali, escolheram tomar uma direcção errada, pela qual tinham substituído Deus como Protector deles. Mas, embora não estivessem preparados para Lhe obedecer nesta área, não eram considerados incapazes de aceitar o Seu comando noutros assuntos. Podiam, se quisessem, aderir às Suas orientações que lhes diziam como podiam minimizar o mal que haviam escolhido.

Com efeito, quando enfrentaram a crise ocasionada pela adoração do bezerro de ouro, confrontaram-se com duas possibilidades. Se não tivessem tomado alguma acção, milhões teriam

perecido. Se tivessem seguido as sugestões do Senhor, então, apenas alguns morreriam por comparação, e uma grande tragédia seria afastada. Mas se nada fosse feito, teria sido por culpa *deles* porque *tinham privado* Deus de qualquer oportunidade para agir de forma apropriada.

Grande cuidado deve ser tomado para não cair na armadilha de supôr que por ser necessária força para acabar a rebelião, Deus comprometeu os Seus princípios nesta ocasião e recorreu à força usando os justos levitas como Seus instrumentos directos. Deus não muda os Seus princípios por nada nem por ninguém. Com Ele, não há mudança nem sombra de variação. “O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 17.

“Poder compulsor só se encontra sob o governo de Satanás. Os princípios do Senhor não são dessa ordem.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 759.

“Os reinos da Terra se regem pela supremacia do poder físico; mas do reino de Cristo são banidos cada arma carnal, cada instrumento de coerção.” {AA 7}, *Atos dos Apóstolos*, 12.

Se os israelitas tivessem sido cuidadosos em nunca pegar na espada e confiassem totalmente no Senhor para cuidar das suas necessidades, o problema teria sido rapidamente resolvido de acordo com os métodos de operação divinos. Pela sua completa recusa de arrependimento os rebeldes teriam confirmado que não queriam mais nada de Deus. Ele teria respeitado esta decisão e deixá-los-ia para colherem o que haviam semeado. Então, qualquer que fosse o iminente desastre que estivesse para acontecer tê-los-ia apanhado, como o terramoto que levou Coré, Datã e Abirão, a destruição de Sodoma e Gomorra, ou os egípcios no Mar Vermelho.

Mas essa não era a situação. Israel tinha agarrado na espada e com ela a responsabilidade de resolver os seus problemas de defesa contra os inimigos dentro e fora do acampamento. Não era possível eles fazerem isto e Deus simultaneamente manter a Sua posição como Protector deles. Isto não era possível, porque ou faziam eles essa obra, ou confiavam que Deus a fizesse.

Mas, em virtude de eles não deixarem inteiramente a sua lealdade ou respeito por Ele, era-Lhe dada a oportunidade de manter a posição de seu Conselheiro. Eles não tinham a sabedoria para compreender os resultados de um uso da espada diferente de outro. Ele possuía essa sabedoria. Se O ouvissem e Lhe obedecessem, Ele ensinar-lhes-ia as diferenças, de modo que poderiam salvar-se a si próprios e ao mundo, de perdas e sofrimentos desnecessários. Foi por esta razão que Ele os aconselhou que era melhor destruir os incuráveis afectados do que deixar o câncer contaminar milhões mais.

Exactamente como o pai na história dos caçadores sabia que as mortes eram inevitáveis, uma vez que o filho tinha pegado na arma, assim Deus sabia que era inevitável haver mortes. Já não era mais uma tentativa para impedir mortes. Tudo o que poderia agora ser feito era trabalhar para as tornar tão misericordiosas e mínimas quanto possível. Deus operou aqui, tal como fez mais tarde na conquista de Babilónia, quando procurou encaminhar Israel numa direcção que lhes possibilitasse “*tornar* a sua servidão tão agradável quanto possível...” {PR 224}, *Profetas e Reis*, 441. A invariável consistência de Deus é na verdade admirável.

Deve ser salientado que, apesar de Deus ordenar aos levitas que matassem os rebeldes, e mais tarde disse a Zedequias, aos amonitas, aos edomitas e ao povo de Tiro, e outras nações, para tranquilamente se submeterem e cooperarem com o rei de Babilónia, Ele não os obrigaria a fazê-lo. Os levitas escolheram obedecer, mas os outros não. Ao realizar isso, os levitas salvaram-se, bem como todo o Israel e o mundo, das mais terríveis consequências. Zedequias e os seus contemporâneos por se recusarem a submeter-se trouxeram sobre si as terríveis represálias.

Aos levitas colocava-se uma terceira opção. Podiam, ali e nesse momento, ter-se arrependido de terem agarrado nas armas de destruição. Se realmente tivessem feito isto, teriam feito um montão dessas espadas, curvado perante o Senhor e confessado que tinham errado. Ter-Lhe-iam devolvido toda a responsabilidade de cuidar deles contra os inimigos, dentro e fora do acampamento.

Os levitas não tinham suficiente entendimento para fazer isto, mas sabiam o suficiente para obedecer às intruções que Deus lhes deu e assim evitar as terríveis consequências de o não fazer. Infelizmente, na altura em que chegamos ao cativo em Babilónia, o povo estava demasiado cego

até para seguir os conselhos do Senhor. Sofreram a terrível ira de Babilónia por causa do seu contínuo espírito de rebelião e insurreição. Contudo, houve alguns que obedeceram. Daniel e os seus companheiros deram uma demonstração viva da honra e liberdade a ser gozada por aqueles que foram obedientes à ordem de Deus.

Aqui de ser levantada uma pergunta. Qual foi o motivo pelo qual Deus deixou destruir os rebeldes no acampamento na altura do bezerro de ouro, mas não quando foi de Coré, Datã e Abirão? Naquela altura, o povo foi apenas chamado simplesmente a separar-se dos rebeldes e observarem enquanto eles morriam às mãos de uma terrível calamidade natural. Porquê esta diferença? Israel ainda tinha as espadas, por isso seria de esperar que Deus lhes desse a ordem para matar os rebeldes.

Em todas as situações em que se encontra uma solução para os mistérios à volta das acções de Deus, mais perguntas aparecem. É por isso, que cada problema precisa ser resolvido antes que outro seja enfrentado. Muitos cometem o erro de querer toda a dificuldade resolvida de uma vez e, quando isso não pode ser feito, põem todo o assunto de lado privando-se assim de uma grande luz salvadora.

Portanto, agora levanta-se o problema do que parece ser uma inconsistência na forma como os revoltosos foram tratados. Algumas vezes foi de um modo e outras vezes de outro.

Uma vez aprendido o princípio que governa as acções de Deus no tratamento com situações semelhantes à rebelião no Sinai, seria de esperar que toda a desordem no acampamento fosse tratada da mesma maneira. Seria antecipado que, até Israel Lhe devolver a posição de completa administração de todos os assuntos deles, Deus levá-los-ia a matar os rebeldes.

Foi precisamente assim que aconteceu em numerosas ocasiões. Notáveis exemplos foram o apedrejamento do homem que juntou lenha no Sábado, a adúltera e Acã que roubou a capa babilónica em Jericó e o extermínio dos cananeus.

Mas não foi sempre deste modo. Quando Coré e os seus companheiros se levantaram em desafio a Deus, quando Miriam e Arão se rebelaram, quando o povo murmurou contra Moisés e contra Deus, não foi dada a ordem ao povo para sair e derrubar os ofensores. Eles foram atingidos por um terramoto, inflicção de lepra, pragas e a invasão de serpentes venenosas. Nenhuma destas punições teve a participação do povo. Contudo, não houve mudança na situação de governação. O povo continuava a usar a espada. Então, porque foi feito de um modo numas ocasiões e diferente noutras? Há algum princípio básico que decide o que acontece cada vez?

Deus não é caprichoso nem inconsistente. Havia um princípio básico que determinava como cada problema devia ser tratado.

Dentro da estrutura do acampamento, existiam duas situações distintas. Uma dizia respeito ao povo em geral, e a outra à posição de Moisés, o escolhido pessoalmente por Deus.

O povo tinha-se colocado sob a protecção da espada. Ao fazer isto tinha recriado o seu governo conforme essas linhas, de modo que quaisquer ataques ameaçando esse governo tinham que ser tratados com armas de força manejadas pelo povo. Essas ameaças podiam ser internas ou externas. No caso da adoração do bezerro de ouro era interna, mas quando os amalequitas vieram contra eles, era externa. Porque não tinham fé em aceitar Deus como seu protector foram deixados à mercê da sua própria protecção como único recurso. Ficaram mais entrincheirados nisto quando escolheram um rei *como os outros reis à volta deles*.

Porém havia outra área no acampamento que não estava sob a jurisdição do povo. Esta era o ofício de Moisés. Ninguém estava entre ele e Deus. Ele tinha sido escolhido por Deus para este trabalho, de modo que ele respondia perante o Senhor e mais ninguém. Além disso, Moisés nunca se juntou ao povo na escolha da espada. Conquanto ele fosse de todos os homens o mais bem treinado militarmente, tinha aprendido as lições de confiança em Deus enquanto estava no deserto de Midiã e quando a oportunidade veio para tomar as armas, ele escolheu não o fazer. Nem uma vez lemos que ele guiasse Israel à batalha com uma espada na sua mão.

Portanto, quando Moisés pecou, como fez ao bater na rocha, o povo não pôde tocar-lhe. Ele não estava sob o governo deles, em nenhum sentido. Apenas Deus podia tratar com ele e Ele agiria de acordo com os Seus justos procedimentos e princípios.

Semelhantemente, quando o povo pecou contra Moisés e contra Deus, transgrediram num domínio que não estava sob a sua jurisdição, porque a soberania da espada não tinha um alcance tão longo. Assim, quando o povo pecou nesta área, a punição veio pelo afastamento de Deus que os deixou expostos aos perigos que os rodeava.

Considerai a rebelião de Coré, Datã e Abirão. Ela foi especificamente uma contestação à escolha de Moisés, como foi o protesto de Miriam e Arão e as miseráveis murmurações de Israel das quais a seguinte é um tipo: “E o povo falou contra *Deus* e contra *Moisés*: Por que nos fizeste subir do Egipto, para que morrêssemos neste deserto? Pois aqui nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio deste pão vil.” *Números* 21:5. Todos estes estavam na mesma categoria. Estavam fora da jurisdição escolhida pelo povo quando pegou na espada.

Portanto, Deus estava livre e não tinha impedimentos para tratar com estes problemas. Em cada um desses casos Ele operou do mesmo modo. Coré e os seus companheiros foram engolidos por um terramoto, Miriam foi afligida com a lepra e Israel sofreu pragas e a invasão de serpentes ardentes.

O mesmo princípio se aplica no caso de Davi. Quando ele cometeu adultério e assassinou o marido para esconder o pecado, teria sido apedrejado até à morte se fosse um simples cidadão. Mas o povo tinha-o feito rei como os reis à volta deles. Isto colocou-o acima dos homens da lei, pois os reis desses dias estavam dispensados de obedecer a essas leis. Por conseguinte, ele estava fora do domínio no qual o povo tinha tomado para si a autoridade, assim não puderam puni-lo pelos seus crimes. Ele estava assim colocado numa posição em que o seu pecado o separara da protecção de Deus. As contrariedades que lhe sobrevieram eram a acção directa do seu afastamento dos caminhos da rectidão.

Por isso, cada situação no acampamento tinha o tratamento apropriado para ela. Quando o povo pecava dentro da área controlada por ele quando adquiriram as espadas, tinham que administrar a punição a fim de assegurar a sua contínua protecção. O trabalho de Deus para lhes dar os conselhos que Ele era capaz de lhes dar estava limitado a estas circunstâncias, pelo meio dos quais eles eram salvaguardados dos piores efeitos da ordem escolhida por eles.

Quando pecavam fora desta área de jurisdição, o assunto não podia ser resolvido por eles pois não tinham o direito nem o poder para o tratar. Tudo o que Deus podia fazer era aceitar a sua insistência para que Se separasse deles sendo por isso deixados expostos aos perigos que continuamente os ameaçavam. Deus não se afastava imediatamente deles por causa de uma ofensa ou espírito de vingança. Era com infinita dor e só com a maior relutância, quando todo o esforço para salvar tinha sido rejeitado, que Deus aceitava a necessidade de Se retirar. Um estudo cuidadoso dos vários incidentes confirma que com extrema consistência, Deus tratava cada situação de acordo com a sua natureza. Como os israelitas pereciam, dependia se caíam nas mãos do seu próprio sistema de governo estabelecido, ou se pecavam fora dele e caíam sob os poderes da natureza fora do controlo e direcção de Deus.

A questão dos métodos como Deus trata com problemas semelhantes à adoração do bezerro de ouro, foi agora totalmente explorado. É assim evidente que, quando correctamente compreendido, os registos do Antigo Testamento não revelam um Deus diferente d'Aquele apresentado por Cristo durante a Sua jornada terrestre.

“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.” *Deuterónimo* 6:4.

Ele não está dividido; não mostra uma face no Antigo Testamento e outra no Novo. Não há inconsistência n'Ele, nem em qualquer tempo ou sob quaisquer circunstâncias, recorreu à força ou compulsão para resolver qualquer que fosse a dificuldade. Ele é o Salvador enquanto Satanás é o destruidor. Quando o homem perece, é apenas porque rejeitou o Seu esforço salvador e em virtude disto se colocou sob o domínio e poder do diabo.

Na verdade, o Senhor nosso Deus é o Senhor, mas tragicamente, Ele tem sido infelizmente mal interpretado, tanto nos dias do Antigo Testamento e como em todas as eras que se têm passado.

Capítulo 33

As Guerras de Israel

Pareceria desnecessário discutir agora as guerras de Israel depois das considerações até agora feitas aos métodos de Deus em situações em que o homem tomou a obra de Deus em suas próprias mãos. A verdade do relacionamento de Deus com Israel nestas ocasiões deveria ser por si só evidente. Contudo, alguns podem achar difícil fazer a relação, por isso, será dado algum espaço ao problema.

O facto de Israel ir para a guerra e chacinar os seus inimigos, muitas vezes até ao último homem, mulher, criança, ovelha, cabra, boi, jumento, e todas as outras coisas vivas, não é o verdadeiro problema. Isso surge quando Deus “ordenou” que o fizessem. Quando o fizeram, receberam a Sua aprovação, mas quando não o fizeram, Ele reprovou-os fortemente. Por exemplo, quando Saul não destruiu totalmente os amalequitas, recebeu uma repreensão muito severa de Deus por intermédio do profeta Samuel.

Sempre que um objector de consciência ao serviço militar se apresenta a um magistrado e declara que não matará por causa da lei de Deus, as perguntas que lhe farão incluem sempre referências às guerras de Israel. Ao empunhar a espada, Israel criou problemas não apenas para si, mas também para os filhos de Deus até ao fim dos tempos.

Esses problemas só existem para aqueles que não compreendem o carácter e a obra de Deus, porque para os que entendem, a história do antigo Israel nas suas lutas fornece uma forte prova ao objector de consciência ao serviço militar.

Apesar das claras instruções de Deus, apoiadas e ilustradas por frequentes demonstrações do Seu modo de fazer as coisas, os israelitas mostraram uma disposição persistente para tomar os assuntos cada vez mais nas suas mãos, negando assim as manifestações do carácter e caminhos de Deus.

Tudo começou quando recolheram as espadas depois de atravessarem o Mar Vermelho. Entre esse tempo e a sua chegada a Cades-Barnéia prontos para atravessar a fronteira, não tinha havido muito derramamento de sangue. Os dois acontecimentos mais importantes foram as batalhas com os amalequitas, e a mortandade dos adoradores do bezerro de ouro.

Contudo, Deus nunca teve a intenção de que eles devessem conquistar a terra prometida pelo uso da espada. Ele disse-lhes como isso seria feito e assegurou-lhes que *Ele* o faria e não eles. Muito antes de eles alcançarem a terra prometida tudo estava explicado.

“Enviarei o Meu terror diante de ti, desconcertando a todo o povo aonde entrares, e farei que todos os teus inimigos te virem as costas.

“Também enviarei vespões diante de ti, que lancem fora os heveus, os cananeus, e os heteus diante de ti.

“Num só ano os não lançarei fora diante de ti, para que a terra se não torne em deserto, e as feras do campo não se multipliquem contra ti.

“Pouco a pouco os lançarei de diante de ti, até que sejas multiplicado, e possuas a terra por herança.

“E porei os teus termos desde o Mar Vermelho até ao mar dos filisteus, e desde o deserto até ao rio: porque darei nas tuas mãos os moradores da terra, para que os lances fora de diante de ti.” *Êxodo* 23:27-31.

Assim o Senhor salientou que *Ele* levaria os habitantes para fora da terra. Antes, já vimos como essas expressões devem ser compreendidas de modo diferente quando descrevem as acções de Deus em comparação com a descrição das acções dos homens. Portanto, o modo de Deus os fazer sair não seria usando o Seu poder compulsor. Em vez disso, quando Ele se dirigiu a eles com as Suas ofertas de amor, a sua resistência e rejeição das mesmas, colocá-los-ia fora do círculo de protecção não deixando nada que os salvasse das forças destruidoras nas mãos do destruidor.

Infelizmente, não vemos a realização da promessa de Deus, por isso, não temos a ilustração exacta daquilo que Deus teria feito. Não era assim por haver alguma debilidade na promessa, mas porque o povo não acreditou na palavra de Deus e não estava preparado para O deixar fazer o que tinha prometido. Eles decidiram que este assunto era algo que não podiam deixar nas mãos de Deus. Devia ser feito por eles mesmos.

Este espírito tornou-se realmente evidente quando chegaram a Cades-Barnéia. O plano de Deus era realizar a Sua promessa e guiá-los directamente para a terra. De acordo com isto, como recordado por Moisés, Deus disse-lhes para irem sob a Sua direcção e possuí-la. Aqui estão as palavras de Moisés quando recordava aos seus filhos o acontecimento.

“Então partimos de Horebe, e caminhamos por todo aquele grande e tremendo deserto que vistes, pelo caminho das montanhas dos amorreus, como o Senhor nosso Deus nos ordenara: e chegamos a Cades-Barnéia.

“Então eu vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o Senhor vosso Deus nos dará.

“Eis aqui o Senhor teu Deus te deu esta terra diante de ti: sobe, possuí-a como te falou o Senhor Deus de teus pais: não temas, e não te assustes.” *Deuteronomio* 1:19-21.

Se eles tivessem possuído o espírito da verdade e submissão ao Senhor do Céu, teriam respondido avançando sem duvidar ou perguntar para onde o Senhor os levava. Os habitantes da terra teriam com temor retirado ou tê-los-iam atacado com o ímpeto precipitado do desespero. Essa acção seria de completo e final desafio contra o Céu, pelo qual a sua separação de Deus teria sido tão total que removeria toda a protecção divina deles. Rapidamente teriam perecido como aconteceu aos egípcios, Coré e os seus companheiros, ou os próprios israelitas quando uma praga caiu no meio deles.

Mas os judeus não confiavam em Deus, como é confirmado pela resposta que deram às Suas instruções. Aqui está a resposta deles:

“Então todos vós vos chegastes a mim e dissestes: *Mandemos* homens *adiante de nós*, para que *nos* espiem a terra, e *nos* dêem resposta, por que caminho *devemos* subir a ela, e a que cidades *devemos* ir.” *Deuteronomio* 1:22.

Aqui estava na verdade a substituição de Deus pelo homem no lugar de Deus. A orientação divina foi posta de parte em favor da humana.

Como reagiu Deus a tal revelação? Ficou ofendido? Reclamou pelos Seus direitos, insistindo que seguissem o Seu caminho?

Nem por um momento. Se esse era o caminho que eles escolhiam seguir, então tudo o que Ele pôde fazer foi respeitar a escolha deles e abençoá-los tanto quanto possível, na execução dessa sua opção.

“Onze dias depois de partir do monte de Horebe, as hostes hebreias acamparam-se em Cades, no deserto de Parã, que não ficava longe das fronteiras de terra prometida. Ali foi proposto *pelo povo* que fossem enviados espias a fim de examinarem o país. Isto foi apresentado ao Senhor por Moisés, e ele lhes concedeu permissão, com a instrução de que um dos príncipes de cada tribo fosse escolhido para tal fim. Os homens foram escolhidos, conforme ficara determinado, e Moisés mandou-os ir ver o país: qual era o mesmo, sua situação e vantagens naturais, e o povo que nele habitava, notando se eram fortes ou fracos, poucos ou muitos; bem como deveriam observar a natureza do solo e sua produtividade, e trazer do fruto da terra.” {PP 279}, *Patriarcas e Profetas*, 405.

Foi assim que, “o Senhor falou a Moisés, dizendo,

“Envia homens que espiem a terra de Canaã, que Eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual maioral entre eles.

“E enviou-os Moisés do deserto de Parã, segundo o dito do Senhor; todos aqueles homens eram cabeças dos filhos de Israel.” *Números* 13:1-3.

Se a referência de *Números* for lida sem considerar os outros testemunhos, parece dar a sensação que toda a ideia partiu de Deus. Mas ela veio do *povo*, em contradição com os planos de Deus. Contudo, ela declara que Moisés *mandado* pelo Senhor, enviou os doze homens. Quando a palavra “mandado” é usada com relação ao comportamento humano, indica uma declaração oficial que deve ser obedecida, independentemente se o destinatário gosta ou não. Torna-se claro, entretanto, que quando usado pelo Senhor, é mais na forma de instrução ou conselho, mas a escolha de obedecer ou não, é deixada com o povo.

Assim, o povo retirou a sua liderança das mãos de Deus. Este foi mais um passo na direcção errada. Tomar a espada de-lhes o seu próprio governo no lugar de Deus, mas eles tinham seguido a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite. Havia chegado o tempo em que a sua autoconfiança e a correspondente falta de fé em Deus os levou a rejeitar mesmo esta liderança. Deus não ficou ofendido, mas comportou-Se com perfeita consistência. Ele sempre lhes tinha dado liberdade para escolherem se queriam deixá-l’O fazer a Sua obra, enquanto eles faziam a deles.

Se eles queriam enviar homens antes de avançarem, então, eram livres para o fazer. Obviamente, a situação podia ser piorada se fossem escolhidos homens mal preparados para realizarem esse trabalho. De novo, no Seu amor por eles, deu instruções para as quais estavam preparados para obedecer – que fossem seleccionados homens responsáveis para a tarefa.

Mas, que desastre se provou ser. Foi um erro que impossibilitou toda essa geração de entrar na maravilhosa terra prometida. Durante os quarenta anos que se seguiram, todos os que estavam acima da idade de vinte anos nessa altura, deviam morrer no deserto, excepto, é claro, Calebe, Josué, e membros da tribo de Levi não numerada.

Quando eles por fim seguiram o Senhor para a terra de Canaã, não enviaram à sua frente doze espias. É verdade que Josué enviou dois espias, mas a justificação para eles serem enviados foi completamente diferente da experiência anterior. Tinha que ser diferente, porque, enquanto o povo quarenta anos antes tinha colocado a fé em si próprio, Josué não tinha confiança em si mesmo. Ele colocou toda a sua confiança em Deus.

“Josué era um general sábio porque Deus era o seu guia.” “Este foi o segredo da vitória de Josué. Ele fez de Deus o seu guia.” *S.D.A. Bible Commentary* 2:923.

Enquanto em Cades Barnéia o *povo* exigiu que fossem enviados espias, em Gilgal *eles* não fizeram esse pedido. Este veio de Josué e não foi motivado por qualquer desconfiança na liderança de Deus. É muito mais provável que o Espírito de Deus o tenha orientado a fazer isso para salvação de Raabe e sua família. Isso deu-lhe a oportunidade de reconhecer o poder de Deus como sendo supremo e de demonstrar a sua fé nesse poder escondendo os dois homens com sucesso. Como uma maravilhosa recompensa para essa fé, foi-lhe concedida a grande honra de ser uma mãe na linha directa do Messias prometido.

Ao enviar esses espias à cidade, Deus demonstrou o Seu carácter de maravilhoso e amoroso salvador. Visto que Josué fez do Senhor o seu guia, então, *foi Deus* que decidiu enviar lá os homens. Ele conhecia o coração dessa mulher e da sua família. Ele sabia que ela responderia ao Seu chamamento de salvação, mas que estava aprisionada entre os muros de Jericó e por nenhum meio podia ir ter com os israelitas. Portanto, o Senhor enviou-lhe esses dois homens. Ela respondeu à oportunidade divinamente concedida e mostrou onde estava a sua fé. Assim, tornou-se conhecida dos israelitas de modo que, quando a cidade foi destruída sobreviveu e foi resgatada.

Até aqui descrevemos a persistente tendência de Israel para trocar o comando e a orientação de Deus pela deles. Deve agora ser mostrado que Deus, com amorosa atenção para com o Seu errante povo estava a tentar trazê-lo de novo para o único caminho seguro. Isto envolveria deixarem as suas espadas, colocando desse modo Deus na Sua legítima posição como Guia, Protector e Provedor para

o Seu povo. Então, eles não teriam necessidade de lutar, quebrar a lei, e ficar tristes sobre as campas daqueles que seriam mortos na batalha.

Quando Israel atravessou o Mar Vermelho, tinha atrás de si evidência após evidência de que nunca precisariam de usar a espada e que Deus nunca planeou que o fizessem. Porém, falharam completamente no seu teste. Tal como tem sido bem demonstrado pelos anais da história bíblica, o Senhor não os abandonou, mas procurou trazê-los de volta ao único seguro e correcto caminho.

Na travessia do Jordão e marcha para Jericó, o Senhor falou-lhes uma vez mais por uma grandiosa demonstração destinada a revelar-lhes a Sua completa capacidade para cumprir as promessas de lhes dar a terra. Esta era uma tentativa cheia de esperança para estabelecerem a sua fé n'Ele, de que abandonassem toda a confiança no eu, deixassem a espada, e permitissem que Deus fizesse a Sua obra à Sua própria maneira. Era uma repetição das mesmas lições que Deus procurara ensinar aos seus pais quando deixaram a terra do Egipto.

Tal como as águas do Mar Vermelho foram abertas para eles pelo miraculoso poder de Deus, também as grandes ondas do Jordão rolaram para trás a fim de abrirem um caminho seguro para o povo. Tal como os egípcios tinham sido impedidos de se aproximar, assim, nessa travessia, os cananeus não se chegaram a eles. Contudo, do ponto de vista militar, teria sido uma altura excelente para atacar. Com metade de Israel de um lado e metade do outro, as suas forças estavam divididas. O inimigo podia rapidamente ter reduzido o seu exército grupo a grupo. Mas não se aproximaram deles.

Então o Senhor ordenou aos israelitas que marchassem à volta dessa cidade uma vez por dia até que ao sétimo dia deviam marchar sete vezes ao seu redor. Então, os espessos muros fenderam-se e caíram.

Isto devia ter sido suficiente. Eles tinham as grandiosas promessas de Deus; tinham as múltiplas lições do passado que são muitas vezes mais fáceis de ler e compreender do que as do presente; tinham as claras intruções de Deus de que a terra não devia ser tomada pela guerra; e agora, uma vez mais, tinham a demonstração pessoal do tremendo poder de Deus fazendo a obra que Ele prometera.

Deus deu-lhes instruções específicas para conquistarem a cidade. Ele tinha nisto um propósito. Desejando libertá-los dos seus próprios caminhos autodestrutivos, organizou um exercício de fé destinado a desenvolver neles o sentimento de total desconfiança no poder e planeamento humano por um lado e de total comprometimento com a liderança e instrução de Deus por outro. Deus não tinha inclinação para reclamar a Sua liderança pessoal daquele povo, pois não há procura de exaltação própria n'Ele. Ele sabia que para eles este era o único caminho para o sucesso. Qualquer alternativa apenas podia resultar na sua perda e por fim destruição. A confirmação de que assim seria é confirmada na sua história posterior, quando, por escolherem o caminho errado, sofreram as piores consequências.

“Pela fé caíram os muros de Jericó”. Hebreus 11:30. O Capitão do exército do Senhor comunicou-Se apenas com Josué; Ele não Se revelou a toda a congregação, e tocava a esta crer nas palavras de Josué ou duvidar das mesmas, obedecer às ordens por ele dadas em nome do Senhor, ou negar-lhe a autoridade. Não podiam ver a hoste de anjos que os acompanhava sob a chefia do Filho de Deus. *Poderiam ter raciocinado*: ‘Que movimentos sem significação são esses, e quão ridícula é a realização de uma marcha diária em torno dos muros da cidade, tocando trombetas de chifres de carneiro! Isto não pode ter efeito algum sobre aquelas proeminentes fortificações.’ Mas o próprio plano de continuar esta cerimônia durante tanto tempo antes da subversão final dos muros, proporcionou oportunidade para o desenvolvimento da fé entre os israelitas. Deveriam impressionar-se com o fato de que sua força não estava na sabedoria do homem, nem em seu poder, mas unicamente no Deus de sua salvação. Deviam assim acostumar-se a depositar inteira confiança em seu divino Líder.

“Deus fará grandes coisas por aqueles que n'Ele confiam. A razão pela qual Seu povo professo não tem maior força, é que confiam tanto em sua própria sabedoria, e não dão ao Senhor oportunidade para revelar Seu poder em favor deles. Ele auxiliará os Seus filhos crentes em toda a

emergência, se n'Ele puserem toda a confiança, e fielmente Lhe obedecerem.” {PP 359}, *Patriarcas e Profetas*, 521.

Portanto, todo o desígnio de Deus nesta aventura era chamá-los de volta a uma condição não beligerante. Por estes meios. “Deveriam impressionar-se com o facto de que sua força não estava na sabedoria do homem, nem em seu poder, mas unicamente no Deus de sua salvação. Deviam *assim* acostumar-se a depositar *inteira* confiança em seu divino Chefe.” {PP 359}, *Patriarcas e Profetas*, 521.

Na verdade, isto devia ter sido suficiente.

Precisamente ali e naquele momento, deviam ter despedido as suas armaduras, formar um grande montão com elas, confessar a soberania de Deus e expressar a sua total confiança n'Ele para lhes dar a terra que Ele havia prometido dar-lhes do modo como dissera que faria.

Mas eles não o fizeram. Precipitaram-se para a cidade e em breve as suas espadas estavam gotejando com o sangue de homens, mulheres e crianças. Que terrível e cicatrizante efeito isso deve causado nas suas almas! Essa obra não podia levar um homem para mais perto de Deus. Ela tenderia a brutalizá-lo, fazê-lo insensível à vida, e entropicado para os melhores, e mais elevados atributos do carácter divino. Com crescente clareza deve ser visto que tais acções da parte do povo nunca foram planeadas por Deus.¹¹

Mas, contra todos os esforços e boas intenções de Deus, aquele povo não viu as implicações de se agarrarem à espada que os seus pais tinham empunhado. Não podiam sentir-se seguros sem ela. Dependiam dela para se protegerem dos Seus inimigos. Eles cuidariam da sua própria protecção com a *ajuda* do Senhor. Assim, basicamente fizeram disto o seu próprio trabalho e responsabilidade, enquanto Deus era simplesmente deixado como ajudante na situação.

Eles tinham tirado a espada dos seus pais e se agarrariam a ela. Tão certo como o fizeram, ficaram sob a inexorável lei que declara que quem ao fio da espada mata, ao fio da espada morre. As suas histórias posteriores dão a mais clara demonstração deste princípio.

Pode ser argumentado que não foi pegar na espada, mas a sua perda de fé em Deus que ocasionou a sua destruição como nação, pois quando eles, *com a espada nas suas mãos*, puseram a sua confiança no Senhor, foram vitoriosos. Isto é verdade, mas o que deve ser visto é que o acto de escolher a espada era o fruto da sua perda de fé em Deus. Somente um povo que não põe a sua total e completa confiança em Deus como seu protector, empunha a espada. O primeiro passo descendente para a incredulidade deve inevitavelmente ser seguido por outros, especialmente como a prática de fazer guerra brutalizaria o guerreiro e o tornaria menos receptivo ao chamamento de Deus e Seus caminhos.

Foi Jesus que declarou que aquele que empunha a espada perecerá pela espada e essas palavras são verdadeiras. Israel pegou na espada e pereceu do mesmo modo. Não há nação na face da Terra que tenha empunhando as armas da força sem perecer por elas. Este é o relato histórico. É um testemunho que diz às nações existentes que o destino delas é o mesmo.

Os israelitas em Jericó chegaram a um ponto de decisão, uma encruzilhada. A escolha feita ali determinaria como a conquista de Canaã seria realizada. Se tivessem escolhido despojarem-se dos instrumentos de guerra e se empenhassem em obedecer a todos os mandamentos de Deus, incluindo o que diz, “não matarás,” então o Senhor estaria livre para lhes dar a terra de acordo com os Seus métodos e caminhos.

Mas se eles escolhessem manter os instrumentos de derramamento de sangue, então a conquista tinha que ser feita por eles. A escolha era inteiramente deles. Deus podia usar e usou grande esforço e poder a fim de os persuadir para o caminho certo, mas não podia obrigá-los e não os forçou a segui-l'O.

¹¹ Existem alguns testemunhos a respeito da queda dos muros de Jericó que fazem parecer que Deus foi um destruidor directo neste caso. Iremos ignorá-los neste capítulo, mas considerá-los-emos mais tarde, quando outros testemunhos difíceis forem analisados. Consulte o capítulo trinta e cinco, “Outros Testemunhos Difíceis.”

Tragicamente, eles fizeram a escolha errada – aquela que era o fruto da incredulidade. Em resultado, saíram ao encontro dos seus inimigos com a espada nas mãos. A Palestina não foi conquistada de harmonia com os princípios de Deus, mas de acordo com os do homem. Uma vez que eles ainda mantinham a presença e liderança d'Ele em algumas partes da sua vida, uma medida do Seu poder permanecia entre eles, por isso eram exércitos vitoriosos. À parte disso, tudo o que Ele podia fazer era dar-lhes instruções para conduzirem a guerra com misericórdia. Não devia haver tortura das suas vítimas, e deviam fazer desaparecer aquelas nações tão completamente como teria acontecido se tivessem deixado o assunto nas mãos de Deus.

Até aqui na história de Israel, vimos alguns incidentes em cada um dos quais, em maior ou menor extensão, os israelitas escolheram seguir o caminho da incredulidade. Havia essa persistente tendência para deixar os caminhos e a liderança de Deus, para os substituir pelos seus.

Por muito más que aquelas escolhas tivesse sido no passado, um passo ainda pior estava para ser dado. Este aconteceu quando o povo veio a Samuel e lhe pediu para ele rogar a Deus que lhes desse um rei. Esse rei devia julgá-los *como todas as nações*. O povo insistiu nisto, dizendo:

“Porém o povo não quis ouvir a voz de Samuel; e disseram: Não, mas haverá sobre nós um rei.

“E nós também seremos como todas as outras nações; e o nosso rei nos julgará, e sairá adiante de nós, e fará as nossas guerras.” *1 Samuel* 8:19, 20.

De novo o povo estava a tomar decisões e outra vez Deus devia relacionar-Se com eles conforme as decisões tomadas. Com invariável consistência Ele fez aqui o que tinha feito em todas as outras situações. Ele deu-lhes completa liberdade para fazerem a sua escolha e não fez tentativas para os forçar a parar. Tudo o que Ele fez foi descrever em termos vívidos o que eles estavam a trazer sobre si mesmos, mas quando, depois dessa revelação de horror, eles ainda mantiveram a sua decisão, Ele deu-lhes o que queriam.

Deus não os ameaçou com punições pessoais se O rejeitassem. Uma cuidadosa leitura de *1 Samuel* 8:6-18, mostrará que o Senhor apenas fez a descrição dos resultados por escolherem esse caminho. Ele disse-lhes que o rei faria coisas terríveis, ao ponto de desejarem nunca ter tido um rei para os governar.

“E disse: Este será o costume do rei que houver de reinar sobre vós: ele tomará os vossos filhos, e os empregará para os seus carros, e para seus cavaleiros, para que corram adiante dos seus carros;

“E os porá por príncipes de milhares e por cinqüentenários, e para que lavrem a sua lavoura, e seguem a sua sega, e façam as suas armas de guerra e os pretrechos de seus carros.

“E tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras.

“E tomará o melhor das vossas terras, e das vossas vinhas, e dos vossos olivais, e os dará aos seus criados.

“E as vossas sementes, e as vossas vinhas dizimará, para dar aos seus eunucos, e aos seus criados.” *1 Samuel* 8:11-15.

Esta é a descrição de uma opressão deveras pesada. O rei construiria uma corte de grande luxo e conforto para si mesmo, mas era o povo quem pagaria as contas. Os impostos aumentariam severamente até o povo ficar empobrecido por eles. Tudo isto viria a acontecer, mas não pela imposição de Deus. Eles trouxeram isto sobre si mesmos por causa da sua própria teimosia.

A decisão tomada nos dias de Samuel era a repetição do passo dado em Cades-Barnéia. Era uma directa e específica substituição do Senhor como seu líder, pelo homem. No primeiro caso, tinha existido uma comissão de doze homens, enquanto no segundo, era um rei. Em ambos os casos, levou a consequências desastrosas. No primeiro, levou-os a serem incapazes de entrar na terra prometida e por isso foram forçados a vagar quarenta anos no deserto.

No segundo caso, foi seguido por ainda maiores afastamentos de Deus. Em breve, não apenas estavam a olhar para o homem como seu líder, mais, ainda pior, para deuses de madeira e pedra, ouro, prata e bronze. A futilidade de tais deuses foi demonstrada à medida que se tornavam escravos dos seus inimigos, cativos na terra de Babilónia.

Mas eles nunca aprenderiam. Persistiam na sua determinação de se governarem a si mesmos e seguirem o seu próprio caminho até que, no fim, proclamaram a sua total rejeição de Deus e dos Seus caminhos nestas palavras, “Não temos rei senão César.” *João* 19:15. Este era o passo final nessa tão longa estrada de persistente substituição dos caminhos de Deus pelos caminhos dos homens.

Por fim, tinham-se colocado fora do círculo da presença e protecção de Deus. As terríveis consequências foram retardadas apenas por causa daqueles que, como Raabe em Jericó, estavam dispostos a ouvir a voz de súplica e amor. Efectuado isso, a destruição da cidade, do templo e da nação não podia mais ser evitada.

A história daquela infeliz nação, bem compreendida, coloca Deus na Sua verdadeira luz. Embora no passado houvesse uma tendência de vê-l’O no controlo total daquela nação, de modo que o que eles fizeram era a expressão do Seu carácter e vontade, torna muito evidente que não era assim. Em vez disso, eles recusaram-se obstinadamente a permitir que Ele tivesse o Seu pleno e legítimo lugar na sua comunidade. Eles tinham colocado *o seu caminho* no lugar do *caminho d’Ele*, de modo que aquilo que eles fizeram na matança dos ímpios foi tudo menos a expressão do Seu carácter e métodos.

Uma vez que escolheram controlar eles mesmos esses assuntos, Deus poderia tê-los deixado sozinhos para colher todas as consequências amargas. Mas o Seu amor infinito não o permitiria. Pelo contrário, isso O moveu a fazer toda a obra salvadora de amor que ainda era possível. É de lamentar profundamente que este ministério tenha sido tão mal interpretado quanto o esforço do pai para salvar o filho de se tornar um caçador cruel.

As acções puras de amor indizível foram vistas como as revelações de um destruidor.

Capítulo 34

Olho por Olho

Uma chave valiosa para o problema do uso da espada por Israel, de acordo com as instruções de Deus, é fornecida nas instruções de Deus a Israel para exigir apenas um olho por olho, um dente por dente e uma vida por outra vida. Este conselho foi dado logo após a proclamação da lei no Monte Sinai e está registado em *Êxodo* 21:22-25.

“Se alguns homens pelejarem, e ferirem uma mulher grávida, e forem causa de que aborte, porém se não houver morte, certamente será multado, conforme ao que lhe impuser o marido da mulher, e pagará diante dos juízes;

“Mas se houver morte, então darás vida por vida,

“Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé,

“Queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe.”

Esta era a instrução *de Deus* a Israel. Foi ele quem deu estas instruções de como eles deviam tratar com estas ofensas. Isto é confirmado voltando atrás a *Êxodo* 20:22, onde a sequência de versículos contendo todas estas instruções, começa com estas palavras: “E o Senhor disse a Moisés...” Exactamente, o Senhor que falou foi Jesus Cristo. Ele era o Deus que apareceu a Moisés e proclamou os preceitos do decálogo.

“Fora Cristo que, por entre trovões e relâmpagos, proclamara a lei no monte Sinai.” *O Maior Discurso de Cristo*, 45.

Portanto, foi *Cristo* quem lhes disse para cobrar um olho por um olho e um dente por um dente.

Contudo, quando Ele veio à Terra, repudiou estas palavras como linha de orientação para o reino que Ele viera estabelecer. Ele fez isto no Seu primeiro grande sermão a uma larga assembleia de pessoas. Tinham-se reunido no monte esperando ouvir as Suas declarações sobre a natureza do Reino que Ele veio estabelecer. Logo no início, avisou-os de que não tinha vindo para acabar com a lei dizendo:

“... Não vim destruir, mas cumprir.

“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.

“Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” *Mateus* 5:17-20.

Tendo afirmado que não tinha vindo para acabar com a lei, Ele apareceu, então, para fazer precisamente isso. No Velho Testamento disse-lhes, “Olho por olho e dente por dente,” mas agora lhes diz:

“Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, e dente por dente.

“Eu, *porém vos digo* que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;

“E ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa;

“E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

“Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes.

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo.

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

“Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? não fazem os publicanos também o mesmo?

“E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicanos também assim?

“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” *Mateus* 5:38-48.

Desde que estas instruções foram dadas a Israel no Monte Sinai, eles têm-nas interpretado mal como se Deus, no Seu coração, as tivesse planeado assim para eles. Do mesmo modo muitos milhões desde essa altura, têm mostrado uma triste ignorância do que é na verdade a justiça de Deus. Eles não compreenderam que estas instruções não eram a expressão dos Seus princípios, mas meramente uma versão improvisada do curso que eles próprios tinham escolhido.

Deus deu esses conselhos apenas àqueles, cuja incredulidade os havia levado a desviar-se do caminho da fé, preferindo a auto-protecção dependente da utilização de instrumentos de coerção. Foi em consideração de amor pelas vítimas dos que detinham o poder que Ele os admoestou a limitar o pagamento *dos seus* conceitos de justiça a um olho por olho e um dente por dente. Ele sabia bem que o espírito de vingança não os deixaria satisfeitos com a imposição de uma punição igual à ofensa cometida. A disposição deles exigiria muitos olhos por olho e muitos dentes por um dente. Isto colocá-los-ia no extremo oposto da escala de Deus, mas no meio, havia uma situação que, embora ainda não pudesse ser o plano perfeito de Deus, era consideravelmente melhor do que aquele em que eles foram deixados pelos seus próprios conselhos.

Estas eram as três posições:

Em primeiro lugar, existe o caminho perfeito de Deus. Este, Jesus viveu e ensinou. Ele exorta à manifestação daquele amor que nunca retalia, dá sempre a outra face, vai a segunda milha, ama todos os inimigos e faz o bem aos que praticam o mal. As armas da força não têm lugar sob esses princípios. Isto requer uma fé real e permanente em Deus para operar com sucesso. Os filhos de Israel careciam dessa fé e rejeitaram essas ideias considerando-as impraticáveis e perigosas. Elas eram, em resumo, loucura para eles. Eles não viam como era possível sobreviver nessas condições.

No outro extremo da escala está o comportamento daqueles que não têm consideração por Deus e, conseqüentemente, não dão ouvidos aos Seus conselhos. Eles são implacáveis, cruéis e vingativos. Torturam os seus inimigos, provocando o maior sofrimento para satisfazer as suas paixões vingativas. Os campos de extermínio da Alemanha durante a segunda guerra mundial, Auschwitz, Dachau e Belsen, foram demonstrações desse tipo de espírito. Privação e sofrimento tremendos foram experimentados por aqueles que caíram nas mãos terríveis do Terceiro Reich. Era impossível Deus salvá-los destas situações porque os poderes que existiam nessa altura não tinham disposição para obedecer a Deus em nada.

A situação intermédia opera por causa de duas coisas. Em primeiro lugar existe a compaixão de Deus pelos oprimidos, levando-O a procurar minimizar tanto quanto possível o Seu sofrimento e perda. Em segundo lugar, o povo está disposto a obedecer-Lhe pelo menos nisto. Portanto, em todo o mundo, aquelas nações e indivíduos que respeitam a Deus e professam ser o Seu povo, aceitam e seguem estes conselhos ainda que não tenham fé para acreditar n’Ele implicitamente como seu Juiz e Protector.

Enquanto Israel mantivesse alguma relação com Deus e tivesse vontade de Lhe obedecer pelo menos em algumas coisas, operariam pelo princípio de um olho por um olho e um dente por outro dente. Mas quando eles se afastaram do Senhor ainda mais, então, fosse qual fosse a extensão do seu desvio, também abandonaram este princípio.

Actualmente, Israel já não tem respeito por estes princípios. Há muito tempo que voltaram as costas a Deus, quando declararam que não tinham outro rei senão César. Nos últimos anos envolveram-se numa guerra de sobrevivência contra os seus vizinhos árabes. Mais de uma vez foram atacados pelos seus inimigos e responderam com impiedosa ferocidade. No princípio de Novembro de 1977, foram perturbados por incursões terroristas do Líbano. Armando os seus aviões de guerra, atacaram com desenfreada fúria pela fronteira, matando soldados e civis – homens, mulheres e crianças pequenas.



Houve um clamor mundial contra esta selvajaria. Israel argumentou que tinha apenas atingido alvos militares, mas achou difícil manter esta afirmação à luz das fotografias e reportagens recebidas da área afectada. Eles com certeza devolveram muito mais do que receberam, o que não é o princípio de olho por olho e dente por dente.

Um cartoonista, fez o seu comentário no jornal diário de Boise, em Idaho *The Statesman*, em 16 de Novembro de 1977. O cartoon reproduzido na ilustração conta a história de maneira muito gráfica. Isto é exactamente do que o senhor procurava salvá-los e aos seus inimigos desde que pegaram em armas de destruição. Teria sido bom para os libaneses se Israel fosse ainda governado pelo menos por estes princípios. Seria muito melhor para Israel e para o Líbano se os israelitas fossem obedientes ao princípio do amor pelos seus inimigos e retribuíssem o bem pelo mal, que Cristo estabeleceu no Sermão da Montanha.

Portanto, há três maneiras de nos relacionarmos com os problemas que nos cercam; de lidar com aqueles que nos magoam e nos injuriam.

Em primeiro lugar, há o caminho de Deus que não usa a força para acabar com a rebelião, não retalia, não exige retribuições, não usa violência, não usa a espada e, portanto, não mata.

Há apenas a perfeita observância da lei, o retorno do mal com o bem, percorrer a segunda milha e o esforço interminável para salvar aqueles que estão resvalando para o abismo da ruína. Tudo se resume na expressão imutável e inalterável do amor infinito. É a obra do Salvador e Restaurador, nunca do destruidor.

Cristo descreveu este modo de proceder no sermão da montanha, e em seguida identificou só isto como sendo o padrão do comportamento de Deus, aconselhando que aqueles que fizessem o mesmo seriam como o Seu Pai que está no Céu.

A terceira e pior maneira é o homem ser deixado inteiramente entregue a si mesmo. Desta forma, o sistema consiste em amar aqueles que vos amam, mas atacar tão fortemente quanto se possa aqueles que vos ferem; retribuir o mal multiplicado pelo mal; destruir o vosso inimigo tão cruelmente e vingativamente quanto possível; certificar-se de que paga adequadamente pelo dano que vos foi administrado. O objectivo é atacar muito mais fortemente do que fostes atacados, convencer de forma definitiva que seria suicídio lançar mais ataques contra vós. Assim, cada um procura garantir a sua própria segurança pela regra do medo.

Quando Deus não foi capaz de os segurar firmemente no primeiro caso, então trabalhou para os salvar deste último e pior. É por isso que existe a segunda situação ou intermédia. O que Deus está realmente a dizer nesta situação é isto. “Muito bem, vocês tomaram a vossa decisão de empunhar a espada e, por isso, afastaram-se dos Meus caminhos. Eu não posso mudar a vossa decisão. Tomaram-na e ela prevalece. Mas, Eu posso salvar-vos dos piores efeitos dessa escolha se aceitardes e respeitardes o conselho que vos dou agora. Não sejam assassinos cruéis e vingativos. Exijam apenas um pagamento igual ao que vos foi tirado. Que não seja mais do que um olho por um olho e um dente por um dente. Enquanto isso, Eu procurarei sempre reconquistar-vos para o caminho da fé e obediência, de volta para o caminho onde não há morte ou vingança, mas apenas a manifestação do Meu carácter de amor.”

Se a relação entre estes três caminhos puder ser claramente discernida, e se pode ser reconhecido que apenas o primeiro deles é o caminho de Deus, então será visto que não há uma única história no Antigo Testamento para provar que Deus destrói. Satanás destrói e o homem também, mas Deus nunca o faz. Ele é o Salvador que apenas trabalha para restaurar e para curar. Ele não conhece nenhum outro trabalho a não ser esse. Toda a história do Seu relacionamento com o antigo Israel, correctamente compreendida, dá testemunho disto.

Capítulo 35

Testemunhos Difíceis

As grandes verdades da Bíblia não são estabelecidas recolhendo uma série de testemunhos. Elas são construídas em sólidos princípios básicos. Uma vez apuradas, a superestrutura pode ser construída com precisão e segurança. Ao procurar a verdade do carácter de Deus, os princípios orientadores são encontrados na natureza do Seu governo, no propósito da lei, na revelação que Cristo fez de Seu Pai, e no papel da cruz como expressão dos métodos de Deus de lidar com o pecador que não se arrepende. Os poderosos testemunhos de Deus aqui contidos são mais do que suficientes para atestar o carácter amoroso, misericordioso, recto e justo de Deus. Eles efectivamente provam que Ele não é um executor dos que rejeitam a Sua misericórdia.

Mas, como acontece com todos os outros tópicos da Bíblia, certas declarações parecem contradizer totalmente os testemunhos acima mencionados. Estas constituem um problema sério para muitos, que não podem sentir-se em paz com a mensagem até que todas as afirmações sejam explicadas. Isto é manter uma atitude lamentável, uma vez que a fé viva não espera que todos os problemas tenham sido resolvidos antes de compreender as preciosas verdades.

Na minha opinião, a vida e os ensinamentos de Cristo são a declaração final e abrangente do que Deus é e faz. A Sua manifestação do Pai é tão brilhante, tão clara, e tão total, que, para mim, nada mais é necessário. Portanto, é o padrão pelo qual todos os argumentos sobre o carácter do Pai são testados. Se o argumento apresentado não consegue encontrar apoio em Jesus Cristo, então, por mais lógico que pareça, ou quão convincente possa parecer, rejeito-o totalmente, mesmo *que ainda* não tenha explicação para ele. A minha fé compreende a realidade da missão de Cristo como o brilho do semblante do Pai. Acredito que Deus enviou o Seu Filho ao mundo com o propósito expresso de penetrar as trevas do erro e engano que Satanás havia lançado em torno do Seu carácter de justiça. A confirmação dessa fé expressa na decisão de não aceitar nada sobre Deus, excepto o que está em total concordância com o testemunho do Pai confirmado por Seu Filho.

Portanto, se alguém quiser convencer-me com sucesso que Deus destruiu o pecador, apresentando como prova a destruição de Sodoma e Gomorra, ou quaisquer outras punições da era do Antigo Testamento, então deve ser capaz de apresentar provas de que Cristo, durante a Sua missão terrena, fez a mesma coisa. É tão impossível fazer isto que aqueles que se agarram ao conceito errado que Deus executa o pecador, afirmam que a revelação de Deus como dada por Cristo é apenas uma manifestação parcial do Pai que omite os papéis mais severos de juiz e carrasco. Os textos e testemunhos citados anteriormente expõem isto como um pensamento falacioso, pois a manifestação de Deus como dada por Cristo era tão completa como Cristo, O mais excelente, poderia fazer. Nada foi negligenciado ou omitido.

Nenhuma posição é tomada aqui de que há duas revelações diferentes de Deus, a que é dada nos tempos do Velho Testamento e aquela apresentada por Cristo. Não existe uma única contradição na Palavra de Deus. Não há testemunhos, correctamente entendidos, que contradizem os princípios eternos da verdade. Pelo contrário, quando compreendidos, passam de uma posição de *aparente* negação das verdades eternas, para um poderoso apoio. Portanto, o verdadeiro estudante da Bíblia não tem medo de testemunhos difíceis. Ele pode ter de admitir, por algum tempo, que o seu verdadeiro significado lhe está oculto, mas sabe que não será por muito tempo, pois o ensinamento do Espírito Santo conduz cada estudante confiante pelos gloriosos corredores da luz revelada.

Nem todos os testemunhos que podem ser apresentados foram já resolvidos. Resta um ou dois para os quais o entendimento correcto ainda está pendente, mas o Senhor vai deixá-los claros a seu tempo. O facto de ainda não poderem ser explicados não é motivo de medo ou dúvida. Há provas mais do que suficientes nos grandes princípios para estabelecer, sem dúvida, a verdade acerca do carácter de Deus.

Mas, a maioria foi desvendada e, para auxílio daqueles que ainda lutam com alguns deles, será realizado um exame dos mais frequentemente citados. Não deve ser feita qualquer tentativa para *torcer* a interpretação a fim de a encaixar numa conclusão desejada. Eles têm de ser examinados para ver exactamente o que dizem e, igualmente importante, *o que não dizem*. Demasiadas vezes, o problema da interpretação reside numa tendência para assumir que um testemunho infere algo que não conclui. Se esta conclusão puder ser eliminada, as palavras serão então deixadas livres para dizer o que pretendem.

Os Mesmos Poderes

O que eu classificaria como o mais difícil é aquele que diz:

“Um único anjo destruiu todos os primogênitos dos egípcios, enchendo a Terra de pranto. Quando Davi ofendeu a Deus, por contar o povo, um anjo fez aquela terrível destruição pela qual seu pecado foi punido. O mesmo poder destruidor exercido por santos anjos quando Deus ordena, será exercido por anjos maus quando Ele o permitir. Há agora forças preparadas, e que aguardam apenas o consentimento divino para espalharem a desolação por toda parte.” *O Grande Conflito*, 614.

A parte deste testemunho que causa mais dificuldade é esta: “O *mesmo* poder destruidor exercido por *santos* anjos quando *Deus ordena*, será exercido por anjos *maus* quando *Ele o permitir*.”

Quando uma pessoa não tem uma compreensão clara dos princípios subjacentes ao carácter de Deus, é fácil ver como este testemunho poderia deixá-la com a convicção de que os santos anjos destroem exactamente como os anjos maus. Parece que a única diferença é que os santos anjos destroem pela ordem de Deus, enquanto os maus o fazem com a Sua permissão.

O que acontece é que todos tendem a ler neste testemunho *mais do que ele realmente* diz. Aqui está o que o testemunho não diz:

“O mesmo poder destruidor exercido por santos anjos quando Deus ordena, será exercido *da mesma maneira* pelos anjos maus quando Ele o permitir.”

Estas três palavras, “da mesma maneira”, não estão no testemunho, nem estão subentendidas nele. Além disso, todos os princípios do carácter de Deus as proíbem de estar ali. No entanto, apesar das provas acumuladas para este efeito, é exactamente isso que as pessoas lêem na referência. Não fazem distinção entre a obra de Deus e a de Satanás e, por conseguinte, entre o carácter de cada um. Isto é grave.

Há um nítido contraste entre o papel dos anjos bons e dos maus. É a obra dos santos anjos conter os quatro ventos da contenda o máximo possível. Só os libertam quando Deus julga que qualquer permanência adicional na posição irá impor a Sua presença onde não é desejada. Há muitas Escrituras que ensinam isto.

“E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.” *Apocalipse* 7:1.

“Ainda há uma obra a ser efetuada, e então os anjos receberão a ordem de soltá-los, para que os quatro ventos soprem sobre a Terra.” *Testemunhos para a Igreja* 5:152.

“Estamos hoje sob a indulgência divina; mas por quanto tempo continuarão os anjos de Deus retendo os ventos para que não soprem?” *Testemunhos para a Igreja* 6:426.

“Anjos acham-se hoje a refrear os ventos das contendidas, para que não soprem antes que o mundo haja sido avisado de sua condenação vindoura; mas está-se formando uma tempestade, prestes a

irromper sobre a Terra; e, quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de lutas que nenhuma pena poderá descrever.” *Educação*, 179, 180.

“Vi quatro anjos que tinham uma obra a fazer na Terra, e estavam em vias de cumpri-la. Jesus estava vestido com trajes sacerdotais. Ele olhou compassivamente para os remanescentes, levantou então as mãos, e com voz de profunda compaixão, exclamou: ‘*Meu sangue, Pai, Meu sangue! Meu sangue!*’ Vi então que, de Deus que estava sentado sobre o grande trono branco, saía uma luz extraordinariamente brilhante e derramava-se em redor de Jesus. Vi, a seguir, um anjo com uma missão da parte de Jesus, voando celeremente aos quatro anjos que tinham a obra a fazer na Terra, agitando para cima e para baixo alguma coisa que tinha na mão, e clamando com grande voz: ‘*Segurai! Segurai! Segurai!* até que os servos de Deus sejam selados na frente!’

“Perguntei ao meu anjo assistente o sentido do que eu ouvia, e que iriam fazer os quatro anjos. Ele me disse que era Deus quem restringia os poderes, e incumbira os Seus anjos de tudo quanto se relacionava com a Terra; que os quatro anjos tinham poder da parte de Deus para reter os quatro ventos, e que estavam já prestes a soltá-los; mas enquanto se lhes afrouxavam as mãos e os quatro ventos estavam para soprar, os olhos misericordiosos de Jesus contemplaram os remanescentes que não estavam selados e, erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles. Então outro anjo recebeu ordem para voar velozmente aos outros quatro e mandar-lhes reter os ventos até que os servos de Deus fossem selados na frente com o selo do Deus vivo.” *Primeiros Escritos*, 38.

“Deus mantém um ajuste de contas com as nações. Nem um pardal cai no chão sem Ele saber. Os que praticam o mal para com os seus semelhantes, dizendo: Como o sabe Deus? serão um dia chamados a enfrentar a vingança há muito adiada. Nesta época, um desprezo mais do que comum é mostrado a Deus. Os homens chegaram a um ponto de insolência e desobediência, que mostra que sua taça de iniquidade está quase cheia. Muitos quase ultrapassaram o limite da misericórdia. Em breve Deus mostrará que Ele é realmente o Deus vivo. Ele dirá aos anjos: ‘Não combatam mais Satanás nos seus esforços para destruir. Deixai-o desenvolver a sua maldade sobre os filhos da desobediência; porque o cálice da sua iniquidade está cheio. Eles avançaram de um grau de iniquidade para outro, aumentando diariamente a sua transgressão. Não vou mais interferir para evitar que o destruidor faça a sua obra.’” *The Review and Herald*, 17 de Setembro de 1901.

“Satanás é o assolador. Deus não pode abençoar quem se recusa a ser mordomo fiel. Tudo o que pode fazer é permitir a Satanás que realize sua obra destruidora. Vemos calamidades de toda espécie e proporções assolarem a Terra, e por quê? Porque *o poder regulador de Deus não é exercido*. O mundo tem desprezado a Palavra de Deus. Os homens vivem como se Ele não existisse. Da mesma forma que os habitantes do mundo antediluviano, recusam aceitar qualquer idéia de Deus. A impiedade cresce em proporção assustadora, e a Terra está madura para a ceifa.” *Testemunhos para a Igreja* 6:388.

Cada um destes testemunhos confirma que o papel dos anjos é conter os terríveis poderes que só aguardam a libertação para destruir a Terra e os céus. Os anjos são justos. Eles não instituíram os seus caminhos no lugar dos caminhos de Deus. Assim, só fazem o que o Senhor quer que façam. Tão certo como o Deus do Céu nunca destrói por acção directa, os anjos também não. Por conseguinte, a forma como exercem esses poderes é retirando a sua contenção. As energias libertadas passam de um estado inactivo para uma intensa actividade e, consequentemente, de exercício.

Esta é *a maneira* como os poderes são colocados em movimento activo pelos santos anjos quando Deus *ordena*, mas não é *a forma como os anjos maus* os exercitam quando Deus *permite*. Satanás e os seus seguidores têm estudado os segredos dos laboratórios da natureza e as turbulentas forças dentro do homem, até saberem como activá-los com intensidade destruidora. Assim, enquanto os anjos de Deus estão a trabalhar para conter esses elementos temíveis, Satanás e o seu exército estão a trabalhar na direcção oposta.

Mas, quer sejam libertados em exercício activo pelos santos anjos, ou manipulados por anjos maus, *os poderes são os mesmos*. Este é o pensamento principal que o testemunho pretende

transmitir. Não trata *da forma como* esses poderes são exercidos. Quando for reconhecido que este é o assunto do testemunho, não haverá qualquer problema em compreendê-lo.

Longe de provar que os anjos bons, por ordem de Deus, atacam e executam os injustos, este testemunho, ao sublinhar que é o *mesmo poder* em ambos os casos, confirma que eles não o fazem. Se Deus empreendesse o trabalho de executor, não se importaria de usar nada menos do que os maiores poderes sob Seu comando. Estes certamente não são os da natureza e do homem. São as onipotentes forças dentro d'Ele mesmo, forças tão grandes que Ele apenas tem de falar e os mundos inteiros aparecem e, por sua vez, desaparecem. Portanto, se Deus fosse o destruidor, não seriam os mesmos poderes usados pelos anjos maus que de si mesmos nada têm, mas dependem do que Deus investiu na natureza e no homem, para fazer a sua obra de destruição. Deus tem uma onipotência todo-poderosa e não está, em nenhum sentido, dependente dos potenciais relativamente insignificantes que Ele deu a esta Terra e aos seus habitantes. Se estes factos forem mantidos em mente, então o testemunho não apresenta qualquer problema.

Fazendo como Lhe Agrada

Eis outra afirmação que tem sido um problema para alguns.

“Moisés ordenou aos homens de guerra que destruíssem as mulheres e os meninos. Balaão vendera os filhos de Israel por uma recompensa, e ele pereceu com o povo cujo favor obtivera com o sacrifício de vinte e quatro mil israelitas. O Senhor é considerado cruel por muitos ao exigir que o Seu povo faça guerra com outras nações. Eles dizem que é contrário ao Seu carácter benevolente. Mas Aquele que fez o mundo, e formou o homem para habitar a Terra, tem controlo ilimitado sobre todas as obras das Suas mãos, e é o Seu direito fazer o que quiser, e o que Lhe agrada com a obra das Suas mãos. O homem não tem o direito de dizer ao seu Criador, por que o faz assim? Não há injustiça no Seu carácter. Ele é o Governante do mundo, e uma grande parte dos seus súbditos revoltaram-se contra a Sua autoridade, e espezinharam a Sua lei... Ele usou o Seu povo como instrumentos da Sua ira, para punir nações ímpias, que os têm provocado, e os seduziu à idolatria.” *Spiritual Gifts* 4:50, 51.

A principal mensagem deste testemunho é um aviso de que a humanidade não está em posição de questionar as acções de Deus. Se Deus o fizer, está certo e é justo. Esta justiça não é só porque Deus é o Criador, mas porque *O seu carácter* é justo e não há injustiça n'Ele.

O que incomoda as pessoas, é a parte que diz: “Mas Aquele que fez o mundo, e formou o homem para habitar a Terra, tem controlo ilimitado sobre todas as obras das Suas mãos, e é o Seu direito fazer *o que quiser*, e *o que Lhe agrada* com a obra das Suas mãos.”

Nenhum problema existiria aqui se não fosse a tendência persistente dos homens para pensar em Deus como se Ele também fosse um homem. Quando os homens têm o poder de fazer *o que lhes agrada* e *o que querem*, então o seu comportamento torna-se dependente de como se sentem num determinado dia e do que querem nesse dia. Fazem tudo com relação aos seus próprios gostos e do que não gostam e não de acordo com princípios invariáveis. Este é o padrão de comportamento com o qual estamos mais familiarizados e temos a tendência para pensar no desconhecido e não familiar Deus como se fosse como nós. Por isso, vemos os homens pecarem contra Deus e o Seu povo. Por esse motivo, idealizamos Deus como estando altamente indignado e irritado em virtude disso, pelo que tem prazer em vingar-se daqueles que O trataram tão mal.

Mas, ao contrário do homem, Deus nunca é motivado pelo sentimento. Não encontra prazer na injustiça sob qualquer forma. Portanto, *não Lhe agrada* matar, mentir, roubar, dar falso testemunho, ou quebrar qualquer outro dos mandamentos que são a transcrição do Seu maravilhoso carácter. Não precisamos de temer, então, que o Senhor nos destrua por ter o direito de fazer “o que Lhe agrada, e o que quer.” Por outro lado, se ficarmos sujeitos a um ser humano com poder ilimitado para fazer “o que ele quiser, e como quiser”, podemos saber que, a menos que sejamos capazes de servir essa pessoa com toda a sua satisfação, mais cedo ou mais tarde, somos condenados.

Por outras palavras, o testemunho deve ser entendido à luz do que *agrada* a Deus fazer, não à luz do que agradaria ao homem fazer se estivesse na mesma posição.

Os Muros de Jericó

Há uma série de testemunhos sobre o derrube das muralhas de Jericó, que, se compreendidos da maneira que o homem naturalmente entende que tais palavras, significariam que Deus e os Seus anjos exerceram pessoalmente o poder da força para derrubar aqueles poderosos muros.

“Quão facilmente os exércitos do Céu puseram abaixo os muros que pareciam tão temíveis aos espias que apresentaram o falso relatório! A palavra de Deus foi a única arma usada. O Poderoso de Israel havia dito: ‘Tenho dado na tua mão a Jericó.’ Josué 6:2. Se um único combatente tivesse aplicado a sua força contra os muros, a glória de Deus seria diminuída e Sua vontade frustrada. Mas a obra foi deixada com o Todo-poderoso; e se os fundamentos dos palácios tivessem sido fixados no centro da terra, e seus cumes alcançassem a abóbada celeste, o resultado teria sido o mesmo ao Capitão do exército do Senhor conduzir suas legiões de anjos ao ataque.” *Testemunhos para a Igreja* 4:161, 162.

“A cidade de Jericó era dedicada à idolatria mais extravagante. Os habitantes eram muito ricos, mas todas as riquezas que Deus lhes tinha dado consideravam como dádiva de seus deuses. Tinham ouro e prata em abundância; mas, como o povo antes do dilúvio, eram corruptos e blasfemos, e por suas obras más insultavam e provocavam ao Deus do Céu. Os juízos de Deus foram suscitados contra Jericó. Ela era uma fortaleza. Mas o próprio Capitão dos exércitos do Senhor veio do Céu para liderar os exércitos celestiais num ataque contra a cidade. Anjos de Deus se apoderaram das muralhas maciças e as deitaram por terra.” *Testemunhos para a Igreja* 3:264.

“O Senhor comandou os Seus exércitos sobre a cidade condenada; nenhuma mão humana foi levantada contra ela; as hostes do Céu derrubaram as suas paredes para que somente o nome de Deus pudesse ter a glória.” *The Review and Herald*, 15 de Março de 1887.

A frase mais significativa neste testemunho é a que diz: “Anjos *de Deus* se apoderaram das muralhas maciças e as deitaram por terra.”

Parece que estas palavras apenas admitem uma interpretação, que são os anjos de Deus com Cristo à cabeça, que tomaram conta daquelas muralhas com as suas mãos e literalmente as derrubaram. Ao fazê-lo, fizeram mais do que derrubar blocos de pedra. Havia pessoas no interior daquelas muralhas. Ver *Patriarcas e Profetas*, 491, {PP 357}. Teria sido impossível não haver vigias, seguindo todos os movimentos que os israelitas fizeram. Um desempenho tão singular como estava a ser realizado não podia deixar de despertar a atenção e excitar a curiosidade das pessoas que estavam lá dentro. Sem dúvida que as paredes estavam cheias de pessoas. Além disso, havia pessoas que viviam nas muralhas, assim como Raabe, que livrou os espias dos seus compatriotas. Ver *Josué* 2:15.

Acontece que se os anjos derrubaram aquelas paredes como estamos inclinados a entender que essas palavras querem dizer, então, tiraram a vida a um grande número de pessoas.

Se assim for, finalmente encontramos provas há muito procuradas para provar que Deus mudou por causa do pecado e Se tornou um destruidor da vida. Temos a prova de que todos os princípios reunidos neste livro são anulados, pois Deus não pode errar num único ponto. Se Jesus, quando chegou a esta Terra, tivesse feito, por um pensamento, uma concessão ao pecado, então o diabo teria triunfado.

Deus tinha registado que não lida com o problema do pecado pelo uso da força física. Ele não fica em relação ao pecador como o executor da sentença contra a transgressão, mas deixa os que rejeitam a Sua misericórdia colherem o que semearam. O poder compulsor só é encontrado sob o governo de Satanás. Deus não destrói. Não destrói nenhum homem. Todas as armas de coerção são banidas do Seu reino.

Se o Senhor violasse estes princípios numa só situação, seria tudo o que era necessário para dar a Satanás a vitória na grande controvérsia. Portanto, a nossa compreensão dos princípios que regem o carácter de Deus obriga-nos a olhar mais profundamente para o problema, numa tentativa para ver em que sentido os anjos se apoderaram das muralhas e as derrubaram.

No entanto, se tal procura pelo menos por agora, não trazer à luz exactamente o que os anjos fizeram, então não percamos a fé nos grandes princípios. Nós simplesmente entendemos que este é apenas um dos ganchos deixados para pendurar as nossas dúvidas se quisermos fazê-lo. Deus deixa sempre alguns pontos por explicar para ver se confiaremos n'Ele no que desconhecemos a partir do que já sabemos sobre Ele.

A explicação para qualquer Escritura difícil deve ser encontrada em alguma outra parte das mesmas Escrituras. Num problema como este, o lugar mais provável para encontrar tal explicação, está num incidente semelhante. Este é encontrado na queda de Jerusalém, que, tal como Jericó, tinha enchido a taça da iniquidade. O Espírito de Deus também tinha partido dela. As suas muralhas foram igualmente derrubadas sem que uma pedra fosse deixada sobre outra. É de esperar que o Senhor descreva a sua destruição na mesma língua que na queda de Jericó. A pesquisa mostra rapidamente que sim.

“Os homens continuarão a construir edifícios de grande valor que custam milhões de dólares; será dada especial atenção para a sua beleza arquitetónica e para a firmeza e solidez com que são construídos; mas o Senhor instruiu-me que, apesar da firmeza invulgar e da exibição valiosa, estes edifícios partilharão o destino do templo em Jerusalém. Aquela magnífica estrutura caiu. Anjos de Deus foram enviados para fazer a obra de destruição, de modo que não fosse deixada pedra sobre pedra que não fosse derrubada.” *SDA Bible Commentary* 5:1098, 1099.

Considerai como se declara explicitamente que “anjos de Deus foram enviados para fazer a obra de destruição, de modo que não fosse deixada pedra sobre pedra que não fosse derrubada.” Antes de ser crucificado, Jesus declarou solenemente que não ficaria pedra sobre pedra no templo. Agora é declarado que os anjos foram enviados para fazer esta obra de destruição assegurando o cumprimento das palavras de Cristo. Assim como a linguagem usada na queda de Jericó tende a dar a imagem de anjos pessoalmente segurando as pedras e atirando-as para baixo, então, esta afirmação tende a dar a mesma impressão no que diz respeito à queda de Jerusalém.

Todavia, um estudo da história mostra que aquelas pedras foram derrubadas por mãos humanas. Os romanos, quando capturaram o templo, arrasaram-no juntamente com grande parte da cidade, certificando-se de que nenhuma pedra fosse deixada sobre outra. Talvez a maior autoridade em história judaica seja Josephus que esteve de facto presente na queda de Jerusalém. Ver *O Grande Conflito*, 33. O seu relato do acontecimento é o seguinte:

“Logo que o exército deixou de ter mais gente para matar ou saquear, porque não restava ninguém para ser o objecto da sua fúria, (pois não teriam poupado ninguém, se houvesse qualquer outro trabalho para ser feito,) César deu ordens para demolir toda a cidade e o templo, mas para deixar tantas torres de pé quantas fossem da maior eminência; isto é, Phasaelus, hippicus, e Mariamne, e parte da muralha que cercava a cidade no lado oeste. Esta muralha foi poupada, a fim de fornecer um acampamento para os que estivessem na guarnição; como também foram poupadas as torres, a fim de demonstrar à posteridade que tipo de cidade era, e quão bem fortificada, que o valor romano havia subjugado; mas todo o resto da muralha, foi tão completamente derrubado que desenterraram até os alicerces, que nada restou para aqueles que lá fossem acreditar que já havia sido habitada. Este foi o fim a que Jerusalém chegou com a loucura dos que estivessem para inovações; uma cidade de grande magnificência e de grande fama entre toda a humanidade.” *Wars of the Jews*, Livro VII, Capítulo um, parágrafo um, de Flavius Josephus. por William Whiston.

Este notável relato histórico está confirmado em *O Grande Conflito*, 35. “Tanto a cidade como o templo foram arrasados até aos fundamentos.”

Aqui temos dois registos do que aconteceu naquele tempo. Um declara que os anjos fizeram o trabalho de destruição, enquanto o outro mostra claramente que foi às ordens de César e pela força e actividade dos seus soldados que a cidade foi arrasada.

Esta seria uma irremediável contradição se não tivéssemos estudado a forma como a Bíblia é o seu próprio dicionário e a forma como é dito Deus destruir. Em primeiro lugar, é evidente que os anjos não fizeram o trabalho de destruição, *como o homem faz*. Isto é, eles próprios não pegaram naquelas pedras e as derrubaram. No entanto, ao mesmo tempo, há que reconhecer que eles fizeram um trabalho que resultou no derrube desses muros até que nem uma única pedra fosse deixada sobre a outra. Mas, eles certamente não usaram directamente os soldados como servos sob a sua direcção e comando pessoal para derrubar aqueles poderosos bastiões.

Então, o que fizeram os anjos? Como é que *eles* fizeram uma missão de destruição?

Como já foi demonstrado por várias citações anteriores, o papel dos anjos é conter os quatro ventos de luta para que não soprem na Terra. Se esses ventos forem libertados há uma terrível explosão da raiva humana e do poder natural. Esses anjos mantêm o seu trabalho enquanto a protecção de Deus é necessária devido à presença de alguns que confiam n'Ele. Mas quando chega a altura em que isso já não é necessário ou possível, então os anjos são enviados do Céu para instruir os anjos que os mantêm a soltá-los. Desta forma, os anjos vêm do Céu numa missão de destruição. Enfatize-se mais uma vez que, embora isto envolva um julgamento por parte de Deus, não é o seu acto arbitrário. Ele avalia a situação de tal forma que permanecer mais tempo será forçar a Sua presença onde é totalmente indesejada e isso Ele não pode fazer. Os anjos da contenção sentem esta pressão sobre eles para partirem, mas aguardam a ordem de Deus antes de o fazerem. Estas instruções são-lhes transmitidas por anjos mensageiros que, por causa desta responsabilidade, são chamados mensageiros da destruição, o que, de facto, são.

A ilustração desta contenção e libertação por um corpo de anjos ao receber uma autorização para o fazer por outros anjos, é claramente mostrada no testemunho de *Primeiros Escritos*, 38, citado na página 298.

A crónica da destruição de Jerusalém mostra os factos acima referidos. O derrube daquela cidade em pedras individuais foi o resultado final de uma série de causas. Os romanos fizeram-no como expressão da sua ira e ódio pelos judeus. Que, por sua vez, foi o resultado do comportamento dos judeus que tinham dado tanto trabalho aos romanos, tinham mostrado um tal espírito de rebelião, e haviam sido tão ingratos pelos favores que os romanos desejavam mostrar-lhes. Esse espírito, conseqüentemente, foi o resultado da persistente determinação dos judeus em instituir os seus caminhos no lugar dos caminhos de Deus e da sua contínua rejeição dos apelos de misericórdia a eles dirigidos.

Para a apostasia dos judeus e a fúria dos romanos correrem descontroladamente, os anjos de Deus tiveram que retirar total e completamente o seu poder de contenção sobre as paixões malignas dos homens. Eles fizeram isto. Por isso, os soldados romanos enfurecidos estavam tão descontrolados que nem os seus oficiais, generais ou o próprio Tito, podiam controlá-los ou contê-los. Tito tinha determinado preservar o templo e tinha dado ordens específicas para que não fosse queimado, mas as suas ordens foram ignoradas. Mesmo apesar de se ter precipitado para o meio deles, e de ter exigido obediência, era como se ele nem sequer estivesse lá. Aqui está parte do relato de Josephus sobre o incêndio do templo.

“E agora uma certa pessoa veio a correr para Tito, e contou-lhe deste incêndio, enquanto ele estava a descansar na sua tenda após a última batalha; em que se levantou com grande pressa, e como estava, correu para o edifício sagrado, a fim de conseguir um fim ao fogo; depois dele seguiram-se todos os seus comandantes, e depois deles as várias legiões, em grande espanto; assim levantou-se um grande clamor e tumulto, como era natural no movimento desordenado de um exército tão grande. Então César, clamando em alta voz aos soldados que estavam a lutar, e fazendo-lhes sinal com a mão direita, ordenando que parassem o fogo; mas eles não ouviram o que ele disse, embora ele gritasse tão alto, os ouvidos deles já estavam ensurdecidos por um barulho maior; nem atenderam

ao sinal que lhes fazia com a mão direita, nem porque alguns deles estavam absorvidos com a luta, e outros com paixão; mas quanto às legiões que ali acorreram, nem quaisquer persuasões ou ameaças poderiam conter a sua violência, mas as paixões de cada um era o seu comandante nesse momento; e enquanto se aglomeravam junto ao templo, muitos deles foram pisados pelos outros, enquanto um grande número caiu entre as ruínas dos claustros, que ainda estavam quentes e fumegantes, e foram destruídos da mesma forma miserável como aqueles que tinham conquistado: e quando se aproximaram do santo lugar, fizeram como se não ouvissem as ordens de César em contrário; mas encorajaram aqueles que estavam na sua frente a atear fogo. Quanto aos sediciosos, eles já estavam em grande sofrimento para poder ajudar, [para apagar o fogo;] havia mortos por todo o lado, e por toda a parte espancados; e quanto a uma grande parte do povo, estavam fracos e sem braços, e tinham as gargantas cortadas onde quer que fossem apanhados. Agora, em volta do altar havia cadáveres amontoados uns sobre os outros; como nos degraus que iam até ele corria uma grande quantidade do seu sangue, para onde também os cadáveres que foram mortos acima [do altar] caíram.” *Wars of the Jews*, Livro VI, Capítulo quatro, parágrafo seis.

“A cega obstinação dos chefes dos judeus e os abomináveis crimes perpetrados dentro da cidade sitiada, excitaram o horror e a indignação dos romanos, e Tito finalmente se decidiu a tomar o templo de assalto. Resolveu, contudo, que, sendo possível, deveria o mesmo ser salvo da destruição. Mas suas ordens foram desatendidas. Depois que ele se retirara para a sua tenda à noite, os judeus, saindo repentinamente do templo, atacaram fora os soldados. Na luta, um soldado arremessou um facho através de uma abertura no pórtico, e imediatamente as salas revestidas de cedro, em redor da casa sagrada, se acharam em chamas.

“Tito precipitou-se para o local, seguido de seus generais e legionários, e ordenou aos soldados que apagassem as labaredas. Suas palavras não foram atendidas. Em sua fúria, os soldados lançaram tochas ardentes nas salas contíguas ao templo, e com a espada assassinavam em grande número os que ali tinham procurado refúgio. O sangue corria como água pelas escadas do templo abaixo. Milhares e milhares de judeus pereceram. Acima do ruído da batalha, ouviam-se vozes bradando: ‘Icabode!’ — foi-se a glória.

“Tito achou impossível sustar a fúria da soldadesca; entrou com seus oficiais e examinou o interior do edifício sagrado. O esplendor encheu-os de admiração; e, como as chamas não houvessem ainda penetrado no lugar santo, fez um último esforço para salvá-lo; e, apresentando-se-lhes repentinamente, de novo exortou os soldados a deterem a marcha da conflagração. O centurião Liberalis esforçou-se por impor obediência a seu estado maior; mas o próprio respeito para com o imperador cedeu lugar à furiosa animosidade contra os judeus, ao excitação feroz da batalha, e à esperança insaciável do saque.” *O Grande Conflito*, 33, 34.

Quando soldados a quem foi inculcada a mais forte disciplina de respeito e obediência ao Imperador, estão tão furiosos com a fúria que ignoram completamente as ordens por ele dadas pessoalmente, manifesta que a paixão humana está revoltada na sua forma mais desenfreada. Tal indignação só era possível se os anjos tivessem deixado as suas posições em contenção dos ventos de contenda. Eles não tiveram mais influência sobre aqueles homens.

Nunca os largaram por vontade própria, mas apenas pelo recebimento de ordens do alto. Estas são-lhes trazidas por anjos mensageiros, encarregados de voar rapidamente com a ordem de que chegou a hora em que os homens decidiram rejeitar Deus de tal forma que Ele não mais lhes pode dar protecção. A chegada destes mensageiros aos postos avançados anuncia o desencadear de forças destrutivas, tornando-os, num certo sentido, anjos numa missão de destruição. O resultado foi a libertação total da hostilidade enfurecida dos romanos contra os judeus, o que não seria apaziguado mesmo quando, com as suas próprias mãos, tinham destruído a cidade.

Isto lança grande luz sobre a queda de Jericó, ensinando como as mesmas descrições devem ser entendidas na destruição da cidade cananeaia. A única diferença entre a tomada de Jericó em comparação com Jerusalém é que, enquanto neste último caso foi o desencadear das fúrias nos homens que fizeram o trabalho, em Jericó foi a libertação das forças reprimidas da natureza. O papel

dos anjos em ambos os casos era o mesmo. Agiram apenas e inteiramente em harmonia com os princípios do reino de Deus. Cristo, ele próprio, levou os mensageiros às muralhas de Jericó para dar a triste mensagem de que as pessoas tinham perdido toda a protecção divina, deixando Deus sem outra opção a não ser chamar os anjos da contenção. Então as fúrias da natureza, até ali controladas, romperam para arrasar a orgulhosa metrópole. Os muros ruíram. No entanto, a palavra de Deus diz que os anjos o fizeram. Certamente, pela forma como a Bíblia se interpreta, chegou o momento em que se compreende em que sentido os anjos fizeram isto. Eles tiveram um papel a desempenhar, o resultado foi a destruição. Essa parte era levar a mensagem de condenação aos anjos da contenção. Depois seguiu-se o terror.

Se for feita uma comparação cuidadosa entre a linguagem usada para descrever as destruições de Jericó e Jerusalém, todas as dificuldades desaparecerão. O que os anjos fizeram será bastante claro. Mais uma vez, confirmar-se-á que não agiram de forma diferente da revelação do carácter de Deus, tal como dada por Cristo quando veio à Terra.

A Ira de Deus

A ira de Deus é referida com frequência nas Escrituras. É uma expressão que descreve a fúria selvagem dos homens ou da natureza, ou ambos, numa onda de destruição. As sete últimas pragas são referidas especificamente como a ira de Deus que deve ser derramada sobre aqueles que adoram a besta e a sua imagem.

Há um perigo real de que a ira de Deus seja entendida exactamente como é a ira do homem. A ira do homem é o desenvolvimento *dentro dele* de fúria, ódio, e um *desejo* de retaliar contra aqueles que o feriram ou ofenderam. Mas a ira de Deus é diferente, pois os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens. Isaías fez com que isso estivesse para sempre claro.

A ira de Deus não é a expressão dos Seus sentimentos pessoais, pois, enquanto a Sua ira está a destruir o homem e o mundo, Deus não está a sentir qualquer ira. Ele é tomado de tristeza e angústia por ver a obra das Suas mãos e os Seus filhos serem acometidos por um destino tão terrível. A ira de Deus é uma expressão do oposto do que Ele está a sentir.

No entanto, sem dúvida, é ira. Veja-se o poder do furacão, do trovão, de mil edifícios em queda a fender-se à medida que o terramoto os atinge, o rugido crepitante do fogo infernal, o sopro da tempestade e a fúria do homem na guerra. *Isto é ira*. É o quadro completo de ira e fúria e estas são as coisas que a Bíblia chama de “a ira de Deus”.

Pela mensagem que Deus deu através da vara de Moisés, mostrou claramente que quando a natureza está neste estado, saiu do Seu controlo. Portanto, não é a expressão dos *sentimentos* de Deus. Por que então é chamado de “a ira *de Deus*”? É *a ira* de Deus simplesmente porque cada poder que entrou no estado de ferocidade por ter saído do poder controlador e direcção de Deus *pertence a Deus*. Eles são os poderes de Deus em estado de fúria, portanto, poderia ser chamado de ira dos poderes de Deus. Em vez disso, é simplesmente de forma mais resumida dito “a ira de Deus”.

Não haverá problema em compreender isto se for sempre mantido em mente que o caminho do homem e os caminhos de Deus são muito diferentes e, na verdade, opostos entre si. Deve haver uma guarda perpétua gravada na mente humana contra a tendência de pensar em Deus e no homem como sendo o mesmo.

Outros Testemunhos Difíceis

Alguns que leram este livro podem ter conhecimento de outros testemunhos que são problema para si. É razoavelmente seguro dizer que os mais difíceis foram discutidos neste capítulo. Se o leitor compreendeu e aceitou completamente os princípios de interpretação aqui utilizados, então, terá pouca dificuldade em compreender outros problemáticos versículos ou declarações.

Chegarão momentos em que ao estudar o registo bíblico, enfrentaremos situações para as quais o Senhor ainda não foi capaz de revelar nenhuma explicação específica. Sem isso, parece que não temos outra opção senão acreditar que, pelo menos nesse caso, o Senhor recorreu ao uso da força. Mas a verdadeira fé sabe que a ausência da explicação correcta não nos obriga a aceitar o óbvio, mesmo que clame pelo reconhecimento. A verdadeira fé assenta no conhecimento de que Deus não faz nada fora do carácter, e que devemos confiar n'Ele no desconhecido por causa do que aprendemos sobre Ele no revelado. Em tantos casos, temos claras revelações bíblicas do que Deus fez quando confrontado com o problema do pecado, a rebelião, a ingratidão e a idolatria. Cada uma dessas revelações consistentemente mostra Deus como um salvador, procurando com amor salvar as Suas obras criadas. Portanto, para a pessoa cheia de fé, é garantia e certeza absoluta que no desconhecido é o mesmo.

Uma coisa é certa: nenhum verdadeiro estudante da Palavra de Deus permitirá que a sua fé nas grandes verdades seja destruída, simplesmente porque uma ou duas declarações ou incidentes, não podem ser imediatamente compreendidos em harmonia com o que o resto da Bíblia ensina. Ele não esquecerá que houve muitos mais no passado, mas o tempo gerou maravilhosos esclarecimentos sobre o que inicialmente parecia ser totalmente inexplicável. Ele lembra-se que com outra opinião vê agora muitas coisas que eram obscuras e confusas antes. Por isso, bem sabe, que assim será com estes testemunhos que ainda não foram transferidos para a categoria dos claramente explicados.

Capítulo 36

As Sete Últimas Pragas

Até aqui, o estudo foi apenas dedicado a acontecimentos que estão no passado. A nossa atenção é agora dirigida aos acontecimentos que ainda estão no futuro. A sua vinda é conhecida pelas revelações proféticas, enquanto a sua natureza é mostrada pelos tipos do passado, dos quais eles são os antítipos.

A maior destruição que ainda está para acontecer antes da segunda vinha de Cristo resultará do derramamento das sete últimas pragas. Este será o beber pelos impenitentes finais “do vinho da ira de Deus, que se deitou, *não misturado*, no cálice da sua ira...” *Apocalipse* 14:10.

Até esta altura os juízos de Deus têm sempre sido misturados com misericórdia, de modo que os ímpios foram guardados da punição total pela sua culpa.

“Todos os juízos sobre os homens, antes do final do tempo da graça, foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas no juízo final a ira é derramada sem mistura de misericórdia.” {GC 628}, *O Grande Conflito*, 629.

A mesma linguagem usada na Escritura para descrever as destruições dos homens do passado, é usada para relatar esta terrível desolação futura. Ela é descrita como sendo a “ira de Deus,” administrada por anjos destruidores. A incineração de Sodoma e Gomorra, o dilúvio do mundo de Noé, as pragas dos egípcios, a invasão das serpentes no acampamento de Israel, Jericó, Niníve e a destruição de Jerusalém, e muitas mais catástrofes como estas são consistentemente detalhadas nos mesmos termos empregues para profetizar as sete últimas pragas que estão para vir.

A harmonia de interpretação afirma que o relato bíblico de eventos futuros deve ser entendido da mesma maneira que a Palavra de Deus revela como a descrição de acontecimentos no passado deve ser compreendida. A Bíblia é abundante em explicações de como devemos interpretar as declarações que descrevem a punição que sucede aos ímpios. Em virtude disto não temos desculpa para falhar em compreender que quando se diz que Deus destrói, o resultado dos Seus esforços para salvar resultaram no afastamento do impenitente d’Ele para um lugar onde nenhuma protecção da destruição permanece para eles. Foi sempre assim que aconteceu no passado. Nas sete últimas pragas também sucederá da mesma maneira.

No estudo do derramamento das sete últimas pragas, pode, então, ser correctamente esperado que as Escrituras, devidamente entendidas, mostrarão que a controladora e protectora mão de Deus deve ser removida da vara do poder, de modo que, livre da Sua direcção e fora do Seu controlo, os poderes no homem e na natureza libertam-se em livre fúria. Assim, o homem ceifará a colheita que ele próprio semeou.

Somos grandemente auxiliados no estudo das sete últimas pragas por acontecimentos do passado. O primeiro são as pragas do Egipto e o segundo, a queda de Jerusalém. A Escritura declara que cada um destes acontecimentos era uma previsão do que irá acontecer nos flagelos finais.

“Quando Cristo cessar de interceder no santuário, será derramada a ira que, sem mistura, se ameaçara fazer cair sobre os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. *Apocalipse* 14:9, 10. As pragas que sobrevieram ao Egipto quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram de carácter semelhante aos juízos mais terríveis e extensos que devem cair sobre o mundo precisamente antes do libertamento final do povo de Deus.” *O Grande Conflito*, 627.

A semelhança entre as pragas do Egipto e as sete últimas pragas estão no carácter. Isto indica que as pragas do Egipto não serão uma duplicação das sete últimas pragas e uma rápida verificação mostra que isto é verdade. Nas sete últimas pragas não haverá rãs, piolhos, moscas ou morte específica do primogénito, e no Egipto não houve terramoto, seca dos rios, ou abrasamento do homem com grande calor.

Mas, embora as últimas pragas não sejam uma repetição exacta dos flagelos egípcios, serão similares no carácter. A aquisição do carácter é o resultado de um processo de moldagem, de modo que, se as mesmas influências forem exercidas sobre materiais idênticos, o produto final será o mesmo. As devastações no Egipto possuíam o carácter que tinham por causa da situação que esteve na sua origem e pela forma como foram formadas. A continuada determinação do povo em expulsar Deus das suas vidas levou-os ao ponto em que Deus foi forçado a aceitar os seus desejos e deixá-los para colherem a sua colheita de dor e perda. Deus deixou de segurar a vara de modo que ela saíu da Sua direcção e controlo. Por isso, o carácter das pragas era que elas eram forças naturais possuídas pela fúria da destruição.

O mesmo carácter será manifestado nas sete últimas pragas porque elas serão o resultado exacto das mesmas condições. Como a nação do Egipto desligou toda a relação com Deus, também o povo de todo o mundo se separará de Deus, rejeitando todo o princípio de justiça e associação com Ele. Os últimos apelos de misericórdia sendo desprezados, Deus é deixado sem outra opção a não ser deixá-los sós. De novo, a natureza fora de controlo devastá-los-á até que ninguém reste.

A segunda antevisão das sete últimas pragas é dada na destruição de Jerusalém.

“A profecia do Salvador relativa aos juízos que deveriam cair sobre Jerusalém há de ter outro cumprimento, do qual aquela terrível desolação não foi senão tênue sombra. Na *sorte da cidade escolhida* podemos contemplar *a condenação de um mundo* que rejeitou a misericórdia de Deus e calçou a pés a Sua lei.” *O Grande Conflito*, 36.

Já foi estudado o que aconteceu com Jerusalém. O Espírito de Deus, persistentemente rejeitado e injuriado, por fim não teve escolha senão deixar o povo entregue a si mesmo. Sem nada a restringir as paixões ardentes dos judeus, rebelaram-se tão sediciosa e traiçoeiramente contra os romanos que instigaram o pior espírito de retaliação neles. Isto levou o grande poder de Roma a atacar a cidade de Jerusalém. Com a contínua resistência dos judeus e o prolongado ataque dos romanos, o espírito de todos intensificou-se tanto que nas cenas finais os poderes naquelas pessoas se descontrolaram. A chacina e atrocidades foram piores do que a linguagem humana possa descrever. Quando a cidade foi conquistada e não havia nada mais para matar, os romanos então sistematicamente despedaçaram a cidade pedra a pedra até que a destruição era virtualmente absoluta.

Nesse destino deve ser lida a condenação do mundo. Exactamente o que aconteceu a Jerusalém acontecerá a toda a Terra. Chegou o tempo em que os pecados do homem compelirão o Espírito de Deus a afastar-Se totalmente. Com nada para segurar os poderes mortíferos na natureza e no homem, a Terra será lançada num tempo de angústia como nunca houve. As sete últimas pragas em nenhum sentido serão a manipulação desses poderes pela mão de Deus. Pelo contrário, tal como no Egipto e em Jerusalém, Deus nem sequer estará lá. Tudo o que acontece será por causa da Sua ausência, não por causa da Sua presença. De novo a vara terá saído da mão de Moisés.

Estes testemunhos directos confirmarão a verdade dos princípios acima descritos e das conclusões tiradas deles.

“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Naquele tempo terrível os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. *Removeu-se a restrição* que estivera sobre os ímpios, e Satanás tem *domínio completo* sobre os que finalmente se encontram impenitentes. Terminou a longanimidade de Deus: O mundo rejeitou a Sua misericórdia, desprezou-Lhe o amor, pisando Sua lei. Os ímpios passaram os limites de seu tempo de graça; o Espírito de Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Desabrigados da graça divina, não têm protecção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às

soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade.” *O Grande Conflito*, 614.

“Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre as Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus, que fora ofendido. Enquanto Jesus permanecera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão [*restrição*]; quando, porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, *essa restrição foi removida*, e *Satanás* teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram. Era impossível serem derramadas as pragas enquanto Jesus oficiava no santuário; mas, terminando ali a Sua obra, e encerrando-se a Sua intercessão, *nada havia para deter a ira de Deus*, e ela irrompeu com fúria sobre a cabeça desabrigada do pecador culpado, que desdenhou a salvação e odiou a correção.” *Primeiros Escritos*, 280.

Este testemunho confirma a verdade que é pela remoção do poder de contenção de Deus que entrega os poderes dos homens e da natureza nas mãos de Satanás. Eles, então, explodem com fúria destruidora sobre as cabeças desprotegidas dos ímpios.

Deve ser assegurado que a expressão “nada havia para deter a ira de Deus” não é mal compreendida. Antes dos princípios a respeito do carácter de Deus serem compreendidos, isso significaria que Deus estava *pessoalmente* irado e, portanto, ansioso por ferir os ofensores, mas é restringido pela intercessão do Seu Filho até Jesus terminar a Sua obra no santuário.

Se esta interpretação estiver correcta, então Cristo e o Seu Pai estão a trabalhar em lados opostos. Deus anseia destruir o homem, enquanto Cristo está a resistir-Lhe. No entanto, é impossível acreditar nisto e, ao mesmo tempo, sustentar a grande e preciosa verdade de que Cristo e o Pai são um; que, longe de trabalharem um contra o outro, Eles estão totalmente unidos na tarefa de salvar o homem.

“... Deus estava *em Cristo* reconciliando consigo o mundo...” *2 Coríntios* 5:19.

Não poderia haver nada mais próximo do que a unidade do Pai e do Filho na obra da salvação. Deus não está à procura da destruição do pecador enquanto o Filho trabalha para atrasar o desencadeamento da ira do Pai. Eles estão a trabalhar juntos até o limite dos seus recursos para trazer os homens de volta à vida eterna, e somente quando os homens rejeitam totalmente essas medidas salvadoras, ambos deixam os rebeldes ao destino que escolheram.

Quando for verdadeiramente entendido que a ira de Deus não é um sentimento pessoal, mas a perversão e desorganização dos poderes dos homens e da natureza em forças furiosas e destruidoras apenas esperando a oportunidade de desabar numa onda de devastação, então não haverá problema em compreender a unidade do Pai e do Filho.

“Os homens chegaram a um ponto de insolência e desobediência, o que mostra que sua taça de iniquidade está quase cheia. Muitos quase ultrapassaram o limite da misericórdia. Em breve Deus mostrará que Ele é realmente o Deus vivo. Ele dirá aos anjos: 'Não combatam mais Satanás nos seus esforços para destruir. Deixai que se desenvolva a sua maldade sobre os filhos da desobediência; porque o cálice da iniquidade deles está cheio. Eles avançaram de um grau de iniquidade para outro, aumentando diariamente a sua transgressão. Não vou mais interferir para impedir que o destruidor faça a sua obra.’

“Este tempo está perante nós. O Espírito de Deus está a ser retirado da Terra. Quando o anjo da misericórdia dobrar as asas e partir, Satanás praticará as más acções que há muito tempo deseja praticar. Ventos e tempestades, guerra e derramamento de sangue — ele deleita-se nestas coisas e assim recolhe sua colheita. E tão completamente serão os homens enganados por ele, que declararão que essas calamidades são o resultado da profanação do primeiro dia da semana. Dos púlpitos das igrejas populares será ouvida a afirmação de que o mundo está a ser punido porque Domingo não é honrado como deveria ser. E não será necessário grande esforço de imaginação para os homens acreditarem nisto. Eles são guiados pelo inimigo e, portanto, chegam a conclusões que são inteiramente falsas.” *The Review and Herald*, 17 de Setembro de 1901.

“É Deus que protege as Suas criaturas, guardando-as do poder do destruidor. Mas o mundo cristão mostrou desdém pela lei de Jeová; e o Senhor fará exatamente o que declarou que faria: retirará Suas

bênçãos da Terra, removendo Seu cuidado protetor dos que se estão rebelando contra a Sua lei, e ensinando e forçando outros a fazerem o mesmo. Satanás exerce domínio sobre todos os que Deus não guarda especialmente. Ajudará e fará prosperar alguns, a fim de favorecer os seus próprios intuitos; trará calamidade sobre outros, e levará os homens a crer que é Deus que os aflige” *O Grande Conflito*, 589.

“Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam. Cada raio de luz rejeitado, cada advertência desprezada ou desatendida, cada paixão temporizada, cada transgressão da lei de Deus, é uma semente lançada, a qual produz infalível colheita. O Espírito de Deus, persistentemente resistido, é afinal retirado do pecador, e então poder algum permanece para dominar as más paixões da alma, e nenhuma proteção contra a maldade e inimizade de Satanás.” *O Grande Conflito*, 36.

Assim, o Senhor deixa bem claro como virão as sete últimas pragas. elas, com certeza, não virão pelo uso directo por Deus das forças do homem e da natureza. Pelo contrário, Deus fará um julgamento ou avaliação de que os ímpios resolveram completa e universalmente destituí-l’O dos seus corações, dos seus negócios e do mundo. A sua decisão sendo totalmente confirmada, não deixa escolha a Deus a não ser permitir que recebam tudo o que desejam. Portanto, Ele deixa-os, e Satanás rapidamente se apodera desses poderes, levando-os a níveis ainda maiores de frenesi e terror.

Os ímpios semearam a semente. A colheita é inevitável. Mas não é obra de Deus. É a obra dos homens contra eles próprios. Eles semearam a semente. Eles fazem a colheita.

Capítulo 37

O Brilho da Sua Vinda

“**E**ntão será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da Sua boca, e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda.” *2 Tessalonicenses 2:8*.

Esta Escritura tem sido geralmente entendida como retratando a imagem de Cristo descendo nos céus do advento, enquanto diante d’Ele precedem grandes lençóis de chamas devoradoras que se estendem para consumir todos os impenitentes que de alguma forma conseguiram sobreviver às pragas.

Tal interpretação desta Escritura, por mais óbvia que possa parecer, não está em harmonia com o carácter de Deus e de Cristo. Se o fogo que emana d’Ele mata os ímpios, então há uma directa obra destruidora associada à Sua presença e Pessoa. Portanto, Ele afinal seria um executor. Mas Ele não é, nem nunca será. Quando Ele veio pela primeira vez a esta Terra, declarou que não tinha vindo para destruir a vida dos homens, mas para salvá-los. O propósito do Seu advento não muda com a Sua segunda vinda. Mais uma vez, a Sua intenção é libertar o Seu povo de uma Terra que foi tão reduzida pelos desastres finais a ponto de ser incapaz de sustentar a vida por mais tempo. Certamente, Ele salvaria todas as pessoas alguma vez nascidas se isto fosse possível, mas tragicamente, tão poucos estão dispostos a aceitar a Sua graça salvadora. Ele não faz nada por eles. Ele não veio por eles. Eles retiraram-se do círculo da Sua responsabilidade e o seu destino é inteiramente uma questão da sua própria escolha.

Há testemunhos que explicam este texto e que estão em harmonia com este princípio.

“Então os que não obedecem ao evangelho serão consumidos pelo espírito de Sua boca, e serão destruídos com o resplendor de Sua vinda. Como o antigo Israel, os ímpios destroem-se a si mesmos; caem pela sua iniquidade. Em consequência de uma vida de pecados, colocaram-se tão fora de harmonia com Deus, sua natureza se tornou tão aviltada com o mal, que a manifestação da glória divina é para eles um fogo consumidor.” *O Grande Conflito*, 34.

Que este testemunho é uma explicação directa do versículo em estudo fica claro pelo facto de que primeiro o texto é citado e, em seguida, é feito um comentário a respeito dele. No testemunho é afirmado que os ímpios se destroem a si mesmos. Não é obra de Deus, mas deles próprios. Eles semearam a semente e terão de fazer a colheita.

Mais significativo é o paralelo traçado entre a forma como Israel pereceu e a destruição nos últimos dias. Assim como um pereceu, também o outro perecerá. Isto é para indicar que os israelitas foram igualmente destruídos com o brilho da Sua vinda. *Isso é verdade*, porque foi exactamente deste modo que eles chegaram ao seu fim. Pode ser imediatamente argumentado que Jesus não veio com glória resplandecente no Seu primeiro advento. Além disso, Ele estava muito longe, nos céus distantes quando os judeus encontraram o seu destino, por isso, não há evidência alguma visível de que foram consumidos pelo brilho da Sua glória. Essa interpretação depende da compreensão do que é o brilho da Sua glória e como os humanos são consumidos por ela. Definir essa expressão é a chave para resolver o problema.

O factor que acima de todos os outros trouxe os judeus a seu fim prematuro, foi a manifestação do brilho da glória do carácter de Deus em Cristo. Antes da vinda de Cristo, os judeus estavam em grave estado de apostasia, mas, mesmo assim, não estavam totalmente separados de Deus, pois não haviam dado os passos finais na rebelião. Mas à medida que a luz do glorioso carácter de Cristo brilhou

sobre eles, foram impelidos a resistir desesperadamente até serem levados ao extremo da apostasia. Deus não pretendia que esse fosse o resultado desta revelação, mas uma vez que eles decidiram rejeitá-l'O, tornou-se a única saída possível dessa decisão. Eles foram destruídos, e foi pelo brilho da Sua vinda.

A sequência então foi a seguinte:

- Os judeus estavam em estado de apostasia.
- Cristo mostrou-lhes o resplendor da glória da Sua vinda, a glória do Seu carácter.
- Eles rejeitaram essa influência e assim separaram-se da Sua protecção.
- A destruição de facto foi realizada pelas forças naturais que se desencadearam.

Essas duas forças são descritas nas Escrituras sagradas. Nelas podemos ler sobre a vinda de Cristo, sobre a reacção dos judeus e sobre a separação do Espírito de Deus deles.

Então, podemos ler sobre o trabalho destruidor realizado pela explosão da paixão humana fora da restrição divina.

Exactamente da mesma maneira, está registado o procedimento semelhante que leva à destruição dos ímpios na derrota final da humanidade.

- Estarão num estado de profunda apostasia.
- O brilho da Sua vinda ser-lhes-á revelado no alto clamor.
- A rejeição desta influência levá-los-á a separarem-se da protecção de Deus.
- A destruição que de facto lhes sobrevirá será realizada pelo desencadeamento das paixões selvagens dentro deles e pelas forças descontroladas da natureza.

Basicamente, então, é o brilho da Sua vinda que os destrói, mas não no sentido em que são destruídos por ele. Isso é deixado para as forças descontroladas do homem e da natureza, a destruição da qual o brilho da Sua vinda os teria salvo se eles se tivessem relacionado com ele correctamente.

Portanto, ao estudar a morte final dos ímpios, devem ser mantidos em mente estes dois factores.

O estudante deve entender com exactidão o que é realizado por cada um, mantendo sempre as distinções nítidas e claras.

As Escrituras sagradas não deixam de os mencionar. Quando a queda dos ímpios é descrita em *O Grande Conflito*, isso mostra que eles serão obliterados pela explosão furiosa das suas próprias paixões ferozes e pelo derramamento das sete últimas pragas. Segue-se imediatamente a declaração de que eles serão consumidos pelo espírito da Sua boca e destruídos pelo brilho da Sua vinda. Aqui está exactamente como aparece na página 657.

“Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, sucumbem os ímpios habitantes da Terra — sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, elevados e baixos. ‘E serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da Terra até à outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados.’ Jeremias 25:33.

“Por ocasião da vinda de Cristo os ímpios são eliminados da face de toda a Terra: consumidos pelo espírito de Sua boca, e destruídos pelo resplendor de Sua glória. Cristo leva o Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada de seus moradores.”

Pondo estes dois testemunhos lado a lado por esta ordem, expressa perfeitamente o destino dos impenitentes. O meio imediato e aparentemente óbvio da sua destruição será o terrível ataque do homem desvairado e da natureza. Mas a causa subjacente mais profunda não deve ser esquecida. Antes da vinda das calamidades físicas, o amor divino terá enviado a revelação do carácter de Cristo no esplendor da Sua vinda próxima. A rejeição daquelas provisões salvadoras colocá-los-á onde a destruição está livre para cair sobre eles.

Aqueles que não entendem isto, mas acreditam que a morte dos ímpios será directa e fisicamente realizada pelo fogo flamejante que emana da pessoa de Cristo, precisariam de ter a declaração escrita de forma diferente. Para eles, deve aparecer da seguinte forma:

“Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, sucumbe” *a maioria* “dos ímpios habitantes da Terra — sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, elevados e baixos. ‘E serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da Terra até à outra extremidade da Terra: não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados.’

“Por ocasião da vinda de Cristo” *o restante dos* “ímpios são eliminados da face de toda a Terra — consumidos pelo espírito da Sua boca, e destruídos pelo resplendor de Sua glória. Cristo leva o Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada dos seus moradores.”

A segunda versão fornece a teoria de que, quando Cristo aparecer, haverá um brilho tão intenso de poder flamejante que os ímpios que conseguirem sobreviver às sete últimas pragas e à guerra sangrenta e destruidora serão consumidos por ela. Se o testemunho fosse escrito desta forma, aqueles que acreditam nisto teriam uma prova incontestável da sua crença.

Mas não está escrito dessa forma. Em vez disso, temos a verdade declarada e depois repetida em palavras diferentes de como os ímpios perecerão. São declarações paralelas, cada uma dizendo a mesma coisa com palavras diferentes. Ser morto pelo brilho de Sua vinda é perecer sob as sete últimas pragas e as ferozes batalhas que travarão.

A partir dessa referência, é evidente que a morte daqueles que estão na Terra no segundo advento não é causada pelo fogo abrasador que emana de Cristo. As verdadeiras forças físicas que aniquilam a vida frágil serão os terríveis flagelos e as lutas entre eles.

Exactamente como os judeus que pereceram pelo instrumento físico dos exércitos romanos foram destruídos pelo brilho da Sua vinda, conforme já observado neste capítulo, assim as pragas virão sobre os ímpios da mesma maneira. O brilho da vinda de Cristo começa a brilhar muito antes de realmente aparecer nas nuvens do céu. À medida que a mensagem do alto clamor avança, o brilho daquela vinda brilha com intensidade crescente, pressionando os ouvintes em toda a extensão da Terra, a abandonar os seus caminhos e aceitar a perfeição da justiça de Deus.

Muito poucos responderão a este amor poderoso que atrai. O equilíbrio vai resistir-lhe com toda a determinação que puder reunir. Quanto mais efectivamente a verdade de Deus, que brilha com o esplendor da Sua vinda, for oferecida ao povo, mais rápida e profundamente eles entrarão em apostasia se não se renderem a ela. Isso separá-los-á de Deus a ponto de Ele ser forçado a deixá-los inteiramente. Então virá sobre eles a fúria total das sete últimas pragas pelas quais serão destruídos. Assim, eles são destruídos pelo espírito da Sua boca e pelo brilho da Sua vinda.

A apresentação do evangelho é o factor chave para terminar a obra. Se o povo do advento tivesse aceitado e pregado o evangelho em todo o seu poder, a obra teria sido concluída há cem anos atrás. Muito mais atrás ainda, também teria terminado se a igreja apostólica tivesse vivido fiel a toda a luz que recebeu. A única razão pela qual a Terra escapou da destruição por tanto tempo é porque não foi submetida ao espírito de Sua boca e ao brilho da Sua vinda. Quando finalmente acontecer, essas coisas irão salvá-la ou destruí-la.

Outra evidência para apoiar o facto de que não é o fogo emanado da Pessoa de Cristo que destrói os ímpios, é o confronto final em torno da cidade de Deus. Ali os ímpios chegam bem perto da presença de Cristo, que é tão poderoso então como quando vem pela segunda vez. Mas eles são capazes de marchar contra a cidade onde está a presença de Deus e de Cristo. Eles são capazes de permanecer ali através da revelação do mistério de Cristo, e é-lhes possível ver tudo o que Deus deseja que eles vejam, sem serem consumidos pelo fogo físico da presença de Deus e Seu Filho.

Como será mostrado no próximo capítulo, mesmo quando forem destruídos, não será pelo fogo que emana da Pessoa de Deus ou de Cristo.

Portanto, se o fogo ao redor de Cristo não os consome no final dos mil anos, por que deveria fazê-lo no início, a menos que Cristo pessoalmente decidisse que deveria? Se o fizesse, é claro que se tornaria um destruidor directo, o que, para Ele, é impossível.

Isso não significa que um ser humano pode entrar directamente no círculo de poder que cerca a Pessoa de Deus e sobreviver sem protecção especial. Quando os filhos embriagados de Aarão —

Nadabe e Abiú — entraram no santuário sem a protecção do incenso, entraram num círculo de poder que não podiam suportar. É como se um homem entrasse em contacto físico com um poderoso campo eléctrico sem roupas de protecção especiais. Ele morre. semelhantemente, se entrar no fogo, certamente morrerá.

Mas não será assim com os ímpios, nem no segundo advento, nem no final dos mil anos. Eles não estão dentro de um círculo de poder e, portanto, não são consumidos como foram Nabade e Abiú.

Capítulo 38

A Demonstração Final

Quando Cristo voltar, a Terra terá sido por seis mil anos o campo comprovador da validade, poder, indestrutibilidade, justiça e perfeita justiça dos princípios pelos quais o reino de Deus está construído. Durante o período de sessenta séculos, Satanás e as suas hostes terão feito todo o possível ataque na sua desesperada procura por aquela fraqueza ou falha necessária para fornecer a evidência provando que os caminhos de Deus não são perfeitos e precisam de ser reformados. Trabalharam para provocar Deus até ao ponto em que Ele se levantaria e varreria a raça humana da face da Terra. Têm-n’O sujeitoado ao maior teste que jamais podia ser imposto sobre Ele às suas mãos e estratégias.

Este não tem sido um teste fácil para Deus. Ele é um ser de infinito poder e amor. O testemunho da história humana mostra que quanto mais poder uma pessoa possui, maior é o perigo da sua corrupção. Muitos têm com sucesso suportado privação e pobreza, apenas para serem destruídos pela obtenção de riquezas e poder. Mais ainda, a intensa sensibilidade da natureza e percepções de Deus levam-n’O a ver o pecado com uma aversão e ódio tais que nenhum ser humano podia conhecer ou compreender. Em todo o período do grande conflito, Deus tem sofrido intensa angústia.

“Os que pensam no resultado de apressar o evangelho, ou impedi-lo, pensam isto em relação a si mesmos e ao mundo. Poucos o pensam em relação a Deus. Poucos tomam em consideração o sofrimento que o pecado causou a nosso Criador. Todo o Céu *sofreu* com a agonia de Cristo; mas esse sofrimento não começou nem terminou com Sua manifestação em humanidade. A cruz é uma revelação, aos nossos sentidos embotados, da *dor* que o pecado, desde o seu início, *acarretou ao coração de Deus*. Cada desvio do que é justo, cada acção de crueldade, cada fracasso da natureza humana para atingir o seu ideal, *traz-Lhe pesar*. Quando sobrevieram a Israel as calamidades que eram o resultado certo da separação de Deus — subjugação por seus inimigos, crueldade e morte — refere-se que ‘se angustiou a Sua alma por causa da desgraça de Israel.’ ‘Em toda a angústia deles foi Ele angustiado... e os tomou, e os conduziu todos os dias da antiguidade.’ (Juízes 10:16; Isaías 63:9.).

“Seu Espírito ‘intercede por nós com gemidos inexprimíveis.’ Enquanto ‘toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora’ (Romanos 8:26 e 22), o coração do Pai infinito *condói-se*, em simpatia. Nosso mundo é um vasto hospital, ou seja, um cenário de miséria em que não ousamos permitir mesmo que os nossos pensamentos se demorem. Compreendêsemos nós o que ele é na realidade, e o peso que sobre nós sentiríamos seria terribilíssimo. No entanto, Deus o *sente* todo.” *Educação*, 263, 264.

“Cristo sente as misérias de todo o sofredor. Quando os espíritos maus arruinam o organismo humano, Cristo *sente* essa ruína. Quando a febre consome a corrente vital, Ele *sente* a agonia.” *O Desejado de Todas as Nações*, 787.

“Jesus garante a Seus discípulos a simpatia de Deus para com eles em suas necessidades e fraquezas. Nenhum suspiro se desprende, nenhuma dor é sentida, desgosto algum magoa a alma, sem que sua vibração se faça sentir no coração do Pai..., Em todas as nossas aflições, é Ele afligido também.” {DTN 248}, *O Desejado de Todas as Nações*, 356.

A profundidade do contínuo sofrimento de Deus precisa de ser melhor apreciada e compreendida. Tem havido a tendência para pensar que Jesus veio à Terra, sofreu com intensidade crescente por

trinta e três anos, e depois voltou para a felicidade perfeita e sem qualquer dor no Céu. Isto é tudo menos verdade. O Pai e o Filho têm sofrido com tal profundidade cuja medida nós não temos nem o conhecimento nem a experiência.

Esta dor pessoal é muito desagradável para Deus que deseja acabar com todo o sofrimento mais do que qualquer de nós já desejou. Ele tem o poder para acabar com isso num instante simplesmente fazendo-o desaparecer. Contudo, Ele não cede à pressão dos Seus próprios sentimentos e desejos. Ele está preparado para sofrer a fim de manter os princípios do Seu governo pelos quais pode assegurar eterna felicidade e segurança a todo o Universo. Se pudessemos entrar na completa extensão dos sofrimentos de Deus, e, ao mesmo tempo, possuir o poder que Ele tem, então entenderíamos algo da pressão exercida sobre Ele em todo o grande conflito.

Se Deus, em todo esse tempo, tivesse feito o mais leve movimento para Se salvar a Si mesmo do sofrimento removendo a causa da Sua angústia; se Ele tivesse, nem que fosse por um pensamento, feito uma concessão aos argumentos do diabo; se Ele tivesse, ainda que fosse por um fio de cabelo tirado ao homem a sua liberdade de escolher e agir como escolhesse; se tivesse tirado a vida a alguém a fim de diminuir o sofrimento causado pelo pecado; então Satanás teria conseguido a evidência que precisa para mostrar que os seus argumentos afinal eram válidos.

Mas, durante todas essas eras de trevas e morte, de tentação e sofrimento, Deus nunca se desviou dos princípios provados e perfeitos do Seu reino e governo. Ele nunca violou a liberdade dada a qualquer indivíduo, nunca tirou a vida a uma pessoa, nunca destruiu e nunca no mínimo grau, transgrediu a lei. Ele tem sido rigorosamente imparcial e justo. Ele tem sido o Salvador, trabalhando sempre e só para abençoar, curar e restaurar. Satanás nunca ganhou um ponto sobre o Senhor na batalha. De tudo isto Deus emerge intocado pelo pecado como se ele nunca tivesse entrado no Universo. Deus é puro.

Por isto, todas as almas redimidas estarão eternamente gratas especialmente quando se tornarem totalmente conhecedoras das maravilhosas certezas do comportamento de Deus.

Porém, enquanto Deus tem sido imaculadamente perfeito em todas as Suas actividades, Ele nunca foi visto como tal. Aos olhos do homem, Satanás vestiu o puro e santo Deus com as suas próprias vestes malignas. Milhões, acrescidos de mais milhões foram para as suas sepulturas com uma visão decididamente oposta da verdadeira natureza da justiça e do Deus da justiça. O grande conflito não pode ser finalizado até que cada uma dessas mentes veja a verdadeira natureza do nosso Pai celestial e confesse a Sua perfeita justiça e equidade.

Deus não está preocupado em limpar o Seu nome no Seu próprio interesse pessoal. Ele não é orgulhoso. Ele não toma ofensa pessoal. Mas compreende que o Seu carácter e os princípios de justiça são um e o mesmo. Portanto, a justificação de um assegura e estabelece o outro. Ele sabe ainda que a felicidade eterna e segurança do Universo *depende da confirmação* desses princípios. Visto como o Seu eterno e infinito amor por todos os Seus filhos não Lhe permitirá menos do que a melhor perfeição para eles, Ele está determinado a não permitir a derradeira profanação da justiça. Ele estabelecerá-a eternamente.

Por causa disto, todas as pessoas que jamais viveram deverão ser reunidas para a demonstração final no grande conflito. Cada princípio sobre o qual o reino de Deus está construído e a operar deve ser revelado em contraste penetrantemente definido com os princípios do governo de Satanás.

Conclui-se, então, que se era importante Deus nunca violar as leis do Seu governo durante os seis mil anos de controvérsia activa, então é de acrescida importância que Ele as respeite rigorosamente na demonstração final à volta da cidade depois dos seis mil anos expirarem.

Alguns estão prontos a crer que, durante os seis milénios do grande conflito, Deus terá privado as Suas justas mãos de matar alguém ou destruir qualquer coisa. Mas eles não estão preparados para ir tão longe ao ponto de acreditar que Ele continuará este procedimento na demonstração final. Então, acreditam que Deus se levantará para pessoalmente exterminar os obstinados não arrependidos. O raciocínio deles tem a base seguinte:

Durante os seis mil anos Ele *conteve-Se* a fim de dar aos ímpios oportunidade para exhibir perante o Universo toda a sua desobediência e ingratidão. Quando os habitantes de outros sistemas virem a completa perversidade da raça humana, Deus estará livre para os destruir sem ser olhado como cruel e injusto. Ainda mais, eles ficarão tão exasperados com este comportamento desprezível que esperarão e mesmo requererão que Deus os destrua. Esta é a posição mantida por alguns.

Este raciocínio, se verdadeiro, faz de Deus um político cujas políticas são determinadas pela opinião pública. Isto é desacreditar Deus. *Reduzi-l'O* ao nível dos homens *intriguistas* que estudam o temperamento dos outros humanos e depois planeiam de acordo com isso os seus procedimentos e políticas.

Mas Deus não é assim. Ele é motivado pela justiça, não pelos sentimentos das Suas criaturas. Antes do grande conflito começar, durante a sua duração e na sua resolução final, Deus agiu e agirá com invariável consistência.

O motivo da disposição de Deus para entrar no grande conflito com o diabo, era demonstrar que os princípios do Seu governo eram perfeitos e que, não importava quanta pressão fosse exercida, Ele agiria somente de acordo com eles. Consequentemente, não importa quão ímpios os homens tenham sido no passado, quão extensamente os seus caminhos destrutivos desolaram a Terra, ou quão violenta a sua insolência contra o Céu, Deus não levantou um dedo para os destruir. Eles têm perecido devido ao fruto da sua própria semente maligna.

Acreditar que Deus nunca destruiu durante o curso da grande rebelião, mas acaba fazendo isso no final, é contraditório. Isso significaria que Deus, que passou sete mil anos demonstrando que não é um executor da sentença contra a transgressão, desfaria tudo pelo que Ele se esforçou por estabelecer, tornando-Se um executor neste julgamento final. Que tragédia seria! Durante a longa deserção, Satanás e as suas hostes trabalharam com determinação incessante para provocar Deus a levantar a Sua mão justa a fim de destruir os rebeldes, mas Ele passou em todos os testes com êxito. No último confronto, Ele tem a última oportunidade de confirmar que não é um carrasco, que deu a todos a liberdade de escolher o que quisessem e que não interferirá nessa escolha. Portanto, fazer a menor concessão, depois de demonstrar tão perfeitamente o contrário nos milénios anteriores, anularia tudo o que fora alcançado. Seria como se um homem passasse a vida inteira a construir um edifício esplêndido e depois o incendiasse até ele cair no solo. É certo que não é isso que Deus fará. Não há possibilidade de Ele ter resistido fielmente a toda a pressão de provocação por tanto tempo, para depois ceder a ela no final. A erradicação final dos ímpios acontecerá exactamente como nas destruições menores ocorridas na história humana. Como Jerusalém foi derrubada pelos próprios judeus, como Sodoma e Gomorra pereceram como uma colheita da sua própria semente, quando o dilúvio veio, não porque Deus o enviou, mas porque Ele não poderia evitá-lo sem violar os Seus princípios justos, então o fim final virá. Não será porque Deus o enviou, mas porque Ele não pode evitá-lo sem tirar a liberdade das pessoas de escolherem o que desejam.

Estes princípios são mal compreendidos pelos habitantes da Terra, muitos dos quais foram para os seus leitos de pó com entendimentos distorcidos sobre o carácter de Deus. Isso não é culpa de Deus, pois Ele proveu na natureza, na Sua Palavra e na revelação dada por Cristo, tudo o que é necessário para a compreensão dos Seus princípios justos. Portanto, no Seu grande amor e misericórdia, Ele ressuscitará de forma especial todos os seres humanos para que mais uma vez, possam ver as obras de Deus e a rejeição que eles mesmos fizeram delas. Desta vez, não terão argumentos para contestar o testemunho de Deus. Todas as pessoas, desde Satanás, reconhecerão que Deus foi justo e que a perda das suas próprias almas é obra deles mesmos.

Depois de mil anos após os quais não haverá uma única alma sobre a Terra à parte do diabo e seus anjos maus, os ímpios de toda a geração levantar-se-ão para esta demonstração final. Eles vêm retomando “o fio dos seus pensamentos exactamente onde ele cessou. São movidos pelo mesmo desejo de vencer, que os governava quando tombaram.” *O Grande Conflito*, 664.

Satanás agita-se imediatamente e arregimenta as poderosas hostes no exército mais prodigioso e portentoso que já existiu. Será uma visão impressionante enquanto exercitam e treinam dia após dia.

Quanto tempo será necessário para essa preparação gigantesca, não sabemos. De acordo com o princípio de liberdade que o Senhor concede a todos, eles terão o tempo que desejarem. Satanás sabe disso e, embora esteja ansioso para ver a luta terminada, ao mesmo tempo sabe que será uma luta titânica. Portanto, ele determinará que os *preparativos* sejam os mais completos possíveis.

Eles não tencionam avançar para a tão esperada conquista da cidade de mãos vazias. “Hábeis artífices constroem petrechos de guerra.” *O Grande Conflito*, 664. Quão sofisticadas serão essas armas não nos é dito. É possível que sejam tão tecnicamente evoluídas quanto os cientistas possam imaginar. Os cientistas atômicos estarão lá lembrando tudo o que aprenderam enquanto viviam sobre na Terra. Pensarão em termos de conduzir uma guerra nuclear contra a cidade para que, se for possível contruir tais instrumentos de destruição, quanto eles consigam. As hostes ao avançarem transportam consigo esses armamentos ao avançarem para os muros brancos como a neve.

Porém, nenhuma batalha acontece. Tem sido sugerido que a batalha do Armagedão começa antes da vinda de Cristo e termina ao redor da cidade de Jerusalém. Um pensamento mais cuidadoso mostrará que no final não há batalha. A luta entre Deus e o Seu povo de um lado e Satanás e o seu do outro, finalizará antes da vinda de Cristo pela segunda vez no fim dos mil anos, Deus terá sob o Seu comando as revelações dos princípios de justiça incorporados no Seu carácter que foi provido primeiramente pela vida e ensinamentos de Cristo sobre a Terra e em segundo lugar pelo testemunho dos santos trasladados, como foi dado durante o tempo da angústia de Jacó.

Este testemunho será revelado perante as multidões que terão sido detidas no seu avanço. À medida que a cena após a cena passa diante deles, verá o grande conflito na sua luz verdadeira. Compreenderão precisamente a posição de Deus. Verão a verdadeira natureza da rebelião de Satanás contra Ele. Reconhecerão que a Sua lei lhes foi dada como um preservador da vida deles; que não guardar os preceitos divinos não lhes trouxe alívio de uma árdua escravidão, mas abriu as comportas de um dilúvio de dores sobre eles. Compreenderão finalmente que todo o sofrimento e angústia que experimentaram foi o resultado do seu próprio curso de acção. Saberão que abusaram do dom da liberdade para sua própria miserável dor. Ver o *O Grande Conflito*, 666-668.

Eles verão as coisas como nunca as viram antes e como o diabo determinou que nunca as vissem. Assim que o viram, toda a intenção de continuar a rebelião contra Deus termina. O assunto foi descrito nas páginas 27, 28 (Capítulo 3), quando começa uma apresentação errada do carácter de Deus, aí também começa a rebelião contra Deus. Portanto, quando o carácter de Deus é totalmente revelado por aquilo que é, a rebelião contra Deus chega ao fim.

É exactamente por isto que não há guerra entre os ímpios e Deus na Nova Jerusalém. No início do grande conflito, Deus não tinha uma manifestação tão clara do Seu carácter que resolvesse o problema nesse momento. Mas no final dos mil anos, Ele *terá* essas revelações, que usará, não apenas para garantir que não haja guerra, mas para trazer a todas as pessoas, até ao próprio Satanás, a confissão franca e aberta de que *eles* sustentaram conceitos errados acerca de Deus, de modo que *eles* foram responsáveis por rejeitar a Sua salvação e que a sua condenação é merecida.

A ilustração é muito clara. Os ímpios vêem as coisas exactamente como elas são e em vez de se precipitarem para atacar a cidade, caem “prostram-se” e “adoram o Príncipe da vida.” *O Grande Conflito*, 669.

Satanás também vê isto tudo. A sua mente viaja e revê toda a sua vida. Vê de novo aqueles dias em que era o querubim cobridor. Recorda os primeiros pensamentos de dúvida e depois a rebelião aberta. Ele passa em revista os longos séculos passados, comparando a terna paciência e o poder perdoador do Eterno em contraste com o seu espírito mau e destruidor.

“Satanás vê que sua rebelião voluntária o inabilitou para o Céu. Adestrou suas faculdades para guerrear contra Deus; a pureza, paz e harmonia no Céu ser-lhe-iam suprema tortura. Suas acusações contra a misericórdia e justiça de Deus silenciaram agora. A exprobração que se esforçou por lançar sobre Jeová repousa inteiramente sobre ele. E agora Satanás se curva e confessa a justiça de sua sentença.” *O Grande Conflito*, 667.

Chegou o grande momento. Não há um único ser inteligente no Universo cuja mente tenha a mais leve questão remanescente quanto à perfeita justiça do carácter de Deus. Mesmo o próprio rebelde se curvou ao conhecimento da verdade dos caminhos de Deus e à falsidade de todos os outros sistemas.

“‘Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és santo; por isso todas as nações virão, e se prostrarão diante de Ti, porque os Teus juízos são manifestos.’ Apocalipse 15:4. Todas as questões sobre a verdade e o erro no prolongado conflito foram agora esclarecidas. Os resultados da rebelião, os frutos de se porem de parte os estatutos divinos, foram patenteados à vista de todos os seres criados. O resultado do governo de Satanás em contraste com o de Deus, foram apresentados a todo o universo. As próprias obras de Satanás o condenaram. A sabedoria de Deus, Sua justiça e bondade, acham-se plenamente reivindicadas. Vê-se que toda a Sua acção no grande conflito foi orientada com respeito ao bem eterno de Seu povo, e ao bem de todos os mundos que criou. ‘Todas as Tuas obras Te louvarão, ó Senhor, e os Teus santos Te bendirão.’ Salmo 145:10. A história do pecado permanecerá por toda a eternidade como testemunha de que à existência da lei de Deus se acha ligada a felicidade de todos os seres por Ele criados. À vista de todos os factos do grande conflito, o universo inteiro, tanto os que são fiéis como os rebeldes, de comum acordo declara: ‘Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.’” *O Grande Conflito*, 670, 671.

Uma vez que Satanás e os seus seguidores foram levados ao reconhecimento da justiça e equidade de Deus, está preparado o palco para o acto final do drama — a purificação real da Terra e do céu da mancha do pecado.

Isto será realizado pelo fogo. A Escritura diz: “... desceu fogo do céu, e os devorou.

“E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre...

“E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo; esta é a segunda morte.

“E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.” *Apocalipse* 20:9, 10, 14, 15.

“‘Toda a armadura daqueles que pelejam com ruído, e os vestidos que rolavam no sangue serão queimados, servirão de pasto ao fogo.’ ‘A indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o Seu furor sobre todo o exército delas: ele as destruiu totalmente, entregou-as à matança.’ ‘Sobre os ímpios fará chover laços, fogo, enxofre, e vento tempestuoso: eis a porção do seu copo.’ Isaías 9:5; 34:2; Salmo 11:6. De Deus desce fogo do céu. A terra se fende. São retiradas as armas escondidas em suas profundezas. As chamas devoradoras irrompem de cada abismo hiante. As próprias rochas estão ardendo. Vindo é o dia que arderá como um forno. Os elementos fundem-se pelo vivo calor, e também a Terra e as obras que nela há são queimadas. [Malaquias 4:1; 2 Pedro 3:10.] A superfície da Terra parece uma massa fundida — um vasto e fervente lago de fogo. É o tempo do juízo e perdição dos homens maus — ‘dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela luta de Sião.’ Isaías 34:8.

“Os ímpios recebem sua recompensa na Terra. Provérbios 11.31. ‘Serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos exércitos.’ Malaquias 4:1. Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muito dias. Todos são punidos segundo as suas acções. Tendo sido os pecados dos justos transferidos para Satanás, tem ele de sofrer não somente pela sua própria rebelião, mas por todos os pecados que fez o povo de Deus cometer. Seu castigo deve ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois de perecerem os que pelos seus enganamentos caíram, deve ele ainda viver e sofrer. Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos — Satanás a raiz, seus seguidores os ramos. A penalidade completa da lei foi aplicada; satisfeitas as exigências da justiça, e o Céu e a Terra, contemplando-o, declaram a justiça de Jeová.” *O Grande Conflito*, 672, 673.

Estes textos e testemunhos são familiares aos estudantes ds Bíblia. Invariavelmente têm dado a ilustração de Deus derramando pessoalmente fogo sobre os ímpios e assim levando-os ao seu derradeiro fim. Isto não é problema para a pessoa comum pois ela considera que Deus tem o perfeito direito de destruir aqueles que se têm rebelado contra Ele. Ainda mais, não conhece outro modo pelo

qual o problema possa ser resolvido. O criminoso tem que ser executado ou continuará a causar problemas para sempre. É claro que este é o pensamento do homem, mas não é o pensamento, nem os caminhos de Deus.

Não há diferença na linguagem usada em *Apocalipse* ou em *O Grande Conflito* da usada nas outras partes da Escritura descrevendo o derramamento de terríveis juízos.

“Então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra.” *Gênesis* 19:24.

“Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egito os Meus sinais e as Minhas maravilhas.” *Êxodo* 7:3.

“Então o Senhor mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; e morreu muito povo de Israel.” *Números* 21:6.

“E o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e o assombrava um espírito mau da parte do Senhor.” *1 Samuel* 16:14.

“E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.” *Mateus* 22:7.

Já considerámos cada um destes testemunhos do Senhor. Foi demonstrado que deve haver uma definição diferente dos termos e expressões usadas para descrever o comportamento do homem. Há problemas na compreensão destas expressões em relação ao carácter de Deus quando não é feita distinção entre os caminhos do homem e os caminhos de Deus.

Os estudos anteriores destes versículos confirmam a verdade que quando Deus derrama fogo, envia serpentes, ou outras coisas, não é algo administrado pelas Suas mãos como resposta ao Seu decreto pessoal. Pelo contrário, isso acontecia apenas quando Ele era obrigado a afastar-Se da cena deixando assim a questão nas mãos dos homens e do diabo. Então, estando fora do Seu controlo, a vara do poder *descia* com poder impiedoso sobre as cabeças indefesas dos obstinados.

Não há razão para *supôr* que estes versículos em *Apocalipse* devam ser compreendidos de modo diferente. O que estas expressões significam em todo o resto da Escritura deve também significar o mesmo no fim delas. Portanto, no fim, Deus não decreta que os ímpios devam morrer pelo fogo e depois começa a tratar de executar este decreto exercendo pessoalmente o Seu poder. Deus não decreta qual a punição a cair sobre o que comete o pecado. Ele *prevê* o que acontecerá e *prediz*, mas não decide nem organiza que seja desse modo.

À luz de todas as verdades aprendidas até agora neste estudo, consideremos a sequência de acontecimentos no drama de destruição fora da cidade. Quando os ímpios se levantam no fim do milénio, apenas lhes é possível viver em segurança sobre a Terra com a mão de Deus a segurar firmemente a vara do poder. Todas as poderosas forças da natureza são assim mantidas em contenção a fim de dar aos perdidos a oportunidade de verem a verdadeira natureza do grande conflito. Assim, não há erupção de fogo e enxofre durante o tempo em que eles fazem a sua preparação e avançam sobre a cidade.

Mas quando as revelações do mistério de Deus forem completadas e, simultaneamente, tiverem sido mostradas de forma convincente onde os apelos de Deus foram rejeitados, chegou a hora da decisão final. Cada um destes indivíduos tomou, durante a sua vida, uma decisão irrevogável de rejeitar a salvação preferindo o reino de Satanás. Deus sabe que uma vez chegados a este ponto, os ímpios nunca mudarão não importa quantas oportunidades lhes sejam dadas. É por esta razão que Jesus solenemente entoou quando deixa o santuário, “quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.” *Apocalipse* 22:11.

Esta é a declaração de Jesus Cristo ao avaliar a condição dos ímpios. Não se deve supor que Cristo diz isto porque Ele e o Pai decidiram que a provação não pode mais continuar, e por esta razão aqueles que não aproveitaram a salvação durante o tempo limite designado, estão perdidos para sempre. É por isto, não importa quais as revelações que lhes possam ser feitas ou oportunidades dadas, a sua decisão é final.

Mas uma coisa é isto ser assim e Cristo dizer que *é assim*. Outra coisa é os crentes vê-lo. Quantas vezes nesta vida, olhamos para uma pessoa que aparenta ser tão sincera e honesta, mas que não faz um movimento evidente em direcção à mensagem. Sentimos que se esta pessoa tivesse tido a oportunidade de ver isso, ele ou ela teria vindo a Cristo. É difícil aceitar a ideia de que quando esta pessoa vai para a sepultura, permaneça injusta para sempre.

A declaração feita por Cristo será *vindicada* pela demonstração da sua veracidade no fim do milénio. Aqueles que pensámos que foram para a sepultura sem a oportunidade necessária para verem a luz, ser-lhes-á proporcionada a mais clara, compreensiva e maravilhosa revelação da verdade. Isso convencê-los-á, mas não os converterá. A rejeição dessa luz que lhes foi concedida nesta vida, tê-los-á endurecido para além de qualquer possibilidade de mudança.

A convicção deles de que Deus afinal está certo, será *manifestada* pelo facto de se ajoelharem perante Ele dizendo-o, mas não pedem o Seu perdão nem pedem para serem aceites no Seu reino. Tudo isso, é estranho e detestável para eles. Continuam a querer viver, mas nos seus termos. Sabendo que isto não pode ser e que, de acordo com isto, devem ser para sempre privados de qualquer vida, levantam-se num agitado desapontamento e fúria voltando-se contra aquele que lhes roubou tudo.

Com efeito, no ponto culminante da revelação do evangelho para eles, Deus lhes pedirá para confirmar as suas intenções. Até agora, eles reiteraram o seu desejo de viver sem Deus. Chegará o tempo em que devem confirmar ou negar o plano de continuarem esse caminho. Se lhes fosse possível renunciar a todo o desejo de se separar de Deus, então Deus os salvaria porque “a Sua misericórdia dura para sempre.” *Salmos* 106:1.

Mas, nenhuma pessoa será salva nesta altura, pois não mostrarão qualquer disposição para mudar. A declaração de Cristo provará ser correcta. Enquanto Deus aguarda pela resposta deles, confirmarão nos termos mais categóricos que não querem ter nada com Ele, mas escolhem ser deixados inteiramente ao seu próprio caminho. Querem o mundo e a vida nos seus próprios termos.

O que pode Deus fazer sob estas circunstâncias?

Ele deixou bem claro que eles têm total liberdade para escolher o que desejam. Se preferirem ir sozinhos sem Ele, então é isso que terão. Quando Israel quis o seu rei, Ele deu-lhes um; quando queriam carne, Ele deixava-os tê-la; e sempre que os homens queriam isto ou aquilo, o Senhor nunca se interpôs no seu caminho, não importando os terríveis resultados que pudessem seguir à sua louca escolha.

No final do milénio Ele não pode mudar. Portanto, quando eles decidirem seguir o seu próprio caminho, Ele simplesmente lhes dirá: “Então Eu respeito a vossa escolha e vos liberto completamente da Minha presença e controlo. Toda a Terra e os grandes poderes que a rodeiam estão agora nas vossas mãos. A vara do poder está fora da Minha mão e do Meu controlo.”

Será como no dilúvio, Sodoma e Gomorra, nas pragas do Egipto e na queda de Jerusalém. Deus em cada caso, aceitou a escolha deles e lhes entregou o controlo. Assim será no fim. Aos ímpios será dada a posse completa da Terra e todos os poderes a ela ligados, mas eles serão incapazes de controlar a explosão frenética da ira humana, satânica e natural que vem crescendo em intensidade desde que o primeiro pecado foi cometido.

As primeiras manifestações disso serão quando o povo se voltar contra o próprio Satanás. Eles vêem nele a causa de todos os seus problemas. As armas destinadas a atacar a cidade serão direccionadas contra ele e ele empregará todas as manobras evasivas concebíveis para as evitar. Em seguida começarão os incêndios. Exactamente como, não nos foi dito. Uma coisa é certa. Os homens nunca vão para a guerra sem gerar fogo, especialmente quando se trata de uma guerra nuclear. Assim, quando eles arremessarem as suas armas atómicas e cósmicas contra o diabo, certamente iniciarão uma poderosa conflagração.

Como no dilúvio de água, quando as fontes da Terra foram rompidas em cima de forma *que a* água jorrou de debaixo da superfície, assim as reservas de petróleo e carvão ainda escondidas dos homens no interior da Terra explodirão em torrentes flamejantes à superfície.

“Aqueles árvores majestosas que Deus fez crescer sobre a Terra, para o benefício dos habitantes do velho mundo, e que eles usaram para transformar em ídolos e com os quais se corromperam, Deus *guardou* na Terra, em a forma de carvão e petróleo para usar como instrumentos na sua destruição final. Assim como Ele chamou as águas da Terra no tempo do dilúvio, como armas do Seu arsenal para realizar a destruição da raça antediluviana, assim, no final dos mil anos, Ele chamará os fogos da Terra como Seus instrumentos que reservou para a destruição final, não apenas das gerações sucessivas desde o dilúvio, mas da raça antediluviana que pereceu com o dilúvio.” *Spiritual Gifts* 3:87.

No dilúvio original, a água também vinha de cima. Semelhantemente, é de esperar que chova fogo dos céus. A grande fonte disto seria o Sol, pois pelo nosso estudo dos princípios, sabemos que ele não vem de Deus pessoalmente. Quando a presença de Deus foi retirada da Terra nos dias de Noé, o Sol e a Lua foram afectados. Portanto, quando a presença de Deus for da mesma forma retirada outra vez no final do milénio, o Sol será novamente afectado. Nas suas fases finais de perda de intensidade resultante dos efeitos do pecado nesta Terra, ele poderia irromper em grandes explosões, projectando correntes de fogo para o sistema solar e para a Terra. Se for assim, o fogo de cima misturar-se-á com o fogo de baixo, exactamente como as águas fizeram quando a Terra foi inundada. A Terra inteira será envolvida num mar de chamas no qual a Cidade Santa flutuará como fez a arca. Dentro dela, os resgatados estarão seguros e protegidos até que a destruição seja concluída.

Nesta aniquilação final os ímpios não perecerão todos ao mesmo tempo. Haverá uma relação directa entre a extensão dos pecados individuais e o tempo de duração do sofrimento.

“Vi que alguns foram destruídos rapidamente, enquanto outros sofreram mais tempo. Foram castigados segunda as acções feitas no corpo. Alguns ficaram muitos dias a consumir-se e, precisamente enquanto houvesse uma parte deles a ser consumida, permaneceu toda a sensação do sofrimento. Disse o anjo: ‘O verme da vida não morrerá; seu fogo não se apagará enquanto houver a mínima partícula para ele devorar.’

“Satanás e seus anjos sofreram muito tempo. Satanás não somente arrostou o peso e castigo de seus próprios pecados, mas também dos pecados da hoste dos remidos, os quais foram colocados sobre ele; e também deve sofrer pela ruína de almas, por ele causada. Vi então que Satanás e toda a hoste ímpia foram consumidos, e foi satisfeita a justiça de Deus; e todo o exército dos anjos e os santos remidos todos, com grande voz, disseram; ‘Amém!’” *Primeiros Escritos*, 294, 295.

Surge imediatamente a questão de como podem os ímpios sofrer exactamente de acordo com aquilo que merecem se não houvesse alguém a calcular a medida das suas punições individuais e assim controlasse os acontecimentos de maneira que eles fossem mantidos vivos até que toda a punição estivesse completada com exactidão. Aparentemente isto pareceria impossível. Portanto, considera-se que Deus, sendo o único com o poder tanto para estimar o castigo merecido ou controlar a sua administração, deve certamente ser aquele que executa os pecadores no fim.

Quem entende e aceita os princípios estabelecidos até agora reconhecerá que tem de haver outra resposta. Talvez ela ainda não tenha sido revelada. Isto não nos leva à conclusão de que, na falta da verdadeira resposta, tenhamos que aceitar outra. Uma coisa deve ficar bem clara. É que Deus não executa o pecador, agora, no passado, ou em qualquer momento. É o pecado que faz isso.

Para compreender como o pecado pode fazer isto e seleccionar a punição maior para uns do que para outros, requer conhecimento de leis que estão ainda para além do nosso alcance. Contudo, uma coisa devemos saber, quanto mais pecadora uma pessoa é, mais desesperadamente ela luta para viver em face da morte. O verdadeiro filho de Deus não luta contra o que vem fazer ceifa. Ele sabe que chegou o seu tempo e que a sua vida está a salvo nas mãos de Deus. Mas não é assim com o rebelde contra as leis e governo de Deus. Ele resiste com todo o poder da sua alma e é capaz de prolongar a sua vida para além do seu tempo natural.

Ninguém foi tão grande pecador quanto Satanás, e ninguém lutará à incursão da morte com maior determinação do que ele. Por isso, ele prolongará a sua vida muito além do ponto em que teria

morrido se se resignasse ao seu destino. Ao fazê-lo *prolongará* os seus sofrimentos até que tenha sofrido por todos os pecados que cometeu e que fez com que os outros cometessem.

Por fim tudo terminará e o “... fogo que tinha consumido os ímpios”, queimará “o resíduo” e purificará “a Terra”. *Primeiros Escritos*, 295.

A experiência da morte finalizará e será demonstrado eternamente que em tudo, Deus nunca mudou. Quando o pecado entrou, mudou os anjos, os homens, os animais, as operações da natureza, *mas não mudou Deus*. Nada foi introduzido nos Seus caminhos depois da vinda do pecado que não houvesse antes. Ele nunca destruiu antes da entrada do pecado, nunca executou e nunca usou a força. A entrada do pecado não fez com que Ele fizesse alguma destas coisas a fim de resolver os problemas que o pecado Lhe impôs.

Satanás e os anjos maus fizeram o que puderam para Lhe provocar a ira e levantar-Se para varrer da Terra os habitantes rebeldes, mas Ele não se sentiu provocado, zangado, insultado ou atingido. Ele ultrapassou todo o miserável teste tão puro como quando entrou nele. Satanás não foi capaz de provar um único ponto contra Ele e está demonstrado que o caminho da cruz — o poder do abnegado amor, que serve não importa qual o custo ao servidor — é mais forte do que todos os caminhos das forças combinadas.

Capítulo 39

Em Conclusão

Este livro não é a última palavra acerca do carácter de Deus. Nenhum livro escrito jamais podia ser, nem nesta vida nem na era imortal, pois o conhecimento de Deus, que é vida eterna, será desenvolvido sem descanso por toda a eternidade, Deus é infinito. Não há orla, limite nem ponto em que possa ser dito que não há mais. Deus não tem princípio nem fim, não apenas no tempo, mas também no espaço.

Os remidos passarão a eternidade vindoura estudando as maravilhosas profundezas, limites, e alturas do carácter do Infinito. As energias mental, física e espiritual e capacidade de serviço deste povo ultrapassará de longe as capacidades dos limitados estudantes terrestres, pelo menos vinte vezes. Na criação original, Adão e a sua esposa possuíam vinte vezes a energia eléctrica que nós temos hoje.

“Deus dotou o homem com tão grande força vital que ele suportou a acumulação de doença trazida sobre a raça em consequência dos hábitos prevertidos, e que continuou por seis mil anos. Este facto por si só é suficiente para nos evidenciar a força e energia eléctrica que Deus deu ao homem na sua criação. Levou mais de dois mil anos de crime e indulgência de paixões básicas para trazer doença física sobre a raça humana a grande extensão. Se Adão na sua criação, não fosse dotado com vinte vezes mais que a força vital que o homem agora tem, a raça, com os seus presentes hábitos de vida em violação para com a lei natural, ter-se-ia extinto.” *Testemunhos para a Igreja* 3:138, 139.

Na eternidade, ávidos estudantes possuirão pelo menos vinte vezes a energia vital possuída hoje e estarão sob a directa tutela de Cristo. Seria impossível conceber a enorme quantidade de luz acumulada por eles no primeiro milhão de anos, por exemplo, da sua jornada celestial. Isso por sua vez, será apenas o início do que será aprendido à medida que sucessivos milhões de anos passam devotados à contínua contemplação do carácter de amor de Deus. Em comparação com isso, que minúsculo fragmento de conhecimento está contido neste livro. No seu melhor está apenas a nível do berço. É nada mais do que um início, não obstante, muito necessário e vital.

É importante que isto seja compreendido pelo que procura sequiosamente por Deus, pois assim será encorajado a prosseguir, alcançando sempre as mais ricas revelações de Deus que ainda estão por revelar. Será encorajado a aprofundar a contemplação da vida de Jesus Cristo, a completa e perfeita revelação do Ser Infinito. Todo o contacto com a vibrante vitalidade espiritual dessa vida, com sua maravilhosa consistência, ternura, poder salvador e um milhar de outras abençoadas qualidades, motivará ainda mais a sede de saber e experimentar o seu poder elevador. As coisas deste mundo diminuirão em interesse e valor até que não hajam deixado qualquer influência de atracção.

O benefício a ser obtido não se limita à aquisição de informação. Por mais importante e básico que seja, é apenas a porta de entrada para o desenvolvimento de um carácter como nenhum outro factor pode produzir. Não há possibilidade de entrar em contacto com Deus sem uma mudança radical da natureza. Consciente e inconscientemente, os padrões de comportamento, as atitudes, o espírito, a motivação, o trabalho e todos os aspectos da vida serão purificados, enobrecidos, santificados, vitalizados, prolongados e enriquecidos. Contribuições de serviço amoroso e abnegado, serão produzidas que iniciarão torrentes de bênçãos, cuja influência radiante penetrará além dos confins desta vida na eternidade além. Nem os homens nem os anjos podem alcançar uma realização mais elevada do que conhecer a Deus.

“Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas;

“Mas o que se gloriar glorie-se nisto: em me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor.” *Jeremias* 9:23, 24.

Nabucodonosor governou o mundo e glorificou-o pelo poder pelo qual ele o construiu. Outros homens têm sido inacreditavelmente ricos, possuindo tesouros, terras e dinheiro para além de computação. Isto é a sua glória e honra, mas todo o poder em que um homem pode encontrar a sua vangloriada satisfação, toda a riqueza, enchendo-o com cintilante orgulho que este mundo *pudesse* dar, nunca se poderá comparar às riquezas contidas no conhecimento de Deus. Procurai este tesouro, cavai bem fundo, fervorosamente, incansavelmente, até que os filões de ouro se abram totalmente e as grandes riquezas no Universo se tornem a vossa riqueza. Aqui está o verdadeiro valor, que, se possuído, trará todos os outros tesouros atrás. Aqueles que o têm são ricos; os restantes são miseráveis. Este é um tesouro de valor incalculável para todos.

Porém, enquanto por um lado, a procura do carácter de Deus é urgente, por outro deve soar um aviso contra certos perigos inerentes a essa questão. Há vários caminhos diferentes pelos quais o estudo das Escrituras pode ser seguido, *mas apenas um deles é correcto*. A menos que este método seja compreendido e cuidadosamente aceite, então quanto mais tempo é passado com a Palavra de Deus, mais o estudante estará longe da verdade real. Portanto, seria melhor não a estudar de todo, do que ser conduzido por linhas erradas de interpretação.

O propósito deste livro é colocar o que aprende no caminho certo; para esclarecer as trágicas falsas representações de Deus que Satanás introduziu fraudulentamente na família humana para seu sofrimento; para abrir a ilustração de Deus como Ele realmente é e assim introduzir as bênçãos que estão aguardando aqueles que cavam fundo nas minas da verdade.

É salientado claramente que isto é apenas uma introdução ao assunto. Nem tudo o que podia ter sido dito foi escrito. Durante a sua produção, a tentação para escrever mais teve que ser continuamente resistida, senão o livro tornar-se-ia *desproporcionadamente* grande. Podiam ser escritos volumes sobre o assunto da cruz como revelação do carácter do nosso Pai celestial. Ainda mais podia e devia ser escrito acerca da vida e ensinamentos de Cristo, demonstrando a perfeição de cada palavra e acto como manifestação do Ser Onnipotente. À medida que o tempo passa, sem dúvida outros volumes se seguirão a este, falando destes temas preciosos.

Não foi feita tentativa para examinar cada incidente na Bíblia onde Deus foi envolvido de uma forma ou de outra. Não há necessidade de o fazer. Uma vez que sejam aplicados os princípios divinos aos casos *típicos*, todos aqueles que os tenham compreendido não terão dificuldade em resolver muitos problemas. Haverá sempre um ou dois que desafiam a solução pela *simples razão que Deus nunca removerá a oportunidade para duvidar*, pois fazê-lo tiraria o direito de escolha. Ele deseja que a nossa educação espiritual chegue ao lugar em que aprendemos a confiar n'Ele no desconhecido com base naquilo que temos aprendido do que se conhece.

Aprende a esperar que essas aparentes contradições se manifestem a si mesmas à medida que o estudo progride. A solução de um problema *manifesta* outro. Este é um desenvolvimento normal. Alguns afirmam que nunca encontraram uma contradição na Bíblia, mas isto apenas revela que eles nunca a estudaram realmente. Ninguém que tenha cavado profundamente, deixou de ser confrontado com o que *aparenta* ser problema insolúvel. Mas, se compreende que isto é normal, em vez de anormal, e, se a fé sustentou a sua procura, ele repousará no conforto de saber que não há contradições reais na Palavra de Deus, mas apenas maravilhosas harmonias, mesmo se não são vistas como tal no momento.

Treina a mente a não pensar sobre como se Ele fosse um homem. Manifestamente evidente em cada falso conceito acerca do carácter de Deus, está a disposição para ver Deus a operar com o mesmo procedimento do homem. Não há maior tropeço do que este no caminho para um correcto entendimento sobre Deus. Deve primeiramente ser reconhecido como tal, depois do que será preciso

prolongado esforço em reeducar o pensamento a reconhecer automaticamente que Deus trabalha segundo linhas que são opostas ao caminho das obras do homem.

Como um dom para todas as criaturas, não há nada que Deus deseje mais senão que elas tenham o conhecimento do Seu carácter de justiça.

Quando é dada consideração à magnitude da tarefa de compreender o Infinito, talvez a alma fique possuída de desencorajamento. Mas, tende a certeza de que não há nada que Deus esteja mais ansioso por dar do que este conhecimento, não apenas como uma provisão de preciosa informação, mas, mais importante ainda, como uma experiência pessoal. Ele deseja que o mesmo carácter que está n'Ele esteja também em cada uma das Suas criaturas, porque, só depois é possível entrar na abençoada comunhão que faz o Céu ser Céu.

Portanto, a bendita segurança deve acompanhar o viajante espiritual a cada momento, para que todos os recursos do Céu sejam devotados à revelação destas coisas à mente sedenta. Com ternura compassiva, Deus desce para desvendar esses mistérios aos nossos entorpecidos sentidos humanos e se entristece quando aprendemos tão pouco e tão lentamente. Diante daqueles que seguem em frente com imbatível determinação, existem possibilidades que estão além do alcance da nossa imaginação e aspirações. Mais e mais alto, o Senhor elevará pessoalmente a mente até que esta seja dominada pela revelação das coisas divinas. Cada vez mais profundo será o amor implantado no coração, mais e mais intenso o espírito de serviço abnegado e mais exaltada e profunda a resposta de louvor e alegria. As coisas terrenas aparecerão na sua verdadeira luz, com *perda de brilho e atracção*. O pecado não mais se disfarçará de vestes de luz, mas será exposto como aquilo que é – hediondo, enganador e indesejada preversão de todas as coisas boas e verdadeiras. Não haverá mais glória no poder e riquezas, mas na posse do conhecimento de Deus, o maior poder e riqueza de todos.

Quando Deus tiver um povo nesta Terra equipado com isto, então Ele terá os instrumentos pelos quais moverá o mundo. É por esta razão que o alto clamor sob o poder da chuva serôdia não pode vir até que essas qualificações sejam possuídas por uma igreja viva. Deus deseja dispensar a essa igreja os melhores dons que o Céu pode conceder, para que os seus membros, por sua vez, possam prestar o melhor serviço salvador possível aos milhões de pessoas da população da Terra desesperadamente necessitadas e que perecem.

Tudo o que o povo de Deus há muito professa mais desejar é o derramamento da chuva serôdia, por meio da qual a obra possa ser concluída e o caminho preparado para *o regresso de Cristo*. Para esses, então, vem o desafio da verdade de que isso nunca possa ser realizado até o conhecimento do carácter de Deus os encher primeiro e, posteriormente, iluminar toda a Terra com a sua glória. É o fracasso da igreja de Deus em conhecer pela escrita e pela experiência a verdade sobre o Seu carácter que está a retardar o término da obra de Deus na Terra hoje. Enquanto os Seus filhos desfrutam dos confortos desta vida, fazendo pouco esforço real para penetrar os mistérios do amor infinito que foram revelados e eles devem compreender, o pecado continua a pisar os oprimidos nas suas missões de morte e destruição.

Homens de Deus, é hora de se elevarem à completa estatura do plano de Deus, para estar à altura das exigentes demandas desta importante hora. Deus oferece o equipamento. Cabe a cada um aceitá-lo e usá-lo. Por seis mil anos, o nosso amoroso Pai Celestial tem implorado fervorosamente ao Seu povo que aprenda d'Ele, para que possa embarcar na missão que lhes foi designada e a Terra seja libertada da sua opressão.

A questão perante esta geração é se eles irão responder percorrendo todo o caminho, ou irão eles, tendo tido um bom princípio, *cair em breve* como têm feito todos os outros movimentos que começaram antes.

É uma questão a ser enfrentada e respondida por cada um.

Se este volume não conseguir nada mais do que alertar pessoas suficientes para a compreensão destas questões e movê-las para uma consagração profunda e total de todas as faculdades e poderes ao estudo dedicado e experiência do carácter de Deus, então escrevê-lo terá valido a pena.

Outros estudos do mesmo autor

- A Grande Multidão
- A Igreja de Deus Não É Babilónia
- A Mente de Cristo
- A Revelação da Lei
- A Salvação das Crianças
- A Vida em Justiça
- A Vida em Justiça e o Sábado de Deus
- A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?
- A Vitória da Fé
- Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!
- As Profecias de Daniel
- Confissão Aceitável
- Da Escravidão para a Liberdade
- Destino de um Movimento
- Enfrentando o Julgamento
- Estudos Sobre Daniel e Apocalipse
- Eu Penso como Homem
- Justificado pela Fé
- Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus
- Melquisedeque
- O Caminho de Deus no Santuário
- O Repouso do Sábado de Deus
- O Seu Número é 666
- Orai Pela Chuva Serôdia
- Os 144 000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?
- Os 4 Anjos
- Os Acontecimentos dos Últimos Dias
- Os Sete Anjos
- Os Três Templos
- Os Vivos e os Mortos
- Outro Olhar Sobre Atos 3:19
- Renascimento e Reforma
- A Nossa Própria Imagem da Besta
- As Duas Babilónias e o Povo Santo
- Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais
- Ordem Evangélica

www.jfernandesblog.wordpress.com